

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

**As faces da razão:
instrução e mimese nas *Astronômicas* de Manílio**

MARCELO VIEIRA FERNANDES

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas

**As faces da razão:
instrução e mimese nas *Astronômicas* de Manílio**

MARCELO VIEIRA FERNANDES
(mvfernandes@usp.br)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Letras Clássicas.

Orientador:
Prof.^a Dr.^a Zélia de Almeida Cardoso

São Paulo
2012

Para meus pais
e minhas irmãs.

Agradecimentos

Ao Conselho do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (2007-2009) da FFLCH-USP, e a seu Chefe, Prof. Dr. João Roberto Gomes de Faria, pelo afastamento que me foi concedido para o exercício de pesquisa no Exterior,

ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP, e a sua Coordenadora (2007-2009), Prof.^a Dr.^a Adriane da Silva Duarte,

à Área de Língua e Literatura Latina da FFLCH-USP,

ao “Coimbra Group Scholarship Programme for Young Professors and Researchers from Latin American Universities”, e à Universidade de Genebra, pela “bourse d’excellence” que me concedeu para o semestre de primavera em 2009,

à Fondation Hardt, de Vandoeuvres, à Fondation Hans Wilsdorf, de Genebra, à Fondation Saint-Charles, de Vaduz, e à Georges und Selma Weinberg-Stiftung, de Zurique, pela bolsa que me concederam por meio do “Programme de Bourses de Recherche pour Jeunes Chercheurs à la Fondation Hardt”, para todo o mês de junho de 2009, em Vandoeuvres, Suíça,

à CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa que me concedeu por meio de seu “Programa de Doutorado no País com Estágio no Exterior” (PDEE), para o período de 2009-2010 na Universidade de Paris IV – Sorbonne,

a Zélia de Almeida Cardoso (FFLCH-USP), minha Orientadora, pela orientação, pela confiança, pela paciência, pelo cuidado que sempre teve para comigo e meu trabalho,

a Carlos Lévy (Paris IV – Sorbonne), meu Orientador no período de estágio no Exterior, pela orientação, pela generosidade e empenho em me facilitar o acesso às melhores bibliotecas francesas, mas também pela amizade e os conselhos preciosos que me deu em momentos difíceis,

a José Eduardo dos Santos Lohner (FFLCH-USP), pela leitura atenta de meu trabalho em meu exame de Qualificação, por seus comentários e sugestões,

a Marcos Martinho dos Santos (FFLCH-USP), igualmente pela leitura cuidadosa de meu texto na ocasião do mesmo exame, por sua generosa disponibilidade para o debate, por seus conselhos e lições,

a Hélène Casanova-Robin (Paris IV – Sorbonne), pela amizade e generosidade sem tamanho, pela sensibilidade dos conselhos, e pelo enorme privilégio de sua companhia na vida cotidiana em Paris,

a Katharina Volk (Universidade Columbia), pela grande generosidade, pelo diálogo sempre possível, pela orientação precisa que me deu em vários momentos,

a Damien Nelis (Universidade de Genebra), pela boa vontade e simpatia com que me recebeu em seus cursos e seminários, e pela qualidade de suas lições sempre estimulantes,

a Jean-Paul Descoedres (Universidade de Genebra), pela extrema gentileza de sua pessoa quando de minha chegada a Genebra,

a Luciano Landolfi (Universidade de Palermo), pelas sugestões e orientações preciosas que me deu quando nos encontramos na Fondation Hardt,

a Jacqueline Fabre-Serris (Universidade de Lille III), pelas várias conversas que pudemos ter em São Paulo sobre poesia, e por sua disponibilidade para o diálogo,

a Peter Toohey (Universidade de Calgary), pelo cuidado e simpatia que demonstrou em responder a todas as perguntas que lhe fiz nos inícios de minha pesquisa,
a meus mestres dos tempos de graduação, especialmente a Ariovaldo Augusto Peterlini, Maria da Glória Novak, Marcos Martinho dos Santos e José Eduardo dos Santos Lohner,
a Ingeborg Braren (*in memoriam*), pelo carinho e amizade, e pelas lições de latim e de vida que me deu,
e a todos os amigos, especialmente:
a Claudine e Christophe Delcambre, pelo carinho, pelo vinho, pelo *jardin* em volta da casinha, pelo Lac Léman, pelo encanto de Collonge-Bellerive,
a Guy e Ghislaine Valdenaire, a Yves e Rachel, pelo cuidado, pelas flores, pelas tardes em Rambouillet,
a Alessandra Carbonero e Gilda Naécia, pelo grande carinho que têm para comigo, pelo cuidado, pela companhia,
a Adriana Noçais, D. Eunice, Joya e Tomislav, pelo cuidado, pelo acolhimento,
a Helena, que me liga quando eu esqueço,
a Marly B. Matos, pelo carinho e companheirismo,
a Adriano Scatolin, comparsa, companheiro de Hofbräuhaus e outras aventuras,
a Alexandre Agnolon, Juliane Yamashiro e nosso amigo Alfredo Roca,
a Ricardo C. Lima, amigo de longas histórias,
a Pablo Schwartz, Paulo Martins, João Angelo, Elaine Sartorelli, Alexandre Hasegawa e Mary Lafer, amigos de muitos momentos e de toda hora,
a Adriano Aprigliano, outro comparsa, cujos conselhos, de ciência e de vida, me ajudaram a ir até o fim deste trabalho,
a Francisco Edi, que mesmo longe está sempre perto de verdade,
a Daniela V. Loro, a Dani, minha alquimista querida, que me ensinou a atravessar abismos com barcos de papel,
a ‘Zuz’ Olivier ‘Zuzman’, pela felicidade simples,
a João Eduardo, meu grande amigo, pela sensibilidade dos conselhos que me dá e pelo que me ensina sempre,
a Renata P. Araújo, pela vida, pelo amor, pelo aprendizado, em São Paulo, Genebra, Paris, Atenas ou Rodes,
a minha irmã Mara, por seu carinho e preocupação,
a Fabiana P. Araújo, pelo carinho, pela amizade, pelas aventuras em Portland,
a Álvaro de Araújo, e a Dirce, pela amizade e pelo carinho,
a Lair I. Lara (*in memoriam*), pelas lições que me deu sobre o que é importante na vida, e a Regina H. P. Araújo, presente que é em minha vida e na vida daqueles que tem o privilégio de conhecê-la.

Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para a liberdade se fazer. Sou um homem ignorante. Mas, me diga o senhor: a vida não é cousa terrível? Lengalenga. Fomos, fomos.

(João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

Resumo

O objetivo deste trabalho é examinar como se relacionam a elocução poética e a demonstração técnica nas *Astronômicas* de Manílio. Considerando o poema como um *opus* composto na difícil confluência de dois discursos, o técnico das doutrinas astrológicas helenísticas e o poético do gênero didático de poesia, investigo aquela relação em três perspectivas diferentes: a da *persona doctoris*, em que estudo os tipos de limites impostos à confecção poética do enunciado “verdadeiro” do vate; a da *doctrina*, em que exponho, analiso e interpreto numerosos casos de variação da expressão poética aplicada à exposição didática da matéria astrológica “verdadeira” dos números, nomes e *rationes*; e a da *persona discipuli*, em que considero o problema da intelecção da matéria técnica e o interpreto num contexto poético mais amplo. Pretendo demonstrar, assim, como o poema de Manílio realiza uma representação essencialmente *poética* e não exclusivamente *técnica* da *ars* astrológica, bem como apontar, a partir daí, alguns sentidos em que a poesia *amimética* das *Astronômicas* se poderia dizer também *mimética*.

Palavras-chave: Manílio, *Astronômicas*; discurso técnico; discurso poético; astrologia antiga; mimese.

Abstract

This dissertation intends to examine the relationship between poetic elocution and technical demonstration in Manilius' *Astronomica*. By considering the poem as an *opus* delicately interwoven in between two discourse genres, the technical discourse of Hellenistic astrology and the poetic one of didactic poetry, I investigate the abovementioned relationship under three points of view: that of the *persona doctoris*, under which I study the kinds of limitations imposed on the composition of the poet's (*vates*) 'true' utterance; that of the *doctrina*, under which I present, analyze and interpret numerous cases of variation in poetic expression applied to the didactic exposition of the 'true' astrological matter of numbers, names and *rationes*; and that of the *persona discipuli*, under which I consider the problem of the understanding of technical matter and interpret it in a broader poetic context. Thus I intend to demonstrate how Manilius' poem puts together an essentially poetic — and not exclusively technical — representation of the astrological *ars*, and, consequently, point out some meanings in which the *non-mimetic* poetry of Manilius could be said to be *mimetic*.

Keywords: Manilius' *Astronomica*; poetic discourse; technical discourse; ancient astrology; mimesis.

Sumário

Lista de figuras e tabelas.....	10
Nota prévia.....	11
Introdução.....	12
1. <i>Verae uoces</i>	16
1.1. A cadeia do saber: a fonte da verdade.....	21
1.2. O poeta e o vate: o meio da poesia.....	33
1.3. Entre <i> fingere</i> e <i> monstrare</i>	44
1.4. <i>Nihil nisi fabula</i>	60
2. <i>Signare canenda</i>	77
2.1. A não pequena graça.....	98
2.2. <i>Canere signanda</i>	110
2.2.1. <i>Nomina</i>	111
2.2.1.1. Casos de “tradução-transliteração”.....	116
2.2.1.2. Casos de tradução.....	117
2.2.1.3. Caso duplo de “tradução-transliteração” e tradução perifrástica.....	118
2.2.2. <i>Numeri</i>	119
2.2.3. <i>Rationes</i>	140
2.2.3.1. Explicação geral: a hierarquia entre as <i>rationes</i>	143
2.2.3.2. Operação (b): <i>Fortunae quaerere sedem</i> (3.175).....	149
2.2.3.3. Operação (c): <i>nati / exprimere [...] horoscopon</i> (3.204-5).....	164
2.2.3.3.1. O controle sobre a variável do tempo.....	169
2.2.3.3.2. O controle sobre a variável do espaço.....	182
2.2.3.3.3. De volta ao tempo.....	196
2.2.3.3.4. <i>Illa etiam (...) uia</i> (3.483).....	206
2.3. As faces da razão.....	217
3. <i>Tenuis labor</i>	219
3.1. <i>Nisi fata darent...</i> (4.23): o espetáculo da fortuna.....	226
3.2. Lição compendiosa.....	239
3.2.1. <i>Magna in breuibus (...) compendia dictis</i> (3.277).....	251
3.2.1.1. Uma tabela versificada: 1ª parte: 3.278-85; conclusão: 286-8a.....	254
3.2.1.2. 2ª parte: 3.288b-93; conclusão: 294.....	258
3.3. O tênue labor da razão.....	261
3.3.1. <i>Ratio omnia uincit</i> (4.932).....	265
Conclusão.....	292
Referências bibliográficas.....	296

Lista de figuras e tabelas

- Fig. 1: Decanias, 90
- Fig. 2: Distância da Terra à esfera zodiacal, 93
- Fig. 3: Anos de vida concedidos pelos templos celestes, 138
- Fig. 4: Círculos do Zodíaco, do Dodecatropo e dos doze *athla*, 144
- Fig. 5: Descrição dos doze *athla*, 147
- Fig. 6: O Lote da Fortuna e os sentidos da contagem e aplicação: caso 1, 150
- Fig. 7: O Lote da Fortuna e os sentidos da contagem e aplicação: caso 2, 154
- Fig. 8: Lote da Fortuna: natividades diurnas, 160
- Fig. 9: Lote da Fortuna: natividades noturnas, 161
- Fig. 10: *Ratio uulgata*, 168
- Fig. 11: Progressão das durações do dia e da noite, 199
- Fig. 12: Método "vulgar" *versus* "outro" método, 212
- Fig. 13: *Ratio uulgata* aplicada a natividade noturna, 213
- Tab. 1: Anos de vida concedidos pelos signos, 135
- Tab. 2: Tempos de ascensão e descensão dos signos (Mart. Cap. § 844-5), 173
- Tab. 3: Tempos de ascensão dos signos (Vett. Val. 23.16-24.21), 174
- Tab. 4: Tempos de ascensão dos signos (Man. 3.275-94), 176
- Tab. 5: Tempos de ascensão dos signos (Paul. Al. 10.17-11.3), 175
- Tab. 6: Tempos de ascensão dos signos (Ptol. *Alm.* 2.8), 181
- Tab. 7: Distribuição dos tempos de ascensão em horas e estádios (Man. 3.275-94), 181
- Tab. 8: Progressão dos tempos de ascensão (Vett. Val. 24.5-13), 188
- Tab. 9: Progressão dos tempos de ascensão em horas (Man. 3.275-94, 395-417a), 194
- Tab. 10: Progressão dos tempos de ascensão em estádios (Man. 3.275-94, 417a-38), 195
- Tab. 11: Progressão de acréscimos na duração do dia de Capricórnio a Gêmeos, 198
- Tab. 12: Progressão de acréscimos na duração do dia de Capricórnio a Aquário, 203
- Tab. 13: Progressão cumulativa de acréscimos na duração do dia de Capricórnio a Aquário, 203
- Tab. 14: Progressão de acréscimos na duração do dia de Capricórnio a Gêmeos: "avanço a partir da sexta parte", 205
- Tab. 15: As *δεκαμοιριαί* de Ptolomeu (*Alm.* 2.7-8) *versus* a tabela de ascensões de Manílio (3.275-94, 385-442), 216
- Tab. 16: Progressão nos tempos de ascensão (Man. 3.278-85), 258
- Tab. 17: Progressão nos tempos de ascensão (Man. 3.288b-93), 260

Nota prévia

Nesta tese, a redação segue as bases do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa firmado em 16 de dezembro de 1990, em vigor a partir de janeiro de 2009.

As traduções de textos gregos e latinos são de minha responsabilidade, e todos os desenhos ilustrativos são de minha autoria.

Introdução

Nam cum suspicimus magni caelestia mundi
 templa super stellisque micantibus aethera fixum,
 et uenit in mentem solis lunaeque uiarum,
 tunc aliis oppressa malis in pectora cura
 illa quoque expergefactum caput erigere inquit,
 ne quae forte deum nobis immensa potestas
 sit, uario motu quae candida sidera uerset;
 temptat enim dubiam mentem rationis egestas,
 ecquae nam fuerit mundi genitalis origo,
 et simul ecquae sit finis, quoad moenia mundi
 et taciti motus hunc possint ferre laborem,
 an diuinitus aeterna donata salute
 perpetuo possint aevi labentia tractu
 immensi ualidas aevi contemnere uiris. (Lucr. 5.1204-17)

De fato, quando olhamos acima para os templos celestes do imenso universo e para o éter fixo no alto com as estrelas cintilantes, quando nos vem à mente pensar nos caminhos do Sol e da Lua, então no peito, já por outros males oprimido, desperta e começa a erguer a cabeça aquela inquietação: se acaso algum poder divino para nós imenso existe que as estrelas brilhantes volve em variado movimento; o fato é que a carência de razão tenta a mente incerta, que pergunta se houve do universo alguma origem e, ao mesmo tempo, se ele tem um fim; e até que ponto as muralhas do mundo podem suportar a fadiga de seu silencioso movimento, se elas, divinamente dotadas de eterna segurança, podem, seguindo pelo curso infindo do tempo, para sempre desprezar as vigorosas forças do tempo.

A um coração já “por outros males oprimido” (Lucr. 5.1207) podem o céu e seus fenômenos suscitar a dúvida sobre o mistério maior da existência. O caos terreno pode lhe instilar o sentimento da admiração pela beleza e ordenação cósmica, que o persuadirá talvez da natureza *divina* das coisas; o humano exercício da *razão*, por outro lado, poderá fazê-lo concluir pela simples e elementar natureza... das coisas. Decerto haverá sempre outras e diferentes formas de reagir à inevitável ambiência do firmamento: do simples silêncio ou estupefação diante de seu aparente mistério, na ignorância das razões prováveis de seus fenômenos, à tentativa de perquirir seu âmago e lhe compreender o desenho aparentemente lógico e pleno de significados.

Mas o próprio céu, objeto de pontos de vista assim tão diferentes, parece continuar sempre o mesmo, ao menos para o alcance da percepção humana mais singela e ao menos dentro da diminuta história do homem, sobretudo antes dos grandes avanços da ciência experimental do século XVI, que afinaram os contornos desse “mesmo” objeto; em tempos mais antigos, de observação não instrumentalizada, a imensa redoma estre-

lada oferecia aparentemente a mesma imagem sempre à observação e à curiosidade de geração após geração de diferentes estudiosos da natureza... e de diferentes poetas.

Este é um trabalho sobre poetas.

O poeta cuja obra é objeto particular deste trabalho é Manílio (*fl.* I d.C.).

Ora, é justamente de Manílio que tomo a imagem de um cosmo imutável ao longo dos séculos. Para ele, o *mundus* acima de nossas cabeças “será sempre o mesmo porque sempre foi o mesmo” (Man. 1.521: *idem semper erit quoniam semper fuit idem*), pois “é o deus, que não muda no tempo” (1.523: *deus est, qui non mutatur in aeuo*), sendo as Ursas que vemos hoje no céu e o gigante Oríon precisamente os mesmos que outrora testemunharam a ida dos gregos a Troia (1.501-5).

Mas a natureza *divina* que esse poeta vê na imutabilidade do céu não impede que sua visão do cosmo se acredite também *racional* (1.96-8, 247-54) — de uma racionalidade, então, a um só tempo humana e divina —, e isso em virtude de sua convicção filosófica fundamentalmente estoica, no que bastante se distingue do poeta dos átomos, a quem muitas vezes imita.

Ocorre que, para o poeta das *Astronômicas*, a maior realização dessa *razão* divina e humana — cuja “vitória” na história do progresso da civilização (1.25-112) ele exalça de modo particular (cf. 4.932: *ratio omnia uincit*) — não é outra coisa senão a conquista justamente do espaço imutável do *mundus* (1.96-8, 4.884), vale dizer, o entendimento da ordenação cósmica e, a partir da correlação desta com as variâncias testemunhadas no mundo terreno, o conhecimento do destino (1.63-5, 111-12), obtido pela prática da divina (1.1) e estrangeira (1.6) “ciência dos astros”. A astrologia como um produto da cultura helenística já fazia seu caminho por entre a elite romana culta antes mesmo de Manílio, tendo sido objeto de interesse e estudo de polímatas da estatura de Nigídio Fígulo (I a.C.) e Marco Terêncio Varrão (I a.C.), e de crítica e debate intelectual, no caso especialmente do *De diuinatione* de Cícero. Mas se a tradição em que as doutrinas técnicas da astrologia chegavam aos romanos do último século da República era basicamente *prosaica*, o feito particular de Manílio, do qual especialmente se envaidece (1.3-6, 113-14), é tê-las “oferecido” (1.6) aos romanos em poesia.

É bem aí que meu trabalho toma sua direção.

Ao menos para o mestre que Manílio coloca a falar em seu poema, é o próprio *mundus* que “estrepita” ao redor do vate (1.23: *uatem circustrepit*), e é do próprio céu que seu canto “desce” (1.118). Mas é também em resposta ao favor e aos imperativos do *mundus* que o próprio poeta se compraz em compor seu *opus* (1.11-19).

Assim complexa é que Manílio constrói a “reação” de sua *persona* poética à presença envolvente do imutável cosmo, o qual, como disse, é para o poeta o espaço onde a razão divina do homem há de estudar e aprender a “ciência do destino”. Ora, não é sem problemas a confluência no mesmo texto de um discurso comprometido em “mostrar” e “ensinar” as doutrinas de tal “ciência”, sobretudo aquelas mais técnicas, com um discurso interessado em tomar estas mesmas doutrinas como objeto de poesia ornamentada.

É desses problemas, de modo geral, que meu trabalho se ocupa. (De tudo aquilo, porém, de que não se ocupa diretamente — como, por exemplo, da informação sobre o poeta e seu nome, dos complicados problemas na datação do poema, da história da transmissão de seu texto, ou mesmo do estudo particular do gênero poético das *Astronômicas* —, disso tudo dou as principais referências e notícias bibliográficas no espaço das notas de rodapé, conforme cada caso, de modo a assim orientar a pesquisa de quem busque tais informações.)

Assim, no primeiro Capítulo, examino como se dá a relação entre a “verdade” da matéria celeste, que o vate se vê incumbido de “transmitir” ao discípulo, e a consciência que este mesmo vate manifesta dos limites poéticos e éticos que devem ser observados na confecção do enunciado com que assim “transmite” aquela “verdade”; num âmbito ainda teórico, meu propósito é examinar os principais problemas associados à observância de tais limites no tratamento do que chamo de objetos “simples” e “complexos” da matéria astrológica.

Dos problemas assim examinados relativamente ao poeta e sua *persona doctoris*, passo, no segundo Capítulo, ao exame dos mesmos problemas agora relativamente à própria *doctrina*, isto é, à confecção poética da instrução astrológica; então, observados alguns pontos importantes acerca do problema da *gratia* no caso de Manílio, passo ao âmbito mais estrito do que aí chamo de “face” técnica das *Astronômicas* e examino com maior detalhe o problema da elocução poética aplicada, conforme aqueles limites, aos objetos “simples” dos números e nomes técnicos, e ao objeto “complexo” das *rationes*, que são os diferentes procedimentos de cálculo empregados pela astrologia conhecida de Manílio; meu objetivo, basicamente, é examinar e interpretar as principais implicações da confecção poética dos enunciados das lições para sua “correção” técnica e para sua coerência no contexto geral das doutrinas que o poeta versifica.

No terceiro Capítulo, por fim, volto-me para a perspectiva da *persona discipuli* e, considerando o problema da “clareza” na prática do gênero didático, procuro interpretar o significado da elocução poética breve de Manílio, tomando-a em correlação com

um motivo ao mesmo tempo filosófico, técnico e poético que julgo recorrente no poema, e examino, a partir daí, como é justamente a dificuldade da instrução astrológica, resultante não raro daquele tipo de elocução, que serve ao poeta em sua reelaboração de um tema importante na tradição de seu gênero de poesia.

O objetivo de meu trabalho é demonstrar como o poema de Manílio realiza uma representação essencialmente *poética* e não exclusivamente *técnica* da *ars* astrológica, bem como apontar, a partir daí, alguns sentidos em que a poesia *amimética* das *Astro-nômicas* se poderia dizer também *mimética*.

Como representação essencialmente poética de uma arte, o poema de Manílio não serviria, ao menos em princípio, como autêntico “manual” para o aprendizado da disciplina. Noutras palavras, seu poema não serviria, ao menos não de todo, para aquilo mesmo que “promete”.

Mas é justamente a natureza poética de sua instrução, como procurarei demonstrar, que relativiza o grau de “verdade” de sua eficiência, obrigando os leitores dos “eficientes” tratados astrológicos em prosa — leitores de qualquer século — a acionar outro modo de leitura quando se põem diante da “obra da razão celeste” (1.3) de Manílio, ainda que sob o mesmo céu.

1

Verae uoces

Θεωρῶν δ' οὖν <έν> τοῖς πλείστοις καὶ χρησιμωτάτοις διαφωνοῦντα τὸν Ἄρατον πρὸς τὰ φαινόμενά τε καὶ γινόμενα κατὰ ἀλήθειαν, (...) ἔκρινα τῆς σῆς ἔνεκα φιλομαθίας καὶ τῆς κοινῆς τῶν ἄλλων ὠφελείας ἀναγράψαι τὰ δοκοῦντά μοι διημαρτῆσθαι.

(Hipparch. 1.1.5)

Observando, pois, que, na maioria dos casos e nos mais importantes, Arato está em desacordo com os fenômenos e com o que sucede na verdade, (...) decidi, por tua curiosidade e pelo proveito comum dos demais, registrar os casos que me parecem estar errados.

As musas de Hesíodo — assim cantava o poeta — sabiam “proferir verdades” (ἀληθέα γηρύσασθαι, Hes. *Th.* 28), mas eram também capazes de “muitas mentiras dizer semelhantes a verdades” (ψεύδεα πολλὰ λέγειν ἐτύμοισιν ὁμοῖα, 27). Para o poeta cantor da *Teogonia*, a “verdade” era a supremacia de Zeus na hierarquia divina. Seu outro poema, os *Trabalhos e Dias*, dirigia um conjunto de “verdades” (ἐτήτυμα, *Op.* 10) a seu irmão Perses, com o fim de exortá-lo ao trabalho. Ainda assim, segundo o julgamento de Sócrates, Hesíodo, assim como Homero, contara algumas “mentiras” a respeito dos deuses (cf. Pl. *R.* 376e-377e; especialmente: 377e-378e),¹ figurando-os demasiadamente humanos se comparados à divindade ideal que na *República* de Platão era a “verdade” para ser idealmente contada aos educandos, conforme os “critérios do concernente ao divino” (οἱ τύποι περὶ θεολογίας, 379a.5-6).

Ter sido Hesíodo objeto da crítica socrático-platônica é apenas um dentre outros exemplos em que a expressão *poética* de “verdades” se mostra vulnerável à crítica de quem quer que se dedique à investigação *filosófica* ou *científica* destas. E se digo “verdades” assim, entre aspas, é porque não pretendo senão mencionar o termo, sem aderir às convicções quer de Hesíodo, quer de Sócrates ou Platão acerca do que seja, em cada

¹ “A maior mentira” (cf. 377e.6-7: τὸ μέγιστον (...) ψεῦδος) que Hesíodo “mentiu de modo não nobre” (cf. 377e.7: οὐ καλῶς ἐψεύσατο), segundo Sócrates, foi acerca dos maiores deuses (cf. 377e.6-7: περὶ τῶν μεγίστων), Urano, Crono e Zeus, ao contar como em cada caso o filho destronou o pai (cf. Hes. *Th.* 154-81, 453-506).

caso particular, a verdade. Trata-se, mais simplesmente, de apontar, acima, para a diferença mesma que existe entre algo entendido como “verdade” e algo entendido como “mentira”, ou “erro”, ora no contexto poético, como no caso das musas de Hesíodo, acima referido, ora no contexto filosófico, como no caso do diálogo platônico.² É sabido que em Platão os critérios segundo os quais Homero ou Hesíodo são ou não recomendáveis à educação dos jovens dizem respeito à conformidade dos poemas daqueles às ideias “verdadeiras” a respeito dos deuses:³ que estes “são essencialmente bons” (cf. 379b) e “causa unicamente de bens, não de males” (cf. 379c-d). Obviamente, a diferença entre “verdade” e “mentira” no contexto platônico não é tão simples, sobretudo em relação à terminologia.⁴

Mas nem Hesíodo nem Platão constituem objeto particular de minha pesquisa. Se por eles comecei foi para atentar para o critério de distinção entre “verdade” e “mentira”, e, a partir daí, para o tipo de “verdade” em questão. Pois, nesse caso, o critério é de natureza, digamos, *ética*, já que diz respeito ao comportamento dos deuses tal como ele é mimetizado pelos poetas. Mas nem toda “verdade”, concernente quer a deuses quer a homens, é de natureza apenas ética, e já é Platão mesmo a fazer a diferença, quando põe Sócrates a questionar seu interlocutor sobre a autoridade e a capacidade real do poeta quando este trata de objetos particulares de outras artes (cf. Pl. R. 597b-598d; 599a-600a; 600c-601b; 602a-b; *Ion* 532a; 536e-532a; 537b-c; 538b-541c; particularmente sobre a aritmética: 531c-e). Logo, “verdades” existem que são da competência específica de certos *artífices*, e estes, em consequência, parecem ser os críticos mais capacitados — mais do que a “multidão” (cf. R. 602b.3: τοῖς πολλοῖς) — a julgar da “verdade” ou não da *representação* que os poetas fazem de tais artes em seus poemas.⁵ A tais “verdades” poderíamos chamar de *técnicas*.

² Cf. Pl. R. 376e.11: Λόγων δὲ διπλὸν εἶδος, τὸ μὲν ἀληθές, ψεῦδος δ' ἕτερον, “dos relatos (λόγων) duplo é o gênero: um é o verdadeiro, outro o mentiroso”.

³ “Moldes” ou “critérios” (cf. 379a.5: τύποι) “dentro dos quais cumpre aos poetas fabular”: cf. 379a.2-3: ἐν οἷς δεῖ μυθολογεῖν τοὺς ποιητάς. É motivo para censura “se alguém mente de modo não nobre”: cf. 377d.9: ἐάν τις μὴ καλῶς ψεύδεται.

⁴ Em suma, “mentir” não é só dizer coisas “falsas” em relação à “verdade” efetivamente ou supostamente conhecida, mas é também dizer coisas “falsas” em relação ao “verossímil”, vale dizer, em relação ao que “se parece” com a “verdade” (cf. *Th.* 27: ἐτύμοισιν ὁμοῖα), quando esta não é efetivamente conhecida; assim, as “mentiras” que as musas sabem contar talvez correspondam, não a ideias contrárias à “verdade”, mas a ideias que, não sendo “verdadeiras”, respeitam, ainda assim, os critérios do que seria admissível pela concepção que se tem dos deuses: cf. Pl. R. 382d-e. Para outras interpretações de Hes. *Th.* 26-8, cf. Katz e Volk 2000; cf. também Dorter 1990 e especialmente Belfiore 1985; para o tratamento mais geral das relações entre “arte” e “verdade”, que deliberadamente não aprofundo aqui, cf., por exemplo, Sesonke 1956.

⁵ Cf. Pl. R. 601.a.5-b.2: Οὕτω δὴ οἶμαι καὶ τὸν ποιητικὸν φήσομεν χρώματα ἅτα ἐκάστων τῶν τεχνῶν τοῖς ὀνόμασι καὶ ῥήμασιν ἐπιχρωματίζειν αὐτὸν οὐκ ἐπαίοντα ἀλλ' ἢ μιμεῖσθαι, ὥστε ἐτέροις τοιοῦτοις ἐκ

A partir, então, de uma distinção, aqui preliminar, entre “verdades” éticas, de um lado, e “verdades” técnicas, de outro, segue-se que a poesia que trate das primeiras possa ser objeto de uma crítica “ética”, como a que faz Sócrates sobre os versos de Homero e Hesíodo; e a poesia que trate das últimas possa ser objeto de uma crítica “técnica”, vale dizer, de uma apreciação que atente para a *correção* do poema relativamente ao que o crítico, ou especialista, em cada caso, considere como “verdade” na matéria.

Assim, por exemplo, é que Híparco (II a.C.) se apresenta em relação aos *Phaenomena* de Arato (cf. epígrafe a este Capítulo), poema que ele, como especialista na matéria, pretende examinar e assim dizer em que casos o poeta fez sua exposição corretamente (cf. 1.7.4.3: ὀρθῶς), em que casos não a fez corretamente (cf. 1.11.7.3: οὐκ ὀρθῶς), mostrando “quais coisas (sc. Arato) descreveu de acordo com os fenômenos e quais erradamente” (cf. 1.1.4.6-7: τίνα τε συμφώνως τοῖς φαινόμενοις ἀναγράφεται καὶ τίνα διημαρτημένως); os casos que a Híparco lhe “parecem estar errados” (cf. 1.1.6.1: τὰ δοκοῦντά μοι διημαρτηῆσθαι) também são para ele “os mais numerosos e importantes” (cf. 1.1.5.1-2: πλείστοις καὶ χρησιμωτάτοις), nos quais Arato “erra” por estar “em desacordo” (cf. 1.1.5.2: διαφωνοῦντα) “com os” próprios “fenômenos” (cf. 1.1.5.2: πρὸς τὰ φαινόμενά) e com que o que sucede “na verdade” (cf. 1.1.5.3: γινόμενα κατὰ ἀλήθειαν; cf. também: 1.1.9.4: κατὰ ἀλήθειαν; 2.3.26.3: κατὰ ἀλήθειαν);⁶ a razão, en-

τῶν λόγων θεωροῦσι δοκεῖν, ἕαντε περὶ σκυτοτομίας τις λέγει ἐν μέτρῳ καὶ ῥυθμῷ καὶ ἀρμονίᾳ, πάνυ εὖ δοκεῖν λέγεσθαι, ἕαντε περὶ στρατηγίας ἕαντε περὶ ἄλλου ὅτουοῦν, “Assim, creio, também diremos [que] o roético (sc. o poeta) cromatiza algumas cores de cada uma das artes com palavras e frases, não sabendo ele mesmo senão representá-las (μιμεῖσθαι), de modo a parecer, a outros tais [como ele] que julgam a partir das palavras, falar muito bem, quer alguém fale sobre a arte da sapataria com metro, ritmo e harmonia, quer sobre a estratégia, quer sobre qualquer outra arte”.

⁶ Assim também Atalo (II a.C.), sobre a necessidade da “correção” para que o poema esteja “em conformidade” com os fenômenos: cf. Attal. *In Arat.* 1.12-15; especialmente 12-13: τό τε τοῦ Ἀράτου βιβλίον ἐξαπεστάλακμέν σοι διωρθωμένον ὑφ' ἡμῶν, “o livro de Arato te enviamos corrigido por nós”; 17-21: τάχα δέ τινες ἐπιζητήσουσι, τίνοι λόγῳ πεισθέντες φαιμέν ἀκολούθως τῆι τοῦ ποιητοῦ προαιρέσει τὴν διόρθωσιν τοῦ βιβλίου πεποιῆσθαι. ἡμεῖς δ' ἀναγκαιοτάτην αἰτίαν ἀποδίδομεν τὴν τοῦ ποιητοῦ πρὸς τὰ φαινόμενα συμφωνίαν, “Talvez alguns venham a perguntar por qual razão convencidos [é que] dizemos ter feito a correção do livro (sc. de Arato) em conformidade com o propósito do poeta; respondemos que a razão mais necessária é a concordância do poeta com os fenômenos”; cf. também Hipparch. 1.1.3.1-1.1.4.8 (= Attal. *In Arat.* 2.1-11): ἐξήγησιν μὲν οὖν τῶν Ἀράτου Φαινομένων καὶ ἄλλοι πλείονες συντετάχασιν, ἐπιμελέστατα δὲ δοκεῖ πάντων ΑΤΤΑΛΟΣ, ὁ καθ' ἡμᾶς μαθηματικός, τὸν περὶ αὐτῶν πεποιῆσθαι λόγον. ἀλλὰ τὸ μὲν ἐξηγήσασθαι τὴν ἐν τοῖς ποιήμασι διάνοιαν οὐ μεγάλης ἐπιστροφῆς προσδεῖσθαι νομίζω (ἀπλοῦς τε γὰρ καὶ σύντομος ἐστὶ ποιητής, ἔτι δὲ σαφῆς τοῖς καὶ μετρίως παρηκολουθηκόσι), τὸ δὲ συνεῖναι τὰ λεγόμενα περὶ τῶν οὐρανίων ὑπ' αὐτοῦ, τίνα τε συμφώνως τοῖς φαινόμενοις ἀναγράφεται καὶ τίνα διημαρτημένως, τοῦτ' ὠφελιμώτατον ἠγήσαιτ' ἂν τις καὶ μαθηματικῆς ἴδιον ἐμπειρίας, “A exegese, então, dos *Fenômenos* de Arato também outros muitos compuseram, porém Atalo (o matemático, como pensamos) [é que] parece ter feito mais cuidadosamente a exposição sobre eles. Mas a exegese do pensamento no poema não julgo requerer grande esforço (pois é simples e breve o poeta, e também claro para aqueles que o examinaram com suficiente atenção); já compreender o que é dito por ele sobre a matéria celeste, e quais coisas descreveu de acordo com os fenômenos e quais erradamente, isso [é que] se consideraria muito útil e próprio da prática científica (καὶ μαθηματικῆς ἴδιον ἐμπειρίας)”.

fim, para “corrigir” Arato, segundo Hiparco, é que a “graça” (χάρις) do poema “acrescenta certa credibilidade ao que é dito” (cf. 1.1.7.1-2: ἡ γὰρ τῶν ποιημάτων χάρις ἀξιοπιστίαν τινὰ τοῖς λεγομένοις περιτίθησι) e assim “quase todos aqueles que interpretam esse poeta concordam com o que é dito por ele” (cf. 1.1.7.3-4: πάντες σχεδὸν οἱ τὸν ποιητὴν τοῦτον ἐξηγούμενοι προστίθενται τοῖς ὑπ' αὐτοῦ λεγομένοις), sendo levados a também “errar” (cf. 1.1.6.8: ἀποπλανᾶσθαι) no exame dos fenômenos celestes.⁷

Nos casos acima referidos, a representação poética, de um lado, e o discurso que lhe procura corrigir os “erros” relativamente a uma “verdade”, de outro, se constroem de maneira, por assim dizer, independente, isto é, o comentário, a crítica, a “correção” feitos ao poema são produzidos em momento distinto daquele em que o poema mesmo foi produzido e por pessoa distinta daquela que compôs o poema. Talvez não pareça supérfluo observar essa distinção se se considera a possibilidade de que ambos os discursos — o de *representação poética* ou *mimese*, de um lado, e o de crítica, ética ou técnica, de outro — podem, numa circunstância bastante especial, coexistir dentro de um mesmo discurso, tornado ele mesmo, por essa razão, sujeito à incoerência.

A circunstância que aqui qualifico de “especial” é aquela em que se pode entrever um desdobramento da *persona*, por exemplo, de um poema em duas faces distintas: uma delas comprometida, por alguma razão, com a *exposição* da “verdade” (e a consequente crítica do que não lhe parece conforme a esta); a outra, com a *representação poética*, ou, por assim dizer, com a *ficção* de tal verdade. É claro que a “exposição”, em si mesma, de uma “verdade” é algo que pode ser entendido também como uma forma de “ficção”, já que o discurso que opera a “exposição” de uma *res* é ele mesmo produto de uma operação retórico-poética. É o problema, por exemplo, que se encontra na historiografia antiga, gênero que se constrói, por assim dizer, na mediação entre a promessa, por parte do “autor”, de um relato pretensamente imparcial (cf., por exemplo, Tac. *Ann.*

⁷ Cf. Hipparch. 1.1.6.1-1.1.7.4: τοῦτο δὲ ποιῆσαι προεθέμην (...) ἔνεκα τοῦ μήτε σὲ μήτε τοὺς λοιποὺς τῶν φιλομαθούντων ἀποπλανᾶσθαι τῆς περὶ τὰ φαινόμενα κατὰ τὸν κόσμον θεωρίας. ὅπερ εὐλόγως πολλοὶ πεπόνθασιν· ἡ γὰρ τῶν ποιημάτων χάρις ἀξιοπιστίαν τινὰ τοῖς λεγομένοις περιτίθησι, καὶ πάντες σχεδὸν οἱ τὸν ποιητὴν τοῦτον ἐξηγούμενοι προστίθενται τοῖς ὑπ' αὐτοῦ λεγομένοις, “Isso (sc. a correção dos erros de Arato) decidi fazer (...) a fim de que nem tu (sc. Escríão) nem os demais estudantes errem quanto à observação dos fenômenos celestes, o que provavelmente acontece a muitos, pois a graça dos poemas acrescenta certa credibilidade ao que é dito, e quase todos que interpretam esse poeta (sc. Arato) concordam com o que por ele é dito”; cf. também Pl. *R.* 601.a.5-b.2 (cf. n. 5). Mas a aparência de plausibilidade do poema se deve também à credibilidade que se vota à fonte deste, a saber, Eudoxo: cf. Hipparch. 1.1.8.1-5: Ἐμπειρότερον δὲ Εὐδόξος τὴν αὐτὴν τῷ Ἀράτῳ περὶ τῶν φαινομένων σύνταξιν ἀναέγραφεν. εὐλόγως οὖν καὶ ἐκ τῆς τῶν τοσοῦτων καὶ τηλικούτων μαθηματικῶν συμφωνίας ἀξιόπιστος ἡ ποιήσις αὐτοῦ διαλαμβάνεται, “De modo mais experto Eudoxo escreveu a mesma disposição dos fenômenos que Arato. Provavelmente, então, em razão da coerência de tais e tamanhas matemáticas, [é que] a poesia deste é tomada como plausível”.

1.1.15: *sine ira et studio*, “sem ira nem favor”⁸), e a construção retórica desse mesmo relato, por parte do mesmo “autor”, construção nem sempre tão “imparcial”, nem sempre mais atenta para a “verdade” que para outra coisa.⁹ Já no caso da *persona* poética que acima apontei, o compromisso de mimetizar poeticamente uma “verdade” pode se realizar tanto mais facilmente quanto mais uma “face” está, por assim dizer, “em concordância” com a outra “face”, isto é, quanto mais o produtor da mimese poética se conforma à *opinio* do crítico, nesse caso a *opinio* do próprio poeta, acerca do que venha a ser a “verdade” da matéria que está a tratar.

É claro que, quanto maior a concordância entre essas duas “faces”, menos sujeito à contradição e ao “erro” estará o discurso dessa *persona* e, em consequência, menos “dividida” ela parecerá. Exemplo inverso disso é o caso da *persona* poética das *Astronômicas* de Manílio, que se mostra, a meu ver, ambigualmente construída.¹⁰ Uma das faces dessa *persona* — dentro da “ficção” elaborada por Manílio, como procurarei argumentar — apresenta-se comprometida com a *transmissão* e a *exposição* de um saber “verdadeiro” e “divino”, como o *vate* destinado a *ensinar* a “verdade celeste” e a reprovar aquilo que se afaste dessa “verdade”; a outra face, porém, demonstra sua natureza essencialmente humana, voltada, por isso, aos apelos e experimentações da ficção poética — “ficção” quer no nível da expressão, ou dos *uerba*, quer no nível da matéria, ou das *res* — e sujeita, por isso mesmo, a tornar-se objeto da “reprovação” — *ética* ou *técnica* — que o *vate* lhe faria. O resultado, como procurarei demonstrar (cf. Cap. 2), é a produção de um *opus* marcado, em certos pontos, pela inconsistência e vulnerável, por isso mesmo, à crítica de seus inúmeros leitores “especialistas”.

⁸ Cf. também: Hdt. 1.5.9-14; Th. 1.1.3.1-4; 1.4.1.1; 1.20-3; especialmente: 1.21.1-1.21.2; Sal. *Cat.* 3.1.1-3.2.9; Liv. 1. *Praef.* 1-8; especialmente: 6.1-7.2; Tac. *Ann.* 1.1.8-16; *Hist.* 1.1.2-13.

⁹ Por exemplo, para o “fabuloso”, como diz Tucídides (cf. Th. 1.21.1.7: τὸ μυθῶδες), como algo mais atraente do que a verdade: “os poetas cantaram sobre elas (sc. as coisas do passado) com vistas à amplificação, embelezando-as” (cf. 1.21.1.3-4: ποιηταὶ ὑμνήκασι περὶ αὐτῶν ἐπὶ τὸ μείζον κοσμοῦντες); “os prosadores compuseram (sc. sobre as coisas do passado) mais com vistas ao [que era] mais atraente para a audiência do que [com vistas] ao mais verdadeiro” (1.21.1.4-6: λογογράφοι ξυνέθεσαν ἐπὶ τὸ προσαγωγότερον τῆ ἀκροάσει ἢ ἀληθέστερον); cf. também: Liv. 1. *Praef.* 1.6.1-3.

¹⁰ A bibliografia dos estudos sobre Manílio e as *Astronômicas* é extensa. De modo geral, dos inúmeros trabalhos sobre o poeta, sobre seu nome, a datação e a transmissão de seu texto, e das dissertações e comentários de variada ordem já feitos sobre as *Astronômicas*, com exceção dos trabalhos de interesse especialmente filológico, destaque: Jacob 1832; Gruppe 1876: 235-9; Freier 1880; Woltjer 1881; Lanson 1887; Kraemer 1890; Bechert 1891; Ellis 1891: 219-33; Housman 1913; van Wageningen 1921; Lanson 1887: 1-3, Ellis 1891: xv-xvi e Garrod 1908: 123. Dentre os trabalhos mais recentes, destaque: Abry 1983 e 2006; Hübner 1984; Liuzzi 1991-7; Liuzzi (ed.) 1993 e 1999; Maranini 1994; Salemm 2000; Scarcia 2001; Calcante 2002; Landolfi 2003; Volk 2002: 196-245 e 2009; para bibliografias mais abrangentes, cf. Liuzzi 1994 e Salemm 2000: 145-67.

1.1. A cadeia do saber: a fonte da verdade.

Os vates são capazes de “imaginar muitos sonhos”: pelo menos é assim que Lucrécio os descreve: cf. Lucr. 1.104-5: *quam multa [...] fingere possunt / somnia* (sc. *uates*); tais “sonhos” podem, por sua vez, “torcer”, “transformar” as “razões da vida” (cf. 1.105: *uitae rationes uertere*). Ora, nas únicas vezes em que Lucrécio usa da palavra *uates* (cf. Lucr. 1.102; 109), não por outra razão o faz senão para desqualificar a credibilidade daquilo que o “vate”, ou o “profeta”, supersticiosamente diz. Diante da ciência aprendida, por assim dizer, *ex chartis Epicuri* (cf. 3.2: *tuis [...] ex [...] chartis*; 9-10: *tu, pater, es rerum inuentor, tu patria nobis / suppeditas praecepta*, “tu, pai, és das coisas o descobridor, tu [é que] a nós os paternos / preceitos forneces”), isto é, aprendida a partir da *leitura* de Epicuro, cujo ensinamento “vocifera” “a natureza das coisas” (cf. 3.14-15: *uociferari / naturam rerum*) e assim faz fugir “os terrores da alma” (cf. 3.16: *diffugiunt animi terrores*), o poeta dos átomos atenta, por outro lado, para a natureza *religiosa* ou *supersticiosa* do discurso dos vates, cujas palavras “terríloquas” são capazes de incutir medo nos homens e até de ameaçá-los:

Tutemet a nobis iam quouis tempore uatum
 terriloquis uictus dictis desciscere quaeres.
 quippe etenim quam multa tibi iam fingere possunt
 somnia, quae uitae rationes uertere possint
 fortunasque tuas omnis turbare timore!
 et merito; nam si certam finem esse uiderent
 aerumnarum homines, aliqua ratione ualerent
 religionibus atque minis obsistere uatum. (Lucr. 1.102-9)

(Tu mesmo, vencido num momento qualquer pelas terríloquas palavras dos vates, quererás te afastar de nós. Pois de fato quantos sonhos podem já imaginar, que te poderiam transformar as razões da vida e tua sorte toda turbar pelo medo! E com razão, pois se vissem os homens que há termo certo para suas tribulações, por algum meio conseguiriam às superstições e ameaças resistir dos vates.)

Outra é a maneira, por exemplo, em Vergílio: nas *Geórgicas*, a figura do *uates* também aparece em contexto “religioso”, mas sem conotação propriamente negativa: é quando o poeta — ao tratar da peste que teria assolado certas regiões dos Alpes, as aldeias nóricas, e os campos da Iapídia banhados pelo Timavo (cf. *G.* 3.474-7) — menciona a figura do “vate”, ou do “adivinho”, como impossibilitada pelo estado deplorável dos animais (cf. *G.* 486-93) de “dar respostas” (cf. *G.* 3.491: *reddere responsa*) a partir do

exame das entranhas deles; mas o “vate” também aparece no contexto do mito, no caso de Proteu, o vate de Netuno, “profeta” a quem as Ninfas e Nereu veneram (cf. *G.* 4.391-2: *hunc et Nymphae ueneramur et ipse / grandaeuus Nereus*), “pois” tal “vate sabe tudo, / o que é, o que foi, o que logo vindouro se apresenta” (cf. *G.* 4.392-3: *nouit namque omnia uates, / quae sint, quae fuerint, quae mox uentura trahantur*).¹¹

Diferentemente de Lucrécio, que desqualifica o discurso do vate, e, em parte, de Vergílio, que em geral o põe em contextos como o religioso, ou “profético”, e o mítico, Manílio cria uma *persona doctoris*¹² que assume orgulhosamente (cf. *infra*, p. 29) para si mesma o caráter de vate no contexto *poético* do próprio *opus* composto por ela. É verdade que Manílio chama Homero “o maior vate” (*Maximus [...] uates*, 2.1), como também aqueles que às constelações do “outro hemisfério” deram o nome de “astros do sul” (*quae notia antiqui dixerunt sidera uates*, 1.446), ou aqueles a quem o poeta, em sua declaração de “originalidade”, diz nada dever (*nostra loquar, nulli uatum debebimus orsa*, 2.57); mas a *autodenominação* como “vate”, no caso da *persona* poética das *Astronômicas*, vem acompanhada da identificação quer da fonte de onde lhe advém a matéria e mesmo a palavra, quer do destinatário a quem se dirige a mesma palavra e matéria, de modo que o vate se constitui como o elo que “afiança”, por assim dizer, a “verdade” daquilo que no poema é dito e também da “verdade” inexorável da forma como é dito, um elo na cadeia de transmissão do saber divino, da “verdade” sobre a ciência do fado, um elo que serve, ademais, como depois se verá, para justificar vários dos limites encontrados na expressão poética de tal “verdade”, bem como para justificar

¹¹ Cf. ainda outras ocorrências em Verg. *G.* 3.491; 4.386-7; 450-2; de maneira, geral, Vergílio usa a palavra *uates* como designação para “adivinho” ou “profeta”, assim nomeando aqueles que têm a ciência ou o conhecimento do futuro: o adivinho Calcante: cf. *A.* 2.122-4; a profetisa Cassandra: cf. *A.* 3.187; a harpia Celeno, *infelix uates*: cf. *A.* 3.246; quanto às expressões que explicam o termo *uates*: cf. *A.* 3.359: *interpretis diuum*, “intérprete dos deuses”; 6.65-6: *uates, / praescia futuri*, “vate, / presciente do futuro” (sc. Sibila); cf. enfim: *A.* 3.356-68; 441-4; 712; 4.65; 464; 5.524; 636; 6.12. Significativo, diante disso, é o uso que Vergílio faz do termo *uates* aplicado a si próprio (ou antes, a sua *persona*) e no mesmo contexto, agora das *Bucólicas*, em que se diz *poeta*: cf. *Ecl.* 9.32-4: *et me fecere poetam / Pierides, sunt et mihi carmina, me quoque dicunt / uatem pastores; sed non ego credulus illis*, “e me fizeram poeta / as Piérides, tenho também meus poemas, também me dizem / vate os pastores; mas eu não creio neles”; cf. Hor. *Carm.* 1.1.35; 1.31.2; 2.6.24; 2.20.3; 3.19.15; 4.3.15; 4.6.44; 4.8.27; 4.9.28; *Ars* 24; 400. Para o caso de Ovídio, em particular de sua *Ars amatoria* e da tensa relação entre a voz de autoridade profética do *uates* e a natureza empírica do *usus* como fonte de conhecimento do poeta, cf. Ahern 1990; cf. também: Pasco-Pranger 2000. Sobre as implicações, em Lucano, de sua autodenominação como *uates*, cf. O’Higgins 1988.

¹² A expressão, assim como *persona discipuli*, é de Sérvio (IV d.C.), que em seu comentário às *Geórgicas* de Vergílio aponta os elementos que constituem a poesia “didascálica”: cf. 1. *Praef.* 26-8: “hi libri didascalici sunt, unde necesse est, ut ad aliquem scribantur; nam praeceptum et doctoris et discipuli personam requirit: unde ad Maecenatem scribit sicut Hesiodus ad Persen, Lucretius ad Memmium” (“estes livros (sc. das *Geórgicas*) são didáticos, daí a necessidade de que para alguém sejam escritos, pois o preceito requer a pessoa do mestre e do discípulo; daí que [sc. Vergílio] para Mecenas escreve, assim como Hesíodo para Perses, Lucrécio para Mêmio”).

muitas das dificuldades na inteligência desta por parte da *persona discipuli* das *Astronômicas*.

Assim, a palavra proferida pelo vate, no caso de Manílio, tem valor exatamente oposto àquele que lhe atribuem os versos de Lucrécio, a quem o poeta das *Astronômicas* está muitas vezes a responder.¹³ De fato, como adiante demonstrarei, ao vate de Manílio cabe “referir” (*referre, reddere*), “mostrar” (*monstrare*), ou simplesmente “expor” (*ostendere*) a matéria (*res*) que o céu lhe envia, não lhe sendo permitido “forjar” (*fingere*) nem expressão que não se ajuste a tal matéria, nem tampouco matéria que não condiga com a “verdade” da *razão* celeste (cf. *infra*, p. 47).

O primeiro momento em que tal autodenominação acontece é já bastante sugestivo do modo como a *persona* poética de Manílio se relaciona com o objeto mesmo de seu poema:

Bina mihi positis lucent altaria flammis,
ad duo templa precor duplici circumdatus aestu
carminis et rerum: certa cum lege canentem
mundus et immenso uatem circumstrepit orbe
uixque soluta suis immittit uerba figuris (Man. 1.20-4)¹⁴

(Dois altares para mim luzem de acesas chamas, a dois templos suplico, por duplo ardor circundado, do poema e da matéria: [e] com regra fixa o céu com o imenso orbe em volta do vate a cantar estrepita e dificilmente soltas palavras admite para suas figuras.)

A perspectiva é dupla: a *persona* poética descreve o que ela mesma está a fazer, como sujeito (“suplico”, *precor*, 21), e a condição em que se encontra enquanto o faz (“por duplo ardor circundado”, *circumdatus duplici aestus*), o “ardor / do poema e da matéria” (*aestu / carminis et rerum*, 21-2); mas, logo a seguir, a perspectiva é a de quem observa o que está a acontecer a outra entidade, o vate, *objeto* em torno do qual o céu “estrepita”; o fato de estar o vate “cantando” (*canentem*, 22), enquanto o céu “estrepita ao (seu) redor” (*circumstrepit*), associa-o ao mesmo agente de *precor*, que também se vê “circundado” (*circumdatus*, 21) pelo ardor “do poema e da matéria”.¹⁵ Obviamente, trata-se de uma única *persona* poética que, na composição de seu *carmen*, se vê como vate circundado pelo “estrépito” do céu; além disso, é para observar o uso da expressão *certa cum lege* (22), “com regra fixa”, que se aplica sintaticamente a *canentem*, portanto à

¹³ Importante estudo sobre as relações entre os dois poetas é o de Rösch (1911); cf. também Abry 1999².

¹⁴ Salvo indicação de uma ou outra lição diferente, o texto latino que adoto nas citações de Manílio é o de Goold 1998.

¹⁵ Para o exame particular dos versos 1.20-4, cf. *infra*, p. 34.

ação praticada pelo vate (cf. *canentem* / [...] *uatem*, 22-3), mas que também admite ser lida com *circumstrepit*,¹⁶ e daí com a ação praticada pelo céu em torno do vate;¹⁷ como também é para observar a posição mesma da palavra *uatem* (1.24), assim posta no sexto e sétimo semipés do hexâmetro, mimeticamente “circundada” pelas metades do verso.

Ora, o céu, além de “estrepitar ao redor do vate”, é também quem “favorece àqueles que o escutam” (*fauet mundus scrutantibus ipsum*, 1.11), mas é também aquele que “dificilmente admite soltas palavras (sc. de prosa) para (sc. a representação de) suas figuras” (*uixque soluta suis immittit uerba figuris*, 1.24; cf. n. 15); ademais, é também “do alto da abóbada celeste” (*caelo* [...] *ab alto*, 1.118) que o *carmen* “desce”:

Et quoniam caelo descendit carmen ab alto
et uenit in terras fatorum conditus ordo,
ipsa mihi primum naturae forma canenda est
ponendusque sua totus sub imagine mundus. (1.118-21)

(Já que é do céu que o canto desce e de lá vem para a terra a secreta ordem dos acontecimentos do destino, devo antes cantar a forma da natureza e dispor o universo inteiro conforme sua própria imagem.)

Em consequência, ao vate-poeta cabe o cumprimento de uma série de tarefas, expressas mediante o uso dos gerundivos: *mihi* (...) *canenda est*, 120; *ponendus*, 121, tão frequentes nas *Astronômicas* para designar as “ordens” e “imposições” feitas ao vate-poeta por sua matéria poética (cf., entre tantos exemplos, 3.164: *canendum est*, 3.34: *luctandum*; 3.94: *signanda*; 4.438: *ad iussa loquendum est*); ou ainda, mediante o uso de formas mais diretas, como é o caso, por exemplo, do verbo *iubere* em 5.8-9: *me properare etiam mundus iubet omnia circum / sidera*, “o céu ainda manda apressar-me em volta de todos / os astros”¹⁸ (cf. também: 2.350 e 3.200), bem como, dentro do exemplo citado acima, em 4.438: *ad iussa*, “conforme as ordens”.

¹⁶ Cf. Volk 2002: 235-6.

¹⁷ É possível que Manílio faça aqui uma alusão à “música” das esferas celestes, tal como mencionada no *Somnium Scipionis* de Cícero (*Rep.* 6.18-19) e no mito de Er de Platão (*R.* 617b.4-7), ou como mencionada na tradição do pensamento pitagórico à disposição de Manílio; a esse respeito, cf. Lanson 1887: 39; van Wageningen 1921 *ad loc.*; e especialmente: Schrijvers 1983; Liuzzi 1991-7 *ad loc.*; e Volk 2002: 234-7, 2009: 214-15. O tema da “música” e da “harmonia” das esferas é também tratado nos termos do cálculo das medidas em estádios que descrevem os intervalos entre as esferas astrais, particularmente por Plínio (*Nat.* 2.83-5) e Censorino (13.2-5), como examina o breve estudo de Freyburger (1996). Sobre a emoção provocada em Cícero por seu primeiro contato com o planetário inventado por Arquimedes e sobre como teria provindo daí a “inspiração” para a redação de seu *De re publica*, cf. Novara 1996: 228, 231, 234.

¹⁸ Sobre o tema da “viagem” do poeta pelos céus, cf. Landolfi 1999 (= 2003: 11-28); Volk 1997: 294-302, 2002: 225-34 e 2003; cf. também Fowler 2000: 208-10.

Mas é já nos versos proemiais do primeiro livro que o *opus* do poeta se vê ambigualmente qualificado ao mesmo tempo como empreendimento da *persona* de Manílio e como determinação da própria *ratio caelestis*:

Carmine diuinas artes et conscia fati
sidera diuersos hominum uariantia casus,
caelestis rationis opus, deducere mundo
aggredior primusque nouis Helicon mouere
cantibus et uiridi nutantis uertice siluas
hospita sacra ferens nulli memorata priorum. (Man. 1.1-6)

(Em poesia as divinas artes e os astros, cientes do destino, que variam os casos diversos dos homens, obra da razão celeste, descer do céu tentarei fazer, e ser o primeiro a mover com estes novos cantos o Hélicon e suas florestas, agitadas no verde cimo, ofertando sagrados saberes estrangeiros, por ninguém antes lembrados.)

De fato, *caelestis rationis opus* (1.3) se apõe a *diuinas artes et conscia fati / sidera diuersos hominum uariantia casus* (1.1-2), mas não deixa de repercutir também sobre a forma *deducere* (1.3), já ambígua em si mesma,¹⁹ de modo que “fazer descer do céu” (*deducere mundo*) pode ser entendido não apenas como empreendimento da *persona* poética (cf. 1.4: *aggredior*) “compositora” do *opus* mediante o uso do meio poético (cf. 1.1: *Carmine*), mas ainda como “obra da razão celeste” (*caelestis rationis opus*, 1.3), assim entendida, pois, como “ordenadora” do *carmen*.

É nesse momento, como se vê, que o termo *ratio* faz sua entrada no poema de Manílio; o uso do qualificativo *caelestis*, por sua vez, já prenuncia aquela que será, nas *Astronômicas*, como que a coalescência fundamental entre os termos que designam a *anima mundi* do universo estoico de Manílio:²⁰ trata-se da entidade *racional* — deus, nume, alma divina, *mens*, *ratio* (cf., p. ex., 2.82: *hic igitur deus et ratio, quae cuncta gubernat*; cf. também: 1.64; 247-54, principalmente 251; 2.64; 235; 749; 3.56) — que está em toda a parte no universo, inclusive no homem, e que se observa sobretudo na ordenação hierárquica, regular e cíclica dos fenômenos celestes. Desse modo, o *mundus* — mais do que simplesmente “céu” ou “firmamento” — é mesmo o κόσμος, o espaço da

¹⁹ A forma *deducere*, em Manílio, parece também remeter à crença antiga segundo a qual as feiticeiras, por meio de “encantamento” — outro sentido para *carmen* (cf. Man. 1.1: *Carmine*) — teriam o poder de “fazer descer” do céu os astros: cf. Ov. *Am.* 2.1.23: *carmina sanguineae deducunt cornua lunae*, “os encantamentos baixam os cornos da lua sanguínea”, e Verg. *E.* 8.69: *carmina uel caelo possunt deducere lunam*, “os encantamentos podem baixar do céu a lua”. Para outras observações a respeito do uso e da sintaxe de *deducere* no passo de Manílio, cf. Jacob 1830: 5; Volk 2002: 222-4.

²⁰ Para um estudo mais detalhado das relações entre o poema de Manílio e a filosofia do Pórtico, cf. Wolter 1881: 64-73; Lanson 1887: 29-53; Salemme 2000: 9-26; MacGregor 2005; e especialmente Volk 2009: 226-34.

ordem e do λόγος universal, isto é, o espaço privilegiado para a investigação e o conhecimento da *ratio*, da *mens* que permeia (cf. 4.890: *infusa*; veja também: 2.64-6; 749) e governa o universo e que, não estando apenas no céu, está no próprio homem, tornando-o, assim, uma “cópia do deus em imagem pequena” (*exemplum [...] dei [...] in imagine parua*, 4.895) e capaz, por isso mesmo, daquela investigação e conhecimento (cf. também: 2.115-6):

An dubium est habitare deum sub pectore nostro
 in caelumque redire animas caeloque uenire,
 utque sit ex omni constructus corpore mundus
 aeris atque ignis summi terraeque marisque
 hospitium menti totum quae infusa gubernet,
 sic esse in nobis terrenae corpora sortis
 sanguineasque animas animo, qui cuncta gubernat
 dispensatque hominem? quid mirum, noscere mundum
 si possunt homines, quibus est et mundus in ipsis
 exemplumque dei quisque est in imagine parua?
 an cuiquam genitos, nisi caelo, credere fas est
 esse homines? (4.886-97)

(Acaso é duvidoso que sob o nosso coração habita um deus e que ao céu retornam as nossas almas e que do céu elas vêm? E é duvidoso que, assim como o mundo, composto de toda matéria — de ar, e do fogo das alturas, e de terra, e de mar — é para a mente uma morada, mente que, esparzida pela morada toda, governa-a, é duvidoso, enfim, que, do mesmo modo, haja, em nosso caso, corpos de natureza terrena e um sopro vital baseado no sangue, e que nosso corpo seja morada para nosso espírito, que a tudo governa, comandando o homem? Que há de admirar se os homens podem conhecer o céu, se neles próprios está o céu e cada um é uma pequena cópia da imagem do deus? Acaso é possível acreditar que os homens nasceram de algo que não o céu?)

Ora, se se pode dizer que o *mundus* “estrepita ao redor do vate” (cf. 1.23), enviando-lhe “palavras” (cf. 1.24) e mesmo ordens (cf. 5.8-9), assim como é dito que “do céu desce o canto” (cf. 1.118), e que o “o próprio *mundus*”, enfim, é quem “chama nossa atenção para as estrelas / e, já que não esconde seus poderes, não admite que passem despercebidos” (*ipse uocat nostros animos ad sidera mundus / nec patitur, quia non condit, sua iura latere*, 4.920-1), é porque, como disse acima, a *ratio* que opera (cf. 1.3: *opus*) no κόσμος é também operante no homem, de modo que, para que este consiga conhecê-la em profundidade, isto é, intelectualmente (cf. 1.13-19; 96-8), mais do que apenas observar, admiradamente (cf. 1.38; 66-72; 4.908-9), seus efeitos sensíveis, os fenômenos celestes, cumpre-lhe o exercício das capacidades que a *ratio* dentro dele possui (cf. 4.931-2: *uires, / quas ratio [...] habet*); ora, diferentemente de todos os animais (cf. 4.897-900), o gênero humano é “o único capaz do exame das coisas, do poder da fala e do

entendimento” (*unus in inspectus rerum uiresque loquendi / ingeniumque capax*, 4.901-2); assim, é em virtude dessa capacidade única que o homem está apto a receber do céu o “favorecimento” que este lhe vota quando aquele o escruta (cf. 1.11: *fauet mundus scrutantibus ipsum*), já que, para o *inspectus* das coisas celestes, não bastam os olhos mortais (cf. 4.308), são precisos os “olhos da mente”²¹ (cf. 4.195: *oculos mentis*; 4.875: *oculos [...] mentis*; veja também, a seguir, 2.122), os quais o homem possui: a natureza mesma foi quem lhe deu (cf. 2.122), dando-lhe ainda uma “mente cognata”, isto é, “com ela aparentada” (2.123: *cognatam [...] sibi mentem*); assim, é por ser ele mesmo “parte dos deuses” (cf. 2.116: *pars ipse deorum*) e é em virtude de tal cogação entre o homem e a natureza, entre o homem e o deus, entre a *mens* humana e a *mens* racional que a tudo permeia, que o homem é capaz de ouvir o “ditado” celeste, cujo objeto vem na forma de um *opus*:

Quis caelum posset nisi caeli munere nosse,
et reperire deum, nisi qui pars ipse deorum est?
quisue hanc conuexi molem sine fine patentis
signorumque choras ac mundi flammea tecta,
aeternum et stellis aduersus sidera bellum
[ac terras caeloque fretum subiectaque utrisque]
cernere et angusto sub pectore claudere posset,
ni sanctos animis oculos natura dedisset
cognatamque sibi mentem uertisset ad ipsam
et tantum dictasset opus, caeloque ueniret
quod uocat in caelum sacra ad commercia rerum? (2.115-25)

(Quem poderia conhecer o céu, senão que por dádiva do próprio céu, e descobrir o deus, senão aquele que, ele próprio, é parte dos deuses? Quem poderia compreender e encerrar em seu estreito coração a vastidão dessa abóbada que se abre sem fim, e os coros dos signos,²² e as brilhantes moradas do céu, e a eterna guerra dos planetas contra os signos, se às inteligências a natureza não tivesse dado olhos divinos, voltado para ela mesma uma mente cognata a ela e ditado tão grande obra, se do céu não viesse o que ao céu nos invoca em proveito de sagrado relacionamento?)

Como quer que se entenda, nos versos acima, o uso de *opus* (2.124),²³ a formulação *natura [...] dictasset [...] tantum opus* (2.122-4) consoa, a meu ver, com aquela

²¹ Para uma visão de conjunto das manifestações do platonismo no pensamento filosófico sincrético de Manílio, cf. Volk 2009: 226-34.

²² Aqui entra um verso eliminado por Escalígero (1655), Housman (1912) e Goold (1998), mas defendido por Dawson (1972) e Liuzzi (1991-7), e mantido por Flores (2001): cf. 2.120: *ac terras caeloque fretum subiectaque utrisque*, “e a terra e sob o céu o mar, e o que está situado sob uma e outro”.

²³ A palavra *opus* pode ser entendida aqui como a “ciência do fado”, isto é, a “ciência da astrologia”, como entende Goold (1977 *ad loc.*), mas não deixa de sugerir, a meu ver, o próprio poema, conforme o uso que o poeta faz do termo noutros momentos (cf. 1.113; 2.58; 3.41). Para mais observações a respeito do termo e de sua interpretação variada entre os tradutores, cf. Volk 2002: 216-17.

dos versos 1.23-4: *mundus (uix) [...] immitit uerba (soluta)*, bem como com diversas outras em que aquilo que chamaríamos de “matéria” ou “objeto” do poema é alçado à condição de “sujeito” de uma operação;²⁴ assim, (I) tal “matéria” vem ora nomeada de forma particular: ou é a “natureza” que “dita” o *opus* ao homem (2.122-4); ou é o “céu” que “estrepita em torno do vate” (1.22-4) e que “não admite que (sc. seus poderes) passem despercebidos” (*nec patitur [...] sua iura latere*, 4.921); ou é o deus que “se inculca e oferece (sc. ao homem) / para que possa ser bem conhecido e ensine os que o observam” (*se [...] ipsum inculcat et offert, / ut bene cognosci possit doceatque uidentis*, 4.913-14; cf. 4.915-19) e os “obrigue a atentar para suas leis” (*cogat [...] suas attendere leges*, 4.919); ou é a *ratio*, enfim, que “obriga (sc. os signos) a que sejam percebidos (sc. pelo homem) (*cogit [sc. signa] / sentiri*, 2.84-5; cf. 2.82-6), *ratio*, aliás, que tantas vezes “obriga” e “ensina” (1.541: *docet ratio*; 2.350: *iubet ratio*; 2.526: *ratio cogit*; 3.337: *ratio cogit*; etc.), e que “a tudo vence” (4.932: *ratio omnia uincit*)²⁵; (II) ora tal “matéria”, enfim, vem designada como tal, isto é, de forma metapoética, quando é dito que “a matéria mesma recusa ser ornada, contente com ser (sc. apenas) ensinada” (*ornari res ipsa negat contenta doceri*, 3.39).

O vate de Manílio se encontra, então, não só na posição de quem se vê “circundado” pelo “estrépito” do céu (1.22-4) e assim depara com o *carmen* que de lá “desce”

²⁴ Nem por isso, contudo, o “objeto” do poema — “o deus poderoso” que se infunde no universo (cf. 2.60-1), o consenso, a *cognatio*, a *συνπάθεια* entre os componentes destes, bem como o movimento que a *ratio* lhes dá (2.62-6; cf. também: 1.64; 247-54; 2.235; 749; 3.56) — deixa de ser enunciado sintaticamente como tal:

namque canam tacita naturae mente potentem
infusumque deum caelo terrisque fretoque
ingentem aequali moderantem foedere molem,
totumque alterno consensu uiuere mundum
et rationis agi motu, cum spiritus unus
per cunctas habitet partes atque irriget orbem
omnia peruolitans corpusque animale figuret. (2.60-6)

(Pois cantarei o deus senhor da natureza, de mente silenciosa, espalhado pelo céu, pela terra e o mar, a governar com igual lei a ingente máquina; e cantarei que o universo inteiro vive por um consenso recíproco e é guiado pelo movimento da razão, já que um só espírito habita em todas as suas partes e irriga o mundo, voando através de todas as coisas, e lhe dá a forma de um corpo animado.)

Sobre a ideia da “simpatia cósmica” em Manílio, cf. Salemme 2000: 27-45; para uma explicação geral da física estoica, com destaque para a “mistura” e a “simpatia” entre as diferentes partes do mundo, cf. Gourinat 2009; sobre a “simpatia” ou “solidariedade universal” como um dos dogmas astrológicos, cf. Bouché-Leclercq 1899: 72-87; cf. também: Barton 1994: 102-11.

²⁵ Para o estudo particular dessa alusão a Vergílio (cf. *Ecl.* 10.69: *omnia uincit amor*; *G.* 1.145: *labor omnia uicit*) e de suas implicações nas *Astronômicas*, cf. Cap. 3, p. 287. Particularmente sobre os versos e cláusulas de versos com que Manílio imita outros poetas, cf. Cramer 1882: 55-89; van Wageningen 1915: 189-95; Steele 1932.

(1.118), como também na posição de quem está, por isso, destinado²⁶ a cumprir-lhe as ordens e determinações, sendo assim o vate de eleição do *mundus* (cf. 2.142), isto é, o vate designado pelo destino a *cantar* ou *referir*²⁷ a “verdade” da matéria celeste, que se lhe oferece de maneira imperativa: a ele, “em poesia as fatais leis expondo / e os sagrados movimentos do céu, cumpre falar conforme o (sc. que lhe é) ordenado” (*per carmen fatalia iura ferenti / et sacros caeli motus ad iussa loquendum est*, 4.436-7). Essa condição privilegiada que a *persona* poética de Manílio inventa para si mesma lhe serve ainda para pleitear, por emulação, a originalidade de seu *opus*,²⁸ bem como para advertir a escassez daqueles a quem este último possa se destinar, já que o vate, inspirado “por divino sopro” (cf. 2.136: *diuino [...] flatu*), “nem na turba nem para a turba” (cf. 2.137: *nec in turba nec turbae*) comporá seu poema:

Haec ego diuino cupiam cum ad sidera flatu
ferre, nec in turba nec turbae carmina condam
sed solus, uacuo ueluti uectatus in orbe
liber agam currus non occursantibus ullis
nec per iter socios commune regentibus actus,
sed caelo noscenda canam, mirantibus astris
et gaudente sui mundo per carmina uatis,
uel quibus illa sacros non inuidere meatus
notitiamque sui, minima est quae turba per orbem. (2.136-44)

(Tais são as coisas que com um sopro divino eu gostaria de levar até às estrelas, e não na turba nem para a turba comporei meu poema, mas sozinho, como se, levado numa órbita desimpedida, livre eu impelisse meus carros sem ninguém a obstruir-me a passagem nem a dirigir seu movimento paralelamente ao meu por um caminho comum ao meu; cantarei coisas tais, que o céu as reconheça, com os astros a admirarem-se e o firmamento a regozijar-se com o poema de seu vate; cantarei, ainda, para aqueles a quem os astros não recusaram os sagrados canais e o conhecimento deles mesmos, que formam a menor sociedade no mundo.)

Assim, se pode o *mundus* comprazer-se com o canto “de seu próprio vate” (cf. 2.142: *gaudente sui mundo per carmina uatis*), a “turba” que se poderia também comprazer com ele é “mínima”, é a mais escassa “no mundo” (cf. 2.144: *minima [...] turba per orbem*), correspondendo àquelas pessoas “a quem (sc. os astros) não recusaram os sagrados canais / e o conhecimento sobre eles mesmos” (*quibus illa sacros non inuidere meatus / notitiamque sui*, 2.143-4).

²⁶ Para os sentidos em que o poeta se mostra como “destinado” a ser o vate do céu, cf. especialmente Volk 2002: 209-24, 2009: 207-8.

²⁷ Quanto à tensão entre as noções de *cantar* e *referir*, conforme as entendo no poema de Manílio, cf. *infra*, p. 44-59.

²⁸ Sobre as imagens da “originalidade” nos versos citados a seguir (Man. 2.136-44), cf. Landolfi 2003: 11-59.

Ora, é aqui que se completa, conforme entendo, a “cadeia do saber”, segundo a ficção poética criada por Manílio para a *persona* de seu poema: os “sagrados saberes estrangeiros, por nenhum dos primeiros (sc. poetas) lembrados (sc. antes)” (*hospita sacra* [...] *nulli memorata priorum*, 1.6), tal *persona* se mostra a “apresentá-los”, a “oferecê-los” (cf. 1.6: *hospita sacra ferens*), daí principiando a constituir-se, ela mesma, numa *persona doctoris*, cumprindo-lhe então “expor” (cf. 1.6: *ferens*; 4.436: *ferenti*; cf. *infra*) as “leis fatais” (cf. 4.436: *fatalia iura*) da ciência do destino à *persona discipuli*, que deve, por sua vez, “prestar atenção” (“presta atenção”, *impendas animum*, 2.38; cf. também: 639: *perspice*; 788: *age* [...] *animum compone*; 3.43: *perspice*; etc.²⁹).

Desse modo, se a *persona doctoris* do *De rerum natura* declara seguir os passos de Epicuro (cf. Lucr. 3.3-4: *te sequor, o Graiae gentis decus, inque tuis nunc / ficta pedum pono pressis uestigia signis*, “te sigo, ó glória da gente grega, e agora sobre teus / sinais as marcas ponho dos [sc. meus] pés”), o qual “de tão grandes trevas um tão claro lume” foi capaz de “extrair” (cf. 3.1: *E tenebris tantis tam clarum extollere lumen*), de modo que “a partir dos escritos” dele (cf. 3.2: *tuis* [...] *ex* [...] *chartis*) é que o poeta, por amor de imitá-lo (cf. 3.6: *quod te imitari aueo*, “porque te desejo imitar”), recolhe não só “áureas palavras” (cf. 3.12: *aurea dicta*) como também os “preceitos” (cf. 3.9-10: *tu, pater, es rerum inuentor, tu patria nobis / suppeditas praecepta*, “tu, pai, és das coisas o descobridor, tu [é que] a nós os paternos / preceitos forneces”) (cf. também: 4.419-20); e se a *persona doctoris* das *Geórgicas*, por sua vez, deseja das Musas não só que a “aceitem”, mas também que lhe “mostrem do céu as vias e os astros” (cf. Verg. *G.* 2.477: *accipiant caelique uias et sidera monstrent*), bem como lhe “mostrem” a explicação dos fenômenos: “as defecções do Sol, os diferentes labores da Lua” (cf. 2.478: *defectus solis uarios lunaeque labores*), “donde vem o tremor para a terra, por que força os mares profundos intumescem” (cf. 2.479: *unde tremor terris, qua ui maria alta tumescant*), entre outros fenômenos (cf. 4.480-2), sendo tal demonstração o meio de “acceder às partes da natureza” (cf. 4.483: *naturae accedere partis*),³⁰ — a *persona doctoris* de Manílio, diferentemente, se coloca, como disse acima, na posição do vate que está a receber “ordens” do κόσμος, isto é, não na posição de quem apenas *busca* o saber, mas

²⁹ Não é minha intenção listar aqui as formas de endereçamento ao *discipulus* no poema de Manílio; meu argumento é apenas atentar para a relação *doctor-discipulus* como algo recorrente no poema; a esse respeito, cf. Romano 1978 e Neuburg 1993. Para estudos a respeito da figura do destinatário no poema didático em geral, cf. especialmente Schiesaro, Mitsis e Clay (eds.) 1993.

³⁰ Evidentemente, estou sempre a considerar a situação *poética* da instrução recebida pela *persona* no poema; se tal situação se mostra mais facilmente como tal no caso da *persona* que pede instrução às Musas, como é o caso em Vergílio, ela não deixa de ser também *poética* no caso em que a *persona* indique uma “fonte de instrução” mais verossímil, como é o caso em Lucrécio.

na de quem *fatalmente* veio a obtê-lo (sendo, então, um daqueles “a quem [sc. os astros] não recusaram os sagrados canais / e o conhecimento sobre eles mesmos”, *quibus illa sacros non inuidere meatus / notitiamque sui*, 2.143-4; cf. *supra*) e, em razão das ordens recebidas, está assim destinado a *conformar* tal saber a um meio e em seguida *apresentá-lo* (cf., entre outros, 1.6: *hospita sacra ferens*, “sagrados saberes estrangeiros ofertando”), *transmitindo-o* à “turba mínima” de seus *discipuli*. A estes, assim, pede atenção o *doctor* e, por saber que, em muitos pontos, sua exposição da doutrina celeste resultará de difícil intelecção por parte daqueles (cf. 3.36-42; 4.387-407; 866-935), reafirma qual seja, enfim, o objeto e o “prêmio”³¹ mesmo de tão complicado estudo:

quod quaeris, deus est: conaris scandere caelum
 fataque fatali genitus cognoscere lege
 et transire tuum pectus mundoque potiri.
 pro pretio labor est nec sunt immunia tanta,
 ne mirere uiae flexus rerumque catenas.
 admitti potuisse sat est: sint cetera nostra. (4.390-5)

(O que buscas é o deus: procuras escalar o céu, e nascido sob a lei do destino, conhecer o próprio destino, e ir além de tua própria inteligência, e tornar-te senhor do universo. O esforço é proporcional ao prêmio, nem são isentos de penas tão grandes empreendimentos; não te surpreendas com os desvios do caminho nem com a complicação das coisas. Já é o bastante poder ter sido aí admitido; de nós dependa o resto.)

Ora, as “curvas do caminho” (cf. 4.394: *uiae flexus*) e os “encadeamentos das coisas” (cf. 4.394: *rerum [...] catenas*) correspondem apenas a uma parte dos problemas enfrentados pela *persona discipuli*, pois dizem respeito, mais precisamente, à *intelecção* da matéria que lhe é transmitida pelo vate. Mas se a intelecção é processo que demanda, antes,³² o emprego da atenção, cumpre, então, que esta seja primeiro requerida ou captada, depois mantida pelo *doctor*. A esse respeito, é a *persona* mesma deste último quem declara haver mister, em sua exposição, de *gratia*, já que, na ausência desta (cf. 4.434), “em vão se vai o labor que o ouvido despreza” (cf. 4.435: *in uanum [...] labor*

³¹ Para o estudo particular do “prêmio” ao esforço do discípulo e de sua significação maior no contexto da instrução astrológica em Manílio, cf. Cap. 3, p. 261-291.

³² Sobre a ordem de exposição *didática* das partes que compõem uma *res*, cf. Man. 2.738-87: trata-se de dois símiles — a educação das crianças e a construção da cidade — com que o mestre procura explicar ao discípulo que a primeira parte do trabalho consiste em cuidar dos *membra* da matéria, e que só depois é que se passa ao estudo do *corpus*, isto é, do todo; assim, às partes corresponderia uma exposição mais simples; ao todo, uma exposição em que haveria justamente a complexidade das *uiae flexus* e as *catenae rerum*. Sobre exposição simples e exposição complexa da matéria astrológica, cf. Cap. 2, p. 80-81; sobre os símiles que mencionei acima, cf. Cap. 3, p. 244-246.

cedit quem despicit auris).³³ Mas o emprego de recursos que produzam *gratia*, por sua vez, nem sempre se concede facilmente ao vate na composição de seu *carmen*, quer por causa de mais uma imposição, digamos, *ética*, do *mundus*, pois “não é permitido que por palavras brilhe o céu” (cf. 4.440: *nec fas est uerbis splendescere mundum*),³⁴ quer por causa de mais uma limitação *técnica* imposta pela própria matéria, quando ela “mesma recusa ser ornada, contente com ser (sc. apenas) ensinada” (cf. 3.39: *ornari res ipsa negat contenta doceri*). Nesse caso, a *gratia* que a *persona* contenta-se em defender como encontrável em sua exposição diz respeito a sua habilidade em simplesmente “designar”, “mostrar”, “referir” a matéria digna de canto: “Nem pequena é a graça de nossa / palavra, se somente ela puder designar o que era para cantar” (cf. 4.441-2: *nec parua est gratia nostri / oris, si tantum poterit signare canenda*³⁵). Assim, o vate procura escusar-se de sua falta poética com o argumento, mais uma vez, de que são as imposições de sua matéria que lhe criam tal limitação (cf. *infra*, 3.41-2: *hoc operis, non uatis erit*, “da obra, não do vate isto será”); mas o que ele exige do *discipulus*, como uma espécie de compensação por este não poder desfrutar de *gratia*, é — além da necessária atenção (cf. *infra*, 3.38: *impendas animum*, “presta atenção”) — uma resposta, por assim dizer, *ética*: a desistência da busca por *gratia* (cf. 3.38: *nec [...] quaeras*, “nem [...] queiras”) e a aceitação de que as palavras que este lerá e/ou ouvirá serão “verdadeiras”:

Huc ades, o quicumque meis aduertere coeptis
 aurem oculosque potes, ueras et percipe uoces.
 impendas animum; nec dulcia carmina quaeras:
 ornari res ipsa negat contenta doceri.
 et, siqua externa referentur nomina lingua,
 hoc operis, non uatis erit: non omnia flecti
 possunt, et propria melius sub uoce notantur. (3.36-42)

(Aproxima-te, ó quem quer que sejas que possas aplicar ouvido e olhos à minha empresa, e ouve palavras verdadeiras. Presta atenção, e não procures doces carmes: a matéria mesma recusa o ornato, satisfeita com ser ensinada. E, se alguns nomes forem referidos em língua estrangeira,

³³ Razoavelmente clara me parece a associação, em 4.434-5 (*sed gratia derit, / in uanumque labor cedit quem despicit auris*), entre a qualidade da *gratia* e o sucesso no labor de instrução; ora, se para a *gratia* contribuem os ornamentos que fariam “doce” a *poesia* do mestre (cf. 3.38-9) — ornamentos que sua matéria “recusa”, diz ele (cf. 3.39) —, e se para a *gratia* também contribui a metrificacão da matéria, tarefa tão difícil (cf. 3.34-5), é porque o poeta entende a *gratia* como produto do ornamento e do metro; se ornamento e metro, por sua vez, puderem ser tomados como forma alternativa de o poeta referir-se à poesia em geral, então Manílio, segundo entendo, está também a associar, de modo geral e pouco direto, *poesia* e instrução, ainda que não declare expressamente a “necessidade” da primeira para o sucesso da segunda. Para uma apreciação um pouco diferente da questão, cf. Volk 2002: 244; cf. também Perutelli 2004: 307; para outras observações a respeito da *gratia* no poema de Manílio, cf. Cap. 2, p. 98-110.

³⁴ Para um estudo mais detalhado desse verso e de suas implicações, cf. *infra*, p. 47.

³⁵ Sobre a lição *canenda*, cf. Cap. 2, p. 102, n. 43.

culpa será da obra, não do vate: nem tudo se pode verter, designando-se melhor em sua própria língua.)

1.2. O poeta e o vate: o meio da poesia.

É significativo que a primeira palavra do primeiro verso das *Astronômicas* seja logo um ablativo de valor instrumental: cf. 1.1: *Carmines*, “Em poesia”, “Por meio de poesia”, ou ainda, “Em verso”,³⁶ bem antes que se anuncie a matéria mesma do poema (cf. 1.1-2: *Carmines diuinas artes et conscia fati / sidera diuersos hominum uariantia casus*, “Em poesia as divinas artes e os astros, cientes do destino, / que variam os casos diversos dos homens”).

Essa “autoconsciência” poética³⁷ não é exclusiva da *persona* de Manílio: aqui e ali está também a manifestá-la aquela de Lucrécio, quando se revela “procurando com que palavras e com que poema (ou “com que verso”)” (cf. *Lucr.* 1.143: *quaerentem dictis quibus et quo carmine*) poderá “anunciar” (cf. *Lucr.* 1.144: *praepandere*) à mente (*menti*) de Mêmio as “claras luzes” (*clara lumina*) da doutrina de Epicuro; ou ao dizer, diante da obscuridade do tema: “sobre matéria obscura componho tão luminosos / cantos, tocando a tudo com a graça das Musas” (cf.: 1.933-4 = 4.9: *obscura de re tam lucida pango / carmina musaeo contingens cuncta lepore*), assim como ao dizer: “quis em suaviloquente / piério canto te (sc. Mêmio) expor nossa razão” (cf. 1.945-6 = 4.20-1: *uolui tibi suauiloquenti / carmine Pierio rationem exponere nostram*) e “continuarei a dispor cantos dignos de tua vida (sc. de Mêmio)” (cf. 3.420: *digna tua pergam disporre carmina uita*); ou ainda, quando enfaticamente pergunta: “Quem é que pode com poderoso peito um canto digno / compor da grandeza da matéria e de tais descobertas (cf. 5.1-2: *Quis potis est dignum pollenti pectore carmen / condere pro rerum maiestate hisque repertis?*”). Assim também, nas *Geórgicas*, Vergílio faz sua *persona doctoris* dizer a Mecenas, sua *persona discipuli*: “não aqui com poema fingido (sc. com ficções poéticas) / e por rodeios e longos preâmbulos te deterei” (cf. *G.* 2.45-6: *non hic te carmine ficto / atque per ambages et longa exorsa tenebo*) e se perguntar, em meio à variada descrição das vinhas: “com que poema te direi, / (sc. vinha) rética? (cf. *G.* 2.95: *quo te carmine dicam, / Rhaetica?*), dizendo mais adiante, enfim, o verso em que se

³⁶ Ou ainda, “Por meio de encantamento”: cf. n. 19.

³⁷ Para a noção de “autoconsciência” poética no domínio da poesia didática, cf. Volk 2002: 6-24.

enuncia sua filiação poética a Hesíodo: “ascreu poema canto pelas cidades romanas” (cf. *G.* 2.176: *Ascraeum (...) cano Romana per oppida carmen*).³⁸

Em Manílio, porém, a forma como seu poema se abre já prenuncia, a meu ver, aquela que será uma das tensões fundamentais das *Astronômicas*: a exposição extensa e *em verso* de uma matéria dotada de aspectos não afeitos, em princípio, a tal tipo de exposição.³⁹ Assim, mais abundantes que em Lucrecio e Vergílio, as menções, em Manílio, ao “meio” da poesia, ou antes, à poesia como “meio” ou “instrumento” da exposição, são feitas, em sua maioria, em contextos nos quais se evidencia, conforme disse no início desta seção (cf. *supra*), a noção mesma de que é “em poesia” (cf. 1.1: *Carmines*) que a *persona doctoris* do poema tentará “fazer descer do céu as divinas artes e os astros” (cf. 1.1-4), e assim “mover” com seu “canto” “o Hêlicon” (cf. 1.4-5: *Helicon mouere / cantibus*) (cf. também: 1.809-10: [sc. *prius quam*] *canam fatalia carmine iura*, “[sc. antes que] eu cante em poesia [ou “em meu poema”] as leis fatais”; 2.765-7: *mihi [...] carmine [...] / [...] / [...] canenti*, “a mim [...] em poesia [ou “em meu poema”] [...] / [...] / [...] cantando”; 4.430: *hae mihi signandae proprio sunt carmine partes*, “estas são as partes a ser por mim assinaladas em poesia adequada”; 2.150-1: *Et primum astrorum uaria est natura notanda / carminibus per utrumque genus*, “E primeiro dos astros a variada natureza cumpre ser assinalada / em meu poema conforme um e outro gênero”; cf. *enfim*: 2.137; 754; 928; 3.269-70); em contextos nos quais a conformação da exposição da matéria às leis da poesia — conformação que o vate reconhece praticar, ao mostrar-se “a cantar com regra fixa” (*certa cum lege canentem* [sc. *uatem*], 1.22) — leva tal *persona* à súplica “ardorosa” (cf. 1.21: *aestu*) dirigida aos “templos” do “canto”, ou do “poema”, e da “matéria”: “a dois templos suplico, por duplo ardor circundado, do poema e da matéria”⁴⁰ (*ad duo templa precor duplici circumdatus aestu / carminis et rerum*, 1.21-2), bem como à própria indagação metapoética, quando, após reconhecer a dificuldade já de compreender sua matéria, declara a dificuldade de (1) exprimi-la (em prosa?) e de (2) versificá-la adequadamente (cf. 3.35: *carmine [...] proprio*): “(...) conhecer tais coisas é (sc. já) demais; ora, quão (sc. difícil) é (sc. então) dizê-las? / (E) em poesia adequada?” (cf. 3.34-5: [...] *quae nosse nimis, quid, dicere quantum est? / carmine quid proprio?*); em contextos, ainda, nos quais tal dificuldade resulta em justifica-

³⁸ Dessa relação excluo o fecho do poema: *G.* 4.565: *carmina qui lusi pastorum audaxque iuuenta, / Tityre, te patulae cecini sub tegmine fagi*, “(sc. eu) que poemas brinquei de pastores e audaz pela juventude, / Títiro, te cantei sob a sombra de vasta faia”, já que se trata, não de uma referência interna ao próprio poema das *Geórgicas*, mas aos *carmina pastorum* das *Bucólicas*.

³⁹ Para o esclarecimento do que aqui entendo por “aspectos da matéria”, cf. Cap. 2, p. 82-86.

⁴⁰ Sobre os sentidos de *aestus* nesse passo de Manílio, cf. n. 45.

tivas por parte da *persona*, que não deixa de observar que “por meio de poesia” (cf. 4.436: *per carmen*) lhe cumpre “apresentar” “as leis fatais” (cf. 4.436: *mihi per carmen fatalia iura ferenti*, “por mim, em poesia as fatais leis expondo”), ou nos quais o que resulta de tal dificuldade é o requerimento feito à *persona discipuli*: “nem queiras doce poema” (cf. 3.38: *nec dulcia carmina quaeras*); em contextos, também, nos quais a *persona doctoris* atenta para a novidade não apenas de seu empreendimento, isto é, seu poema, na forma que este assume de “novos cantos” com os quais ela tentará “mover o Hélicon” (1.4-5: *primus [...] nouis Helicon mouere / cantibus*), mas para a novidade também do tratamento em poesia que seu poema dará à matéria astrológica, “obra” que assim lhe “surge, consagrada antes a nenhum / poema”⁴¹ (cf. 1.113-14: *Hoc mihi surgit opus non ullis ante sacratum / carminibus*, “Tal [é a] obra [que] me surge, consagrada antes a nenhum / poema”), bem como para a novidade (cf. 3.1: *In noua surgentem [sc. me]*) que há na introdução desse tipo de matéria — sobretudo na introdução de um certo aspecto dessa matéria (cf. n. 39) — na poesia (cf. 3.4: *in carmina*), que tem seu “território” e seus “limites” (cf. 3.3: *finis*) assim “alargados” (cf. 3.3: *extendere*) pela “ousadia” do poeta (cf. 3.1: *ausum [sc. me]*), que diz às Musas: “estender vossos territórios / procuro e ignotas riquezas levar à poesia” (*uestros extendere fines / conor et ignotos in carmina ducere census*, 3.3-4); em contextos, finalmente, nos quais a forma poética, segundo a ficção criada por Manílio, origina-se do próprio céu, quando é dito que “do alto do céu desce o canto” (*caelo descendit carmen ab alto*, 1.118), ou nos quais ela se manifesta como a forma de eleição do próprio *mundus*, já que este “deseja as etéreas riquezas por meio de poesia revelar” (*cupit aetherios per carmina pandere census*, 1.12), “comprazendo-se o céu no poema (ou “com o poema”) de seu próprio vate (*gaudente sui mundo per carmina uatis*, 2.142).⁴²

Ora, isso de o próprio *mundus* querer “revelar as etéreas riquezas” (*aetherios [...]* *pandere census*, 1.12) “por meio de poesia” (cf. 1.12: *per carmina*) é coerente com o que me parece dizer o verso 1.24 (*uixque soluta suis immittit uerba figuris*), o verso “críptico” do poema de Manílio⁴³ — de leitura e interpretação bastante problemáticas,⁴⁴

⁴¹ A posição de *carminibus* no verso 1.114, como *rejet* do verso anterior e última palavra do período (cf. 1.113-4: *Hoc mihi surgit opus non ullis ante sacratum / carminibus. Faueat magno fortuna labori*, etc.) parece-me igualmente significativa da importância da palavra.

⁴² Veja também: 1.10; 22; 91; 120; 256; 810; 2.60; 141; 713; 767; 965; 3.14; 93; 164; 586; 4.107; 442; 5.27; 174.

⁴³ A expressão (“críptico”) é de Volk (2002: 240).

⁴⁴ Os problemas são essencialmente os seguintes: (1) Sintaxe de *uix*: (a) Junto com *soluta*? (“palavras dificilmente soltas?”) (b) Junto com *immittit*? (“o céu dificilmente envia/admite palavras soltas?”) (c) Junto com ambos? (“dificilmente soltas palavras o céu envia/admite?”) (2) Sintaxe de *soluta*: (a) Inde-

como profusamente demonstraram já seus primeiros editores, anotadores⁴⁵ e tradutores⁴⁶ — e, de acordo com a leitura que faço (cf. *infra*), emblemático da referida tensão que acredito haver na construção do poema; cito-o, pois, novamente, em seu contexto:

pendente de *suis figuris*? (“palavras soltas o céu envia/admite para/a suas figuras”?) (b) Junto com (*ab/ex*) *suis figuris*? (“palavras soltas de suas figuras o céu envia/admite”?) (3) Sentido de *figuris*: (a) σχήματα τῆς λέξεως (du Fay; Housman; Goold)? (“o céu envia/admite palavras soltas para suas figuras de estilo”?) ou “palavras soltas de suas figuras de estilo o céu envia/admite”?) (b) Círculos, diagramas, constelações, (Bentley, van Wageningen, Liuzzi)? (“o céu envia/admite palavras soltas para suas formas/aspectos/diagramas”?) (4) Sintaxe de *figuris*: (a) Dativo (Housman), a ser lido como complemento de *immittit*? (“palavras soltas para suas figuras”) (b) Ablativo, sem preposição (*ab/ex*), a ser lido sintaticamente com *soluta*? (“palavras soltas de suas figuras”?) Cf. a paráfrase de du Fay (1679 *ad loc.*), que entende *figuris* como σχήματα τῆς λέξεως: “voces liberas a suis figuratis significationibus”) (5) Sentido de *immittit*: (a) Simplesmente “envia”, “lança”?) (cf. Man. 5.501 (“o céu envia palavras”) (b) Ou *immitti sinit* (Housman 1903 *ad loc.*), isto é, “permite”, “consente”?) (“o céu permite/admite/consente palavras”?) Veja, especialmente, o OLD, acepção 7 (“to grant entry to, let in. **b** to admit [to one’s ears]”), “deixar entrar” ou “admitir”, podendo aplicar-se o sentido “a” a seres animados (Liv. 21.8.8; Verg. *Ecl.* 2.59; Ov. *Met.* 4.186) e a “coisas inanimadas” (Var. *R.* 1.4.5; Vitr. 6.6.6; Ov. *Met.* 5.358; Stat. *Silv.* 2.3.71; Papin. *dig.* 8.2.40), como o ser ou a coisa que “é deixada entrar”; quanto ao ser ou coisa “em que” algo “é deixado entrar”, o OLD especifica com “em escritos” (“into writings”), exemplificando com o ablativo preposicionado (*in*) em Cic. *Orat.* 190: *hic corrector in eo ipso loco quo reprehendit (...) immittit imprudens ipse senarium*, e, sem precisar o caso, com o próprio verso 1.24 de Manílio, que também aparece, aliás, mal adaptado, porém, e confusamente traduzido, no Lewis & Short (cf. *s.v.*: verba suis immittere figuris, *to accommodate its modes of thought to the words*, Manil. 1, 24).

⁴⁵ Veja, por exemplo, Escalígero (1655 *ad loc.*): “Hoc dicit, tamquam, Mundus noua verba nouae materiae explicandae illi suggerat. Soluta ἔναρθηρα, & articulata verba dicit, quae vix sibi suggeri conqueritur: quia intacta Latinis Camenis materia. Itaque verba aegre sibi suppetere: & noua formanda, propter patrii sermonis egestatem, quod & Lucretius in nouae materiae incepto conqueritur. Figuras vocat notiones verborum, imitatione Graecorum qui χαρακτηρισμός dicunt” (“Diz isso como se o Céu [‘Mundus’] lhe sugerisse novas palavras para a explicação de nova matéria. Diz ‘soltas’ as palavras ἔναρθηρα e articuladas, as quais lamenta lhe serem dificilmente [‘vix’] sugeridas: porque é matéria [ainda] intocada pelas latinas Camenas. Assim [diz que] as palavras com dificuldade [‘aegre’] lhe ocorrem: e [que] novas [palavras] devem ser formadas, por causa da pobreza da língua pátria, o que também Lucrecio lamenta no empreendimento de nova matéria. ‘Figuras’ chama as noções das palavras, por imitação dos gregos, que dizem χαρακτηρισμός”); a paráfrase de du Fay (1679 *ad loc.*): “Nimirum caelum vasto suo ambitu obruit me cantantem cum certa mensura verborum, et agentem poetam; et vix sumministrat mihi voces liberas a suis figuratis significationibus” (“Sem dúvida o céu com seu vasto âmbito me oprime enquanto canto com medida certa de palavras e me porto como poeta; e a custo me provê de vocábulos livres de suas significações figuradas”); assim também as notas a 1.21-4, constantes na paráfrase: “*Aestu*: Animi dubitatione, ac aegritudine, i.e. difficultate, quam carmen et materia pariunt. Rem sane tractat, quae vix carmine tractari potest, tum propter materiae difficultatem, cum propter verborum inopiam. Unde ait III.31. ‘At mihi per numeros, ignotaque nomina rerum, Luctandum est’ (...); *Figuris*: Tropis, figurata significatione, vel mensuris, numeris, pedibusque, quibus carmina solent constringi. Quasi verba propria sibi desint ad tantas res canendas, puta, caelorum census, ordines, stellas, figuras siderum, nomina, ortus, occasus, aspectos, conjunctiones, oppositiones, &c. Unde III.33. ‘Dicere quantum est, Ordine quid proprio? pedibus quid jungere certis? Ornari res ipsa negat contenta doceri; et si qua externa referuntur nomina lingua, Hoc operis, non vatis erit. Non omnia flecti Possunt, et propria melius sub voce notantur” (“*Aestu*: com a hesitação do espírito, e com preocupação, isto é, com a dificuldade que o canto e a matéria produzem. De fato, trata de matéria que dificilmente pode ser tratada em poesia, não só pela dificuldade da matéria, mas, sobretudo, pela falta de palavras. Daí diz em 3.31: *At mihi per numeros, ignotaque nomina rerum, Luctandum est* (...); *Figuris*: com tropos, com significação figurada, ou com medidas, ritmos e pés, com que os poemas costumam ligar-se. Como se lhe faltassem as palavras apropriadas para cantar tamanhas matérias como, por exemplo, as riquezas do céu, as ordens, as estrelas, as figuras dos astros, seus nomes, ascensões, ocasos, aspectos, conjunções, oposições, etc. Daí (o que diz em) 3.33: *Dicere quantum est, Ordine* [cf. Housman 1916, Goold 1998 e Flores 2001: *carmine*] *quid proprio? pedibus quid jungere certis? Ornari res ipsa negat contenta doceri; et si qua externa referuntur nomina lingua, Hoc operis, non vatis erit. Non omnia flecti Possunt, et propria melius sub voce notantur*”); Bentley (1740 *ad loc.*): “Interpretantur *soluta*, ἔναρθηρα, articulata verba. Tu intellige prosaica. Vix oratione prosa tradi possunt astrono-

Bina mihi positis lucent altaria flammis,
 ad duo templa precor duplici circumdatus aestu
 carminis et rerum: certa cum lege canentem
 mundus et immenso uatem circumstrepit orbe
 uixque soluta suis immittit uerba figuris (Man. 1.20-4)

mica; quanto difficilius versibus? (...) *Suis figuris*, id est, suis circulis et diagrammatis; sine quibus astronomica tradi et doceri nequeunt” (“A expressão quer dizer palavras ‘soltas’, *ἔναρθρα*, ‘articuladas’. Entenda-se ‘em prosa’. Dificilmente a matéria astronômica pode ser transmitida em prosa; quanto mais dificilmente em versos? (...) *Suis figuris*, isto é, com seus círculos e diagramas, sem os quais a matéria astronômica não pode ser transmitida e ensinada”); e Housman (1903 *ad loc.*), que explica a forma *immittit* como equivalente de *transmittere* ou *admittere*, e entende *figuris* no dativo: “uix soluta uerba, nedum numeris astricta, in proprias figuras (*τὰ σχήματα τῆς λέξεως*, ita IV 805 *nominaque innumeris uix complectenda figuris*) cogit patitur (sc. mundus). *Soluta* prosa esse iam Bentleius intellexit, in figurarum nomine aberrans; mirifice fallitur Scaliger eumque secuti interpretes” (“dificilmente palavras soltas, e ainda menos [sc. se] amarradas a medidas, [sc. o céu] admite que sejam forçadas às suas próprias [sc. do céu] figuras [sc. *figuras de palavra*, como em 4.805: *nominaque innumeris uix complectenda figuris*, “e nomes compreensíveis tão-só por inúmeras figuras [sc. “maneiras de falar”]”). *Soluta* já Bentley entendia equivaler a ‘prosa’, errando, porém, na [interpretação da] palavra ‘figuras’; surpreendentemente Escalígero engana-se, e os leitores que o seguiram”); diferentemente, Schrijvers (1983: 148), que assim traduz e comenta Man. 1.22-4: “Maintenant que le *vates* chante selon une loi fixe, le monde dans sa révolution immense fait lui-aussi (23 *et*) du bruit autour de lui et n’admet guère de mots en prose (*soluta uerba*) à ses constellations”; n. 22: “On regrette que M. Goold ait encore suivi l’interprétation si bizarre de Scaliger et Housman (*figurae = figurae verborum*)”.

⁴⁶ Veja, por exemplo, Pingré (1786): “et l’univers, faisant retentir autour de moi le bruit imposant des parties qui le composent, m’offre des objets, qu’il seroit à peine possible de décrire (cf. ed. Nisard 1812: “qu’on pourrait à peine décrire”) dans un langage affranchi des entraves de la poésie”; Goold (1977): “The poet must sing to a fixed measure, and the vast celestial sphere rings in his ears besides, scarce allowing even words of prose to be fitted to their proper phrasing”; Scarcia (2001): “Al vate che canta com fissa misura è intorno / il fragore dell’universo nel suo orizzonte imenso, che poco / anche in parole prive di legge consente di calare le sue forme”; Liuzzi (1991-7): “il vate canta secondo rigorose leggi, / il cielo risuona anche lui, secondo la sua infinita orbita, intorno a quello, / e a stento lascia che parole non metriche si adattino alle sue figure”. Além dessas, dignas de nota são também duas outras (injustamente esquecidas em meio a protocolares referências bibliográficas dos estudiosos de Manílio), ambas em verso, ambas rimadas, a partir das quais se entrevê como o verso “críptico” (cf. n. 43) de Manílio foi entendido: trata-se da tradução de Thomas Creech (1697), em decassílabos, que assim verte Man. 1.20-4:

Two Temple’s rais’d with sacred Incense shine,
 I bow at Natur’s and the Muses shrine;
 Both aids I need, for double Cares do throng,
 And fill my Thought, the Subject and the Song:
 And whilst I’m bound to Verse with Orbs immense
 The World rouls round me, and distracts my sense;
 Vast is my Theme, yet unconceiv’d, and brings
 Untoward words scarce loosned from the Things.

e daquela de Louis Ricouart (1883), em alexandrinos, para os mesmos versos:

Deux temples de leurs feux éclairent mes débuts :
 Je prie à deux autels, deux flammes m’environnent :
 Le chant et le sujet. Car les mondes résonnent
 Cependant que ma voix, au rythme limité,
 Se perd dans le concert de cette immensité,
 Et c’est l’accord des cieux que répète ma lyre.

(Dois altares para mim luzem de acesas chamas, a dois templos suplico, por duplo ardor circundado, do poema e da matéria: [e] com regra fixa a cantar o céu com o imenso orbe em volta do vate estrepita e dificilmente soltas palavras admite para suas figuras.)

A forma como acima o traduzi (“e [sc. o céu] dificilmente soltas palavras admite para suas figuras”) não resolve ambiguidades nem precisa o léxico; é forma de traduzir que mais sugere do que indica um sentido particular, no caso da palavra “figuras” (*figuris*), e mais decalca do que interpreta o original, assim no caso da expressão “soltas palavras” (*soluta uerba*), que bem poderia traduzir-se por “prosa”, como no caso da disposição das palavras na tradução. Assim, a interpretação que penso ser a mais adequada — tanto ao contexto imediato em que se lê o verso (1.20-4), quanto ao que é dito, em particular, conforme apontei acima, em 1.10-11 (*iam propiusque fauet mundus scrutantibus ipsum / et cupit aethrios per carmina pandere census*, “e já de perto favorece o céu aqueles que o escutam / e deseja as etéreas riquezas por meio de poesia revelar”) — é aquela que prende *uix* a *immittit* (“mal/dificilmente admite”) e que toma *suis figuris* como designação genérica das “formas” celestes: seus círculos, suas constelações, os aspectos formados por estas, todas as partes e desenhos, enfim, da cosmografia por trás da exposição astrológica de Manílio. Desse modo, completando-se agora a leitura que fiz desses versos acima, “mal/dificilmente (o céu) admitir” “palavras soltas”/“a prosa” “para suas formas/figuras” pressupõe o entendimento de que o *meio*, para a expressão de “suas formas/figuras” deva ser, por vontade sua (cf. 1.11-12: *mundus [...] / [...] cupit*),⁴⁷ o das palavras, por assim dizer, “não soltas”, isto é, o *poético*.⁴⁸

⁴⁷ Assim é como entendem também, por exemplo, Liuzzi (1991-7 *ad loc.*) e Caldini-Montanari (1999: 75); por outro lado, há também a interpretação que encarece não a “vontade” do próprio céu (cf. 1.11-12: *mundus [...] / [...] cupit*), mas a *dificuldade do poeta* no tratamento em verso de uma matéria já difícil de tratar em prosa: cf. Bentley (1740 *ad loc.*): “Vix oratione prosa tradi possunt astronomica; quanto difficilius versibus?” (“Dificilmente a matéria astronômica pode ser transmitida em prosa; quanto mais dificilmente em versos?”) e Housman (1903 *ad loc.*): “uix soluta uerba, nedum numeris astricta, in proprias figuras (= τὰ σχήματα τῆς λέξεως) cogit patitur (sc. mundus)” (“dificilmente palavras soltas, e ainda menos [sc. se] amarradas a medidas, [sc. o céu] admite que sejam forçadas às suas próprias [sc. do céu] figuras [sc. *figuras de palavra*]”). A dificuldade de tal labor, que o poeta aí pressupõe e que noutros momentos declara abertamente (cf. 3.26-42; 4.431-42), é algo que justifica ainda outra leitura, que atenta para certo “orgulho” ostensivo de Manílio em eleger tal tipo de matéria; é o caso, por exemplo, de Lanson (1887: 68-9), que compara a “arrogância” de Manílio à “modéstia” de Lucrecio na declaração que ambos fazem sobre a necessidade de lidarem com matéria difícil (cf. Man. 3.31-5; 4.430-3, 441-2; Lucr. 1.136-45); cf. também Landolfi 2003: 61-76.

⁴⁸ Difícil é não lembrar aqui o pensamento de Cleantes (IV-III a.C.), como se depreende dos testemunhos de Filodemo e Sêneca: cf. *SVF* I 486 (Arnim 1964): Philodem. *de musica* col. 28, l p. 79 Kemke: εἰ μὴ τὸ πᾶρὰ Κλεάνθου λέγειν (τάχα) θελήσουσιν, ὅς φησιν (ἀμείνω(νά) τε εἶναι τὰ ποιητικὰ | καὶ μ(ου)σικὰ παραδείγματα | καί, τοῦ (λόγου) τοῦ τῆς φιλοσοφίας ἰκανῶ(ς) μὲν ἐξαγγ(γ)έλλιν δυναμένου τὰ θε(ῶ)ν καὶ | ἀ(ν)θ(ρ)ώπινα), μὴ ἔχον(τ)ος δὲ | ψεῖλοῦ τῶν θεῶν μεγεθῶν | λέξεις οἰκείας, τὰ μέτρ(α) καὶ | τὰ μέλη καὶ τοὺς ῥυθμοὺς | ὡς μάλιστα προσκινεῖσθαι | πρὸς τὴν ἀλήθειαν τῆς τῶν | θεῶν θ(ε)ωρίας, “Se não quiserem talvez dizer o [que se lê] em Cleantes, que diz serem melhores os exemplos poéticos e musicais e, sendo o discurso da filosofia capaz de comunicar adequadamente as coisas divinas e humanas,

Evidentemente, tal “vontade” do *mundus* não é senão um elemento da “ficção” do poema de Manílio,⁴⁹ em que a *persona doctoris* também tem sua parte, na forma do vate que ouve o “estrépito” do céu a sua volta (1.23) e canta *certa cum lege* (1.22). Ocorre que tal ficção — coerente como é dentro da perspectiva filosófica mais ampla do poema, em virtude da cognação entre o vate, o *mundus* e o *discipulus* — é problemática, porém, num ponto fundamental, o qual serve, ademais, para assinalar um aspecto do poema de Manílio que bem o distingue do de Lucrecio e das *Geórgicas* de Vergílio: se o vate é o portador e transmissor das palavras que o céu lhe envia ou consente, nem por isso sua função se resume à de neutro *meatus* pelo qual o *carmen* celeste “passa”, em sua “descida” (cf. 1.118), num percurso como que de revelação mística ou “inspirada” dos sagrados saberes astrológicos, na forma que estes assumem das “palavras verdadeiras” (cf. 3.37: *ueras [...] uoces*) que o *discipulus* deve saber ouvir (cf. 3.36-9) e ter em maior conta que “doces poemas”, os quais ele deve, então, deixar de querer (cf. 3.37-8: *ueras [...] percipe uoces / [...] nec dulcia carmina quaeras*); mais que isso, ao vate criado por Manílio cumpre a “exposição” da doutrina astrológica — sempre dentro da perspectiva filosófica geral em que o poeta introduz e adapta esta última⁵⁰ — “por meio de poesia”; isso significa que o vate, dentro dessa “ficção”, responde não pela simples *transmissão* de um dado pronto que o céu lhe “envia” — genericamente, a *res* ou a *materies* (cf. 1.22: *rerum*; 3.39: *res*; 3.29: *materies*); particularmente, as *figurae* celestes (cf. 1.24: *figuris*; *infra*, p. 45) —, mas pela *confeção* da expressão *poética* que a “exposição” da doutrina astrológica deve imperativamente assumir; ou mais precisamente, pela *confeção* da expressão poética de uma *res* e de uma *materies* já dotada, até certo ponto, de uma *forma* ou de uma *expressão* já “ditada” pelo *mundus* (cf. 2.124: [*natura*]

não tendo, (porém,) simples [que é], a natural elocução dos grandes deuses, acercarem-se mais da verdade os metros e os cantos e os ritmos no estudo das coisas divinas”; já Sêneca, em seu testemunho, atenta especialmente para a *clareza* que a poesia produz na expressão dos pensamentos: cf. Sen. *Ep.* 108.10.1-5: *Nam, ut dicebat Cleanthes, quemadmodum spiritus noster clariorem sonum reddit, cum illum tuba, per longi canalis angustias tractum, patentiore novissimo exitu effudit, sic sensus nostros clariores carminis arta necessitas efficit*, “Pois, como dizia Cleantes, do mesmo modo que nosso sopro emite um som mais claro quando, fazendo-o passar pela estreiteza do longo canal de uma tuba, deixa-o sair por sua extremidade mais aberta, assim também a estreita lei (*necessitas*) do carme faz mais claros nossos pensamentos”. Para uma interpretação dos versos 1.22-4 de Manílio à luz do pensamento de Cleantes, cf. especialmente Schrijvers 1983, esp. 150: “A notre avis le premier sens de *certa cum lege* [sc. Man. 1.22; cf. *infra*, n. 51] doit être 'loi fixe de la métrique', mais cette expression est aussi ambiguë et fait entendre un 'overtone' cosmique. (...) Aux vers 22-24 Manilius donne en quelque sorte une exégèse des mots de Cléanthe (...). La musique du monde et le monde de la musique s'accompagnent mutuellement”; cf. também De Lacy 1948: (esp.) 270-1.

⁴⁹ Ao dizer “ficção” assim, entre aspas, refiro-me ao sentido mais técnico da palavra como “fabricação”, “confeção”, sem implicar nenhuma apreciação quanto ao valor de verdade ou falsidade que venha a ser inerente ao objeto “fabricado”, “confeccionado”.

⁵⁰ A esse respeito, cf. Volk 2009: 226-51; *supra*, n. 20.

tantum dictasset opus), que “quer revelar as riquezas etéreas por meio de poesia” (1.11-12) e, para tanto, “difícilmente admite palavras soltas” (1.24) e, assim, *certa cum lege* “estrepita em redor do vate”, o qual canta, por sua vez, também⁵¹ *certa cum lege* (1.22-3). Assim, Manílio cria em seu poema uma *persona doctoris* que se mostra ao mesmo tempo como um *vate* que *expõe* ou *mostra*, por meio de “palavras verdadeiras”, os saberes da doutrina astrológica e como um *vate-poeta* que, ainda que parcialmente, *compõe* ou *confecciona* — de acordo com a vontade e mesmo as ordens do céu, bem como com as limitações *éticas* e *técnicas* (cf. *infra*, p. 46) decorrentes destas — a expressão poética de tal *exposição* ou *demonstração*. É bem a natureza tensa de sua condição que a *persona* de Manílio está a sugerir, a meu ver, por meio dos versos 1.20-4, citados e traduzidos em destaque acima, nos quais a posição mesma da palavra *uatem* (cf. 1.23: *mundus et immenso uatem circumstrepit orbe*), “circundada” como está pelas demais palavras, e sua forma, declinada como está em caso oblíquo, sugerem a qualidade complexa da relação entre o vate e o *mundus*: este não se resume a simples matéria ou objeto que aquele como sujeito “espontaneamente” canta; mais que isso, o vate, sendo em princípio sujeito que “canta com regra fixa” (cf. 1.22-3: *certa cum lege canentem* / [...] *uatem*), se vê ao mesmo tempo na condição de “objeto”, pois o *mundus*, sendo em princípio matéria ou objeto do vate (sua *res*: cf. 1.22: *rerum*), é ao mesmo tempo o “sujeito” a “estrepitar” — *certa cum lege* — ao seu redor, obrigando-o à exposição das *figurae* celestes por meio da poesia.

Ora, é essa condição complexa da *persona doctoris* das *Astronômicas* que, a meu ver, cria certas disjunções e mesmo incoerências ao longo do poema, já que, dentro da “ficção” elaborada por Manílio, o *opus* não é apenas resultado da confecção do poeta, mas é também, em certo limite, resultado de um “ditado” celeste (cf. 1.3: *caelestis rationis opus*, “obra da razão celeste”; cf. *supra*, p. 25) que cumpre ao vate *referir* ou *mostrar* ao discípulo. Assim, a tensão que existe na constituição da *persona doctoris* se transfere à natureza de suas funções: de um lado, ela é o vate, a quem cumpre *mostrar* os saberes astrológicos ao discípulo por meio de poesia, já que essa é uma determinação celeste que deve ser cumprida, por assim dizer, com “piedade” (cf. 4.430-42; *infra*, p. 47);⁵² de outro, ela é o vate-poeta, a quem cumpre *confeccionar* o *opus*, segundo os li-

⁵¹ Sobre a sintaxe de *certa cum lege* no passo de Manílio, cf. Volk 2002: 235-6.

⁵² Sobre as noções de “piedade” e “impiedade” na cosmologia de Manílio, cf. Volk 2001, que examina a oposição entre o “crime” (cf. Man. 1.127: *nefas*) de “capturar e trazer o céu para baixo contra sua vontade” (cf. 2.127-8: *inuitum prendere mundum / et [...] captum deducere in orbem*) e a ideia de que o próprio céu “favorece àqueles que o escutam” (cf. 1.11: *fauet mundus scrutantibus ipsum*), sendo a própria di-

mites e imposições celestes, mas que por vezes “excursiona” ou “voa” (cf. n. 18), como *poeta*, para fora de tais limites, pois, como tal *persona* reconhece:

Iuuat ire per ipsum
aera et immenso spatiantem uiuere caelo
signaque et aduersos stellarum noscere cursus.
quod solum nouisse parum est. impensius ipsa
scire iuuat magni penitus praecordia mundi,
quaque regat generetque suis animalia signis
cernere et in numerum Phoebos modulante referre. (1.13-19)

(Apraz ir através do próprio ar e viver passeando pelo céu imenso, e os signos e os opostos movimentos dos planetas conhecer. Mas só conhecer isso é pouco. Apraz ainda mais compreender profundamente o próprio coração do grande céu, entender de que modo ele governa e gera os seres vivos por meio de seus signos, e em ritmo, com a modulação de Febo, referir.)

O “prazer” — inerente aqui à ciência e à confecção do *carmen* que a transmite — completa assim o quadro de “experiências”, por assim dizer, da *persona* de Manílio na execução de sua obra: ela é o vate que *religiosamente* ou *piamente* se dirige a dois altares, a dois templos, junto aos quais *suplica* (cf. 1.20-1; 21: *precor*), “circundado” por “duplo ardor” (cf. 1.21: *duplici circumdatus aestu*; cf. n. 45), orgulhoso de sua tarefa (cf. 2.136-44; *supra*, p. 29); mas é também alguém que afirma haver prazer em “conhecer os signos e os opostos movimentos dos planetas” (1.15), em compreender “de que modo”, com tais signos, o céu “governa e gera os seres vivos” (1.18), e em “referir”, enfim, esse conhecimento “em ritmo”, “estando Febo a modular” o canto (cf. 1.19: *in numerum Phoebos modulante referre*).

Na perspectiva, então, em que o vate executa sua tarefa da forma mais “pia”, seu canto visa a *mostrar* a matéria ao discípulo, o que equivale a dizer que seu *carmen*, nesse caso, ambiciona (ou acredita limitar-se a) *expor* ao discípulo como que a *res* bruta, isto é, sem ornamentação: trata-se de propiciar ao discípulo a oportunidade para que este “ouça” (cf. 3.36-7) e conheça as *uerae uoces* (cf. 3.37) provindas do céu, mesmo quando isso signifique que lhe será necessário um grande esforço de inteligência (cf. 3.36-42; 4.387-407; 866-935); é o que ocorre, por exemplo, quando o vate-poeta diz que a maté-

vindade celeste que “se abre” e “se oferece” a seus sacerdotes (cf. 1.50: *deus ipse [...] patuit*; 4.916-17: *ipse deus [...] / [...] se [...] ipsum inculcat et offert*). Volk acredita que, ao empregar a imagem da “captura” de um céu que resiste, Manílio está a seguir uma tradição que remonta ao tema poético da gigantomania (cf. também Innes 1979); com base nessa tradição, o poeta estaria a sugerir a “impiedade” que haveria na ação de “prender” o céu se este não se oferecesse “espontaneamente”. Num nível mais profundo de leitura, Volk lança a hipótese de que “sub-repticiamente” o poeta estaria apontando para certa tensão inerente à tarefa do “cientista”, a quem cumpre certa dose de “violência” contra seu objeto, a fim de poder “dominá-lo”, ainda que este por si mesmo já “se ofereça”.

ria, por si mesma, rejeita o ornato, *contenta doceri* (3.39), momento em que *docere* equivale a *monstrare* (cf. *infra*, p. 46). Na perspectiva, digamos, “menos pia”, o vate não apenas tenciona (ou se limita a) *docere* ou *monstrare* a matéria celeste: é o momento em que a *res* é tal, que “apraz” (cf. 1.13; 17: *iuuat*) cantá-la, ou “referi-la”, como ele diz, conforme a “modulação de Febo” (cf. 1.19: *Phoebo modulante*); nesse momento, então, é o prazer, e não mais a dificuldade, que se destaca no tratamento da matéria pelo vate-poeta, que se permite então “ir através do próprio ar” (cf. 1.13-14: *ire per ipsum / aera*), “passeando” ou “vagando” (cf. 1.14: *spatiantem*) pela imensidão do céu, “livre” (cf. 2.139: *liber*) e “como que levado em desimpedida órbita” (cf. 2.138: *uacuo ueluti uectatus in orbe*), num “passeio” que o levará, enfim, em sua “ousadia” (cf. 3.1: *ausum*; 5.10: *ausus*), a “subir para o etéreo carro” (cf. 5.10: *aetherios ausus conscendere currus*) e assim tocar o “cume” celeste:

Hic alius finisset iter signisque relatis
 quis aduersa meant stellarum numina quinque
 quadriiugis et Phoebus equis et Delia bigis
 non ultra struxisset opus, caeloque rediret
 ac per descensum medios percurreret ignes
 Saturni, Iouis et Martis Solisque, sub illis
 post Venerem et Maia natum te, Luna, uagantem.
 me properare etiam mundus iubet omnia circum
 sidera uectatum toto decurrere caelo,
 cum semel aetherios ausus conscendere currus
 summum contigerim sua per fastigia culmen. (5.1-11)

(Aqui um outro haveria terminado o caminho e, tendo apresentado os signos contra os quais os numes dos cinco planetas vão, e contra os quais também vai Febo em sua quadriga, e Délia em sua biga, não teria ele erguido ainda mais alto sua obra; retornaria do céu e, assim descendo, atravessaria, ao meio do caminho, os fogos de Saturno, de Júpiter, de Marte e do Sol, e, abaixo desses, a ti, Lua, que vagas em seguida a Vênus e ao filho de Maia. Pois o céu ainda manda que, transportando-me em volta das estrelas todas, eu me apresse em percorrer toda a extensão do céu, uma vez que, ousando subir para os etéreos carros, alcancei o elevado cimo, em seus píncaros.)

Se acima, porém, traduzo em destaque o contexto inteiro dos versos 5.1-11, é para atentar justamente para a natureza ambígua da “ousadia” desse vate-poeta, pois, se por um lado ele se mostra “livre” (cf. 2.138-9: *uacuo ueluti uectatus in orbe / liber agam currus*, “como que levado em desimpedida órbita / livre guiarei o carro”),⁵³ e “ousado” ao subir para seu “etéreo carro” (cf. 5.10: *aetherios ausus conscendere currus*), nem por isso deixa de estar a cumprir — dentro da ficção criada por Manílio — uma

⁵³ Ainda que sua “liberdade”, aqui, diga respeito mais a sua declaração de originalidade, numa imagem típica da poesia alexandrina: cf. Landolfi 2003: 11-59; *supra*, n. 18.

determinação e uma ordem celeste,⁵⁴ uma vez que é o *mundus* que o “manda” (cf. 5.8: *me [...] mundus iubet*) “apressar-se” (*properare*) em torno dos demais astros ainda não tratados em seu *carmen* (isto é, as constelações não-zodiacais). A conciliação entre prazer, liberdade e ousadia, de um lado, e sujeição ao *fatum*⁵⁵ e aos imperativos do *mundus*, de outro, não é algo que se resolva satisfatoriamente na constituição da *persona doctoris* do poema de Manílio, estando aí, a meu ver, a fonte de suas principais tensões.⁵⁶

Assim é que, já em vários dos momentos em que atenta para a *forma* poética de sua exposição astrológica, como procurei demonstrar (cf. *supra*, p. 33), esse vate-poeta emprega um vocabulário que identifica, de um lado, como que um “ideal” de expressão e, de outro, um “limite” — técnico e/ou ético (cf. *infra*, p. 46) — para esta: é quando, por exemplo, diz que a “variada natureza dos astros deve ser *designada* / em poesia” (cf. 2.150-1: *astrorum uaria est natura notanda / carminibus*), ou que as *partes damnandae* dos signos (isto é, os graus perniciosos destes; cf. *infra*, p. 45; Cap. 2, p. 120-134) devem ser por ele “*assinaladas* em poesia adequada” (cf. 4.430: *signandae proprio sunt carmine partes*), circunstância em que a *gratia* de sua expressão não será pequena se “ao menos puder *assinalar* o que era para *cantar*” (cf. 4.441-2: *nec parua est gratia nostri / oris, si tantum poterit signare canenda*), já que sua matéria ou sua “figura” (cf. *infra*, p. 45) — nesse caso, uma série longa de números (4.408-501) — “não [sc. lhe] é dada para *forjar*, [mas] somente para *mostrar*” (cf. 4.438: *nec fingenda datur, tantum monstranda figura*). Penso que essas duas noções — sintetizadas pelo poeta numa categórica oposição entre *fingere* e *monstrare* no verso 4.438 (cf. *infra*) — correspondem à natureza igualmente dupla da *persona doctoris* das *Astronômicas*, dividida como está entre essas duas funções. É o que procuro examinar com maior detalhe a seguir.

⁵⁴ Como introdução ao estudo particular das relações entre a “vontade” pessoal e o determinismo do destino no interior do pensamento estoico, tema que não aprofundo aqui, cf. Long 1971; Bobzien 1998; Sedley 2009.

⁵⁵ Entre outros exemplos de tal sujeição, veja-se:

Nemo carere dato poterit nec habere negatum
 fortunamue suis inuitam prendere uotis
 aut fugere instantem: sors est sua cuique ferenda. (4.20-2)

(Ninguém poderá carecer do que lhe foi dado nem ter o que lhe foi negado, ou constranger a fortuna por meio de rogos, ou escapar-lhe quando ela o acossa: cada um deve suportar a própria sorte.)

⁵⁶ A esse respeito, cf. Neuburg 1993: 257-76; Volk 2002: 204-6 e 2009: 207-9.

1.3. Entre *fingere* e *monstrare* .

Ao apresentar as diferentes hipóteses sobre a origem do universo (1.122-46), o vate de Manílio apresenta aquela de Heráclito, segundo a qual “o fogo e as brilhantes chamas fabricaram a obra (sc. o mundo), / chamas que fizeram os olhos do firmamento, que habitam / todo o corpo (sc. da matéria) e formam os raios vibrantes no céu” (1.132-4: *siue ignis fabricauit opus flammaeque micantes, / quae mundi fecere oculos habitantque per omne / corpus et in caelo uibrantia fulmina fingunt*). O uso de *fingunt* (1.134), nesse caso, tem como sujeito da operação as *flammae micantes* (1.132), que “formam” os raios vistos no céu, feitos assim do fogo, que, segundo essa teoria, criou o universo (1.132: *siue ignis fabricauit opus*): o verbo exprime, como equivalente de *fabricare* ou *facere*, a noção de criação, ou formação, de algo que antes não havia, pois se trata da origem mesma do universo. Uso semelhante ocorre noutros passos (cf., por exemplo, 1.143). Mas o mesmo verbo (ou algum cognato seu) é usado, por exemplo, para descrever o processo mediante o qual um signo “forma” ou “plasma” um caráter humano (cf., por exemplo, 5.61; 220; 344; 537); ou para dizer que a *mens* humana “forma” ou “imagina” a metade sul do orbe celeste, invisível que é aos olhos, como apoiada numa constelação e num vértice semelhantes aos que os olhos podem efetivamente observar na metade norte desse orbe (cf. 1.455: *tam signo simili fultum [sc. orbem] quam uertice fingit*); ou para descrever a produção de um objeto falso, de um “duplo”, por meio da imitação: tal é o caso do arrogante Salmoneu (cf. 5.91-6), que, “imitando o céu na terra” (5.91: *caelum imitatus in orbe*), creu ter podido “expressar” o som do céu (5.93: *expressisse sonum mundi sibi uisus*) e assim “trazer” o próprio Júpiter para a terra (5, 93-4: *et ipsum / admouisse Iouem terris*); como “forjou raios” (5.94: *fulmina fingit*) na intenção de imitar os de Júpiter, Salmoneu é punido com a morte, vindo desse modo a “aprender” o verdadeiro Júpiter (cf. 5.96: *morte Iouem didicit*):

hinc mihi Salmoneus (qui caelum imitatus in orbe,
pontibus impositis missisque per aera quadrigis
expressisse sonum mundi sibi uisus et ipsum
admouisse Iouem terris, dum fulmina fingit
sensit, et immissos ignes super ipse secutus
morte Iouem didicit) generatus possit haberi. (5.91-6)

(Daí [sc. da constelação de Heníoco, o Cocheiro, surgindo aos 15° de Áries: cf. 5.67-8] é que Salmoneu — que, imitando na terra o céu, pondo sua quadriga sobre uma ponte e dirigindo-a pelo bronze da ponte a fora, pareceu-lhe haver reproduzido o som do céu e trazido o próprio Júpiter ao orbe da terra; imitando os raios, experimentou-os de verdade e, em seguida aos fogos

lançados de cima, com sua morte tomou conhecimento de Júpiter — poderia considerar-se gerado)

Ocorre que, no quarto livro, ao referir as dificuldades do tratamento em verso das *partes damnandae* dos signos (4.430-43), de modo semelhante como já antes fizera noutro contexto (cf. 3.31-5), o poeta opõe, conforme já observei (cf. *supra*, p. 43), a noção de *fingere* à de *monstrare*: “a figura não é dada para *forjar*, [mas] somente para *mostrar*”, *nec fingenda datur, tantum monstranda figura* (4.438):

hae mihi signandae proprio sunt carmine partes.
 sed quis tot numeros totiens sub lege referre,
 tot partes iterare queat, tot dicere summas,
 perque paris causas faciem mutare loquendi?
 <dum canimus uerum, non aspera ponere, ut illis>⁵⁷
 incidimus, sic uerba piget; sed gratia derit,
 in uanumque labor cedit quem despicit auris.
 sed mihi per carmen fatalia iura ferenti
 et sacros caeli motus ad iussa loquendum est,
 nec fingenda datur, tantum monstranda figura.
 ostendisse deum nimis est: dabit ipse sibimet
 pondera. nec fas est uerbis splendescere mundum:
 rebus erit maior. nec parua est gratia nostri
 oris, si tantum poterit signare canenda. (4.430-42)

(Tais partes devem ser por mim designadas em poesia adequada. Mas quem seria capaz de referir, sob a lei da poesia, tantos números tantas vezes, tantas partes repetir, tantas somas dizer, e ao longo de assuntos iguais variar o estilo da linguagem? *Enquanto cantamos o que é verdadeiro, escrever palavras duras não é, quando nelas tocamos, razão para enfado; mas lhe faltará graça e no vazio cai o esforço que o ouvido despreza. Mas por mim, que na poesia apresento as leis do destino e os sagrados movimentos do céu, deve ser falado conforme tais leis; e não para que se imagine, mas para que se mostre, é que a figura permite. Ter desvendado a divindade é demais: ela mesma dará a si seus poderes, sua autoridade. Nem é direito fazer pelas palavras que o céu adquira brilho: será ele maior pela sua realidade. Nem é pequena a graça de nossa palavra, se somente ela puder designar aquelas coisas que eram para ser cantadas.*)

Aqui, *figura* é a forma que aponta — ainda que de modo vago (como é frequente em Manílio: cf., mais uma vez, 1.24; *supra*, p. 35) — para a matéria a ser ensinada: no contexto dos versos 4.430-43, tal matéria é genericamente referida como “as leis fatais” (cf. 4.436: *fatalia iura*) e os “sagrados movimentos do céu” (cf. 4.437: *et sacros caeli motus*), ou ainda o “deus” (cf. 4.439: *deum*), o “mundo” (cf. 4.440: *mundum*), mas corresponde, especificamente, às *partes damnandae* (4.443: *damnandae [...] per sidera partes*), a saber, os graus malfazejos de cada signo do zodíaco, uma série longa de números

⁵⁷ Housman (1920 *ad loc.*) acredita que um ou mais versos faltam *post* 4.433; o que vem entre chaves (< >) no texto latino é sugestão de Goold (1998), que distingui em itálico na tradução.

que o poeta terá de “assinalar” em “poesia apropriada” (cf. 4.430: *hae mihi signandae proprio sunt carmine partes*). Ao enunciar, assim, essa parte de sua matéria, o vate-poeta faz um breve excuro sobre a dificuldade que impende sobre seu trabalho e o risco de que este resulte vão: a dificuldade está em “referir tantos números tantas vezes sob a lei (sc. da poesia)” (cf. 4.431: *tot numeros totiens sub lege referre*), em “repetir tantas partes (sc. graus)” (cf. 4.432: *tot partes iterare*), em “dizer tantas somas” (cf. 4.432: *tot dicere summas*) e em ser capaz, enfim, de “mudar a face da expressão” ao enunciar as mesmas coisas (cf. 4.433: *perque paris causas faciem mutare loquendi*); o risco de que o trabalho seja em vão, por sua vez, deve-se ao possível desprezo que o “ouvido” (do leitor-discípulo) terá pelo labor do poeta se a este faltar “graça” no tratamento de tantos números (cf. 4.434-5: *sed gratia derit, / in uanumque labor cedit quem despicit auris*, “mas [sc. se] graça faltar, / em vão se vai o labor que o ouvido despreza”). Dizer, então, que a *figura* só admite ser “mostrada” (cf. 4.438: *tantum mostranda*) é o argumento que o poeta apresenta para justificar a possível ausência de “graça” em seus versos no tratamento daqueles números; é argumento, aliás, parecido àquele já usado noutro momento, quando se tratava de justificar o emprego de palavras estrangeiras no tratamento das doze *operum sortes* (cf. 3.75), os *athla* (cf. 3.162): “isso (sc. de empregarem-se palavras estrangeiras) será (sc. em razão) da obra, não do vate” (3.40-2: *hoc operis, non uatis erit*): num caso como no outro, a natureza da matéria, da *res*, é tal, que não admite variações em sua expressão, ou admite muito poucas, quer porque “nem todos (sc. os nomes estrangeiros) podem ser traduzidos, / e (sc. mas) na própria língua (sc. original) melhor se designam” (cf. 3.41-2: *non omnia flecti / possunt, et propria melius sub uoce notantur*; cf. Cap. 2, p. 111-118, para os “nomes”), quer porque a *figura*, nesse caso em particular os números correspondentes às *partes damnandae* dos signos (cf. Cap. 2, p. 119-140, para os “números”), não admite variações nos *uerba* que a exprimem, ou admite muito poucas, daí vindo a dificuldade, para o poeta, em “mudar a face da expressão” (cf. 4.433: *faciem mutare loquendi*).

Ora, no contexto dos versos 4.430-43, a exemplo do que faz também noutros passos, o poeta menciona o aspecto *específico* de sua matéria como forma de justificar, de um ponto de vista técnico ou *poético*, os limites de sua expressão; mas ao rememorar o aspecto, digamos, *genérico* de sua matéria, como acima referi (4.436: *fatalia iura*; 437: *sacros caeli motus*; 439: *deum*; 440: *mundum*), isso lhe vale para justificar sua expressão também num plano ético e religioso: com efeito, a *figura*, sendo já o resultado

de um ato de criação ou formação (cf. lat. *fig-/fic-/fing-*⁵⁸) — nesse caso, um ato de criação ou formação *divina* (cf. 1.24) —, é matéria (*res*) que se apresenta ao vate, por assim dizer, já “formada” pelo deus, isto é, já pronta ao nível mesmo da forma (*uerba*); nessas condições, a figura é dada (cf. 4.438: *datur*) ao poeta como algo que ele poderá apenas “mostrar” (ao leitor-discípulo), já sendo “demais” ter ele “exibido” o deus (4.439: *ostendisse deum nimis est*), pois este, e não o vate, é que dará a si mesmo seu poder e autoridade (4.439-40: *dabit ipse sibimet / pondera*), não sendo permitido que se faça derivar das palavras o brilho do *mundus* (4.440: *nec fas est uerbis splendescere mundum*), pois “por sua realidade” mesma é que ele será “maior” (4.441: *rebus erit maior*).⁵⁹

Assim, o tratamento “menos pio” da matéria, para o vate de Manílio, está, por exemplo, em *uerbis splendescere mundum* (4.440), isto é, em fazer que “por meio das palavras (sc. do vate) (sc. é que) brilhe o céu”, quando este *rebus erit maior* (4.441), “por sua realidade mesma (sc. é que) (sc. já) será maior”; ora, isso é dizer que não compete ao vate, nem muito menos lhe é concedido (cf. 4.440: *nec fas est*), confeccionar expressão que acrescenta à matéria celeste (cf. 4.441: *rebus*) aquilo que ela mesma já tem, a saber: peso (cf. 4.440: *pondera*), brilho (cf. 4.440: *splendescere*) e grandeza (4.441: *maior*), pois fazê-lo seria o mesmo que derivar do sucesso da elocução poética *humana* o peso, o brilho e a grandeza do *mundus*, quando, em vez disso — dentro da perspectiva filosófica das *Astronômicas* —, esses são atributos *divinos* que se derivam do *mundus* ou nele se observam, cabendo ao vate apenas “mostrá-los” a seu discípulo. Já num nível mais complexo de sua matéria, quando esta não se limita mais a nomes ou números (cf. *infra*, p. 53) que o vate deve “mostrar”, o tratamento poético que o vate lhe dispensa — agora não apenas no nível da expressão aplicada a uma *res*, senão também naquele, por assim dizer, da “invenção” poética da própria *res* — arrisca-se também a extrapolar os limites éticos da referida perspectiva filosófica do poema, que não consente contar a *história divina* do céu a partir do que se observa da vida *mortal* na terra;⁶⁰ a prova de que, para o vate, o procedimento deveria ser o contrário — vale dizer, a *história mortal e humana* é que se deriva da divindade geratriz do céu⁶¹ — é a censura que

⁵⁸ Cf. Ernout e Meillet 2001 s.v.

⁵⁹ Sobre a distinção que observo aqui entre uma matéria que brilha “por si mesma” e uma matéria que brilha em razão do ornato que se lhe acresce, cf. Cap. 2, p. 98-100.

⁶⁰ É claro que oposições como essa, entre “divino” e “mortal”, se devem ao aproveitamento que Manílio faz, de modo geral, não só do pensamento estoico, mas também do platonismo, igualmente presente nas distinções que o poeta observa, por exemplo, entre a experiência sensível do mundo e a natureza inteligível da atividade racional; cf. *supra*, n. 20, 21 e especialmente: Cap. 2, p. 92, n. 32.

⁶¹ Veja, por exemplo:

ele faz a histórias fantasiosas de catasterismos “imaginadas” ou contadas por poetas “em cujos poemas o céu nada mais é senão fábula, / e (sc. nos quais) a terra (sc. é que) compôs o firmamento, (sc. sendo) (ela) (, porém,) que depende dele” (cf. 2.37-8: *Quorum carminibus nihil est nisi fabula caelum / terraque composuit mundum quae pendet ab illo*).

As noções, então, de “criar”, “fabricar” ou “formar” tal como expressas pelo verbo *fingere* (e em suas formas cognatas) ocorrem em Manílio, conforme illustrei no início; mas nele também ocorre, sob o mesmo verbo, a noção de “forjar” ou “formar” um objeto por imitação, um objeto “duplo” e, daí, “falso” (isto é, por oposição, em princípio, a um “verdadeiro”): é o caso dos “raios” forjados por Salmoneu, em sua tentativa *ímpia* de imitar os de Júpiter. O fato é que, tanto num caso como noutro, a noção de “falsidade” do objeto produzido não está precisamente na operação do *fingere* em si mesma: ela está, digamos, na *intentio auctoris*: no caso do fogo criador, sua *intentio*, por assim dizer, ou antes, a *intentio* da alma divina do mundo, é criar a matéria do universo (cf. 1.130: *perfecit*; 132: *fabricavit*; 133: *fecere*; etc.); no caso do deus, é criar a *figura*, essa combinação precisa e única de conteúdo e forma, dando-a em seguida a seu

Iam nusquam natura latet; peruidimus omnem
 et capto potimur mundo nostrumque parentem
 pars sua perspicimus genitique accedimus astris.
 an dubium est habitare deum sub pectore nostro
 in caelumque redire animas caeloque uenire,
 utque sit ex omni constructus corpore mundus
 aeris atque ignis summi terraeque marisque
 hospitium menti totum quae infusa gubernet,
 sic esse in nobis terrenae corpora sortis
 sanguineasque animas animo, qui cuncta gubernat
 dispensatque hominem? quid mirum, noscere mundum
 si possunt homines, quibus est et mundus in ipsis
 exemplumque dei quisque est in imagine parua?
 an cuiquam genitos, nisi caelo, credere fas est
 esse homines? (4.883-97)

(A natureza já não se esconde em parte alguma; nós a conhecemos inteiramente, somos os senhores do céu, que conquistamos, observamos nosso criador como parte que somos dele e, filhos dos astros, deles nos aproximamos. Acaso é duvidoso que sob nosso coração habita um deus e que ao céu retornam nossas almas e que do céu elas vêm? E é duvidoso que — assim como o mundo, composto de toda matéria, de ar, do fogo das alturas, de terra e de mar, é para a mente uma morada, mente que, esparzida pela morada toda, governa-a — é duvidoso, enfim, que do mesmo modo haja, em nosso caso, corpos de natureza terrena e um sopro vital baseado no sangue, e que nosso corpo seja morada para nosso espírito, que a tudo governa, comandando o homem? Que há de admirar se os homens podem conhecer o céu, se neles próprios está o céu, e cada um é uma pequena cópia da imagem do deus? Acaso é possível acreditar que os homens nasceram de algo que não o céu?)

Ainda assim, é para observar a natureza tensa da passagem, que aponta para certa “violência” ou “impiedade” humana na conquista da ciência celeste (cf. 4.884: *capto potimur mundo*); a esse respeito, cf. Volk 2001; *supra*, n. 52.

vate para que este a “mostre” ao discípulo; no caso de Salmoneu, é “imitar” o céu na terra e o poder de Júpiter, *intentio* que o obriga, aliás, a valer-se — como a “forma” de sua “expressão”, eu diria (cf. 5.93: *expressisse*) — de um sistema de pontes e quadrigas (cf. 5.92: *pontibus impositis missisque per aera quadrigis*).

Mas, no caso do vate-poeta das *Astronômicas*, se podemos indagar-lhe a “intenção” quanto às operações de “confeção” da elocução do poema, isto é, nos limites em que ele “forja”, de modo ora mais ora menos livre, a expressão dos diversos aspectos da *res* astrológica, a resposta que ele nos sugere é que o modo do *fingere* é adequado à produção da *variação* da expressão (cf. 4.433: *per [...] paris causas faciem mutare loquendi*, “[sc. ao tratar] iguais casos a face mudar da expressão”); ademais, no nível mais complexo de sua matéria — em que a “confeção” não se limita aos *uerba*, à expressão de um “nome” ou “número”, de uma *res*, por assim dizer, já “dada” (cf. 4.438: *datur*), mas opera já sobre a matéria mesma do poema, em seus diferentes, difíceis e “emaranhados” aspectos (cf. 3.31-4; 4.394: *rerum [...] catenas; supra*, p. 31), por assim dizer, “não dados”, que o vate deve antes procurar compreender para depois exprimir (cf. 1.16-20; 3.34: *quae nosse nimis, quid, dicere*) —, nesse nível de sua matéria, dizia, o modo do *fingere* , com todos os riscos de “impiedade” que comporta (cf. *supra*, p. 47), também me parece orientado para a produção do efeito de *variação*; ora, a matéria astrológica — lamenta o vate (cf. 3.26-34) — é bem diferente da *res* épica, trágica ou histórica (cf. 3.5-26; *infra*), pois, conforme ele argumenta (3.27-34), esta última é “matéria” que “por si própria”, mesmo em estado “bruto”, já “brilha” (3.28-9: *rudis / ipsa materies niteat*), sendo, por isso, “especiosa” (cf. 3.29: *speciosis [...] rebus*), comparável pelo brilho ao “ouro” e ao “marfim” (3.28: *auroque atque ebori*), e prestando-se, além disso, facilmente (cf. 3.26: *facile est*), à composição duma obra “simples” (cf. 3.30: *opus [...] componere simplex*),⁶² sendo comparável, enfim, aos “ventos favoráveis” (3.26: *uentis [...] secundis*) para a navegação ou ao “solo fecundo” (3.27: *fecundum [...] solum*) para a agricultura; segue-se, de acordo com a argumentação do vate, que a matéria astrológica — embora dotada de brilho próprio em seu aspecto ético e estético *geral*, pois o *mundus* brilha por si próprio (cf. 4.439-41; *supra*, p. 32) — não seja, porém, do-

⁶² Ao que parece, Manílio responde aqui ao famoso verso de Horácio (cf. *Ars* 23: *Denique sit quod uis, simplex dumtaxat et unum*): sua recusa à matéria “especiosa” da poesia épica e trágica se constrói, desse modo, como uma recusa também à prática da poesia cultivada em geral pelos poetas à época de Augusto. Sobre a questão, cf. Landolfi 2003: 61-76, especialmente 70-1. Vergílio, por outro lado, ao falar das dificuldades da enxertia, diz: *nec modus inserere atque oculos imponere simplex* (*G.* 2.73), “e não é simples o modo de enxertar e fazer orifícios”; sobre as cláusulas de verso que Manílio encontra noutros poetas, cf. Cramer 1882: 55-89; van Wageningen 1915: 189-95; Steele 1932.

tada de brilho próprio em seus *aspectos técnicos específicos* (isto é, próprios de uma *ars* astrológica), nem se preste à composição de um *opus simplex*, dada a natureza, penso, desses aspectos, bem como seu número e modo de exposição; ora, se tomo a forma como o poeta brevemente refere em sua tópica *recusatio* (3.5-26) algumas das matérias “especiosas” da épica, da tragédia e da história (ou da poesia sobre matéria histórica), o “brilho” próprio de tais matérias, que o vate diz possuírem já em estado “bruto” (cf. 3.28: *rudis*), parece residir não só no caráter “espetacular” e “monstruoso” de suas ações, caracteres e paixões (cf., por exemplo, 3.13; 17-18), como também em suas mudanças, reviravoltas e vicissitudes (cf., especialmente, 3.16: [sc. *non canam*] *uictam quia uicerat urbem*, “[sc. não cantarei] a cidade vencida por haver vencido”), numa palavra, em seu aspecto “variado”.⁶³

non ego in excidium caeli nascentia bella,
fulminis et flammis partus in matre sepultos,
non coniuratos reges Troiaque cadente
Hectora uenalem cineri Priamumque ferentem,
Colchida nec referam uendentem regna parentis
et lacerum fratrem stupro, segetesque uirorum
taurorumque trucis flammis uigilemque draconem
et reduces annos auroque incendia facta
et male conceptos partus peiusque necatos;
non annosa canam Messenes bella nocentis,
septenosue duces ereptaque fulmine flammis
moenia Thebarum et uictam quia uicerat urbem,
germanosue patris referam matrisque nepotes,
natorumue epulas conuersaque sidera retro
ereptumque diem, nec Persica bella profundo
indicta et magna pontum sub classe latentem
immissumque fretum terris, iter aequoris undis;

⁶³ Sobre a *recusatio* da épica e da tragédia nesse próêmio de Manílio, cf. especialmente Landolfi 2003: 61-76, que a compara às *recusationes* de outros poetas, especialmente Vergílio e Horácio, e argumenta que, diferentemente destes, que se declaram impotentes diante da grandeza de tais gêneros, Manílio “desdenha” a matéria épica e trágica como inferior à matéria astrológica, escolhida por ele; daí que, em razão da grandeza e dificuldade de sua matéria, Manílio recusa também o emprego de um estilo claro, como preceituava a orientação poética de Horácio, então em voga à época de Manílio, adotando, em vez disso, um “stilo faticoso e duro” (76); cf. também *supra*, p. 38, n. 47. Para outra apreciação do estilo de Manílio, cf. Salemme 2000: 105-43, que atenta, porém, para certo sentido de “evolução” conforme a matéria dos livros no poema (105): “A metà strada fra tradizione e innovazione, eco classica e *iunctura* nuova e arditata, lo stile di Manilio accoglie le migliori linfe non solo della tradizione didascalica ellenistica, ma anche della lingua letteraria latina, e in particolare di quella codificata dall’esperienza virgiliana (‘virgilianismo’ che è pure in certo senso una componente del lessico poetico ovidiano). Il poeta ha segnato un originale, nodale punto d’incontro tra la ‘maniera’ antica e il ‘nuovo’ stile ormai sorgente: preziosità e realismo alessandrini, *agudeza* retorica, misura compositiva e insieme dissolvimento della ‘descrizione’ classica. Manilio guarda al passato e, al contempo, anticipa il futuro in un tessuto stilistico teso e vibrante, in una inedita lettura del reale proposta in particolare modo nei libri IV e V, punto d’arrivo dell’evoluzione poetica e artistica dello scrittore. È infatti negli ultimi due libri (...) che l’espressione e lo stile acquistano una compiuta originalità, in parte sviluppando premesse contenute nei primi libri”; cf. também Liuzzi 1988: 14-15; Perutelli 2001: (esp.) 70 e 83. Sobre a elocução poética de Manílio, cf. Cap. 2, p. 98, n. 40.

non regis magni spatium maiore canenda
 quam sunt acta loquar. Romanae gentis origo,
 quotque duces urbis tot bella atque otia, et omnis
 in populi unius leges ut cesserit orbis,
 differtur. (3.5-26)

(Não cantarei eu as guerras que nascem para a ruína do céu, nem os filhos sepultos na mãe pelas chamas do raio, nem os conjurados reis, nem, quando da queda de Troia, Heitor posto à venda para a sua pira, e Príamo a levá-lo, nem referirei a mulher da Cólquida, a vender ao seu ilícito amor os reinos do pai e o mutilado irmão, nem as searas de homens, nem as ameaçadoras chamas dos touros, e o vigilante dragão, e os anos a retornarem, e os incêndios pelo ouro acesos, e os filhos mal concebidos e piormente mortos; não cantarei da funesta Messena as anosas guerras, ou os sete chefes, e as muralhas de Tebas, salvas das chamas pelo raio, e a cidade que, por haver vencido, foi vencida, nem referirei os filhos irmãos de seu próprio pai, e os netos da própria mãe, ou o banquete feito com os filhos, e os astros a voltarem-se para trás, e a luz do dia levada embora, nem as guerras pérsicas ao mar profundo declaradas, e o oceano a sumir sob imensa frota, e o braço-de-mar lançado à terra, e um caminho aberto nas ondas do mar; não vou narrar as realizações do grande rei, que precisariam ser cantadas num tempo mais longo do que aquele em que foram feitas. A origem do povo romano, e quantos os chefes da cidade tantos os momentos de guerra e de paz, e como o mundo inteiro submeteu-se às leis de um único povo, é tema que dispensei.)⁶⁴

Se a variação, por sua vez, ao nível da expressão (cf. 4.433: *faciem mutare loquendi*, “a face mudar da expressão”), é justificada como o esforço exigido do poeta ao ter de tratar tantas vezes (cf. 4.431: *totiens*) de tantos (cf. 4.431: *tot*; 432: *tot [...] tot*) casos (isto é, os graus perniciosos dos signos), sobretudo ao ter de tratar tantas vezes de casos iguais (4.433: *paris causas*, isto é, quando diferentes signos têm alguns graus perniciosos em comum), é porque a ausência de variação, nessas dicções e repetições, é entendida como prejudicial à manutenção da atenção do *discipulus*, cujo “ouvido” (cf. 4.435: *auris*) “despreza” (*despiciit*) o “esforço” (*labor*) do poeta, se este não acrescer *gratia* à expressão (cf. 4.434); noutros termos, o esforço na *confecção* da variação é um dos meios de produzir *gratia*, e esta, por sua vez, é entendida pela *persona doctoris* de Manílio como necessária à consecução do ensinamento (cf. n. 33). Assim é também, segundo entendo, para o caso da variação ao nível mais complexo da matéria do poema, cujos aspectos técnicos não são, em si mesmos, “especiosos” do mesmo modo como são *speciosae*, “em si mesmas” (cf. 3.28-9), as matérias épicas, trágicas e históricas recusadas pelo poeta. Aqueles podem ser, entretanto, “especiosos” *a seu modo*, e é bem essa particularidade que, a meu ver, o poeta explorará na *confecção* de uma forma também particular de *gratia* no tratamento das partes mais complexas de sua exposição astroló-

⁶⁴ As referências são à tragédia (cf. 3.15-16: *Sete contra Tebas*; 17: *Édipo*; 18-19a: *Tiestes*), à épica (cf. 3.5-6: Hesíodo, *Teogonia*; 7-8: Homero; 9-13: Apolônio de Rodes) e à épica “histórica” (cf. 3.14: Riano [III a.C.]; 19b-21: Quérilo de Samos [V a.C.]; 22-23a: Quérilo de Iaso [IV a.C.], segundo a interpretação de Goold [1977: 165]; 23b-26: Ênio, *Anais*).

gica, que se concentram principalmente nas muitas *rationes*, ou métodos de cálculo de várias finalidades, no terceiro livro de seu poema (cf. Cap. 2, p. 140-217).

Mas se, por um lado, o que acima chamei de “modo do *fingere*” (cf. *supra*, p. 49) está voltado especialmente para a produção da variação (em todos os níveis de tratamento da matéria, como penso) — pois da variação depende em grande parte a *gratia* e, desta, a consecução do ensinamento —, a natureza da relação *mundus-vate* (cf. *supra*, p. 35), por outro lado, dita os limites, técnicos e éticos, dentro dos quais tal variação pode acontecer. Noutros termos, Manílio criou uma *persona doctoris* que, por um lado, se compraz, como *poeta* (cf. 1.13-19), na confecção do *carmen*, e que reconhece, como *doctor poeta*, a necessidade de acrescentar *gratia* à exposição da matéria (cf. 4.434-5), mas que, por outro, se vê obrigada, como *vate*, a *expor* com a devida fidelidade os diversos aspectos dessa matéria, de modo que, em muitos momentos, vários de tais aspectos não lhe serão “dados” para que os “forje” (cf. 4.438: *nec fingenda datur* [sc. *figura*]), mas apenas para que os mostre (*tantum monstranda*). Ocorre que essa é a leitura que se pode fazer, segundo entendo, *dentro da ficção criada por Manílio*: fora dessa “ficção”, os verdadeiros “limites” impostos *ao poeta Manílio* dizem respeito à natureza específica de sua matéria, ora mais ora menos, por assim dizer, “forjável”, isto é, ora mais ora menos afeita a variações em seu conteúdo específico e em sua expressão ou elocução. Assim, a operação — *fingere* ou *monstrare* — depende, segundo me parece, da natureza mais ou menos “simples” ou “delimitada” da matéria: quanto mais “delimitada” e mais “simples” é a *res* — “os números”, por exemplo, “e os (sc. ainda) desconhecidos nomes de coisas” (cf. 3.31: *numeros ignotaque nomina rerum*) —, mais propícia é à *demonstração*, e menos afeita ou apropriada é à confecção quer de si própria, como *res*, quer do *uerbum* que a refere, já que, em tal caso, a *res* — por exemplo, a denominação particular de uma constelação — é “dada” pela *ars* astrológica conhecida pelo poeta, que a este também “dá” o *uerbum* na forma do *nomen* da constelação que ele terá de *mostrar* ao discípulo ao lhe *expor* tal denominação; assim também, se a *res* é um número, o “dado” numérico é precisamente um “dado” (cf. 4.438: *datur*) — que, uma vez aceito dentro do sistema, cálculo ou *ratio* que o produz, não pode ser modificado, isto é, “um” é “um”, “dois é dois”, etc. —, e o *uerbum* que o exprime não é, em princípio, muito “forjável” (cf. 4.438: *nec fingenda datur* [sc. *figura*]) ou “modificável” (cf., por exemplo, para a expressão do número “dez”: 5.102: *Cum [...] decem partes Aries*

duplicauerit, “Quando [...] *dez* graus Áries tiver duplicado”,⁶⁵ e 3.567-8: *bis* *quinos* *anos* *Aries* [...] / [...] *dabit*, “*duas vezes cinco* anos Áries [...] / [...] *dará*”; cf. Cap. 2, p. 124), sendo esta a dificuldade já declarada pelo poeta, num momento em que este último parece — ousaria dizer — sobrepor sua própria voz à da *persona doctoris* por ele criada:

sed quis tot numeros totiens sub lege referre,
tot partes iterare queat, tot dicere summas,
perque paris causas faciem mutare loquendi? (4.431-3)

(Mas quem seria capaz de referir, sob a lei [sc. da poesia], tantos números tantas vezes, tantas partes repetir, tantas somas dizer, e em casos iguais mudar a face da expressão?)

Por outro lado, quanto menos “delimitada” e menos “simples” é a *res*, mais sujeita ela é à “confeccção”, à “ficção”, que, além de incidir sobre a elocução poética de tal *res*, poderá incidir também sobre a própria *res*; noutros termos, quando a matéria atinge maior complexidade — sendo, pois, não um simples nome ou número, mas, por exemplo, uma *teoria* física (cf., por exemplo, 1.118-254; 684-804), um fenômeno complexo (cf., por exemplo, 3.443-82; 4.818-65) ou uma elaborada *ratio* (cf., por exemplo, 3.160-202; 203-509; Cap. 2, p. 140-217) —, nesse caso, então, além de “mostrar” ao discípulo a *variedade* que a matéria em si mesma já possui (as diferentes teorias e hipóteses de um fenômeno físico, por exemplo, ou as várias *faces* de uma mesma *ratio*, de um mesmo cálculo astrológico), o poeta acaba por acrescentar algo de variedade à própria matéria: é, quando, por exemplo, a hipóteses “físicas” já “doxograficamente” enunciadas (cf. *infra*) o poeta acrescenta hipóteses, por assim dizer, não “físicas”, mas “poéticas”, ou “fabulosas”, tomadas a uma tradição poética e/ou motivadas, muitas vezes, pela imitação e emulação de outros poetas, como é o que ocorre, mais especificamente, na exposição do brilhante “círculo” celeste da Via Láctea, em 1.684-804 (em si mesma, porém, uma “exposição” não estritamente “necessária” à apresentação da *ars* astrológica, mas conveniente à descrição mais *variada* da *sphaera* celeste); assim, quanto à elocução poética, por um lado, o poeta confecciona, por exemplo, um elegante par de símiles que “mostram” a Via Láctea como “uma vereda trilhada através de verdes campos”, como “o sulco espumoso e esbranquiçado que a quilha do navio deixa na superfície do mar”:

⁶⁵ Nesse caso, como se vê, “dez” (*decem*) é parcela de uma expressão maior, cujo fim, por sua vez, é variar a expressão do número “vinte”: “Quando Áries tiver completado vinte graus”.

Namque in caeruleo candens nitet orbita mundo
 ceu missura diem subito caelumque recludens,
 ac ueluti uiridis discernit semita campos
 quam terit assiduo renouans iter orbita tractu.
 [inter diuisas aequabilis est uia partes]
 Vt freta canescunt sulcum ducente carina,
 accipiuntque uiam fluctus spumantibus undis
 quam tortus uerso mouit de gurgite uertex,
 candidus in nigro lucet sic limes Olympo
 caeruleum findens ingenti lumine mundum. (1.703-12)

(De fato, seu risco branco brilha no céu azul como se estivesse a ponto de lançar subitamente a luz do dia, abrindo o céu; como uma vereda que separa verdes campinas e que o carril gasta, repetindo o caminho com o arrasto assíduo. [entre as partes divididas o caminho é uniforme] Como as águas do mar se embranquecem sob a quilha a traçar o sulco, e as vagas, com as ondas a espumar, acolhem o caminho que o torcido remoinho moveu a partir do abismo revirado, assim tal sulco brilhante reluz no Olimpo, abrindo no céu azul uma fenda de ingente brilho.)

Por outro lado, quando se trata de apresentar já não mais a aparência que a Via Láctea assume — que “aos mortais faz inclinar a cabeça” (cf. 1.715: *resupina facit mortalibus ora*) em admiração (cf. 1.716: *dum [...] mirantur*) —,⁶⁶ mas a causa que a explica, o poeta expõe, então, uma série de hipóteses para esta (cf. 1.718: *num*; 723: *an*; 729: *an*; 735: *fama etiam [...] ad nos descendit*; 750: *nec [...] celandam est uulgata fama*; 755: *an*; 758: *an*), uma vez que os mortais ainda “inquirem, com humano peito (sc. com a inteligência humana), as sagradas causas” (cf. 1.717: *inquirunt [...] sacras humano pectore causas*), as origens, enfim, desse “círculo”; assim, as hipóteses que poderiam ser consideradas “físicas” são: (1) ou o universo está tentando se abrir por causa da “juntura pouco densa” (cf. 1.719: *rara [...] compagine*) entre seus hemisférios (cf. 1.718-22),⁶⁷ (2) ou estes estão, ao contrário, se unindo (cf. 1.723-28) e assim formando como que uma

⁶⁶ A admiração isenta de ciência é apresentada por Manílio como própria dos estágios mais primitivos na história do progresso humano (cf. Cap. 3, p. 280-282):

Nam rudis ante illos nullo discrimine uita
 in speciem conuersa operum ratione carebat
 et stupefacta nouo pendebat lumine mundi,
 tum uelut amisso maerens, tum laeta renato;
 (...). (1.66-9)

(Pois, antes deles [sc. dos sacerdotes que deram início à astrologia: cf. 1.25-65], a vida rude e sem nenhum discernimento, voltada apenas para a aparência das coisas, carecia da razão e ficava absorta numa luz nova no céu, ora aflita por imaginá-la sumir, ora alegre por vê-la renascer; [...].)

⁶⁷ Hipótese de Teofrasto: cf. Ach. Tat. 24.10-11: ἄλλοι δὲ ἐκ τῆς συμβολῆς τῶν δύο ἡμισφαιρίων λέγουσιν αὐτὸν γεγενῆσθαι, “outros dizem que ele foi feito da junção dos dois hemisférios”, e Macr. *In Somn.* 1.15.4: *Theophrastus lacteum dixit esse compagem qua de duobus hemisphaeriis caeli sphaera solidata est, et ideo ubi orae utrimque conuenerant notabilem claritatem uideri*, “Teofrasto disse ser o (orbe) lácteo uma junção por meio da qual a esfera do céu se consolidou a partir de dois hemisférios, e que por isso se vê notável luminosidade onde as bordas de um e de outro lado se reuniram”.

“cicatriz / que está a fazer a sutura da abóbada celeste” (cf. 1.725-6: *cicatrix / suturam faciens mundi*);⁶⁸ (3) ou se trata de antiga órbita do Sol (cf. 1.729-34), cujos cavalos por lá passavam “em priscos séculos” (cf. 1.729-30: *per saecula prisca / illac solis equos [...] isse*);⁶⁹ (4) ou se trata, enfim, de “uma turba maior de estrelas” (cf. 1.755-7), que “numa densa coroa / entrelaçou suas chamas” (cf. 1.755-6: *maior densa stellarum turba corona / contextit flammas*);⁷⁰ mas a essas hipóteses o poeta acrescenta duas outras, como disse acima, “poéticas” ou “fabulosas”,⁷¹ a saber: (5) ou a tradição segundo a qual Faetonte, tomando o carro do pai e ousando mais do que este, desviou-se do caminho prescrito (cf. 1.741: *monstratas [...] uias*, os “caminhos mostrados”, ou “ensinados”, por seu pai, Febo: cf. Ov. *Met.* 2.129-40), perdeu o controle da quadriga e, despedaçando-se o carro, acabou por incendiar o céu com os fragmentos daquele (cf. 1.735-49);⁷² (6) ou a tradição segundo a qual a Via Láctea deriva seu nome de sua própria causa (cf. 1.754: *nomen causa descendit ab ipsa*), pois do peito de Hera teria manado o leite (cf. lat. *lac, lactis*, “leite”)⁷³ que de sua névea cor tingiu aquela faixa do céu (cf. 1.750-4); a essas hipóteses se acrescenta, por fim, (7) a “possibilidade” (cf. 1.758: *an*) — menos “fabulo-

⁶⁸ Hipótese de Diodoro de Alexandria: cf. Macr. *In Somn.* 1.15.5: *Diodorus (sc. dixit) ignem esse dense-tae concretaeque naturae in unam curvi limitis semitam, discretionem mundanae fabricae coacervante concretum, et ideo visum intuentis admittere, reliquo igne caelesti lucem suam nimia subtilitate diffusam non subiciente conspectui*, “Diodoro (disse) ser (o orbe lácteo) fogo de natureza condensada e agregado numa única via de traçado curvo, espessado e acumulado na fresta da abóbada celeste, e que por isso (ele) admite a visão do observador, ao passo que o restante fogo celeste não oferece à vista sua luz, difusa com demasiada rareza”.

⁶⁹ Hipótese de Enópides de Quios: cf. Ach. Tat. 24.11-14: ἕτεροι δὲ φασιν, ὧν ἔστιν καὶ Οἰνοπίδης ὁ Χίος, ὅτι πρότερον διὰ τοῦτου ἐφέρετο ὁ ἥλιος, διὰ δὲ τὰ Θυέστεια δεῖπνα ἀπεστράφη καὶ τὴν ἐναντίαν τοῦτοι πεποιήται περιφορὰν, ἣν νῦν περιγράφει ὁ ζῳδιακός, “outros, dentre os quais está Enópides de Quios, dizem que através dele (sc. do círculo da Via Láctea) o Sol se movia, e em razão do banquete de Tiestes se desviou e fez o círculo oposto a ele, que agora o Zodíaco descreve”; cf. também: Arist. *Met.* 345a.16.

⁷⁰ Hipótese de Demócrito: cf. Macr. *In Somn.* 1.15.6: *Democritus innumeras stellas brevesque omnes, quae spisso tractu in unum coactae, spatiis quae angustissima interiacent opertis, vicinae sibi undique et ideo passim diffusae lucis aspergine continuum iuncti luminis corpus ostendunt*, “Demócrito (diz que são) inúmeras estrelas e todas pequenas, que, reunidas num traçado espesso no meio de espaços estreitíssimos, vizinhas umas das outras de todos os lados e assim sob a aspersão de sua luminosidade difusa em toda a parte, mostram um corpo contínuo de luz reunida”.

⁷¹ Mas já a hipótese de Enópides de Quios (cf. n. 110) era considerada “fabulosa” e “mentirosa” por Aquiles Tácio: cf. Ach. Tat. 24.14-17: ἔστι δὲ μυθῶδες τοῦτο καὶ ψεῦδος· τί γὰρ ἐροῦσιν οἱ ταῦτα λέγοντες περὶ τῆς σελήνης καὶ τῶν πέντε ἀστέρων; οὐ γὰρ δὴ καὶ οὗτοι διὰ τὰ Θυέστεια δεῖπνα ἀπεστράφησαν, “mas isso é fabular e mentiroso; pois aqueles que falam isso o que dirão da Lua e dos cinco planetas; ora, estes também não se desviaram em razão do banquete de Tiestes”.

⁷² Conforme Aristóteles, hipótese de alguns “dentre os pitagóricos”: cf. Arist. *Met.* 345a.13-17: τῶν μὲν (...) καλουμένων Πυθαγορείων φασὶ τινες ὁδὸν εἶναι ταύτην οἱ μὲν τῶν ἐκπεσόντων τινὸς ἀστέρων, κατὰ τὴν λεγομένην ἐπὶ Φαέθοντος φθορὰν, οἱ δὲ τὸν ἥλιον τοῦτον τὸν κύκλον φέρεσθαι ποτέ φασιν, “dentre os chamados Pitagóricos alguns dizem que ela (sc. a Via Láctea) é uma via, uns (sc. dizem que) de algum dos astros que caíram por ocasião da chamada ruína de Faetonte, outros dizem que o Sol se movia então por esse círculo”.

⁷³ Cf. Cic. *Rep.* 6.16.8: *ut a Graiis accepistis, orbem lacteum*, “como dos gregos aprendestes, Via Láctea”, a partir do gr. γαλαξίας, -ον, “círculo lácteo” (cf. gr. γάλα, γάλακτος, “leite”).

sa” ou “mítica” do que “filosófica”⁷⁴ — de que se trate da morada celeste das almas dos heróis (cf. 1.758: *fortes animae*) e dos homens considerados “dignos do céu” (cf. 1.758: *dignata [...] nomina caelo*), para onde tais almas “migram” uma vez desligadas do corpo (cf. 1.758-61), possibilidade que enseja ao poeta, então, a ocasião de listar longamente tais “nomes dignos do céu” (cf. 1.762-804).⁷⁵

É claro que tais hipóteses “poéticas” ou “fabulosas” assim listadas junto a hipóteses “físicas” já poderiam constar de fontes compulsadas por Manílio para a composição de sua exposição da Via Láctea, como permitem presumir, aliás, a *Isagoge* de Aquiles Tácio (III d.C.) aos *Fenômenos* de Arato (cf. Ach. Tat. 24.1-29) e o *Comentário* de Macróbio (IV-V d.C.) ao *Sonho de Cipião* de Cícero (cf. Macr. *In Somn.* 15.1-7; Cic. *Rep.* 6.16), que fazem exposição semelhante da mesma matéria. Mas isso não significa que Manílio não pudesse fazer escolhas e desenvolver sugestões colhidas em tais fontes: a mais evidente das escolhas, a meu ver, é o fato de haver exposto assim tão longamente, por meio do enunciado de tais hipóteses, uma matéria que Arato — seu modelo tantas vezes —,⁷⁶ expusera de modo tão breve, interessado, por assim dizer, apenas no aspecto visível do objeto:

Εἴ ποτέ τοι νυκτὸς καθαρῆς, ὅτε πάντας ἀγαυοὺς
 ἀστέρας ἀνθρώποις ἐπιδείκνυται οὐρανίη Νύξ,
 οὐδέ τις ἀδρανέων φέρεται διχόμενι σελήνῃ,
 ἀλλὰ τὰ γε κνέφαος διαφαίνεται ὀξέα πάντα,
 εἴ ποτέ τοι τῆμόσδε περὶ φρένας ἴκετο θαῦμα
 σκεψαμένῳ πάντῃ κεκεασμένον εὐρέϊ κύκλῳ
 οὐρανόν, ἢ καί τις τοι ἐπιστὰς ἄλλος ἔδειξεν

⁷⁴ Sugerida, ao que parece, pela leitura de Cic. *Rep.* 6.16: *Sed sic, Scipio, ut avus hic tuus, ut ego, qui te genui, iustitiam cole et pietatem, quae cum magna in parentibus et propinquis, tum in patria maxima est; ea uita uia est in caelum et in hunc coetum eorum, qui iam uixerunt et corpore laxati illum incolunt locum, quem uides, (erat autem is splendidissimo candore inter flammam circus elucens) quem uos, ut a Graiis accepistis, orbem lacteum nuncupatis; ex quo omnia mihi contemplanti praeclara cetera et mirabilia uidebantur. Erant autem eae stellae, quas numquam ex hoc loco uidimus, et eae magnitudines omnium, quas esse numquam suspicati sumus, ex quibus erat ea minima, quae ultima a caelo, citima <a> terris luce lucebat aliena. Stellarum autem globi terrae magnitudinem facile uincebant. Iam ipsa terra ita mihi parua uisa est, ut me imperii nostri, quo quasi punctum eius attingimus, paeniteret*, “Mas assim, Cipião, como este teu avô, como eu, que te gerei, cultiva a justiça e a piedade, que, sendo grande para com os pais e os próximos, para com a pátria é máxima; essa vida é a via para o céu e para a reunião daqueles que já viveram e, livres do corpo, habitam aquele lugar que vês (era este um círculo a luzir entre chamuscas com a mais esplêndida brancura), que vós, como dos gregos aprendestes, chamais de Via Láctea; a mim, que dele tudo contemplava, todo o resto parecia muito claro e admirável. Havia aquelas estrelas que nunca vimos daqui deste lugar, e magnitudes que nunca suspeitamos existir, das quais uma havia muito pequena, que luzia por luz alheia como a mais distante do céu e a mais próxima da terra. Os globos das estrelas venciam facilmente a magnitude da Terra. Já a própria Terra tão pequena me pareceu, que de nosso império, com o qual alcançamos como que um ínfimo ponto daquele, me dava pesar”.

⁷⁵ Numa emulação, ao que parece, de Verg. *A.* 6.756-886. Sobre o uso das “listas” em Manílio, especialmente no caso das estrelas, como algo próprio da tradição alexandrina de poesia, cf. Arthos 1940: 333; cf. também Conte 1994²: 270.

⁷⁶ Sobre Arato como modelo de Manílio, cf. Conte 1984: 59-60; Abry 1993: 187, 200.

κεῖνο περιγληνές τροχάλον, <Γάλα> μιν καλέουσιν. (*Phaen.* 469-76)

(Se alguma vez em noite limpa, quando todos os brilhantes astros aos homens a celestial Noite exhibe, e nenhum [sc. astro] fraquejando se mostra sob a Lua cheia, mas tudo através da escuridão se mostra nítido, se alguma vez nessa noite à mente te vem a admiração ao observares em toda a parte clivado por largo círculo o céu, ou ainda se ao lado um outro te mostra esse leitoso círculo, “Via Láctea”⁷⁷ [sc. é como] o chamam.)

Outra importante escolha — relativamente a suas prováveis fontes, conforme penso — foi justamente não excluir de sua lista as hipóteses “fabulosas”, coisa que bem poderia ter feito, se sua exposição se contivesse dentro dos mesmos limites em que se contiveram, por exemplo, a exposição que fez das hipóteses acerca da origem do mundo, em 1.118-254,⁷⁸ e a exposição das hipóteses acerca das causas e significados dos cometas, em 1.809-926. É uma exclusão que faz, por exemplo, Macróbio, ao dizer:

De hoc lacteo multi inter se diuersa senserunt, causasque eius alii fabulosas, naturales alii protulerunt: sed nos fabulosa reticentes ea tantum quae ad naturam eius uisa sunt pertinere dicemus. (Macr. In Somn. 1.15.3-4)

(Do [sc. círculo] lácteo coisas entre si diversas muitos pensaram, e dele uns proferiram causas fabulosas, outros, naturais; mas nós, calando o fabuloso, aquilo somente diremos que parece concernir à natureza dele.)

Assim também Aquiles Tácio, que, após considerar “mais fabuloso” (μυθικότερον) o modo como Eratóstenes (cf. *Eratosth. Cat.* 3.44.) falara da Via Láctea (cf. *Ach. Tat.* 24.2-4: περί δὲ τούτου φησὶν Ἐρατοσθένης ἐν τῷ Καταμερισμῷ μυθικότερον τὸν γαλαξίαν κύκλον γεγονέναι ἐκ τοῦ τῆς Ἥρας γάλακτος, “Sobre ele falou Eratóstenes nos *Catasterismos* do modo mais fabuloso que o círculo lácteo se fez a partir do leite de Hera”), desqualifica a explicação dada por aqueles que, como Enópides de Quios, viam na Via Láctea o antigo caminho percorrido pelo Sol antes da mudança causada em seu curso pelo banquete de Tiestes — explicação que é, para Aquiles Tácio (cf. nota 112), “fabulosa” (cf. μυθῶδες), uma “mentira” (cf. ψεῦδος):

ἕτεροι δὲ φασιν, ὧν ἐστὶν καὶ Οἰνοπίδης ὁ Χῖος, ὅτι πρότερον διὰ τούτου ἐφέρετο ὁ ἥλιος, διὰ δὲ τὰ Θυέστεια δεῖπνα ἀπεστράφη καὶ τὴν ἐναντίαν τούτῳ πεποίηται περιφορὰν, ἣν νῦν περιγράφει ὁ ζωδιακός. ἔστι δὲ μυθῶδες τοῦτο καὶ ψεῦδος· τί γὰρ ἐροῦσιν οἱ ταῦτα λέγοντες περὶ τῆς σελήνης καὶ τῶν πέντε ἀστέρων; οὐ γὰρ δὴ καὶ οὗτοι διὰ τὰ Θυέστεια δεῖπνα ἀπεστράφησαν. (*Ach. Tat.* 24.11-17)

⁷⁷ Cf. *Ach. Tat.* 24.24-5: Γάλα γὰρ αὐτὸν ὠνόμασε διὰ τὸ μὴ δύνασθαι αὐτὸ ἐντεθῆναι εἰς ἔπος τοῦ γαλαξίου τὸ ὄνομα, “*Gala* (sc. ‘Leite’) (sc. Arato) o chamou por não haver podido inserir no verso a palavra *Galáxia* (sc. ‘Via Láctea’)”.

⁷⁸ Hipóteses de Xenófanes (1.122-4), Hesíodo (1.125-7), Leucipo, Demócrito e Epicuro (1.128-31), Heráclito (1.132-4), Tales de Mileto (1.135-6), Empédocles (1.137-44), às quais se acrescenta a exposição mais extensa da hipótese de criação do universo a partir dos quatro elementos (1.149-70).

(Outros dizem, dentre os quais está também Enópides de Quios, que no princípio através dele [sc. do orbe da Via Láctea] movia-se o Sol, e [que], por causa do banquete de Tiestes, [o Sol] se desviou e fez um percurso contrário a esse, [percurso] que agora [o círculo d]o zodíaco descreve. Mas é lendário isso, e [é] mentira: pois o que dirão, os que isso afirmam, sobre a Lua e os cinco planetas? Pois tampouco estes se afastaram por causa do banquete de Tiestes.)

O mais perto que Manílio chega de tal escrúpulo — a preocupação de distinguir entre causas “físicas” (ou “naturais”), de um lado, e “fabulosas” (ou “míticas”), de outro, como faz Macróbio, ou de apresentar uma hipótese e ao mesmo tempo julgar de sua natureza “lendária” ou “mentirosa”, como faz Aquiles Tácio — é introduzir as “hipóteses” ou causas fabulosas (1.735-49; 750-4) por meio de expressões que atentam justamente para a condição de “lenda”, ou “voz corrente” (cf. 1.735: *Fama*; 750: *fama*), de tais *causae*: assim, ao passo que as causas (1), (2), (3), (4) e (7) são enunciadas por meio de formulações tipicamente hipotéticas (cf. 1.718: *num*; 723: *an*; 729: *an*; 755: *an*; 758: *an*), a fábula de Faetonte é introduzida como uma “lenda” que “desce até nós desde antigos tempos” (cf. 1.735: *Fama [...] antiquis ad nos descendit ab annis*), e a de Hera, como uma “lenda antiga”, “mais terna”, “mais suave” (cf. 1.751: *mollior*), “que não deve ser ocultada” pelo poeta (cf. 1.750: *Nec mihi celanda est [...] fama uetusta*), fábulas ou lendas, por assim dizer, simplesmente “reportadas” em seu poema (cf. 1.740: *liquisse*; 741: *imposuisse*; *tulisse*; 744: *saeuisse*; 745: *arsisse*; 751: *fluxisse*; 753: *infecisse*);⁷⁹ assim, aquela de Faetonte:

Fama etiam antiquis ad nos descendit ab annis
Phaethontem patrio curru per signa uolantem,
dum noua miratur propius spetacula mundi
et puer in caelo ludit curruque superbus
luxuriat nitido, cupit et maiora parente,
deflexum solito cursu, curuisque quadrigis
monstratas liquisse uias orbemque recentem
imposuisse polo, nec signa insueta tulisse
errantis meta flammis currumque solutum.
Quid querimus flammis totum saeuisse per orbem
terrarumque rogamus cunctas arsisse per urbes?
Cum uaga dispersi fluitarunt fragmina currus,
et caelum exustum est: luit ipse incendia mundus,
et uicina nouis flagrarunt sidera flammis
nunc quoque praeteriti faciem referentia casus. (1.735-49)

(Chega-nos também, desde antigos tempos, a lenda segundo a qual Faetonte, voando no carro paterno através das constelações, enquanto admirava mais de perto desconhecidos espetáculos

⁷⁹ Essa maneira de introduzir as explicações fabulosas lembra o modo como a prosa historiográfica, de maneira geral, enuncia o texto da tradição: cf., por exemplo, Liv. 1.1.1-10.

celestes e, menino que era, brincava no céu e orgulhoso folgava com o brilhante carro, desejando ousar mais do que seu pai, abandonou os caminhos prescritos, desviando-se do curso costumado e curvando a quadriga, e abriu uma nova órbita no céu; as constelações, não habituadas, não suportaram tais chamas, que se afastavam de sua meta, nem o carro descontrolado. Por que lamentamos que suas chamas tenham sido cruéis no mundo inteiro e que a pira da terra tenha ardido em todas as cidades? Quando os fragmentos do carro despedaçado flutuaram, também o céu se incendiou: o próprio firmamento padeceria tais incêndios, e estrelas próximas cintilaram com as novas chamas; elas que mostram, ainda agora, as marcas da desgraça passada.)

E aquela do leite de Hera, ou ao menos uma parte sua:⁸⁰

Nec mihi celanda est uulgata fama uetusta
Mollior, e niueo lactis fluxisse liquorem
pectore reginae diuum caelumque colore
infecisse suo; quapropter lacteus orbis
dicitur, et nomen causa descendit ab ipsa. (1.750-4)

(Nem devo ocultar uma antiga crença, mais terna do que a divulgada, segundo a qual um fluxo de leite manou do nível peito da rainha dos deuses e impregnou o céu de sua cor; por isso se chama Via Láctea, nome que deriva de sua própria causa.)

Ademais, isso mesmo de apenas “reportar” as fábulas — quer um pouco mais longamente, no caso do mito de Faetonte (1.735-49), quer mais brevemente, no caso de leite manado do peito de Hera (1.750-4) — é o limite dentro do qual se insere, de maneira geral, o modo da narração dentro do poema de Manílio;⁸¹ noutros termos, a inserção das causas que concernem ao mítico tem por fim, nesse caso, não a narração do mito em si mesma, mas o acréscimo, por assim dizer, do colorido e da variedade⁸² do mito à exposição geral das hipotéticas causas “naturais” da Via Láctea. Assim, a narração do mito é que se subordina à exposição da matéria “física”, e não o contrário.

⁸⁰ Cf. Ach. Tat. 24.2-11, Eratosth. *Cat.* 3.44.1-10 e Hyg. *Astr.* 2.43.

⁸¹ A respeito dessa noção de “limite”, como aqui estou dizendo, cf. Escalígero (1655: 87): “Rhetorum est suadere, Philosophi demonstrare. Ita eorum sunt illustria argumenta: hujus demonstratio. Sed aliquando vicem mutant. Sic Manilius post demonstrationes de Lacteo circulo illustria argumenta e medio vulgi petita, puta fabulam Phaetontis, et de lacte Junonis adfert” (“Dos rétores é próprio persuadir, do filósofo, demonstrar. Assim, daqueles são próprios os argumentos brilhantes; destes, a demonstração. Mas às vezes se alternam. Assim, Manílio, depois das demonstrações acerca da Via Láctea, apresenta argumentos brilhantes extraídos do conhecimento comum, como a fábula de Faetonte e aquela sobre o leite de Juno”).

⁸² Variedade, também, de um mito relativamente ao outro, como observa a nota de Escalígero (1655 *ad loc.*): “Molliorem famam vocat comparatione illius Phaëtonteae, quae violentior esse videtur” (“Mais suave [sc. Manílio] chama a lenda [sc. do leite de Hera: cf. 1.750-1: *fama* [...] *mollior*] em comparação com a [sc. lenda] de Faetonte, que parece ser mais violenta”).

1.4. *Nihil nisi fabula.*

Se, por um lado, a última observação acima parece atentar para uma obviedade — dado o gênero de poesia em que se podem inserir as *Astronômicas* —, nem por isso deixa de ser significativo que, nesse mesmo gênero de poesia, por outro lado, aconteça também de o poeta *estender-se* na *narração* de um mito ou fábula, da maneira como, por exemplo, faz Vergílio ao fim de suas *Geórgicas*, ao narrar o episódio de Aristeu (cf. G. 4.315-558), e como faz o próprio Manílio, por emulação daquele, quase ao fim de suas *Astronômicas*, ao narrar o mito de Perseu e Andrômeda (cf. 5.540-618).⁸³ Nesse caso, a inserção do mito se faz de forma a produzir variação não apenas no contexto de uma exposição particular, como é o caso da exposição das hipóteses para as causas da Via Láctea, mas no contexto, segundo me parece, de todo o quinto livro das *Astronômicas* — em seu tratamento dos *παρανατέλλοντα* (5.32-709), isto é, a ascensão das constelações não zodiacais, como a de Andrômeda, relativamente à dos signos do zodíaco (cf. nota 130) — e, de certa forma, no contexto também do *opus* inteiro, tal é o contraste que, especialmente em Manílio, a *narração* extensa e patética de um mito estabelece com o resto do poema.⁸⁴ Assim, o “referimento” do mito de Faetonte se limita a pouco mais de uma dezena de versos (cf. 1.735-49);⁸⁵ assim também, o mito do leite de Hera é brevemente referido em cinco versos (cf. 1.750-4), que não reportam, aliás, senão uma parte do mito (cf. nota 123); a *narração*, porém, do mito de Perseu e Andrômeda se estende por exatamente oitenta versos (cf. 5.540-618); ora, a extensão média do tratamento dos *παρανατέλλοντα*, nas *Astronômicas*, está bem abaixo desse número,⁸⁶ o que

⁸³ Sobre as *fabulae* celestes em Manílio, bem como sobre suas fontes, cf. Moeller 1901: 1-25; cf. também: Domenicucci 1993, Abry 1993: 192-3 e Salemme 2000: 75-104.

⁸⁴ Sobre os sentidos em que o quinto livro das *Astronômicas* representa uma “evolução” no estilo de Manílio, cf. Salemme 2000: 75-143, esp. 105 (cf. *supra*, p. 50, n. 63); particularmente sobre o episódio de Perseu e Andrômeda no poema, cf. Romano 1980; Landolfi 1993; Murgatroyd 1994; sobre a inserção, em geral, dos epílios nos poemas didáticos, cf. Perutelli 1991: 23. Particularmente quanto ao episódio de Aristeu, Conte (1984: 52) argumenta que o discurso didático, entendido como “estático”, assume aí a formulação e o andamento linear do relato, e que nessa passagem de um “código preceptivo-descritivo” ao “código épico-narrativo” é que está provavelmente a causa da “desorientação” dos críticos no entendimento daquele mito ao fim das *Geórgicas*.

⁸⁵ Cf., por exemplo, o tratamento narrativo em Ov. *Met.* 1.747-79; 2.1-328; especialmente: 2.150-303; e compare-se, em particular, o longo desenvolvimento de Ovídio sobre os incêndios causados sobre a terra pela aproximação de Faetonte, em *Met.* 2.210-303, bem como a fala da própria *Tellus*, em *Met.* 2.279-300, a exprimir seu lamento, com a breve alusão a isso em Man. 1.744-5 (*Quid querimur flammis totum saeuisse per orbem / terrarumque rogam cunctas arsisse per urbes?* “Por que lamentamos que suas chamas tenham sido cruéis no mundo inteiro e que a pira da terra tenha ardido em todas as cidades?”).

⁸⁶ Cf. as constelações que ascendem: com Áries: Argo, Oríon, Heníoco, os Cabritos, as Híades e a Cabra: 5.32-139 (108 versos para seis constelações); com Touro: as Plêiades: 5.140-56 (17 versos); com Gêmeos: a Lebre: 5.157-73 (17 versos); com Câncer: o Cinturão (de Oríon) e Procião: 5.174-205 (32 versos para duas constelações); com Leão: a Canícula e a Cratera: 5.206-50 (45 versos para duas constelações);

se mostra coerente com o interesse do poeta em não simplesmente “referir” ou “reportar” aquele mito, mas em *narrá-lo*⁸⁷ e, daí, em não simplesmente subordiná-lo a uma exposição maior, mas em fazer dele como que um objeto em si mesmo dentro de tal exposição.⁸⁸ Assim é que, dentro de um enquadramento perfeitamente consoante com o resto do livro — primeiro mostrando (A) a posição de Andrômeda, em sua ascensão, relativamente ao signo de Peixes (cf., por exemplo, outras παρανατολαί em: 5.38-9; 57-60; 67-70; 102-5a; etc.):

Andromedae sequitur sidus, quae Piscibus ortis
bis sex in partes caelo uenit aurea dextro. (5.538-9)

(Segue-se a constelação de Andrômeda, que, tendo os Peixes se erguido em duas vezes seis graus, vem, ornada de ouro, do lado direito do céu.)

e mostrando, ao fim, (B) o ἀποτελεσμα correspondente, isto é, os caracteres ditados por tal constelação (cf., por exemplo, outros ἀποτελέσματα em: 5.40-56; 61-6; 71-101; 105b-17; etc.):

Quisquis in Andromedae surgentis tempora ponto
nascitur, immitis ueniet poenaeque minister
carceris et duri custos, quo stante superbe
prostratae iaceant miserorum in limine matres
pernoctesque patres cupiant extrema suorum
oscula et in proprias animam transferre medullas.
carnificisque uenit mortem uendentis imago
accensosque rogos, cui stricta saepe securi
supplicium uectigal erit, qui denique posset
pendentem e scopulis ipsam spectare puellam,
uinctorum dominus sociusque in parte catenae
interdum, poenis ut noxia corpora seruet. (5.619-30)

com Virgem: a Coroa (de Ariadne) e a Espiga: 5.251-292 (42 versos para duas constelações); com Libra: a Flecha, o Bode e a Lira: 5.293-338 (46 versos para três constelações); com Escorpião: a Ara e o Centauro: 5.339-56 (18 versos para duas constelações); com Sagitário: Arcturo e o Cisne: 5.357-88 (32 versos para duas constelações); com Capricórnio: Ofiúco, o Peixe Nócio, a Lira (cf. Goold 1977: xciv-xcvii) e o Delfim: 5.389-448 (60 versos para quatro constelações); com Aquário: Cefeu, a Águia e Cassiopeia: 5.449-537 (89 versos para três constelações); com Peixes: Andrômeda, o Cavalo, Engônasin, Ceto, a Ursa Maior e o Dragão: 5.538-709 (172 versos para seis constelações, dos quais 93, ou seja, mais da metade, para o tratamento apenas de Andrômeda, em 5.538-630, dos quais, por fim, 80 versos, em 5.540-618, para a narração do mito propriamente).

⁸⁷ Compare-se, agora, a *narração* de Manílio com aquela de Ovídio para o mesmo mito em *Met.* 4.663-764.

⁸⁸ Como uma digressão ou, na expressão de Escalígero (1655: 416), uma parêcbasis com vistas à “ostentação de engenho” por parte de Manílio: “Est autem parecbasis pulcherrima in genere επιδεικτικῶ. Ad ostentationem enim ingenii instituta” (“É, porém, belíssima parêcbasis no gênero epidíctico. Composta, com efeito, para ostentação de seu engenho”).

(Aquele que nasce no momento em que Andrômeda se eleva do mar se mostrará cruel, ministrará castigos e guardará o penoso cárcere; aos pés, verá com arrogância as mães dos desgraçados prisioneiros, prostradas no chão, à sua soleira, e os pais a pernoitar, desejando dar o último beijo nos filhos e assim trazer o último suspiro deles para o fundo de seus próprios corações. Daí vem também a forma do sanguinário negociante da morte e do acendimento das piras, para o qual, amiúde de machado em punho, o suplício é fonte de lucros; ele, enfim, seria capaz de conseguir se manter olhando a menina mesma presa aos rochedos. Tendo o domínio sobre os acorrentados, algumas vezes também toma parte nas cadeias deles, a fim de que guarde seus corpos para a futura expiação.)

— dentro desse enquadramento, dizia, é que o poeta insere a longa narrativa do mito (cf. 5.540-618), introduzindo-a de modo bastante diverso do modo como introduzira a “referência” aos mitos de Faetonte e do leite de Hera (cf. 1.735: *Fama [...] antiquis ad nos descendit ab annis*; 750: *Nec mihi celandam est [...] fama uetusta*), já que, dos versos 5.538-9, nos quais mostra a posição da *constelação de Andrômeda* (cf. 5.538: *Andromedae [...] sidus*) em sua ascensão relativamente ao signo de Peixes, o poeta passa, sem mediações, à história de *Andrômeda, a jovem filha de Cefeu e Cassiopeia*, história não simplesmente “reportada”, mas inteiramente “recontada”, a partir de um distanciamento temporal que, de modo breve e sutil (cf. 5.540: *quondam*, “outrora”), alude, com efeito, à temporalidade, por assim dizer, *mítica* das ações que serão narradas em seguida:

Hanc quondam poenae dirorum culpa parentum
prodidit (...). (5.540-1)

(Essa [sc. Andrômeda] [sc. é quem] outrora o erro de [sc. seus] funestos pais entregou ao castigo [...].)⁸⁹

Sobre o “solo fecundo” (cf. 3.26-30; 27: *fecundum [...] solum*; cf. *supra*, p. 49), então, desse mito, que “é fácil revolver por meio de variadas artes” (cf. 3.26-7: *Facile est [...] / [...] uarias agitare per artes*), vale dizer — sem muita alegoria —, sobre uma *res* assim “já brilhante por si própria” (cf. 3.28-9: *ipsa / materies niteat*), já *speciosa* (cf. 3.29: *speciosis [...] rebus*; cf. 3.5-26; *supra*, p. 49), o poeta se permite como que o exercício de uma *ostentatio ingenii*, na expressão de Escalígero (cf. 1655: 416; *supra*, n. 88), numa exibição de virtuosismo poético marcada pelo senso dos contrastes (cf. 5.544; 550; 571-2; 592), pelo patético (cf. 5.543; 558-60; 563-4; 577), pela apóstrofe dramática (cf. 5.587-92), pelo uso do suspense (cf. 5.579-81; 605-7), pelas amplificações (cf. 5.581-6; 603-4; 608-11), pela ação espetacular (cf. 5.592-611), pelo erotismo (cf. 5.572-

⁸⁹ Talvez uma lembrança de Catul. 64.1: *Peliaco quondam prognatae uertice pinus*, “Outrora do cimo peliaco os nascidos pinhos”, etc., pela posição da palavra e pelo modo de introduzir a temporalidade distante do mito.

3; 614-5), pelo estilo pictórico (cf. 5.553-7), em suma, por tudo aquilo que, de maneira geral, não tem lugar na exposição da matéria astrológica feita pelo *vate* a seu *discípulo*, mas que encontra sua “justificativa”, por outro lado, na confecção poética da *gratia* destinada pelo *poeta* a seu *leitor*, e que encontra sua “motivação”, por assim dizer, no prazeres experimentado pelo poeta (cf. *supra*, p. 41) ao elevar-se, em seu “voo” (cf. *supra*, p. 24 e n. 18), para além da simples exposição dos *παρανατέλλοντα*.

Por outro lado, assim como Macróbio exclui de sua exposição sobre a Via Láctea as causas “fabulosas” (cf. *Macr. In Somn.* 1.15.3-4; *supra*, p. 57), assim também é que Fírmico Materno (IV d.C.), embora esteja a ler e seguir Manílio tão de perto na exposição dos *Apotelesmata Sphaerae Barbaricae* no oitavo livro de sua *Mathesis* (cf. *Man.* 5.32-709; *Firm. Mat. Math.* 8.6-17),⁹⁰ não adentra o fabuloso, limitando-se a indicar (A) a posição da constelação (cf. *Man.* 5.538-9) e, logo em seguida, (B) o *ἀποτέλεσμα* correspondente (cf. *Man.* 5.619-30; *supra*, p. 61):

In Piscium parte XII. oritur Andromeda. Quicumque hoc sidere oriente natus fuerit, contra homines crudeli semper feritate grassabitur. Erit autem aut poenarum publicarum minister, aut carceris custodia, aut carnifex cui occidendorum hominum officia credantur. (*Firm. Mat. Math.* 8.17.1)

([A:] No 12º grau de Peixes ascende Andrômeda. [B:] Quem quer que tiver nascido sob a ascensão dessa constelação, sempre com cruel rudeza investirá contra as pessoas. Será, por outro lado, ou administrador de castigos públicos, ou guarda de cárcere, ou o carrasco a quem se confia a tarefa de executar pessoas.)

Ocorre que a inclusão do colorido do mito, no caso das *Astronômicas*, à exposição da *res* — com vistas à produção de variedade e, daí, de *gratia*— tem de ser feita, em princípio, dentro dos limites, já não propriamente técnicos, mas, conforme argumentei acima, éticos (cf. *supra*, p. 46), sugeridos naquele passo em que o *vate*, referindo brevemente vários *catasterismos*, entre os quais aquele mesmo de Perseu e Andrômeda (cf. 2.28-9), faz crítica a “certos” *poetas* (cf. 2.25: *quidam*)⁹¹ que expuseram as diferentes

⁹⁰ Sobre Fírmico Materno como leitor de Manílio, cf. Fontanella 1991, e especialmente Abry 1999¹.

⁹¹ Trata-se aparentemente de Arato e, conforme pensa Escalígero (1655 *ad loc.*), de Eratóstenes; Housman (1912: 6), por outro lado, considera que Manílio alude também àqueles *poetas* lembrados pelo poema conservado na *Vita* de Arato (*Vitae Arati et varia de Arato, Vita Arati* [= *Vita* 1, cod. Vat. gr. 191] 10.4-7): πάνθ' Ἠγησιάνναξ τε καὶ Ἑρμιππος <τὰ> κατ' αἴθρη / τεῖρεα καὶ πολλοὶ τὰ ταῦτα τὰ φαινόμενα / βίβλοις ἐγκατέθεντο (...) / ἀλλ' ὃ γε λεπτολόγος σκῆπτρον Ἄρατος ἔχει, “Hegesianax e Hermipo todas as constelações no éter e muitos (sc. outros *poetas*) tais fenômenos em livros colocaram (...), porém Arato o cetro detém (como) o mais delicado”; ou àqueles citados na obra astronômica de Higino e nos *Catasterismos* de Eratóstenes: Museu, Epimênides, Alexandre de Éfeso, Cleostrato de Tênedos, entre outros. Quanto à opinião de Escalígero, Housman atenta para o fato de que a alusão de Manílio é a *poemas* (cf. 2.37: *carminibus*): “Sed quod Scaligero Eratosthenes potissimum tangi uisus est, ‘qui’ inquit ‘τὰ φαινόμενα cum caussis suis et fabulis conscripsit,’ conscripsit sane Eratosthenes eo argumento καταλόγους, sed prosa

causas e origens das constelações a partir dos respectivos mitos,⁹² poetas “em cujos poemas o céu nada é senão fábula” (cf. 2.37: *quorum carminibus nihil est nisi fabula caelum*):

Astrorum quidam uarias dixere figuras,
 signaque diffuso passim labentia caelo
 in proprium cuiusque genus causasque tulere;
 Persea et Andromedan poena matremque dolentem
 soluentemque patrem, raptamque Lycaone natam,
 officioque Iouis Cynosuram, lacte Capellam
 et furto Cycnum, pietate ad sidera ductam
 Erigonen ictuque Nepam spolioque Leonem
 et morsu Cancrum, Pisces Cythereide uersa,
 Lanigerum uicto ducentem sidera ponto,
 ceteraque ex uariis pendentia casibus astra
 aethera per summum uoluerunt fixa reuolui.
 quorum carminibus nihil est nisi fabula caelum
 terraque composuit mundum quae pendet ab illo. (2.25-38)

(Alguns falaram das variadas formas dos astros; e as constelações que se espalham deslizando pela extensão do céu, eles as referiram ao gênero particular de cada uma e às suas causas: Perseu, a libertar da pena Andrômeda e sua mãe, que sofria, e seu pai; e a filha raptada a Licáon; e Cinosura, por seu cuidado com Júpiter; por seu leite, a Cabra; e, pelo empréstimo do disfarce, o Cisne; e Erígone, conduzida às estrelas em virtude de sua pia devoção; e, por seu golpe, o Escorpião; e, pelo espólio, o Leão; pela mordida, Câncer; os Peixes, pela transformação da deusa de Citera; o Lanífero, a conduzir os signos pelo mar conquistado; e as restantes constelações, que derivam de variadas origens, os poetas imaginaram que se revolviam fixas no sumo éter. Em seus poemas, o céu nada é senão fábula, e a terra é que compôs o céu, do qual [ela, porém, é que] depende.)

Se o respeito a tais limites, porém, está de acordo com a natureza, por assim dizer, *expositiva* da tarefa do *vate*, a digressão, por outro lado, ou a parêchbase, como a qualifica Escalígero (1655: 416), no caso da narração do mito de Perseu e Andrômeda em Manílio, está de acordo com a natureza, por assim dizer, *poética* da tarefa do *vate*, que — dentro da ficção de instrução criada por Manílio — sabe ser necessário acrescentar *gratia* a sua exposição, sob pena de resultar vão seu labor como *doctor* (cf. *supra*, p.

oratione, ut hinc alieni sint” (“Mas quanto a Escalígero parecer tratar-se de Eratóstenes, ‘que’, diz, ‘os *fenômenos* com suas causas e fábulas escreveu’, escreveu, é verdade, Eratóstenes *catálogos* com esse argumento, mas em prosa, de modo que daí [sc. da alusão de Manílio] [sc. tais catálogos] estejam afastados”).

⁹² Para o caso do catasterismo, em particular, de Andrômeda, cf. Eratosth. *Cat.* 1.17.2-8: Αὕτη κεῖται ἐν τοῖς ἄστροις διὰ τὴν Ἀθηνᾶν, τῶν Περσέως ἄθλων ὑπόμνημα, διατεταμένη τὰς χεῖρας, ὡς καὶ προετέθη τῷ κήτει· ἀνθ' ὧν σωθεῖσα ὑπὸ τοῦ Περσέως οὐχ εἴλετο τῷ πατρὶ συμμένειν οὐδὲ τῇ μητρὶ, ἀλλ' αὐθαίρετος εἰς τὸ Ἄργος ἀπῆλθε μετ' ἐκείνου, εὐγενές τι φρονήσασα. λέγει δὲ καὶ Εὐριπίδης σαφῶς ἐν τῷ περὶ αὐτῆς γεγραμμένῳ δράματι, “Ela está entre os astros por causa de Atena, monumento dos esforços de Perseu, de mãos estendidas, como também estivera posta diante do monstro marinho; em retribuição a tais esforços, salva por Perseu, não foi obrigada a continuar com o pai nem com a mãe, mas voluntariamente partiu com aquele para Argos, tendo nobre resolução. Fala também Eurípidés claramente (sc. sobre isso) no drama escrito sobre ela”.

31). Daí que, para o vate, o erro não parece estar propriamente no acréscimo do mito — decoroso como ele é, de certo modo, à variação da matéria, à produção da *gratia* e, a partir daí, ao sucesso do ensinamento —, mas na *exclusividade* da “fábula” (cf. 2.37: *nihil nisi fabula*) no tratamento poético das *figurae* celestes (cf. 2.25: *figuras*); ora, assim como, na descrição das *figurae* ou “formas” celestes, já havia mister de respeitar os limites concernentes à elocução ou expressão (cf. *supra*, p. 46; 1.24; 4.436-42), assim também, na perspectiva religiosa do vate, não se pode dizer que “a terra compôs o céu” (cf. 2.38: *terra [...] composuit mundum*), quando é a terra “que depende deste” (cf. 3.38: *quae pendet ab illo*),⁹³ de maneira que as figuras celestes, as constelações, é que devem ser vistas — conforme a astrologia “forte”⁹⁴ de Manílio — como “causa” do que sucede na terra, e não o que sucede na terra, ainda que na circunstância do mito, como causa (cf. 2.27: *causas*) ou “origem” (cf. 5.646: *origine*) daquilo que se observa no céu (cf. *supra*, p. 47).⁹⁵

Assim, dos trinta e quatro casos de *παρανατέλλοντα* e *ἀποτελέσματα* expostos pelo poeta (cf. 5.32-709; cf. nota 133), apenas oito deles aludem ao “passado mítico” da constelação, contando-se entre estes o caso mesmo de Perseu e Andrômeda (sua *παρανατολή* em relação a Peixes: cf. 5.538-9; seu “passado mítico”: cf. 5.540-618; seus *ἀποτελέσματα*: cf. 5.619-30); ora, os casos restantes são apenas brevíssimas alusões em meio à *παρανατολή* e os *ἀποτελέσματα* da constelação: a nau Argo, “navio de heróis, que agora também navega entre os astros” (cf. 5.13: *ratis heroum, quae nunc quoque nauigat astris*; cf. 5.36: *ceu nauiget*, “como se [sc. ainda] navegasse”); a Coroa de Ariadne, um “presente celeste” (cf. 5.21: *Ariadnaeae caelestia dona coronae*), agora “brilhante monumento da [sc. que fora] outrora coroa de Ariadne” (5.253: *clara Ariadnaeae quondam monumenta coronae*); Áries, o carneiro que veio a causar a jornada de Medeia para Iolcos (cf. 5.32-5) e que “agora também” “arrasta” a nau Argo “através dos astros”

⁹³ Cf., a esse respeito, a observação de Escalígero (1655: 104): “Nam ridiculum est, terram mundi punctum caelum videri peperisse. Itaque irridet Hesiodaeum illud: Γαῖα δὲ τοι πρῶτον μὲν ἐγένετο ἴσον ἔωυτῇ / Οὐρανὸν ἀστερόεντα” (“De fato, é ridículo que a terra, um ponto no universo, pareça ter parido o céu. Assim [sc. Manílio] se ri daquele passo de Hesíodo: [*Th.* 126-7] ‘A Terra primeiro gerou igual a ela / Céu estrelado”).

⁹⁴ É terminologia de Long (1982: 170) para distinguir duas “escolas” de astrologia na antiguidade: a astrologia “soft”, que considera os astros como meros “signos”, isto é, como *sinais* que apontam para a possibilidade de eventos futuros, e a astrologia “hard” ou “strong”, que vê os astros como verdadeiras *causas* dos eventos observados no mundo; que Manílio se insere nesta segunda “escola” é coisa que se depreende claramente, por exemplo, de sua argumentação em 2.87-108, bem como dos próprios versos iniciais de seu poema (cf. 1.1-2: *conscia fati / sidera diuersos hominum uariantia casus*, “os astros, cientes do destino, / que variam os casos diversos dos homens”); a esse respeito, cf. Bouché-Leclercq 1899: 72-87; Barton 1994: 102-13; e especialmente Volk 2009: 60-3.

⁹⁵ Sobre descrição técnica da Terra, entre os antigos, a partir de qualidades do céu e atribuição, inversamente, de qualidades próprias da Terra ao céu, cf. Bakhouché 1996¹.

(cf. 5.36-7: *nunc quoque* [...] *Argo* / [...] *ducit* [...] *per astra*); Olênie, a cabra que, por ter alimentado Júpiter (cf. 5.132-4), tornou-se a Cabra, “estrelada no gelado polo” (cf. 5.131: *egelido stellata polo*); a Lira, que fora a lira “com a qual outrora Orfeu (...) deu repouso às ondas, / e sensibilidade aos rochedos, e ouvidos às florestas, / e lágrimas a Dite, e um termo, enfim, à morte” (cf. 5.326-8: *qua quondam somnumque fretis* [...] *Orpheus* / *et sensus scopulis et siluis addidit aures* / *et Diti lacrimas et morti denique finem*); o Altar, que, sob o sacerdócio de Júpiter (cf. 5.342-3), fora o altar “em que outrora amaldiçoados caíram os Gigantes” (cf. 5.341: *in qua deuoti quondam cecidere Gigantes*); e a Baleia, cujas estrelas ainda perseguem Andrômeda no céu como no mar a baleia perseguiu a filha de Cefeu e Cassiopeia (cf. 5.556-7: *sidera Ceti* / [...] *Andromedan ponto caeloque sequentis*);⁹⁶ nessas alusões, é digna de nota a recorrência do mesmo modo de distanciamento temporal empregado na introdução do mito de Perseu e Andrômeda (cf. 5.540: *quondam*; cf. *supra*, p. 62): cf. 5.253: *quondam*; 326: *quondam*; 341: *quondam*, ao lado de outros modos, como o subentendido (cf. 5.13: *quae nunc quoque*; 36: *nunc quoque*), a comparação “imaginativa” (cf. 5.36: *ceu nauiget*) e a simples justaposição do lugar passado ao lugar futuro (cf. 5.557: *ponto caeloque*). A esses casos se acrescentam aqueles em que a alusão ao mito — ou antes, a personagens do mito — não se dá entre a exposição da παρανατολή e dos ἀποτελέσματα da constelação, senão que constitui a exposição mesma de seus ἀποτελέσματα: é o caso de Heníoco, o Cocheiro, que produziu a figura de Belerofonte (cf. 5.97-100); do Cinturão (de Oríon), sob cuja ascensão nascem os cultores de Meleagro, Milanião e Atalanta (cf. 5.175-85); e da Seta, à qual se deve o nascimento de Teucro e Filoctetes (cf. 5.298-310).

Ora, o excursão do mito de Perseu e Andrômeda, longo como se apresenta em relação a todo o resto, caracteriza, então, um dos momentos em que o modo do *fingere* (cf. *supra*, p. 49) se sobrepõe ao do *monstrare*; noutros termos, narrar extensamente um

⁹⁶ A essas alusões se acrescenta o caso da constelação de Engônasin, o Ajoelhado (cf. Engōnāsī(n), gr. Ἐν γόνασι(v), “sobre os joelhos”), normalmente identificada à figura de Hércules no momento em que mata o Dragão que guardava as maçãs das Hespérides; mas dela o poeta só refere o que parece ser o lugar comum: cf. 5.645-6: *Nixa genu species et Graio nomine dicta / Engonasin, cui nulla fides sub origine constat*, “A figura apoiada no joelho e chamada pelo nome grego de *Engônasin*, para a qual nenhuma garantia consta de sua origem”; 1.314-5: *Proxima frigentis Arctos boreanque rigentem / nixa uenit species genibus, sibi conscia causae*, “Próxima das frias Ursas e do gelo rigoroso do norte, vem uma constelação ajoelhada, (sc. somente) ela mesma sabedora de sua causa”; cf. Arat. *Phaen.* 63-6: Τῆ δ' αὐτοῦ (sc. Δράκοντος) μογέοντι κλίνδεται ἀνδρὶ ἑοικὸς / εἶδωλον· τὸ μὲν οὔτις ἐπίσταται ἀμφαδὸν εἰπεῖν, / οὐδ' ὅτινι κρέματα κείνος πόνω, ἀλλά μιν αὐτῶς / <Εγγόνασιν> καλέουσι, “Perto dele (sc. do Dragão), move-se uma forma semelhante à de um homem realizando uma tarefa. Ninguém sabe designar com clareza tal forma, nem sobre qual trabalho ela se curva, mas a chamam, simplesmente, de *Engônasin*; Cic. *N.D.* 2.42: *Engonasin* (sc. *Graeci*) *uocitant, genibus quia nixa feratur*, “(sc. os gregos) a chamam de *Engônasin* porque ela se mostra apoiada nos joelhos”; Germ. 66; Avien. 173-4; Mart. Cap. § 827.

episódio mítico no contexto da *exposição* astrológica dos παρανατέλλοντα e dos ἀποτελέσματα, no quinto livro das *Astronômicas*, é resultado de um exercício de variação ao nível da matéria. Numa perspectiva mais ampla — aquela do poema inteiro das *Astronômicas* — tal *ostentatio ingenii* (cf. *supra*, n. 88) é um excursão que assume, porém, o caráter de uma pequena incursão do poeta pelo terreno — já antes recusado, em seu próêmio ao terceiro livro (cf. 3.5-26) — das *res speciosae* (cf. 3.29: *speciosis [...] rebus*; cf. *supra*, p. 49); se destas fazem parte, por um lado, as matérias da épica “histórica” (cf. 3.14; 19b-26), caracterizadas por *aspectos* como grandiosidade, longa duração e imponência — a “anosa” guerra dos messênios (cf. 3.14: *annosa*); a história de Xerxes, que fez o mar “desaparecer” “sob sua vasta frota” (cf. 3.19b-21; 20: *magna pontum sub classe latentem*); os feitos de Alexandre o Grande, só “cantáveis num espaço de tempo maior do que aquele em que foram empreendidos” (cf. 3.22-3: *spatio maiore canenda / quam sunt acta*); e a história de Roma, marcada pela sucessão “de tantos momentos de guerra e de paz quantos os chefes que teve” (cf. 3.24: *quotque duces urbis tot bella atque otia*), a cujas leis o “mundo todo” (3.24-5: *omnis / [...] orbis*) se submeteu —, delas fazem parte também, por outro lado, as *res speciosae* da poesia dramática e da épica “não-histórica”; ora, quanto a tais matérias, o poeta as refere atentando, em geral, para seu aspecto “espetacular”, e notando, em particular: o brilhante, grandioso e espetacular da guerra dos Gigantes (cf. 3.5-6: *in excidium caeli nascentia bella, / fulminis et flammis partus in matre sepultos*, “para a ruína do céu as guerras a nascer, / e do raio pelas chamas os filhos na mãe sepultos”) e da história dos Sete contra Tebas (cf. 3.15-16: *erepta fulmine flammis / moenia Thebarum*, “salvas das chamas pelo raio / as muralhas de Tebas”); o patético e comovente do resgate do cadáver de Heitor pelo pai (cf. 3.8: *Hectora uenalem cineri Priamumque ferentem*, “Heitor [posto] à venda para seu funeral e Príamo a levá-lo”); o odioso, admirável e monstruoso na história de Medeia, “a vender o reino de seu pai” Eeta e o “dilacerado irmão” Absirto em nome do amor por Jasão (3.9-10: *uendentem regna parentis / et lacerum fratrem*), e, dessa história, as “searas de homens”, as “chamas ameaçadoras dos touros”, o “vigilante dragão” (cf. 3.10-11), o rejuvenescimento de Éson, pai de Jasão (cf. 3.12), os “incêndios pelo ouro acesos” (cf. 3.12), e de Medeia os “filhos mal concebidos e piormente mortos” (cf. 3.13: *male conceptos partus peiusque necatos*); o insólito e abominável da história de Édipo, pai de seus próprios irmãos em seu casamento com Jocasta, sua mãe (cf. 3.17: *germanos [...] patris [...] matrisque nepotes*, “irmãos do pai [...] e netos da mãe”); e, por fim, o atroz e repulsivo do banquete preparado por Atreu com a carne dos filhos de Ti-

estes (cf. 3.18-19: *natorum [...] epulas conuersaque sidera retro / ereptumque diem*, “o banquete feito com os filhos e os astros a voltarem-se para trás, / e o dia levado embora”).

Assim, grande parte do caráter “especioso”, “brilhante” ou sedutor dessas matérias poéticas — maximamente no caso das matérias trágicas e épicas “não-históricas” a que alude o poeta — advém da natureza “monstruosa” ou “admirável” das *ações* que as compõem.⁹⁷ Por isso, aliás, é que o poeta compara tais matérias, entre outras coisas (cf. *supra*, p. 49), ao ouro e ao marfim, dizendo:

Facile est uentis dare uela secundis
fecundumque solum uarias agitare per artes
auroque atque ebori decus addere, cum rudis ipsa
materies niteat. speciosis condere rebus
carmina uulgatum est, opus et componere simplex. (3.26-30)

(É fácil fazer-se à vela com os ventos favoráveis, e revolver o solo fecundo com técnicas variadas, e ao ouro e ao marfim acrescentar ornato, quando a rude matéria mesma já tem brilho. Escrever poemas sobre assuntos sedutores é comum, bem como compor uma obra simples.)

Ocorre que a matéria que o vate deverá cantar não é composta por *ações* “brilhantes” ou “admiráveis”, mas por “dados” (cf. *supra*, p. 52; 4.431-9) com os quais lhe será necessário mesmo “lutar” (cf. 3.34: *luctandum est*) no trabalho de exprimi-los em poesia:

At mihi per numeros ignotaque nomina rerum
temporaque et uarios casus momentaque mundi
signorumque uices partesque in partibus ipsis
luctandum est. quae nosse nimis, quid, dicere quantum est?
carmine quid proprio? pedibus quid iungere certis? (3.31-5)

(Quanto a mim, porém, tenho de lutar com números, desconhecidos nomes de coisas e frações de tempo, com as diferentes circunstâncias e movimentos do céu, e a ascensão das constelações, e com as partes nas suas próprias partes. Se conhecer essas coisas já é muito, que será então de exprimi-las? E numa poesia adequada a elas? E de submetê-las a um metro fixo?!)

Essa oposição forte marcada pelo vate de Manílio (cf. 3.31: *at mihi*) entre o tipo de matéria recusado por ele (cf. 3.5: *non ego*; 7: *non*; 9: *nec referam*; 14: *non [...] canam*; 19: *nec*; 22: *non*) e o tipo de matéria que lhe caberá cantar (cf. *supra*, p. 24) apon-ta, a meu ver, para uma distinção que transcende a mera comparação entre diferentes “matérias” poéticas. Pois, de um lado, a *recusatio* do vate incide sobre um conjunto de

⁹⁷ *Ações*, aliás, que o poeta refere como que paralisadas numa representação pictórica: cf. 3.5: *bella (...)* *nascencia*; 6: *partus (...)* *sepultos*; 7: *coniuratos reges Troiaque cadente*; 8: *Priamum (...)* *ferentem*; 9: *Colchida (...)* *uendentem*; 18: *conuersa (...)* *sidera retro*; 19: *ereptum (...)* *diem*; 20: *pontum (...)* *latentem*.

matérias próprias dos gêneros de poesia que têm *ações* por objeto; de outro, enunciam-se as matérias que são efetivamente o objeto do poema e que, além de imporem ao vate o desafio da elocução poética (cf. 3.34-5), determinam (a) qual deva ser a relação entre este e o “destinatário” de seu poema — a saber, uma relação em que o vate não *narra*, mas ensina tais matérias, e em que o discípulo não simplesmente “ouve” e se deleita, mas “presta atenção” (cf. 3.38: *impendas animum*) à exposição do vate e lhe aprende as lições (cf. 3.36-8; *infra*) — e, a partir daí, (b) qual seja, enfim, o gênero de poesia das *Astronômicas*; ora, bem diferentes das *ações* “especiosas” são as matérias técnicas enunciadas: números (cf. 3.31: *numeros*; 4.431; 432: *summas*, “somas”), nomes ainda desconhecidos (cf. 3.31: *ignota nomina rerum*), as estações (cf. 3.32: *tempora*), as mudanças (cf. 3.32: *casus*) e os movimentos do céu (cf. 3.32: *momenta [...] mundi*; 4.437: *caeli motus*), as posições dos signos (cf. 3.33: *signorum uices*), suas partes (cf. 4.432: *partes*) e até as partes de suas partes (cf. 3.33: *partes in partibus ipsis*). Assim, o confronto entre o *uulgatum* (cf. 3.30) e “fácil” (cf. 3.26: *facile*) da poesia sobre *ações* “especiosas” e o desafiador e difícil (cf. 3.34: *luctandum est*) da poesia sobre números, nomes, frações, etc. acaba por chamar a atenção para a natureza, como acima qualifiquei (cf. *supra*, p. 52), “menos forjável” desta última matéria (cf. também: 4.431-9; 439: *nec fingenda datur, tantum monstranda figura*) e, em razão disso, para a dificuldade do poeta não apenas em exprimi-la em poesia, mas sobretudo em orná-la; nesse caso, a solução para o problema “estético”, conforme argumentei mais acima (cf. *supra*, p. 69), vem a ser de natureza “ética”, pois consiste no pedido feito ao discípulo para que este se disponha a prestar atenção e a deixar de esperar por “doce poema”:

huc ades, o quicumque meis aduertere coeptis
 aurem oculosque potes, ueras et percipe uoces.
 impendas animum; nec dulcia carmina quaeras:
 ornari res ipsa negat contenta doceri.
 et, siqua externa referentur nomina lingua,
 hoc operis, non uatis erit: non omnia flecti
 possunt, et propria melius sub uoce notantur. (3.36-42)

(Aproxima-te, ó quem quer que sejas que possas aplicar ouvido e olhos a minha empresa, e ouve palavras verdadeiras. Presta atenção, e não queiras doce poema: a matéria mesma recusa o ornato, satisfeita com ser ensinada. E, se alguns nomes forem referidos em língua estrangeira, culpa será do tema, não do vate: nem tudo se pode verter, designando-se melhor em sua própria língua.)

A “compensação”, por assim dizer, ou o “prêmio” (cf. 4.387-407; 866-935; Cap. 3, p. 264), por esse esforço de atenção do discípulo está na consideração de que ele ouvirá

“palavras verdadeiras” (cf. 3.37: *ueras [...] uoces*). Ainda que tais “palavras”, por sua vez, sejam “verdadeiras” no sentido particular da passagem⁹⁸ — isto é, no sentido técnico de *vocábulos* “não traduzidos” (cf. 3.41: *flecti*), empregados mediante a simples transliteração da *uox* original (cf. Cap. 2, p. 116) tal como ela se encontra nas *artes* astrológicas compulsadas pelo poeta —, não deixam de ser “verdadeiras” também num sentido filosófico mais abrangente, que está em harmonia, por sua vez, com a noção de *verdade* como algo a ser buscado em todas as suas manifestações e a ser preferido a tudo aquilo que seja próprio da *species*, da imagem “especiosa” e falseadora que a superfície dos fenômenos pode apresentar. Assim é que, por exemplo, tendo já mostrado como os signos zodiacais se opõem uns aos outros diametralmente (cf. 2.395-432),⁹⁹ e como tal oposição também se verifica quando se tomam os signos em aspectos trígonos alternados (cf. 2.520-607),¹⁰⁰ o poeta observa, então, que “assim é consistente em toda parte o alinhamento da *verdade*” (cf. 2.522: *sic ueri per totum consonat ordo*); ou ainda, ao expor um método alternativo para o cálculo das dodecatemórias (cf. 2.715-21; 725-37)¹⁰¹ — isto é, para a determinação de qual duodécima parte de um signo está sendo ocupada por um planeta —, o poeta começa por dizer que “não é um só o gênero (sc. de

⁹⁸ E ainda que, do ponto de vista da imitação poética, a expressão (*uerae uoces*) lhe possa ter sido sugerida por Lucrécio, a partir, porém, de outro contexto: cf. Lucr. 3.55-8:

Quo magis in dubiis hominem spectare periculis
conuenit aduersisque in rebus noscere qui sit;
nam uerae uoces tum demum pectore ab imo
eliciuntur <et> eripitur persona, manet res.

(Mais convém observar o homem nos perigos e incertezas, pois nesse momento [é que] palavras verdadeiras finalmente se lançam do fundo do peito, <e> se arranca a máscara, [e] fica a coisa real [sc. a realidade].)

Ademais, o contexto em que Manílio emprega tal expressão é o momento em que seu vate pede atenção ao discípulo (cf. 3.36-8), assim como, em Lucrécio, quando se pede ao discípulo que este preste atenção, pede-se que preste atenção “à razão verdadeira”: cf. Lucr. 1.50-1: *uacuas auris animumque sagacem / (...) adhibe ueram ad rationem*, “ouvidos livres e espírito sagaz / (...) presta à razão verdadeira”; 2.1023: *nunc animum nobis adhibe ueram ad rationem*, “ora nos presta atenção à razão verdadeira”; cf. também, mas em contexto diferente, 6.24: *ueridicis igitur purgavit pectora dictis*, “(sc. Epicuro) os corações purgou com seus ditos verídicos”; para casos semelhantes, veja especialmente: Lucr. 1.635-44; 2.1040-3; 1052-7; 3.55-8; 946-51; 4.762-4; 5.702-4; 6.1-8; cf. ainda: 1.370-1; 404-9; 498-502; 511-15; 623-6; 635-7; 655-64; 690-2; 699-700; 705-11; 753-8; 880; 2.80-2; 174-6; 225-9; 243-5; 644-5; 3.350-3; 523-5; 4.209-13; 443-6; 473-85; 499; 794; 912-5; 5.22-3; 406; 1117-9; 6.80-91; 767-8; 853; Man. 2.132-5; 522; 722-4; 3.247-51; 4.304-7; 5.261.

⁹⁹ Ou seja, o aspecto de oposição diametral, no círculo do zodíaco, entre Áries e Libra, entre Touro e Virgem, etc.

¹⁰⁰ Ou seja, quando se consideram os signos de um aspecto trígono relativa e respectivamente aos signos do aspecto trígono “alternado” em relação a ele: por exemplo, o triângulo formado por Áries, Leão e Sagitário se opõe ao triângulo formado por Libra, Aquário e Gêmeos.

¹⁰¹ A duodécima parte de um signo, equivalente a 2,5° dele e atribuída, por sua vez, a um dos doze signos zodiacais (cf. Cap. 2, p. 114).

cálculo), nem o método apresentado é único” (cf. 2.722: *nec genus est unum, ratio nec prodita simplex*), pois

pluribus inque modis uerum natura locauit
diduxitque uias uoluitque per omnia quaeri. (2.723-4)

(em muitos modos a natureza dispôs a *verdade*, e separou os caminhos, e quis ser buscada por todas as partes.)

Assim também, a natureza, a *verdade* e o deus estão em meio à “obscuridade das trevas”, em meio à complexidade dos fenômenos, sendo alcançáveis apenas pelo exercício da inteligência, única dotada da capacidade de transcender o *aspecto* exterior e a enganadora imagem das coisas e de conhecer, então, a verdade profunda destas, lá onde encontrará o deus:

Sic altis natura manet consaepta tenebris
et uerum in caeco est multaue ambagine rerum;
nec breuis est usus nec amat compendia caelum,
uerum aliis alia opposita est et fallit imago
mentiturque suas uires et munera celat.
Quae tibi non oculis, alta sed mente fuganda est
caligo, penitusque deus, non fronte, notandus. (4.304-9)

(Assim a natureza cercada permanece de profundas trevas, e a *verdade* está no invisível e na grande complexidade das coisas; nem é breve seu caminho, nem gosta de encurtamentos o céu, mas uma imagem se opõe a outras e as oculta, e dissimula suas forças e esconde suas dádivas. Tal escuridão deve por ti ser dissipada não com os olhos, mas com a profundidade do espírito, e no fundo, não na superfície, é que se deve observar o deus.)

Essa “verdade”, então, é prêmio do exercício da *alta mens*, da “profunda inteligência” (cf. 4.308: *alta [...] mente*), que se aplica ao difícil exame e à observação (cf. 4.309: *notandus*) das coisas em profundidade (cf. 4.309: *penitus*), não superficialmente (cf. 4.309: *non fronte*), nem por meio dos simples olhos (cf. 4.308: *non oculis*), que podem ser enganados pela imagem (cf. 4.307: *fallit imago*).

Assim, as “palavras verdadeiras” que o vate insta o discípulo a ouvir (cf. 3.37: *ueras [...] percipe uoces*) não apenas aludem, em particular, aos *externa nomina* (cf. 3.40) — “nomes estrangeiros” que não encontram versão latina (cf. 3.41-2: *non [...] flecti / possunt*, uma reelaboração de Manílio para a nota de Lucrecio sobre a *egestas* do léxico pátrio no tratamento de matéria inédita: cf. Lucr. 1.136-45), só podendo, então, ser “referidos” (cf. 3.40: *referentur*) na língua original (3.42: *propria [...] sub uoce*) —, mas também apontam, a meu ver, para a natureza da matéria enunciada logo antes, nos versos 3.31-3 — os nomes, números, frações, etc. —, matéria pouco dada ao modo do

fingere (cf. 3.34-35; 4.431-9; 439; 441-2; *supra*, p. 49) e que se contrapõe, por isso, às matérias “especiosas” da poesia trágica e épica, com as quais o poeta diz ser “fácil” e “vulgar” (cf. 3.30: *uulgatum est*) fazer poesia e compor um *opus simplex* (cf. 3.30).¹⁰² Assim, a matéria pouco “forjável” dos nomes, números, frações, etc. é genericamente tomada como um objeto exprimível apenas por meio de “palavras verdadeiras”, não “forjadas”; noutros termos, a natureza dessa matéria é tal, que ela mesma “rejeita” o ornamento (cf. 3.39: *ornari res ipsa negat*), “contente” com ser apenas “ensinada” (cf. 3.39: *contenta doceri*), “referida” (cf. 3.40: *referentur*), “assinalada” (cf. 4.442: *signare*), “apresentada” (cf. 1.561: *reddere*), “mostrada” (cf. 4.438: *monstranda*); além disso, ainda por contraposição, tal matéria não se presta à composição de um *opus simplex*, dada a multiplicidade de seus aspectos, nem constitui o objeto da poesia que “vulgarmente” se pratica.¹⁰³

Mas penso que o caráter “verdadeiro”, no caso dessa matéria, não se limita a sua expressão, vale dizer, à condição pouco ou nada “ficta” dos *uerba* que a exprimem. Contraposta às *res* da poesia trágica e épica, a matéria dos nomes, números, frações, cálculos e métodos da *ars* astrológica se distingue daquelas num aspecto essencial, isto é, num aspecto relativo a sua própria natureza. Em primeiro lugar, como acima observei, essa matéria não é composta de *ações* — pelo menos não no sentido que estas têm como objeto da poesia dramática e épica (cf. Arist. *Po.* 1448a.1; 28-9; 1449b.24; 36; 1450a.15-29; 1451a.16-35) —,¹⁰⁴ e essa é uma diferença que o poeta mesmo realça ao

¹⁰² Para outras interpretações desses versos de Manílio, cf. Landolfi 2003 e especialmente Perutelli 2001, esp. 83: “Il proemio al III libro propone una difesa del poema un po' meno sicura e orgogliosa. Ancora si rileva la contrapposizione fra *le fabulae* ricche di orpelli inventate dagli altri poeti e la propria aderenza alla verità, ma con meno enfasi e soprattutto con minore sicurezza nei propri mezzi. Più che la realizzazione di un'opera originale è sottolineata la difficoltà incontrata nell'attuare il progetto, una difficoltà che richiede *la lotta spasmodica da parte del poeta per ridurre in forma poetica concetti e nomi che pertengono alla sfera scientifica*. Ai vv. 31 ss. l'affermazione della difficoltà del proprio compito è particolarmente enfatizzata, al punto che i vv. 34 s. sono caratterizzati da interrogative retoriche sul disagio del poeta nel mettere in versi una materia, la cui semplice conoscenza è già così ardua. Si tratta, è vero, della ripresa del motivo lucreziano della *sermonis egestas*, ma l'enfasi è assai maggiore, il disagio accentuato” (grifo meu); cf. Cap. 1, p. 32, n. 33.

¹⁰³ Cf. 2.137: *nec in turba nec turbae carmina condam*, “nem na turba nem para a turba cantos comporei”; cf. *supra*, p. 28-29.

¹⁰⁴ Nesse sentido, aliás, compreende-se melhor a crítica de Quintiliano à poesia de Arato, fundamentada não na apreciação da capacidade do poeta, mas na consideração de qual seja a natureza de sua matéria: cf. Quint. 10.1.55: *Arati materia motu caret, ut in qua nulla uarietas, nullus adfectus, nulla persona, nulla cuiusquam sit oratio; sufficit tamen operi cui se parem credit*, “A matéria de Arato é desprovida de movimento, não havendo nela nenhuma variedade, nenhum sentimento, nenhuma personagem, nenhuma fala de alguém; ele é adequado, porém, à obra de que se acreditou capaz”. Por outro lado, sobre a mesma crítica de Quintiliano, cf. especialmente Fakas 2001, que examina o caráter dramático na representação das constelações nos *Fenômenos* e ainda relembra alguns dos elementos “miméticos” da poesia de gênero didático, contra o conhecido julgamento de Aristóteles, como a ficção de uma situação de conversa entre mestre e discípulo, e a imitação da ação de instrução tal como esta se daria na realidade. Por outro lado,

enunciar a matéria de seu poema (cf. 3.31-4) logo após a *recusatio* (cf. 3.5-26) na qual, sob a forma da preterição, alude a poemas trágicos e épicos por meio do “flagrante”, por assim dizer, justamente de ações impressionantes de seus entrecos (cf. nota 145); ora, tais ações, conforme observei antes (cf. *supra*, p. 67), se caracterizam por seu aspecto “grandioso”, “brilhante” e poeticamente sedutor, capaz de suscitar admiração (3.19-23), espanto (cf. 3.11-12) e mesmo repulsa (cf. 3.17-19). Mas se, dentre tais ações, umas podem ser consideradas “verdadeiras” — refiro-me à matéria da poesia épica “histórica” (cf. 3.14; 19b-26), em seus *aspectos* de grandiosidade, longa duração e imponência (cf. *supra*, p. 67), que causariam, digamos, “admiração” —, outras são aquelas ações que, particularmente por sua natureza “espantosa”, “monstruosa” ou “repulsiva”, pertencem à categoria do mito, da *fabula*, a elas cabendo — mais propriamente, a meu ver — a qualificação de “especiosas”.

A “fábula” ou “mito”, por sua vez, é a expressão máxima, por assim dizer, do modo do *fingere*, se se considera que ela é uma espécie de *ficção* (cf. lat. *fingere, fictio*), vale dizer, uma composição poética das matérias — nesse caso, ações — que não tem o compromisso de *reportar* ou *referir* ou *expor* ou *mostrar* a realidade dada — como é, em princípio, o caso da história —, mas de mimetizá-la, ou imitá-la, assim confeccionando a “ficção” e, em certo sentido, a “mentira” do mito.¹⁰⁵ Mas não é por ser portador e transmissor (cf. 1.6) da “verdade” celeste (cf. *supra*, p. 73) que o vate de Manílio pode simplesmente dispensar o uso da fábula ou da *ficção*, pois esse vate, conforme procurei argumentar acima, não é um simples *meatus* pelo qual a “verdade” celeste “passa” em sua direção ao discípulo (cf. *supra*, p. 30); ele é também o *poeta doctor* que, destinado a confeccionar poeticamente a exposição (cf. *supra*, p. 33), demonstra, nesse trabalho, a consciência de que o sucesso de seu ensinamento requer o acréscimo de um mínimo de *gratia* a essa exposição, tanto ao nível da elocução poética como ao nível da própria matéria.¹⁰⁶ Esse é o ponto em que a fábula aparece, ora simples e brevemente *referida*, como o mito de Faetonte e do leite de Hera (cf. 1.735-49; 750-4; *supra*, p. 58 e 59), ora inteiramente *recontada*, como é o caso do mito de Perseu e Andrômeda (cf. 5.540-618; *supra*, p. 62). Mas se, como disse acima, a *gratia* acrescentada à expressão corre o risco

sobre como a descrição das constelações, tanto em Arato como em Eudoxo, sua fonte, se faz mediante a éfrase, criando entre as estrelas certas relações que permitem memorizar o lugar das estrelas principais, cf. Aujac 1996: 213.

¹⁰⁵ Como é evidente, parto aqui da distinção aristotélica entre poesia e história: cf. Arist. *Po.* 1451a 38 – 1451b 5.

¹⁰⁶ Para o estudo particular da *gratia*, em Manílio, bem como de suas particularidades e diferenças em relação à famosa imagem do mel aplicado à borda da taça em Lucrécio (Lucr. 1.635-44; 921-50; 4.1-24), cf. Cap. 2, p. 98-110.

de transgredir certos limites, pois, para o vate de Manílio, não se permite que o brilho do céu se deva às palavras que o expõem (cf. 4.440: *nec fas est uerbis splendescere mundum; supra*, p. 47), assim também a produção de *gratia* por meio do uso da fábula — entremeada como esta vem com a exposição da matéria “não fabular”, “verdadeira” — deve se dar dentro de limites tais que esta não seja a forma *exclusiva* de tratar a matéria celeste, sob pena de que o *opus* desse vate incorra no mesmo erro daqueles poetas “em cujos poemas o céu nada é senão fábula” (cf. 2.37: *quorum carminibus nihil est nisi fabula caelum*). A fábula, então, entra no poema de Manílio ao mesmo tempo na qualidade de uma *fictio* particular, confeccionada pelo próprio vate — pois é possível dizer que este *reconta* o mito à sua maneira (vejam-se, por exemplo, no caso do mito de Perseu e Andrômeda, as diferenças entre Man. 5.540-618 e Ov. *Met.* 4.663-764) —, e na qualidade de recurso exornativo do vate, ao nível das matérias do poema, na *fictio* ou *mimese* geral de instrução astrológica criada por Manílio.

Ora, a ideia mesma de *fábula* — tomada assim de um ponto de vista crítico, como faz o poeta — contrapõe-se, nas *Astronômicas*, como acima sugeri, ao “não fabular”, ao “verdadeiro” ou, mais precisamente, ao “real”, ao “não fictício” dos nomes, números, frações e cálculos da astrologia, que constituem, por sua vez, um objeto de natureza ou essência “não forjável”, vale dizer, um objeto “pronto”, uma *figura* “dada” (cf. 4.438: *datur*) ao vate como algo a ser somente “mostrado” por ele (cf. 4.438: *tantum monstranda figura*), e a ser mostrado, enfim, por meio de “palavras verdadeiras”. Por outro lado, a inserção, pela fábula, de “um elemento de irrealidade”¹⁰⁷ no tratamento *expositivo* do “real” ou “não fabular” dos nomes, números, e *rationes* astrológicas se justifica, finalmente, pela natureza *poética*, e não propriamente *técnica*, do “ensinamento” nas *Astronômicas*.

Isso é ainda mais significativo se se considera que, no interior de certa tradição crítica antiga — aquela de Aristóteles e Plutarco —, a ausência do mito (ou da mimese de ação) numa composição versificada é suficiente para excluí-la do domínio da *poe-*

¹⁰⁷ “ein Element des Unwirklichen”, como diz Pöhlmann (1973: 820) a respeito do mito, tal como este é entendido como essencial à poesia e enumerado, nos escólios ao § 1 da Gramática de Dionísio Trácio, como um dos quatro elementos pelos quais os poetas “embelezam” suas composições: ποιητῆς δὲ κεκόσμηται τοῖς τέσσαρσι τούτοις, μέτρῳ, μύθῳ, ἱστορίᾳ καὶ ποιᾷ λέξει, καὶ πᾶν ποίημα μὴ μετέχων τῶν τεσσάρων τούτων οὐκ ἔστι ποίημα (*Gr.Gr.* I 3, 168, 8-10 Hilgard, ap. Pöhlmann 1973: 820), “o poeta ornamenta por estes quatro meios: metro, mito, história e certa qualidade de palavra, e todo poema que não toma proveito desses quatro meios não é poema”.

sia.¹⁰⁸ Assim é que Aristóteles diz nada haver de “comum entre Homero e Empédocles senão o metro” (cf. Arist. *Po.* 1447b.17-18: οὐδὲν δὲ κοινόν ἐστιν Ὅμηρον καὶ Ἐμπεδοκλεῖ πλὴν τὸ μέτρον),¹⁰⁹ sendo apenas “hábito” que se dê o nome de “poetas” (cf. 1447b.17: οὕτω καλεῖν εἰώθασιν, “assim se habituaram a chamar”) àqueles que “expronham” (cf. cf. 1447b.17: ἐκφέρωσιν) uma matéria médica ou física em verso (cf. 1447b.16-17: ἂν ἰατρικὸν ἢ φυσικὸν τι διὰ τῶν μέτρων), já que a obra que compõem não é mimética (cf. 1447b.15: κατὰ τὴν μίμησιν); assim também, Plutarco diz que os ἔπη de Empédocles e Parmênides, bem como as *Teríacas* de Nicandro e as *Gnomologias* de Teógnis são apenas λόγοι “que emprestam da poética o metro e a elevação como carro para que fujam ao prosaico” (cf. Plut. *Quomodo adul.* 16c.13 – 16d.1 : κυχράμενοι παρὰ ποιητικῆς ὥσπερ ὄχημα τὸ μέτρον καὶ τὸν ὄγκον, ἵνα τὸ πεζὸν διαφύγωσιν), já que não há *poesia* “sem mito e sem mentira” (cf. 16c.10: οὐκ ἴσμεν δ' ἄμυθον οὐδ' ἀμυθεῖ ποίησιν).¹¹⁰ Crivo mais abrangente apresenta o chamado *Tractatus Coislinianus*,¹¹¹ que expande o território da ποίησις e nele inclui — além da poesia “mimética” (cf. *Tract. Coisl.* 2.1: μιμητική), em seus gêneros “narrativo” (cf. 2.2: ἀπαγγελτικόν) e “dramático e prático” (cf. 2.3: δραματικὸν καὶ πρακτικόν) — a poesia que chama de “amimética” (cf. 1.1: ἀμίμητος), que compreende, por sua vez, a poesia “histórica” (cf. 1.2: ἱστορική) e a poesia “pedêutica” (cf. 1.3: παιδευτική), a qual se divide, por sua vez, em duas espécies: uma de natureza “contemplativa” ou “especulativa”, chamada “teorética” (cf. 1.5: θεωρητική); outra de natureza “diretiva” ou “conducente”, chamada “instrutiva” (cf. 1.4: ὑφηγητική). Assim também, Diomedes considera, na definição da

¹⁰⁸ Para o estudo particular da poesia “didática” como gênero poético, estudo que não faço aqui, cf. especialmente: Pöhlmann 1973; Effe 1977; Toohey 1996; Dalzell 1996; Fowler 2000; Volk 2002, 2009: 174-215; Gale (ed.) 2004; cf. também Perutelli 1991: 51 e 2004, e Parroni 2004.

¹⁰⁹ Ainda que Empédocles possa ser considerado “homérico” por Aristóteles mesmo, porém noutro contexto, agora de seu *Περὶ ποιητῶν*, no qual descreve aquele como δεινὸς περὶ τὴν φράσιν, “habilidoso na expressão” e μεταφορικός, “hábil nas metáforas”, e como tendo escrito, além de tragédias, uma *Ξέρξου διάβασις* e um *προοίμιον εἰς Ἀπόλλωνα*: cf. fr. 70 Rose (Diog. Laert. 8.57). Para um estudo abrangente das implicações da diferenciação feita por Aristóteles, cf. Ingarden 1962; cf. também Perutelli 1991: 50.

¹¹⁰ Cf. Plut. *Quomodo adul.* 16c.9 – 16d.1: Θυσίας μὲν γὰρ ἀχόρους καὶ ἀναύλους ἴσμεν, οὐκ ἴσμεν δ' ἄμυθον οὐδ' ἀμυθεῖ ποίησιν. τὰ δ' Ἐμπεδοκλέους ἔπη καὶ Παρμενίδου καὶ θηριακὰ Νικάνδρου καὶ γνωμολογία Θεόγνιδος λόγοι εἰσὶ κυχράμενοι παρὰ ποιητικῆς ὥσπερ ὄχημα τὸ μέτρον καὶ τὸν ὄγκον, ἵνα τὸ πεζὸν διαφύγωσιν, “Pois sacrifícios sem dança e sem flauta conhecemos; não conhecemos, porém, poesia sem mito e sem mentira. Os versos de Empédocles e os de Parmênides, as *Teríacas* de Nicandro e as *Gnomologias* de Teógnis são composições que emprestam da poética o metro e a elevação como carro para que fujam ao prosaico”.

¹¹¹ Descoberto num códice do século X (*codex Coislinianus* 120) e reimpresso várias vezes a partir de então (cf. Vahlen 1885: 77-80; Kaibel 1899: 50-3; Janko 1984), o *Tractatus* é normalmente considerado o epítome de uma obra peripatética do período helenístico que trataria essencialmente de comédia (cf. Janko 1984: 43). Para um resumo dos problemas de datação do texto e para o exame da ousada hipótese de Janko (1984: 52-90), segundo a qual o subtexto do *Tractatus* seria justamente o livro perdido da *Poética* de Aristóteles (em que pese a dificuldade de conciliar o conceito de uma ποίησις ἀμίμητος com o pensamento deste sobre a natureza da poesia), cf. Volk 2002: 30-2.

“poética”, além da natureza métrica da composição (cf. *Gr. Lat.* I 473.15-16 Keil), a qualidade “ficta” ou “verdadeira” (*fictae veraeve*) da *narratio*, bem como sua orientação para o fim da “utilidade” e do “deleite” (*ad utilitatem voluptatemque*), de modo que, entre as espécies do *genus enarrativum vel enuntiativum* ou *exegeticon vel apangelticon* (cf. 482.15-16), está aquela chamada de *didascalice* (cf. 482.31), que Diomedes exemplifica não só com a *philosophia* de Empédocles e de Lucrecio, e com a *georgica* de Vergílio, mas ainda com a *astrologia* dos *Fenômenos* de Arato e de Cícero (cf. 483.1-3).¹¹²

Parece-me, finalmente, que é dentro de um contexto crítico maior — esse mesmo que distingue uma poesia interessada no *fictício* e deleitoso de uma poesia interessada no *verdadeiro* e útil — que se deve entender a contraposição que o *vate* de Manílio faz entre os gêneros poéticos por ele recusados, que poderíamos chamar genericamente de “miméticos”, e o gênero que “fatalmente” *lhe coube*, que chamaríamos de “amimético”. Mas nem por isso o poema de Manílio deixa de ser uma composição “mimética”, se o entendemos como a “mimese” ou a “ficção” de um processo de ensinamento — com todos os “erros” que o ensinamento *poético* apresenta em relação ao ensinamento *técnico* “real” —, conforme o gênero de poesia que o *poeta Manílio escolheu* praticar, obrigando-se, por isso, a seguir os protocolos de uma tradição poética começada em Hesíodo e mais tarde notabilizada por Arato, Lucrecio e Vergílio, essas, com efeito, as verdadeiras vozes do céu estrepitoso de Manílio.

¹¹² A *astrologia* também é mencionada num dos escólios ao § 1 da Gramática de Dionísio Trácio, mas como o tipo de matéria que, a exemplo da física de Empédocles, não faz *poetas* aqueles que dela tratam em composições metrificadas: οὐκ ἔστι ποιητῆς ὁ μέτρῳ μόνῳ χρώμενος· οὐδὲ γὰρ Ἐμπεδοκλῆς ὁ τὰ φυσικὰ γράψας, οὐδ' οἱ περὶ ἀστρολογίας εἰπόντες, οὐδὲ ὁ Πύθιος ἐμμέτρως χρησιμῶδῶν (*Gr.Gr.* I 3, 166, 13-15 Hilgard, ap. Pöhlmann 1973: 820), “não é poeta aquele que se vale apenas do metro; pois nem (sc. é poeta) Empédocles ao ter escrito obra física, nem aqueles que falam sobre astrologia, nem o sacerdote de Apolo a profetizar metricamente”; cf. Pöhlmann, ib.: “Na exigência de que a poesia deve conter um elemento de irrealidade (*ein Element des Unwirklichen*) seja no μῦθος seja no πλάσμα, os escólios a Dionísio aproximam-se de Plutarco. Como este, aqueles eliminam da poesia o poema didático (*das Lehrgedicht*)”.

2

Signare canenda

πρὸς πάντα δὲ τοῦ Ὀμήρου καλῶς ἀπαντήσαντος πάλιν φησὶν ὁ Ἡσίοδος:

τοῦτό τι δὴ μοι μῦνον ἐειρομένῳ κατάλεξον,
πόσσοι ἄμ' Ἀτρεΐδῃσιν ἐς Ἴλιον ἦλθον Ἀχαιοί;

ὁ δὲ διὰ λογιστικοῦ προβλήματος ἀποκρίνεται οὕτως:

πεντήκοντ' ἦσαν πυρὸς ἐσχάραι, ἐν δὲ ἐκάστη
πεντήκοντ' ὀβελοί, περὶ δὲ κρέα πενήκοντα·
τρὶς δὲ τριηκόσιοι περὶ ἐν κρέας ἦσαν Ἀχαιοί.

τοῦτο δὲ εὐρίσκεται πλῆθος ἄπιστον· τῶν γὰρ ἐσχαρῶν οὐσῶν πενήκοντα ὀβελίσκοι γίνονται πεντακόσιοι καὶ χιλιάδες β', κρεῶν δὲ δεκαδύο μυριάδες, ε...
(*Certamen* 137-50.)

A tudo tendo Homero belamente respondido, Hesíodo, por sua vez, diz:

A mim só isto, então, que te pergunto, conta:
quantos aqueus a Troia foram co' os Atridas?

Aquele, por meio de problema aritmético, responde assim:

Cinquenta fogueiras eram, e em cada qual
cinquenta espetos eram de cinquenta carnes,
trezentos vezes três aqueus em cada carne.

Mas se obtém este número inverossímil: sendo cinquenta as fogueiras, os espetos vêm a ser dois mil e quinhentos, e as carnes, cento e vinte cinco mil...

Em fins do século XVI, ao lançar-se ao complicado trabalho de edição e comentário do poema de Manílio, José Escalígero (1540-1609) já reparava como a natureza técnica de boa parte das *Astronômicas* parecia impor um verdadeiro desafio à tarefa do exegeta.¹ Pois que “atentado indigno” seria “um homem ignorante em astrologia tratar de questões matemáticas (sc. em sua exegese)” (“facinus indignum, hominem ἀναστρολογητὸν mathematica tractare”)...² Ser experto em matemáticas astrológicas parecia, de fato,

¹ Ao todo, as suas foram quatro edições, a última delas publicada postumamente: 1579, 1590, 1600 e 1655. Para a informação completa, cf. “Referências bibliográficas”, ao fim deste trabalho, p. 296.

² Cf. *Prolegomena in M. Manilii Astronomica* (= *Proleg.*), p. 9 (em: Escalígero 1655, sem paginação contínua).

exigência importante feita àqueles que se aventurassem no comentário a um poeta aparentemente tão afeito a elas, pois assim pensavam, segundo o mesmo Escalígero, aqueles que “concorreram” (“concurrere”) quando este preparava sua primeira edição do poema (1579), verdadeiros “exames de vespões, dizendo-se ‘matemáticos’” (“crabro-num examina, qui se Mathematicos dicunt”), aos quais “Manílio pareceu tão grande matemático, que não deveria ser tratado senão por um grande matemático” (“tantus mathematicus visus est [...] Manilius, ut nisi a summo mathematico tractari non debuerit”).³ É em certo tom de mofa, aliás, que ele descreve a empresa de Lorenzo Buonincontro (1410-1491), o humanista e astrólogo da cidade de San Miniato “convocado” a vir a Florença, já nascente a tipografia, para confeccionar o primeiro comentário — “de nenhum ou de muito escasso proveito” (“nullius aut perexiguæ frugis”), critica Escalígero⁴ — àquele obscuro poema então recém “desencavado” de bibliotecas alemãs pelo grande erudito Gian Francesco Poggio (1380-1459),⁵ um poema cujas partes compreendidas “acendiam”, nos leitores, “o desejo” de compreender aquelas ainda não entendidas.⁶

Entendendo, por seu turno, a natureza em muitos pontos compósita e viciosa da “matemática” astrológica presente nas *Astronômicas*, Escalígero já apontava a necessidade — para aquele “que pretende entender Manílio” (“qui Manilium postulat se intelligere”)⁷ — de instrução não apenas em uma “nuda Astrologia”, a “sola mathesis” ou a “mathematice” de astrólogos como Buonincontro,⁸ mas ainda no conjunto de lições da doutrina astrológica e astronômica, das mais antigas às mais recentes relativamente à época de Manílio, das quais os “erros” — como Escalígero parece ter sido o primeiro a

³ Cf. id. ib.

⁴ Cf. id. ib., p. 1.

⁵ Sobre as descobertas de Poggio, cf. especialmente Clark 1899 e Flores 1980. Sobre a história da descoberta e da transmissão do poema de Manílio, cf. Maranini 1994 (esp.: 9-21, 35-55, 57-74, 347-71), trabalho excelente, que examina e expõe com detalhe a cronologia dos códices e primeiras edições do poema e assim conta a história dos grandes filólogos que se dedicaram às *Astronômicas*; cf. também Sandys 1903/2010 e Grafton 1983-93.

⁶ Cf. *Proleg.*, p. 4-5: “Quum ab ejus lectione homines deterrerentur, partim difficultate materiae, partim vitiis scripturae, et nihilominus quaedam in eo auctore caperent, quae desiderium eorum, quae non intelligebant, magis accenderent: evocatus Florentiam oppido Miniatiensi Laurentius Bonincontrius astrologus poeta publice interpretatus est” (“Como de sua leitura (sc. do poema de Manílio) as pessoas se afastassem, em parte pela dificuldade da matéria, em parte pelos defeitos da escritura, e, não obstante, certas coisas compreendessem nesse autor que mais [sc. lhes] acendiam o desejo por aquelas que não entendiam, chamado a Florença, da cidade de San Miniato, o astrólogo Lorenzo Buonincontro interpretou publicamente [sc. em publicação] o poeta”). Para o estudo da dificuldade de intelecção, por parte do *discipulus* e do leitor, cf. Cap. 3, p. 220-226.

⁷ Cf. *Proleg.*, p. 10.

⁸ Cf. id. ib.

demonstrar⁹ — amiúde se transferiram às *Astronômicas* sem que se incorporassem, por outro lado, as correções e “castigationes” feitas àqueles pela mesma doutrina de que o poeta mostra ter notícia.¹⁰ O conhecimento de tais lições — de tal doutrina, por assim dizer, “estrangeira” (cf. *infra*) — parecia, então, o único meio seguro de avaliar a “correção” da “matemática” exposta por Manílio, de modo a ser possível produzir algum juízo válido sobre a “perícia” ou “imperícia” do poeta nas partes propriamente *técnicas* de seu poema.¹¹

Correta ou não, a “matemática” das *Astronômicas* representa uma “face” ou “aspecto” de sua matéria que impõe, como acima disse, um desafio particular de intelecção (cf. n. 5) e que bem se distingue, por isso mesmo, das demais “faces” ou “aspectos” daquela matéria. Valho-me dessa terminologia, aqui, simplesmente para distinguir entre as diferentes e particulares *res* ou *materies* em que se pode analisar e “decompor” o “objeto” do poema (cf. *infra*). Assim, se, na abertura das *Astronômicas*, o poeta resume, por um lado, tal objeto na fórmula de “sagrados cultos” ou “mistérios” “estrangeiros” (cf. 1.6: *hospita sacra*), lá também o divide, por outro lado, de modo ainda conciso, porém mais específico, em: (a) “as divinas artes” (cf. 1.1: *diuinas artes*), (b) “os astros sabedores do destino e que variam os diversos acontecimentos humanos” (cf. 1.1-2: *conscia fati / sidera diuersos hominum uariantia casus*), (c) “as etéreas riquezas” (cf. 1.12: *aetherios census*), (d) “os signos e os movimentos contrários dos planetas” (cf.

⁹ No dizer de Housman, o primeiro grande editor de Manílio no início do século XX, Escalígero foi durante muito tempo “the only avenue to a study of the poem” (ap. Goold 1977: cxiii).

¹⁰ Cf. *Proleg.*, p. 10: “Neque vero ignorandum est, partem illorum errorum non ipsius, sed vetustiorum esse: et unam culpam ejus esse, non quod post tot Veteres peccaverit, sed quod post tot recentiorum castigationes, Hipparchi, Timocharis, et aliorum, vestigiis illorum antiquiorum insistere maluerit” (“Mas não se deve ignorar que parte desses erros não é dele mesmo [sc. de Manílio], mas dos mais antigos, e que a culpa dele é uma só: não que depois de tantos Antigos errou, mas que depois de tantas correções dos mais recentes, de Hiparco, de Timócares, e de outros, tenha preferido persistir nas pegadas daqueles mais antigos”).

¹¹ Diante da ponderação de Escalígero sobre a competência matemática de Manílio — ao dizer, por exemplo: “Nos scimus meliorem poetam, quam Mathematicum fuisse” (ib., p. 2) (“Sabemos que [sc. Manílio] foi melhor poeta que matemático”) —, são dignos de nota os juízos de alguns dos grandes humanistas, filólogos e editores italianos naquela que se poderia chamar de “primeira recepção crítica” registrada das *Astronômicas*: assim, Aldo Manuzio (1449-1515): “Marcus Manilius Mathematicus”; “Non est enim parvi laboris et ingenii, res ita difficiles carmine adeo apte, Latine, dilucide explicuisse, ut noster hic Manilius fecit” (ap. Valpy 1828: 31), “Marco Manílio (o) Matemático (sc. Astrólogo); “Pois não é de pequeno labor e engenho ter explicado matérias assim difíceis em poesia a tal ponto adequadamente, em latim, com clareza, como esse nosso Manílio fez”; Giovan Battista Pio (1460-1540): “Manilius scientiae sideralis et Astronomicae maximus professor et antistes” (*Annot. Poster. Syllog.* III. Cap. 17, ap. Valpy 1828: 31), “Manílio, da ciência sideral e astronômica o maior professor e sacerdote”; e Pietro Crinito (1475-1507): “Studium suum atque industriam collocavit in mathematicis artibus, tantumque in his profecit, ut maximas ingenii sui laudes tulerit” (*De Poëtis Latinis* Cap. 41, ap. Valpy 1828: 30), “Sua vontade e empenho (sc. Manílio) colocou nas artes matemáticas, e nelas teve tanto êxito, que obteve os maiores louvores a seu talento”. Para apreciações menos entusiasmadas, cf. Cap. 3, p. 221, n. 3.

1.15: *signa [...] et aduersos stellarum [...] cursus*),¹² (e) “o coração do grande céu” (cf. 1.17: *magni [...] praecordia mundi*), e (f) “como o céu governa e gera com seus signos os seres vivos” (cf. 1.18: *quaque regat generetque suis animalia signis*). Seu *opus* (cf. 1.113: *hoc mihi surgit opus*, “esse [é o] trabalho [que] surge para mim”) consiste, então, em desenovelar os itens dessa *propositio* em tratamentos expositivos que se articulam e ordenam, por sua vez, sob a unidade genérica — digamos — dos *hospita sacra* (cf. 1.6), os quais se traduzem, concretamente, na matéria particular de uma *ars astrologica*, assim entendida, pois, como uma espécie de *sacrum*, um “mistério” ou “culto sagrado”, de origem estrangeira, que o vate-poeta se gloria de ser o primeiro (cf. 1.6: *nulli memorata priorum*, “[sc. cultos] lembrados por nenhum dos [sc. poetas] anteriores”) a “apresentar” (cf. 1.6: *ferens*) em poesia (cf. 1.4-5: *nouis [...] / cantibus*; cf. também: 1.113-14; Cap. 1, p. 29).

Que o poeta esteja a versar postulados e μαθήματα de uma *ars* é coisa que se depreende do modo mesmo como ele se refere à doutrina que está a transmitir: cf. 2.451: *artis*; 691: *artem*; 768: *artem*; 801: *artem*; 968: *artem*; 3.45: *arte*; 96: *artem*; 207: *artis*; 269: *artem*; 394: *artem*; 666: *artem*. Assim, nesse “canto” que lhe “vem do céu” (cf. 1.118; Cap. 1, p. 24), a doutrina apresentada segue as divisões que em geral se podiam entrever nas “terrenas” *artes* astrológicas de uma “vulgata” que vinha, para Manílio, não “do céu”, mas “do estrangeiro”:¹³ em tais *artes* — como ensina Escalígero¹⁴ — a *Astrologia* costumava ter uma bipartição: (α) a parte *sobre o céu* (περὶ οὐρανοῦ), chamada *meteorológica* (μετεωρολογική), e (β) a parte *produtiva* ou *eficiente* (ποιητική), que se bipartia, por sua vez, (β.1) num membro *descritivo* ou *tabular* (τὸ πινακικόν), e (β.2) noutro *decretório* ou *apotelesmático* (τὸ ἀποτελεσματικόν). Ora, o primeiro dos cinco livros das *Astronômicas*, basicamente uma cosmogonia e uma descrição da esfera celes-

¹² Ainda que dos planetas o poema não apresente tratamento, quer porque se tenha perdido o que houvesse, quer porque o poeta não tenha mesmo completado o poema: cf. 2.965; 3.155-8; 586-9. Sobre a importância dos planetas na astrologia antiga, cf. Bouché-Leclercq 1899: 88-157, 180-255.

¹³ Ainda anterior aos esforços de organização dos volumes do CCAG (= *Catalogus Codicum Astrologorum Graecorum*: cf. *infra*, “Referências bibliográficas”, p. 296), muito útil é a informação bibliográfica e cronológica sobre alguns dos principais textos que recuperam essa “vulgata” em Bouché-Leclercq 1899: x-xx; cf. também Barton 1994: 114-26. Sobre Manílio como leitor e tradutor dessa “vulgata”, cf. Abry 1998: 321. Especialmente sobre a história da astrologia antiga, sempre valiosa é a monumental e já referida obra de Bouché-Leclercq 1899 (cf. especialmente: 1-87, 543-627); cf. também: Hübner 1983; Barton 1994: 9-85 e Bottéro 1996.

¹⁴ Para o vocabulário técnico e as divisões dadas a seguir, cf. Escalígero 1655: 20; 99-100; 184; 273; 333-4; cf. também, *infra*, n. 14, 15 e 16.

te,¹⁵ chamado de “Sphaera Mundi” por Escalígero,¹⁶ corresponderia justamente à parte (α) *meteorológica* da *Astrologia* tal como essa vinha exposta naquelas *artes*, correspondendo os demais quatro livros à parte (β) ποιητική destas últimas, uma vez que os livros 2 e 3, respectivamente chamados por Escalígero de “prima” e “secunda institutio” (ou εἰσαγωγή), corresponderiam ao membro (β.1) πινακικόν, por serem introduções *descriptivas* à astrologia, e os livros 4 e 5, por sua vez, chamados por Escalígero de “primus” e “secundus apotelesmaticus”, seriam correspondentes ao membro (β.2) ἀποτελεσματικόν, por tratarem dos *efeitos* e influências dos astros.¹⁷ Além dessa, uma outra partição (γ) se poderia considerar em tais *artes*, conforme se “misturasse” ou não, no tratamento da matéria, a influência dos planetas, pois a ocorrência ou não da *mixtura* (cf. 3.587: *mixtura*) de tais influências definia o (γ.1) “estudo puro” (ἀμιγῆς θεωρία) ou (γ.2) “misturado” (συγκρατική) da astrologia naquelas *artes*; ora, considerando-se que não há, nas *Astronômicas*, tais como as temos, nenhum tratamento dos planetas — ainda que o poeta prometa fazê-lo (cf. 3.587: *mox ueniet mixtura*, “depois virá a mistura”; cf. também: 2.965; 3.155-8; *supra*, n. 12) —, todo o poema, ou o que dele nos restou, corresponderia, então, ao (γ.1) “estudo puro” (ἀμιγῆς θεωρία) da astrologia, tal como este se mostraria em certa parte daquelas *artes*.¹⁸

¹⁵ Cf. 1.120-1: *ipsa mihi primum naturae forma canenda est / ponendusque sua totus sub imagine mundus*, “a própria forma da natureza deve ser por mim cantada, e disposto o universo inteiro sob sua imagem própria”.

¹⁶ Cf. 1655: 20 (= início das notas e *castigationes* ao primeiro livro).

¹⁷ Cf. *ib.*, p. 273: “Duo superiores libri (sc. secundus et tertius) sunt descriptivi ac elementarii. Hi posteriores (sc. quartus et quintus) sunt apotelesmatici, seu decretorii. Nam haec scientia aut informat, aut decernit. Et decreta ipsa vocantur apotelesmata, h. e. responsa: ἀποτελεῖν enim dicitur Astrologus, quando respondet; (...). Praedictionis, quae per Astronomiam fit, duae partes sunt: altera circa astrorum motum, altera circa effectum astrorum. Unde Graeci eam partem vocant τὸ ποιητικόν. Priorem partem tractavit primo libro; alteram quatuor sequentibus; quae et ipsa in duas partes discedit: descriptivam et apotelesmaticam. Et quidem descriptiva tractat astrorum et signorum, sive absolutas, sive respectu aliorum ad alia, vires et positiones. Ea omnia, ut diximus, jam prioribus libris absolvit: apotelesmaticam in hoc et sequenti”, “Os dois livros anteriores (sc. o segundo e o terceiro) são descritivos e elementares. Estes últimos (sc. o quarto e o quinto) são apotelesmáticos, ou decretórios. Pois essa ciência ou informa ou decreta. E os decretos mesmos são chamados de *apotelesmata*, isto é, ‘respostas’, pois ἀποτελεῖν (‘pagar’, ‘responder’) se diz do astrólogo, quando responde; (...). Da predição que se faz pela astronomia duas são as partes: a primeira acerca do movimento dos astros (sc. a astronomia, propriamente), a segunda acerca da influência dos astros (sc. a astrologia). Daí, a esta parte os gregos chamam de ποιητικόν. Da primeira parte (sc. Manílio) tratou no primeiro livro; da segunda, nos quatro seguintes; e esta última mesma em duas partes se divide: descritiva (*nos livros 2 e 3*) e apotelesmática (*nos livros 4 e 5*)”.

¹⁸ Cf. *id. ib.*, p. 3: “Manilius (...) quum ea, quae a Veteribus Graece tradita erant, Latinis versibus edere instituisset, ut in caeteris, sic in tributione operis sui auctores suos sequitur; qui hanc scriptionem εἰς ἀμιγῆ καὶ συγκρατικὴν θεωρίαν diviserunt. In priore parte Signorum habitus ad se invicem, et apotelesmata sine suffragiis Stellarum errantium considerantur. In altera planetarum decreta admiscuntur. (...) Priorem partem Manilii sex libris explicaverat, quorum quinque hi tantum ad nos, et ne ii quidem ab omni parte integri pervenerunt”, “Como Manílio (...) houvesse decidido expor em versos latinos aquilo que havia sido transmitido pelos Antigos em grego, assim no resto como na divisão de sua obra (sc. Manílio) segue seus autores, que dividiram a redação no estudo ‘puro’ e ‘misturado’ (sc. da astrologia). Na primeira parte, consideram-se as disposições dos signos em relação uns aos outros, bem como os (seus)

Se tais partições (α , β , γ), por sua vez, se aplicam “escolasticamente” ao *opus* de Manílio,¹⁹ notando a dependência de sua disposição para aquela que em geral se poderia entrever nas *artes* astrológicas antigas, outra partição proponho aqui que atenta, não para a disposição do *opus* em diferentes partes conforme a matéria, mas para a natureza múltipla desta última conforme o que entendo ser seus diferentes *aspectos* ou *faces*, bem como para os diferentes *modos* de tratamento poético, por assim dizer, que de modo geral se aplicam, conforme penso, a tais *aspectos* ou *faces*.²⁰ Assim, a partir dos itens (a-f) que acima arrolei como constituintes da poética *propositio* de Manílio, bem como a partir do desenvolvimento que lhes é dado ao longo dos cinco cantos do poema, entendendo que, unificadas sob o modo *poético* de sua *exposição* “didática” — dentro da “ficção” de instrução criada pelo poema e por meio da relação entre suas *personae doctoris* e *discipuli* (cf. Cap. 1, p. 22) —, estão, basicamente (cf., porém, *infra*, n. 22), três componentes ou *faces*: uma *física*, outra *ética* e outra, ainda, *técnica* (ou *prática*). Por componente *física* entendo, por exemplo, a exposição das hipóteses sobre a origem e natureza do universo (1.118-254), sobre a natureza e a forma dos cometas (1.809-73), bem como a descrição dos astros visíveis da abóbada celeste (1.255-531) e de seus diferentes círculos (1.561-804): os cinco paralelos (1.567-602), os coluros (1.603-32), o meridiano (1.633-647), o horizonte (1.648-665), a eclíptica zodiacal (1.666-83) e a Via Láctea (1.684-757), temas que se constituem, enfim, nos *elementos* da exposição didática do primeiro canto do poema e que servem, por isso, de “certa preparação meteorológica elementar” para as lições propriamente astrológicas que o *discipulus* encontrará nos cantos seguintes.²¹ Por componente *ética* entendo, por exemplo, ainda no primeiro canto, o retrato moral dos virtuosos, cujas almas, após a morte, migrariam para a Via Láctea (1.758-804), ou a exortação moral no começo do proêmio ao quarto canto (4.1-22; cf. *infra*), bem como certos estímulos e advertências feitas ao hesitante *discipulus* (4.387-407, 866-75 e 931-2), ou ainda, o reconhecimento, pelo poeta, de certos limites

efeitos sem as influências das Estrelas errantes (sc. dos planetas). Na segunda parte, são misturados os decretos dos planetas. (...) A primeira parte Manílio explicou em seis livros, dos quais somente esses cinco, e nem mesmo esses integralmente, nos chegaram”. Escalígero crê não só que Manílio tenha composto seis livros para o tratamento do “estudo puro” da astrologia, senão também que tenha composto ainda outros — embora não arrisque dizer quantos — para o tratamento do “estudo misturado”.

¹⁹ Cf. id. ib.: “in tributione *operis* sui”.

²⁰ Para outros modos de partição e organização das *Astronômicas*, cf. Romano 1979. Já para o estudo da estrutura dos poemas didáticos em geral e da relação desta com os tratados em prosa, cf. Hutchinson 2008: 228-50; cf. também Fowler 2000.

²¹ Cf. Escalígero 1655: 99 (= início das notas e *castigationes* ao segundo livro): “veluti quaedam, ut vocabat Posidonius, στοιχείωσις μετεωρολογική, quae tirunculis aditum ad apotelesmaticen munit”, “como certa ‘preparação meteorológica’, como chamava Posidônio, que mune os aprendizes com o (*o meio de*) acesso à apotelesmática”.

impostos à elocução poética aplicada a matérias divinas (4.436-42; cf. Cap. 1, p. 46). Por componente *técnica* ou *prática*, enfim, entendo, por exemplo, a descrição dos signos zodiacais, no segundo canto — da parte ποιητική da astrologia, a “prima institutio” de seu membro πινακικόν —, que copiosamente os distingue entre masculinos e femininos, humanos e animais, unos e duplos, direitos e invertidos, etc. (2.150-269), que os apresenta em suas diferentes *coniunctiones* uns em relação aos outros, conforme, por exemplo, os aspectos trígonos, tetrágonos, hexágonos, etc. (2.270-432) ou conforme as disposições de “amizade” ou “inimizade” entre eles (2.466-692); ou a divisão do céu, não mais conforme os círculos ensinados na “preparação meteorológica” do primeiro canto, mas segundo os postulados da astrologia, na exposição dos intervalos do Dodecatropo (2.856-967); ou ainda, no terceiro canto — também da parte ποιητική da astrologia, a “secunda institutio” de seu membro πινακικόν —, a exposição do círculo móvel dos doze *athla* (cf. *infra*), ou *operum sortes* (3.43-159), e do sistema de diferentes *rationes*, ou cálculos, para operar a superposição desse círculo àquele dos signos zodiacais (3.160-509; cf. *infra*); ou enfim, nos dois últimos cantos do poema — da parte ποιητική da astrologia, o “primus” e “secundus apotelesmaticus” de seu membro ἀποτελεσματικόν —, a exposição das determinações celestes sobre os diferentes caracteres humanos (4.122-293), sobre os diferentes povos da terra (4.711-43) e sobre as diferentes partes da própria terra (4.744-817), bem como a extensa e variada exposição dos caracteres gerados sob a influência das constelações não-zodiacais em sua ascensão relativamente à ascensão de certos graus dos signos (5.32-709), no tratamento que o poeta dispensa aos *paranatellonta* (cf. Cap. 1, p. 60).²²

É claro, entretanto, que a orientação filosófica do poeta determina, em princípio, uma abordagem física e uma abordagem ética da matéria que lhe sejam correspondentes.²³ Mas, se há um princípio unificador nas *Astronômicas*, não será este a exposição de um sistema filosófico; por isso, aliás, tenho usado a expressão “orientação filosófica geral” do poeta, dado seu sincretismo, ainda que tal orientação penda para a filosofia do Pórtico (cf. Cap. 1, n. 20). O princípio, então, que unifica o que chamo aqui de diferen-

²² Obviamente, tal divisão é apenas geral, por deliberadamente desconsiderar os casos em que uma mesma exposição possa ser entendida, por exemplo, como *física* e/ou *técnica*, conforme o ponto de vista: tal é o caso, a meu ver, da apresentação que o poeta faz dos doze signos em 1.255-75, que ao mesmo tempo são, pelo aspecto *físico*, “chamas” brilhantes (cf. 1.255: *signorum* [...] *flammas*) “contáveis no céu limpo” (1.260: [sc. *signa*] *quae possis caelo numerare sereno*) e, constituindo o “coração do céu” (cf. 1.17: *praecordia mundi*; 3.61: *mundi praecordia*), são, pelo aspecto *técnico* da astrologia, a fonte “de onde se deriva a razão toda dos destinos” (cf. 1.261: *e quibus et ratio fatorum ducitur omnis*).

²³ Quanto à aplicabilidade da doutrina estoica ao fatalismo da astrologia em Manílio, cf., por exemplo, Lanson 1887: 29-53; Volk 2009: 226-34.

tes *faces* do poema é, como disse acima, a exposição de uma *ars* astrológica, que se faz, porém, dentro dum enquadramento não *técnico*, mas *poético*. Daí por que prefiro ver nas *faces* física e ética das *Astronômicas*, não sua dependência para uma escola de filosofia, que em certa medida existe e pode ser demonstrada,²⁴ mas seu funcionamento dentro da exposição *poética*, e nem sempre rigorosamente *técnica*, que o poeta faz da astrologia. Assim, a “parte” física das *Astronômicas* — até mesmo por seguir o procedimento geral das *artes* astrológicas antigas — serve ao propósito de prover o *discipulus* dos elementos necessários à compreensão de sua “parte” técnica; já a componente ética do poema, por sua vez, resulta, conforme entendo, da orientação principalmente estoica do poeta aplicada à interpretação dos aspectos físicos e técnicos de sua matéria. Noto, finalmente, que tais aspectos — físico, ético e técnico —, assim como os vejo, se articulam uns com os outros também de modo ainda mais sutil. Assim, na exposição da Via Láctea (1.684-757), por exemplo, é logo em seguida à relação de suas prováveis causas *físicas* e *poéticas* (cf. Cap. 1, p. 54) que o poeta enuncia a hipótese segundo a qual aquele círculo seria o destino para a migração das almas dos virtuosos após a morte (cf. 1.758-60: *An fortes animae dignataque nomina caelo / corporibus resoluta suis terrae-*

²⁴ Veja-se, por exemplo, a interpretação estoica que o poeta aplica a sua descrição do fenômeno físico dos movimentos dos corpos celestes em 1.474-531, de que destaco abaixo os versos 475-94, em verdadeiro diálogo com Lucrécio (cf., por exemplo, Lucr. 1.174-91):

(sc. signa) non uarios obitus norunt uariosque recursus,
 certa sed in proprias oriuntur singula luces
 natalesque suos occasumque ordine seruant.
 nec quicquam in tanta magis est mirabile mole
 quam ratio et certis quod legibus omnia parent.
 nusquam turba nocet, nihil ullis partibus errans
 laxius aut breuius mutatou ordine fertur.
 quid tam confusum specie, quid tam uice certum est?
 Ac mihi tam praesens ratio non ulla uidetur,
 qua pateat mundum diuino numine uerti
 atque ipsum esse deum, nec forte coisse magistra,
 ut uoluit credi, qui primus moenia mundi
 seminibus struxit minimis inque illa resolut;
 (...)
 si fors ista dedit nobis, fors ipsa gubernet.

([sc. os signos] não variam nem o pôr nem o retorno ao céu, mas cada uma, constante, eleva-se de acordo com o seu tempo específico e conserva ordenados os momentos do seu nascer e do seu ocaso. Nada, nessa máquina tamanha, é mais admirável do que sua regularidade e o fato de que tudo obedece a leis constantes. Em lugar nenhum uma perturbação lhe causa dano; nada, em parte alguma, é levado a vagar por um caminho mais extenso ou mais breve ou a mudar a direção do seu curso. O que mais pode haver de aparência tão complicada e, no entanto, de movimentação tão regular? Quanto a mim, nenhuma razão me parece tão evidente quanto essa, para mostrar que o mundo se move segundo uma força divina e que ele próprio é o deus, e que não se formou por ordem do acaso, conforme quis que acreditássemos o primeiro (sc. Epicuro) que ergueu as fortalezas do universo a partir dos elementos mínimos e a eles reduziu-as; (...)) Se o acaso nos deu essas coisas, diga-se que o acaso mesmo as governa.)

que remissa/ huc migrant ex orbe [...]? “Ou valorosas almas e nomes dignos do céu, desligados de seus corpos e suspensos do orbe da terra, para lá migram [...]?”; cf. Cap. 1, p. 56, n. 74), passando, assim, à longa enumeração — que entendo como um desenvolvimento da parte *ética*, como acima disse — de heróis do mito e da história, e de suas respectivas virtudes (cf. 1.763-804), em razão das quais estes agora “tocam os fastígios perto dos deuses” (cf. 1.803-4: *proxima diuum / [...] uirtute sua [...] fastigia tangunt*); assim também, é logo em seguida à exposição técnica do complexo sistema (cf. 4.393: *uia flexus rerumque catenas*, “as curvas do caminho e os encadeamentos das coisas”) das decanias (4.294-407) que a *persona doctoris* do poeta imagina a reclamação de seu *discipulus* (cf. 4.387-9) diante da dificuldade de inteligência do sistema distributivo dos signos e o exorta, então, a suportar esse “delicado labor” (cf. 4.387: *tenuem [...] laborem*; 866-7: *tenui [...] ratione [...] / scrutari mundum*, “com fina razão escrutar o céu”) em nome do “prêmio” que daí virá: ora, o esforço humano em busca de “pedras preciosas” (4.309), o arriscado e aventureiro trabalho da navegação em nome do “lucro” (4.402), a preocupação com a satisfação apenas do “ventre” (4.404-5) são formas condenáveis de *labor*, pois resultam do desejo humano de bens “perecíveis” (cf. 4.403: *bona [...] caduca*), motivo de vergonha (cf. 4.403: *pudeat*); já o esforço para “conhecer o destino” (cf. 4.391: *fata [...] cognoscere*) é, com efeito, grande, pois “em profundas trevas está cercada a natureza, e a verdade está no invisível e no grande intrincado das matérias” (cf. 4.303-4: *altis natura manet consaepta tenebris / et uerum in caeco est multa que ambagine rerum*), de modo que “não com os olhos, mas com a mente profunda é que se deve dissipar a escuridão, e no fundo, não na superfície, é que se deve observar o deus” (cf. 4.308-9: *non oculis, alta sed mente fuganda est / caligo, penitusque deus, non fronte, notandus*), que é o objeto da investigação (cf. 4.390: *Quod quaeris, deus est*, “O que buscas é o deus”); mas o “delicado labor” tem enorme recompensa (cf. 4.393-5: *pro pretio labor est*, “o esforço é proporcional ao prêmio”), pois, se o “valor a desembolsar” é o próprio homem (cf. 4.407: *impendendus homo est*), a finalidade é de “que nele próprio possa estar o deus” (cf. 4.407: *deus esse ut possit in ipso*).²⁵

Se tais são, pois, os *aspectos* ou *faces* (ou “partes” ou “componentes”) da matéria das *Astronômicas*, chamo a atenção, finalmente, para o que acima anunciei como “diferentes *modos* de tratamento poético” aplicáveis, conforme penso, a tais *aspectos* ou *faces*. Pois, se classifico as *Astronômicas* como um poema de gênero didático — um

²⁵ Para o estudo particular da questão do *tenuis labor* e de seu “prêmio”, aqui apenas brevemente referida, cf. Cap. 3, p. 261-291.

gênero de poesia “amimética” e “pedêutica” (cf. *Tract. Coisl.* 1.1: [sc. ποίησις] ἀμίμητος; 1.5: παιδευτική; cf. Cap. 1, p. 75) —, se lhes aplico a análise que se pode fazer desse gênero em suas *espécies diretiva* (cf. 1.4: [sc. ποίησις παιδευτική] ὑφηγητική) e *teorética* (cf. 1.5: [sc. ποίησις παιδευτική] θεωρητική), e se por “diretivo” e “teorético” entendo não apenas as *espécies* de um gênero, mas os *modos* de tratamento da matéria desse gênero, então penso ser possível correlacionar a tais *modos* do *Tract. Coisl.* — ao menos em parte: cf. *infra* — aquelas *faces* ou *aspectos* que acima distingui na matéria das *Astronômicas*. Assim, vejo como exemplos de exposição *teorética* — ou, por assim dizer, “observativa” (cf. gr. θεωρεῖν, “observar”, “contemplar”) — certos tratamentos que o poeta dispensa quer à parte *física* de sua matéria, quando “observa”, por exemplo, a suspensão e esfericidade da Terra (cf. 1.194-167 [= *post* 214]), quer à parte *técnica*, quando faz, por exemplo, em seu “secundus apotelesmaticus” (cf. *supra*), a descrição — pitoresca — das παρανατολαί (cf. 5.38-9; 57-60; 67-70; 102-5a; etc.) e dos ἀποτελέσματα correspondentes (cf. 5.40-56; 61-6; 71-101; 105b-17; etc.; cf. Cap. 1, p. 61), quer, enfim, a certa parte *ética*, quando, por exemplo, “contempla”, no céu, a série das almas daqueles heróis e personagens cujas virtudes lhes valeram a morada na Via Láctea (cf. 1.763-804); a outras partes *éticas*, entretanto, mais se ajusta, segundo me parece, um *modo* de tratamento que chamaria aqui de *parenético* (cf. gr. παραινέω, “exortar”) — ausente das distinções do *Tract. Coisl.*, razão por que acima falei de correlação tão-só parcial —, claramente verificável, por exemplo, na exortação moral feita no próêmio ao quarto canto (cf. 4.1-22) ou em meio a várias das advertências feitas ao *discipulus* (cf. 4.387-407, 866-75 e 931-2). Ora, ao passo que o modo *teorético* parece poder aplicar-se igualmente às *faces* física, ética e técnica da matéria do poema, e que o modo *parenético*, por sua vez, parece ser o que *mais* entende com sua *face* ética, à *face* técnica (ou “prática”), por seu turno, aplica-se *especialmente* o modo *diretivo* (ὑφηγητική) ou “conducente” (cf. gr. ὑφηγέομαι, “guiar”, “conduzir”), como ocorre, entre tantos exemplos, na longa exposição dos *procedimentos* ou *rationes* necessárias para operar o ajuste ordenado dos doze *athla* ao círculo das constelações zodiacais (3.160-509), na qual o *doctor* vai “conduzindo” seu *discipulus* pela *uia* flexuosa da *ars* (cf. 4.393: *uia flexus*), dizendo-lhe o quê, e quando, e como fazer.²⁶

²⁶ Cf., por exemplo, 1.812: *quidquid (...) quandoque*; 2.745-6: *in quo quaeque (...) stellae quandoque locatae / dodecatemorio*, “em qual dodecatemória qual estrela se localiza e quando”; 3.164: *quibus accedant signis quandoque, canendum est*, “deve-se cantar em quais signos se aplicam (sc. os *athla*: cf. *infra*, p. 143-147) e quando”; 296: *quod quandoque horoscopet astrum* “que astro está a horoscopar e quando”; 484: *quod quandoque*; 561: *quod quandoque*; entre tantos casos, veja ainda: 2.432: *talis erit ratio*, “tal

Assim, de maneira geral, se no modo *teorético* o poeta atenta para a natureza, as propriedades ou a *aparência*²⁷ do objeto descrito, e se no modo *parenético* o poeta exorta seu *discipulus* (ou mesmo uma genérica audiência) a seguir uma orientação ética entendida como adequada à presumida *essência* e ao significado de tal objeto, é no modo *diretivo*, por outro lado, que o poeta assume ainda mais claramente, a meu ver, a condição de *doctor* diante de seu *discipulus*, já que, ao atentar para a *face* propriamente *técnica* ou “prática” daquele mesmo objeto, entra o poeta numa relação de *instrução* mais estreita com seu *discipulus*, pois passa a lhe *mostrar* os *dados* (cf. Cap. 1, p. 52) e os *procedimentos* (cf. *infra*) da *ars* astrológica, *dados* e *procedimentos* que o poeta, ao menos em princípio, não pode “alterar” ou “confeccionar”, pois constituem uma “realidade” que lhe é *transmitida* pelas *artes* astrológicas por ele compulsadas e que lhe cabe, por sua vez, também *transmitir* ou *mostrar* a seu *discipulus* por meio de seu poema (cf. Cap. 1, p. 20, 22, 39, 39, 73; *supra*, 80).²⁸ Insisto, porém, no caráter apenas “geral” dessa distribuição (cf., aliás, n. 21), pois, conforme penso, a distinção entre, por exemplo, o modo teorético e o modo diretivo nem sempre se pode fazer com muita clareza: tal é o caso de certos tratamentos da parte técnica da matéria — como, por exemplo, no caso do círculo móvel dos doze *athla* (cf. *infra*), ou *operum sortes* (3.43-159) —, nos quais a exposição poética oscila entre a “observação” do pitoresco (cf. 3.96-155), a “demonstração” ao *discipulus* (cf. 3.43-4: *Nunc age subtili rem summam perspice cura, / quae tibi praecipuos usus monstrata ministret*, “Agora observa com fino cuidado uma coisa de suma importância que, uma vez demonstrada, notáveis proveitos te trará”) e a preo-

será o método”; 536: *ratio est per signa sequenda*, “deve-se seguir o método através dos signos”; 725: *haec quoque comperta est ratio*, “também este método se descobriu”; 738: *Haec quoque te ratio ne fallat*, “Que este método não te engane”; 3.177: *duplici (...) ratione capesse*, “por duplo método procura (sc. o lote da Fortuna: cf. *infra*, p. 158)”; 204: *qua ratione queas*, “por que método possas (sc. encontrar o signo horoscópico; cf. *infra*, p. 145)”; 3.563-4: *ratio, quae summam continet aeui, / reddenda est*, “o método que contém o total do tempo de vida deve ser apresentado”; 566: *respicienda manet ratio*, “deve-se continuar a observar o método”; 4.316: *diuersa (...) ratio est*, “o método é diverso”.

²⁷ É o que acontece, por exemplo, após a exposição das hipóteses sobre a origem do universo (cf. 1.118-44), uma “disputa” que “sempre existirá para as inteligências” (cf. 1.145: *semper erit pugna ingeniis*); ora, se “incerto continuará o que oculto e tão acima está do homem e do deus” (cf. 1.145-6: *dubiumque manebit / quod latet et tantum supra est hominemque deumque*), a *facies* ou *species* de ordem e regularidade do κόσμος é perceptível: cf. 1.147-8: *sed facies quacumque tamen sub origine rerum / conuenit, et certo digestum est ordine corpus*, “mas a face das coisas, qualquer que tenha sido sua origem, é congruente, e seu conjunto está distribuído numa ordem certa”.

²⁸ Com isso, porém, não pretendo dizer que nos modos teorético e parenético o poeta possa “alterar” ou “confeccionar” a “realidade” de seu objeto; penso apenas que, em se tratando da *face técnica* desse objeto — à qual se aplica especialmente o modo diretivo de tratamento —, a “licença” do poeta para operar diretamente sobre a “realidade” da matéria — nela inserindo, por exemplo, o mítico ou o fabular — é reduzida, de modo que toda “confeccão” que “extravase”, nesse caso, dos *uerba* para as *res* é percebida como um desvio da qualidade *técnica* para a qualidade (meramente?) *poética* da exposição “didática”: cf. Cap. 1, p. 46-53.

cupação com a ordem e a clareza da apresentação para o “leitor” (cf. 3.158-9: *ne permixta legentem / confundant*, “de modo que, [sc. por estarem] misturadas [sc. as presentes matérias às influências planetárias], não confundam aquele que [as] lê”; cf. Cap. 3, p. 243). Ainda assim, a aplicação variada, e assim “geralmente” distribuída, de diferentes modos de exposição poética — teorético, parenético e diretivo — constitui mais uma forma, a meu ver, de distinguir umas das outras as *faces* da matéria nas *Astronômicas*.

Valho-me, enfim, dessa distinção, com o propósito de novamente atentar — agora, porém, de modo mais preciso — para a natureza técnica de grande parte do poema de Manílio, que tem imposto não só a seus exegetas, ao longo da história de suas edições e comentários, como dissera no início deste Capítulo (cf. *supra*, p. 77), mas também a seus “simples leitores” (cf. *supra*, n. 6; Cap. 3, p. 221-223) o desafio da interpretação e do esclarecimento. Como deseja o poeta que a “fortuna seja favorável a seu grande labor” (cf. 1.114: *faueat magno fortuna labori*), de modo que lhe seja possível “percorrer com igual cuidado o grande e o pequeno” de sua matéria (cf. 1.117: *magna [...] cum paruis simili percurrere cura*), assim também faria sentido — ousaria dizer — desejá-la igualmente favorável a seu leitor, de modo que esse pudesse percorrer com igual cuidado o “grande” e o “pequeno” do poema. Mas o que o poeta faz é pedir diretamente — e *diretivamente* — àquele que “preste atenção” (cf. 3.38: *impendas animum*) e não venha a querer “doce poema” (*nec dulcia carmina quaeras*), e assim lho pede bem quando lhe enuncia os detalhes e “pormenores” (cf. 1.117: *paruis*) de uma matéria que, segundo ele, “recusa ser ornada, satisfeita com ser ensinada” (cf. 3.39: *ornari res ipsa negat contenta doceri*) e com a qual lhe será preciso mesmo “lutar”:

At mihi per numeros ignotaque nomina rerum
temporaque et uarios casus momentaque mundi
signorumque uices partesque in partibus ipsis
luctandum est. quae nosse nimis, quid, dicere quantum est?
carmine quid proprio? pedibus quid iungere certis? (3.31-5)

(Quanto a mim, porém, tenho de lutar com números, desconhecidos nomes de coisas e frações de tempo, com as diferentes circunstâncias e movimentos do céu, e a ascensão das constelações, e com as partes nas suas próprias partes. Se conhecer essas coisas já é muito, que será então de exprimi-las? E numa poesia adequada a elas? E de submetê-las a um metro fixo?!)

Tais “pormenores”, como se vê, representam mais particularmente o que tenho chamado aqui de *face* técnica da matéria do poema. Não se trata, agora, de apenas “conhecer os signos” (cf. 1.15: *signa [...] noscere*), como dissera em sua *propositio* (‘b’, ‘d’: cf. *supra*), pois “conhecer só isso é pouco” (cf. 1.16: *quod solum nouisse parum est*); o que

“apraz é ter a ciência mais profunda do coração do grande céu” (cf. 1.17: *scire iuuat magni penitus praecordia mundi*) — que é a ciência do Zodíaco, pois assim o poeta chama os signos: o “coração” ou as “entranhas” do céu: cf. 3.61: *mundi praecordia* —, e saber “como” (cf. 1.18: *qua*) o céu “governa e gera com seus signos os seres vivos” (cf. 1.18: *regat generetque suis animalia signis*) (‘e’, ‘f’: cf. *supra*), signos “que variam os acontecimentos humanos” (cf. 1.2: *hominum uariantia casus*) (‘a’: cf. *supra*). “Conhecer”, pois, a matéria “profundamente” (cf. 1.17: *penitus*), em suas “entranhas”, é descer ao detalhe de seus “pormenores”: os “nomes desconhecidos” (cf. 3.31: *ignota nomina*) e estrangeiros (cf. 3.41: *externa [...] nomina*) das matérias (cf. 3.31: *rerum*); os “números” e “somas” (cf. 3.31: *numeros*; 4.431: *numeros*; 432: *summas*); os “tempos”, as “mudanças” e os “movimentos” da abóbada celeste (cf. 3.32: *temporaque et casus momentaque mundi*; 4.437: *caeli motus*); as “alternâncias dos signos” (cf. 3.33: *signorum uices*); as “partes” e as “partes nas próprias partes” (cf. 4.432: *partes*; 3.33: *partes in partibus ipsis*). É justamente numa das vezes em que desce assim às “partes nas próprias partes” — ao expor o sistema das decanias (4.294-407),²⁹ cada qual uma “parte” (1/3 ou 10° de 30°) dentro de um signo, sendo este mesmo já uma “parte” de outro total (1/12 ou 30° de 360°) —,³⁰ que o poeta-*doctor* imagina uma das “reclamações” de seu

²⁹ Um dos *externa nomina*: cf. 4.298-301: *Quam partem Graiae dixere decanica gentes*, “Tal parte os gregos chamaram *decânica*”; cf. gr. δεκανικά, (-ός, -ή, -όν), lat. *dēcānīca, -orum*; cf. *infra*, p. 117.

³⁰ Cf., por exemplo, a distribuição das decanias em Áries e Touro:

namque Aries primam partem sibi uindicat ipsi,
altera sors Tauro, Geminis pars tertia cedit.
sidera sic inter diuisum dicitur astrum
totque dabit uires dominos quotcumque recepit.
diuersa in Tauro ratio est, nec parte sub ulla
censetur: Cancro primam mediamque Leoni,
extremam Erigonae tribuit. natura per astrum
stat tamen et proprias miscet per singula uires. (4.312-19)

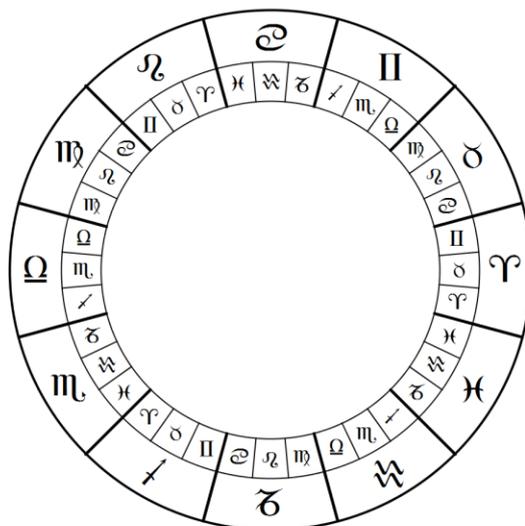
(Áries reivindica para si mesmo a primeira parte [sc. os primeiros 10° dele mesmo], a segunda cabe a Touro, a Gêmeos a terceira. Assim entre os signos se diz que foi o astro dividido, e ele exercerá tantas influências quantos os donos que recebeu. Diferente é a disposição em Touro; ele não é visto sob nenhuma parte: a Câncer a primeira, a do meio a Leão, a última parte a Erígone (sc. Virgem) ele atribui. Sua natureza, entretanto, permanece ao longo de seu astro e mistura, em cada uma de suas partes, suas influências particulares.)

Assim, as decanias, dentro de Áries, são: Áries, Touro e Gêmeos; dentro de Touro: Câncer, Leão e Virgem; e assim sucessivamente, podendo-se representar a distribuição completa da seguinte maneira:

discipulus (cf. 4.387-90; Cap. 3, p. 262), ao supô-lo “imerso” (cf. 4.388: *mergis*) na escura e “densa névoa” (cf. 4.438: *in magna [...] caligine*) da matéria técnica. De fato, a dificuldade não parece estar em seguir, por assim dizer, os “olhos” do poeta quando estes “contemplam” ou “observam” — *teoreticamente*, portanto — o φαινόμενον, que, no caso, por exemplo, do Zodíaco, é dos signos o brilho perceptível pelos olhos do *discipulus* num “céu claro” e limpo de nuvens:

Nunc tibi signorum lucentis undique flammam
ordinibus certis referam. primumque canentur
quae media obliquo praecingunt ordine mundum
solemque alternis vicibus per tempora portant
atque alia aduerso luctantia sidera mundo,
omnia quae possis caelo numerare sereno,
e quibus et ratio fatorum ducitur omnis,
ut sit idem mundi primum quod continet arcem.

Aurato princeps Aries in uellere fulgens
respicit admirans auersum surgere Taurum
summisso uultu Geminos et fronte uocantem,
quos sequitur Cancer, Cancrum Leo, Virgo Leonem.
aequato tum Libra die cum tempore noctis
atrahit ardenti fulgentem Scorpion astro,
in cuius caudam contento derigit arcu
mixtus equo uolucrum missurus iamque sagittam.
tum uenit angusto Capricornus sidere flexus.
post hunc inflexa defundit Aquarius urna
Piscibus assuetas auide subeuntibus undas,
quos Aries tangit claudentis ultima signa. (1.255-74)



(Fig. 1: Decanias.)

Sobre a origem egípcia das decanias, cf. Barton 1994:19-21; quanto às figuras, ilustrações e tabelas usadas neste trabalho, cf. “Nota prévia”, p. 11; quanto ao uso em geral de ilustrações pelos comentadores de Manílio, cf. Cap. 3, p. 222, n. 6. Sobre o sistema das decanias em Manílio, cf. Bouché-Leclercq 1899: 215-36.

(Agora te descreverei, em sua ordem constante, as luzes das constelações que brilham em toda a parte. Primeiro cantarei aquelas que cingem o céu pelo meio com um encadeamento oblíquo e trazem, alternadamente pelas estações, o Sol e aqueles astros que em seu curso oposto lutam contra o céu [sc. os planetas], constelações que podes enumerar na abóbada celeste limpa [sc. de nuvens], e das quais se deduz toda a razão dos destinos. Seja a primeira a mesma que encerra o arco supremo do céu.

Áries, em primeiro lugar, reluzente em seu toirão dourado, olha para trás, admirando o Touro surgir de costas, que com aspecto submisso chama os Gêmeos, os quais segue Câncer, a Câncer Leão, e a Leão Virgem. Em seguida, igualado o dia com a duração da noite, Libra atrai o Escorpião, que reluz com o brilho de sua estrela; em direção à sua cauda, endireita-se o homem que é metade cavalo [sc. Sagitário] e que está prestes a lhe atirar sua flecha voadora. Então vem Capricórnio, curvado na estreiteza de sua luz. Depois dele, Aquário verte de sua urna recurvada a água habitual para os Peixes, que avidamente a penetram. Áries toca-os, e eles encerram a última constelação.)

Tampouco parece estar a dificuldade em compreender e acompanhar os termos de sua clara parênese:

Quid tam sollicitis uitam consumimus annis
 torquemurque metu caecaque cupidine rerum
 aeternisque senes curis, dum quaerimus, aeuum
 perdimus et nullo uotorum fine beati
 uicturos agimus semper nec uiuimus umquam,
 pauperiorque bonis quisque est, quia plura requirit
 nec quod habet numerat, tantum quod non habet optat,
 cumque sibi paruos usus natura reposcat
 materiam struimus magnae per uota ruinae
 luxuriamque lucris emimus luxuque rapinas,
 et summum census pretium est effundere censum?
 soluite, mortales, animos curasque leuate
 totque superuacuis uitam deplete querellis.
 fata regunt orbem, certa stant omnia lege
 longaque per certos signantur tempora casus.
 nascentes morimur, finisque ab origine pendet.
 hinc et opes et regna fluunt et, saepius orta,
 paupertas, artesque datae moresque creatis
 et uitia et laudes, damna et compendia rerum.
 nemo carere dato poterit nec habere negatum
 fortunamue suis inuitam prendere uotis
 aut fugere instantem: sors est sua cuique ferenda. (4.1-22)

(Por que consumimos com tanta ansiedade os anos de nossa vida e nos torturamos com o medo e com a cega cobiça? Envelhecidos por eternas preocupações, enquanto procuramos o tempo, nós o perdemos e, não pondo um fim a nossos desejos, sempre agimos como quem há de viver e não vivemos nunca. Cada um, apesar dos bens que tem, é ainda mais pobre, porque quer mais e não considera o que tem, somente deseja aquilo que não tem. Embora a natureza peça pouco para si, aumentamos com nossos desejos a causa para uma grande ruína e com nossos lucros adquirimos o luxo e por causa do luxo partimos para o roubo. Então a mais alta recompensa da riqueza é esbanjar a própria riqueza? Libertai, ó mortais, os vossos espíritos, aliviad-vos das preocupações e esvaziad a vida de tantas queixas supérfluas. O fado rege o mundo, tudo se mantém sob uma lei constante, e o tempo, em sua longa sucessão, está marcado por acontecimentos certos. Ao nascer, estamos destinados a morrer: o fim depende do princípio. Desse momento

decorrem as riquezas e os reinos, e ainda a pobreza, que mais vezes se origina, e as artes e os costumes dados aos que nasceram e também seus vícios e méritos, seus prejuízos e ganhos. Ninguém poderá carecer do que lhe foi dado nem ter o que lhe foi negado, ou constranger a fortuna por meio de rogos, ou escapar-lhe quando ela o acossa: cada um deve suportar a própria sorte.)³¹

A “caligem” (cf. 2.766: *caligine*; 4.309: *caligo*; 388: *caligine*), por sua vez, é o que “envolve”, então, aquele *aspecto* da matéria que não se oferece à contemplação dos olhos “corpóreos”, que não corresponde, por assim dizer, a um φαivόμενον, a um objeto evidente no céu, mas que se apresenta, em vez disso, como um desafio intelectual (cf. Cap. 3, p. 261), como um objeto que se dá apenas à perquirição “mental” (cf. 4.308: *non oculis, alta sed mente*), feita, por sua vez, com os “olhos da mente” (cf. 4.875: *oculos [...] mentis*).³² Há caminhos, então, por onde os “olhos recusam ir” (cf. 1.553: *oculi qua [...] ire recusant*), mas que são transitáveis pela *razão*, que é capaz de atravessar, por assim dizer, as *species* dos φαivόμενονα. Quando é a razão mesma que “ensina” (cf. 1.541: *docet ratio*) — a razão, que “nem é enganada nem engana nunca” (cf. 2.131: *neque decipitur ratio nec decipit umquam*) —, o ensinamento que ela produz pode ser transmitido de modo “observativo” pelo *doctor* ao *discipulus*, como quando se trata, por exemplo, de saber qual é a distância que nos separa do círculo zodiacal:

Ipse autem quantum conuexo mundus Olympo
obteneat spatium et quantis bis sena ferantur
finibus astra, docet ratio, cui nulla resistunt
claustra nec immensae moles caeciue recessus;
omnia succumbunt, ipsum est penetrabile caelum.
nam quantum terris atque aequore signa recedunt,
tantum bina patent. quacumque inciditur orbis
per medium, pars efficitur tum tertia gyri

³¹ Para uma análise desse proêmio em particular, nos termos de um προτρεπτικός λογος, cf. Landolfi 2003: 77-95. Sobre como as qualidades poéticas de Manílio variam conforme seu poema passa do tratamento da matéria técnica para o tratamento da matéria ética, cf. especialmente Lanson 1887: 74-5.

³² A diferença entre o que podem e o que não podem enxergar os “olhos físicos” é contraposta à capacidade *racional* da mente humana, dotada de olhos “santos” (cf. 2.122: *sanctos (...) oculos*) e “sidéreos” (cf. 4.907: *sidereos oculos*); assim, se os “olhos físicos” bastam para a “observação” dos *fenômenos*, isto é, para a contemplação do que lhes aparece — cf., por exemplo, 1.648-9: *Alterius fines si uis cognoscere gyri, / circumfer facilis oculos uultumque per orbem*, “Do outro círculo (sc. o horizonte) se queres conhecer os limites, teus dóceis olhos e teu rosto gira em volta” —, o “escrutínio” (cf. 4.409: *scrutatur*) do mais fundo das coisas, por outro lado, é tarefa executável apenas pelos “olhos da mente”, capazes que são de “discernir todas as coisas, ainda que encerradas nas ocultas razões da natureza”: cf. 4.195-6: *oculos mentis, qui possint cernere cuncta / quamuis occultis naturae condita causis*; cf. também: 4.875: *oculos (...) mentis*; cf. também: 4.906-9: *ad sidera mittit / sidereos oculos propiusque aspectat Olympum / inquiritque Iouem; nec sola fronte deorum / contentus manet, et caelum scrutatur in aluo*, “(sc. o homem) aponta para as estrelas seus sidéreos olhos, e mais de perto observa o Olimpo, e interroga Júpiter; e não fica contente só com o aspecto exterior dos deuses, mas o céu perscruta em seu âmago”; cf. finalmente: 3.36-7: *huc ades, o quicumque meis aduertere coeptis / aurem oculosque potes, ueras et percipe uoces*, “Aproxima-te, ó quem quer que sejas que possas aplicar ouvido e olhos a minha empresa, e ouve palavras verdadeiras”; cf. Cap. 1, p. 47, n. 60.

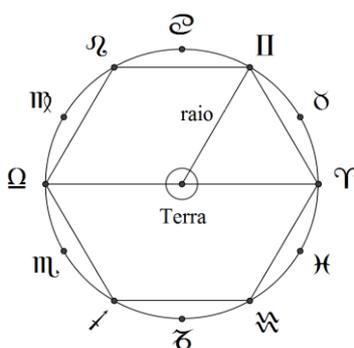
exiguo dirimens solidam discrimine summam.
 summum igitur caelum bis bina refugit ab imo
 astra, bis e senis ut sit pars tertia signis.
 sed quia per medium est tellus suspensa profundum,
 binis a summo signis discedit et imo.
 hinc igitur quodcumque supra te suspicis ipse,
 qua per inane meant oculi quaque ire recusant,
 binis aequandum est signis. (1.539-54)

(Quão grande espaço o céu mesmo obtém do convexo Olimpo e a quão grandes distâncias os doze signos se movem, é a razão que ensina, à qual nenhuma barreira resiste, nem as massas imensas e as obscuras profundezas; a ela tudo sucumbe, por ela o próprio céu é penetrável. Os signos são distantes da terra e do mar na medida de dois signos. Por onde quer que se corte o círculo, passando pelo meio, obtém-se, desse modo, a terça parte da circunferência, que diverge por diferença exígua da soma total.³³ O alto do céu, portanto, dista quatro constelações da extremidade inferior, de modo que tal distância é a terça parte dos doze signos. Mas, como a Terra está suspensa no meio da esfera celeste, ela está dois signos distante do alto e dois da parte inferior.³⁴ Daí, pois, que tudo o que observas acima de ti, tanto onde os olhos passam pelo vazio quanto por onde recusam ir, deve ser igualado à medida de dois signos.)

Nesse caso, o que a própria “razão ensina” é transmitido ao *discipulus* mediante uma apresentação “afirmativa” do objeto (cf. 1.544: *signa recedunt*; 545: [sc. *signa*] *patent*; *inciditur orbis*; 546: *pars* [sc. *gyri*] *efficitur*; 548: [sc. *caelum*] *refugit*; 550: *est tellus suspensa*; 551: [sc. *tellus*] *discedit*; 554: [sc. *quodcumque supra te suspicis*] *aequandum*

³³ Trata-se da relação matemática entre o perímetro da circunferência e seu diâmetro; cf. Archim. *Circ.* 1.140.9-11: Παντός κύκλου ἡ περίμετρος τῆς διαμέτρου τριπλασίων ἐστὶ καὶ ἔτι ὑπερέχει ἐλάσσονι μὲν ἢ ἑβδόμῳ μέρει τῆς διαμέτρου, μείζονι δὲ ἢ δέκα ἑβδομηκοστομόνοις, “O perímetro de qualquer circunferência é maior do que o triplo do diâmetro, excedendo-o por uma quantidade menor do que a sétima parte do diâmetro, porém maior do que dez vezes as septuagésimas primeiras partes”. Tal é o valor aproximado de π : 3,141...).

³⁴ Para compreender o raciocínio seguido aqui por Manílio, cumpre notar o princípio matemático que o justifica. Ora, o poeta sabe que o raio de um círculo é igual ao lado de um hexágono regular nele inscrito (cf. Euc. 4.15.1-2 [*introdução*]; 3-51 [*demonstração*]; e 52-3 [*conclusão*]: Ἐκ δὴ τούτου φανερόν, ὅτι ἡ τοῦ ἑξαγώνου πλευρὰ ἴση ἐστὶ τῆ ἐκ τοῦ κέντρου τοῦ κύκλου, “A partir daí, claro está que o lado do hexágono [sc. equilátero e inscrito no círculo] é igual ao [lado / à linha] [que parte] do centro do círculo [sc. o raio]”); tomando-se como círculo o zodíaco, o lado de um hexágono regular nele inscrito tem necessariamente o tamanho equivalente a dois signos; ora, se o lado do hexágono é igual ao raio desse círculo, então a distância do ponto central do zodíaco — isto é, a Terra, no centro da esfera celeste — ao alto da esfera zodiacal é também de dois signos. Veja:



(Fig. 2: Distância da Terra à esfera zodiacal.)

est). Já em casos como esse, todavia, compreende-se como a “direção” ou a “condução” do *doctor* parece fazer-se necessária, de modo a guiar seu *discipulus* lá por onde os olhos “recusam ir” (cf. n. 32 e 33)... Se tal tipo de exposição “afirmativa”, por sua vez, parece trair o modo de tratamento da parte *περὶ οὐρανοῦ* ou *μετεωρολογική* (‘α’: cf. *supra*) de *artes* compulsadas por Manílio, a natureza mais *técnica* do que *física* da parte *ποιητική* (‘β’: cf. *supra*) de tais *artes* lhe ofereceu, penso, o modo diretivo que o poeta tantas vezes consagra a outros objetos não menos “caliginosos” de sua matéria, como quando guia seu *discipulus* pelos passos de uma *uia* destinada à localização do signo em ascensão no momento de uma natividade (cf. 3.486: *aspicies* [sc. *quota sit hora*]; *numerus reuocabis*; 491: *memento* [sc. *coniungere*]; 493: *distribues*):

Illa etiam poterit nascens uia ducere ad astrum
quod quandoque uadis emissum redditur orbi.
nam quota sit lucis, si luce requiritur, hora
aspicies, atque hunc numerum reuocabis in ipsum
multiplicans decies, adiectis insuper eidem
quinque tamen summis, quia qualicumque sub hora
ter quinas mundi se tollunt sidera partes.
hic ubi constiterit numerus, coniungere et illas,
quae superent Phoebus partes per signa, memento.
ex hac tricenas summa per sidera partes
distribues, primamque uicem, quo Phoebus in astro
fulserit, inde aliis, solem quaecumque sequentur.
tum quo subsistet numerus consumptus in astro
quaue in parte suam summam nomenque relinquet
haec erit exoriens et pars et forma per ignes. (3.483-97)

(O método a seguir também poderá levar ao signo nascente que é restituído, qualquer que seja o momento, ao orbe da terra, enviado do fundo do mar. Pois verificarás qual seja a hora do dia, se de dia é que ele é procurado, e este número trará sobre ele mesmo multiplicando-o dez vezes, tendo-lhe sido acrescentadas em cima, contudo, cinco partes, já que, qualquer que seja a hora, os signos se elevam em três vezes cinco graus do céu. Uma vez que esse número tiver sido determinado, lembra-te de juntar também aquelas partes que ficaram atrás de Febo em sua carreira pelo signo. Deste total, distribuirás trinta graus a cada signo, e porás a primeira parte no signo em que Febo estiver brilhando, e, a partir daí, nos outros, quaisquer que sejam que estiverem seguindo o Sol. Então, no signo em que o número, consumido, terminar, ou na parte em que ele deixar seu total e seu nome, esta será a parte e a forma em ascensão com o brilho de seu fogo.³⁵)

Penso que “vias” ou *rationes* como essa constituem, enfim, o ponto em que a matéria das *Astronômicas* oferece ao leitor o *aspecto* mais complexo de sua *face* técnica. Com efeito, ainda que expostas *diretivamente* pelo poeta-*doctor*, tais *rationes* passaram a vir especialmente acompanhadas da “direção” ou “orientação” “ilustrativa” dos editores e

³⁵ Para a explicação e o tratamento particular dessa *ratio* neste trabalho, cf. *infra*, p. 206-217.

comentadores de Manílio ao longo da fortuna crítica que teve o poema já a partir do Renascimento (cf. Cap. 3, p. 223).

Se atento aqui para a natureza técnica de tais passos do poema, é para agora poder considerá-la, em primeiro lugar: relativamente à natureza não técnica e, daí, menos “complexa” (ou menos “obscura”) das outras *faces* ou *aspectos* da matéria do poema, como acima procurei brevemente ilustrar; em segundo lugar: relativamente aos problemas que não só esse objeto mais “complexo” das *rationes* como também os outros mais “simples” (cf. Cap. 1, p. 5280) da mesma *face* técnica colocam, não ainda para a interlecção pelo *discipulus* ou pelo leitor (cf. 3.158: *legentem*) (cf. Cap. 3, p. 261), mas antes para a elocução poética da exposição — sua “necessária” *gratia* (cf. 4.434-5; Cap. 1, p. 31) —, aplicada como deve ser a um tipo de matéria com que o *poeta* diz “ter de lutar” (cf. 3.34: *luctandum est*); em terceiro lugar: relativamente ao que sucede ou pode suceder à “correção” técnica da exposição quando se lhe aplica tal elocução poética.

Quanto ao primeiro de tais pontos, interessa-me apenas lembrar rapidamente como a natureza mais “obscura” daquela *face* técnica das *Astronômicas* não raro serviu para justificar certo reducionismo na leitura do poema, na forma de julgamentos que, para valorar positivamente a obra, dela fizeram uma leitura fragmentista, a atentar para a qualidade poética somente de faces ou partes suas que aqui chamei de físicas ou éticas — sempre mais claras e, por assim dizer, “antológicas”³⁶ —, em detrimento daquelas

³⁶ Cf. a apreciação — emblemática, a esse respeito — de Bechert (1900: 297-8): “Singulare esse Manilii genus dicendi, modo aenigmatum subtilitate obscurum, modo diffuens nimia uerbositate, nunc exile et aridum, nunc tumidum uerborumque iteratione molestissimum nec raro colore poetico destitutum haud negauerim, ut mirum non sit, inueniri, qui eum poetae nomine indignum esse iudicent. Sed consideres, quaeso, asperitatem ne dicam ieiunitatem materiae, quam ille uersibus persequendam sibi proposuit a laetis uerae poesis pratis toto caelo distantem, id quod poeta ipse sensit, cum monet: iii. 38 nec dulcia carmina quaeras. Ornari res ipsa negat contenta doceri. Idem tamen cum in amoeniores intrat campos, — proemia maxime dico et digressiones, e quibus Ariadnae fabula Ouidianis coloribus splendens egregie perlucet, uariorum sub singulis sideribus morum ac studiorum descriptiones — et ingenium et sermonem declarat uere poeticum. Itaque non omni ex parte Scaligeri nimiam Manilii aestimationem proba eum Ouidio suauitate parem, maiestate superiorem esse existimantis atque ingeniosissimum nitidissimumque appellantis scriptorem, in quo excepta illa uitiosa uerborum iteratione nihil ad perfectionem absoluti operis requiratur”, “Eu não negaria que é singular o gênero de elocução de Manílio, ora obscuro pela sutileza de sentidos ocultos, ora fluente com demasiada verbosidade, umas vezes seco e árido, outras tímido e pesadíssimo pela repetição de palavras, e não raro destituído de coloração poética, de maneira que não admira encontrar-se quem o julgue indigno do nome de poeta. Mas peço que consideres a aspereza, para não dizer *secura*, da matéria que ele se propôs a tratar em versos, totalmente distante como ela é dos férteis prados da verdadeira poesia, o que o poeta mesmo sente, quando adverte: *Nec dulcia carmina quaeras. Ornari res ipsa negat contenta doceri*, ‘Não queiras doce poema. / A matéria mesma recusa ser ornada, satisfeita com ser ensinada’ (3.38-9). Quando ele entra, todavia, em campos mais amenos — sobretudo os proêmios, digo, e as digressões, dentre as quais brilha distintamente a fábula de Ariadne (cf. 5.21; 251-69), esplendorosa pelas cores ovidianas, e as descrições dos variados caracteres e inclinações sob cada uma das constelações — demonstra engenho e expressão verdadeiramente poéticos. Assim, não aprovo de todo a avaliação exagerada de Escalígero sobre Manílio, que considera este par a Ovídio em suavidade, superior em grandeza, chamando-o de escritor talentosíssimo e elegantíssimo, em quem, exce-

que aqui tenho chamado de técnicas, porque seriam estas últimas, de acordo com leituras parciais como essa, o exemplo de como “poesia e ciência, longe de se fecundar, paralisam-se mutuamente”...³⁷ Quanto ao segundo daqueles pontos, apenas retomo a distinção que tracei antes (cf. Cap. 1, p. 52) entre objetos “simples” e “complexos” e a aplico apenas à parte técnica do poema, de modo a classificar como objetos “simples” os *nomes* — “desconhecidos” e “estrangeiros” (cf. 3.31: *ignota nomina*; 41: *externa [...] nomina*) — e os *números* (cf. 3.31: *numeros*; 4.431: *numeros*; 432: *summas*), e como objetos “complexos” as diversas *rationes*,³⁸ sobretudo aquelas do terceiro canto do poema, necessárias à superposição ordenada dos doze *athla* aos doze signos (cf. *infra*); a partir daí, adianto que, nas páginas seguintes, procurarei examinar, de modo geral, os principais desafios elocutivos que tais objetos — *nomina*, *numeri* e *rationes* — impõem ao poeta em sua “luta” para *expor poeticamente* os “pormenores” da parte técnica de sua matéria, isto é, para “mostrar” ou “assinalar” aquilo que era “para cantar” (cf. 4.442: *signare canenda*; Cap. 1, p. 44), bem como para “cantar” ou “confeccionar” aquilo que, em princípio, só era permitido “mostrar” (cf. 4.438: *tantum monstranda figura*). Finalmente, quanto ao terceiro daqueles pontos, interessa-me examinar qual seja a espécie de *gratia* aplicada à exposição *poética* de tais objetos, bem como avaliar em que medida os *efeitos* de tal aplicação podem comprometer a “verdade” *técnica* da exposição da matéria.

Em suma, observo que a reunião, aqui, de tais pontos segue não só o propósito de mostrar uma leitura mais inclusiva do poema — segundo um ponto de vista que compreenda a *exposição* técnica de uma *ars* dentro da perspectiva de *composição* poéti-

tuada aquela viciosa repetição de palavras, nada mais seria necessário para a perfeição duma obra completa”. (Creio que, ao dizer “Ariadnae fabula”, Bechert tenha pensado, porém, na fábula de Andrômeda: cf. 5.540-618.)

³⁷ Tal é a leitura positivista de Pichon (1924: 524; 529), que, procurando ilustrar o que lhe parecia “ridículo” justamente no modo poético de exposição adotado por Manílio relativamente à natureza técnica da matéria apresentada, imagina um geômetra apostrofando um triângulo...; cf. também: Steele 1932: 343. Para apreciações mais recentes e ponderadas acerca da relação entre poesia e “ciência”, no caso de Manílio, cf. Gentili, Pasoli e Simonetti 1987: 443; Liuzzi (ed.) 1993; Conte 1994²: 429; Bayet 1996: 296; Volk 2002: 196-245; 2009: 174-215; e, especialmente, Perutelli 1991: 50 e Le Bœuffle 1996: 62; cf. Cap. 3, p. 221, n. 3. É curioso como no caso, não da história da crítica, mas da transmissão textual de outra obra “astronômica” — dessa vez a prosa do *De astronomia* de Higino (II d.C.) —, o interesse de certos copistas parece ter residido em suas partes menos “científicas”: cf. Viré 1996: 185.

³⁸ Claro está que, aqui, tenho tomado *ratio* no sentido de *método* (cf. 3.483: *uia*), o “caminho” oferecido pela *ars* astrológica para a realização de alguma operação, como descobrir a localização do lote da Fortuna (cf. 3.187-93; 194-202) ou qual seja o signo em ascensão numa natividade (cf. 3.218-24; 483-509), ou para a explicação de algum “fenômeno”, como quando se atribuem às decanias (4.294-407) as variações que se observam nos nascidos sob o mesmo signo (cf. 4.373: *uarius sub eodem sidere fetus*, “o variado produto sob o mesmo signo”); para esse sentido, cf. também: 2.725, 738, 785, 786; 3.173, 177, 204, 206, 218, 246, 269, 299, 303, 389, 401, 408, 417, 447, 563, 566, 582; cf., por outro lado, o sentido menos específico de *ratio* em: 1.3, 64, 67, 97, 251, 261, 541; 4.932; cf. *infra*, p. 140-142.

ca de um *opus* “múltiplo” (ou, nos termos de meu estudo: “multifacetado”) —,³⁹ mas também o propósito — ainda que ousado — de examinar qual deva (ou possa) ser a *gratia* que o próprio poeta-*doctor* sugere que se possa ler nos versos mais “obscuros” de sua exposição técnica e, a partir daí, qual deva (ou possa) ser a relevância da “correção” ou “incorreção” da “verdade” astrológica de Manílio diante da verdade *poética* de sua obra.

³⁹ Interessante me parece, a esse respeito, a descrição que Michel du Fay faz das *Astronômicas* em carta de 1679 endereçada ao “Grande Delfim”, filho de Luís XIV (cf. Cap. 3, p. 223, n. 7 e 8), anexa à edição (e paráfrase) que lhe preparara do poema, a atentar justamente para a multiplicidade deste e para a abundância e fecundidade do tratamento dispensado por Manílio à parte técnica de sua exposição; du Fay espera que o Delfim, que já acolhera “com benigno apreço” (“benigno honore”) a outros autores, não venha a recusar Manílio, “que poderia ser o equivalente de muitos (sc. autores)” (“qui multorum instar esse possit”), nem seu “empenho e todo trabalho em esclarecê-lo” (“in eo explanando studium et qualemcumque industriam”); assim, juntamente com o tratamento da “arte indagadora dos destinos” (“ars fatorum indagatrix”), du Fay diz que Manílio “também abraçou outras artes muito notáveis” (“praestantissimas alias quoque complexus est”), de modo que lhe chama a atenção o tratamento que o poeta dispensa à matéria física do mundo, à matéria ética dos exemplos humanos do passado, à matéria poética das *fabulae*, e à matéria técnica da doutrina astrológica (1679: 3-4): “Etenim delectat geografia? Quis universum orbem aut clarius descripsit aut ingeniosius? Quis utriusque globi, coelestis ac terrestres, partes partibus, circulos circulis subtilius comparat explicatque amoenius? Placent fabulae, quarum involucris sapientiae veritas adumbratur? Quis Poëta plures breviter simul et copiose, remota omni et rerum turpitudine, et verborum obscoenitate, conscripsit? Juvat illustrium virorum res praeclare gestas in historia, tanquam in speculo, intueri? Quis laudabiliora virtutum exempla proposuit, moresque populorum ac regum studia elegantius expressit? Quis ea styli gravitate, sermonis venustate, sententiarum ubertate, carminis elegantia, qua Manilius, Poëta alius aut Orator diversos casus, qui hominibus in vita contingunt, ad usum atque institutionem omnium prosecutus est? Quam vero apte rebus humanis ac terrestribus coelestes ac divinas annectit, ad easque sublimiora ingenia traducit, dum astronomiae simul et astrologiae reconditas artes et scientias expromit, atque utriusque principia docet perspicendis hominum fati, quae regunt orbem (Man. 4.14), accommodata! Hinc arcana siderum nomina explanat, numerum recenset, situm describit, formas depingit ac figuras, genus distinguit, aspectus notat, gradus metitur, cursus observat, motus decircinat, vias aperit, disponit vices, ordines reddit, terminos ponit, domicilia assignat, percipit pondera, vires detegit, asserit jura, tutelas astruit, affectiones indicat, laudat salubritatem, sterilitatem damnat, ortus librat et occasus, et quod summum est ac praecipuum in hac arte, duodecim Zodiaci signorum praecordia intus perscrutatur, *E quibus et ratio fatorum ducitur omnis* (Man. 1.261)”, “Pois é geografia que apraz? Quem o orbe inteiro descreveu mais claramente ou mais engenhosamente? Quem, de um e de outro globo, do celeste e do terrestre, as partes às partes, os círculos aos círculos mais precisamente compara e mais aprazivelmente explica? As fábulas é que agradam, com cujos invólucros a verdade da sapiência se esboça? Que poeta mais numerosas escreveu simultaneamente com brevidade e abundância, removida não só toda a torpeza das matérias, como também a obscenidade das palavras? Agrada é contemplar, como num espelho, de ilustres varões os feitos superiormente realizados na história? Quem propôs exemplos de virtudes mais louváveis, e costumes de povos e obras de reis expressiu com mais elegância? Quem com a mesma gravidade de estilo, graciosidade de expressão, riqueza de pensamentos, elegância de poesia que Manílio, qual outro poeta ou orador os diversos casos que acontecem às pessoas na vida, para o uso e a instrução de todos, descreveu? Quão adequadamente, também, às coisas humanas e terrestres as celestes e divinas liga, e a elas os engenhos transporta mais elevados, enquanto da astronomia e juntamente da astrologia as recônditas artes e ciências desvela, e de uma e de outra os princípios ensina apropriados para conhecer das pessoas os destinos, que *regem o orbe!* (Man. 4.14) Daí os arcanos nomes dos astros explica, o número conta, o lugar descreve, as formas pinta e as figuras, o gênero distingue, os aspectos assinala, os graus mede, os cursos observa, os movimentos traça, os caminhos abre, dispõe as posições, as ordens repete, os limites põe, as moradas assinala, nota as influências, as forças desvenda, atribui os direitos, as tutelas acrescenta, as afecções indica, louva a salubridade, a esterilidade condena, nasceres equilibra e ocasos, e o que é o mais importante e principal nessa arte, dos doze signos do Zodíaco o coração dentro perscruta, *dos quais a razão dos destinos se deriva toda* (Man. 1.261)”.

2.1. A não pequena graça.

É tal “verdade” *técnica*, então, dos nomes, números e *rationes*, mais do que a “verdade” *física* ou *ética* que o poema apresenta, que coloca os principais desafios, em primeiro lugar, à composição do poema e, em segundo lugar, a sua intelecção, já por parte da *persona discipuli*, já por parte do leitor não especialista. Assim, quanto à composição e, mais particularmente, quanto à elocução poética,⁴⁰ o principal problema — problema de que a *persona doctoris* demonstra a consciência, como acima procurei argumentar (Cap. 1, p. 31) — é que o “acréscimo” de *gratia*, necessário como é, segundo esta última *persona*, à consecução do ensinamento (cf. 4.434-5), se fará especialmente dificultoso nessa parte da exposição da doutrina que corresponde, pelos nomes, ao vocabulário estrangeiro próprio da *ars* (cf. 1.6: *hospita sacra*; 3.40: *externa [...] nomina*) e, especialmente pelos números e *rationes*, às *res*, por assim dizer, *mathematicae* da astrologia, que não são, por sua vez, *speciosae* (cf. 3.29; Cap. 1, p. 49), ao menos não no sentido em que o são as matérias da poesia dramática e épica (cf. Cap. 1, p. 72); pretendo haver demonstrado, mais adiante, em que sentido tais *res mathematicae*, contudo, também podem ser ditas *speciosae*.

A noção, porém, de simples “acréscimo” de *gratia*, como acima sugeri, parece atentar para certa relação entre matéria (ou *res*) e expressão (ou *uerba*) que só se verifica, conforme penso, em níveis muito teóricos de análise, por supor que a certo tipo de matéria, tendo-se em vista uma dada finalidade, seja possível “aplicar” certa variedade de expressão que lhe “acrescente”, pelo ornato, o efeito da *gratia*, entendido como necessário diante de tal finalidade. Creio que o problema — no limite de tal teorização — é considerar o efeito de *gratia* como produto apenas da qualidade da expressão ou elocução poética que se aplica à matéria, não se tomando em conta o que a natureza desta última — seja ela *física*, *ética* ou *técnica* — possa apresentar de *gracioso*, “em si mesma” (cf. Cap. 1, p. 47), ao menos para certo *ponto de vista*. Ora, mais acima (cf. Cap. 1, p. 63) já argumentara que a *gratia* vem associada, em Manílio, especialmente à produção da *variedade*, à mudança na “face da expressão” (cf. 4.433: *faciem mutare loquen-*

⁴⁰ Para um estudo abrangente, porém essencialmente descritivo, da elocução poética de Manílio, cf. Cramer 1882, que relaciona os casos da métrica, da flexão das palavras, da colocação das partículas, do uso das figuras e tropos, e da imitação de versos de outros poetas nas *Astronômicas*; cf. também: van Wageningen 1915: 170-95; mais recentemente, nos estudos de métrica, importante é o trabalho de Liuzzi e Pecorella 2002; cf. também Duckworth 1966: 101-9. Para o estudo do chamado “realismo expressivo” de Manílio, cf. Salemme 2000: 105-43.

di);⁴¹ que a *variação*, assim associada à *confeção* da expressão, poderia de certo modo aplicar-se também à matéria, de maneira que o “modo do *ingere*”, aplicando-se já aos *uerba*, aplicar-se-ia também às *res*; e que o caso extremo do “modo do *ingere*” aplicado às *res* corresponderia à *fictio* — e daí, à *falsidade* — da *fabula* (cf. Cap. 1, p. 73), tida pelo *vate* como inapropriada para a *exposição* da “verdade” celeste (cf. Cap. 1, p. 63); também já distinguira, de modo geral, a *variação* — e daí, a *gratia* — na *fabula* trágica ou épica “em si mesma” — na forma das vicissitudes e reviravoltas da fortuna nas *res speciosae* da poesia dramática ou épica (cf. Cap. 1, p. 49) — da *variação pela fábula* mítica *inserta*, como *res poética*, em meio à exposição física, ética e técnica das *Astro-nômicas* (cf. Cap. 1, p. 54). Assim, no caso, em particular, da *res poética* da matéria trágica ou épica considerada em si mesma, como já antes observara, o poeta atenta justamente para a facilidade (cf. 3.26: *facile est*) que há em “acrescentar ornato” (cf. 3.28: *decus addere*) “ao ouro e ao marfim” (*auroque atque ebori*), “pois a própria matéria (sc. já) brilha (sc. mesmo) bruta” (cf. 3.28-9: *cum rudis ipsa / materies niteat*) (cf. Cap. 1, p. 49); assim, poemas (cf. 3.30: *carmina*) sobre matérias “especiosas” (cf. 3.29: *speciosis [...] rebus*) devem muito de seu “brilho” ao “brilho” que estas últimas já têm em si mesmas, de modo que o “acréscimo” do “ornato” pela expressão, nesse caso, não será, em princípio, fator determinante para a qualidade do “brilho” final do *carmen*. Se tal matéria, enfim, é um “solo fecundo” (cf. 3.27: *fecundum [...] solum*) que aceita facilmente a “aplicação” ou o “acréscimo” do “ornato” (cf. 3.28: *decus addere*), os “pormenores” (cf. *supra*) técnicos da *ars* astrológica, por outro lado, constituem uma *res* que “recusa ser ornada” (cf. 3.39: *ornari res ipsa negat*), que se mostra “contente com ser (sc. apenas) ensinada” (*contenta doceri*); o problema, porém, para a *persona doctoris*, é que, se “faltar graça, em vão se vai o labor que o ouvido despreza” (cf. 4.434-5: *sed gratia derit, / in uanumque labor cedit quem despicit auris*; cf. Cap. 1, p. 31). Nesses termos, então, é que faz sentido falar em “acréscimo” de *gratia*, pela expressão, à exposição dos nomes, números e *rationes* da *ars* astrológica, em vista da finalidade de ensi-

⁴¹ Não é meu intuito argumentar, aqui, que o efeito de *gratia* se deva, em Manílio, tão-só ao uso de variações; trata-se, apenas, de considerar tal efeito nos termos em que o próprio poeta parece entendê-lo (cf. 4.431-5). Quanto à relação que se observa, em geral, entre o expediente da *variação* e o efeito de *gratia*, cf. Quint. 8.3.52; 9.3.3-4, 4.43, 4.58-9; 11.3.44-6 (nesse caso, *variação* aplicada, porém, à *actio* oratória); mas a *gratia* também se deve ao uso de outros expedientes, como, por exemplo, o tropo e as figuras em geral: cf. 9.1.2, 3.74, 3.80, ou a mistura do símile, da alegoria e da metáfora: cf. 8.6.49. No caso, mais precisamente, da poesia que chamamos de “didática”, é ilustrativa a maneira como Plutarco, antes de tratar dos ἔπη, dentre outros, de Nicandro (III/II a.C.) (cf. Plut. *Quomodo adul.* 16c.11; Cap. 1, p. 74-75), associa ao efeito da graça (16b.8: χάριτος) não só o “metro” (μέτρον) e o “volume” ou “inchaço” (ὄγκος) da poesia, mas ainda o “tropo” (16b.5: τρόπος), a “adequação da metáfora” (16b.6: εὐκαιρία μεταφορῶς) e a “harmonia e composição” (16b.7: ἁρμονία καὶ σύνθεσις); cf. Cap. 3, p. 224.

ná-los ao *discipulus*, já que a matéria, nesse caso, não teria, “em si mesma”, “brilho” ou *gratia* suficientes para cativar a atenção do *discipulus*.

Mas essa, segundo me parece, é interpretação que se limita ao quadro factício da mimese de instrução operada pelo poema (cf. Cap. 1, p. 74), mimese que determina os personagens e objetos e meios de tal “instrução”. Assim, não é porque a “matéria mesma recusa ser ornada” que o poeta lhe negará certo ornato na expressão.⁴² Assim também, não é só no interesse de sua *persona doctoris* — que é, em princípio, o de ensinar tal matéria — nem só naquele de sua *persona discipuli* — que é o de ser instruída — que o poeta se empenhará em “acrescentar” *gratia*, pela expressão, à exposição de matéria assim entendida como desprovida de “brilho” em si mesma. Em primeiro lugar, conforme entendo, quer o *vate* de Manílio fazer ver ao *discipulus* que, se os “pormenores” (cf. 1.117: *paruis*; cf. *supra*) da matéria, quando tomados *em particular*, não têm “brilho” com que acresçam a *gratia* ao *carmen*, poderá tê-lo, porém, o conjunto deles, que lhes comunica seu “brilho” ao fazê-los servir, juntos e como sua *face técnica*, à finalidade de “mostrar o divino” (cf. 4.430-42; 439: *ostendisse deum*) e o “sagrado” (cf. 4.437: *sacros caeli motus*, “os sagrados movimentos do céu”), e ao fazê-los servir, sobretudo, como que ao “esquadrinhamento” da magnitude (cf. 1.10: *tanta*; 114: *tantas* [...] *moles*; 115: *magna*) do *mundus*, que já “por sua realidade mesma será maior” (cf. 4.441: *rebus erit maior*), não sendo permitido dever-se às palavras do poeta o “brilho” que o *mundus* em si mesmo já tem (cf. 4.440: *nec fas est uerbis splendescere mundum*, “nem é permitido que pelas palavras resplandeça o céu”; cf. Cap. 1, p. 46). Em segundo lugar, se o “brilho” que o *mundus* já tem em si mesmo é visível de um *ponto de vista*, por assim dizer, “vulgar” (cf. *infra*), que atente somente para as *species* de seus φαίνόμενα (cf. *supra*), e se tal “brilho” pode, como disse acima, ser “comunicado” à *face* mais técnica da exposição poética do mesmo *mundus*, o “brilho”, porém, qualquer que seja, de suas “partes” técnicas tomadas “em si mesmas” — e, por assim dizer, o “brilho” das “partes nas próprias partes” (cf. *supra*) — não seria “visível” senão de um *ponto de vista* — “intelectual” — que nelas considerasse a *gratia* que pudessem ter já “em si mesmas”, como *res mathematicae* que são (cf. *supra*). Mas não será esse, conforme penso, o *ponto de vista* “vulgar”; não será o *ponto de vista* do “vulgo inábil” (cf.

⁴² Cf. Escalígero, *Proleg.*, p. 3: “Neque vero statim omnia damnanda sunt, quae nitorem sermonis non admittunt: quasi minore cura et ingenio tractanda sint, quae ab omni cultu eloquentiae sterilia sunt, quam quae ornamenta orationis admittunt”, “Mas não é para imediatamente condenar tudo aquilo que não admite o brilho da expressão, como se aquilo que é estéril de todo o cultivo da eloquência fosse para tratar com menor cuidado e engenho do que aquilo que admite os ornamentos da palavra”.

infra) nem o da “turba sem nome” (cf. 5.737: *uulgius iners [...] et [...] sine nomine turbam*), nem o da “turba” de poetas “a correr para o já conhecido” (cf. 2.52: *turbam [...] ad nota ruentem*), de que resulta ser coisa já corrente e vulgar “compôr poemas sobre matérias especiosas” (cf. 3.29-30: *speciosis condere rebus / carmina uulgatum est*); poderá, por outro lado, ser o *ponto de vista* daquele que tenciona “introduzir na poesia bens ainda desconhecidos” (cf. 3.4: *ignotos in carmina ducere census*), “não temendo passar por estreitos inacessíveis” (cf. 3.2: *nec per inaccessos metuentem uadere saltus*), e que, por isso, “nem na turba nem para a turba” compõe seu poema (cf. 2.137: *nec in turba nec turbae carmina condam*; cf. Cap. 1, p. 29), compondo-o, então, para aquele a quem pode dizer: “O que buscas é o deus” (cf. 4.390: *Quod quaeris, deus est*), bem como “para aqueles a quem os astros não recusaram os sagrados canais e o conhecimento deles mesmos, que formam a menor turba no mundo” (cf. 2.143-4: *quibus illa sacros non inuidere meatus / notitiamque sui, minima est quae turba per orbem*): ora, esse pode ser o *ponto de vista* do poeta (cf. *infra*). O problema, todavia, é que, nesse tipo de matéria técnica, a relação entre *res* e *uerba* costuma ser, conforme argumentei acima, muito mais estreita, de modo que não se podem dissociar facilmente matéria e expressão quando esta última não se “curva” (cf. 3.41-2: *non omnia [sc. nomina] flecti / possunt*) muito facilmente ao esforço de variação do poeta em sua *ação* de referir aquela (cf. Cap. 1, p. 46); noutros termos, no caso especialmente dos nomes e números, a expressão de uma nomeação ou de um valor numérico (cardinal, ordinal, etc.) ou não admite variações ou admite muito poucas, já que o *uerbum*, nesse caso, se mostra pouco “forjável” (cf. Cap. 1, p. 52) diante de uma matéria cuja natureza se presta antes à demonstração (do que ela *é*, segundo a *ars*) que à “ficção” ou confecção (do que ela *poderia ser*), uma vez que não é lícito ao poeta “modificar” a nomeação ou o valor numérico (*res*) que lhe “são” dados pela *ars* que está a transmitir, ao mesmo tempo em que, pelo que toca à expressão (*uerba*), vem-lhe a ser “necessário”, como *doctor* (cf. *supra*), “prazeroso” (cf. *infra*), como *poeta*, e “difícil”, como ambos, o labor de variá-la. Assim, a *gratia*, se alguma pode haver, não estará, nesse caso, nem só na *matéria* “em si mesma” — ainda que nela já esteja para um *ponto de vista* privilegiado, “invulgar”, como o do vate inspirado “por divino sopro” (cf. 2.136: *diuino [...] flatu*) —, nem só na *expressão* ornamentada que àquela se “acrescente”; mais precisamente, a meu ver, a *gratia* deverá ser buscada, não nas *res* ou nos *uerba* isoladamente, mas na *ação* habilidosa de reuni-los ambos *in numerum* (cf. 1.19), isto é, na *ação* de “referir” (cf. 1.19: *referre*) numa “modulação” poética (*Phoebo modulante*) uma matéria que “recusa ser ornada”, *ação* que

“apraz” ao poeta (cf. 1.13: *iuuat*; 17: *iuuat*) mais do que aquela de apenas “conhecer os signos e os cursos opostos dos planetas” (cf. 1.15: *signaque et aduersos stellarum noscere cursus*), ainda pouco para ele (cf. 1.16: *parum est*). A *gratia*, então, é para ser buscada na *habilidade* — ora maior, ora menor — que o *poeta* ostentará em seu labor de versificar a matéria “científica” da *ars*, e não na matéria em si mesma — exposta “corretamente” ou não (cf. *infra*) —, ainda que o *vate* queira chamar para a “verdade” desta última a atenção do *discipulus*, bem quando o manda “não querer” “doces poemas”, em favor de ouvir “palavras verdadeiras” (cf. 3.37-8: *ueras [...] percipe uoces. / [...] nec dulcia carmina quaeras*; cf. Cap. 1, p. 69). A esse respeito, aliás, já examinara acima como o poeta encarece o fato de que sua exposição da *ars* astrológica se dá “em poesia” (cf. 1.1: *Carmine*; Cap. 1, p. 33). Essa importância conferida à execução poética de uma exposição técnica, além de dar azo a certa vaidade do poeta:

nec parua est gratia nostri
oris, si tantum poterit signare canenda.⁴³ (4.441-2)

(Nem pequena é a graça de nossa palavra, se somente ela puder designar o que era para cantar.)

também chama a atenção para a dificuldade intrínseca ao processo de, por um lado, “assinalar” ou “designar” (*signare*) o que era “para cantar” (*canenda*), e, por outro, de “forjar” ou “confeccionar” (*fingerere*) o que só admite ser “mostrado” (*monstrare*; cf. 4.438: *tantum monstranda figura*) ou “ensinado” (*doceri*): conforme já antes argumentei (cf. Cap. 1, p. 24 e 43), são os imperativos do “canto”, de um lado, e da “demonstração”, de outro, que definem a tensão — ora maior, ora menor — em que o *vate-poeta* das *Astro-nômicas* compõe seu *opus*.

⁴³ Em vez de *canenda*, lição do códice **G** (Bruxellensis 10012) e da *correctio* do **L** (Lipsiensis 1465), há também a lição *cauenda*, do **M** (Matritensis 3678) (cf. Goold 1998: xxxiii, 97), *uaria lectio* seguida por Housman (1920), Liuzzi (1991-7) e Flores (2001), e recusada por Goold (1998), com base em Bühler (1959: 484-5), sob o argumento de que “infants about to be born can hardly ‘beware of’ the injurious degrees” (Goold 1977: 256). A aceitação de *canenda* no contexto dos versos 4.430-42, por outro lado, não é livre de problemas, como argumenta Volk (2002: 244), que chama a atenção justamente para a declaração do poeta de que sua matéria só admite ser “assinalada” (cf. 4.438: *nec fingenda datur, tantum monstranda figura*); de minha parte, prefiro situar tal “conflito” nos termos da tensão entre os imperativos do “canto”, de um lado, e da “demonstração”, de outro, no contexto maior do poema, como observo a seguir e como procurei argumentar mais acima (cf. Cap. 1, p. 44-59). Quanto aos versos 4.441-2, assim os traduz Goold (1977: 257): “Still the charm of my muse is not contemptible, if it can only signify *what ideally should be sung*” (grifo meu), que também os comenta, justificando a leitura *canenda* (256): “If it succeeds in only signifying in hexameters what, had the technical language not been intractable, it should have adorned with all the flowers of poetry. The reading *cauenda*, ‘the places to beware of,’ which at first sight seems certain, is refuted by Bühler 485. Moreover, infants about to be born can hardly ‘beware of’ the injurious degrees”.

Diante disso, é impossível não pensar na imagem lucreciana do mel que se põe à borda da taça como expediente de facilitar a administração do remédio amargo às crianças (cf. Lucr. 1.921-50 = 4.1-24), comparação de que o poeta do *De rerum natura* se vale para falar do *musaeus lepor*, a “graça” ou “encanto” “das musas” (cf. 1.934: *musaeo [...] lepore*), ou seja, a “graça” da poesia, que se acrescenta à exposição de matérias difíceis ou “obscuras” (cf. 1.922: *obscura*; 933: *obscura de re*) e “novas” (cf. 1.928: *nouos [...] flores*) com a finalidade de tornar assim mais “palatável” sua doutrina, da qual o “vulgo se afasta com horror” (cf. 1.944-5: *retro [...] / uolgus abhorret*):

Nunc age, quod super est, cognosce et clarius audi.
 nec me animi fallit quam sint obscura; sed acri
 percussit thyrsos laudis spes magna meum cor
 et simul incussit suauem mi in pectus amorem
 Musarum, quo nunc instinctus mente uigenti
 auia Pieridum peragro loca nullius ante
 trita solo. iuuat integros accedere fontis
 atque haurire iuuatque nouos decerpere flores
 insignemque meo capiti petere inde coronam,
 unde prius nulli uelarent tempora Musae;
 primum quod magnis doceo de rebus et artis
 religionum animum nodis exsoluere pergo,
 deinde quod obscura de re tam lucida pango
 carmina musaeo contingens cuncta lepore.
 id quoque enim non ab nulla ratione uidetur;
 sed uel uti pueris absinthia taetra medentes
 cum dare conantur, prius oras pocula circum
 contingunt mellis dulci flauoque liquore,
 ut puerorum aetas inprouida ludificetur
 laborum tenuis, interea perpetet amarum
 absinthii laticem deceptaque non capiatur,
 sed potius tali facto recreata ualescat,
 sic ego nunc, quoniam haec ratio plerumque uidetur
 tristior esse quibus non est tractata, retroque
 uolgus abhorret ab hac, uolui tibi suauiloquenti
 carmine Pierio rationem exponere nostram
 et quasi musaeo dulci contingere melle,
 si tibi forte animum tali ratione tenere
 uersibus in nostris possem, dum perspicis omnem
 naturam rerum, qua constet compta figura. (Lucr. 1.921-50 = 4.1-24)

(Ora vamos conhecer o que resta e mais claro ouvir. Não ignoro quão obscuras [estas matérias] sejam; mas com seu agudo tirsos uma grande esperança de glória penetra meu coração e ao mesmo tempo me incute no peito o suave amor das Musas, impelido pelo qual e de espírito vigoroso os ínvios lugares atravesso das Piérides, não pisados antes pelo pé de ninguém. Apraz chegar a intactas fontes e [delas] beber, e apraz novas flores colher, e insigne coroa para minha cabeça buscar lá donde antes a ninguém as tēmporas as Musas cobriram; primeiro porque ensino coisas importantes e dos apertados nós da religião procuro libertar o espírito, depois porque sobre obscura matéria componho tão claros cantos a tudo tocando com a graça das Musas. Pois isso não parece sem razão; ora, assim como às crianças quando os médicos tentam dar o intra-

gável absinto, primeiro as bordas em torno da taça tocam com o doce e flavo líquido do mel, de maneira que a incauta idade das crianças seja iludida até aos lábios e enquanto isso beba todo o amargo líquido do absinto e [de modo que], [embora] seduzida, não seja enganada, mas antes por tal procedimento revigorada convalesça, assim também agora eu, já que essa doutrina em geral parece muito desagradável àqueles por quem não foi tratada, e [já que] o vulgo dela se afasta com horror, quis para ti em suaviloquente piério canto nossa doutrina expor e como que do doce mel das Musas tocá-la, a ver se por tal meio poderia prender-te a atenção com nossos versos, enquanto compreendes toda a natureza das coisas, [e compreendes] como se mostra combinada a forma [da natureza].)

Ora, se o *liquor* “doce e flavo” do mel (cf. 1.938: *mellis dulci flauoque liquore*) — que vai da comparação com o *lepor* à metáfora mesma do “mel” das musas (cf. 1.934: *musaeo [...] lepore*; 947: *musaeo [...] melle*) — é posto à borda da taça, é claro que, por força da comparação e da metáfora, também o “mel” ou o *lepor* das musas deverá ser entendido como a *graça* que “se acrescenta” ao poema. Assim, como quer que se entenda, nesse passo de Lucrécio, o verbo *contingere* (cf. *infra*),⁴⁴ o “acrécimo” do *liquor* do mel feito pelos médicos à borda do recipiente que contém o “amargo líquido do absinto” (cf. 1.936; 940-1: *amarum / absinthi laticem*) é comparável ao “acrécimo” do *lepor* do “mel” das musas feito à “doutrina” (cf. 1.946: *rationem*), ou antes, à “exposição” da doutrina (cf. 1.946: *rationem exponere*) de Epicuro, “intragável” como esta “em geral parece àqueles que ainda não a estudaram” (cf. 1.943-4: *plerumque uidetur / tristior esse quibus non est tractata*); assim também, se a administração do mel tem por finalidade a convalescência da criança (cf. 1.942: [*sc. ut puerorum aetas*] *recreata ualescat*, “[*sc. que das crianças a vida*] revigorada convalesça”), o “acrécimo” do *lepor* do “suaviloquente canto” (cf. 1.944-5: *suaviloquenti / carmine*) é, igualmente, o “meio” ou “método” (cf. 1.948: *tali ratione*) pelo qual tentará a *persona doctoris* de Lucrécio “segurar a atenção” (cf. 1.948: *animum [...] tenere*) de seu *discipulus*, de modo a fazê-lo “compreender” “a natureza toda das coisas” (cf. 1.949-50: *dum perspicis omnem / naturam rerum*) e assim lhe “soltar o espírito dos nós das superstições” (cf. 1.932: *religionum animum nodis exsoluere*).

⁴⁴ Quer como (1) “tocar”, “afetar”, etc. (a partir de [*con-*]tango, tetīgi, tactum, -ĕre), quer como (2) “tingir”, “impregnar”, etc. (a partir de [*con-*]tingo / tinguo, tinxi, tinctum, -ĕre), ambos a seguir a mesma regência básica: *aliquid aliqua re* (cf. Lucr. 1.934: *contingens cuncta lepore*; 937-8: *oras [...] / contingunt [...] liquore*; 946-7: *rationem [...] / [...] contingere melle*); para numerosos exemplos, cf. Lewis & Short, s.v., que oferece como exemplos do caso (2) justamente os versos 1.934; 938 e 947 de Lucrécio, diferentemente do que entendem muitos dos tradutores do poeta, que parecem tomar *contingere* no sentido (1), como faz, por exemplo, William Ellery Leonard (1916), em sua tradução versificada (grifos meus): “touching all throughout / Even with the Muses' charm” (para 1.934); “But as physicians (...) / (...) do touch / The brim around the cup with the sweet juice / (...) of the honey” (para 1.938); “To touch it with sweet honey of the Muse” (para 1.947). Para um estudo dos sentidos de *contingere* nesse passo de Lucrécio, cf. especialmente Snyder 1973.

O que me parece notável, em toda a construção dessa imagem, é a recorrência das formas do verbo *contingere* (cf. 1.934: *contingens*; 938: *contingunt*; 947: *contingere*), usadas para descrever, segundo entendo (cf. n. 41), o “contato” do mel com a borda da taça (cf. 1.937: *oras pocula circum*) ou do “mel” da poesia com a doutrina de Epicuro; não fortuita, tal recorrência aponta, a meu ver, para certa “independência”, por assim dizer, que o poeta imagina poder existir entre a matéria da doutrina (1.943: *haec ratio*) que está a ensinar e certas qualidades da forma poética que julgou conveniente empregar em vista da finalidade didática de sua exposição. Assim, o mel se limita à borda da taça continente, não se imiscuindo no conteúdo amargo do absinto; assim também, o “mel” da poesia — isto é, a “graça” e “encanto” que seus recursos elocutivos *confeccionam* (cf. n. 39) — deve como que limitar-se, penso, a seu “continente”, o verso (cf. 1.949: *uersibus in nostris*), como que não se imiscuindo no conteúdo importante (cf. 1.931: *magnis [...] de rebus*) que nele vai posto: “a natureza toda das coisas” (cf. 1.949-50: *omnem / naturam rerum*). Além disso, a colocação do mel na borda da taça tem por finalidade certo efeito de “ilusão” (cf. 1.939: *ut puerorum aetas inprouida ludificetur*, “que das crianças a idade incauta seja iludida”), que deve, por sua vez, realizar-se apenas “ao limite dos lábios” (cf. 1.940: *labrorum tenus*), de modo que tal “ilusão”, feita enquanto se bebe o conteúdo amargo do absinto (cf. 1.940-1: *interea perpotet amarum / absinthi laticem*), não se torne “engano” (cf. 1.942: [*sc. ut puerorum aetas inprouida*] *decepta [...] non capiatur*, “[*sc. que das crianças a idade incauta*] [*sc. embora*] iludida [*sc. seduzida*], não seja enganada”). Logo, ainda por força da comparação e da metáfora, a “ilusão” benfazeja do mel está para a “graça” e o “encanto” da poesia, assim como o risco de que o mel seja consumido para além do limite dos lábios está para o risco de que a “graça” da poesia se sobreponha à importância da doutrina; noutros termos, o risco de que a doçura “ilusória” do *liquor* do mel sobressaia ao amargor curativo do absinto está para o risco de que o *lepor* “sedutor” da poesia sobressaia à “austeridade” (cf. 1.933-4: *haec ratio [...] uidetur / tristior esse*) “libertadora” (cf. 1.932: *exsoluere*) da doutrina. Em ambos os casos, conforme entendo, o risco final é de que o “contingente”, ao ser aplicado ao “continente”, sobressaia de tal maneira ao “conteúdo”, que do remédio se esqueça o doente, e da lição, o aprendiz.

Em Manílio, como sugeri mais acima, o caso me parece menos simples, se é que simples se pode achar a imagem de Lucrécio.⁴⁵ Com efeito, se entendo que a *gratia*, nas

⁴⁵ Assim, o esquematismo da leitura acima, que compara o mel e a graça poética, o absinto e a doutrina de Epicuro, há de ser contraposto a outra imagem poética de Lucrécio, a valer-se não mais do mel como

Astronômicas, é para ser buscada numa espécie de ostentação de habilidade poética (cf. *supra*), é por considerar, a partir do que declara o poeta mesmo (cf. *supra*), que a matéria, ou o “conteúdo”, da parte técnica do poema é de tal natureza, que não admite variações, ou admite muito poucas, em sua “forma” ou expressão, de tal maneira que a *gratia*, na exposição dessa *face* de sua matéria, há de ser buscada já na “simples” capacidade (cf. 4.441: *si tantum poterit*) de “designar” (*signare*) — *necessariamente* em verso, bem entendido (cf. Cap. 1, p. 33) — o que era “para cantar” (*canenda*). Ora, quão difícil seja tal operação — que se realiza, como acima resumi, entre os imperativos do canto, de um lado, e da demonstração, de outro — é coisa que o poeta mesmo insiste em observar (cf. 3.26-42; 4.431-42; cf. *supra*) e da qual já examinei alguns aspectos (cf. Cap. 1, p. 68, *supra*, p. 88).⁴⁶ Assim, ainda que o poeta por vezes refira certos “limites” éticos impostos ao “acréscimo de *gratia*” a sua matéria — cf. 4.439-41: *Ostendisse deum nimis est: dabit ipse sibimet / pondera. Nec fas est uerbis splendescere mundum: / rebus erit maior*, “Ter desvendado a divindade é demais: ela mesma dará a si seus sua autoridade. Nem é direito fazer que pelas palavras brilhe o céu: será ele maior por sua realidade” (cf. Cap. 1, p. 47) —, ainda assim, a construção ambígua de sua *persona*, entre

imagem da graça poética, mas daquilo que nos bosques as abelhas colhem (para produzir o mel, aliás) como imagem dos “áureos ditos” de Epicuro, que o poeta igualmente “colhe” nos escritos deste:

Tu, pater, es rerum inuentor, tu patria nobis
suppeditas praecepta, tuisque ex, inclute, chartis,
floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
omnia nos itidem depascimur aurea dicta,
aurea, perpetua semper dignissima uita. (Lucr. 3.9-13)

(Tu, pai, és das coisas o descobridor, tu nos forneces preceitos paternos, e de teus escritos, ó ínclito, como em floríferos bosques as abelhas tudo libam, de todos áureos ditos teus nós igualmente nos alimentamos, áureos, os mais dignos sempre de eterna vida.)

Assim também, há que tomar em consideração a “sociedade” que o poeta deseja com “Vênus” na escrita dos versos, imagem, a meu ver, para a ideia de “doçura” (cf. 4.1059: *Veneris dulcedinis*) e “prazer” (cf. 2.437; 3.776; 4.1113; 5.848) como adjuvantes da instrução:

te sociam studeo scribendis uersibus esse,
quos ego de rerum natura pangere conor
Memmiadae nostro. (Lucr. 1.24-6)

(Sócia desejo que sejas na escrita dos versos que eu da natureza das coisas procuro compor para nosso Mêmio.)

Para o estudo mais aprofundado do uso da poesia por Lucrécio como seguidor justamente da filosofia de Epicuro, cf. Classen 1968: 99-118; cf. também: Thury 1987. Para um estudo que procura examinar a inserção dos versos Lucr. 1.921-50 no contexto em que aparecem, bem como seu significado poético e filosófico, que não aprofundo aqui, cf. Lenaghan 1967; para uma interessante comparação entre esses versos e o prêmio ao terceiro livro de Manílio, cf. Lanson 1887: 66-70.

⁴⁶ Chamar a atenção para a dificuldade de sua tarefa é coisa que, segundo certas interpretações, Manílio faz não apenas por vaidade, mas por certa arrogância e orgulho: cf. Cap. 1, p. 38, n. 47.

poeta e vate (cf. Cap. 1, p. 40), e a tensão de seu discurso, entre *fingere* e *monstrare* (cf. Cap. 1, p. 44), reabilitam e “justificam”, por assim dizer, a ocorrência de *gratia* na exposição de sua doutrina astrológica, quer porque, de uma perspectiva “mais pia” da composição (cf. Cap. 1, p. 47), o “brilho” e a *gratia* do *opus* se devem principalmente à “resplandescência” da própria *res* (cf. 4.441: *splendescere mundum*), que, mesmo em seus aspectos mais técnicos e difíceis, ao vate “cumpre cantar” (cf. 4.442: *canenda*), até porque “do alto do céu” é que seu “canto desce” (cf. cf. 1.118: *quoniam caelo descendit carmen ab alto* ; cf. Cap. 1, p. 23); quer porque, de uma perspectiva “menos pia” da composição, a *gratia* do *opus* se pode contemplar na habilidade do *poeta* (cf. 4.441-2; *supra*) em “juntar em pés fixos” (cf. 3.35: *pedibus [...] iungere certis*), “sob a lei” da poesia (cf. 4.431: *sub lege*) e “em canto adequado” (cf. 3.35: *carmine [...] proprio*) uma matéria que, especialmente naqueles aspectos mais técnicos e difíceis, “recusa ser ornada” (cf. 3.39: *ornari res ipsa negat*), dando-se apenas à “demonstração” (cf. 4.438: *tantum monstranda*), e que, apesar disso, lhe impõe o desafio e o labor de “mudar a face da expressão” (cf. 4.433: *faciem mutare loquendi*). O que me parece é que a *gratia* do *opus* , no primeiro caso, tem que ver com a natureza da *matéria* exposta pelo vate, ao passo que, no segundo caso, tem que ver com a qualidade da *exposição* realizada pelo *poeta* . Quanto à natureza da *matéria* , a *gratia* da *res* tomada “em si mesma” depende de um *ponto de vista* (cf. *supra*) — como o do vate-poeta — que no “céu” veja o *mundus* , que no κόσμος veja, pois, justamente a “beleza” da “ordem” e regularidade do λόγος universal (cf. 1.483-531; Cap. 1, p. 26), enxergando, porém, a mesma “beleza” — de “ordem”, hierarquia e regularidade — não apenas nos aspectos “visíveis” do *mundus* , em seus variados φαινόμενα, motivo de tanto receio e estupefação para a gente “rude” de antigos tempos (cf. 1.66-72), senão também nos aspectos “invisíveis” do mesmo *mundus* , apenas racionalmente perceptíveis (cf. *supra*), cuja “ordem” e “regularidade” se revelam, para Manílio, justamente por meio do estudo da *ars* astrológica, cujas matemáticas prometem não só a explicação dos produtos físicos e éticos já “historicamente” observados (cf. Cap. 3, p. 226), como também a previsão daqueles que ainda serão observados de acordo com aquela mesma “ordem” e “regularidade”, que só a *ars* astrológica, como ápice do desenvolvimento racional humano (cf. 1.25-112; Cap. 3, p. 280), é capaz de descrever. Quanto à relação, por outro lado, entre o efeito de *gratia* e a qualidade da *exposição* , fique o que acima foi dito acerca da noção de habilidade poética na demonstração de matérias técnicas.

Da imagem de Lucrécio, porém, uma ideia retomo, finalmente, que penso poder aplicar-se à leitura de Manílio. Como acima disse rapidamente, nas *Astronômicas* é mencionado o “limite” — técnico, para o poeta (cf. 4.431-5); ético, para o vate (cf. 4.439-41; Cap. 1, p. 46) — para o “acréscimo”, à doutrina, de recursos de ornamentação poética produtores do efeito de *gratia*. Também a *persona doctoris* do *De rerum natura*, por sua vez, atenta para a prática dos médicos em limitar a “ilusão” do mel “até os lábios” (cf. 1.940: *labrorum tenus*), de modo que a criança, embora “iludida, não seja enganada” (cf. 1.942: *decepta [...] non capiatur*). Se a imposição do “limite”, em Lucrécio, visa à preservação da finalidade curativa, no caso do absinto, e da finalidade instrutiva e “libertadora” (cf. *supra*), no caso da doutrina epicurista, de modo a não haver engano ou demasiada “distração”, em Manílio, por seu turno, o limite reconhecido pelo vate observa uma imposição de ordem ético-religiosa (cf. 4.440: *nec fas est*), que toca, pois, à natureza “impositiva” da relação entre a matéria da doutrina e o vate que a “refere” a seu *discipulus* (cf. Cap. 1, p. 30). Assim, se o *lepor* da poesia, em Lucrécio, não deve sobressair a sua “seriedade” — ou ainda, se seu *dulce* não deve suplantiar seu *utile* (cf. Hor. *Ars* 343) —, a *gratia* de uma elocução poética variada, no caso do vate de Manílio, não deverá nem poderá “competir” com a “beleza” e o “brilho” (cf. 4.440: *splendescere*) da própria matéria a que se aplica tal elocução. Em suma, se Lucrécio se mostra preocupado com a importância da “verdade” na exposição da doutrina (cf. Lucr. 1.637: *uera [...] ratione*; 640: *uera*; 643: *uera*), acusando o efeito enganador que pode haver na beleza (cf. 1.643: *belle*) de uma elocução feita de inversões (cf. 1.642: *inuersis [...] uerbis*) e “colorida” de graciosa sonoridade (cf. 1.644: *lepido [...] fucata sonore*):

Quapropter qui materiem rerum esse putarunt
ignem atque ex igni summam consistere solo,
magno opere a uera lapsi ratione uidentur.
Heraclitus inquit quorum dux proelia primus,
clarus <ob> obscuram linguam magis inter inanitas
quamde grauis inter Graios, qui uera requirunt;
omnia enim stolidi magis admirantur amantque,
inuersis quae sub uerbis latitantia cernunt,
ueraque constituunt quae belle tangere possunt
auris et lepido quae sunt fucata sonore. (Lucr. 1.635-44)

(Por isso, aqueles que julgaram ser o fogo a matéria das coisas e só do fogo consistir o universo, em muito parecem desviar-se da verdadeira razão. Heráclito enceta como chefe deles o combate, claro [sc. ilustre] pela obscura língua mais entre os levianos do que entre os gregos sérios que buscam a verdade, pois os tolos mais admiram e amam as coisas que discernem ocultadas sob

invertidas palavras e consideram verdadeiras aquelas que são capazes de tocar-lhes agradavelmente os ouvidos e que são coloridas de graciosa sonoridade.)⁴⁷

o *vate* de Manílio, por sua vez, censura o brilho “profano” que se deve às “palavras” (cf. 4.440: *nec fas est uerbis splendescere mundum*), mas seu *poeta* se envaidece da habilidade em usá-las para “variar a expressão” que “refere” a doutrina daquele (cf. *supra*, p. 102). Assim, se a “verdade” é mais importante para seu *vate*, que em nome dela orienta seu discípulo a não querer “doce poema” (cf. 3.38: *nec dulcia carmina quaeras*) e, em vez disso, prestar “olhos e ouvidos” (cf. 3.37: *aurem oculosque*) às “palavras verdadeiras” (cf. 3.37: *ueras [...] uoces*; Cap. 1, p. 32, 39, 70, 70, 71, 72 e 74), o “embelezamento” da expressão, por outro lado, é algo de que seu *poeta* efetivamente se ocupa e que, por difícil que seja, também lhe compraz (cf. *supra*, p. 101). Ocorre, como sugeri mais acima, que a *gratia*, o poeta como que a “ostenta” e aponta, para seu leitor (cf. 3.158: *legentem*), em sua própria habilidade elocutiva no trato dos nomes, números e *rationes*; daí decorre, como mais adiante procurarei exemplificar, que muitas vezes a preocupação com o *lepor* ou a *gratia* suplanta a preocupação com a coerência e a “correção” técnica da doutrina exposta. Assim, a *confeção* ou o “modo do *fingere*” se aplica não só à expressão dos objetos que acima chamei de “simples” — vale dizer, os nomes e números —, mas opera, por assim dizer, na expressão e no interior mesmo da própria matéria do que acima chamei de objetos “complexos” (cf. Cap. 1, p. 52) — vale dizer, as *rationes* —, muitas vezes modificando, recompondo ou amplificando — intencionalmente ou “por ignorância”⁴⁸ — os próprios “dados” e passos das *rationes* da *ars* astrológica, de modo a fazê-los produzir o que chamarei, por ora, de *species mathematicae* — “aparências matemáticas” — de “rigor”, “precisão” e “eficiência”. Ademais, diante da preocupação de Lucrécio com o “engano” que belas palavras podem produzir, é significativo que um dos defeitos que mais se apontam em Manílio venha a ser justamente o da obscuridade, que o poeta do *De rerum natura* associa à elocução “invertida” daqueles cujas palavras são tidas por “verdadeiras” — “mais entre os levianos do que entre os gregos sérios que buscam a verdade” (cf. Lucr. 1.639-40: *magis inter inanis / quamde grauis*

⁴⁷ Já Hiparco, ao corrigir os “erros” de Arato (cf. Cap. 1, p. 18-19), observava como “a graça dos poemas acrescenta certa credibilidade ao que é dito”, levando “quase todos” a “concordar com o que é dito por ele (sc. Arato)” (cf. Hipparch. 1.1.7.1-2: ἡ γὰρ τῶν ποιημάτων χάρις ἀξιοπιστίαν τινὰ τοῖς λεγομένοις περιτίθησι, καὶ πάντες σχεδὸν [...] προστίθενται τοῖς ὑπ’ αὐτοῦ λεγομένοις).

⁴⁸ Cf. Escalígero, *Proleg.*, p. 17: “partim per ἀλογιστίαν, partim per imperitiam, sive quod Veteres falso sentientes sequitur, sive quod ea fuit animi ejus sententia”, “em parte por irreflexão, em parte por imperícia, seja porque segue os Antigos quando estes opinam infundadamente, seja porque tal foi a opinião de seu pensamento (sc. de Manílio)”. Ainda sobre a “imperícia” e a *inscitia* técnica do poeta, cf. Woltjer 1881: 64-83; Lanson 1887: 54-98.

inter Graios qui uera requirunt) — apenas por serem graciosas e sonoras (cf. Lucr. 1.643-4).⁴⁹ Para Manílio, conforme penso ser possível demonstrar, são *graciosas* ainda outras *species*, também poeticamente confeccionadas, sendo uma dessas *species* justamente a da “obscuridade”, de que decorre, para o *discipulus* e o leitor, o resultado da “dificuldade” de intelecção (cf. Cap. 3, p. 261); dessa e de outras *species* poéticas tratarei mais adiante. Se por tais *species*, então, a “atenção” (cf. Lucr. 1.948: *animum*; Man. 4.388: *mentem*) do leitor ou do *discipulus* acaba por ser distraída da “verdade” doutrinal para o “brilho” do poema, a “distração”, ou melhor, a “sedução” pelas “aparências”, nas *Astronômicas*, não é erro que se acuse e reprove apenas em seu leitor ou *discipulus* “desatento”, mas já em seu próprio poeta, como em médico a fazer ele mesmo abuso do mel.

2.2. *Canere signanda.*

Se, conforme os termos de meu estudo, “designar” o que era “para cantar” (cf. 4.442: *signare canenda*) é habilidade mínima que se requer do vate comprometido com a *transmissão* de uma doutrina técnica, *confeccionar* (*fingere*), então, o que só se dá à *demonstração* (*monstrare*) — ou, por assim dizer, “cantar o que era só para designar” (*canere signanda*; cf. 4.438: *tantum monstranda figura*) — é habilidade que o poeta se compraz em ostentar, e não apenas uma necessidade “didática” de sua *persona doctoris*. Assim, fora da “ficção” de instrução operante nas *Astronômicas* (cf. Cap. 1, p. 74), tal habilidade, em que se funda a “ vaidade” do poeta (cf. 4.441-2: *nec parua est gratia nostri / oris*; cf. *supra*, p. 102), é habilidade *poética*, que se aplica, como disse acima, ao tratamento de casos ou “objetos” “simples” (os nomes e números: cf. 3.31; 41; 4.431-2) e “complexos” (as *rationes*: cf. *supra*, p. 94) da *ars* astrológica. Então, considerando um *continuum* teórico, por assim dizer, cujos extremos sejam, de um lado, a *demonstração* (*monstrare*) e, de outro, a *confeção* (*fingere*), e considerando a aplicação de tal *continuum* tanto sobre a expressão (*uerba*) como sobre a matéria (*res*) do poema, procurarei examinar, a seguir, como se dá tal aplicação no trato da matéria técnica, na forma dos casos ou objetos que acima mencionei, observando as principais dificuldades, as solu-

⁴⁹ Sobre a obscuridade da expressão em Manílio, cf., por exemplo, Salemme 2000: 105-43 e Landolfi 2003: 60-76; neste trabalho, cf. Cap. 3, p. 251-260. A comparação com a “clareza” de Lucrécio já era feita, entre outros, por Lanson (1887: 68-9).

ções poéticas e, em certos casos, as consequências destas últimas para a qualidade e a “correção” técnica da exposição.

2.2.1. *Nomina.*

Ao terminar o tratamento dos caracteres, habilidades e interesses humanos determinados pelas constelações zodiacais (4.122-293), o poeta atenta para a abundância de *artes* que se devem à autoridade do signo de Peixes (4.273-91), todas relacionadas ao trato com o mar e as embarcações (cf. 4.274-6), bem como para a escassez de palavras necessárias para nomeá-las todas, pois “a custo os nomes bastam às coisas” (cf. 4.277-8: *uix nomina rebus / sufficiunt*), “tantas são as partes de um pequeno navio” (cf. 4.278: *tot sunt paruae [...] membra carinae*). De modo semelhante, a exiguidade do vocabulário latino no tratamento de matérias assim tão específicas também é sentida pelo poeta no trato dos “pormenores” (cf. 1.117: *paruis*; cf. *supra*, p. 88) da *ars* astrológica, que muitas vezes “imporá” ao vate a direta “referência” seus *externa nomina* (cf. 3.40):

et, siqua externa referentur nomina lingua,
hoc operis, non uatis erit: non omnia flecti
possunt, et propria melius sub uoce notantur. (3.40-2)

(E, se alguns nomes forem referidos em língua estrangeira, culpa será da obra, não do vate: nem tudo se pode verter, designando-se melhor em sua própria língua.)

Nesse caso, para o vate de Manílio a qualidade a considerar, na expressão dos *nomina* da *ars* astrológica, é sua “verdade”, não sua “beleza” (cf. 3.37-8: *ueras [...] percipe uoces. / [...] nec dulcia carmina quaeras*), o que me parece significativo, por sua vez, quando comparado ao famoso passo de Lucrécio, que também atenta para a novidade e a obscuridade da matéria, bem como para a dificuldade lexical de sua exposição em latim, relacionando-a, porém, à necessidade de “clareza” no enunciado poético da doutrina:

Nec me animi fallit Graiorum obscura reperta
difficile inlustrare Latinis uersibus esse,
multa nouis uerbis praesertim cum sit agendum
propter egestatem linguae et rerum nouitatem;
sed tua me uirtus tamen et sperata uoluptas
suauis amicitiae quemuis efferre laborem

suadet et inducit noctes uigilare serenas
 quaerentem dictis quibus et quo carmine demum
 clara tuae possim praepandere lumina menti,
 res quibus occultas penitus conuisere possis. (1.136-45)

(Nem ignoro que é difícil as obscuras descobertas dos gregos explicar em versos latinos, sobretudo porque se deve tratar de muita coisa com palavras novas em razão da pobreza da língua e da novidade das matérias; mas tua virtude, apesar disso, e o ansiado prazer de agradável amizade me persuadem a suportar qualquer fadiga e induzem à vigília nas noites serenas em que procuro por que palavras e por que poema, enfim, possa claras luzes anunciar a teu espírito, pelas quais consigas examinar profundamente as ocultas matérias.)

Em Manílio, finalmente, o trato das “partes nas próprias partes” (cf. *supra*) requererá ainda a repetição dos mesmos nomes, como é precisamente o caso do sistema de decanias (cf. 4.363-5: *Haec ratio retegit latitantis robora mundi / in plurisque modos repetitaque nomina caelum / diuidit*, “Tal sistema [sc. de decanias] desvenda as forças do secreto universo e de numerosos modos e com repetidos nomes divide o céu”; cf. *supra*, n. 30), assim como a descrição mais precisa da geografia zodiacal (4.585-817) imporá ao poeta a necessidade de referir tantos nomes “estranhos” e diferentes de regiões, cidades e povos, que lhe será necessário o recurso a formas menos “diretas” de nomeação, como, por exemplo, as “figuras”:

magna iacet tellus magnis circumdata ripis
 Parthis et <a> Parthis domitae per saecula gentes,
 Bactraque <et> Aethiopes, Babylon et Susa Ninisque,
 nominaque innumeris uix complectenda figuris. (4.802-5)

(Grande é a terra circundada pelas margens dos partos, e ainda pelos partos os povos dominados ao longo dos séculos, Bactra, os etíopes, Babilônia, e Susa, e Nínive, e [sc. tantos outros] nomes compreensíveis [sc. só] com o esforço de inúmeras figuras.)

As dificuldades, então, no trato com os nomes vêm a ser basicamente de três tipos: a qualidade “estrangeira” (cf. 3.40: *externa*) dos nomes da *ars* astrológica, como verdadeiros *hospita sacra* (cf. 1.6) que o vate está a apresentar (cf. 1.6: *ferens*); a necessidade, em certos casos, de repetir os mesmos nomes, em razão de procedimentos próprios da *ars* astrológica; e a variedade de nomes estrangeiros para os quais o poeta deverá encontrar formas equivalentes, igualmente abundantes e variadas, mas nem sempre diretas, que sejam capazes de entrar no hexâmetro latino.⁵⁰ Daí que, relativamente às

⁵⁰ Para a relação dos substantivos e adjetivos gregos usados por Manílio, bem como para o estudo de sua flexão no poema, cf. Cramer 1882: 24-8. Para o estudo do léxico latino no domínio da astronomia e da astrologia, importantes são os trabalhos de Le Bœuffle (1977 e 1987); particularmente no âmbito da linguística, uma variedade de estudos do vocabulário técnico em latim, agora noutros domínios e práticas profissionais, pode ser lida em Brachet e Moussy (eds.) 2006.

formas de lidar com tais dificuldades, dois sejam os extremos: num deles, simplesmente “serão referidos” os nomes (cf. 3.40: *referentur nomina*), segundo “seu vocábulo próprio” (cf. 3.42: *propria [...] sub uoce*); noutro, o poeta deverá fazer uso de meios como, por exemplo, as “figuras” (cf. 4.805: *innumeris [...] figuris*), a fim de confeccionar outras formas para dizê-los. Mas entre esses extremos há gradações que se podem observar, como é o caso especialmente da tradução, ora mais próxima do primeiro extremo, sendo praticamente a “transliteração” do *nomen* estrangeiro, ora mais próxima do segundo, sendo, então, a confecção de dicções latinas específicas para o caso, principalmente na forma de perífrases. De todo modo, porém, as dificuldades se impõem: se repetir nomes é, em certos casos, imperioso (cf. 4.363-5; *supra*), outros meios deverá buscar o poeta para variá-los (cf. 4.310-62); se “referi-los” *propria sub uoce*, quando são estrangeiros, é o único meio, buscará então o poeta amiúde justificar a “referência”, elucidando o significado do *nomen*, de modo a evitar que resulte obscura a exposição;⁵¹ se o *nomen externum*, enfim, é tal, que não seja possível “referi-lo” por uma “tradução-transliteração”, deverá buscar o poeta outro meio para dizê-lo e, nesse labor, aproveitará, por assim dizer, para “ostentar” sua “habilidade” na confecção poética de uma *facies loquendi* (cf. *supra*, p. 98) substituta.

De todos esses casos, finalmente, chamo a atenção para aqueles em que a *res* é justamente a *atribuição de um nome* a um objeto (ou noção) da *ars* astrológica, ou em

⁵¹ Sobre o prejuízo à clareza causado por uma elocução que se valha demasiadamente de nomes estrangeiros e das diversas formas do ξενικόν, cf. Arist. *Po.* 1458a.18-1458b.24. Aristóteles diz que, nos versos heroicos, todas as espécies de nomes são utilizáveis (1459a.10-11: καὶ ἐν μὲν τοῖς ἡρωικοῖς ἅπαντα χρῆσιμα τὰ εἰρημένα [sc. ὀνόματα]); antes, atentando para a poesia dramática, disse que Eurípedes fez “belo” (1458b.21: καλὸν) um verso por nele haver posto uma palavra estrangeira, diferentemente de Ésquilo, que o mesmo verso fez “mediocre” (1458b.21: εὐτελής) por nele ter usado uma palavra corrente (1458b.19-24); ora, diz ele que “a virtude da elocução é ser clara sem ser baixa” (1458a.18: Λέξεως δὲ ἀρετὴ σαφὴ καὶ μὴ ταπεινὴ εἶναι), que “a elocução mais clara é feita de nomes correntes, mas é baixa” (1458a.18-20: σαφεστάτη μὲν οὖν ἐστὶν ἢ ἐκ τῶν κυρίων ὀνομάτων, ἀλλὰ ταπεινὴ) e que “é elevada aquela que se afasta do uso vulgar e que se vale de nomes ‘peregrinos’” (1458a.21-2: σεμνὴ δὲ καὶ ἐξαλλάττουσα τὸ ἰδιωτικὸν ἢ τοῖς ξενικοῖς κεχρημένῃ), sendo estes últimos as diversas formas do ξενικόν (1458a.22): “o nome estrangeiro, a metáfora, o alongamento, e todo nome fora do uso corrente” (1458a.22-3: ξενικὸν δὲ λέγω γλῶτταν καὶ μεταφορὰν καὶ ἐπέκτασιν καὶ πᾶν τὸ παρὰ τὸ κύριον.) Mas se alguém se vale (apenas) dessas formas todas, o resultado será “enigma”, pelo excesso de metáforas, ou “barbarismo”, pelo excesso de estrangeirismos (1458a.24-5: ἀλλ’ ἂν τις ἅπαντα τοιαῦτα ποιήσῃ, ἢ αἰνίγμα ἔσται ἢ βαρβαρισμός). Cumpre, então, usar de certo modo (não de modo inapropriado: cf. 1558b.14: ἀπρεπῶς, mas harmonioso: cf. 1558b.14: ἀρμόττον, conveniente: 1459a.4-5: πρεπόντως) de tudo isso (1458a.31: δεῖ ἄρα κεκρᾶσθαι πῶς τούτοις), pois o que fará não vulgar e não baixa a elocução é o “nome estrangeiro”, a metáfora, o ornato e as demais formas do ξενικόν (1458a.22), resultando a clareza do uso dos termos correntes (1458a.31-4: τὸ μὲν γὰρ τὸ μὴ ἰδιωτικὸν ποιήσει μὴδὲ ταπεινόν, οἷον ἢ γλῶττα καὶ ἢ μεταφορὰ καὶ ὁ κόσμος καὶ τᾶλλα τὰ εἰρημένα εἶδη, τὸ δὲ κύριον τὴν σαφήνειαν.); em particular, os alongamentos, abreviações e alterações nos nomes contribuem igualmente para a clareza e para a fuga do vulgar, já que mantêm uma parte do uso corrente, com que contribuem para a clareza, e uma forma que difere do uso corrente, com que contribuem para a elevação (1458a.31-b.5); cf. também: Hor. *Ars* 47-72, especialmente 52-3.

que a “lição” é justamente a “nomeação de um objeto” (cf. Cap. 1, p. 52), em que cumpre, pois, ao vate-poeta “mostrar” tal *res* a seu *discipulus*. Assim, distingo o caso em que o poeta *faz uso* de nomes estrangeiros para tratar de certos objetos, quaisquer que sejam estes últimos, daquele em que a própria atribuição de tais nomes pela *ars* astrológica *também* constitui o objeto de que trata o poeta. Desse modo, atento para o uso de “vocabulário” ora mais “referido” ora mais “confeccionado”, conforme os extremos que aponte acima, justamente nos casos em que a matéria da expressão é também o próprio “vocabulário” da *ars* astrológica.

Assim é o caso, por exemplo, do termo δωδεκατημόριον, “duodécimo”, que Manílio deve usar para tratar da doutrina que divide os 30° de cada signo em doze partes iguais, de modo que uma “dodecatemória”⁵² equivale a 2,5° (ou 2°30’) do signo:

Perspice nunc tenuem uisu rem, pondere magnam
 et tantum Graio signari nomine passam,
 dodecatemoria, in titulo signantia causas.
 nam, cum tricenas per partes sidera constant,
 rursus bis senis numerus diducitur omnis;
 ipsa igitur ratio binas in partibus esse
 dimidiasque docet partes. his finibus ecce
 dodecatemorium constans, bis senaque tanta
 omnibus in signis; quae mundi conditor ille
 attribuit totidem numero fulgentibus astris,
 ut sociata forent alterna sidera sorte,
 et similis sibi mundus, et omnia in omnibus astra,
 quorum mixturis regeret concordia corpus
 et tutela foret communi mutua causa.
 in terris geniti tali sub lege creantur;
 idcirco, quamquam signis nascantur eisdem,
 diuersos referunt mores inimicaque uota;
 et saepe in peius derrat natura, maremque
 femina subsequitur: miscentur sidere partus,
 singula diuisis uariant quod partibus astra,
 dodecatemoriis proprias mutantia uires. (2.693-711)

(Examina agora uma coisa aparentemente simples, porém grande na sua importância, e que só admite ser designada por uma palavra grega: as dodecatemórias, nome que já aponta a sua razão. Como cada signo celeste consta de trinta partes, divide-se o número todo por doze; o próprio cálculo mostra, então, que cada fração é de duas partes e meia. Dentro destes limites, pois, é que se estabelece a dodecatemória; em todos os signos há tais doze partes, as quais o criador do firmamento atribuiu a um mesmo número de astros brilhantes, para que os signos celestes se encontrassem associados numa ordem alternada, e para que o céu fosse semelhante a si mesmo, e os astros todos fizessem parte uns dos outros, e por meio de combinações entre eles a concórdia regesse todo o conjunto, e para que, em razão da causa comum, a proteção fosse recíproca

⁵² Em grego como em latim, o substantivo é neutro (cf. δωδεκατημόριον, *dōdēcātēmōrion* ou *dōdēcātēmōrion*), o que justificaria o uso de “dodecatemório” em português; por entender, porém, que a palavra sempre se refere à “porção”, “parte” ou “fração” duodécima de algo, traduzo por “dodecatemória”, seguindo ainda o uso francês, que faz “la dodécatomorie” (cf., por exemplo, Pingré 1786 *ad loc.*).

entre eles. Na terra, os que nascem são criados sob tal lei; por isso, conquanto nasçam sob o mesmo signo, apresentam costumes diferentes e vontades opostas; e frequentemente a natureza se desencaminha, para pior, e ao nascer de um menino segue o de uma menina: os dois nascimentos reúnem-se sob uma mesma estrela; o fato é que cada astro sofre variação por causa das divisões que tem, e muda, nas dodecatemórias, as suas influências específicas.)

A matéria, nesse caso, é não apenas o conceito designado por “dodecatemória” (cf. 2.696-711), que talvez até pudesse ser explicado sem recurso à palavra que o designa (cf. 2.694: *signari*), senão também a própria palavra, isto é, o nome próprio *dodecatemorium*, forma alatinada do grego δωδεκατημόριον, que, felizmente para o poeta, preenche os requisitos métricos para entrar no hexâmetro (cf. *dōdēcātēmōrion* ou *dōdēcātēmōrĭum*), sendo empregada três vezes apenas nessa exposição, na mesma posição do verso, com variação apenas na flexão (2.695: *dodecatemoria*; 700: *dodecatemorium*; 712: *dodecatemoriis*; fora dessa exposição, mas ainda proximamente, cf. ainda: 2.736: *dodecatemorium*; 740: *dodecatemorii*; 741: *dodecatemorium*; 746: *dodecatemorio*). Mais um exemplo, nas *Astronômicas*, do tratamento das “partes nas próprias partes” (cf. *supra*, p. 89), a doutrina da dodecatemória — sendo esta a duodécima parte de um signo, em si mesmo a duodécima parte do Zodíaco — é matéria que “só admite ser designada por palavra grega” (cf. 2.694: *tantum Graio signari nomine passam*) e cuja expressão, nesse caso, será “referida” como tal mediante a transposição “literal”, ou melhor, a “transliteração” do termo original, que em si mesmo já “aponta” ou “designa” sua própria “razão” (cf. 2.695: *in titulo signantia causas*). A qualidade particular da palavra, então, é a de ser um termo técnico preciso, um *uerbum artis*, como em geral diz Escalígero (cf. *infra*, n. 73); nessa “isagoge” à astrologia (cf. *supra*, p. 81), porém, cumpre ao vate-poeta não apenas “fazer uso” do termo, mas também explicá-lo a seu *discipulus*, razão pela qual, se há “obscuridade” na exposição técnica da doutrina, não estará ela no simples uso do termo estrangeiro, que não só vem “referido”, como também explicado (cf. 2.696-9; 696: *nam*) e mesmo “decomposto” em formas latinas que claramente o retomam e reaplicam à matéria: assim, para a noção do valor numérico “doze” (cf. δωδεκα): cf. 2.697: *bis senis*; 700: *bis sena*; e para a noção de “parte” (cf. μόριον): cf. 2.696: *partes*; 698: *partibus*; 699: *partes*; 711: *partibus*.

A seguir, finalmente, chamo a atenção para outros exemplos, em que o poeta usa do nome estrangeiro mediante modalidades de “tradução” que vão do extremo da “transliteração”, ou a latinização de formas gregas, àquele da tradução por lexemas latinos diferentes dos originais ou por uso de perífrase “explicativa”. De todos os casos que

por esse critério ainda poderiam acrescentar-se a minha lista,⁵³ distingo abaixo apenas aqueles em que o próprio poeta chama a atenção, de modo ora mais ora menos evidente, para a nomeação que está a usar e apresentar. (Obs.: a numeração contínua dos casos transcende a numeração contínua das seções.)

2.2.1.1. Casos de “tradução-transliteração”:

- 1) Ὀφιοῦχος, *Ōphīūchus*, “Ofiúco”: cf. 1.331-2: *serpentem magnis Ophiuchus nomine gyris / diuidit*, “O de nome Ofiúco a serpente em grandes espiras / separa”. Ofiúco é outro nome para a constelação do Serpentário, que Manílio também chama *Anguitenens* (cf. 5.389), a exemplo de Cícero: cf. Cic. *Arat.* fr. 14.1 (= *N. D.* 2.109.1): *quem* (sc. *Anguitenens*) *claro perhibent Ophiuchum nomine Graii*, “o qual (sc. Anguitenente) os gregos designam pelo claro nome de ‘Ofiúco’”;
- 2) Δελτωτόν, *Deltōtōn*, “Deltôton”: cf. 1.353-4: *Deltoton nomine sidus / ex simili dictum*, “a constelação de nome Deltôton, (sc. assim) chamada pela semelhança”; cf. também: 5.714. Trata-se da constelação do Triângulo, que assim se chama em razão da semelhança com a letra Δ: cf. Cic. *Arat.* fr. 34.5-6: *signum, Deltoton dicere Grai / quod soliti, simili quia forma littera claret*, “signo que os gregos costumavam chamar Deltôton, porque a letra é de forma claramente semelhante”; cf. também: Germ. *Arat.* 239; Hyg. *Astr.* 3.18;
- 3) νότιος, *nōtīus*, “nócio” (sc. Peixe): cf. 1.438-9: *tum Notius Piscis uenti de nomine dictus / exurgit de parte Noti*, “Então o Peixe Nócio, nomeado a partir do nome do vento, eleva-se da direção do Noto”; cf. Plin. *Nat.* 3.75;
- 4) ὠροσκόπος, *hōroscōpus*, “Horóscopo”: cf. 2.829-30: *hinc inter Graias horoscopus editur urbes, / nec capit externum, proprio quia nomine gaudet*, “daí, nas ci-

⁵³ Entre outros exemplos, veja: Ἀνδρομέδη, *Andrōmēda*, “Andromeda”: cf. 1.350, 356, 616; 2.28; 5.23, 558, 544, 572, 616, 619, 657; Ἀρκτοφύλαξ, *Arctōphylax*, “Boieiro”: cf. 1.316; 565 (= *Bōōtes*: cf. 1.316; 5.20); Ἄρκτος, *Arctōs*, “a Ursa”: cf. 1.275, 283, 314, 443, 451, 502, 524, 566, 590, 610, 684; 3.344, 382; 5.19, 693; Ἀρκτούρος, *Arctūrus*, “Arcturo”: cf. 1.318; 5.358; Κασσιόπεια, *Cassīēpia*, “Cassiopeia”: cf. 1.354; 686; 697; Κασσιόπη, *Cassīōpē*, “Cassiopeia”: cf. 5.504; 537; Ἐριγόνη, *Ērigōne*, “Erigone”: cf. 1.565a; 2.32, 175, 406, 499, 507, 552, 559; 3.572; 4.189, 318, 334, 469, 542; 5.251; Ἑλική, *Hēlicē*, “Hélice”: cf. 1.218, 296, 634; 2.50; 4.589, 792; Ἡνίοχος, *Hēniōchus*, “Heníoco”: cf. 1.362, 696; 5.20, 69, 101; Ὑάδες, *Hyādes*, “Híades”: cf. 1.371; 5.119, 127; Ὠρίων, *Ōrion*, “Orion”: cf. 1.387, 441a, 502; 5.12, 58, 723; Φοίβη, *Phoēbē*, “Febe”: cf. 2.913; 3.197; 4.501, 756, 847; Πλειάδες, *Plēiādes*, “Pléiades”: cf. 1.371; 4.522; 5.142, 710.

- dades gregas, *horóscopo* se chama, / e não aceita nome estrangeiro, porque com seu próprio (sc. nome) (sc. é que) se compraz”;
- 5) Δαιμονίη, *Daemōnīē*, “Demônia”: cf. 2.897-8: *Daemonien memorant Grai, Romana per ora / quaeritur inuersus titulus*, “Demônia chamam-na os gregos, na língua romana / é ausente um nome vertido”;
- 6) Θεός, *Deus*, “Deus”: cf. 2.909-10: *Deus ille locus sub nomine Graio / dicitur, “Deus esse lugar com palavra grega / se diz”;*
- 7) Θεά, *Dea*, “Deia”: cf. 2.916-17: *Huic parti Dea nomen erit Romana per ora, / Graecia uoce sua titulum designat eundem*, “Para esta casa, *Deia* será o nome na língua romana, / a Grécia em sua fala o mesmo título designa”;
- 8) Δαιμόνιον, *Daemōnium*, “Demônio”: cf. 2.937-8: *titulus, quem Graecia fecit, / Daemonium signat dignas pro nomine uires*, “O título que a Grécia pôs, / Demônio, indica poderes dignos do nome”;
- 9) δεκανικά, *dēcānīca*, “decânica” (sc. parte): cf. 4.298-301: *quam partem Graiae dixere decanica gentes. / A numero nomen positum est, quod partibus astra / condita tricenis triplici sub sorte feruntur / et tribuunt denas in se coeuntibus astris*, “Tal parte os gregos chamaram *decânica*. / A partir do número estabeleceu-se o nome, porque os astros, / cada qual consistindo em trinta graus, dividem-se numa disposição tríplice / e atribuem dez graus a cada astro que se lhes associa”;
- cf. gr. δεκανός, “dez graus” (do Zodíaco) presididos por uma divindade;
- 10) ἐκλειπτικός, *eclipticus*, “eclíptico” (sc. signo): cf. 4.818-20: *Percipe nunc etiam quae sint ecliptica Graio / nomine, quod certos quasi delassata per annos / non numquam cessant sterili torpentia motu*, “Observa agora, também, quais são os signos eclípticos, conforme o grego / nome, porque, como se cansados após determinados períodos de tempo, / algumas vezes desaparecem entorpecidos em estéril movimento”;
- cf. gr. ἐκλείπειν, “cessar”, “desvanecer-se”; cf. Plin. *Nat.* 2.68.1-4.

2.2.1.2. Casos de tradução:

- 11) Ἀγαθὴ Τύχη, *Fēlix Fortūna*, “Fortuna Feliz”: cf. 2.886-9: (sc. *sedes*) *proxima summo / (...) Fortunae sorte dicatur / cui titulum Felix. Censum sic proxima Graiae / nostra subit linguae uertitque a nomine nomen*, “(sc. a casa) próxima

do topo (sc. do céu) / (...) é consagrada com o lote da Fortuna, / a que se acrescenta o título ‘Feliz’. A riqueza assim de perto da grega / língua a nossa segue e do nome verte o nome”; para a restituição do termo original, Ἀγαθὴ Τύχη, cf. Vett. Val. 69.13-14;

- 12) ἄθλον, *āthlon*, *lābor*, “atividade”: cf. 3.160-3: *Et, quoniam certo digestos orbe labores / nominaque in numerum uiresque exegimus omnis / (athla uocant Grai, quae cuncta negotia rerum / in genera et partes bis sex diuisa coercent) (...)*, “E, uma vez que as atividades, distribuídas ao longo do círculo fixo, / e os nomes e as influências todas tratamos / (*athla* chamam-nas os gregos, as partes que todas as atividades da vida, / em duas vezes seis gêneros e partes divididas encerram) (...)”.

2.2.1.3. Caso duplo de “tradução-transliteração” e tradução perifrástica:

- 13) Ἐνγόνασιν, *Engōnāsīn*, “Engônasin”, “Ajoelhado”: cf. 5.645-6 (cf. também: 1.315): *Nixa genu species et Graio nomine dicta / Engonasin*, “A figura apoiada no joelho e chamada pelo nome grego / *Engônasin*”; cf. lat. *Engōnāsi* ou *Engōnāsīn*, gr. Ἐν γόνασι(v), “sobre os joelhos” (cf. Hyg. *Astr.* 3.5.1; Mart. Cap. § 827); cf. Arat. *Phaen.* 63-6: Τῆ δ' αὐτοῦ (sc. Δράκοντος) μογέοντι κλίνδεται ἀνδρὶ εἰκότως / εἰδῶλον· τὸ μὲν οὔτις ἐπίσταται ἀμφοδὸν εἰπεῖν, / οὐδ' ὅτινι κρέμαται κεῖνος πόνω, ἀλλὰ μιν αὐτως / <Ἐνγόνασιν> καλέουσι, “Perto dele (sc. do Dragão), move-se uma forma semelhante à de um homem realizando uma tarefa. Ninguém sabe designar com clareza tal forma, nem sobre qual trabalho ela se curva, mas a chamam, simplesmente, de ‘Engônasin’ (sc. “ajoelhada)””; a forma *nixa genu species* talvez tenha sido sugerida a Manílio pela leitura de Cícero: cf. Cic. *Arat.* fr. 12.1 (= *N. D.* 2.108.8): *Engonasin* (sc. *Graeci*) *uocitant*, *genibus quia nixa feratur*, “(sc. os gregos) a chamam de ‘Engônasin’, porque se mostra apoiada nos joelhos”; para o nome *Nixus*, cf. também: Cic. *Arat.* fr. 34.373, 400, 456.

2.2.2. *Numeri.*

Muito do que se aplica ao tratamento dos nomes se aplica ao tratamento dos números, pois, assim como aqueles, estes também contam com uma expressão, por assim dizer, “dada” (cf. 4.438: *datur*), pouco “forjável” (cf. Cap. 1, p. 52), que o vate-poeta deve ser capaz de “dizer” (cf. 3.34: *dicere*) em “poema adequado” (cf. 3.35: *carmine [...] proprio*); mas a dificuldade no trato de tal matéria (cf. 3.34: *quid, dicere quantum est?*), além de mostrar-se no labor de “juntar” sua expressão “em pés fixos” (cf. 3.35: *pedibus [...] iungere certis*), está, sobretudo, no labor de lidar com muitas repetições da mesma *res* numérica (cf. 4.433: *paris causas*) exigidas pela doutrina que vai sendo exposta:

sed quis tot numeros totiens sub lege referre,
tot partes iterare queat, tot dicere summas,
perque paris causas faciem mutare loquendi? (4.431-3)

(Mas quem seria capaz de referir, sob a lei [sc. da poesia], tantos números tantas vezes, tantas partes repetir, tantas somas dizer, e em casos iguais mudar a face da expressão?)

No caso dos números, então, a dificuldade está especialmente em “mudar a face da expressão” *per paris causas*, “ao longo (do tratamento) de casos iguais”.

A seguir, então, examino três exposições técnicas, que, apesar da extensão, cito por inteiro, a fim de justamente evidenciar a recorrência das mesmas *causae* numéricas, e de poder analisar, a partir daí, o exercício de variação poética da expressão a elas aplicada. Trata-se (I) da doutrina das *partes damnandae*, ou “graus perniciosos”, dos signos (4.444-97); (II) da doutrina do número de anos de vida concedidos pelos signos (3.560-80); e, finalmente, (III) da doutrina do número de anos de vida concedidos pelos doze templos celestes (3.581-617). Como se verá, a ordem em que dispus aqui tais tratamentos, embora diferente daquela em que aparecem no poema, concerne à “complexidade” (cf. *infra*) de expressão que entendo aumentar progressivamente das *causae* menores (“um”, “três”, etc.) às maiores (acima de “dez”). Com efeito, a expressão métrica de valores numéricos menores parece menos difícil ao poeta, que acaba por limitar-se à “referência” de um vocabulário “usual” e “corrente”, — sendo seu principal desafio justamente a “variação” na forma de dizer tais números (cf. *infra*) —, do que aquela de números maiores, que requerem um exercício mais laborioso de confecção poética, caracterizado, como procurarei demonstrar, quer pela decomposição de “partes” do núme-

ro e pelo rearranjo destas ao longo da conformação métrica do hexâmetro, quer pelo uso de perífrases e figuras em geral que implicam a realização de um “cálculo”, em sua leitura, como forma de corretamente interpretá-las.

Assim, no caso da doutrina (I), das *partes damnandae*, é notável como a natureza repetitiva da matéria técnica e, por consequência, a qualidade repetitiva (e exaustiva: cf. 4.431: *tot*; 432: *tot [...] tot*) de sua exposição (4.444-97; cf. *infra*) contrastam justamente com a “variedade” e as vicissitudes que o vate brevemente aponta no mundo “sensível” (cf. 4.416: *est aequale nihil*, “nada é igual”) como exemplo e decorrência (cf. 4.498-502) do poder de tais *partes*, que tal contextura imprimem nas influências zodiacais, que de um mesmo signo amiúde se obtêm produtos diferentes:⁵⁴

Sed proprias partes ipsas spectare memento
 uel glacie rigidas uel quas exusserit ignis,
 et sterilis <sine> utroque tamen, quas largior umor
 quasue minor iusto uitiat. namque omnia mixtis
 uiribus et uario consurgunt sidera textu.
 est aequale nihil. terrenos aspice tractus
 et maris et uariis fugientia flumina ripis:
 crimen ubique frequens et laudi noxia iuncta est.
 sic sterilis tellus laetis interuenit aruis
 ac subito rumpit paruo discrimine foedus;
 et modo portus erat pelagi iam uasta charybdis,
 laudatque cadit post paulum gratia ponti;
 et nunc per scopulos, nunc campis labitur amnis,
 et, faciens iter aut quaerens, curritue reditue.
 sic etiam caeli partes uariantur in astris:
 ut signum signo, sic a se discrepat ipsum
 momentoque negat uires usumque salubrem,
 quodque per has geritur partes sine fruge creatur
 aut cadit aut multis sentit bona mixta querellis.
 hae mihi signandae proprio sunt carmine partes. (4.411-30)

(Mas lembra-te de observar os graus mesmos, em particular, quer os enrijecidos pelo gelo, quer os que o fogo ressecou, e os que, sem um nem outro, são mesmo assim estéreis, os quais uma umidade, excessiva ou aquém da medida, estraga. Pois todos os signos se elevam com suas influências misturadas e com variada contextura. Nada é igual. Observa os prolongamentos da terra e do mar, e os rios a correrem por diferentes margens: por toda a parte é frequente o crime; e a falta se une ao mérito. Assim, encontra-se solo estéril entre fecundos campos, e subitamente ele quebra a regra, com pequena diferença; e há pouco era um porto do mar o agora imenso sorvedouro, e o encanto do pélagos, antes estimado, logo cessa, e ora entre as pedras, ora pelas planícies flui o rio e, fazendo o seu caminho ou buscando-o, corre ou retorna. Assim também, as partes do céu são variadas nos astros: como um signo difere de outro signo, assim também ele mesmo difere de si próprio e, em virtude duma pequena variação, nega seus poderes e sua influência salutar; tudo o que é gerado nesses graus nasce privado de frutificação, ou morre, ou

⁵⁴ Sobre as *partes damnandae* em Manílio e na doutrina astrológica em geral, cf. Bouché-Leclercq 1899: 235-7.

sofre a mistura de seus bens a muitas queixas. Tais partes devem ser por mim designadas em poesia adequada.)

Como matéria “técnica”, porém, as *partes damnandae* se repetem de uns para outros signos; mas, como o poeta não demonstra conhecer, quanto à matéria, uma *ratio* “matemática” que, indo além da percepção de suas *causae* “físicas” (cf. 4.412-14), lhe permite abreviar a exposição e assim dar a seu *discipulus* a “via” para que este calcule o “omitido” (cf. 3.385-94), a apresentação da matéria deverá implicar, então, da parte do poeta-*doctor*, a exaustividade e o labor da variação, e, da parte do *discipulus*, deverá demandar o esforço da “atenção” (cf. 3.38: *impendas animum*): cf. 4.443: *accipe damnandae quae sint per sidera partes*, “aprende quais são nos signos os graus condenáveis”. Eis a lição:

Lanigeri pars quarta nocet nec sexta salubris;
 septima par illi ac decima est decimaeque secunda 445
 quaeque duas duplicant summas septemque nouemque;
 unaque uiginti numeris pars addita laedit
 et quinta et duram consummans septima partem.

Tauri nona mala est, similis cui tertia pars est
 post decimam nec non decimae pars septima iuncta; 450
 bisque undena notans et bis duodena nocentes
 quaeque decem trisque ingeminat fraudatque duobus
 triginta numeros et tu, tricesima summa, es.

Pestifera in Geminis pars prima et tertia signi,
 septima non melior, ter quintae noxia par est, 455
 unaque bis denis breuior nocet unaque maior,
 et similis noxae ueniet uicesima quinta
 cumque duae subeunt uel cum se quattuor addunt.

Nec Cancri prima immunis nec tertia pars est
 nec sexta; octaua est similis, decimaeque peracta 460
 prima rapit, nec ter quintae clementior usus;
 septima post decimam luctum et uicesima portat
 et quinta accedens et septima nonaque summa.

Tu quoque contactu primo, Nemeae, timendus,
 et quarta sub parte premis; bis quinta salubri 465
 terque caret caelo, uicesima et altera laedit;
 et⁵⁵ tribus appositis uitiat totidemque secutis
 ultima, nec prima melior tricesima pars est.

Erigones nec pars prima est nec sexta nec una
 ad decimam nec quarta nec octaua utilis umquam; 470
 proxima uiginti numeris et quarta timenda est,
 et quae ter decimam claudit sors ultima partem.

Et quinta in Chelis et septima inutilis astri,
 tertia et undecimae decimaeque est septima iuncta

⁵⁵ Assim como Flores (2001 *ad loc.*), tomo a lição dos códices **L** (Lipsiensis 1465) e **M** (Matritensis 3678): *et* (cf. *et tribus*), diferentemente de Goold (1998: 97), que segue o códice **G** (Bruxellensis 10012, olim Gemblacensis): *e* (cf. *e tribus*).

quartaque bis denis actis et septima et ambae quae numerum claudunt nona et tricesima partes.	475
Scorpios in prima reus est, cui tertia par est et sexta et decima et quae ter tibi quinta notatur, undecimam geminans et quae uicesima quinta est octauoque manet numero nonumque capessit.	480
Si te fata sinant, quartam ne selige partem Centauri; fuge et octauam; sex bisue peractis octo, bis aut denis, metuendus dicitur aer, cumque iterum duodena refert aut terna decemque aut septena quater, uel cum ter dena figurat.	485
Nec pars optanda est Capricorni septima; nona consentit decimamque sequens quam tertia signat et tribus aut una quae te, uicesima, fraudat quaeue auget quinto numero uel septima fertur.	
Pars est prima nocens fundentis semper Aquari, damnanda et decimae succedens prima peractae tertiaque et quinta et numero quae condita nono est et post uiginti prima et uicesima quinta cumque illa quartam accumulans uicesima nona.	2.232 490
Tertia per geminos et quinta et septima Pisces, undecima et decimae metuenda est septima iuncta; et quinta in quinos numeros reuocata duasque accipiens ultra summas metuenda feretur. (4.444-97)	495

(O quarto grau do Lanífero é nocivo, e não é salutar o sexto; par a este é o sétimo, bem como o décimo e o segundo a partir do décimo, e aqueles que duplicam o sete e o nove; também o grau acrescentado aos vinte anteriores é prejudicial, e o quinto, acima dos vinte, e o sétimo, a completar a fração desfavorável.⁵⁶

Do Touro o nono grau é maléfico, ao qual é semelhante o terceiro após o décimo e também o sétimo grau junto ao décimo; aquele que conta duas vezes onze e o que conta duas vezes doze são nocivos, e aquele que dobra dez mais três, e o que despoja o trinta de dois, e tu, trigésimo e último, és nocivo.⁵⁷

Pestífero nos Gêmeos é o primeiro e o terceiro grau do signo, não é melhor o sétimo, igual é o dano causado pelo três vezes o quinto, e nocivo é o grau de uma unidade a menos que duas vezes dez e o de uma unidade a mais, e de semelhante mal mostrará ser o vigésimo quinto, também quando dois o seguem ou quando quatro se lhe acrescentam.⁵⁸

Nem está isento o primeiro, nem o terceiro, nem o sexto grau de Câncer; o oitavo é semelhante, e, completado o décimo, o primeiro arrebatada, nem mais clemente é a prática do três vezes o quinto; o sétimo depois do décimo traz o luto, bem como o vigésimo, e, seguindo ao lado, o quinto, e o sétimo, e o nono, por último.⁵⁹

Também tu, Nemeu, deves ser temido ao primeiro contato, e sob teu quarto grau nos persegues; o duas e o três vezes o quinto carecem de clima salutar, e é prejudicial o vigésimo segundo; de três acrescentados, o último causa estrago, bem como o último a partir duma sequência de igual número, e o trigésimo grau não é melhor do que o primeiro.⁶⁰

Da Erígone nunca o primeiro grau, nem o sexto, nem o primeiro após o décimo, nem o quarto, nem o oitavo são vantajosos; o próximo depois do vinte e o quarto são para temer, e a última parte que encerra o três vezes o décimo grau.⁶¹

⁵⁶ *Partes damnandae*, ou graus desfavoráveis, de Áries: 4°, 6°, 7°, 10°, 12°, 14°, 18°, 21°, 25°, 27°;

⁵⁷ de Touro: 9°, 13°, 17°, 22°, 24°, 26°, 28°, 30°;

⁵⁸ de Gêmeos: 1°, 3°, 7°, 15°, 19°, 21°, 25°, 27°, 29°;

⁵⁹ de Câncer: 1°, 3°, 6°, 8°, 11°, 15°, 17°, 20°, 25°, 27°, 29°;

⁶⁰ de Leão: 1°, 4°, 10°, 15°, 22°, 25°, 28°, 30°;

⁶¹ de Virgem: 1°, 6°, 11°, 14°, 18°, 21°, 24°, 30°;

O quinto nas Quelas e o sétimo grau do signo são desfavoráveis, e o terceiro a partir do undécimo, e o sétimo junto ao décimo, e o quarto, completados duas vezes dez, e o sétimo, e ambos os graus que encerram a conta, o nono, depois de vinte, e o trigésimo.⁶²

O Escorpião é réu em seu primeiro grau, a que é igual o terceiro e o sexto, e o décimo, e o que para ti se conta como três vezes o quinto, o que duplica o undécimo, e o que é o vigésimo quinto, e o que fica no oitavo número, e o que toma o nono.⁶³

Se o destino te permitir, não escolhas o quarto grau do Centauro; evita o oitavo também; completos o duas vezes seis ou oito, ou o duas vezes dez, tem-se por temível o ar, e quando ele outra vez apresenta o doze ou o dez e três, ou o quatro vezes o sete, ou quando ele figura o três vezes o dez.⁶⁴

Nem é desejável o sétimo grau de Capricórnio, com este o nono é unânime, e o terceiro que ele assinala seguinte ao décimo, e o que te despoja, vigésimo, de três ou de um, ou o que te aumenta em cinco ou o que se apresenta como sétimo.⁶⁵

O primeiro grau de Aquário, que está sempre a verter suas águas, é nocivo, e, depois de completado o décimo, são condenáveis o primeiro, e o terceiro, e o quinto, e o que se conta no nono número, e, depois de vinte, o primeiro, e o vigésimo quinto, e, acrescentando-lhe quatro, o vigésimo nono.⁶⁶

O terceiro nos gêmeos Peixes, e o quinto, e o sétimo, e o undécimo, e o sétimo junto ao décimo são temíveis; e o quinto cinco vezes multiplicado, e o que recebe mais dois se acharão temíveis.⁶⁷)

Dessa exposição separo e aponto, a seguir, as formas de variação empregadas, distinguindo-as conforme cada caso numérico, ou cada *pars damnanda*, e ao fim examino algumas delas:

“1^o” (*prīmus, -a, -um; ūnus, -a, -um*): cf. 4.454: *pars prima* (de Gêmeos); 459: *prima* (...) *pars* (de Câncer); 464: *contactu primo* (de Leão); 469: *pars prima*; 477: *in prima* (sc. *parte*); 2.232 = *post 4.489: pars* (...) *prima* (de Aquário);

“3^o” (*tertīus, -a, -um; trēs, trīa*): cf. 4.454: *tertia* (sc. *pars*) (de Gêmeos); 459: *tertia pars* (de Câncer); 477: *tertia* (sc. *pars*) (de Escorpião); 494: *tertia* (sc. *pars*) (de Peixes);

“4^o” (*quartus, -a, -um; quattuor*): cf. 4.444: *pars quarta* (de Áries); 465: *quarta sub parte* (de Leão); 481: *quartam* (...) *partem* (de Sagitário);

“5^o” (*quintus, -a, -um; quinque*): cf. 4.473: *quinta* (sc. *pars*) (de Libra); 494: *quinta* (sc. *pars*) (de Peixes);

⁶² de Libra: 5°, 7°, 14°, 17°, 24°, 27°, 29°, 30°;

⁶³ de Escorpião: 1°, 3°, 6°, 10°, 15°, 22°, 25°, 28°, 29°;

⁶⁴ de Sagitário: 4°, 8°, 12°, 16°, 20°, 24°, 26°, 28°, 30°;

⁶⁵ de Capricórnio: 7°, 9°, 13°, 17°, 19°, 25°, 27°;

⁶⁶ de Aquário: 1°, 11°, 13°, 15°, 19°, 21°, 25°, 29°;

⁶⁷ e de Peixes: 3°, 5°, 7°, 11°, 17°, 25°, 27°.

- “6^{oo}” (*sextus*, -a, -um; *sex*): cf. 4.444: *sexta* (sc. *pars*) (de Áries); 460: *sexta* (sc. *pars*) (de Câncer); 469: *sexta* (sc. *pars*) (de Virgem); 477: *sexta* (sc. *pars*) (de Escorpião);
- “7^{oo}” (*septimus*, -a, -um; *septem*): cf. 4.445: *septima* (sc. *pars*) (de Áries); 455: *septima* (sc. *pars*) (de Gêmeos); 473: *septima* (sc. *pars*) (de Libra); 486: *septima* (sc. *pars*) (de Capricórnio); 494: *septima* (sc. *pars*) (de Peixes);
- “8^{oo}” (*octāuus*, -a, -um; *octō*): cf. 4.460: *octaua* (sc. *pars*) (de Câncer); 482: *octauam* (sc. *partem*) (de Sagitário);
- “9^{oo}” (*nōnus*, -a, -um; *nōuem*): cf. 4.459: *nona* (sc. *pars*) (de Touro); 485: *nona* (sc. *pars*) (de Capricórnio);
- “10^{oo}” (*děcimus*, -a, -um; *děcem*): cf. 4.445: *decima* (sc. *pars*) (de Áries); 465: *bis quinta* (sc. *pars*) (de Leão); 478: *decima* (sc. *pars*) (de Escorpião);
- “11^{oo}” (*unděcimus*, -a, -um; *unděcīm*): cf. 4.460-1: *decima* (...) (sc. *parte*) *peracta* / *prima* (sc. *pars*) (de Câncer); 469-70: *una* (sc. *pars*) *ad decimam* (sc. *partem*) (de Virgem); 490: *decimae* (sc. *parti*) *succedens prima* (sc. *pars*) *peractae* (de Aquário); 465: *undecima* (sc. *pars*) (de Peixes);
- “12^{oo}” (*důōděcimus*, -a, -um; *důōděcim*): cf. 4.445: *decimae* (...) (sc. *parti*) *secunda* (*pars*) (de Áries); 482: *sex bis* (...) *peractis* (sc. *partibus*) (de Sagitário);
- “13^{oo}” (*tertius*, -a, -um *děcimus*, -a, -um; *terděcimus*, -a, -um; *trěděcim*): cf. 4.449-50: *tertia pars* (...) / *post decimam* (de Touro); 487: *decimam* (...) (sc. *partem*) *sequens* (...) *tertia* (sc. *pars*) (de Capricórnio); 490-1: *decimae succedens* (sc. *parti*) (...) *peractae* / *tertia* (sc. *pars*) (de Aquário);
- “14^{oo}” (*quartus*, -a, -um *děcimus*, -a, -um; *quattuorděcim*): cf. 4.446: *quae* (sc. *pars*) (sc. *duplicat*) *septem* (de Áries); 470: *ad decimam* (sc. *partem*) (...) *quarta* (sc. *pars*) (de Virgem); 476: *tertia* (sc. *pars*) (...) *undecimae* (sc. *parti*) *iuncta* (de Libra);
- “15^{oo}” (*quintus*, -a, -um *děcimus*, -a, -um; *quinděcim*): cf. 4.455: *ter quintae* (sc. *partis*) (de Gêmeos); 461: *ter quintae* (sc. *partis*) (de Câncer); 465-6: *quinta* (sc. *pars*) (...) / *ter* (de Leão); 478: *ter quinta* (sc. *pars*) (de Escorpião); 490-1: *decimae succedens* (sc. *parti*) (...) *peractae* / (...) *quinta* (sc. *pars*) (de Aquário);
- “16^{oo}” (*sextus*, -a, -um *děcimus*, -a, -um; *sěděcim*, *sexděcim*, *děcem et sex*): cf. 4.482-3: *bis* (...) *peractis* (sc. *partibus*) / *octo* (de Sagitário);
- “17^{oo}” (*septimus*, -a, -um *děcimus*, -a, -um; *septemděcim*, *děcem et septem*): cf. 4.450: *decimae* (sc. *parti*) *pars septima iuncta* (de Touro); 462: *septima* (sc. *pars*) *post*

- decimam* (sc. *partem*) (de Câncer); 474: *decimae* (sc. *parti*) (...) *septima* (sc. *pars*) *iuncta* (de Libra); 488: *tribus* (sc. *partibus*) (...) (sc. *pars*) *quae te, uicesima* (sc. *pars*), *fraudat* (de Capricórnio); 494: *decimae* (sc. *parti*) (...) *septima* (sc. *pars*) *iuncta* (de Peixes);
- “18^{oo}” (*dũõdẽuĩcẽsĩmus*, -a, -um; *octãuus*, -a, -um *dẽcĩmus*, -a, -um; *dũõdẽuĩginti*, *decem et octõ*, *octõdẽcim*): cf. 4.446: *quae* (sc. *pars*) (sc. *duplicat*) *nouem* (de Áries); 470: *ad decimam* (sc. *partem*) (...) *octaua* (sc. *pars*) (de Virgem);
- “19^{oo}” (*undẽuĩcẽsĩmus*, -a, -um; *nõnus*, -a, -um *dẽcĩmus*, -a, -um; *undẽuĩginti*, *dẽcem et nõuem*, *nõuemdẽcim*): cf. 4.456: *una* (...) (sc. *pars*) *bis denis* (sc. *partibus*) *breuior* (de Gêmeos); 488: *una* (sc. *parte*) (...) (sc. *pars*) *quae te, uicesima* (sc. *pars*), *fraudat* (de Capricórnio); 490-1: *decimae* (sc. *parti*) *succedens* (...) *peractae* / (...) *numero* (sc. *pars*) *quae condita nono est* (de Aquário);
- “20^{oo}” (*uĩcẽsĩmus*, a , um; *uĩginti*): cf. 4.462: *uicesima* (sc. *pars*) (de Câncer); 482-3: *peractis* (sc. *partibus*) / (...) *bis* (...) *denis* (de Sagitário);
- “21^{oo}” (*ũnus*, -a, -um et *uĩcẽsĩmus*, -a, -um; *uĩcẽsĩmus*, -a, -um *prĩmus*, -a, -um; *uĩginti* *ũnus*, -a, -um; *ũnus*, -a, -um et *uĩginti*): cf. 4.447: *una* (...) *uiginti numeris pars addita* (de Áries); 456: *bis denis* (sc. *partibus*) (...) *una* (...) *maior* (de Gêmeos); 471: *proxima* (sc. *pars*) *uiginti numeris* (de Virgem); 492: *post uiginti prima* (sc. *pars*) (de Aquário);
- “22^{oo}” (*alter*, -tẽra, -tẽrum et *uĩcẽsĩmus*, -a, -um; *uĩcẽsĩmus*, -a, -um *alter*, -tẽra, -tẽrum; *uĩginti dũõ*, -ae, -õ; *dũõ*, -ae, -õ et *uĩginti*): cf. 4.451: *bis* (...) *undena* (*partes*) (de Touro); 466: *uicesima* (...) *altera* (de Leão); 479: *undecimam geminans* (sc. *pars*) (de Escorpião);
- “24^{oo}” (*quartus*, -a, -um et *uĩcẽsĩmus*, -a, -um; *uĩcẽsĩmus*, -a, -um *quartus*, -a, -um; *uĩginti quattũor*, *quattũor et uĩginti*): cf. 4.451: *bis duodena* (sc. *partes*) (de Touro); 471: *uiginti numeris* (...) *quarta* (sc. *pars*) (de Virgem); 475: *quarta* (...) (sc. *pars*) *bis denis actis* (sc. *partibus*) (de Libra); 484: *cum* (...) *iterum duodena* (sc. *partes*) (sc. *Centaurus*) *refert* (de Sagitário);
- “25^{oo}” (*quintus*, -a, -um et *uĩcẽsĩmus*, -a, -um; *uĩcẽsĩmus*, -a, -um *quintus*, -a, -um; *uĩginti quinque*, *quinque et uĩginti*): cf. 4.447-8: *uiginti numeris pars addita* (...) / (...) *quinta* (de Áries); 457: *uicesima quinta* (sc. *pars*) (de Gêmeos); 463: *quinta* (sc. *pars*) *accedens* (sc. *uicesimae parti*) (de Câncer); 467: (sc. *uicesima pars et altera*) *tribus* (sc. *partibus*) *appositis* (de Leão); 479: *uicesima quinta* (sc. *pars*) (de Escorpião); 489: (sc. *pars*) *quae* (...) (sc. *te, uicesima*) *auget quinto numero*

- (de Capricórnio); 492: *uicesima quinta* (sc. *pars*) (de Aquário); 496: *quinta* (sc. *pars*) *in quinos numeros reuocata* (de Peixes);
- “26^o” (*sextus*, -a, -um et *uicēsīmus*, -a, -um; *uicēsīmus*, -a, -um *sextus*, -a, -um; *uīginti sex*, *sex* et *uīginti*): cf. 4.452: (sc. *pars*) *quae* (...) *decem trisque ingeminat* (de Touro); 484: *cum* (...) *iterum* (...) (sc. *Centaurus*) *refert* (...) *terna decemque* (de Sagitário);
- “27^o” (*septīmus*, -a, -um et *uicēsīmus*, -a, -um; *uicēsīmus*, -a, -um *septīmus*, -a, -um; *uīginti septem*, *septem* et *uīginti*): cf. 4.447-8: *uīginti numeris pars addita* (...) / (...) *septima* (de Áries); 458: *cum* (...) *duae* (sc. *partes*) *subeunt* (sc. *uicesimae quintae*) (de Gêmeos); 463: *accedens* (sc. *uicesimae parti*) *septima* (sc. *pars*) (de Câncer); 475: *bis denis* (sc. *partibus*) *actis* (...) *septima* (sc. *pars*) (de Libra); 489: (sc. *pars*) *quae* (...) *septima fertur* (sc. *post uicesimam*) (de Capricórnio); 496-7: *quinta* (sc. *pars*) *in quinos numeros reuocata duasque / accipiens ultra summas* (de Peixes);
- “28^o” (*dūōdētrīcēsīmus*, -a, -um; *dūōdētrīginta*): cf. 4.452-3: (sc. *pars*) *quae* (...) *fraudat* (...) *duobus* (sc. *numeris*) / *triginta numeros* (de Touro); 467: (sc. *uicesima pars et altera*) *tribus* (sc. *partibus*) *appositis totidemque secutis* (de Leão); 480: (sc. *pars quae*) *octauo* (...) *manet numero* (sc. *post uicesimam partem*) (de Escorpião); 485: *septena quater* (sc. *partes*) (de Sagitário);
- “29^o” (*undētrīcēsīmus*, -a, -um; *undētrīginta*): cf. 4.458: *cum se quattuor* (sc. *partes*) *addunt* (sc. *uicesimae quintae parti*) (de Gêmeos); 463: (sc. *uicesimae parti*) *accedens* (...) *nona* (...) *summa* (de Câncer); 476: (sc. *pars*) *quae numerum* (sc. *claudit*) *nona* (sc. *post uicesimam partem*) (de Libra); 480: (sc. *pars quae*) *nonum* (sc. *numerum*) *capessit* (sc. *post uicesimam partem*) (de Escorpião); 493: *uicesima nona* (sc. *pars*) (de Aquário);
- “30^o” (*trīcēsīmus*, -a, -um; *trīginta*): cf. 4.453: *tricesima summa* (de Touro); 467: *tricesima pars* (de Leão); 472: *quae ter decimam claudit sors ultima partem* (de Virgem); 476: (sc. *pars*) *quae numerum* (sc. *claudit*) *tricesima* (de Libra); 485: *cum ter dena* (sc. *partes*) (sc. *Centaurus*) *figuratur* (de Sagitário).

Em breve comentário justamente às variações de expressão nesses versos de Manílio, Escalígero elogia a “fecundidade” do poeta e, como já outras vezes fizera,

compara-o a Ovídio:⁶⁸ “Nota (...), distinto Leitor, a fecundidade de engenho do poeta no trato desses morosos números. Não sei se Ovídio teria tido melhor sucesso” (cf. 1655: 303: “Nota [...], candide Lector, fecunditatem ingenii poetae in istis morosis numeris concipiendis. Nescio, an Ouidio melius cessisset”).⁶⁹ Creio que, ao mencionar Ovídio, Escalígero esteja a pensar nos *Fastos*, e particularmente na expressão dos dias do mês (entre tantos exemplos, cf. *Ov. Fast.* 1.27-62, 63-4, 311-17; 2.79-82, 149-52; 3.399-402, 415-16, 877-80; 4.179-80, 377; 5.379-80, 415-16; 6.101, 197; 235-6). Ora, como no caso das *partes damnandae*, nas *Astronômicas*, a expressão dos números, nos *Fastos*, também conta com procedimentos “relacionais”, que permitem abreviar o enunciado, de tal modo que uma unidade (um “dia”) pode ser enunciada conforme a posição que ocupa dentro de uma “série” (cf. *Fast.* 1.62: *seriem*) relativamente a outra unidade (cf. *Fast.* 1.459: *Postera lux*; 3.711: *Postera [...] aurora*; 4.373: *Postera [...] Pallantias*; 5.159: *Postera [sc. lux]*; 6.197: *Postera lux*; etc.) ou relativamente às *Kalendae* (cf. 1.55; 2.57; etc.), às *Nonae* (cf. 1.57; 2.121; etc.) e aos *Idus* (cf. 1.617; 2.267; etc.) do mês; desse modo, se a “série”, no caso de Ovídio, pode corresponder ao “mês”, dentro do qual alguns dias são observados (cf. *Fast.* 1.8: *notata dies*), em Manílio, semelhantemente, a “série” pode corresponder à trintena de graus de cada signo (cf. 2.696: *cum tricenas per partes sidera constent*, “como os signos constam de trinta graus cada um”), dentro da qual algumas *partes* são *damnandae*. Por outro lado, se Ovídio expõe seis “séries”, ao tratar dos seis primeiros meses ao longo de seis livros, Manílio expõe nada menos que doze “séries”, ao tratar dos graus condenáveis dentro de cada um dos doze signos,⁷⁰ ao longo de pouco mais de cinquenta versos (cf. *Man.* 4.444-97);⁷¹ assim, se a exposição

⁶⁸ Cf. *Proleg.*, p. 18-19.

⁶⁹ Assim também, cf. Bentley (ap. Housman 1920: 51): “admiratione dignum est, quot modis in eadem re narranda uariauerit faciem loquendi”, “é digno de admiração com quantos modos ao expor a mesma matéria variou a face da expressão”.

⁷⁰ Assim, 1ª série = *partes damnandae* de Áries (cf. 4.444-8), 2ª série = *partes damnandae* de Touro (cf. 4.449-53), etc.

⁷¹ Pelas razões que apresento na sequência — a concentração e a “densidade” da matéria dos números, enunciada em tão poucos versos —, a exposição numérica de Manílio me parece comparável àquela feita por Ovídio dos pesos e medidas de ingredientes cosméticos na segunda parte de seus *Produtos para a Beleza Feminina*, numa extensão de exatamente cinquenta versos (cf. *Ov. Med.* 51-100): cf. 55-6: *Par erui mensura decem madafiat ab ouis: / sed cumulent libras hordea nuda duas*, “igual medida de ervilhaca seja por dez ovos umedecida, mas que a cevada descascada complete duas libras”; 60: *solidi sexta fac assis eat*, “do total faz que um sexto de asse se acrescente”; 63: *Adice narcissi bis sex sine cortice bulbos*, “adiciona do narciso duas vezes seis bolbos sem a casca”; 65-6: *Sextantemque trahat gummi cum semine Tusco: / huc nouies tanto plus tibi mellis eat*, “e duas onças tenha a goma misturada ao trigo toscano; a isso, nove vezes mais que esse tanto acrescenta de mel”; 71: *Utraque sex habeant aequo discrimine libras*, “que ambos (sc. tremoços e favas) tenham, com igual medida, seis libras”; 76: *Sed iustum tritis uncia pondus erit*, “tritirados, porém, precisamente uma onça será seu peso (sc. dos ingredientes)”; 79-80: *Pondere, si quaeris, quo sim contentus in illis, / quod trahit in partes uncia secta duas*, “se queres saber com que quantidade fico deles (dos remédios alcioneus) satisfeito, é: o que resulta de cortar-se em

numérica de Ovídio está, por assim dizer, “diluída” ao longo de seu poema, no qual um mês (ou uma “série”) corresponde a um livro, aquela de Manílio se acha concentrada numa breve sequência de versos, de modo que nesse curto espaço — no qual uma “série” corresponde em geral a quatro ou cinco versos (cf. n. 63) — se faz notar não apenas a “morosidade” da matéria (cf. *supra*, na expressão de Escalígero: “in istis morosis numeris”) e a “densidade”, por assim dizer, da exposição, como também, quando se pensa numa “série” relativamente a outra, a proximidade de *causae* numéricas iguais (cf. Man. 4.433), o que torna ainda mais imperioso — e difícil — o exercício de variação nas formas de dizer tantos números (cf. 4.431: *tot numeros*), assim “dados” para enunciar tão próximos uns dos outros. Além disso, se a expressão das *partes damnandae* pode ser “facilitada”, como no caso dos dias do mês, nos *Fastos*, pelo recurso a fórmulas “relacionais” (cf. *supra*), o risco de demasiada repetição dessas mesmas “fórmulas” ou “soluções” torna-se, na curta exposição dos versos 4.444-97 das *Astronômicas*, um problema com que o poeta tem de lidar (cf. 4.431-2: *quis [...] / tot partes iterare queat?* “quem [...] conseguiria tantos graus repetir?”), já que tais repetições atentariam contra a variedade da expressão. Finalmente, reescrevendo as palavras de Escalígero, a propósito de Manílio, ousaria mesmo dizer: *Nescio an Hesiodo melius cessisset...* Ora, se Ovídio consagra um livro a cada mês, tratando-se de seis “séries” no total, Hesíodo, em seus *Trabalhos e Dias*, dedica pouco mais cinquenta versos (Hes. *Op.* 765-828; especialmente: 770-821) à relação dos dias fastos e nefastos de uma única “série”, que é a trintena do mês (cf. *Op.* 766: *τριηκάδα μηνός*), tomados relativamente ao início (cf., p.ex., *Op.* 785: *ἡ πρώτη ἔκτη*, “o primeiro [dia] seis” [sc. 6]), ao meio (cf., p.ex., *Op.* 782: *ἔκτη δ' ἡ μέσση*, “o [dia] seis medial” [sc. 16]) e ao fim (cf. p. ex., *Op.* 798: *τετράδα [...]* *φθίνοντός* [sc. *μηνός*], “o [dia] quatro do [mês] a terminar” [sc. 24]) dessa única “série”, contra as doze “séries” de Manílio enunciadas numa extensão semelhante de versos (cf. *supra*).⁷² Desse modo, penso que a lição das *partes damnandae*, constituindo uma dou-

duas partes uma onça”; 85-8: *Tus ubi miscueris radenti tubera nitro, / ponderibus iustis fac sit utrimque triens. / Parte minus quarta dereptum cortice gummi, / et modicum e myrrhis pinguibus adde cubum*, “Quando o incenso tiveres misturado ao nitro que as protuberâncias do corpo alisa, faz que duma e doutra parte, em pesos iguais, haja um terço de libra; uma libra menos um quarto de goma extraída da casca das árvores e um pequeno cubo obtido das resinosas mirras acrescenta”; 92-3: (*Quinque trahant marathri scrupula, myrrha nouem*) / *arentisque rosae quantum manus una prehendat*, “(Que forneçam os funchos cinco escrópulos; a mirra, nove) e de ressequida rosa o quanto uma só mão possa apanhar”.

⁷² Para a expressão dos números em Hesíodo, cf. especialmente: Hes. *Op.* 770; 772; 774; 776; 780; 782; 785; 790-5; 800; 802; 805; 809-11; 814; 819-20. Que Manílio conheça a poesia de Hesíodo parece evidente diante das referências que faz à *Teogonia* (cf. Man. 2.11-22) e aos *Trabalhos e Dias* (cf. Man. 2.18 [= *post* 2.22]-24), bem como à sua provável *Astrologia* (conforme Plínio: cf. Plin. *Nat.* 18.213.4) ou *Astronomia* (conforme Ateneu: cf. Ath. 11.80.54), ao dizer que Hesíodo “as luzes todas a voarem pelo

trina dentre outras da *ars* astrológica transmitida pelo *vate* das *Astronômicas*, converte-se num *tour de force* poético em que os “números” como que sobressaem àquilo mesmo que “numeram”, os graus, em razão, por assim dizer, da “ostentação” (cf. Cap. 1, p. 61, n. 88) de certo “virtuosismo” expressivo do *poeta* aplicado à enunciação de “dados” pouco “forjáveis” da *ars* astrológica. No caso, então, dos números, penso que no detalhe da expressão é que se pode observar a medida de dificuldade e de relativo sucesso de tal “virtuosismo”.

Assim, da lista que apresentei mais acima se pode rapidamente depreender que, até o 10º, a expressão versificada do número não se distingue da forma extensa e “usual” (indicada entre parênteses na mesma lista) que este em princípio apresenta, passível como ela é de entrar no hexâmetro. Veja-se o caso, por exemplo, das três primeiras *partes damnandae*:

- “1º” 4.454: *Pestife-l-r[a i]n Gemi-l-nis* || pars |prim[a e]t |*tertia* |*signi* (sc. *est*);
 4.459: *Nec Can-l-cri* || pri-l-m[a i]mmu-l-nis || *nec* |*tertia* |pars *est* (sc. *utilis*);
 4.469: *Erigo-l-nes* || *nec* |pars pri-l-m[a e]st || *nec* |*sexta* *nec* |*una*;
 4.477: *Scorpios* |in pri-l-ma || *reus* |est, *cui* |*tertia* |par *est*;
 2.232 = post 4.489: Pars *est* |prima no-l-cens || fun-l-dentis |semper A-l-quari;⁷³
- “3º” 4.454: *Pestife-l-r[a i]n Gemi-l-nis* || pars |prim[a e]t |*tertia* |*signi* (sc. *est*);
 4.459: *Nec Can-l-cri* || pri-l-m[a i]mmu-l-nis || *nec* |*tertia* |pars *est* (sc. *utilis*);

imenso céu, obra de paz, reuniu em conformidade com os grandes planos da natureza” (cf. Man. 2.18[= post 2.22]-24: *omniaque immenso uolitantia lumina mundo, / pacis opus, magnos naturae condit in usus*), “obra”, aliás, que também Germânico (I d.C.) descreve como própria dos momentos de “paz” (cf. Germ. *Arat.* 5-16; sobre a cronologia e as relações entre os poemas de Germânico e Manílio, cf. Freier 1880: 72-90; Moeller 1901: 38-41; e especialmente Abry 1993). Seja como for, parece-me haver certa semelhança, não exatamente na exposição dos números, mas no *enquadramento* desta numa extensão muito parecida de versos, entre Hes. *Op.* 769-828 (sc. 60 versos), que trata de dias fastos e nefastos no interior de uma “série” de trinta dias (o mês), e Man. 4.430, 443-502 (sc. 61 versos), que trata de graus perniciosos no interior de uma “série” de trinta graus *para cada signo*: assim no começo: cf. Man. 4.430: *hae mihi signandae proprio sunt carmine partes*, “Estes graus devem ser por mim assinalados em poesia adequada”, e 4.443: *accipe damnandae quae sint per sidera partes*, “aprende quais são nos signos os graus condenáveis”: cf. Hes. *Op.* 769: Αἶδε γὰρ ἡμέραι εἰσὶ Διὸς παρὰ μητιόεντος, “Estes, com efeito, os dias são (que vêm) de Zeus sábio conselheiro”, e no fim da exposição: cf. Man. 4.498: *Hae partes sterilem ducunt* (sc. *aera*) *et frigore et igni*, “Esses (são os) graus (que) pelo frio e fogo fazem estéril (sc. o ar)”: cf. Hes. *Op.* 822: Αἶδε μὲν ἡμέραι εἰσὶν ἐπιχθονίοις μέγ' ὄνειαρ, “Esses (são os) dias (que) são de grande proveito para os humanos”; cf. também: Verg. *G.* 1.275-86.

⁷³ No caso de 4.464-5: *Tu quoque contactu primo, Nemeae, timendus*, “Também tu, Nemeu, deves ser temido ao primeiro contato”, embora pareça haver aí uma variação relativamente à expressão “usual”, trata-se, na verdade, de vocabulário específico que Manílio “refere”, como esclarece Escaligerio (1655 *ad loc.*): “Scilicet cum primum Orientem orientalem contingit Leo. Verbum est artis”. “sc. quando primeiro Leão toca o horizonte leste. É termo técnico” (sc. da *ars* astrológica).

4.477: *Scorpios |in pri-|ma || reus |est, cui |tertia |par est;*

4.494: *Tertia |per gemi-|nos || et |quint[a] et |septima |Pisces (sc. metuenda est);*

“4^o” 4.444: *Lanige-|ri || pars |quarta no-|cet || nec |sexta sa-|lubris;*

4.465: *et quar-|ta || sub |parte pre-|mis; || bis |quinta sa-|lubri (sc. pars caret ca-
elo);*

4.481: *Si te |fata sin-|ant, || quar-|tam ne |selige |partem.*

Há, por outro lado, certa variação na posição da expressão numérica no hexâmetro, como se vê acima (cf. 4.454: | -- | -- | - || *pars | prim[a] | - - | - - |*; 459: | - - | - || *prim[a] | - | - | - | - - |* || *pars - |*; 2.232 = *post* 4.489: | *Pars - | prima - | - | - - | - - |*; ou ainda: 459: | - - | - | - - | - | - | *tertia | pars - |*; 4.494: [*sc. pars*] | *Tertia | - - | - | - - | - - |*); mas aí mesmo o poeta não escapa a certas repetições, como é o caso do uso de *tertia*, posta três vezes, das quatro em que aparece (cf. *supra*), no mesmo quinto pé: cf. 4.454: |*tertia |signi|*; 459: |*tertia |pars est|*; 477: |*tertia |par est|*; ou no caso, ainda mais evidente, do uso de *septima*, verdadeira “solução” métrica para o mesmo quinto pé: cf. 4.448: |*septima |partem|*; 450: |*septima |iuncta|*; 474: |*septima |iuncta|*; 475: |*septima et |ambael|*; 486: |*septima; nonal|*; 489: |*septima |fertur|*; 494: |*septima |Pisces|*; 495: |*septima iuncta|*; ou ainda, não mais no caso dos números, mas naquele da qualificação negativa dos graus, que também é matéria que deve ser “iterada”: cf. 4.444: *nec |sexta sa-|lubris|*; *bis |quinta sa-|lubri|* (*sc. pars caret caelo*).⁷⁴ No caso desta última, à parte a questão métrica, é mesmo digno de nota o labor de “mudar a face da expressão” (cf. 4.433): cf. 4.444: (*sc. pars*) *nocet; nec (...)* *salubris (sc. pars est)*; 447: (*sc. pars*) *laedit*; 448: *duram consummans (sc. pars)* *partem*; 449: (*sc. pars*) *mala est*; 451: (*sc. partes*) *nocentes*; 454: *Pestifera (...)* (*sc. est*) *pars*; 455: *noxia (sc. partis)*; 456: (*sc. pars*) *nocet*; 457: *similis noxae (sc. pars)*; 459:

⁷⁴ A respeito justamente das repetições de grupos métricos “fixos”, cf. a crítica de Escalígero (*Proleg.*, p. 18-19): “(sc. Manilius) nunquam scit desinere, in quo peccat, non iudicio, sed fertilitate, et indulgentia styli (...). Est et aliud non leve vitium in nostro, quod nimius in verborum iteratione, quum posset aut parcius eadem, aut alia pro illis usurpare. Ita criticas aures offendunt illa toties totiesque inculcata, *Sidera, caelum, mundus, per templa, per sidera*: et alia non pauca, quae ter quater trinis, quaternis continuis versibus infulcit. Hoc ut non mediocre vitium est in nitido scriptore, ita puri sunt ab hac labe principes poetae, Virgilius et Ovidius. Hoc uno excepto, nihil ad perfectionem absoluti operis in hoc auctore requires”, “(sc. Manílio) não sabe parar, no que erra não pelo juízo, mas pela fertilidade, bem como pela complacência para com o estilo (...). Existe ainda um outro vício não leve em nosso poeta, que é ser desmedido na repetição de palavras, quando poderia ou usá-las com mais parcimônia, ou empregar outras em seu lugar. Assim, a ouvidos críticos incomodam os *sidera, caelum, mundus, per templa, per sidera* tantas e tantas vezes repisados, e outros não poucos, que três, quatro vezes enfia em três, quatro versos contínuos. Não sendo esse um vício mediano num escritor elegante, desse mal estão isentos os principais poetas, Virgílio e Ovídio. Feita essa única exceção, nada faltaria nesse autor para a perfeição duma obra acabada”. Sobre tais repetições em Manílio, cf. especialmente Harrison 1991.

Nec (sc. pars) (...) immunis (sc. est); 461: (sc. pars) rapit; nec (sc. partis) (...) clementior usus (sc. est); 462: (sc. pars) luctum (...) portat; 465-6: (sc. pars) salubri / (...) caret caelo; (sc. pars) laedit; 467: (sc. pars) uitiat; 470: nec (sc. pars est) utilis umquam; 471: (sc. pars) timenda est; 473: (sc. pars) inutilis exstat; 477: Scorpios in prima reus est; 481-2: Si te fata sinant, quartam ne selige partem / Centauri; fuge et octauam; 483: metuendus dicitur aer (sc. sub parte); 486: Nec pars optanda est; 2.232 = post 489: Pars est (...) nocens; 490: damnanda (sc. pars est); 495: (sc. pars) metuenda est; 497: (sc. pars) metuenda feretur.

Quanto aos números, novamente, é a partir do 10º que a expressão se mostra cada vez menos “simples”. Pois, se a expressão “usual” do 10º, por um lado, pode ser “referida” (cf. *děcimus*, -a, -um) mediante o uso de uma só palavra (excetuado, evidentemente, o termo *pars*): cf. 4.445: *decima (sc. pars)*; 478: *decima (sc. pars)*, e assim também a expressão do 11º (cf. *unděcimus*, -a, -um): cf. 465: *undecima (sc. pars)*, — já é a partir do próprio 10º, por outro lado, que expressões formadas por mais de uma palavra — e, por isso, menos “simples” — começam a ser empregadas: assim, para o 10º: cf. 4.465: *bis quinta (sc. pars)*; e para o 11º: 4.460-1: *decima (...) (sc. parte) peracta / prima (sc. pars)*; cf. também: (20º) 4.462: *uicesima (sc. pars)*; 483: *bis (...) denis (sc. partibus)*; (30º) 467: *tricesima pars*; 472: *ter decimam (...) partem*. Ora, ao passo que tais formas menos “simples” podem ser tomadas como variações relativamente às primeiras, não é só pelo exercício da variação que se explicará o uso de formas “complexas” para números cada vez maiores; assim, para o 12º, por exemplo, uma forma como a do ordinal *důđěcimus* (-a, -um) ou do cardinal *důđěcim* não se ajusta à conformação métrica do hexâmetro, de modo que — num caso como esse, de exposição poética de matéria técnica — a confecção de outra expressão para a mesma *res* numérica é *necessária*, e não opcional: cf. 4.445: *decimae (...) (sc. parti) secunda (pars)*; 482: *sex bis (...) peractis (sc. partibus)*. Para a ilustração do ponto, não cumpre aqui retomar todos os casos semelhantes da lista; bastem os exemplos dados.

Chamo a atenção, apenas, para o grau de complexidade de algumas das expressões e para os princípios que em geral orientam sua construção. Assim, a expressão dos números — quer para efeito de variação, quer por necessidade — segue basicamente estes cinco procedimentos: — (I) o enunciado do grau se faz por meio da referência à posição que este ocupa relativamente a certos graus da “série” (procedimento “relacional”: cf. *supra*, p. 127): (11º) cf. 4.460-1: *decima (...) (sc. parte) peracta / prima (sc. pars)*; 469-70: *una (sc. pars) ad decimam (sc. partem)*; 490: *decimae (sc. parti) succe-*

dens prima (sc. *pars*) *peractae*; (12°) 445: *decimae* (...) (sc. *parti*) *secunda* (*pars*); (13°) 449-50: *tertia pars* (...) / *post decimam*; 487: *decimam* (...) (sc. *partem*) *sequens* (...) *tertia* (sc. *pars*); 490-1: *decimae succedens* (sc. *parti*) (...) *peractae* / *tertia* (sc. *pars*); (14°) 470: *ad decimam* (sc. *partem*) (...) *quarta* (sc. *pars*); 476: *tertia* (sc. *pars*) (...) *undecimae* (sc. *parti*) *iuncta*; (15°) 490-1: *decimae succedens* (sc. *parti*) (...) *peractae* / (...) *quinta* (sc. *pars*); (17°) 450: *decimae* (sc. *parti*) *pars septima iuncta*; 462: *septima* (sc. *pars*) *post decimam* (sc. *partem*); 474: *decimae* (sc. *parti*) (...) *septima* (sc. *pars*) *iuncta*; 494: *decimae* (sc. *parti*) (...) *septima* (sc. *pars*) *iuncta*; (18°) 470: *ad decimam* (sc. *partem*) (...) *octava* (sc. *pars*); (19°) 490-1: *decimae* (sc. *parti*) *succedens* (...) *peractae* / (...) *numero* (sc. *pars*) *quae condita nono est*; (21°) 471: *proxima* (sc. *pars*) *uiginti numeris*; 492: *post uiginti prima* (sc. *pars*); (24°) 471: *uiginti numeris* (...) *quarta* (sc. *pars*); (25°) 463: *quinta* (sc. *pars*) *accedens* (sc. *uicesimae parti*); (27°) 458: *cum* (...) *duae* (sc. *partes*) *subeunt* (sc. *uicesimae quintae*); 463: *accedens* (sc. *uicesimae parti*) *septima* (sc. *pars*); 489: (sc. *pars*) *quae* (...) *septima fertur* (sc. *post uicesimam*); (28°) 467: (sc. *uicesima pars et altera*) *tribus* (sc. *partibus*) *appositis totidemque secutis*; 480: (sc. *pars quae*) *octavo* (...) *manet numero* (sc. *post uicesimam partem*); (29°) 463: (sc. *uicesimae parti*) *accedens* (...) *nona* (...) *summa*; 476: (sc. *pars*) *quae numerum* (sc. *claudit*) *nona* (sc. *post uicesimam partem*); 480: (sc. *pars quae*) *nonum* (sc. *numerum*) *capessit* (sc. *post uicesimam partem*); — (II) o enunciado do grau “se obtém” do resultado de uma adição: (21°) 447: *una* (...) *uiginti numeris pars addita*; (25°) 447-8: *uiginti numeris pars addita* (...) / (...) *quinta*; 489: (sc. *pars*) *quae* (...) (sc. *te, uicesima*) *auget quinto numero*; (27°) 447-8: *uiginti numeris pars addita* (...) / (...) *septima*; (29°) 4.458: *cum se quattuor* (sc. *partes*) *addunt* (sc. *uicesimae quintae parti*); — (III) o enunciado do grau “se obtém” do resultado de uma subtração: (17°) 488: *tribus* (sc. *partibus*) (...) (sc. *pars*) *quae te, uicesima* (sc. *pars*), *fraudat*; (19°) 488: *una* (sc. *parte*) (...) (sc. *pars*) *quae te, uicesima* (sc. *pars*), *fraudat*; (28°) 452-3: (sc. *pars*) *quae* (...) *fraudat* (...) *duobus* (sc. *numeris*) / *triginta numeros*; — (IV) o o enunciado do grau “se obtém” do resultado de uma multiplicação: (10°) 465: *bis quinta* (sc. *pars*); (12°) 482: *sex bis* (...) *peractis* (sc. *partibus*); (14°) 446: *quae* (sc. *pars*) (sc. *duplicat*) *septem*; (15°) 455: *ter quintae* (sc. *partis*) (de Gêmeos); 461: *ter quintae* (sc. *partis*) (de Câncer); 465-6: *quinta* (sc. *pars*) (...) / *ter* (de Leão); 478: *ter quinta* (sc. *pars*); (16°) 482-3: *bis* (...) *peractis* (sc. *partibus*) / *octo*; (18°) 446: *quae* (sc. *pars*) (sc. *duplicat*) *nouem*; (20°) 482-3: *peractis* (sc. *partibus*) / (...) *bis* (...) *denis*; (22°) 451: *bis* (...) *undena* (*partes*); 479: *undecimam geminans* (sc. *pars*); (24°) 451: *bis duodena* (sc. *partes*); 484: *cum* (...) *iterum du-*

odena (sc. *partes*) (sc. *Centaurus*) *refert*; (25°) 496: *quinta* (sc. *pars*) *in quinos numeros reuocata*; (26°) 452: (sc. *pars*) *quae (...) decem trisque ingeminat*; 484: *cum (...) iterum (...)* (sc. *Centaurus*) *refert (...)* *terna decemque*; (28°) 485: *septena quater* (sc. *partes*); (30°) 472: *quae ter decimam claudit sors ultima partem*; 485: *cum ter dena* (sc. *partes*) (sc. *Centaurus*) *figurat*; — (V) o enunciado do grau “se obtém” do resultado de uma operação mista: (i) multiplicação e comparação: (19°) 456: *una (...)* (sc. *pars*) *bis denis* (sc. *partibus*) *breuior*; (20°) 456: *bis denis* (sc. *partibus*) (...) *una (...)* *maior*; (ii) multiplicação e adição: 496-7: *quinta* (sc. *pars*) *in quinos numeros reuocata duasque / accipiens ultra summas* (de Peixes); (iii) multiplicação e posicionamento relativo: (24°) 475: *quarta (...)* (sc. *pars*) *bis denis actis* (sc. *partibus*); (27°) 475: *bis denis* (sc. *partibus*) *actis (...)* *septima* (sc. *pars*).⁷⁵

A referência à posição relativa do grau e as operações de adição, subtração e multiplicação constituem, pois, os recursos de que dispõe o poeta para “referir” uma matéria cuja expressão “usual” ou “corrente” precisa ser refeita, quer porque se trata de variar a expressão, quer porque se trata de confeccionar uma expressão alternativa que responda às exigências métricas do hexâmetro. O que me parece notável é que a dificuldade da operação é como que compensada pela natureza da própria matéria dos números. Assim, é certo que não pode o poeta alterar a natureza ou a “verdade” do “dado” numérico que lhe cabe “mostrar” ao *discipulus* (cf. Cap. 1, p. 30): no caso do signo de Capricórnio, por exemplo, a doutrina astrológica do vate assevera que são perniciosos o 7°, 9°, 13°, 17°, 19°, 25° e 27° do signo; ora, ao ter de “mostrar”, por exemplo, o 17°, não será lícito ao vate alterar sua *causa* ou *res* numérica, dizendo, por exemplo, 16° ou 18°; a única “liberdade” do poeta, então, se achará no labor de variar a expressão do número; é verdade, também, que essa é justamente a dificuldade de que se queixa o poeta (cf. 4.431-3: *quis tot numeros totiens sub lege referre, / tot partes iterare queat, tot dicere summas, / perque paris causas faciem mutare loquendi?* “Mas quem seria capaz de referir, sob a lei [sc. da poesia], tantos números tantas vezes, tantas partes repetir, tantas somas dizer, e em casos iguais mudar a face da expressão?”). Ocorre, porém, que a matéria do “número”, em geral, é de tal natureza que a *equivalência* entre um “número” (a) qualquer e uma expressão matemática feita de “números” (b), (c), (d), etc. permite ao poeta variar ou evitar a “expressão do número” (a) por meio do recurso à “expressão”

⁷⁵ Excluo de minha análise os casos de semelhança: 4.445: (sc. *pars*) *par illi* (sc. *malae parti*); 449: (sc. *malae parti*) *similis* (sc. *est*) (...) *pars*; 455: (sc. *pars*) *non melior*; etc.; e os casos de simples enumeração de graus que recebem a mesma qualificação que o primeiro grau enunciado recebeu: 4.445-6, 452-3, etc.

dos “números” (b), (c), (d), etc., desde que estes sejam enunciados conforme uma relação posicional (cf. *supra*) ou matemática (de adição, subtração, etc.) que se verifique entre eles e que “produza”, como resultado, o “enunciado” do “número” (a), assim indiretamente “referido”. Então, para “referir” o 17º e o 19º de Capricórnio, por exemplo, a expressão confeccionada pelo poeta mimetiza uma interpelação feita, não ao próprio 17º ou 19º (cf. *supra*, n. 37), mas ao 20º (cf. 4.488: *et tribus aut una quae te, uicesima, fraudat*, “e o que te despoja, vigésimo, de três ou de um”), de modo que o “enunciado” do 17º e do 19º não “se faz” — ou “não é feito” pelo poeta-*doctor* —, mas “se obtém” — ou *deve* “ser obtido” pelo leitor-*discipulus* — de uma operação de subtração, esta sim enunciada, por meio da “referência” aos subtraendos, 3 e 1 (cf. *tribus aut una*). A inteligência do verso depende, pois, da correta realização do cálculo, aqui bastante simples, que o poeta usa para exprimir o número.

A expressão dos números feita assim por meio do enunciado de breves cálculos matemáticos — ou pequenas *rationes* — ainda se observa na exposição daquelas outras duas doutrinas que acima apontei: (II) aquela que dá conta do número de anos de vida concedidos pelos signos (3.560-80), e (III) aquela que dá conta do número de anos de vida concedidos pelos doze templos celestes (3.581-617).⁷⁶ Nesses dois casos, aliás, é o próprio poeta que está a chamar de *ratio* o procedimento ou doutrina que exporá a seu *discipulus*; assim em (II):

(...)
 altera nunc *ratio*, quae summam continet aeui,
 reddenda est, quot quaeque annos dare signa ferantur.
 quae tibi, cum finem uitae per sidera quaeris,
 respicienda manet *ratio* numerisque notanda. (3.563-6)

([...] deve ser exposto agora outro *cálculo*, que dá conta da duração da vida e de quantos anos cada signo celeste é obrigado a conceder. Quando entre os astros indagas o fim da vida, debes permanecer atento a este *cálculo* e anotar-lhe os números.)

como em (III):

Nec satis est annos signorum noscere certos,
 ne lateat *ratio* finem quaerentibus aeui:
 templa quoque et partes caeli sua munera norunt
 et proprias tribuunt certo discrimine summas,
 cum bene constiterit stellarum conditus ordo. (3.581-5)

⁷⁶ Sobre doutrinas como essas, cf. Bouché-Leclercq 1899: 403-12.

(E não basta, para que o *cálculo* não escape aos que indagam o limite da vida, conhecer o número exato de anos concedidos pelos signos: os templos também e as partes do céu reconhecem sua parte nas dádivas e assim atribuem suas próprias somas num limite exato, quando a composição dos planetas se estabelece dum modo favorável.)

Ora, no caso da doutrina (II), e diferentemente do que ocorre na exposição (I) das *partes damnandae* de uns signos relativamente às de outros (cf. *supra*, p. 121), o enunciado dos números se faz mediante uma expressão que os relaciona conforme uma *ratio*. Assim, trata-se de uma *ratio* de adição e subtração em que a *matéria* pode ser tecnicamente descrita como uma progressão aritmética de razão constante $r = 2$ (anos) até o signo de Virgem e, a partir de Libra, como uma progressão aritmética de razão constante $r = -2$ (anos) até o signo de Peixes, de modo que os valores acrescentados até Virgem são progressivamente subtraídos até Peixes; ora, se essa é uma relação matemática que se pode identificar na *matéria*, a expressão que o poeta emprega para “expor” tal “cálculo” (cf. 3.563-4: *ratio* [...] / *reddenda est*) se vale de simetrias que a própria *ratio* lhe sugere, bem como de abreviações que esta por isso mesmo lhe permite, pois o que a um signo se acrescenta (em *anos*; quanto aos *meses*, cf. *infra*), àquele oposto se subtrai, de modo que os números dos anos na primeira metade do Zodíaco (de Áries a Virgem) são, na *ratio*, inversamente repetidos na segunda metade deste (de Libra a Peixes):

♈	♉	♊	♋	♌	♍	♎	♏	♐	♑	♒	♓
10	12	14	16	18	20	20	18	16	14	12	10

(Tab. 1: Anos de vida concedidos pelos signos.)

Daí sucede, então, que o enunciado de uns possa ser feito relativamente ao de outros, quer pela expressão da *ratio* de adição (Áries, Touro e Gêmeos: cf. 3.567-9; Capricórnio: cf. 577-8; cf., porém, *infra*, para “adição hipotética”), quer pela expressão da *ratio* de igualdade entre eles (Libra e Virgem: cf. 3.573; Escorpião e Leão: cf. 574; Sagitário e Câncer: cf. 575; Peixes e Áries: 579-80):

Bis quinos annos Aries unumque triente
 fraudatum dabit. appositis tu, Taure, duobus
 uincis, sed totidem Geminorum uinceris astro,
 tuque bis octonos, Cancer, binosque trientes,
 bisque nouem, Nemeae, dabis bessemque sub illis.
 Erigone geminatque decem geminatque trientem,
 nec plures fuerint Librae quam Virginis anni.
 Scorpions aequabit tribuentem dona Leonem.
 Centauri fuerint eadem quae munera Cancri.

ter quinos, Capricorne, dares, si quattuor essent
 appositi menses. triplicabit Aquarius annos
 quattuor et menses uitam producet in octo.
 Piscibus est Aries et sorte et finibus haerens:
 lustra decem tribuent solis cum mensibus octo. (3.567-80)

(Áries dará duas vezes cinco anos e mais um privado de um terço. Tu, ó Touro, o vences com o acréscimo de mais dois, mas por este mesmo número és superado pelo astro de Gêmeos; tu também, ó Câncer, darás duas vezes oito mais dois terços; e duas vezes nove darás, ó Leão de Nemeia, seguidos de mais oito meses. Erígone duplica dez e duplica um terço, e não terão sido os anos de Libra mais numerosos que os da Virgem. Escorpião igualará Leão nos dons que este concede. Os benefícios concedidos pelo Centauro terão sido os mesmos que Câncer oferece. Três vezes cinco anos, ó Capricórnio, darias, se tivessem sido acrescentados quatro meses. Aquário triplicará quatro anos e estenderá a vida para mais oito meses. Áries se aproxima dos Peixes tanto na sorte quanto no fim que impõem: eles concederão o sol de dez anos e mais oito meses.)

De resto, a expressão do número dos anos se dá de maneira parecida àquela já vista nas *partes damnandae*, valendo-se especialmente da multiplicação: “10 anos”: cf. 3.567: *bis quinos* (sc. *annos*); mas 580: *decem* (sc. *annos*); “12 anos”: cf. 3.577-8: *triplicabit* (sc. *Aquarius*) *annos / quattuor*; “16 anos”: cf. 3.570: *bis octonos* (sc. *annos*); “18 anos”: cf. 3.571: *bis (...) nouem* (sc. *annos*); “20 anos”: cf. 3.572: (sc. *Erigone*) *geminat (...) decem*. Quanto aos meses, por sua vez, trata-se sempre de repetir o valor “8”, que cada um dos signos igualmente concede junto aos anos; assim, para exprimi-lo, além de formas mais ou menos “usuais” (cf. 3.578: *menses (...) octo*; 580: *mensibus octo*; 571: *bessem* [sc. *anni*]), o poeta usa também da subtração de terços do ano (sc. 4 meses): cf. 3.567-8: *unum (...) (sc. annum) triente / fraudatum*, bem como da duplicação dos mesmos terços: cf. 3.570: *binos (...) trientes* (sc. *anni*); 572: *geminat* (sc. *Erigone*) (...) *trientem* (sc. *anni*). O destaque vai para a expressão confeccionada para referir os “14 anos e 8 meses” de vida que Capricórnio concede, complexo de multiplicação e “adição hipotética”, equivalente, na realidade, a uma subtração: cf. 3.576-7: *Ter quinos, Capricorne, dares, si quattuor essent / appositi menses*, “Três vezes cinco anos, Capricórnio, darias, se tivessem sido acrescentados quatro meses” (cf.: 15 anos – 4 meses = 14 anos e 8 meses).

Recurso assim tão “indireto” reaparece no tratamento dos números ainda maiores da doutrina (III) do tempo de vida concedido pelos templos do Dodecatropo (3.581-617), quando se trata de dizer que o dom do 7º templo é de 75 anos: cf. 3.595-6: *bis quadragenos diues in actus / solis erat, numero nisi desset olympias una*, “(sc. o 7º templo) seria rico em duas vezes quarenta voltas do Sol, se não faltasse ao total o espaço duma olimpíada” (cf.: 2 x 40 anos – 5 anos = 75 anos). Quanto a esta última, enfim, a expressão dos números também não escapa ao uso das breves *rationes* da adição, sub-

tração e multiplicação, de modo que o principal desafio ao engenho do poeta, segundo me parece, está no uso desses mesmos procedimentos para a expressão de valores numéricos maiores; algumas poucas variações aparecem, assim, se não na forma de dizer os números, na expressão daquilo que estes “numeram”, a saber, os anos:

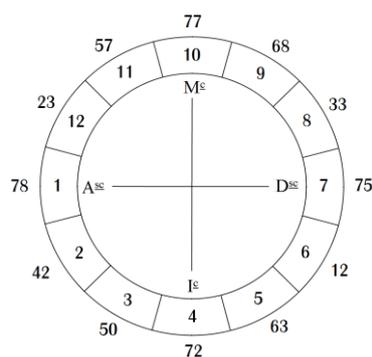
Si bene constiterit primo sub cardine Luna,
 qua redit in terras mundus, nascensque tenebit
 exortum, octo tenor decies ducetur in annos
 si duo decedant. at, cum sub culmine summo
 consistet, tribus hic numerus fraudabitur annis.
 bis quadragenos occasus diues in actus
 solis erat, numero nisi dasset olympias una.
 imaque tricenos bis fundamenta per annos
 censentur bis sex adiectis messibus aeuo.
 quodque prius natum fuerit dextrumque trigonum
 hoc sexagenos tribuit duplicatque quaternos.
 quod fuerit laeuum praelataque signa sequetur
 tricenos annos duplicat, tris insuper addit.
 quaeque super signum nascens a cardine primum
 tertia sors manet et summo iam proxima caelo
 haec ter uicenos geminat, tris abstrahit annos.
 quaeque infra ueniet spatio diuisa sub aequo
 per quinquagenas complet sua munera brumas.
 quemque locum superat nascens horoscopos, ille
 dena quater reuocat uertentis tempora solis
 accumulaturque duos cursus iuuenemque relinquit.
 at qui praecedat surgentis cardinis oram
 uicenos ternosque dabit nascentibus annos
 uix degustatam rapiens sub flore iuuentam.
 quod super occasus templum est ter dena remittit
 annorum spatia et decimam tribus applicat auctis.
 inferius puerum interimet, bis sexque peracti
 immatura trahent natales corpora morti. (3.590-617)

(Se a Lua estiver favoravelmente localizada sob o primeiro ponto cardeal, lá por onde o céu retorna à terra, e se ela, ao nascer, estiver ocupando o levante [sc. *no 1º templo*], a duração da vida será estendida a dez vezes oito anos, menos dois. Mas, quando ela se localizar sob o elevado cume [sc. *no 10º templo*], este número será defraudado de três anos. O poente [sc. *o 7º templo*] seria rico em duas vezes quarenta voltas do Sol, se não faltasse ao total o espaço duma olimpíada. Os alicerces inferiores [sc. *o 4º templo*] são contados como tendo duas vezes trinta anos, acrescentadas duas vezes seis messes a esse tempo. E o signo trígono que tiver nascido primeiro e estiver à direita [sc. *o 9º templo*], este atribui sessenta e duplica quatro. O signo trígono que estiver à esquerda e se seguir aos signos que já antes se elevaram [sc. *o 5º templo*], este duplica trinta anos, mas acrescenta-lhes três em cima. E o templo que fica em terceiro lugar acima do signo que nasce em primeiro lugar a partir do ponto cardeal, templo precisamente contíguo ao topo do céu [sc. *o 11º templo*], este multiplica três vezes vinte e subtrai três anos. E a casa que se encontra embaixo, separada do ponto cardeal por igual espaço [sc. *o 3º templo*], limita seus dons a cinquenta invernos. E o lugar acima do qual se eleva o horóscopo em seu levante [sc. *o 2º templo*], este multiplica quatro vezes dez revoluções do Sol e acumula dois cursos, abandonando ainda jovem o nascido. Mas o lugar que precede o limite do ponto cardeal do levante [sc. *o 12º templo*], este dará vinte e três anos aos que sob ele nascem, roubando-lhes a juventude ainda em flor, mal experimentada. O templo que fica acima do ocidente [sc. *o 8º*

templo] concede três vezes dez espaços de anos, juntando-lhes um décimo destes, com o acréscimo de três anos. O que fica abaixo do poente [sc. *o 6º templo*] tirará a vida daquele sob ele nascido quando ainda criança: duas vezes seis aniversários completos arrastarão à morte seus corpos ainda imaturos.⁷⁷)

Assim, além do procedimento de multiplicação e “adição hipotética” (cf. 3.595-6), já mencionado acima, o enunciado dos números, nesta doutrina (III), ou se faz “diretamente”: “50 anos”: cf. 3.607: *per quinquagenas complet sua munera brumas*, “(sc. *o 3º templo*) limita seus dons a cinquenta invernos”; “23 anos”: cf. 3.612: *uicenos ternosque dabit (...) annos*, “este (sc. *o 12º templo*) dará vinte e três anos”; ou “se obtém” (cf. *supra*): — de multiplicação: “12 anos”: cf. 3.616-7: *bis sex (...) / (...) natales*, “duas vezes seis aniversários (sc. *serão concedidos pelo 6º templo*); — de multiplicação e subtração: “78 anos”: cf. 3.592-3: *octo tenor decies ducetur in annos / si duo decedant*, “(sc. *se a Lua estiver ocupando o 1º templo*,) a duração (sc. da vida) será estendida a dez vezes oito anos, subtraindo-se-lhe dois”; “63 anos”: cf. 3.602: *tricenos annos duplicat, tris insuper addit*, “este (sc. *o 5º templo*) multiplica três vezes vinte e subtrai três anos”; “77 anos”: cf. 3.594: *tribus hic numerus (sc. octo decies) fraudabitur annis*, “(sc. *se a Lua estiver ocupando o 10º templo*,) este número (sc. *oitenta*) será defraudado de três anos”; “57 anos”: cf. 3.605: *haec ter uicenos geminat, tris abstrahit annos*, “este (sc. *o 11º templo*) multiplica três vezes vinte e subtrai três anos”; — de multiplicação e adição: “42 anos”: cf. 3.608-10: *ille / dena quater reuocat uertentis tempora solis / accumulatur*

⁷⁷ A relação dos anos concedidos segundo a localização dos doze templos celestes pode assim ser representada:



(Fig. 3: Anos de vida concedidos pelos templos celestes.)

Tal doutrina parece acréscimo particular de Manílio: cf. Housman 1916: xxvi. Sobre a possibilidade de haver algum tipo de progressão matemática na sequência numérica dos anos no Dodecatropo, cf. Housman 1908: 313-5; Goold 1977: lxxxi; cf. também Luck (1979), que correlaciona a média dos anos de vida concedidos pelos templos (= total / 12) com a expectativa média de vida à época de Manílio; a esse respeito, cf. também Abry 1998: 319 (n. 44). Quanto à *mixtura* (cf. *supra*, p. 81) da influência dos planetas na doutrina do tempo de vida, tratamento que Manílio apenas promete (cf. 3.587-9), cf. Vett. Val. 164.5-30.

que duos cursus, “este (sc. o 2º templo) multiplica quatro vezes dez revoluções do Sol e acumula dois cursos”; “72 anos”: cf. 3.597-8: *ima (...) tricenos bis fundamenta per annos / censentur bis sex adiectis messibus aeuo*, “Os alicerces inferiores (sc. do 4º templo) são contados como tendo duas vezes trinta anos, acrescentadas duas vezes seis meses a esse tempo”; “68 anos”: cf. 3.600: *hoc sexagenos tribuit duplicatque quater-nos*, “este (sc. 9º templo) atribui sessenta e duplica quatro”; — de multiplicação e adição de fração: “33 anos”: cf. 3.614-5: *ter dena remittit / annorum spatia et decimam tribus applicat auctis*, “(sc. o 8º templo) concede três vezes dez espaços de anos, juntando-lhes um décimo destes, com o acréscimo de três anos”. Já quanto às variações na expressão da matéria “numerada”, os anos, há considerável repetição de formas numa extensão breve de versos: cf. 3.592: *annos*; 594: *annis*; 597: *annos*; 601: *annos*; 605: *annos*; 612: *annos*; 615: *annorum*, mas estas vão como que entremeadas numa série efetivamente variada de expressões: cf. 3.595-6: *occasus (...) / solis*; 596: *olympias una*; 598: *messibus*; 606: *brumas*; 609: *tempora solis*; 610: *cursus* (sc. *solis*); 617: *natales*.

Finalmente, se a exposição dos números da doutrina (II) se faz *poética* também pela “ilusão” duma ostensiva apóstrofe aos próprios signos (cf. 3.568: *tu, Taure*; 570: *tu [...], Cancer*; 571: *Nemeaee*; 576: *Capricorne*; cf. *supra*), como pontualmente ocorre na exposição (I) das *partes damnandae*: (cf. 4.453: *tu, tricesima summa*; 464: *Tu [...], Nemeaee*; 488: *te, uicesima*; cf. *supra*, n. 37), a exposição *poética* dos números na doutrina (III), por outro lado, não mimetiza interpelação alguma à matéria, senão que se limita a certa nota quase patética, no brevíssimo desenvolvimento dado àquela que é, por assim dizer, a *face* menos “técnica” dessa matéria, e mais apta, por isso mesmo, segundo os argumentos do próprio poeta (cf. Cap. 1, p. 49 e 62; *supra*, p. 90), a ser objeto de ornamentação poética: a *fatalidade* da morte, de que decorre, para o astrólogo, o interesse em conhecer o “termo final da vida” (cf. 3.565: *cum finem uitae per sidera quaeris*, “quando o fim da vida buscas nos signos”; 582: *finem quaerentibus aeui*, “àqueles que o fim procuram da vida”), interesse que o impele a observar a “razão” de tantos números (cf. 3.565-6: *tibi [...] / respicienda manet ratio numerisque notanda*, “deves observar a razão e anotar-lhe os números”); assim, é só ao fim de exposição tão densa de “tantos números” (cf. 4.431: *tot numeros*) da doutrina (III) que o poeta recupera o *ponto de vista* que atenta para aquela outra *face*, a qual lhe oferece, contiguamente ao “dado” numérico da *face* técnica da *ars* astrológica, o “dado” não propriamente “técnico” da experiência humana da morte:

At qui praecedit surgentis cardinis oram
uicenos ternosque dabit nascentibus annos
uix degustatam rapiens sub flore iuuentam. (3.611-13)

(Mas o lugar que precede o limite do ponto cardinal do levante [sc. o 12º templo], este dará vinte e três anos aos que [sob ele] nascem, roubando-lhes a juventude ainda em flor, mal experimentada.)

A ilusão da apóstrofe cede lugar, assim, à alusão poética, no brevíssimo empréstimo de fórmula (cf. Man. 3.613: *sub flore iuuentam*) que Vergílio por duas vezes usa, também como fecho de hexâmetro, em sua *Eneida*, ao falar dos “jovens” que “na flor da idade” se exercitam diante da cidade de Latino: cf. Verg. A. 7.162-3: *ante urbem pueri et prima maueo flore iuuentus / exercentur*, e ao pôr Evandro a lembrar-se do tempo em que a “juventude ainda em flor” lhe revestia as faces: cf. Verg. A. 8.160: *tum mihi prima genas uestibat flore iuuentas*. Igualmente, ao “referir” o termo de “doze aniversários” concedido pelo 6º templo, dizendo:

Inferius puerum interimet, bis sexque peracti
immatura trahent natales corpora morti. (3.616-17)

(O que fica abaixo [sc. do poente] [sc. o 6º templo] tirará a vida [daquele sob ele nascido] quando ainda criança: duas vezes seis aniversários completos arrastarão à morte seus corpos ainda imaturos.)

o poeta das *Astronômicas* emprega também outro fecho de hexâmetro (cf. 3.617: *corpora morti*) que o mesmo Vergílio usa, também por duas vezes, ao falar dos “muitos corpos” que Enéias “envia” (cf. Man. 3.617: *trahent*) “para a morte”: cf. Verg. A. 10.662: *obuia multa uirum demittit corpora morti*, e ao falar dos “muitos corpos” de bois sacrificados por troianos e etruscos à Morte: cf. Verg. A. 11.197: *multa boum circa mactantur corpora Morti*.

2.2.3. *Rationes*.

Acima procurei demonstrar como diferentes expressões são buscadas pelo poeta como forma de variar o enunciado de uma mesma *causa* numérica quando a *ars* astrológica obriga a repetição desta última. Para um grau condenável como o 28º, por exemplo, a *ars* o dá como *pars damnanda* de quatro signos: Touro, Leão, Escorpião e Sagitário. O poeta confecciona, então, *facies* diferentes para a expressão da mesma *causa* repetida

quatro vezes, que aqui retomo de minha lista e traduzo: em Touro, o “28^o” é “(sc. o grau) que (...) defrauda de dois o número trinta” (cf. 4.452-3: [sc. *pars*] *quae* [...] *fraudat* [...] *duobus* [sc. *numeris*] / *triginta numeros*); em Leão, é “o (vigésimo segundo) com três (graus) apostos e o mesmo tanto em seguida” (cf. 4.467: [sc. *uicesima pars et altera*] *tribus* [sc. *partibus*] *appositis totidemque secutis*); em Escorpião, é “o (grau que) fica no oitavo número (depois do vinte)” (cf. 4.480: [sc. *pars quae*] *octauo* [...] *manet numero* [sc. *post uicesimam partem*]); em Sagitário, enfim, é o “sete vezes quatro (graus)” (cf. 4.485: *septena quater* [sc. *partes*]). Assim, embora diferentes, todas essas *facies loquendi* “referem” sempre a mesma *causa*: o 28^o. Acima também disse que muitas de tais *facies*, na expressão dos números, podem ser tomadas como breves *rationes*, ou pequenos “cálculos”, dos quais “se obtém” o enunciado do número: no caso do 28^o, a *facies* da expressão pode ser, por exemplo, um breve cálculo de multiplicação, como é em Sagitário (cf. 4.485: *septena quater*: $7 \times 4 = 28$), ou de subtração, como é em Touro (cf. 4.452-3: [sc. *pars*] *quae* [...] *fraudat* [...] *duobus* [sc. *numeris*] / *triginta numeros*: $30 - 2 = 28$). Nesse caso, então, as *facies loquendi* são diferentes por empregarem diferentes *rationes*; mas tais *rationes*, embora diferentes umas das outras, conduzem sempre ao mesmo resultado, sempre à mesma *causa*, o 28^o, já que delas é esse o “resultado” que sempre “se obtém” ou *deve* “ser obtido”.

Mas há também o caso em que as *rationes* não são apenas a forma ou o meio de exprimir um objeto “simples”, como o “número”, senão que constituem elas mesmas o próprio objeto — dessa vez “complexo” (cf. *supra*, p. 95) — que o vate deverá exprimir. Nesse caso, são as *rationes* não só as relações matemáticas que o vate quer mostrar operantes sob os fenômenos físicos do mundo, como também as operações matemáticas da astrologia que o mesmo vate quer mostrar capazes de explicar e prever os fenômenos, por assim dizer, “éticos” do mundo (cf. Cap. 3, p. 226). Assim, mesmo se tais *rationes* também produzem ou podem produzir, ao fim, uma série de “números”, não serão estes, em princípio, o objeto privilegiado da exposição didática do vate, já que constituem, por assim dizer, uma realidade “derivada” das *rationes*; ora, estas, por outro lado, são o “caminho” (cf. 3.393: *iter*), o “método”, ou a “via” (cf. 1.62: *uiam*; 2.132: *uia*; 3.437: *uia*; 483: *uia*; 4.394: *uiae*) da *ars* astrológica (cf. 2.450-1: *uias* [...] / *artis*) “para ver o destino” (cf. 3.45: *in arte uias ad fata uidenda*; cf. n. 36), de modo que constituem, por assim dizer, uma realidade “primeira” que, uma vez compreendida *intellectualmente* pelo discípulo (cf. Cap. 1, p. 26, *supra*, p. 92 e 100), deverá “produzir” os “números” aplicáveis tanto à explicação dos fenômenos já ocorridos (cf. Cap. 3, p. 226)

quanto à predição dos vindouros (cf. 2.133: *euentus [...] datur qualis praedicitur ante*, “o resultado se dá qual se prediz antes”). Por outro lado, assim como as breves *rationes* empregadas como *facies loquendi* na expressão dos números, também os “métodos” “para ver o destino” contam com certa variedade. Assim, se diferentes *rationes* existem, conforme argumentei acima, que podem ser empregadas como diferentes *facies loquendi* para a expressão de um mesmo número, delas o necessário “resultado”, diferentes “métodos” ou “vias” existem também, na *ars* astrológica, que levam — ou *deveriam* levar — à predição do mesmo *euentus*, já que

pluribus inque modis uerum natura locauit
diduxitque uias uoluitque per omnia quaeri. (2.723-4)

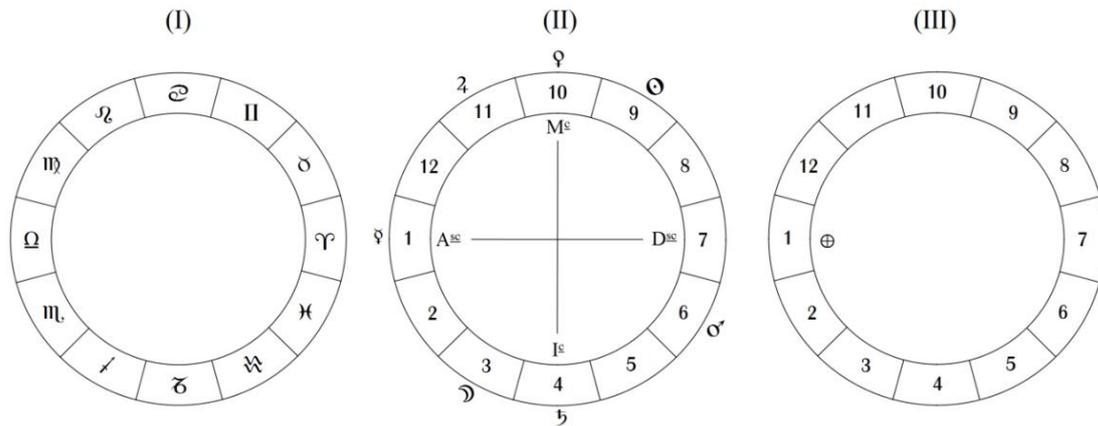
(em muitos modos a natureza dispôs a verdade, e separou os *caminhos*, e quis ser buscada por todas as partes.)

A partir daí, considerando o caso em que as *rationes* constituem um objeto que o poeta expõe nas *Astronômicas*, e considerando, ainda, a dependência que tal exposição demonstra, se não para os textos diretamente, ao menos para as doutrinas de uma vulgata astrológica antiga (cf. *supra*, p. 80, n. 13), interessa-me observar na exposição do poeta: (1) a relação entre uma e outra *ratio* e os números que elas produzem; (2) as variações na expressão de uma *ratio* que se repete; e (3) a relação entre uma e (aparentemente) outra *ratio* que produzem o mesmo resultado. Assim, quanto ao primeiro ponto, procurarei interpretar certo nível de incompatibilidade entre os números que o poeta expõe por meio de uma *ratio* e aqueles produzidos por outra *ratio* que, noutro momento, é dada como necessária à produção de tais números; quanto ao segundo ponto, procurarei examinar como interessam ao poeta as repetições de uma mesma *ratio* sob *facies loquendi* diferentes, mesmo se uma ou outra de tais repetições se mostra supérflua do ponto de vista estritamente técnico da doutrina astrológica; quanto ao terceiro ponto, enfim, tentarei mostrar como o poeta toma por *rationes* diferentes as diferentes *facies* de uma mesma *ratio*, desse modo se enganando. Ora, os casos de incongruência, variação “desnecessária” e simples engano no tratamento do objeto das *rationes* podem mostrar com precisão, a meu ver, de que modo a qualidade *técnica* da exposição astrológica nas *Astronômicas* se subordina à natureza primeiramente *poética* do *opus*.

2.2.3.1. Explicação geral: a hierarquia entre as *rationes*.

Três são os círculos celestes de especial importância para a astrologia de Manílio, dos quais logo abaixo aponho a ilustração, cada qual dividido em doze partes: (I) o Zodíaco, de que o poeta fala em 1.256-74 e 667-83, não limitado ao conhecimento pela abstração mental (cf. 1.667-8), como acontece a outros círculos celestes (cf. 1.561-804), mas acessível à vista humana (cf. 1.668), já que “brilha, cinturão estrelado, num ingente anel, e com seu largo baixo-relevo faz luminoso o céu” (*nitet ingenti stellatus balteus orbe / insignemque facit lato caelamine mundum*, 1.679-80), repartido nos 12 *signos* “que obliquamente encadeados ao meio cingem o céu” (*quae media obliquo praecingunt ordine mundum*, 1.257) e “dos quais toda a razão dos destinos se deriva” (*e quibus et ratio fatorum ducitur omnis*, 1.261); (II) o Dodecatropo, exposto em 2.856-967, que é a divisão do céu em 12 casas ou *templos* — isto é, os quatro pontos cardeais: o *horoscopus* ou o ponto de ascensão (A^{sc}) dos signos, o *medium caelum* (M^c), o *occasus* ou o ponto de descensão (D^{sc}) dos signos, e o *imum caelum* (I^c), somados aos oito intervalos entre eles: cf. 2.841-55 —, pelos quais “a série inteira dos signos voa” (*quae peruolat omnis / astrorum series*, 2.959-60) e nos quais a “natureza” de cada “lugar” (cf. 2.860: *natura loci*) “administra as leis dentro de seu domínio próprio e obriga os signos, quando estes passam (sc. por tal lugar), a serem conformes com o caráter dele” (*leges (...) ministrat / finibus in propriis et praetereuntia [sc. signa] cogit / esse sui moris*, 2.860-2); e (III) o círculo das 12 *operum sortes* (cf. 3.75), ou *athla* (cf. 3.162), que Manílio expõe em 3.43-159, nas quais a “natureza” (cf. 3.47: *natura*; 66: *natura*) “encerrou” (cf. 3.70: *complexa est*) “todo gênero de coisas, e todos os labores, todos os trabalhos e ofícios, e todos os acontecimentos que na vida humana podiam acontecer” (*quodcumque genus rerum, quocumque labores / quaeque opera atque artes, quicumque per omnia casus / humana in uita poterant contingere*, 3.67-9; cf. *infra*). Tais círculos podem ser assim representados:⁷⁸

⁷⁸ No círculo (II) do Dodecatropo estão representadas na figura também as “tutelas” (cf. 2.926, 935b: *tutela*) dos planetas e luminares sobre os templos: a tutela de Mercúrio (☿) sobre o 1º templo (cf. 2.939-47); a da Lua (☾) sobre o 3º (cf. 2.910-15); a de Saturno (♄) sobre o 4º; (cf. 2.929-35a); a de Marte (♂) (conforme conjectura de Goold: 1977: lviii-lix) sobre o 6º (cf. 2.877-9); a do Sol (☉) sobre o 9º (2.905-9); a de Vênus (♀) sobre o 10º (cf. 2.918-26); e a de Júpiter (♃) sobre o 11º (cf. 2.886-90). No círculo (III) das *operum sortes* está representado, junto ao 1º *athlon*, o Lote da Fortuna (☿); para maiores explicações, cf. *infra*, p. 145-148. Para outras precisões a respeito do Dodecatropo de Manílio, cf. Hübner 1996. Sobre os diferentes círculos usados na astrologia antiga, cf. Bouché-Leclercq 1899: 256-310, especialmente: 277-80.



(Fig. 4: Círculos do Zodíaco, do Dodecatropo e dos doze *athla*.)

Os doze *signos* do círculo (I), conforme seus diferentes aspectos (trígono, tetragonal, hexagonal, etc.: cf. 2.270-432), relações (cf. 2.466-692) e divisões internas (cf. 2.693-737; 4.294-407), os doze *templos* do círculo (II), conforme sua distribuição no espaço celeste e suas diferentes *tutelae* (cf. n. 78), e as doze *sortes* ou *athla* do círculo (III) têm, cada qual, sua influência específica sobre a natividade (para aquela dos signos, cf. 2.960-1 e 3.58-66; para a dos templos, cf. 2.856-63; para a das sortes, cf. 3.96-159); já a qualidade, boa ou má, dessas influências sobre uma natividade específica “dependerá” (cf. 4.16: *finis [...] ab origine pendet*, “o fim *depende* da origem”) da posição favorável ou desfavorável, no momento “original” da natividade, dos luminares e planetas (cf. 3.89: *ut cursu stellae septem laeduntue iuuantue*, “conforme em seu curso as sete estrelas lesam ou auxiliam”) nos signos (cf. 1.258-9, 668-71), nos templos (cf. 2.961-5) e nas sortes (cf. 3.87-92); mas os planetas — cuja influência o poeta reconhece inclusive sobre as dodecatemórias (cf. 2.738-48), as mínimas partes do círculo (I) (cf. *supra*, p. 114) — não aparecem no poema de Manílio senão nos termos da promessa da “mistura” que “virá depois” (cf. 3.587: *mox ueniet mixtura*; 2.749-54). Assim, a exposição astrológica de Manílio — ou o que dela nos resta — se reduz ao tratamento da influência exercida sobre uma natividade pelos *signos* em sua ascensão, bem como pelas constelações não-zodiacais em sua ascensão relativamente à dos signos (os *paranatellonta*: cf. *supra*, p. 60). É grande, pois, nesse sistema, a importância do ponto cardeal de ascensão (A^{sc}), o 1º templo do Dodecatropo (cf. *supra*, na ilustração no círculo [II]), pois é da determinação precisa do *horoscopus*, o grau do signo do círculo (I) que está a passar por esse ponto do círculo (II) no momento de uma dada natividade, que depende não só a identificação dos demais signos que estão a passar no mesmo momento pelos demais pontos cardiais e templos celestes do mesmo círculo (II), deles sofrendo a influência (cf. 2.860:

uincit enim natura loci, “pois a natureza do lugar vence”), como também a *ratio* para a localização do Lote da Fortuna (\oplus),⁷⁹ que indica, por sua vez, no círculo (I) do Zodíaco, a posição do 1º *athlon* do círculo (III), da qual depende a distribuição, específica para aquela dada natalidade, dos demais *athla* do círculo (III) em sua superposição ao longo do círculo (I). Com efeito, a importância da determinação precisa do *horoscopus* é tal que, se houver erro na operação, “ruem os fundamentos da arte” astrológica:

Forsitan et quaeras, agili rem corde notandam,
qua ratione queas, natalis tempore, nati
exprimere immerso surgentem horoscopon orbe.
quod nisi subtili uisum ratione tenetur,
fundamenta ruunt artis nec consonat ordo;
cardinibus quoniam falsis, qui cuncta gubernant,
mentitur faciem mundus nec constat origo
flexaque momento uariantur sidera templi. (3.203-10)

(Talvez ainda perguntes — matéria que cumpre observar com espírito atento — por que método é possível, no momento do nascimento, determinar do nascido o signo que está a ascender do orbe imerso. Se isso não for bem compreendido, observado com fina atenção, ruem os fundamentos da arte, nem é congruente a ordem, dado que, falseados os pontos cardeais, que tudo governam, o firmamento mostra uma imagem mentirosa, o ponto de origem não é mais assente, e os signos mudam, deslocados com a mudança do templo.)⁸⁰

Diferentemente, porém, dos dois anteriores, o círculo (III) dos *athla* não é nem “visível” no espaço celeste, como o primeiro, nem “fixo” no horizonte, como o segundo, mas é um círculo que se deve “acomodar” ou “superpor” ao círculo (I) dos signos, de tal maneira que cada um dos doze *athla* corresponda a cada um dos doze signos *conforme o momento da natividade* (cf. 3.78-9: *tempore [...] / nascentum*), isto é, para uma natividade que ocorre num momento, será uma a correspondência entre *athla* e signos; para uma natividade que ocorre noutra ocasião, será outra a correspondência entre *athla* e signos (cf. *infra*, p. 147):

⁷⁹ Para maiores precisões sobre o Lote da Fortuna, cf. Bouché-Leclercq 1899: 288-92.

⁸⁰ É notável, aliás, a semelhança entre esse enunciado de apresentação do *horoscopus* e aquele de Sexto Empírico (II d.C.), que atenta justamente para a centralidade e importância “fundamental” da operação de identificação desse ponto (cf. *infra*, p. 164-217) para a arte astrológica: cf. S. E. M. 5.50-2: Ἀρχὴ τοίνυν καὶ ὡς περ θεμέλιος τῆς Χαλδαϊκῆς ἐστὶ τὸ στήναι τὸν ὠροσκόπον· ἀπὸ τούτου γὰρ τὰ λοιπὰ τῶν κέντρων λαμβάνεται, τὰ τε ἀποκλίματα καὶ αἱ ἐπαναφοραὶ τὰ τε τρίγωνα καὶ τὰ τετράγωνα καὶ οἱ κατ’ αὐτὰ σχηματισμοὶ τῶν ἀστέρων, ἀπὸ δὲ πάντων τούτων αἱ προαγορεύσεις. ὅθεν ἀναιρεθέντος τοῦ ὠροσκόπου κατ’ ἀνάγκην οὐδὲ τὸ μεσουρανοῦν ἐστὶν ἢ δῶνον ἢ ἀντιμεσουρανοῦν γνώριμον· τούτων δὲ ἀκαταληπτουμένων συναφανίζεται πᾶσα ἡ Χαλδαϊκὴ μέθοδος, “O princípio e, daí, como que a fundação da arte caldeia (sc. a astrologia) é o estabelecimento do horóscopo: dele, com efeito, os restantes pontos cardeais são tomados, bem como as declinações e sucessões, os triângulos e tetragonos, e, relativamente a esses, as configurações dos planetas, e de tudo isso (são tomadas) as predições. Daí que, subtraído o horóscopo, forçoso é que nem o *medium caelum* nem o ponto de descensão nem o *imum caelum* sejam conhecidos; não se compreendendo isso, abole-se todo o método caldeu”.

Horum operum sortes ad singula signa locauit,
 non ut in aeterna caeli statione manerent
 et cunctos hominum pariter traherentur in ortus
 ex isdem repetita locis, sed tempore sedes
 nascentum acciperent proprias signisque migrarent
 atque alias <alii> sors quaeque accederet astro,
 ut caperet genitura nouam per sidera formam
 nec tamen incerto confunderet omnia motu. (3.75-82)

(As sortes de tais atividades a natureza fixou uma para cada signo, não de modo que elas permanecessem num lugar eterno do céu e fossem trazidas a todos os nascidos igualmente, sendo buscadas sempre nos mesmos lugares, mas de modo que recebessem suas sedes específicas de acordo com o momento das natividades, e de modo que migrassem de um signo a outro, e que cada sorte, sendo outro o momento, chegasse a outro astro, de maneira que a natividade colhesse um novo desenho nos signos e mesmo assim não confundisse tudo por incerto movimento.)

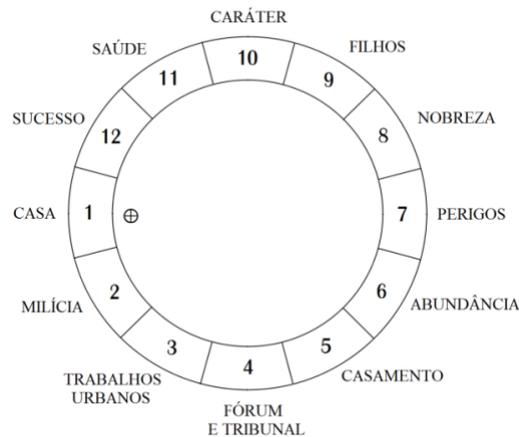
Desse modo, se existe algo “fixo” no círculo (III), é apenas a “ordem” — “certa” e “incólume” (cf. 3.73: *ordine sub certo*; 3.168: *incolumis [...] ordo*) — em que se sucedem dentro dele os doze *athla*, pois é a partir do primeiro deles, que contém o Lote da Fortuna (⊕), que se deve deduzir a localização dos demais *athla*:

Sed, cum pars operum quae prima condita sorte est
 accepit propriam nascentis tempore sedem,
 cetera succedunt signisque sequentibus haerent.
 ordo ducem sequitur donec uenit orbis in orbem.
 has autem facies rerum per signa locatas,
 in quibus omnis erit fortunae condita summa,
 ut cursu stellae septem laeduntue iuuantue
 cardinibusue mouet diuina potentia mundum,
 sic felix aut triste uenit per singula fatum,
 talis et illius sors est speranda negoti. (3.83-92; cf. também: 3.169-75)

(Mas, depois que a seção de atividades que está compreendida na primeira sorte recebeu sua sede particular de acordo com o momento do nascimento, as restantes seções sucedem-se e se ligam aos signos em sequência. A ordem segue o primeiro até que o círculo dos lotes completa o círculo dos signos. Conforme em seu curso as sete estrelas ou lesam ou favorecem tais formas de atividades, localizadas ao longo dos signos e nas quais a totalidade da fortuna estará compreendida, e conforme a divina potência move o céu nos pontos cardeais, assim também chega, em cada lote, destino favorável ou funesto, e tal é a sorte que se há de esperar dum empreendimento.)

A sequência dos *athla*, por sua vez, pode ser assim acrescentada à ilustração do círculo (III), conforme os nomes que o poeta emprega para descrevê-los em 3.96-159,⁸¹ os quais assim traduzo:

⁸¹ Assim, conforme cada *athlon*: 1º (⊕): cf. 3.98: *domus*; 2º: cf. 3.102: *militiae*; 3º: cf. 3.105: *urbanos (...)* *labores*; 4º: cf. 3.111-12: *iudiciorum opus*; 112: *fortunam (...)* *fori*; 5º: cf. 3.120: *coniugio*; 6º: cf. 3.123:

(Fig. 5: Descrição dos doze *athla*.)

Assim, a operação *final* (a) de superpor os doze *athla* do círculo (III) aos doze signos do círculo (I) significa, basicamente, identificar quais signos exercem suas influências sobre quais *athla* numa dada natividade.⁸² Mas tal operação depende, como disse acima, da operação *prévia* (b) de localização do Lote da Fortuna (⊕), que apontará a qual dos doze signos deva corresponder o 1º *athlon*. Mas tal operação, por sua vez, depende da

diues (...) copia (sc. rerum); 7º: cf. 3.127: *periclis*; 8º: cf. 3.129: *nobilitas*; 9º: cf. 3.132: *natorum sortem*; 10º: cf. 3.135: *mores*; 11º: cf. 3.140: *ualetudo*; 12º: cf. 3.147: *uotorum effectus*.

⁸² Isso, aliás, de serem doze os *athla* parece corresponder ao plano de justamente relacioná-los um a um aos signos, o que pode ser particular a Manílio (cf. Housman 1916: vi), já que a doutrina astrológica antiga os relaciona, não com os doze signos, mas com os sete planetas (inclusive o Sol e a Lua), de modo que sejam sete, e não doze, os *athla*. É o número que se lê, por exemplo, em Paulo Alexandrino: cf. Paul. Al. 47.15: Πρῶτος ὁ τῆς Τύχης κλῆρος, “Primeiro é o lote da Fortuna”; 48.6: Δεύτερος κλῆρος τοῦ Δαίμονος, “Segundo é o lote do Espírito”; 48.13: Τρίτος κλῆρος τοῦ Ἔρωτος, “Terceiro é o lote do Amor”; 48.17: Τέταρτος κλῆρος τῆς Ἀνάγκης, “Quarto é o lote da Necessidade”; 49.1: Πέμπτος κλῆρος τῆς Τόλμης, “Quinto é o lote da Coragem”; 49.5: Ἐκτος κλῆρος τῆς Νίκης, “Sexto é o lote da Vitória”; 49.8: Ἐβδομος κλῆρος τῆς Νεμέσεως, “Sétimo é o lote da Retribuição”. Para a relação entre os lotes e os planetas, clara é a explicação do escoliasta de Paulo: cf. Sch. Paul. Al. K 4 (= Boer 1958: 118-19): Οὗτος ὁ Τρισμέγιστος Ἑρμῆς ὀνομάζει τὴν ἰδίαν συγγραφὴν, ἐν ἣ περι τῶν κλήρων εἶπεν, ὡς τάχα περι ἀναγκαίων καὶ εὐχρήστων διεξοῦσαν. γέγραπται γὰρ τῷ Ἑρμῆ περι τῶν τοιοῦτων κλήρων ἐν βίβλῳ λεγομένη Παναρέτω. ἐνθα καὶ τὰ τούτων ἀποτελέσματα παραδίδωσι, λέγει οὖν ἐπτὰ κλήρους πρὸς τὸν ἀριθμὸν τῶν ἐπτὰ ἀστέρων, τὸν μὲν κλῆρον τοῦ Ἥλιου Ἀγαθὸν ὀνομάζων Δαίμονα, τὸν δὲ τῆς Σελήνης Ἀγαθὴν Τύχην, τὸν δὲ τοῦ Διὸς Νίκην, τὸν δὲ τοῦ Ἑρμοῦ Ἀνάγκην, τὸν δὲ τῆς Ἀφροδίτης Ἔρωτα, τὸν δὲ τοῦ Ἄρεως Τόλμην, καὶ τὸν τοῦ Κρόνου Νέμεσιν. Ἰστέον δέ, ὅτι καὶ ἄλλοι κλήροι ὑπάρχουσιν ἔξωθεν τῆς Παναρέτου, πατρὸς καὶ μητρὸς καὶ ἀδελφῶν καὶ τέκνων καὶ γάμων καὶ ἄλλων πολλῶν, ὁ μὲντοι Παῦλος οὐ πάντας ἐκτίθει, “Hermes Trismegisto nomeia o escrito particular no qual fala sobre os lotes, [escrito] que rapidamente discorre sobre os [lotes] necessários e úteis. Pois escreveu Hermes sobre tais lotes no livro chamado *Panareto*. Aí também [Hermes] expõe os efeitos deles [=dos lotes]; diz, então, os sete lotes conforme o número dos sete planetas, chamando ao lote do Sol *Espírito Bom*, ao da Lua *Boa Fortuna*, ao de Júpiter *Vitória*, ao de Mercúrio *Necessidade*, ao de Vênus *Amor*, ao de Marte *Coragem*, e ao de Saturno *Retribuição*. Note-se que ainda outros lotes existem além do Panareto: [os lotes] do pai, da mãe, dos irmãos, dos filhos, do casamento e de muitas outras coisas, mas Paulo não expõe todos”. Sobre associação feita pelos herméticos dos lotes aos planetas, cf. Bouché-Leclercq 1899: 307-8. Para outros lotes, veja, por exemplo, a relação de Vétio Valente: Vett. Val. 90.18-91.5: κλῆρος δάνου, o “lote da dívida”; 91.6-9: κλῆρος κλοπῆς, o “lote do roubo”; 91.10-21: κλῆρος ἐνέδρας, o “lote da emboscada”. Para uma descrição ainda mais detalhada desses e de outros lotes, cf. CCAG 1: 160 11-28; p. 168 19-25; p. 169-70.

operação *prévia* (c) de localização do grau do signo que, naquela dada natividade, está a atravessar o ponto de ascensão (A^{sc}) no círculo (II). Assim se relacionam os três círculos e operações, conforme a ordem que o poeta adota na exposição da matéria (cf. 3.96-509). Nesta explicação geral, apenas observo que, diferentemente da operação (a), mera superposição de uma “série” (de *athla*) a outra “série” (de signos), rapidamente descrita pelo poeta em 3.83-92 (cf. *supra*), as operações (b) e (c) se compõem, cada qual, de diferentes *rationes* para sua consecução, que o poeta colhe, aliás, nas fontes da vulgata astrológica (cf. *supra*, p. 80, n. 13) que compulsa em cada caso (cf. *infra*). De modo, então, a preparar aqui o entendimento mais claro daquilo que trato com mais detalhe adiante, observo, finalmente, que a exposição feita pelo poeta da operação (c) — a localização do signo em ascensão no momento da natividade — se faz mediante a progressiva correção que o poeta vai acrescentando a uma primeira *ratio* enunciada (3.218-24), que ele chama de “vulgar” (cf. 3.218: *uulgatae rationis*); ocorre que tal correção é feita, por sua vez, mediante a exposição de um conjunto de *rationes* que procuram evidenciar *como* as variáveis do tempo e do espaço, desconsideradas pela *ratio uulgata*, podem ser fisicamente explicadas (cf. 3.386: *quibus e causis*, “por que causas”) e *como* precisam ser tecnicamente consideradas na realização da operação (c). De fato, se algumas noções são invariáveis — como, por exemplo, a existência sempre de seis signos acima do horizonte em qualquer momento do ano (cf. 3.241-2), e o fato de que cada signo ocupa 30° da eclíptica zodiacal (cf. 2.696; 3.492) —, outras são variáveis, como, por exemplo, a duração da hora “natural” (cf. 3.238-40), um duodécimo do tempo decorrido entre o nascer e o pôr-do-sol, pois é tempo variável, por sua vez, conforme a estação do ano (cf. 3.247-300) e a latitude da terra (cf. 3.301-84); ora, a determinação precisa do grau do signo que está a passar pelo ponto de ascensão (A^{sc}) no momento de uma natividade — operação de que dependem os “fundamentos da arte astrológica” (cf. 3.207: *fundamenta [...] artis*; cf. *supra*) — deve considerar justamente os tempos de ascensão dos signos, que variam relativamente ao momento e lugar de tal natividade; em resumo, o labor do aprendiz consistirá em compreender as *rationes* por trás das variâncias do tempo e do espaço, de modo a ser capaz de produzir, por meio de tais *rationes*, os números relativos aos tempos de ascensão que precisará considerar ao buscar, por outras *rationes* (cf. *infra*), o “grau que ocupa o nascente” (*quae pars exortum [...] / <obtimeat*, 3.216-17), essa “coisa tão trabalhosa” (*res [...] tam plena laboris*, 3.211) que é “de tão grande massa descobrir um ponto minúsculo” (*tantae molis minimum deprendere punctum*, 3.215).

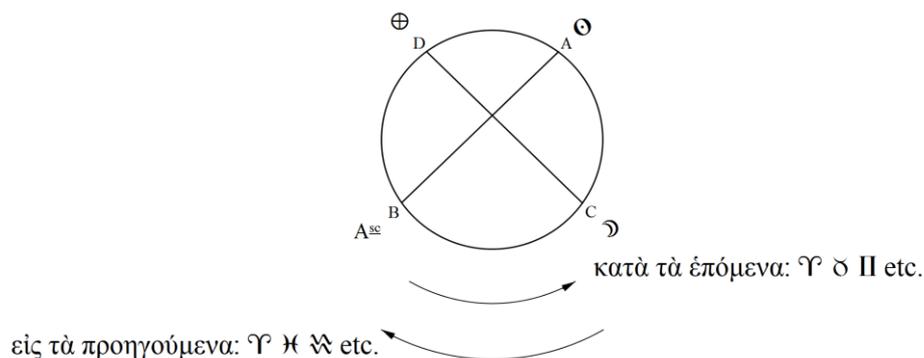
2.2.3.2. Operação (b): *Fortunae quaerere sedem* (3.175).

Uma *ratio* não é um simples nome, nem um simples número. Objeto “complexo”, como a tenho chamado (cf. *supra*, p. 95), uma *ratio* se constitui, nos termos de meu estudo, do “encadeamento” (cf. 4.394: *rerum [...] catenas*) das etapas de um procedimento técnico, ou das *causae* de uma explicação física (cf. 1.72, 98, 102, 106, 717; 2.132; 3.386: *quibus e causis*; 4.196, 519: *per causas naturam quaerere*, “nas causas investigar a natureza”). Ora, diferentemente do que ocorre no caso dos nomes e números — e ainda que pareça óbvio dizê-lo —, o exame da expressão poética das *rationes* é mais complexo por ter de considerar um objeto cuja natureza mesma é complexa. Nomes e números, tais como enunciados nas *artes* astrológicas antigas — ou tais como enunciados em geral, no caso particular dos números —, podem ser mais facilmente contrapostos à expressão que recebem de Manílio na exposição poética que este lhes confecciona em seu poema. O mesmo não se dirá das *rationes*, cujo enunciado já naquelas *artes* trai, de modo geral, diferenças não só de expressão, como também de doutrina e de entendimento.

É bem o caso da *ratio* para a localização do Lote da Fortuna, a “operação (b)” (cf. *supra*). Trata-se, em resumo, de (b.1) contar a distância em graus entre o sol (☉) e a Lua (☾), já *previamente* localizados no círculo (I) do Zodíaco, e depois (b.2) “aplicá-la” aos signos a partir do *horoscopos* (A^{sc}), também já *previamente* localizado no mesmo círculo; no grau do signo em que o número assim obtido e aplicado “terminar”, aí estará o Lote da Fortuna (⊕) (cf. *infra*). Mas tal resumo que faço é deliberadamente geral e inexato, pois importa precisar também (i) o *ponto de início* da contagem (b.1), (ii) o *sentido* em que esta deve ser feita (cf. *infra*, n. 83, 84 e 89) e (iii) o *sentido* da aplicação (b.2) de seu resultado. Ora, é justamente aí que aparecem os problemas, uma vez que há variações na doutrina astrológica antiga quanto a (i) e (iii), bem como vagueza e imprecisão quanto a (ii). De fato, Ptolomeu (II d.C.) expõe um método único que toma o ponto de início (i) da contagem (b.1) *sempre* como o (grau do signo em que está o) Sol (☉ → ☽), *tanto para as natividades diurnas como para as noturnas*, e que, relativamente a (iii), faz a aplicação (b.2) a partir do *horoscopos sempre* no sentido κατὰ τὰ ἐπόμενα τῶν ζῳδίων, isto é, “conforme a sequência dos signos”: ♃ ὄ II etc. (cf. Ptol. *Tetr.* 3.11.5.3-7: [sc. Παραληπτέον] [...] κληῖρον τύχης [...] τὸν συναγόμενον ἀπὸ τοῦ ἀριθμοῦ πάντοτε καὶ νυκτὸς καὶ ἡμέρας τοῦ ἀπὸ ἡλίου ἐπὶ σελήνην καὶ τὰ ἴσα

φέροντος ἀπὸ τοῦ ὠροσκόπου κατὰ τὰ ἐπόμενα τῶν ζῳδίων [...], “[sc. deve-se considerar] [...] o lote da fortuna [...], [como] obtido sempre, quer de dia quer de noite, a partir do número que corresponde à distância do Sol até a Lua e que conta a mesma [distância] a partir do horóscopo conforme a sequência dos signos [...]”); ora, a *ratio* de Ptolomeu preserva o mesmo *sentido* em todas as contagens, “para que a relação e configuração que o Sol tem relativamente ao horóscopo, tenha-a também a Lua relativamente ao Lote da Fortuna” (cf. *Tetr.* 3.11.5.7-9: ἵνα ὃν ἔχει λόγον καὶ σχηματισμὸν ὁ ἥλιος πρὸς τὸν ὠροσκόπον, τοῦτον ἔχη καὶ ἡ σελήνη πρὸς τὸν κλῆρον τῆς τύχης);⁸³ mas é Ptolomeu mesmo quem lembra a doutrina, provavelmente do rei egípcio Nequepso (*ante* II a.C.) (cf. *infra*), que, no entendimento do mesmo Ptolomeu, diferencia as natividades diurnas e noturnas, e faz “a contagem (b.1), para as (natividades) ocorridas à noite, a partir da Lua até o Sol” (☽ → ☉) (cf. *Tetr.* 3.11.6.2-3: τὸ τοῖς νυκτὸς γεννωμένοις ἀπὸ σελήνης ἐπὶ ἥλιον ἀριθμεῖν; cf. 3.11.6.1-6); nesse caso, porém, para que se obtenha

⁸³ O que se pode ilustrar com o exemplo de Escalígero (cf. 1655: 197) para o tratamento da *ratio* em Manílio (cf. *infra*, p. 159): considerando-se a contagem ao longo dos signos sempre em sentido *anti-horário*, ou seja, κατὰ τὰ ἐπόμενα (Υ̅ δ̅ II etc.), o σχηματισμὸς do sol (☉) relativamente ao horóscopo (A^{sc}) corresponde, na figura abaixo, ao arco ADB, que tem a mesma medida do arco CAD, correspondente ao σχηματισμὸς da lua relativamente ao Lote da Fortuna (⊕), como quer Ptolomeu; à figura de Escalígero acrescento apenas os *sentidos* de contagem (κατὰ τὰ ἐπόμενα, “conforme a sequência” e εἰς τὰ προηγούμενα, “conforme a precedência” dos signos):



(Fig. 6: O Lote da Fortuna e os sentidos da contagem e aplicação: caso 1.)

Eis o passo completo: “Considere-se um círculo em que sejam traçadas linhas iguais de A a B, e de C a D. Uma vez que os arcos ADB e DAC, traçados relativamente às retas AB e DC, são iguais, desconsiderada a seção comum do arco DA, os restantes arcos DB e AC serão iguais e, por consequência, ADBC e BCAD serão iguais. Seja C o lugar da lua, A do sol, D do Lote da Fortuna, B do horóscopo. A distância do sol à lua, isto é, o arco ADBC, contada a partir do ponto B em direção ao C, terminará em D; e quão grande for o intervalo do sol à lua, tão grande será aquele do horóscopo ao Lote da Fortuna. Isto é, quão grande for o intervalo CA, tão grande será o intervalo DB.” (“Esto circulus, in quo ab A, ad B, item a C, ad D, aequales lineae ducantur. Quia peripheriae ADB, DAC aequalibus rectis AB, DC subtensae sunt aequales, remoto communi DA, reliquae DB, AC erunt aequales, & proinde ADBC, BCAD erunt aequales. Sit ergo C locus Lunae, A Solis, D Sortis Fortunae, B Horoscopi. Distantia Solis a Luna, hoc est, peripheria ADBC, numerata a puncto B versus C, desinet in D; & quantum erit intervallum Lunae a Sole, tantum erit Sortis Fortunae ab Horoscopo. Hoc est, quantum erit intervallum CA, tantum erit DB.”)

aquela “configuração” ou σχηματισμός (cf. n. 83) Sol-*horoscopos* e Lua-Lote da Fortuna ($\odot \rightarrow A^{sc} = \text{D} \rightarrow \oplus$), Ptolomeu diz que é necessária *também* uma *inversão* do sentido (iii) da aplicação (b.2), ou seja, cumpre “aplicar (o número) inversamente a partir do horóscopo, isto é, conforme a precedência (dos signos)” (cf. *Tetr.* 3.11.6.3-4: ἀνάπαλιν ἀπὸ τοῦ ὠροσκόπου, τουτέστιν εἰς τὰ προηγούμενα, διεκβάλλειν);⁸⁴ isso, entretanto, de aplicar o número a partir do horóscopo εἰς τὰ προηγούμενα ($\Upsilon \text{ H } \text{X}$ etc.), no caso da contagem (b.1) também invertida ($\text{D} \rightarrow \odot$) de uma natividade noturna, decorre do modo como Ptolomeu crê que se “possa” interpretar e aplicar o advérbio ἀνάπαλιν (cf. *Tetr.* 3.11.6.1: ἴσως δὲ αὐτὸ τοῦτο θέλει τε καὶ δύναται, “provavelmente [é] isso [que] quer [dizer] e é possível”), talvez usado por Nequepso em seu próprio enunciado da *ratio* (cf. *infra*). A incerteza, por sua vez, quanto ao entendimento e à aplicação de ἀνάπαλιν a essa *ratio* não é apenas de Ptolomeu, a julgar do modo como Vétio Valente (II d.C.) se refere ao pensamento de Nequepso, “enigma” (αἴνιγμα) que “uns esclarecerão de um jeito, outros, de outro” (ἄλλοι ἄλλως φανοῦσιν):

Ἐν γὰρ τῇ γ' βίβλῳ ὁ <βασιλεὺς> μετὰ τὸ προοίμιον καὶ τὰς τῶν ζῳδίων διατάξεις κληρὸν τύχης ἐπιφέρει ἀπὸ Ἥλιου καὶ Σελήνης καὶ ὠροσκόπου, ὃν μεγίστων πέρι ποιεῖται⁸⁵ καὶ ἐν ὅλῃ τῇ βίβλῳ μνημονεύει καὶ κύριον κρίνει τόπον, περὶ οὗ καὶ αἴνιγμα τέθεικε τὸ <ἐμπαλιν καὶ ἀνάπαλιν> καὶ ὁ Ἥλιος ἀπὸ ἠοῦς ἀρχόμενος παντὸς αἰῶνος κύτος παραδίδωσι ἔσπερον κύκλον διανύων, καθάπερ ὁράται. νυκτὸς δὲ ἐπερχομένης οὐ πάντοτε ἡ Σελήνη φαεσφοροῦσα τεύξεται, ἀλλ' ὅτε μὲν ἐσπέρας φανεῖσα δύεται, ὅτε δὲ ἐπίμονος μέχρι τινὸς μέρους, ἔσθ' ὅτε δὲ διὰ τέλους τῆς νυκτὸς πορεύεται· διόπερ ἀκολουθῶς ὀλοτελῶς τὸν κύκλον Ἥλιῳ παρεγγεγύηκεν>. περὶ μὲν οὖν τούτου τοῦ διανοήματος ἄλλοι ἄλλως φανοῦσιν· ἐμοὶ δ' ἔδοξεν ἐπὶ μὲν ἡμερινῆς γενέσεως λαμβάνειν ἀπὸ Ἥλιου ἐπὶ Σελήνην καὶ τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου, ἐπὶ δὲ νυκτερινῆς, ἐφ' ὅσον μὲν ἡ Σελήνη ὑπέργειός ἐστι τουτέστι μέχρις οὗ δύει, ἀπ' αὐτῆς ἐπὶ τὸν Ἥλιον λαμβάνειν καὶ τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου, μετὰ δὲ τὴν δύσιν ἀπὸ Ἥλιου ἐπ' αὐτήν. τὸ γὰρ ἐπιλέγειν <διόπερ ὀλοτελῶς τὸν κύκλον Ἥλιῳ παρεγγεγύηκε> τοῦτο δοκεῖ. (Vett. Val. 154.23-155.11)

(Pois, no livro XIII, o rei [sc. Nequepso⁸⁶], depois do prólogo e das disposições dos signos, computa o lote da fortuna a partir do Sol, da Lua e do horóscopo, [lote] que [ele] considera dos mais importantes, e em todo o livro lembra e julga [ser] o lugar dominante, sobre o qual ainda um enigma dispôs: “Num sentido e no inverso: também o Sol, a partir da aurora começando [seu] período inteiro, devolve a abóbada [celeste] finalizando o círculo a oeste, conforme se observa. Aproximando-se, porém, a noite, nem sempre a Lua brilhando estará, mas [apenas] quando, ao cair da noite, brilhando [ela] entra [sc. no céu noturno], e quando permanece até uma certa parte, é quando até o fim da noite ela marchará; por isso, em seguida, inteiramente o círcu-

⁸⁴ Assim, conforme a fig. 6, o Lote da Fortuna (\oplus) só incidirá igualmente no ponto D se a aplicação da distância lua-sol ($\text{D} \rightarrow \odot$) do arco CA for feita a partir do horóscopo (ponto B) *em sentido horário*, isto é, εἰς τὰ προηγούμενα ($\Upsilon \text{ H } \text{X}$ etc.), já que CA = DB.

⁸⁵ ὃν μεγίστων πέρι ποιεῖται é reconstrução de Riess (1891-3: 363) que adoto como alternativa ao texto de Kroll († ὁ μεγίστην περιποιεῖ), de cuja edição (1908) me valho nas citações de Valente.

⁸⁶ Quanto a ser Nequepso (*ante* II a.C.) que Valente chame aí de βασιλεὺς, cf. Riess 1891-3: 363 e Kroll 1908: 154.

lo ao Sol [ela] passa”.⁸⁷ Assim, quanto a esse pensamento, uns [o] esclarecerão de um jeito, outros de outro. A mim parece, no caso do nascimento diurno, [que se deve] tomar [os graus] a partir do Sol até a Lua e os mesmos [graus] [contar] a partir do horóscopo; no caso do [nascimento] noturno, em quanto a Lua está sobre a terra, isto é, até onde ela permanece, a partir dela até o Sol tomar [a distância] e o mesmo [tanto] [tomar] a partir do horóscopo, e depois da descida [dela] [contar] a partir do Sol até ela. Pois dizer ‘por isso inteiramente o círculo ao Sol [ela] passa’ parece isso.)

Em seu próprio esclarecimento (cf. 155.5: ἐμοὶ δ' ἔδοξεν), Valente explica que a inversão sugerida pelo “enigma” (cf. 154.28: ἔμπαλιν καὶ ἀνάπαλιν) incide sobre a contagem (b.1) (de ☉ → ☽ a ☽ → ☉), e que deve ser aplicada, no caso da natividade noturna, apenas na circunstância em que “a Lua está sobre a terra” (cf. 155.7: ἡ Σελήνη ὑπέργειός ἐστι), pois, de resto, qualquer que seja a natividade, a contagem é sempre a partir do Sol (cf. 155.6: ἀπὸ Ἡλίου ἐπὶ Σελήνην; 9: ἀπὸ Ἡλίου ἐπ' αὐτήν [sc. Σελήνην]); quanto ao restante do procedimento, a aplicação (b.2), Valente apenas diz que se deve aplicar “o mesmo número *a partir do horóscopo*” (cf. 155.6: τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου; 8-9: τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου), diferentemente de Ptolomeu, que precisa o novo sentido da operação (cf. Ptol. *Tetr.* 3.11.6.3-4: ἀνάπαλιν ἀπὸ τοῦ ὠροσκόπου). É o escoliasta deste último, aliás, que comenta não só a particularidade da *ratio* de Ptolomeu, como o engano daqueles que vieram depois de Nequepso e Petosírís (οἱ ἐπιγενόμενοι), que teriam errado ao aplicar o τὸ ἀνάπαλιν apenas à contagem (b.1), invertendo-a do sentido “☉ → ☽”, das natividades diurnas, para o sentido “☽ → ☉”, das natividades noturnas, quando deveriam inverter também a ordem da aplicação (b.2) a partir do *horoscopus*, fazendo-a “conforme a sequência dos signos” (ἐπὶ τὰ ἐπόμενα τῶν ζῳδίων; cf.: Υ̅ Θ̅ Π̅ etc.), no caso

⁸⁷ Kroll acredita que Valente cita as palavras mesmas de Nequepso: “Haec ipsa Nechepsonis verba sunt, non in trimetros refingenda, id quod Us. conatus est; est oratio pedestris, sed elata et bacchabunda”, “Essas são as próprias palavras de Nequepso, não devendo ser refeitas em trímetros, o que Usener tentou; é linguagem em prosa, porém elevada e veemente”. Kroll se refere aos senários iâmbicos da reconstrução ensaiada por Usener para o αἴνιγμα de Nequepso, que assim Riess refere (1891-3: 364):

ἥλιος
ἀρχόμενος ἡοῦς παντὸς αἰῶνος κύτος
εἰς ἔσπερον δίδωσι διανύων κύκλον,
καθάπερ ὁρᾶται. τὴν δὲ νυκτ' οὐ πάντοτε
πᾶσαν σελήνη φωσφοροῦσα τεύξεται,
ἀλλ' ὅτε μὲν ἐσπέρας φανεῖσα δύσεται,
ὅτε δ' <ἔστ'> ἐπίμονος μέχρι τινὸς <νυκτὸς> μέρους,
ἔσθ' ὅτε δὲ νυκτὸς διὰ τέλους πορεύσεται,
ὅλον παρεγγῶσα κύκλον ἡλίου.

(O sol | começando da aurora o inteiro período a abóbada | ao poente entrega completando o ciclo, | conforme se observa. Nem sempre, porém, durante a noite | toda a lua brilhando estará, | mas quando a oeste aparecendo ela entrar, | e quando <estiver> a persistir até <da noite> uma certa parte, | é quando da noite até o fim ela marchará, | completo entregando o ciclo do sol.)

das natividades diurnas, e, *inversamente*, “não mais conforme a sequência (sc. dos signos), mas conforme a precedência” (μηκέτι εἰς τὰ ἐπόμενα [sc. τῶν ζῳδίων] ἀλλ’ εἰς τὰ ἡγούμενα; cf.: ♃ ♄ ♀ etc.), no caso das noturnas, pois assim é que se compensa a primeira inversão e “novamente se obtém o mesmo número antes obtido na contagem a partir do Sol até a Lua” (πάλιν γὰρ ὁ αὐτὸς εὐρίσκεται ὁ καὶ πρότερον εὐρεθεῖς <ἀριθμὸς>, ὁ ἀριθμηθεῖς ἀπὸ Ἡλίου ἐπὶ Σελήνην; cf. Ptol. *Tetr.* 3.11.6.4-6: οὕτως γὰρ κάκεῖνος ὁ αὐτὸς τόπος τοῦ κλήρου καὶ ὁ αὐτὸς τοῦ συσχηματισμοῦ λόγος ἐκβήσεται, “pois assim resultará também o mesmo lugar do lote [da Fortuna] e a mesma relação de configuração” [sc. ☉ → A^{sc} = ☽ → ☿]); cf. n. 83):

Εἰδέναί γὰρ χρὴ ὡς οὐ τὸν αὐτὸν τοῖς ἄλλοις κλήρον Τύχης ὁ Πτολεμαῖος λαμβάνει ἀλλὰ πάντοτε ἀπὸ Ἡλίου ἐπὶ Σελήνην ἀριθμεῖ καὶ τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου. [οὐ γὰρ, φησὶ, νενοήκασιν τὰ ὑπὸ τοῦ παλαιοῦ περὶ κλήρου Τύχης γεγραμμένα.] λέγει δὲ παλαιὸν τὸν Νεχεψῶ καὶ Πετόσιριν. οὗτοι γὰρ πρῶτοι τὸ δι’ ἀστρολογίας ἐξήπλωσαν προγνωστικόν. τί οὖν ἔφασαν οὗτοι; ὅταν κλήρον Τύχης λαμβάνης, ἡμέρας μὲν ἀπὸ Ἡλίου ἐπὶ Σελήνην ἀρίθμει, καὶ τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου καὶ ἐπὶ τὰ ἐπόμενα τῶν ζῳδίων ἀπόλυε, νυκτὸς δὲ τὸ ἀνάπαλιν. τὸ ἀνάπαλιν δὲ τί ἐστίν; ἵνα ἀπὸ Σελήνης ἐπὶ Ἡλίον ποιήσης, καὶ μηκέτι εἰς τὰ ἐπόμενα ἀλλ’ εἰς τὰ ἡγούμενα ἀπολύσης. πάλιν γὰρ ὁ αὐτὸς εὐρίσκεται ὁ καὶ πρότερον εὐρεθεῖς <ἀριθμὸς>, ὁ ἀριθμηθεῖς ἀπὸ Ἡλίου ἐπὶ Σελήνην. οἱ δὲ ἐπιγενόμενοι οὐκέτι τὸ ἀνάπαλιν ἐπὶ πάντων ἐφύλαξαν, ἀλλ’ ἐπὶ τῆς ἀριθμήσεως τῆς ἀπὸ Σελήνης ἐπὶ Ἡλίον, οὐκέτι δὲ τὴν τάξιν τῶν ζῳδίων ἐπὶ τὸ ἀνάπαλιν καὶ τὰ προηγούμενα ἐποιήσαντο. (Sch. Ptol. *Tetr.*: ed. Basel 1559: 111, ap. Riess 1891-3: 364 e Housman 1916: x)

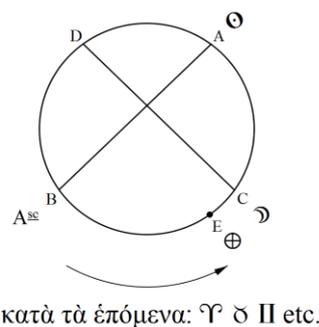
(Com efeito, é evidente que não o mesmo lote da Fortuna que os outros [tomam] Ptolomeu toma, mas sempre a partir do Sol até a Lua [ele] conta e o mesmo [tanto] [ele conta] a partir do horóscopo. [‘Pois’ [aqueles outros], diz [ele], ‘não compreenderam os escritos do Antigo acerca do Lote da Fortuna’.⁸⁸] Chama Antigo a Nequepso e Petosírís. Pois esses [foram] os primeiros [que] por meio da astrologia explicaram a presciência. O que, afinal, disseram eles? [Que] Quando tomas o Lote da Fortuna, de dia conta a partir do Sol até a Lua, e o mesmo [tanto] aplica a partir do horóscopo e na sequência dos signos [sc. ♃ ♄ ♀ etc.]; de noite, porém, [faz] o inverso. Mas o que é ‘o inverso’? [É] [Para] Que faças [a contagem] a partir da Lua até o Sol, e [o número obtido] apliques [a partir do horóscopo] aos signos não mais conforme [estes] se seguem, mas conforme [estes] se precedem [uns aos outros] [sc. na ordem inversa: ♃ ♄ ♀, etc.]. Pois novamente se obtém o mesmo <número> também antes obtido, o [número] contado a partir do Sol até a Lua. Os que vieram depois não mais preservaram o ‘inverso’ em tudo, mas [apenas] na contagem a partir da Lua até o Sol, e não mais fizeram a ordem dos signos conforme o inverso e a precedência.)

O propósito (cf. Ptol. *Tetr.* 3.11.5.7: ἵνα), então, de preservar, para qualquer tipo de natividade, diurna ou noturna, o σχηματισμός entre Sol e *horoscopus*, Lua e Lote da Fortuna, esta última “como que *horoscopus* da Lua” (cf. Ptol. *Tetr.* 3.11.5.9-6.1: ὥσπερ σεληνιακὸς ὠροσκόπος) é o que faz Ptolomeu pensar no τὸ ἀνάπαλιν de Nequepso co-

⁸⁸ A passagem em que Ptolomeu teria dito isso (οὐ γὰρ, φησὶ, νενοήκασιν τὰ ὑπὸ τοῦ παλαιοῦ περὶ κλήρου Τύχης γεγραμμένα) é ausente de suas edições, como adverte Riess (1891-3: 364): “haec in Ptolemaei edd. non exstant”.

mo uma inversão a ser aplicada “em todos” os passos da *ratio* (cf. Sch. Ptol. Tetr.: τὸ ἀνόπαλιν ἐπὶ πάντων), ou seja, duplamente, de modo que a segunda inversão, na aplicação (b.2), compense a primeira, na contagem (b.1) (cf. n. 83 e 84); ora, se a segunda inversão neutraliza o efeito da primeira, ambas são dispensáveis num enunciado simples da *ratio*, tal como o de Ptolomeu, para quem o Lote da Fortuna é localizado, como disse acima, “*sempre, quer de dia quer de noite*, a partir do número que corresponde à distância do Sol até a Lua” (cf. Ptol. Tetr. 3.11.5.4-6: ἀπὸ τοῦ ἀριθμοῦ πάντοτε καὶ νυκτὸς καὶ ἡμέρας τοῦ ἀπὸ ἡλίου ἐπὶ σελήνην) “e que conta a mesma [distância] a partir do horóscopo *conforme a sequência dos signos*” (cf. 3.11.5.6: καὶ τὰ ἴσα φέροντος ἀπὸ τοῦ ὠροσκόπου κατὰ τὰ ἐπόμενα τῶν ζῳδίων). Por outro lado, como quer que Nequepso tenha entendido a aplicação da inversão, seus ἐπιγενόμενοι, como observa o escoliasta de Ptolomeu (cf. *supra*), ao entenderem que deveriam aplicá-la *apenas* à contagem (b.1), não estão a observar o σχηματισμός preconizado pela doutrina de Ptolomeu, de modo que os resultados assim obtidos se diferenciam daqueles que esta última obteria para as *mesmas* natividades noturnas; parece, assim, que do enunciado não simples, mas “enigmático” de Nequepso (cf. Vett. Val. 154.27-8; cf. *supra*, n. 87), diferentemente interpretado, mais de uma doutrina, mais de uma *ratio* surgem que se aplicam à mesma operação (b) e que produzem resultados distintos para um mesmo caso.⁸⁹ Ora, em que pese a qualidade “enigmática”, como diz Valente, do “pensamento” (cf. Vett. Val. 155.4: τοῦ διανοήματος) do βασιλεύς, a formulação de seu enunciado atenta, segundo me parece, para certo aspecto de simetria entre os movimentos naturais dos dois luminares (☉ e ☽), para o qual *não* atenta, porém, o enunciado simples de Ptolomeu. É certo que, do modo como Valente “refere” tal “pensamento”, não se pode dizer muito quanto

⁸⁹ Assim, ainda conforme a fig. 6, no caso de uma natividade noturna, se a aplicação da distância lua-sol (☽ → ☉) do arco CA for feita a partir do horóscopo (ponto B) não *inversamente* (εἰς τὰ προηγούμενα: ♀ ♁ etc.), mas *em sentido anti-horário*, isto é, κατὰ τὰ ἐπόμενα (♁ ♂ II etc.), o Lote da Fortuna (⊕) não mais incidirá em D, mas no ponto E, sendo BE = CA, sem preservação do σχηματισμός defendido por Ptolomeu, já que ADB ≠ CADBE (sc. ☉ → A^{sc} ≠ ☽ → ⊕):



(Fig. 7: O Lote da Fortuna e os sentidos da contagem e aplicação: caso 2.)

ao sentido exato da contagem (b.1) e da aplicação (b.2), pois a afirmação de que o rei “computa o lote da fortuna a partir do Sol, da Lua e do horóscopo” (cf. Vett. Val. 154.25-6: κλῆρον τύχης ἐπιφέρει ἀπὸ Ἡλίου καὶ Σελήνης καὶ ὠροσκόπου) é resumo que requer esclarecimento e precisão, ao passo que aquilo que vem a seguir para “esclarecê-lo” é justamente o “enigma” (cf. 154.27: αἴνιγμα) do ἔμπαλιν καὶ ἀνάπαλιν (154.28); ora, o enunciado deste último atenta para a circunstância excepcional (cf. 154.31: οὐ πάντοτε) em que a Lua, tendo entrado no céu ao fim do dia (cf. 155.1), “marchará até o fim da noite” (cf. 155.2-3: διὰ τέλους τῆς νυκτὸς πορεύσεται) como a circunstância em que (cf. 155.2: ἔσθ' ὅτε) ela, “em seguida (sc. ao fim de sua marcha noturna), o círculo transmite inteiramente ao Sol” (cf. 155.3-4: ἀκολούθως ὀλοτελῶς τὸν κύκλον Ἡλίῳ παρηγγεγύηκεν), o qual, por sua vez, “começando” (cf. 154.28-9: ἀρχόμενος) sua própria marcha a partir daí, ou seja, “a partir da aurora” (cf. 154.28: ἀπὸ ἠοῦς), *também* “devolve a abóbada (sc. celeste) ao terminar seu círculo a oeste” (cf. 154.29-30: κύτος παραδίδωσι ἔσπερον κύκλον διανύων), repetindo-se, então, o “ciclo”. À inversão que assim ocorre na natureza deve corresponder, segundo o entendimento de Valente, uma inversão na *ratio* para a localização do Lote da Fortuna: assim como o período do dia está para o Sol, e o da noite, para a Lua, assim também aquela *ratio* deverá fazer a contagem (b.1) a partir do Sol para a natividade diurna, e a partir da Lua para a natividade noturna; ora, excetuada a precisão de Valente, que condiciona a inversão (de ☉ → ☽ a ☽ → ☉) à circunstância da natividade noturna em que “a Lua está sobre a terra” (cf. 155.7: ἡ Σελήνη ὑπέργειός ἐστι; cf. *supra*), tal entendimento da inversão, aplicada à contagem (b.1) e feita como que “em correspondência” a uma inversão na natureza, é o que vingou entre aqueles que mais tarde expuseram ou recensearam a doutrina, mesmo se, quanto à aplicação (b.2), só resta presumir, a partir da formulação simples de que em geral se valem (cf. *infra*), que estão a considerá-la sempre κατὰ τὰ ἐπόμενα (Γ' Ὀ Π etc.), ou seja, sem aplicação da inversão, como observa o escoliasta de Ptolomeu no caso dos ἐπιγενόμενοι de Nequepso (cf. *supra*): é o caso, por exemplo, de Paulo Alexandrino (IV d.C.), em sua exposição “sobre os sete lotes do Panareto” (Περὶ τῶν ἐπτὰ κλήρων τῶν ἐν τῇ Παναρέτῳ: cf. *supra*, n. 82), ao tratar do primeiro deles:

Πρῶτος ὁ τῆς Τύχης κλῆρος, ὃν ἀριθμεῖν δεήσει τοῖς μὲν ἡμέρας γενομένοις ἀπὸ τῆς ἡλιακῆς μοίρας ἕως τῆς σεληνιακῆς μοίρας, καὶ τὸν συναχθέντα ἀριθμὸν δεῖ ἐκβάλλειν ἀπὸ τῆς τοῦ ὠροσκόπου μοιρικῆς ἀριθμήσεως, δίδοντας ἐκάστῳ ζῳδίῳ μοίρας <λ>, καὶ ὅπου ἂν καταλήξῃ ὁ συναχθεὶς ἀριθμὸς, ἐκεῖσετὸν τῆς Τύχης λέγε εἶναι κλῆρον· τοῖς δὲ νυκτός, τὸ ἀνάπαλιν, τουτέστιν ἀπὸ τῆς σεληνιακῆς μοίρας ἐπὶ τὴν ἡλιακὴν. τὰ δὲ λοιπὰ ὁμοίως ἀπὸ τῆς τοῦ ὠροσκόπου μοίρας δεῖ ἐκβάλλειν. (Paul. Al. 47.13-48.5)

(Primeiro o Lote da Fortuna, que se deverá contar, para os [nascimentos] ocorridos de dia, a partir do grau helíaco até o grau selênico, e o número obtido devemos contar a partir da numeração graduada do horóscopo, dando a cada signo 30 graus, e onde o número obtido terminar, lá diz ser o lote da Fortuna; para os [nascimentos] [ocorridos] de noite, [faz] o inverso, isto é, [conta] a partir do grau selênico até o helíaco. [Quanto ao] resto [do procedimento], igualmente se deve contar a partir do grau do horóscopo.)

É o caso, ainda, de Fírmico Materno (IV d.C.), ao menos (cf. *infra*) em seu “cálculo elementar” (cf. Firm. Mat. *Math.* 4.17.2: *platica computatio*), que simplifica a contagem a partir de signos inteiros:

In omni genitura nocturna computa a Luna usque ad Solem, in diurna genitura a Sole computa rursus ad Lunam et, quantuscumque signorum < fuerit > numerus, tanta ab horoscopo incipiens signa numera; et quodque signum habuerit novissimum numerum, ipsius signum locum Fortunae demonstrat. (Firm. Mat. *Math.* 4.17.1)

(Em todo nascimento noturno conta da Lua até o Sol, no nascimento diurno conta, inversamente, do Sol até a Lua e, quão grande que tiver sido o número de signos, tantos signos numera começando do horóscopo; e seja qual for o signo que tiver o último número, o signo desse número indica o lugar da Fortuna).

Como é o caso, enfim, de muitos outros, que, fazendo corresponder à inversão da natureza a inversão da contagem (b.1) (de $\odot \rightarrow \sphericalangle$ a $\sphericalangle \rightarrow \odot$), limitam-se, quanto à aplicação (b.2), a enunciá-la, como Valente, Paulo ou Fírmico, sem maiores precisões (cf. Vett. Val. 155.6: τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου; 8-9: τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου) ou distinções (cf. Paul. Al. 47.18: ἀπὸ τῆς τοῦ ὠροσκόπου μοιρικῆς ἀριθμήσεως; 48.4-5: ὁμοίως ἀπὸ τῆς τοῦ ὠροσκόπου μοίρας; Firm. Mat. *Math.* 4.17.1.2: *ab horoscopo*).⁹⁰ Já quanto ao cálculo menos “elementar” que Fírmico diz ser feito *partiliter*, isto é, considerando-se as *partes* ou “graus” dos signos (cf. Firm. Mat. *Math.* 4.17.2.6: *partiliter*, 2.20: *partiliter*), seu texto reconhecidamente problemático e confuso (cf. n. 91 e 92) não permite precisar com clareza os sentidos em que se deve fazer a aplicação (b.2) (cf. n. 91), mas resta clara e evidente, ainda assim, a duplicação do método conforme seja diurna ou noturna a natividade:

⁹⁰ Entre tantos outros exemplos, cf. CCAG 1: 160 17-19: Κληρος τύχης ἀπὸ \odot ἐπὶ \sphericalangle ἡμέρας, νυκτὸς δὲ ἀπὸ \sphericalangle ἐπὶ \odot καὶ μερίζω ἀπὸ ὠροσκόπου — κληρος δαιμόνος ἀπὸ \sphericalangle ἐπὶ \odot ἡμέρας, νυκτὸς δὲ τὸ ἀνάπαλιν καὶ τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου. “O Lote da Fortuna (conto) do \odot até a \sphericalangle de dia (sc. para a natividade diurna), e de noite (sc. para a natividade noturna), (conto) da \sphericalangle até o \odot e partilho (sc. o número obtido) a partir do horóscopo — o Lote do Espírito (conto) da \sphericalangle ao \odot de dia, e de noite (conto) *inversamente*, e o mesmo (número) (aplico) a partir do horóscopo”; (...) “Sequuntur multa alia huiusmodi” (F. Cumont); cf. também: CCAG 8.2: 81-7; e especialmente: p. 81 33-4 – 82 1-3 (= Heph. Theb. 2.18).

Si diurnam genituram tractans locum Fortunae coeperis quaerere, hac eum investigato ratione: a parte Solis inchoans omnium signorum partes usque ad illum signum, in quo est Luna, cum ipsis Lunae partibus, [in] quantamcumque totae partes fecerint summam, additis horoscopi <partibus> † inchoans computationem is collegeris, ab horoscopo incipiens in dexteram partem ab horoscopo signis ceteris divide tricenae partes signis singulis reddens; et in quocumque signo totius numeri <ultima> pars ceciderit, ipse locus Fortunae tibi signum <ac> substantiam demonstrat. In nocturna vero genitura a Lunae parte incipiens et per signa sequentia simili modo pergens usque ad partem Solis totas signorum colligis partes et additis horoscopi partibus unam numeri facis summam, quam a parte horoscopi incipiens per omnia, quae ab horoscopo sunt, signa dividis singulis signis tribuens XXX, sicut ante diximus, partes; et in quocumque signo totius numeri ultima pars ceciderit, ipsa pars locum tibi Fortunae monstrabit. (Firm. Mat. *Math.* 4.17.3-4)

(Se [é] tratando de nascimento diurno [que] começarás a procurar o lugar da Fortuna, por este método [é que] vais investigá-lo: começando do grau do Sol, os graus de todos os signos até aquele signo em que está a Lua, incluídos os próprios graus da Lua, a soma, qualquer que seja, que tiverem feito [esses] graus todos, adicionados do horóscopo <os graus> † [que] terás contado ao iniciares o cômputo, divide [tal soma], começando do horóscopo, [indo] *para a direita a partir do horóscopo*,⁹¹ aos restantes signos trinta graus atribuindo a cada signo; e no signo, qualquer que seja, em que o <último> grau do número inteiro tiver caído, o próprio lugar da Fortuna te indica o signo e a substância.⁹² No nascimento noturno, porém, começando do grau da Lua, e *pela seqüência dos signos, de modo semelhante*, continuando até o grau do Sol, reúnes os graus todos dos signos e, acrescentados os graus do horóscopo, fazes a soma total do número, a qual divides, começando do grau do horóscopo e [seguindo] através de todos os signos que estão a partir do horóscopo, a cada um dos signos atribuindo 30 [graus], assim como dissemos antes; e no signo, qualquer que seja, em que o último grau do número todo tiver caído, [nele] o próprio grau te mostrará o lugar da Fortuna.)

Por outro lado, mesmo com suas imprecisões e redundâncias, e, de certo modo, em razão delas, essa exposição de Fírmico da *ratio* feita *partiliter* é um acréscimo notável feito a sua *platica computatio*, apontando para certa hesitação, quer do próprio Fírmico quer de algum interpolador (cf. n. 91), quanto ao entendimento geral das mudanças de *sentido* na operação (b). Penso que aquilo que Fírmico ou seu interpolador acaba por fazer, no caso da natividade noturna, é precisar, não para a aplicação (b.2), como faz para a natividade diurna (ainda que erradamente: cf. n. 91), mas para *o interior* da

⁹¹ Housman (1916: ix) entende que *in dexteram partem* (Firm. Mat. *Math.* 4.17.3.27) é o modo como Fírmico Materno diz εἰς τὰ ἡγούμενα: Υ Ή Ψ etc. É também o entendimento de Riess (1891-3: 364), para quem a expressão equivale a *per antecedentia* (sc. *signa*), que um engano — segundo ele, quer do próprio Fírmico, ao traduzir sua fonte grega, quer de algum interpolador — fez aparecer associada à natividade diurna (cf. Firm. Mat. *Math.* 4.17.3.20-1: *Si diurnam genituram tractans*), quando deveria, em princípio, ter sido aplicada à noturna, à qual o mesmo engano ou interpolação teria associado a expressão *per signa sequentia* (cf. 4.17.4.5-6) (sc. κατὰ τὰ ἐπόμενα: Υ Θ Π etc.) do caso diurno; mas tal interpretação deve presumir que Fírmico não tenha cometido o mesmo engano de entendimento que o escoliasta de Ptolomeu apontou nos ἐπιγενόμενοι de Nequepso, ou seja, deve presumir que Fírmico aplique a inversão do τὸ ἀνάπαλιν duplamente, primeiro na contagem (b.1), depois na aplicação (b.2). Não estou certo de que seja o caso de presumir isso, não só em vista do estado lacunar do texto de Fírmico, como em vista da posição ocupada em seu texto pela expressão *per signa sequentia*, associada como vem, não à aplicação (b.2), mas à contagem (b.1): cf. *infra*.

⁹² É bem o contrário: o signo ou o grau é que indicam o lugar da Fortuna, como, aliás, observa o aparato crítico de Kroll e Skutsch (1897-1913/1968: 239): “immo signum vel pars locum demonstrat”.

contagem (b.1), o sentido (ii) (cf. *supra*, p. 149) em que esta deve ser feita: cf. Firm. Mat. Math. 4.17.4.5-7: *a Lunae parte incipiens et per signa sequentia simili modo pergens usque ad partem Solis totas signorum colligis partes*, “começando do grau da Lua, e pela sequência dos signos, de modo semelhante, continuando até o grau do Sol, reúne os graus todos dos signos”; de fato, para *um mesmo ponto de partida*, seja ele “☽ → ☉” ou “☉ → ☽”, a contagem (b.1) poderia ser feita, embora não com os mesmos resultados, tanto *per signa sequentia* (☿ ∅ ♀ etc.), como *per signa antecedentia* (ou *in dexteram partem*: cf. n. 91) (☿ ♁ ♃ etc.); ademais, além de dizer que a contagem (b.1) noturna (☽ → ☉) deve ser feita *per signa sequentia*, o texto de Fírmico acrescenta que assim deve ser feita *simili modo*, o que sugere que também *per signa sequentia* é que se deve fazer a contagem (b.1) diurna (☉ → ☽). Tal precisão acrescentada à *ratio* da natividade noturna, associada, por equívoco ou não, à contagem (b.1) e não à aplicação (b.2), como talvez fosse a intenção, é detalhe que os enunciados da doutrina geralmente omitem,⁹³ assim como já o fazem no caso da aplicação (b.2) *ab horoscopo* (cf. *supra*), que parecem entender, como acima disse, sempre *per signa sequentia*, como fosse essa a ordem por excelência. O fato é que enunciados de *rationes* como essas, que envolvem contagem e aplicação de um número sobre o círculo (I) do Zodíaco, estão sempre a tomar como o sentido fundamental a *ordem* natural de ascensão dos signos (cf. Man. 1.563: *signorum flammeus ordo*; 256: *ordinibus certis* [sc. *signorum*]; 263-74: ☿ ∅ ♀ etc.; 2.682: *astrorum [...] ordo*; 734: *ordine*; 3.174: *subeuntibus ordine signis*), de maneira que, ao preceituarem uma inversão, estão a pensar, de modo geral e diferentemente de Ptolomeu, apenas na inversão do *ponto de partida* na contagem entre os luminares (de ☉ → ☽ a ☽ → ☉), preservando-se, de resto, o sentido “natural” *per signa sequentia* ou *κατὰ τὰ ἐπόμενα* (☿ ∅ ♀ etc.) em todas as etapas da operação. O que estão a observar, em suma, não é o *σηματισμός* “técnico” postulado por Ptolomeu (sc. ☉ → A^{sc} = ☽ → ☉; cf. n. 83 e 84), mas a *aparente* simetria do *σηματισμός*, por assim dizer, dos fenômenos naturais do dia e da noite, dos movimentos do Sol e da Lua, segundo o enigma de Nequepso, “tais como eles são observados” (cf. Vett. Val. 154.30: *καθάπερ ὁρᾶται*). Essa doutrina da inversão “simples”, enfim, praticada em geral pelos *ἐπιγενόμενοι* de Nequepso, é a que parece ter oferecido a Manílio os enunciados de que

⁹³ A esse respeito, observe-se como o escoliasta de Paulo Alexandrino enuncia o sentido da contagem (b.1) e igualmente o considera na aplicação (b.2): cf. Sch. Paul. Al. L (= Boer 1958: 119): Ὡς γὰρ τὰς ἀπὸ Ἡλίου μέχρι Σελήνην λαμβάνομεν ἐπὶ τὰ ἐπόμενα, οὕτως καὶ τὰ ἀπὸ ὠροσκοπού, ἕως οὗ συντελεσθῶσιν αἱ ἀπὸ τοῦ Ἡλίου μοῖραι ἐπὶ τὴν Σελήνην, “Pois como tomamos os [graus] a partir do sol até a lua na sequência (sc. dos signos), assim também (tomamos) (os graus) a partir do horóscopo, até onde se completarem os graus (existentes) do sol até a lua”.

este partiu na composição de sua exposição poética da mesma *ratio*, que o poeta introduz como “dúplice”, conforme o Sol se encontre acima ou abaixo da linha do horizonte na ocasião da natalidade:

Et, ne forte uagus Fortunae quaerere sedem
incipias, duplici certam ratione capesse.
cum tibi, nascentis percepto tempore, forma
constiterit caeli, stellis ad signa locatis,
transuerso Phoebus si cardine celsior ibit
qui tenet exortum uel qui demergit in undas,
per tempus licet affirmes natum esse diei.
at, si subiectis senis fulgebit in astris
inferior dextra laeuaque tenentibus orbem
cardinibus, noctis fuerit per tempora natus. (3.176-85)

(E, para que não comeces a procurar a sede da Fortuna errando ao acaso, descobre-a corretamente por duplo método. Quando para ti, conhecido o instante do nascimento, tiver ficado clara a forma do céu, localizados os planetas nos signos, se Febo estiver se movendo acima da linha transversal, aquela que o tem em seu nascer ou que o mergulha nas ondas, podes afirmar que o nascimento se deu durante o período do dia. Do contrário, se Febo estiver fulgindo entre os seis astros em baixo, inferior aos pontos cardeais que seguram o orbe à direita e à esquerda, o nascimento terá sido durante o período da noite.)

Para as natividades diurnas, então, assim enuncia o poeta:

Haec tibi cum fuerint certo discrimine nota,
tunc, si forte dies nascentem exceperit alma,
a sole ad lunam numerabis in ordine partes
signorum, ortiuo totidem de cardine duces,
quem bene partitis memorant horoscopton astris.
in quodcumque igitur numerus peruenerit astrum
hoc da Fortunae. iunges tum cetera signis
athla suis, certo subeuntibus ordine cunctis. (3.186-93)

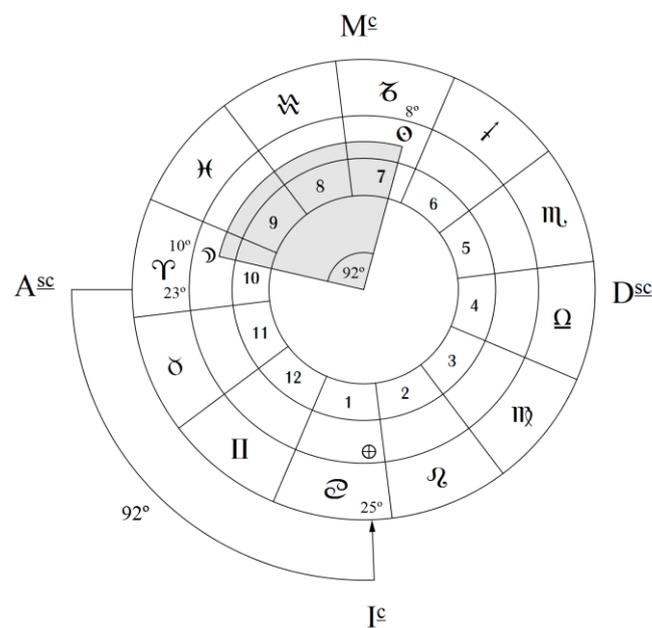
(Quando isso tiver sido notado por ti com precisa distinção, então, se por acaso for o benéfico dia que tiver acolhido o nascente, do Sol até a Lua contarás em ordem os graus dos signos, e o mesmo tanto trarás a partir do ponto ascensional, o qual, bem repartidos os astros, dizem ser o *horóscopo*. Então, qualquer que seja o signo em que o número tiver chegado, atribui este signo à Fortuna. Juntarás, em seguida, as restantes atividades aos respectivos signos, a seguirem todos em ordem fixa.)⁹⁴

⁹⁴ Por exemplo, estando o sol no 8º de Capricórnio (para minha escolha deste grau como exemplo, cf. *infra*, p. 170-171, 197 e 214), a lua no 10º de Áries, e o horóscopo no 23º de Áries, a contagem (b.1) *in ordine* (cf. 3.188) dos graus do sol até a lua (☉ → ☽) resulta em 92º, cuja aplicação (b.2) *κατὰ τὰ ἐπόμενα* a partir do horóscopo (A^{sc}) termina no 25º de Câncer, signo em que estará, portanto, o Lote da Fortuna (☿) e a partir do qual se distribuirão os 12 *athla* do círculo (III) (cf. *supra*, Fig. 4 e 5):

E para as noturnas, assim:

At, cum obducta nigris nox orbem texerit alis,
 siquis erit qui tum materna excesserit aluo,
 uerte uias, sicut naturae uertitur ordo.
 consule tum Phoeben imitantem lumina fratris
 semper et in proprio regnantem tempore noctis;
 quotque ab ea Phoebus partes et signa recedit
 tot numerare iubet fulgens horoscopus a se.
 hunc Fortuna locum teneat subeuntibus athlis,
 ordine naturae sicut sunt cuncta locata. (3.194-202)

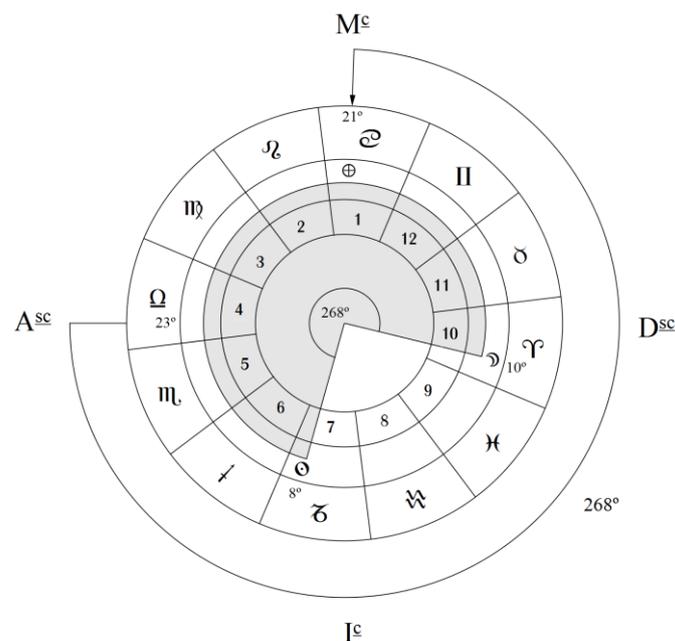
(Mas, quando a noite tiver encoberto o orbe com suas negras asas envolvendo-o, se alguém houver que tenha deixado o ventre materno nesse momento, inverte o caminho, assim como da natureza se inverte a ordem. Consulta, então, Febe, que imita a luz de seu irmão sempre e que reina no período da noite, que lhe é próprio; e quantos signos e graus Febo se afasta dela, tantos manda contar o fulgente horóscopo a partir de si. Ocupe a Fortuna esse lugar, seguindo-se as demais atividades, assim como por ordem da natureza estão todas posicionadas.)⁹⁵



(Fig. 8: Lote da Fortuna: natividades diurnas.)

⁹⁵ Por exemplo, estando o sol e a lua nas mesmas posições do exemplo anterior da natividade diurna, a natividade será noturna apenas se o sol estiver abaixo da linha do horizonte traçada entre A^{sc} e D^{sc} (cf. 3.183-5: *si subiectis senis fulgebít in astris / inferior dextra laeuaque tenentibus orbem / cardinibus*, “se [sc. Febo] estiver fulgindo entre os seis astros em baixo, inferior aos pontos cardeais que seguram o orbe à direita e à esquerda”); nesse caso, a contagem (b.1) *in ordine* (cf. 3.188) dos graus da lua até o sol (☽ → ☉) resulta em 268°, cuja aplicação (b.2) *κατὰ τὰ ἐπόμενα* a partir do horóscopo (A^{sc}), localizado agora no 23° de Libra, termina no 21° de Câncer, signo em que estará, portanto, o Lote da Fortuna (☽) e a partir do qual se distribuirão os 12 *athla* do círculo (III):

Ora, considerando-se, no caso de Valente, Fírmico (em sua *platica computatio*: cf. *supra*) e Paulo, bem como no dos escoliastas deste e de Ptolomeu, o enunciado: (i) das circunstâncias do dia e da noite, ou das natividades diurna e noturna (cf. Sch. Ptol. Tetr.: ἡμέρας μὲν [...] νυκτὸς δὲ [...]; Vett. Val. 155.5: ἐπὶ μὲν ἡμερινῆς γενέσεως; 155.7: ἐπὶ δὲ νυκτερινῆς; Paul. Al. 47.15-16: τοῖς μὲν ἡμέρας γενομένοις; 48.3: τοῖς δὲ νυκτός; Firm. Mat. *Math.* 4.17.1.27: *In omni genitura nocturna*; 28: *in diurna genitura*); (ii) do procedimento da contagem (b.1) (cf. Sch. Ptol. Tetr.: ἀπὸ Ἥλιου ἐπὶ Σελήνην [...] ἀπὸ Σελήνης ἐπὶ Ἥλιον; Vett. Val. 155.6: ἀπὸ Ἥλιου ἐπὶ Σελήνην; 155.8: ἀπ'αὐτῆς ἐπὶ τὸν Ἥλιον; Paul. Al. 47.16-17: ἀπὸ τῆς ἡλιακῆς μοίρας ἕως τῆς σεληνιακῆς μοίρας; 48.3-4: ἀπὸ τῆς σεληνιακῆς μοίρας ἐπὶ τὴν ἡλιακὴν; Sch. Paul. Al.: ἀπὸ Ἥλιου μέχρι Σελήνην [...] αἱ ἀπὸ τοῦ Ἥλιου μοῖραι ἐπὶ τὴν Σελήνην; Firm. Mat. *Math.* 4.17.1.27-8: *computa a Luna usque ad Solem, a Sole computa rursus ad Lunam*); (iii) da aplicação (b.2) (cf. Sch. Ptol. Tetr.: καὶ τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου [...] ἀπόλυε; Vett. Val. 155.6: καὶ τὰ ἴσα ἀπὸ ὠροσκόπου [sc. λαμβάνειν]; Paul. Al. 47.17-18: τὸν συναχθέντα ἀριθμὸν δεῖ ἐκβάλλειν ἀπὸ τῆς τοῦ ὠροσκόπου μοιρικῆς ἀριθμήσεως; Sch. Paul. Al.: καὶ τὰ ἀπὸ ὠροσκόπου, ἕως οὗ συντελεσθῶσιν αἱ [...] μοῖραι [...], αὐτάς γὰρ ἀπὸ τοῦ ὠροσκόπου ἐκβάλλω; Firm. Mat. *Math.* 4.17.1.1-2: *quantuscumque signorum < fuerit > numerus, tanta ab horoscopo incipiens signa numera*); e (iv) da obtenção do resultado (cf. Paul. Al. 48.1-2: ὅπου ἂν καταλήξῃ ὁ συναχθεὶς ἀριθμὸς, ἐκεῖσε τὸν τῆς Τύχης λέγε εἶναι κληρὸν; Firm. Mat. *Math.* 4.17.1.3-4: *quodque signum habuerit novissimum numerum,*



(Fig. 9: Lote da Fortuna: natividades noturnas.)

ipsius signum locum Fortunae demonstrat), — o que se nota, por comparação, na expressão de Manílio, é, por um lado, a observância de certo rol aparentemente comum de expressões (cf. 3.187: *si [...] dies*; 194: *cum [...] nox*; 188: *a sole ad lunam; numerabis; partes*; 300: *numerare*; cf. *infra*) e, por outro, a expansão ou amplificação *poética* de alguns daqueles enunciados, sem que tal expansão implique, contudo, aumento ou acréscimo de precisão *técnica* nos pontos em que tais enunciados em geral não a apresentam (cf. *supra*), vale dizer, nos pontos em que importaria, para maior clareza (cf. *infra*), precisar os sentidos da operação (b). Assim, o enunciado preliminar das circunstâncias diurna e noturna das natividades é alongado pelo uso da perífrase e do epíteto:

- (i) (...) *si forte dies nascentem exceperit alma* (3.187);
 at, cum obducta nigris nox orbem texerit alis,
 siquis erit qui tum materna excesserit aluo (3.194-5);

Assim também, quanto ao procedimento da contagem (b.1), a inversão simples (cf. 3.196: *uerte uias*; cf. *infra*), de $\ominus \rightarrow \mathfrak{D}$ a $\mathfrak{D} \rightarrow \ominus$, dá ocasião à descrição da Lua como Febe, “a imitar a luz do irmão (sc. o Sol)” e “a reinar em seu período próprio” (cf. 3.198: *in proprio [...] tempore*), que é a noite:

- (ii) *a sole ad lunam numerabis in ordine partes*
 signorum (3.188-9);
 consule tum Phoeben imitantem lumina fratris
 semper et in proprio regnantem tempore noctis;
 quotque ab ea Phoebus partes et signa recedit
 (...) (3.197-9);

Quanto à aplicação (b.2), é o próprio horóscopo, “ponto cardeal ortivo” (3.189: *ortiuo [...] cardine*), que, “fulgente”, “manda contar a partir de si” (cf. 3.200: *a se*):

- (iii) (...) *ortiuo totidem de cardine duces,*
 quem bene partitis memorant horoscopon astris (3.189-90);
 (...)
 tot numerare iubet fulgens horoscopos a se (3.200);

No enunciado, enfim, da última etapa do procedimento, a identificação do grau do signo em que estará o Lote da Fortuna, a expressão do poeta não dista muito daquela de Paulo (cf. Paul. Al. 48.1-2: ὅπου ἂν καταλήξῃ ὁ συναχθεὶς ἀριθμὸς, ἐκεῖσε τὸν τῆς Τύχης λέγε

εἶναι κληῖρον) ou Fírmico (Firm. Mat. *Math.* 4.17.1.3-4: *quodque signum habuerit novissimum numerum, ipsius signum locum Fortunae demonstrat*):

(iv) in quodcumque igitur numerus peruenerit astrum
hoc da Fortunae (3.191-2);

hunc Fortuna locum teneat (3.201).

Ademais, quanto aos sentidos em que se devem fazer a contagem (b.1) e a aplicação (b.2), o enunciado poético de Manílio, como disse acima, segue de perto a generalidade dos enunciados técnicos: de fato, excetuada a menção feita à sequência de distribuição dos doze *athla* a partir do Lote da Fortuna (cf. 3.192-3: *iunges tum cetera signis / athla suis, certo subeuntibus ordine cunctis*, “juntará, em seguida, as restantes atividades aos respectivos signos, a seguirem todos em ordem fixa”; 3.201-2: *hunc Fortuna locum teneat subeuntibus athlis, / ordine naturae sicut sunt cuncta locata*, “ocupe a Fortuna esse lugar, seguindo-se as demais atividades, assim como por ordem da natureza estão todas posicionadas”), as expressões relativas aos sentidos da operação (b) se resumem ao breve e pouco claro *in ordine*, para o sentido (ii) (cf. *supra*, p. 149) da contagem (b.1) (cf. 3.188: *a sole ad lunam numerabis in ordine partes*, “do Sol até a Lua contarás *em ordem* os graus dos signos”), cujo significado presumo equivalente àquele de *per signa sequentia* (Υ Θ Π etc.) na *ratio* feita *partiliter* de Fírmico (cf. Firm. Mat. *Math.* 4.17.4.5-7: *a Lunae parte incipiens et per signa sequentia simili modo pergens usque ad partem Solis totas signorum colligis partes*, “começando do grau da Lua, e *pela sequência dos signos*, de modo semelhante, continuando até o grau do Sol, reúnes os graus todos dos signos”; cf. *supra*),⁹⁶ e ao breve *uerte uias*, tradução de Manílio para o τὸ ἀνόπαλι, aplicado à inversão do ponto de partida na contagem (b.1) (de ☉ → ☽ a ☽ → ☉; cf. 3.197: *consule tum Phoeben*, “consulta, então, Febe”), que o poeta correlaciona, aliás, à inversão da “ordem da natureza” (cf. 3.196: *uerte uias, sicut naturae uertitur ordo*, “inverte o caminho, assim como da natureza se inverte a ordem”); já quanto ao

⁹⁶ A esse respeito, é esclarecedora a pequena paráfrase de Escalígero (1655: 196): “In diurna genitura hoc modo progredere. A Sole ad Lunam per signa consequentia numera. Eas partes abiice ab Horoscopo: id est, numera per signa consequentia, initio facto ab Horoscopo. Hoc enim Manilius vocat deducere, & Graeci ἐκβάλλειν”, “Na natividade diurna, procede deste modo: do sol até a lua conta (os graus) conforme a sequência dos signos. Esses graus aplica a partir do horóscopo, isto é, conta-os conforme a sequência dos signos, começando pelo horóscopo. É o que Manílio chama de *deducere*, e os gregos, de ἐκβάλλειν”. Quanto à expressão *a sole ad lunam* (cf. Man. 3.188) Escalígero comenta (*ad loc.*): “κατὰ τὰ ἐπόμενα scilicet: per consequentiam Signorum. Hoc enim addiderunt Theoremati Petosiris & Necepsos”, “isto é, κατὰ τὰ ἐπόμενα: conforme a sequência dos signos. Pois isso Petosíris e Nequepsos acrescentaram ao teorema”.

sentido da aplicação (b.2), o poeta não diz mais que seu ponto de início (cf. 3.189: *ortiuo [...] de cardine*; 200: *a se [sc. horoscopo]*), de modo que aí resta presumir (cf. n. 94 e 95),⁹⁷ ou não,⁹⁸ a preservação na natividade noturna do sentido “fundamental” (cf. *supra*) da “ordem” *per signa sequentia* da natividade diurna. Resta dizer que a possibilidade de um ou outro entendimento não se imputará unicamente à expressão breve de Manílio, que, nesse ponto como em outros, põe seu vate a “referir” o que já em suas fontes devia ser impreciso.

2.2.3.3. Operação (c): *nati / exprimere [...] horoscopon (3.204-5)*.

Como já antes observei (cf. *supra*, p. 148), a operação (b) depende da realização *prévia* da operação (c) de localização do *horoscopus*, o grau do signo que, no momento preciso da natividade considerada, está a atravessar o ponto de ascensão (A^{SC}) no círculo (II) (cf. *supra*, p. 144), já que a aplicação (b.2), na operação (b) de localização do Lote da Fortuna, se faz *ab horoscopo* (cf. n. 94 e 95).⁹⁹ Quanto à importância da identificação precisa do *horoscopus* para a arte astrológica, relembrem-se os versos 3.203-10 de Manílio, que citei e traduzi mais acima (cf. p. 145; cf. também: n. 80) Já quanto à dificuldade da operação, porém, a descrição sumária que Sexto Empírico faz do procedimento caldeu já aponta para o grau de “precisão” que se poderia esperar, em princípio, da mera observação direta dos fenômenos:

νύκτωρ μὲν (...) ὁ Χαλδαῖος, φασίν, ἐφ' ὑψηλῆς τινος ἀκρωρείας ἐκαθέζετο ἀστεροσκοπῶν, ἕτερος δὲ παρήδρευε τῇ ὠδινούσῃ μέχρις ἀποτέξειτο, ἀποτεκούσης δὲ εὐθὺς δίσκῳ διεσήμαινε τῷ ἐπὶ τῆς ἀκρωρείας. ὁ δὲ ἀκούσας καὶ αὐτὸς παρεσημειοῦτο τὸ ἀνίσχον ζῳδῖον ὡς ὠροσκοποῦν, μεθ' ἡμέραν δὲ τοῖς ὠροσκοπίοις προσεῖχε καὶ ταῖς τοῦ ἡλίου κινήσεσιν. (S. E. M. 5.27.3-28.4)

([...] de noite o caldeu, dizem, no topo de elevada montanha se sentava a observar os astros, e outro assistia à parturiente até que parisse; tendo ela parido, com um disco este imediatamente indicava [sc. a natividade] àquele no topo da montanha. Este, ao ouvir, assinalava, ele também, o signo que estava a aparecer como ascendente; de dia, porém, para os relógios atentava e para os movimentos do Sol.)

⁹⁷ Como é, por exemplo, o entendimento de du Fay (1679 ap. Valpy 1828: 417-20) e Housman (1916: vii-viii).

⁹⁸ Como é, por exemplo, o entendimento de Escalígero (1655: 197-8) e Pingré (1786: 249-51).

⁹⁹ Sobre os problemas relativos à determinação do horóscopo, cf. Bouché-Leclercq 1899: 372-90; cf. também Abry 1998: 307.

À parte os outros pontos da crítica de Empírico — a dúvida quanto ao momento exato da natividade (cf. S. E. M. 5.55-66) e os diversos problemas que concernem à medição do fluxo do tempo pelos diversos tipos de relógios (cf. 5.67-72), pontos sobre os quais Manílio nada diz —, a dificuldade na identificação, não já do signo em ascensão, mas do grau preciso deste (cf. S. E. M. 5.73-85; Man. 3.215: *tantae molis minimum deprehendere punctum*, “de tão grande massa descobrir um ponto minúsculo”) é devidamente reconhecida pelo vate das *Astronômicas*, que correlaciona o laborioso da operação à importância de seu efeito (cf. 3.211: *quanta effectu, res est tam plena laboris*). Enunciando-se as etapas todas da operação, trata-se, em resumo, de (c.1) anotar a hora natal (H_N), isto é, o horário em que se deu a natividade, de (c.2) contar o intervalo de tempo (Δ_t) entre horário do nascer do Sol (H_{NS})¹⁰⁰ e a hora natal ($\Delta_t = H_N - H_{NS}$), de (c.3) converter o intervalo de tempo (Δ_t) num intervalo de graus (Δ_g), de (c.4) aplicar o intervalo (Δ_g) ao longo do Zodíaco, *per signa sequentia* (♈ δ ♀ etc.), a partir do grau ocupado pelo Sol ($\odot + \Delta_g$); no grau do signo em que o número assim obtido e aplicado terminar, aí estará o *horoscopus*, isto é, o grau do signo em ascensão no momento da natividade ($\odot + \Delta_g = A^{sc}$) (cf., por exemplo, Paul. Al. 80.3-81.4; *infra*). Nesse resumo, o detalhe que dou à etapa (c.1) se deve justamente à dificuldade dupla que há em correlacionar a ocorrência da natividade a certa marcação de tempo (por meio de algum instrumento, como um relógio solar ou uma clepsidra: cf. Ptol. *Tetr.* 3.1-2): ora, é necessário não só ter definido antes qual seja o momento preciso da natividade — se deve ser contado, como questiona Empírico, já “a partir da emissão do esperma e da concepção” (cf. S. E. M. 5.55.4-5: ἀπὸ τῆς τοῦ σπέρματος καταβολῆς καὶ συλλήψεως) “ou a partir do parto” (ἢ ἀπὸ τῆς ἐκτέξεως) —, como também dispor de algum aparato técnico que permita tomar medidas regulares do tempo (cf. 5.67-72). Como disse, o vate de Manílio nada enuncia a respeito de tais dificuldades, que não são objeto apenas do exame crítico de Empírico, senão também da exposição técnica de Ptolomeu, que consagra grande destaque à questão (cf. Ptol. *Tetr.* 3.2-3) e que toma o “começo cronológico” (cf. Ptol. *Tetr.* 3.2.1.1: Ἀρχῆς [...] χρονικῆς) da natividade, sendo este “por natureza” (cf. 3.2.1.2: φύσει) a concepção (τὴν σποράν), como o momento em que a criança sai do ventre (cf. 3.2.3.2: τὴν ἐκτροπήν), momento mais frequentemente conhecido (cf. 3.2.3.1) e, embora posterior à concepção, igual a esta pela autoridade e influência (cf. 3.2.3.7: τῆ δυνάμει); quanto à medição do fluxo do tempo, baste aqui dizer que a complexidade do método de

¹⁰⁰ No caso, porém, das natividades noturnas, a contagem é feita a partir do pôr do sol: cf. *infra*, p. 213, n. 147.

localização do *horoscopus* exposto por Ptolomeu se deve justamente à dificuldade na determinação, não da hora, mas das frações desta, pelos relógios em geral.¹⁰¹ Por outro lado, quanto às demais etapas da operação (c), meu resumo também passa em silêncio (cf. *supra*, p. 149) certo número de precisões que mesmo um enunciado repleto de omissões como o de Manílio (cf. *infra*) não deixa de fazer, ora mais ora menos diretamente. Em primeiro lugar, é necessário não só que se tomem com precisão as medidas horárias em (c.1) e (c.2) — supondo-se, então, que isso não represente um problema prático para o *discipulus* do vate —, mas também que a tomada de tais medidas seja feita por meio do uso de certo padrão de medição horária que possa aplicar-se a qualquer caso em geral, e não apenas à circunstância particular sob exame (cf. *infra*). Em segundo lugar, a conversão (c.3) de um intervalo de tempo (Δ_t) num intervalo de graus (Δ_g) deve ser feita conforme uma *ratio* que indique quantos graus devam corresponder a quantas unidades de tempo. Ora, o poeta começa sua lição pela exposição da *ratio* que ele chama de “vulgar” (cf. 3.218: *uulgatae [...] rationis*):

Nec me uulgatae rationis praeterit ordo,
 quae binas tribuit signis surgentibus horas
 et paribus spatiis aequalia digerit astra,

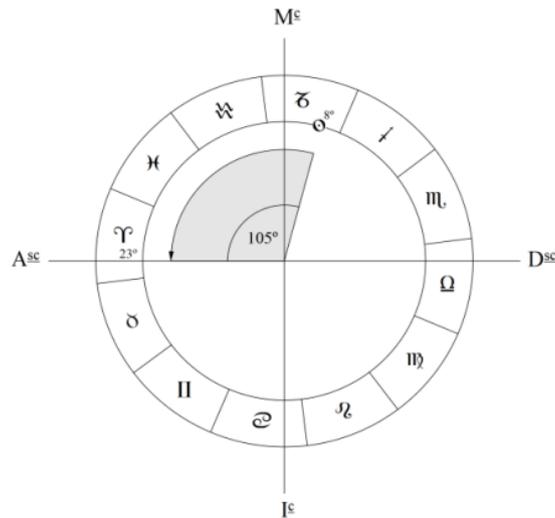
¹⁰¹ Cf. Ptol. *Tetr.* 3.3.1-2: Ἐπειδὴ περὶ τοῦ πρώτου καὶ κυριωτάτου, τουτέστι τοῦ μορίου τῆς κατὰ τὴν ἔκτροπὴν ὥρας, ἀπορία γίγνεται πολλάκις, μόνης μὲν ὡς ἐπίπαν τῆς δι' ἀστρολάβων ὠροσκοπειῶν κατ' αὐτὴν τὴν ἐκτεξίν διοπτρεύσεως τοῖς ἐπιστημονικῶς παρατηροῦσι τὸ λεπτὸν τῆς ὥρας ὑποβάλλειν δυναμένης, τῶν δὲ ἄλλων σχεδὸν ἀπάντων ὠροσκοπειῶν, οἷς οἱ πλεῖστοι τῶν ἐπιμελεστέρων προσέχουσι, πολλαχῆ διαψεύδεσθαι τῆς ἀληθείας δυναμένων, τῶν μὲν ἡλιακῶν παρὰ τὰς τῶν θέσεων καὶ τῶν γνωμόνων ἐπισυμπιπτού-σας διαστροφάς, τῶν δὲ ὑδρολογίων παρὰ τὰς τῆς ρύσεως τοῦ ὕδατος ὑπὸ διαφόρων αἰτιῶν καὶ διὰ τὸ τυχὸν ἐποχάς τε καὶ ἀνωμαλίας, ἀναγκαῖον ἂν εἶη προπαραδοθῆναι, τίνα ἂν τις τρόπον εὐρίσκοι τὴν ὀφειλουσαν ἀνατέλλειν μοῖραν τοῦ ζῳδιακοῦ κατὰ τὸν φυσικὸν καὶ ἀκόλουθον λόγον προυποτεθείσης τῆς κατὰ τὴν διδομένην σύνεγγυς ὥραν διὰ τῆς τῶν ἀναφορῶν πραγματείας εὐρισκομένης, “Como sobre o primeiro e mais importante (dado), isto é, (sobre) o grau (correspondente à) hora (no momento) da natividade, dificuldades acontecem frequentemente — sendo em geral apenas o exame por meio de astrolábios horoscópios capaz de ditar os minutos da hora aos que observam cientificamente, sendo quase todos os outros relógios para os quais atenta a maioria dos mais cuidadosos capazes de enganar-se de diversas maneiras quanto à verdade: os (relógios) solares, pelas distorções acidentais de seu posicionamento e dos gnômons; as clepsidras, pelo fluxo da água por diferentes razões, quer por casual retenção (d'água) quer por irregularidade —, seria necessário ensinar de que modo se pode descobrir o grau do zodíaco que deve estar em ascensão segundo um método natural e consistente, pressupondo-se o (grau), encontrado por meio do procedimento das ascensões, conforme a hora dada por aproximação”. Ptolomeu sugere, então, o emprego de outro método para a descoberta, não do signo em ascensão, que pode ser obtido a partir da simples constatação da hora, mas do grau deste que está em ascensão no momento da natividade; tal método consiste em: (1) tomar a hora (aproximada) do nascimento (por meio do astrolábio ou de algum outro instrumento, como a clepsidra); (2) buscar numa tabela de ascensões (no *Almagesto*, por exemplo) o grau (aproximado) do signo em ascensão para a latitude e a hora em questão; (3) tomar, a partir da conjunção ou oposição precedente ao nascimento, o grau do luminar (sc. sol ou lua) que está no céu; (4) notar qual é o planeta dominante desse grau, segundo os critérios da triplicidade, da casa, da exaltação, dos termos e da aparição e configuração; (5) notar qual é o grau ocupado por tal planeta no momento da natividade; (6) julgar que o mesmo grau estará em ascensão no signo ascendente; havendo, porém, mais de um planeta dominante, escolher aquele cujo grau mais se aproxima do grau ascendente indicado pela tabela de ascensões: cf. Ptol. *Tetr.* 3.3.3.1-5.6.

ut parte ex illa, qua Phoebi coeperit orbis,
 discedat numerus summamque accomodet astris,
 donec perueniat nascentis tempus ad ipsum,
 atque, ubi substiterit, signum dicatur oriri. (3.218-24)

(Nem me escapa o procedimento do método vulgar, que duas horas atribui à ascensão de cada signo e dispõe os astros como iguais em espaços idênticos, de modo que o número [sc. de horas convertido em graus de signos] parta daquele grau em que a órbita de Febo principiou, e acomode o total [de graus] aos signos, até que alcance o tempo mesmo do nascido [sc. da natividade], e [de modo que,] onde houver terminado [sc. o número], [aí] se diga que está o signo a ascender.)

Ocorre, em primeiro lugar, que a “hora”, nesse caso, é a hora *natural* (h_N) (cf. 3.237-40), ou seja, um duodécimo do tempo decorrido entre o nascer e o pôr-do-sol; em segundo lugar, a *ratio* de conversão aí adotada diz que $2h_N$ devem ser atribuídas à ascensão de 1 signo; como cada signo consta de 30° (cf. 2.696: *cum tricenas per partes sidera constant*), então, por essa *ratio*, $1h_N$ corresponde à ascensão de 15° do Zodíaco. Se assim é, no caso, então, de uma natividade ocorrida, por exemplo, ao fim da sétima hora natural, do nascer do Sol até o momento do nascimento (cf. 3.223: *nascentis tempus ad ipsum*) terão ascendido 105° ($= 7h_N \times 15^\circ$) do Zodíaco; estando o Sol, no dia dessa natividade, no 8° de Capricórnio (cf. *infra*), a aplicação de 105° a partir desse grau (cf. 3.221: *parte ex illa per signa sequentia* (Υ δ II etc.) terminará no 23° de Áries, que será, portanto, o grau em ascensão no momento da natividade e que determinará, enfim, a posição dos demais pontos cardeais (M^c , I^c e D^{sc} : cf. *supra*, p. 143) relativamente ao círculo do Zodíaco:¹⁰²

¹⁰² Como parafraseia Escalígero (1655 *ad loc.*): “Quot signa ab ortu solis ad tempus geniturae ascendent, tot binas horas distribuunt”, “Tantas duplas horas atribuiriam (sc. os praticantes da *ratio uulgata*), quantos fossem os signos que ascendessem desde o nascer do sol até o instante da natividade”.

(Fig. 10: *Ratio uulgata*.)

É de notar, aliás, pela maneira como explico e exemplifico acima os versos 3.218-24 de Manílio, que o poeta deixa à inteligência do leitor a etapa (c.3) de conversão, já que, empregando expressões de *tempo* (cf. 3.219: *horas*; 223: *tempus*), está a presumir, porém, que o “número” (cf. 3.222: *numerus*) a ser aplicado sobre o Zodíaco “a partir do grau” (cf. 3.221: *parte ex illa*) do Sol é já o resultado da conversão *prévia* do *tempo* em *graus* conforme a *ratio uulgata* ($1h_N = 15^\circ$ do Zodíaco). De todo modo, se o poeta expõe tal *ratio*, é para recusá-la (cf. 3.225: *Sed*) e, a partir daí, corrigi-la (cf. 3.225-442), já que sua lição também ensina, ainda que por caminhos descontínuos (cf. *infra*), que $1h_N$ nem sempre equivalerá à ascensão de 15° do Zodíaco: ora, diferentemente do que pressupõe o método “vulgar” de localização do horóscopo, os signos não empregam, cada qual, igualmente duas horas naturais em seu levante, porque, em primeiro lugar, o círculo do Zodíaco se dispõe de modo inclinado em relação ao horizonte (cf. 3.225) e, em segundo lugar, os signos se diferenciam quanto à postura particular que apresentam, ora mais inclinada ora mais reta (cf. 3.225-8), o que torna a ascensão de uns mais rápida que a de outros, pois, numa extensão igual de tempo, mais graus de um signo inclinado do que de outro reto se elevam para cima do horizonte; em terceiro lugar, porque, ainda que ascensão dos signos acontecesse em “espaços iguais” (cf. 3.220: *paribus spatiis*) e a atribuição de $2h_N$ à ascensão de cada um deles estivesse correta, as variações sazonais na duração do dia (cf. 3.238-40) fazem que a duração de $1h_N$, um duodécimo do intervalo de tempo entre o nascer e o pôr-do-sol, *varie* conforme este intervalo seja mais longo, como nos dias de verão, ou mais curto, como nos de inverno, de modo que atribuir $2h_N$ à ascensão de um signo significa medir um evento regular — a ascensão de um dos seis

signos que sempre se sucedem acima da terra, uns mais inclinados e rápidos, outros mais retos e lentos, no espaço de um dia ou no espaço de uma noite (cf. 3.241-2) — por meio de um “padrão” em si mesmo variável, já que $2h_N$ numa estação podem ser mais curtas ou longas que $2h_N$ noutra estação. Diante disso é que o poeta se pergunta:

In tam dissimili spatio uariisque dierum
umbrarumque modis quis credere possit in auras
omnia signa pari mundi sub lege meare? (3.235-7)

(Em tão dessemelhante espaço de tempo e em tão variados limites de dias e sombras, quem poderia acreditar que os signos todos fazem seu caminho para os ares segundo a mesma lei do universo?)¹⁰³

E simplesmente conclui:

Quo fit ut in binas non possint omnia nasci (...) (3.243)

(Daí segue que não podem os signos todos nascer em duas horas cada um [...].)

Assim é que, para não serem “falseados os pontos cardeais” (cf. 3.208: *cardinibus* [...] *falsis*), nem ser “mentirosa” a imagem que o céu mostra (cf. 3.209: *mentitur faciem mundus*), cumpre ao astrólogo, no entender do vate de Manílio, conhecer e compreender as *rationes* subjacentes às variâncias percebidas nos *fenômenos* da natureza, de modo a poder calcular o ponto cardeal do *horoscopus* em conformidade com tais variâncias.

2.2.3.3.1. O controle sobre a variável do tempo.

A hora “equinocial” (h_E), dada pelos equinócios de primavera ou outono, quando um duodécimo da duração do dia equivale a um duodécimo da duração da noite, é a medida de hora que, sendo ela mesma *invariável*, pode ser usada para medir justamente o fenômeno da *variação* na duração dos dias e noites em qualquer estação do ano, servindo, assim, como *regula* eficiente para indicar em que proporção o dia, numa dada estação do ano, é mais longo ou mais curto que a correspondente noite:

Nec tibi constabunt aliter uestigia ueri,

¹⁰³ Marciano Capela, leitor de Manílio, assim dispõe (§ 846 8-10): *in tanta uarietate diuersitateque temporum illud profecto colligitur signa aequalia non habenda*, “em tamanha variedade e diversidade de tempos, conclui-se, com efeito, que os signos não hão de ser tidos por iguais”.

ni, lucem noctemque parís dimensus in horas,
 in quantum uario pateant sub tempore noris,
 regulaque exacta primum formetur in hora
 quae surgens sidensque diem perpendat et umbras.
 haec erit, in Libra cum lucem uincere noctes
 incipiunt uel cum medio concedere uere.
 tunc etenim solum bis senas tempora in horas
 aequa patent, medio quod currit Phoebus Olympo. (3.247-55)

(Nem de outro modo estará certo para ti o caminho da verdade se não, tendo medido em horas iguais a luz do dia e a noite, notares a quanto se estendem tais horas mudando-se a estação, e se não se conceber, em primeiro lugar, uma regra que se fundamente numa hora exata que, com acréscimo [sc. um lado] e decréscimo [sc. de outro], mantém o dia e as sombras da noite em constante equilíbrio. Esta hora será quando em Libra as noites começam a vencer as luzes do dia ou a ceder a elas no meio da primavera. Pois somente então é que as durações [sc. do dia e da noite] se estendem iguais em duas vezes seis horas, já que Febo corre no meio do Olimpo.)

Qual seja, porém, a razão de ser necessário ao astrólogo medir tais variações na duração do dia e da noite, conforme se trate dos dias mais curtos do inverno ou dos mais longos do verão, é algo que o vate deixa à inteligência de seu discípulo. Ora, pela disposição que Manílio confere ao enunciado de seu vate, o que seu discípulo deverá deduzir é que a partir de tais variações é que deverão ser calculadas as proporções entre os *variados tempos de ascensão* dos signos, de modo que seja possível realizar a conversão (c.3) conforme uma nova *ratio*, diferente da “vulgar”, que considere o tempo *equinocial* que cada signo *em particular* emprega em sua ascensão, uma vez que “não podem os signos todos nascer em duas horas (sc. naturais) cada um” (cf. 3.243: *in binas non possint omnia nasci*).¹⁰⁴ A essa altura, porém, o vate também não diz de que modo se podem calcular os diferentes tempos de ascensão dos signos a partir do conhecimento da proporção entre as durações do dia e da noite medidas em horas equinociais; isso ele fará só depois (cf. *infra*, p. 182). Em vez disso, o que faz o vate é apresentar um caso *particular* em que aqueles tempos de ascensão já estão calculados (cf. 3.275-300; *infra*, p. 177). Trata-se da latitude *particular* em que a proporção é de 14,5h_E (ou 14h30) para 9,5h_E (ou 9h30) (cf., porém, *infra*, n. 105), respectivamente na duração do dia para a da noite, no solstício de verão, e na da noite para a do dia, no de inverno:

Is cum per gelidas hiemes summotus in austros
 fulget in octaua Capricorni parte biformis,

¹⁰⁴ O fenômeno da desigualdade nos tempos de ascensão de cada duodécimo do Zodíaco já fora objeto da geometria de Euclides (III a.C.) em seus *Φαινόμενα* (Menge 1916) e da explicação matemática do fragmentado *Ἀναφορικός* de Hipsicles (II a.C.) (Krause e de Falco 1966); cf. Neugebauer e van Hoesen 1959: 11, e Neugebauer 1975: 706-36, 764. Para um excelente tratamento da questão, no âmbito da astronomia como no da astrologia, cf. Abry 1998.

tunc angusta dies uernalis fertur in horas dimidiam atque nouem, sed nox oblita diei bis septem apposita, numerus ne claudicet, hora	260
dimidia. sic in duodenas exit utrimque et redit in solidum natura condita summa. inde cadunt noctes surguntque in tempora luces,	263
nunc huc nunc illuc gradibus per sidera certis impulsae, quorum ratio manifesta per artem	268
collecta est uenietque suo per carmina textu, donec ad ardentis pugnarunt sidera Cancrici;	270
atque ibi conuersis uicibus mutantur in horas brumalis, noctemque dies lucemque tenebrae	264
hibernam referunt, alternaque tempora uincunt.	265
atque haec est illas demum mensura per oras quas rigat aestiuus grauidus torrentibus amnis	267
Nilus et erumpens imitatur sidera mundi per septem fauces atque ora fugantia pontum. (3.256-74)	271

(Quando este [sc. o Sol], afastado para junto dos austros pelas gélidas tempestades, fulge no oitavo grau do biforme Capricórnio, o dia, curto então, conta não mais que nove horas vernais e meia, ao passo que a noite, esquecida do dia, conta duas vezes sete horas, acrescentada, para que a conta não dê errado, meia hora. Assim, a soma prescrita pela natureza se divide de modo a compensar de lado a lado as doze horas, retornando, desse modo, o total. A partir desse ponto, as noites diminuem em duração e as luzes do dia aumentam, impelidas com passos regulares ora para cá ora para lá ao longo dos signos (destes passos está compreendida, em nossa arte, uma clara demonstração, que terá, em meu poema, sua exposição), até que se tenham enfrentado junto ao signo do ardente Câncer; e aí, só que em sentido contrário, tais dias e noites transformam-se em horas invernais: o dia reproduz a duração da noite, e as trevas, a da luz de inverno, vencendo, assim, uma estação a outra alternadamente. E esta é precisamente a medida ao longo daquelas regiões que o Nilo rega, cheio pelas correntes estivais, o qual, irrompendo através de sete fauces e embocaduras que repelem as águas do mar, imita os astros do céu.)

Parece-me que, assim nesse passo como em vários outros (cf., por exemplo, 3.301-84, 448-82), o que chama a atenção do poeta é o aspecto de simetria que ele observa nos processos e fenômenos naturais (cf. 3.261: *utrimque*; 263: *cadunt noctes surguntque* [...] *luces*; 268: *nunc huc nunc illuc*; 265: *conuersis uicibus*; 266: *noctemque dies lucemque tenebrae*; 267: *alterna* [...] *tempora*), aspecto que lhe interessa, também, na comparação poética que faz entre o Nilo e os “astros do céu” (cf. 3.273-4), os cinco planetas e dois luminares, na forma dos *sidera mundi* (cf. 3.273), cujo número aquele rio “imita” (cf. 3.273: *Nilus* [...] *imitatur*) com suas “sete fauces” (cf. 3.274: *septem fauces*). Se tal comparação, por outro lado, atenta para a aparência de certa *simpatia* ou *consenso* místico, por assim dizer, entre o fenômeno fluvial e o celeste, o fato é que a referência ao Nilo — motivada ou não pelas “vozes” (cf. Cap. 1, p. 28, n. 25, e p. 76) de outros poetas (cf. Catul. 11.7-8: *septemgeminus* [...] / [...] *Nilus*; Verg. A. 6.800: *septemgemi* [...] *Nili*) — é para ser tomada tecnicamente como uma referência à latitude das regiões “regadas” por tal rio (cf. 3.271-3: *oras* / *quas rigat* [...] *amnis* / *Nilus*), onde vale, segundo

o poeta, aquela proporção de 14,5h_E para 9,5h_E (cf. *supra*) nos dias de solstício (cf. 3.271: *haec est illas demum mensura per oras*); tal proporção, contudo, é apresentada por Ptolomeu como válida apenas para o “11° paralelo”, que é a latitude, não das “regiões regadas pelo Nilo”, mas de Rodas (cf. Ptol. *Alm.* 1.1.109.5-8: ἐνδέκατος ἔστι παράλληλος, καθ’ ὃν ἂν γένοιτο ἡ μεγίστη ἡμέρα ὥρων ἰσημερινῶν <ιδ>’L’. ἀπέχει δ’οὗτος τοῦ ἰσημερινοῦ μοίρας <λς> καὶ γράφεται διὰ Ῥόδου, “O décimo primeiro paralelo é aquele no qual o dia mais longo pode ser de 14,5 horas equinociais. Ele dista 36° do equador [*celeste*] e é traçado através de Rodas”).¹⁰⁵ O que faz Manílio, muito provavelmente, é a exposição, em 3.275-300, dos tempos de ascensão particulares à latitude de Rodas, enunciada em 3.256-74, tal como já deve tê-los encontrado e lido em suas fontes, isto é, também equivocadamente associados à cidade de Alexandria, como faz Fírmico Materno (cf. Firm. Mat. *Math.* 2.11.2-4), ou sem especificação de latitude, como fazem, por exemplo, Vétio Valente (cf. Vett. Val. 23.16-24.21; *infra*) e, de modo geral, Marciano Capela (Mart. Cap. § 844-5; *infra*).¹⁰⁶ É deste último, aliás, a exposição dos diferentes tempos de ascensão dados apenas em horas e frações de hora equinociais, em sua demonstração das diferenças nos tempos de ascensão e descensão relativamente à postura ora mais inclinada ora mais reta dos signos (cf. Man. 3.225-8):

Temporum quoque ipsorum, quibus oriuntur aut occidunt, habenda distantia est. Nam quae transversa oriuntur et recta occidunt, celeriores ortus habent, quam occasus; contra autem quae recta oriuntur et transversa conduntur, tardius oriuntur quam occidunt. Nam Cancri signum recte oritur inclinatumque mersatur (...); oritur autem duabus horis et duodecima parte horae, et hora occidit ac deunce; minima in isto distantia. Leo autem oritur duabus horis et tertia parte horae, occidit vero hora et semis et sexta parte. Virgo oritur horis duabus et dimidia et sexta parte horae, occiditque hora et tertia parte. [similiter Libra.] At Scorpius diminuit ortum et auget occasum; oritur enim horis duabus et tertia parte, occidit hora <et> semis et sexta parte horae. At Sagittarius oritur horis duabus et duodecima parte horae, occidit hora et deunce horae. Ad inuicem quae transversa oriuntur et recta occidunt, breviores ortus occupant quam occasus. Denique ex his est signum Capricorni, quod oritur hora et deunce, occidit duabus horis et duodecima parte horae. Aquarii uero proximum signum oritur hora et dimidia et sexta parte [horae], occidit horis duabus et tertia parte horae. Sequens hos Piscium signum oritur hora et tertia parte horae, occidit duabus horis et dimidia et sexta horae parte; eandem mensuram Aries utriusque temporis seruat. Taurus oritur hora et dimidia et sexta parte horae, occidit duabus horis et tertia

¹⁰⁵ Para a latitude que Manílio considera (a das “regiões banhadas pelo Nilo”: cf. 3.271-4), a relação que Ptolomeu apresenta é de 14h_E (no dia mais longo ou na noite mais longa) para 10h_E (no dia mais curto ou na noite mais longa respectivamente): cf. Ptol. *Alm.* 1.1.108.15-18: ἑνατός ἔστι παράλληλος, καθ’ ὃν ἂν γένοιτο ἡ μεγίστη ἡμέρα ὥρων ἰσημερινῶν <ιδ>. ἀπέχει δ’οὗτος τοῦ ἰσημερινοῦ μοίρας <λ> <κβ> καὶ γράφεται διὰ τῆς κάτω χώρας τῆς Αἰγύπτου, “O nono paralelo é aquele no qual o dia mais longo pode ser de 14 horas equinociais. Ele dista 30°22’ do equador [*celeste*] e é traçado através da região do Egito”. Sobre essa e outras imprecisões na geografia de Manílio, cf. Abry 1992.

¹⁰⁶ Sobre os “erros” técnicos de Manílio como resultado de confusões existentes já em suas fontes, cf. Liuzzi (ed.) 1993: 7-8; sobre o uso recorrente da latitude de Alexandria nos textos astrológicos antigos, cf. Abry 1998: 314-15.

parte horae. At Gemini oriuntur hora et deince, occidunt duabus horis et duodecima parte. (Mart. Cap. § 844-5)

(Ainda entre os tempos mesmos em que ascendem e descendem [sc. os signos] deve ser considerada a diferença. Com efeito, os que ascendem atravessados e descendem retos têm os levantes mais rápidos que os ocasos; por outro lado, os que ascendem retos e se recolhem atravessados, ascendem mais lentamente do que se põem. De fato, o signo de Câncer ascende de modo reto e mergulha inclinado [...]; ora, [ele] ascende em duas horas e um duodécimo de hora [sc. 2h05], e se põe em uma hora e 11/12 [de hora] [sc. 1h55]; é mínima nesse [sc. signo] a diferença. Leão, por sua vez, ascende em duas horas e um terço de hora [sc. 2h20], mas se põe em uma hora e meia e um sexto [de hora] [sc. 1h40]. Virgem ascende em duas horas e meia e um sexto de hora [2h40], e se põe em uma hora e um terço [1h20]. [Libra semelhantemente.] Já Escorpião diminui o levante e alonga o ocaso [sc. relativamente a Virgem], pois ascende em duas horas e um terço [sc. 2h20], e se põe em uma hora e meia e um sexto de hora [sc. 1h40]. Já Sagitário ascende em duas horas e um duodécimo de hora [2h05], e se põe em uma hora e 11/12 de hora [sc. 1h55]. Reciprocamente, os [sc. signos] que ascendem atravessados e se põem retos ocupam ascensões mais breves que os ocasos. Destes, enfim, é o signo de Capricórnio, que ascende em uma hora e 11/12 [de hora] [sc. 1h55], e se põe em duas horas e um duodécimo de hora [sc. 2h05]. O próximo signo, de Aquário, por sua vez, ascende em uma hora e meia e um sexto [de hora] [sc. 1h40], e se põe em duas horas e um terço de hora [sc. 2h20]. Em seguida a esses, o signo de Peixes ascende em uma hora e um terço de hora [sc. 1h20], e se põe em duas horas e meia e um sexto de hora [2h40]; a mesma medida de um tempo e de outro Áries preserva [sc. 1h20 e 2h40]. Touro ascende em uma hora e meia e um sexto de hora [sc. 1h40], e se põe em duas horas e um terço de hora [2h20]. O signo de Gêmeos, por sua vez, ascende em uma hora e 11/12 [de hora] [sc. 1h55], e se põe em duas horas e um duodécimo [sc. 2h05].)¹⁰⁷

Ora, além da medida dada em horas, escolhida por Marciano Capela, existe ainda a medida dada em graus do equador celeste: como $1h_E$ corresponde a um duodécimo da duração do dia nos equinócios (cf. *supra*), e como, nesse caso, o Sol percorre do levante ao poente — em seu movimento aparente em relação à terra, bem entendido — um arco de 180° do equador celeste, então $1h_E$ é o tempo que corresponde à ascensão de um duodécimo desse arco, ou seja, $15^\circ (= 180^\circ/12)$;¹⁰⁸ daí que os tempos de ascensão dos signos

¹⁰⁷ Os números de Marciano Capela podem ser organizados de modo mais claro por meio da seguinte tabela, que dispõe na mesma linha os signos em oposição diametral no círculo do Zodíaco, mostrando, por isso, como o tempo de ascensão de um signo, tal como dado por Capela, corresponde ao tempo de descensão do signo que lhe é diametralmente oposto:

Signos que ascendem retos e descendem inclinados:			Signos que ascendem inclinados e descendem retos:		
Signo:	Ascensão:	Descensão:	Signo oposto:	Ascensão:	Descensão:
♈	2h05	1h55	♏	1h55	2h05
♉	2h20	1h40	♐	1h40	2h20
♊	2h40	1h20	♑	1h20	2h40
♋	2h40	1h20	♒	1h20	2h40
♌	2h20	1h40	♓	1h40	2h20
♍	2h05	1h55	♎	1h55	2h05

(Tab. 2: Tempos de ascensão e descensão dos signos [Mart. Cap. § 844-5].)

¹⁰⁸ A esse respeito, cf. Neugebauer 1975: 40 e 367.

podem ser dados tanto em horas e minutos equinociais como em graus e minutos do equador celeste, em medições duplas; nesse caso, então, como $60\text{min} = 15^\circ$, então $4\text{min} = 1^\circ$, $2\text{min} = \frac{1}{2}^\circ$ (ou $30'$), e $1\text{min} = \frac{1}{4}^\circ$ (ou $15'$); ou como explica Valente, antes de expor os tempos de ascensão dos signos, ainda que sem particularizar uma latitude:

Πόσων δὲ ὥρων ἕκαστον ζῳδίων ἀναφέρεται, ἐκ τῆς ἐκάστου ἀναφορᾶς γνωστότεον. οἷον ἐπεὶ ὁ Κριὸς ἀναφέρεται ἐν κ', ἡ δὲ ὥρα ἔχει χρόνους ἰσημερινούς ιε', ἐὰν ἀφέλῃς ἐκ τῶν κ' τὰς ιε', λοιπὰ ε', ἃ ἐστὶ τρίτον μέρος τῶν ιε'. ἀνενεχθήσεται οὖν ὁ Κριὸς ὥρα α' καὶ τρίτῳ. (...) ἕκαστον δὲ ζῳδίων πόσῃν πρόσθεσιν ἢ ἀφαιρέσιν ἀναφορᾶς ἔχει, οὕτως γνωστότεον. ἐπεὶ ὁ Κριὸς ἀναφέρεται ἐν κ', ὁ Ζυγὸς ἐν μ' εἰς συμπλήρωσιν τῶν ξ'. ὅσων γὰρ ἕκαστον ἀναφέρεται ζῳδίων, εἰς συμπλήρωσιν τῶν ξ' τὸ κατὰ διάμετρον ζῳδίων ἐφέξει· καὶ ὅσων ὥρων ἕκαστον, εἰς συμπλήρωσιν τῶν δ' ὥρων τὸ κατὰ διάμετρον. (...) ὧ γὰρ πλεονάζει ἕκαστον, τὸ κατὰ διάμετρον λείπεται· ὧ δὲ λείπεται, τούτῳ πλεονάζει τὸ κατ' εὐθύ. ἀφεῖλον οὖν ἀπὸ τοῦ προκειμένου μεγίστου τὸ ἐλάχιστον, τοῦτ' ἐστὶν ἀπὸ τῶν μ' τὰ κ'· λοιπὰ κ'. τούτων τὸ πέμπτον γίνεται δ'· ἢ προσθαφαιρέσεις ἐκάστου ζῳδίου τέτταρα. ταῖς οὖν κ' τοῦ Κριοῦ ἐὰν προσθῶμεν δ', γίνονται κδ'· ἐν τούτοις ὁ Ταῦρος ἀνενεχθήσεται· οἱ δὲ Δίδυμοι ἐν κη', ὁ Καρκίνος ἐν λβ', ὁ Λέων ἐν λς', ἡ Παρθένος ἐν μ', ὁ Ζυγὸς μ'. εἶτα ἀπὸ Σκορπίου ὁμοίως ἀφαιρήσεις δ' ἕως Ἰχθύων. οὕτως καὶ καθ' ἕκαστον κλίμα ζητῶν ἐπιγνώση. (Vett. Val. 23.16-24.21)

(Em quantas horas cada signo ascende [é algo que] cumpre ser conhecido a partir da ascensão de cada um em particular [sc. os signos não ascendem em tempos iguais]. Por exemplo, como Áries ascende em 20° [do equador celeste], e [como] a hora tem 15 tempos equinociais [= 15° do equador celeste], se subtraíres dos 20° os 15° , o restante será de 5° , que é a terça parte dos 15° . Áries se elevará, então, em 1 hora e um terço [de hora]. [...] Cada signo quanto de acréscimo ou de subtração aporta à ascensão, deve ser assim conhecido: como Áries ascende em 20° [do equador celeste], Libra [ascende] em 40° , para a interação de 60° . Pois, conforme o número de [graus] em que ascende cada signo, [o bastante] para a interação de 60° o signo diametralmente oposto ocupará; e de quantas horas [é a ascensão de] cada um, [o bastante] para a interação de 4 horas [será a ascensão de] [o signo] diametralmente oposto; [...]. Pois no que um é aumentado, o diametralmente oposto é diminuído; no que um é diminuído, nisso é aumentado aquele diretamente oposto. Subtrai, então, do maior precedente o menor, isto é, dos 40° [de Libra] os 20° [de Áries]: o resultado [é] 20° . Desses [20°] o quinto é 4° : o acréscimo [ou decréscimo] de cada signo [é] [, assim,] [de] quatro [graus]. Portanto, aos 20° de Áries se acrescentarmos 4° , serão 24° : nesses [24°] Touro ascenderá; Gêmeos em 28° , Câncer em 32° , Leão em 36° , Virgem em 40° , Libra em 40° . Em seguida, a partir de Escorpião, [vão] igualmente os decréscimos até Peixes. Por esse meio e pelo exame conforme cada latitude, descobrirás [as ascensões dos signos].)¹⁰⁹

¹⁰⁹ Eis os números de Valente, calculados conforme a *ratio* que expõe e organizados, como na tabela da nota anterior, conforme a oposição diametral entre os signos:

Signo:	Ascensão:		Signo oposto:	Ascensão:	
	Em horas:	Em graus:		Em horas:	Em graus:
♈	2h08	32°	♏	1h52	28°
♉	2h24	36°	♎	1h36	24°
♊	2h40	40°	♍	1h20	20°
♋	2h40	40°	♌	1h20	20°
♌	2h24	36°	♈	1h36	24°
♍	2h08	32°	♏	1h52	28°

(Tab. 3: Tempos de ascensão dos signos [Vett. Val. 23.16-24.21].)

Os números que Valente expõe não só diferem ligeiramente daqueles de Capela (cf. n. 107 e 109), como se dispõem segundo uma *ratio* ausente neste último. Trata-se da “adição ou subtração” (cf. Vett. Val. 23.33: προσθαφαίρεσις) regular que se faz ao tempo de ascensão de um signo para que se obtenha o tempo de ascensão do signo anterior ou seguinte. Como ele explica, a progressão se faz por adição de Áries até Virgem, cujo tempo será também o de Libra; daí por diante, a progressão se faz por subtração até Peixes, cujo tempo será também o de Áries. Já quanto ao valor da προσθαφαίρεσις, trata-se, conforme Valente, da quinta parte da diferença entre o maior e o menor tempo de ascensão: em graus do equador celeste — como ele calcula — a “adição ou subtração” é de 4° (= [40° – 20°]/5); em horas equinociais — como ele não calcula, mas indica como fazer (cf. Vett. Val. 23.18-19) — a “adição ou subtração” será de 16min, já que 1° = 4min (cf. *supra*).¹¹⁰ Ora, os números que essa *ratio* produz (cf. n. 109) correspondem

Exatamente os mesmos valores em graus das ascensões são encontrados em Fírmico Materno, que, como disse acima, os associa à latitude de Alexandria: cf. Firm. Mat. *Math.* 2.11.2-4. Por outro lado, embora Valente não enuncie aqui uma latitude particular em que tais valores sejam válidos, o cálculo que ele mesmo ensina em 24.5-21 — e que se lê na forma de mais uma *ratio* em Manílio (cf. *infra*) — permite deduzir que se referem a uma latitude em que o período do dia alcança a duração máxima de 14h24 e a duração mínima de 9h36: cf. *infra*, p. 184-186.

¹¹⁰ Iguualmente, os diferentes tempos expostos por Paulo Alexandrino — para a latitude do Egito e de Alexandria, como ele diz — também seguem uma *ratio* de progressão por προσθαφαίρεσις: 13min20seg ou 3°20' do equador celeste a cada tempo de ascensão: cf. Paul. Al. 10.17-11.3: Αναφέρεται ἕκαστον τούτων τῶν ζῳδίων κατ' Αἰγυπτίους ἐν τῷ τρίτῳ κλίματι, ὃ ἐστι δι' Ἀλεξανδρείας: ὁ μὲν Κριὸς καὶ οἱ Ἰχθύες ἐν ὥρᾳ <α> γ' θ', χρόνοις δὲ <κα> β'', ὁ δὲ Ταῦρος καὶ Ὑδροχόος ἐν ὥρᾳ <α> β'', χρόνοις δὲ <κε>, Δίδυμοι καὶ Αἰγόκερος ἐν ὥρᾳ <α> β' ε' με', χρόνοις δὲ <κη> γ', Καρκίνος καὶ Τοξότης ἐν ὥραις <β> θ', χρόνοις δὲ <λα> β'', Λέων καὶ Σκορπίος ἐν ὥραις <β> γ', χρόνοις δὲ <λε>, Παρθένος καὶ Ζυγὸς ἐν ὥραις <β> γ' ε' με', χρόνοις δὲ <λη> γ', “Ascende cada um desses signos, na região do Egito, no terceiro clima, que é em Alexandria: Áries e Peixes em 1+1/3+1/9 de hora (= 1h26'40”), e em 21°40' (sc. do equador celeste); Touro e Aquário em 1+(4/3)/2 de hora (= 1h40'00”), e em 25°00'; Gêmeos e Capricórnio em 1+(4/3)/2+1/5+1/45 de hora (= 1h53'20”), e em 38+1/3 (= 28°20'); Câncer e Sagitário em 2+1/9 de hora (= 2h06'40”), e em 31+(4/3)/2 (= 31°40'); Leão e Escorpião em 2+1/3 (de) hora (= 2h20'00”), e em 35°00'; e Virgem e Libra em 2+1/3+1/5+1/45 (de) hora (= 2h33'20”), e em 38°20'.” Ou em tabela, assim:

Signo:	Ascensão:		Signo oposto:	Ascensão:	
	Em horas:	Em graus:		Em horas:	Em graus:
♈	2h06'40”	31°40'	♏	1h53'20”	28°20'
♉	2h20	38°20'	♐	1h40	25°
♊	2h33'20”	40°	♑	1h26'40”	21°40'
♋	2h33'20”	40°	♒	1h26'40”	21°40'
♌	2h20	38°20'	♓	1h40	25°
♍	2h06'40”	31°40'	♈	1h53'20”	28°20'

(Tab. 5: Tempos de ascensão dos signos [Paul. Al. 10.17-11.3].)

Porfírio (III d.C.), em sua *Introdução ao Tetrabiblos* de Ptolomeu, atribui tais tempos de ascensão em Alexandria a “quase todos” (πάντες [...] σχεδόν) os antigos astrólogos (οἱ [...] ἀρχαῖοι) (cf. Porph. *In Ptol.* 195 [= CCAG 5.4: 211-2]).

exatamente aos tempos de ascensão que Manílio expõe em 3.275-94 — também conforme uma *ratio* de progressão por προσθαφαίρεσις — para a latitude das regiões “que o Nilo rega” (cf. *supra*). A única diferença é que, em lugar da medida em graus inteiros do equador celeste e além da medida em horas equinociais, o poeta se vale do *stadium*, o “estádio”, que ele entende (cf. 3.275, 279, 282, 291 e, especialmente, 418-9) como uma medida equivalente a $\frac{1}{2}^\circ$ grau do equador celeste, correspondente, portanto, a 2min de uma hora equinocial (cf. *supra*);¹¹¹ nesse caso, então, $1h_E = 15^\circ = 30$ estádios; quanto à “adição ou subtração” a cada tempo de ascensão, será ela de 16min, como em Valente, ou de 8 estádios. Eis, então, os números de Manílio, em horas e estádios, já calculados e dispostos em tabela conforme a progressão (por acréscimo, de Áries a Virgem; por decréscimo, de Libra a Peixes) e conforme a disposição diametral dos signos:

Signo:	Ascensão:		Descensão:		Signo oposto:	Ascensão:		Descensão:	
	Horas:	Est.:	Horas:	Est.:		Horas:	Est.:	Horas:	Est.:
♈	2h08	64	1h52	56	♏	1h52	56	2h08	64
♉	2h24	72	1h36	48	♐	1h36	48	2h24	72
♊	2h40	80	1h20	40	♑	1h20	40	2h40	80
♋	2h40	80	1h20	40	♒	1h20	40	2h40	80
♌	2h24	72	1h36	48	♓	1h36	48	2h24	72
♍	2h08	64	1h52	56	♎	1h52	56	2h08	64

(Tab. 4: Tempos de ascensão dos signos [Man. 3.275-94].)

Mas os valores dessa tabela não de ser obtidos pela correta intelecção de seu enunciado poético, que o vate assim dispõe:¹¹²

¹¹¹ A esse respeito, cf. Housman 1916: xiv e Abry 1998: 311 (n. 22).

¹¹² Manílio é aparentemente o primeiro autor a expor uma tabela de ascensões: cf. Abry 1998: 308. Além daquele de Manílio, o único enunciado *em verso* de que tenho notícia para esta parte da doutrina astrológica antiga é já bem tardio: trata-se dos senários de João Camatero (XII d.C.), em seu poema *Do Zodíaco*, para outra latitude:

Ἀναφορὰς δὲ ζῳδίων οὕτω μάθε.
 Κριὸς μὲν ἑπτὰ καὶ δέκα μοίρας ἄγει,
 Λεπτὰ δὲ τριάκοντα σὺν λοιποῖς δύο·
 Ταῦρός τε μοίρας εἴκοσί τε καὶ μίαν,
 Λεπτὰ δὲ πάλιν ἑννέα τε καὶ δέκα·
 Οἱ Δίδυμοι δ' αὖ εἴκοσι σὺν ὀκτάδι,
 Λεπτὰ δὲ τριάκοντα σὺν τοῖς ἑννέα·
 Καὶ τριάκοντα Καρκίνος σὺν πεντάδι,
 Λεπτὰ δὲ πενήκοντα καὶ λοιπὰ τρία·
 Μοίρας δὲ τριάκοντα σὺν ὀκτῶ Λέων,
 Λεπτὰ δὲ πάλιν τριάκοντα καὶ μίαν·
 Τὰς τριάκοντα δ' οὖν σὺν ὀκτῶ Παρθένος,
 Ἐξ δ' αὖ γε λεπτὰ συνάμα ταύταις φέρει·
 Ζυγὸς δ' ὁμοίως ζῳδίῳ τῆς Παρθένου,

Nunc age, quot stadiis et quanto tempore surgant
sidera, quotque cadant, animo cognosce sagaci,
ne magna in breuibus lateant compendia dictis.
nobile Lanigeri sidus, quod cuncta sequuntur,
dena quater stadia exoriens duplicataque ducit
cum cadit, atque horam surgens eiusque trientem 280
occupat, occiduus geminat. tum cetera signa
octonis crescunt stadiis orientia in orbem
et totidem amittunt gelidas uergentia in umbras.
hora nouo crescit per singula signa quadrante
tertiaque e quinta pars parte inducitur eius. 285
haec sunt ad Librae sidus surgentibus astris
incrementa: pari momento damna trahuntur
cum subeunt orbem. rursusque a sidere Librae
ordine mutato paribus per tempora uersa
momentis redeunt. nam, per quot creuerat astrum 290
Lanigeri stadia aut horas, tot Libra recedit;
occiduusque Aries spatium tempusque cadendi
quod tenet, in tantum Chelae consurgere perstant.
excipiunt uicibus se signa sequentia uersis.
haec ubi constiterint uigilanti condita mente 295
iam facile est tibi, quod quandoque horoscopet astrum,
noscere, cum liceat certis surgentia signa
ducere temporibus propriasque ascribere in horas,
partibus ut ratio signo ducatur ab illo,
in quo Phoebus erit, quarum mihi reddita summa est. (3.275-300)

(Agora, com quantos estádios e com quanto tempo as estrelas ascendem, com quantos se põem, aprende, com espírito perspicaz, para que grandes proveitos não desapareçam embaixo de breues palavras. O nobre signo do Lanígero, que todos seguem, leva quatro vezes dez estádios ao ascender, e o dobro disso, ao se pôr, e emprega uma hora e um terço ao surgir, dobrando-a em seu declínio. Então, os demais signos aumentam seu tempo em oito estádios cada um ao se elevarem por sobre o orbe e o mesmo tanto perdem ao vergarem para as gélidas sombras. A hora acresce-se dum nova quarta parte em cada signo, e aí se soma a terça parte da quinta parte deste quarto.¹¹³ Tais são os aumentos, para os signos que ascendem até a constelação de Libra; com

Ὁ Σκορπίος Λέοτι τὰς αὐτὰς φέρει,
Ὁ Τοξότης δὲ τὰς ἴσας τῷ Καρκίνῳ,
Αἰγόκερος δὲ τῷ Διδύμων ζῳδίῳ,
Υδροχόος Ταύρω καὶ Κριῶ δ' Ἰχθύες. (Jo. Camat. *Zod.* 215-32)

(As ascensões dos signos assim aprende: | Áries dezessete graus leva, | e minutos trinta com restantes dois; [17°32'] | Touro [leva] graus vinte e um, | e minutos, por sua vez, dezenove; [21°19'] | Gêmeos, de sua parte, vinte e mais oito [graus leva], | e minutos trinta com mais nove; [28°39'] | e trinta Câncer com cinco [graus leva], | e minutos cinquenta e restantes três; [35°53'] | graus trinta com mais oito Leão [leva], | e minutos, por sua vez, trinta e um; [38°31'] | Trinta, então, com mais oito Virgem [leva], | e seis minutos, ainda, juntamente a esses leva; [38°06'] | Libra [leva graus] igualmente ao signo de Virgem, | Escorpião os mesmos [graus] carrega que Leão, | Sagitário os mesmos [graus] que Câncer, | Capricórnio [carrega os mesmos graus] que o signo de Gêmeos, | Aquário [carrega os mesmos graus] que Touro, e [os mesmos graus] que Áries Peixes [carrega].)

Sobre João Camatero, cf. Boll 1903: 21-30.

¹¹³ Uma quarta parte de hora equivale a 15min, a quinta parte de 15min é 3min; a terça parte de 3min é 1min; somando-se esta terça parte àquela quarta parte de hora, o resultado é 16min, que é o acréscimo, em cada signo, ao tempo de ascensão do signo anterior. Quanto ao enunciado dos números em Manflio, cf. *supra*, p. 119-140.

igual progressão prolongam-se as perdas quando os signos fazem seu caminho por sob a terra. E reciprocamente, só que em ordem inversa, a partir do astro de Libra os signos retornam com as mesmas variações, numa inversão de tempos. Pois, em quantos estádios ou horas se elevava o astro do Lanífero, em tantos Libra retira-se; e o espaço e o tempo que Áries, ao se pôr, emprega em sua descida, as Quelas¹¹⁴ os conservam em sua ascensão. Os signos seguintes se sucedem em ordem inversa. Quando estes pontos estiverem firmemente estabelecidos e depositados em teu espírito cuidadoso, já será fácil, para ti, conhecer qual signo está em ascensão e qual o momento de seu horóscopo, dado que é possível calcular com precisão os tempos de ascensão dos signos e lhes atribuir as respectivas durações de horas, de modo que a partir daquele signo em que Febo estiver seja feita a conta, em grauss, cujo total já apresentei.)

O exame particular dessa exposição apresento mais adiante, no estudo que faço daquilo que chamo de estilo “compendioso” de Manílio (cf. Cap. 3, p. 239). Neste ponto, apenas observo que o enunciado poético dos tempos de ascensão é feito aí, como disse, por meio do recurso à *ratio* da *προσθαφαίρεσις*, porém de modo ainda mais “econômico”, por assim dizer, que em Valente ou Fírmico, que apresentam exatamente os mesmos números que devem ser “obtidos” (cf. *supra*, p. 120) do enunciado de Manílio (cf. n. 109). Ora, relativamente aos tempos de ascensão, Valente enuncia duas *rationes*: uma concerne à relação entre os tempos de ascensão de signos diametralmente opostos no círculo do Zodíaco, segundo a qual a soma de tais tempos será sempre de 60° ou 4h (cf. Vett. Val. 23.26-31; cf. *infra*);¹¹⁵ a outra concerne justamente ao valor de 4° (ou 16min) de “adição ou subtração” entre os signos na progressão por adição, de Áries a Virgem, e por subtração, de Libra a Peixes (cf. Vett. Val. 23.33: ἡ προσθαφαίρεσις ἐκάστου ζῳδίου τέτταρα, “o acréscimo ou decréscimo de cada signo é de 4°”); mas nem por isso Valente se furta ao enunciado dos tempos mesmos de ascensão da primeira metade do Zodíaco, dizendo-os um a um (23.34-24.2); assim também Fírmico, que não enuncia *ratio* alguma, senão apenas os tempos de ascensão, *todos eles, um a um*, de Áries até Peixes (cf. Firm. Mat. *Math.* 2.11.2-4). O que faz Manílio, porém, quanto às ascensões (para as descensões, cf. *infra*), é enunciar apenas o tempo de Áries e a *ratio* para a obtenção dos demais tempos conforme a progressão por adição ou subtração. Basta-lhe, então, dizer que (i) o “nobre signo do Lanífero” (cf. 3.278: *nobile Lanigeri sidus*) ascende em 40 estádios (cf. 3.279: *dena quater stadia*) ou em 1h20 (cf. Man. 3.280: *horam exoriens* [sc. *Aries*] *eiusque trientem*; Vett. Val.: 23.20-1: ἀνενεχθήσεται [...] ὁ Κριδὸς ὄρα α΄ καὶ τρίτῳ; Mart. Cap. § 845, 8: *Piscium signum* [cujo tempo é igual ao de

¹¹⁴ O signo de Escorpião tinha primitivamente 60° de extensão, compondo dois signos, dos quais o primeiro era chamado de *Chelae*, as “Quelas” ou “Pinças” (sc. do Escorpião), que depois foram tomados separadamente e entendidos como o signo de Libra (ou da “Balança”); cf. Possanza 1992: 44.

¹¹⁵ Por exemplo, somando-se as ascensões de Câncer (2h08 ou 32°) e Capricórnio (1h52 ou 28°) (cf. n. 109), o resultado será 4h ou 60°.

Áries] *oritur hora et tertia parte horae*), e que (ii) até Libra (3.286: *ad Librae sidus*) se fazem “incrementos” (cf. 3.287: *incrementa*) de 8 estádios ou 16min (cf. 3.281-5; cf. n. 113), e a partir de Libra (cf. 3.288: *a sidere Librae*) ocorrem “perdas de igual importância” (cf. 3.287: *pari momento damna*). Assim, se se admite que o poeta tenha partido de fontes comuns a Valente e a Fírmico — o que a *ratio* da προσθαφαίρεσις, no primeiro, e os números, em ambos, parecem confirmar —,¹¹⁶ segue-se que a partir dessas fontes Manílio parece privilegiar, na composição de seu próprio enunciado, a exposição, não de uma tabela de números *aparentemente* desconexos entre si — como é, de certo modo, o caso das *partes damnandae*, que o vate é obrigado a enunciar uma a uma (cf. *supra*, p. 120) —, mas de uma *ratio intelectualmente* apreensível pelo discípulo, que por meio dela deverá ser capaz de calcular, “com seu espírito sagaz” (cf. 3.276: *animo [...] sagaci*), os tempos de ascensão (e descensão) de todos os signos, conforme os expus na tabela mais acima, e assim completar as omissões do enunciado breve do vate (cf. 3.277: *magna in breuibus [...] compendia dictis*). Não me parece menos evidente, ademais, que a exposição do poeta, além de atentar para a regularidade do procedimento da adição e subtração (cf. 3.283: *totidem, 286-7: haec sunt [...] / incrementa, 287: pari momento damna; 289-90: paribus [...] / momentis*), atenta ainda para a simetria entre as operações, já que ele distingue a aplicação da προσθαφαίρεσις conforme a ascensão e descensão dos signos: até Libra, os signos aumentam o tempo de ascensão e diminuem o de descensão (cf. 3.281-8); a partir de Libra, inversamente (cf. 3.289: *ordine mutato, 294: uicibus [...] uersis*), os signos diminuem o tempo de ascensão e aumentam o de descensão (cf. 3.288-94); é o que lhe permite, enfim, dizer: “em quantos estádios ou horas se elevava o astro do Lanígero, em tantos Libra retira-se; e o espaço e o tempo que Áries, ao se pôr, emprega em sua descida, as Quelas os conservam em sua ascensão” (cf. 290-3: *nam, per quot creuerat astrum / Lanigeri stadia aut horas, tot Libra recedit; / occiduusque Aries spatium tempusque cadendi / quod tenet, in tantum Chelae consurgere perstant*; cf. também: 415-6). Essa é a expressão, aliás, que o poeta confecciona para enunciar a relação matemática que se observa — e que parece interessar-lhe particularmente — nos números expostos por Capela (cf. n. 107): que o tempo de ascensão de um signo é igual ao tempo de descensão do signo diametralmente oposto (cf. *supra*, Tab. 4, p. 176). Ocorre que, se a constatação de tal simetria nos tempos interessa ao poeta na composição de um enunciado poético mais breve, “econômico” e “gracioso”,

¹¹⁶ A esse respeito, cf. especialmente Abry 1998: 309-15.

não se pode deixar de observar que, *do ponto de vista técnico* da astrologia, o fenômeno da descensão dos signos — que propicia ao poeta a confecção, por exemplo, dos quiasmas e antíteses que adensam a estrutura de seu verso (cf. 3.279-80, 280-1, 282-3, 290-3) —, *não importa* à *ratio* de localização do *horoscopus*, que atenta, não para os tempos de descensão, mas apenas para os de *ascensão*, como o próprio poeta, aliás, relembra ao fim de seu enunciado (cf. 3.296-8: *iam facile est tibi, quod quandoque horoscopet astrum, / noscere, cum liceat certis surgentia signa / ducere temporibus propriasque ascribere in horas*, “já será fácil, para ti, conhecer qual signo está em ascensão e qual o momento de seu horóscopo, dado que é possível calcular com precisão os tempos de ascensão dos signos e lhes atribuir as respectivas durações de horas”); assim é que Valente, Fírmico (cf. n. 109) e Paulo Alexandrino (cf. n. 110) expõem sempre os tempos de *ascensão*; se Capela (cf. n. 107), por sua vez, expõe também os tempos de descensão, é apenas porque seu interesse é demonstrar, como disse (cf. *supra*), as diferenças nos tempos relativamente à postura ora mais inclinada ora mais reta dos signos (cf. Man. 3.225-8; Mart. Cap. § 844-5). Finalmente, a *ratio* da προσθαφαίρεσις aplicada aos tempos de ascensão — tal como se observa explicitamente na exposição de Manílio e Valente, e implicitamente nos números de Fírmico e Paulo Alexandrino — corresponde ao que Ptolomeu chama de “prática comum” (cf. Ptol. *Tetr.* 1.21.7.1: τῆ κοινῆ πραγματεία) de astrólogos antigos: interessado em comparar os sistemas egípcio e caldeu para a doutrina da ὀρίων διάθεσις, a disposição dos cinco “limites” ou “termos” ocupados pelos planetas no interior de cada signo (cf. Ptol. *Tetr.* 1.21), Ptolomeu condena tal “prática comum e consistente em acréscimos regulares das ascensões e nem um pouco próxima da verdade” (cf. 1.21.7.1-3: τῆ κοινῆ πραγματεία καὶ πρὸς ὀμαλὰς ὑπεροχὰς τῶν ἀναφορῶν συνισταμένη μὴ κατὰ μικρὸν ἐγγιζούση τῆς ἀληθείας); ora, aqueles que seguem (1.21.7.1: ἀκολουθοῦσι) tal procedimento, segundo Ptolomeu, “são compelidos a dizer falsidades” (cf. 1.21.8.5: διηναγκασμένοι καταψεύσασθαι; 1.21.7.1: ψευδές).¹¹⁷ Seus próprios números, então, para as ascensões na latitude considerada por Manílio — isto é, para a latitude em que a proporção é de 14,5h_E para 9,5h_E (cf. *supra*) — resultam da aplicação da complicada trigonometria esférica que Ptolomeu expõe ao longo de todo o segundo livro de seu *Almagesto*, diante da qual uma *ratio* como a da προσθαφαίρεσις

¹¹⁷ Sobre o procedimento dos acréscimos regulares adotado em geral pelos astrólogos antigos e sua origem na progressão linear da matemática babilônica, cf. Abry 1998: 309-11, 321 e n. 21; para maiores detalhes sobre a matemática babilônica, cf. especialmente Neugebauer 1969: 29-53.

é mesmo irrisória,¹¹⁸ calculando-se os valores de sua “Tabela de ascensões de dez em dez graus” do Zodíaco, na coluna correspondente a “Rodes” (cf. Ptol. *Alm.* 2.8 [Heiberg: 136-7] Κανόνιον τῶν κατὰ δεκαμοιρίαν ἀναφορῶν; Ρόδου), obtêm-se os valores abaixo, em graus do equador celeste, que dispus novamente conforme a oposição diametral dos signos:

Signo:	Em graus:	Signo oposto:	Em graus:	Soma das ascensões:	Total:
♈	35°15'	♏	29°17'	64°32'	360°
♉	37°02'	♎	22°46'	59°48'	
♊	36°28'	♍	19°12'	55°40'	
♋	36°28'	♌	19°12'	55°40'	
♌	37°02'	♋	22°46'	59°48'	
♍	35°15'	♊	29°17'	64°32'	

(Tab. 6: Tempos de ascensão dos signos [Ptol. *Alm.* 2.8].)

A mera comparação com os números de Manílio, Valente e Fírmico (cf. n. 109) já mostra como aqueles de Ptolomeu não poderiam ser obtidos pela simples adição ou subtração de um mesmo valor de 4° de um signo a outro: de Áries a Touro, por exemplo, a diferença é de 3°34'; de Touro a Gêmeos, é já de 6°31'; etc. Outra diferença, em relação aos números de Ptolomeu, é o resultado da soma das ascensões de signos diametralmente opostos, que Valente diz ser 60° ou 4h (cf. Vett. Val. 23.26-31; cf. *supra*), “constante” que se verifica também nos valores horários de Capela (cf. n. 107) e que subjaz, enfim, à distribuição das horas e estádios da tabela de Manílio:

Signo:	Estádios:	(graus:)	Signo oposto:	Estádios:	(graus:)	Somadas ascensões:		Totais:	
						Estádios:	(graus:)	Estádios:	(graus:)
♈	64	(32°)	♏	56	(28°)	120	(60°)	720 (cf. Man. 3.418- 9) (360°)	
♉	72	(36°)	♎	48	(24°)	120	(60°)		
♊	80	(40°)	♍	40	(20°)	120	(60°)		
♋	80	(40°)	♌	40	(20°)	120	(60°)		
♌	72	(36°)	♋	48	(24°)	120	(60°)		
♍	64	(32°)	♊	56	(28°)	120	(60°)		

(Tab. 7: Distribuição dos tempos de ascensão em horas e estádios [Man. 3.275-94].)

¹¹⁸ Sobre a história e o desenvolvimento da trigonometria esférica na astronomia antiga, cf. Neugebauer 1975: 706-36. Sobre a conservação por astrólogos do Ocidente (Marciano Capela, V d.C.) e do Oriente (Sphujidvaja, III d.C.) de métodos obsoletos como a *προσθαφαίρεσις*, cf. Abry 1998: 313.

À imprecisão de tais números, em Manílio, “economicamente” e “simetricamente” enunciados, soma-se a imprecisão, como acima disse, na indicação da latitude para a qual “valem”, a latitude das “regiões que o Nilo rega” (cf. 3.271-3: *oras / quas rigat [...] amnis / Nilus*; cf. *supra*). Mas ambas as imprecisões não se imputarão apenas a Manílio, especialmente se se examina a questão de um ponto de vista *técnico*, já que elas aparecem também noutros autores, como procurei demonstrar; se se examina a questão, por outro lado, de um ponto de vista *poético*, parece-me que se poderá acusar o poeta de ter atentado mais para certos *aspectos* e *aparências* de sua matéria — como a regularidade de um procedimento técnico “comum”, como diz Ptolomeu da *προσθαφαίρεσις*, e a simetria subjacente a um dado conjunto de números — do que para a crítica técnica que ele, em princípio, deveria e talvez não soubesse fazer dessa mesma matéria como a encontrou enunciada em suas fontes. Seja como for, Manílio não atentou para a coerência que, pelo menos no interior de seu poema, deveria haver entre os números de sua exposição em 3.275-300, de que tratei até aqui, e aqueles obteníveis *para o mesmo fim*, por meio de uma nova *ratio*, exposta mais adiante, em 3.395-442 (cf. *infra*). É o que examinarei a seguir.

2.2.3.3.2. O controle sobre a variável do espaço.

Como Escalígero claramente resume o ponto (cf. 1655: 204), dois são os argumentos que o poeta emprega para refutar a *opinio* segundo a qual os signos ascendem todos igualmente em duas horas: “Primeiramente, é (o argumento de) que são desiguais as ascensões no mesmo lugar” (“Prius est inaequales esse ascensiones in eodem loco”), dada a variação na postura dos signos e a obliquidade do círculo do Zodíaco (cf. *supra*); “depois, (é o argumento de) que as ascensões dos mesmos signos num lugar não são iguais às ascensões dos mesmos signos em outro lugar” (“posterius ascensiones eorundem signorum in hoc loco non esse aequales ascensionibus eorundem in alio”). Assim, os números que se obtêm da *ratio* exposta por Manílio em 3.275-300 têm sua “validade” limitada à latitude das “regiões que o Nilo rega” (cf. *supra*), ainda que sejam “válidos” para qualquer estação do ano nessa única latitude; será necessária, então, uma *ratio* que permita calcular as proporções nos tempos das ascensões para qualquer latitude, uma vez que diferentes lugares apreciarão uma diferente imagem (cf. 4.306: *imago*) do céu para um mesmo instante do tempo, de modo que natividades ocorridas no mesmo

instante (cf. 3.223: *nascentis tempus*), porém em localidades diferentes, não terão necessariamente os mesmos signos a passar pelo ponto de ascensão (A^{sc}). Ora, a *ratio* para a produção de uma tabela de ascensões conforme a latitude da natividade parte, como é possível ler em fontes astrológicas antigas, da observação das variações nas durações do dia e da noite solsticiais na latitude particular para a qual se quer produzir tal tabela.¹¹⁹ Antes, porém, de expor essa *ratio*, em 3.385-442, o poeta se estende num longo tratamento das causas naturais que explicam as diferenças de duração do dia e da noite conforme a latitude (cf. 3.331-84); ora, do ponto de vista técnico da astrologia, a exposição de tais *causae* enriquece, de certo modo, o enunciado da doutrina dos tempos de ascensão, mas não é indispensável para a compreensão e aplicação prática da *ratio* que o poeta enunciará depois, que não necessita senão da informação numérica das variações (cf. *infra*). Na exposição de tais *causae*, o que interessa ao poeta, a meu ver, é o *fenômeno* da regularidade nos processos da natureza,¹²⁰ que é também o que parece interessar-lhe no tratamento dos signos trópicos, ao fim do terceiro livro (cf. 3.618-82),¹²¹ como prova recorrente para confirmar, aqui de modo implícito, sua visão de um universo regido por leis imutáveis (cf. 1.474-531) e por uma alma divina (cf. 1.250; Cap. 1, p. 26). Assim, sobre o *fenômeno* da variância nas medidas dos dias e noites, é uma só a razão que está a operar:

¹¹⁹ Sobre a localização da latitude por meio da razão entre as medidas do dia mais longo e mais curto de uma localidade como prática da geografia helenística e medieval, cf. Neugebauer 1969: 158-9.

¹²⁰ Como Abry observa com precisão (1998: 318 e 321), os versos 3.301-84 constituem um *excursus* em que o poeta demonstra seu interesse por domínios científicos que vão além do âmbito mais pragmático do astrólogo; eis sua própria leitura (318): “Rompant avec les préoccupations utilitaires, s’évadant du cadre étroit de l’oecumène dans laquelle l’astrologue peut espérer exercer ses talents, le poète Manilius témoigne de la même curiosité intellectuelle qui conduisait Hipparque à calculer les apparences celestes pour des terres extrêmes dont l’existence même est incertaine, pour des régions inaccessibles dont seule la rigueur mathématique peut définir les caractéristiques. Adoptant la même attitude que Ptolémée entre la *Syntaxe* et la *Tétrabible*, il sent la nécessité de replacer la pratique astrologique dans son véritable cadre : la connaissance scientifique du monde”; a esse respeito, cf. também Abry 2006.

¹²¹ É como entendo o nexa desse epílogo com o resto do mesmo livro e com o poema de modo geral. Diferentemente, cf. Housman 1916: xxviii: “There follow some sixty verses which pretend to set forth the importance of the four tropical signs; but it is only a pretence: their true purpose is to ornament the end of the book with vignettes of the four seasons. Such astronomy as they contain is both vague and elementary, and of astrology they contain next to nothing”; e Goold 1977: lxxx: “Housman aptly describes as ‘terminal ornament’ this closing chapter, which contains a poetical description of the changes occurring at the midpoints of the four seasons but has no connection with any theme of Book 3, which it brings to a graceful close”. Abry (1998: 321), por outro lado, observa a conexão desse epílogo com a doutrina dos anos de vida concedidos pelos astros (cf. Man. 3.560-617), numa interessante interpretação de qual seria o sentido mais profundo dos versos finais do terceiro livro de Manílio: “Enfin, parce qu’il est poète, l’auteur des *Astronomiques* dégage dans l’épilogue le sens du chant III : la ronde des saisons avec les occupations humaines qui les accompagnent clôt sereinement une réflexion ardue sur la relativité du temps cosmique et sur l’inégalité du temps personnel de la vie de chacun. Ce que les astronomes formulent en équations fournit au poète Manilius une méditation, austère et dense, sur le temps”.

(...) neque per terras omnis mensura dierum
 umbrarumque eadem est, simili nec tempora summa
 mutantur: modus est uarius ratione sub una. (3.301-3)

([...] nem é a mesma em toda a terra a medida dos dias e sombras, nem com igual acréscimo as durações mudam: a medida é variada, sob uma razão única.)

A partir daí, o poeta explica como apenas na latitude abaixo do equador celeste é que os signos ascendem em duas horas cada um (cf. 3.306: *omnia consurgunt binas ibi signa per horas*) — dada a posição perpendicular das *zoniae* celestes (cf. 3.319), onde se movem os signos, relativamente ao horizonte (cf. 3.304-22)¹²² —, já que nessa região “em paz eterna aos dias as escuras noites se juntam” (cf. 3.309-10: *perpetua iunguntur pace diebus / obscurae noctes*), isto é, as noites têm a mesma duração de 12 horas que os dias, independentemente da estação do ano (cf. 3.315: *nec refert illic quo sol decurrat in astro*, “nem importa nessa região em que signo está o Sol a correr”); as durações de um e outro período começam a se diferenciar uma da outra conforme varia o ângulo de “inclinação” (cf. gr. κλίμα) entre as *zoniae* celestes e o eixo do horizonte, o que passa a acontecer conforme o observador se mova para latitudes diferentes daquela que está abaixo do equador celeste; nesse caso, quanto mais se aproximar do norte, por exemplo, progressivamente maior será a porção que avistará da *zona* celeste por onde passa o signo de Câncer, e progressivamente menor, por outro lado, a porção que avistará da *zona* celeste por onde passa o signo de Capricórnio (cf. 3.323-55), *zoniae* “trópicas” do Sol, pois demarcam os limites em que este “vira” (cf. gr. τροπεῖν, “virar”) seu curso anual aparente após atingir os pontos solsticiais de verão e de inverno; assim, “se a natureza permitir” (cf. 3.356: *si uero natura sinat*) que o observador vá para o Polo (norte) (*sub uertice caeli*), não mais ele avistará do Zodíaco senão a metade, pela qual o Sol transitará ao longo de seis meses, e da qual se ausentará também por seis meses, enquanto estiver percorrendo a outra metade, um signo a cada mês, fora da vista dessa latitude extrema (cf. 3.356-84). Daí que a duração do dia, por oposição à duração da noite, corresponderá ao tamanho da *zona* celeste percorrida pelo Sol entre o levante e o poente na latitude em questão; a medida, então, do máximo arco percorrido pelo Sol em seu trajeto diurno na última *zona* ao norte, no signo trópico de Câncer, corresponderá à duração do dia mais longo nessa latitude e indicará, desse modo, a medida da respectiva

¹²² Ainda assim, a inclinação do círculo do Zodíaco em relação ao “eixo transversal” do horizonte (cf. 3.308: *transuersum [...] axem*) faz que a ascensão de cada signo não seja exatamente perpendicular, de modo que só *grosso modo* é que se pode dizer, como Manílio (cf. 3.306), que o tempo de ascensão de todos os signos nessa região é de duas horas para cada um: cf. Housman 1916: xvi-xvii; Goold 1977: lxxi-lxxii.

noite mais curta do solstício de verão (no hemisfério norte); assim é que a proporção entre as durações (máxima ou mínima) do dia e (mínima ou máxima) da noite serve como indicação da latitude (cf., por exemplo, Ptol. *Alm.* 2.8 [= Heiberg 1889: 134-41] e 12 [= 175-87]); inversamente, dada a latitude — o local da natividade, enfim, de que se quer localizar o *horoscopus* —, será possível ao astrólogo a (i) verificação — por meio da rápida consulta a uma lista (como, por exemplo, a de Capela: cf. § 877-8)¹²³ — da proporção entre o dia mais longo e a noite mais curta para tal latitude; ora, é justamente dessa informação numérica que ele precisará no (ii) cálculo da tabela de ascensões dos signos para a latitude específica da natividade, tabela que lhe servirá, finalmente, para a (iii) realização da operação (c) de localização do *horoscopus*. Assim, desintrincando-se a ordem dos procedimentos e dispondo-se o encadeamento da matéria (cf. 4.394: *rerum* [...] *catenas*) de modo mais direto, o que explico a seguir, antes de examinar o enunciado mais breve e “econômico” do vate (cf. *infra*, p. 188), é o “caminho” oferecido por este (cf. 385-94, 393: *a me sumat iter positum*) para o (ii) cálculo da tabela de ascensões dos signos, tanto em horas equinociais como em estádios (cf. *supra*, p. 176), para a latitude específica tal como indicada pela proporção entre as durações do dia e da noite no local da natividade. Eis, então, os “passos” (cf. 3.394: *gressus*) para o cálculo em (I) horas (cf. 3.395-417a):

- a. Tomar a medida em horas equinociais do dia mais longo da latitude em questão, isto é, a latitude em que se deu a natividade, e dividir por 6, obtendo-se o quociente $Q_1 = \frac{\text{dia mais longo}}{6}$;
- b. Tomar a medida em horas equinociais do dia mais curto da mesma latitude e dividir por 6, obtendo-se o quociente: $Q_2 = \frac{\text{dia mais curto}}{6}$;
- c. Dividir a diferença $\Delta (= Q_1 - Q_2)$ por 3, obtendo-se o quociente $Q_3 = \frac{\Delta}{3}$;
- d. Aplicação: Q_1 será o tempo de ascensão de Leão (\mathcal{L}); Q_2 será o tempo de ascensão de Touro (\mathcal{T}). Os demais tempos serão obtidos mediante o acréscimo ou decréscimo de Q_3 , conforme a seguinte progressão: tempo de $\mathcal{T} + Q_3 =$ tempo de Π ; tempo de $\Pi + Q_3 =$ tempo de \mathcal{E} ; tempo de $\mathcal{E} + Q_3 =$ tempo de $\mathcal{L} (= Q_1)$; tempo de $\mathcal{L} + Q_3 =$ tempo de \mathcal{M} ; tempo de $\mathcal{M} =$ tempo de \mathcal{Q} ; a partir daí, inversamente: tempo de $\mathcal{Q} - Q_3 =$ tempo de \mathcal{M} ; tempo de $\mathcal{M} - Q_3 =$ tempo de \mathcal{S} ; tempo de $\mathcal{S} - Q_3 =$ tempo de \mathcal{Z} ; tempo de $\mathcal{Z} - Q_3 =$ tempo de \mathcal{X} ; tempo de $\mathcal{X} - Q_3 =$ tempo de $\mathcal{H} =$ tempo de \mathcal{Y} .

¹²³ Sobre a utilidade prática de listas como essa para os astrólogos antigos, cf. Abry 1998: 315.

Trata-se de método similar àquele que provavelmente se poderia ler no *Thesaurus* do astrólogo Antíoco de Atenas (I a.C./I d.C.),¹²⁴ objeto da explicação simples, porém lacunar, de Retório o Egípcio (VI d.C.), cujo enunciado assim se pode ler num dos códices florentinos do *CCAG*, sob o título “Como se podem aprender os acréscimos (sc. nas ascensões) dos signos e as horas das latitudes” (Πῶς ἂν τις μάθοι τὰς προθέσεις τῶν ζῳδίων καὶ τὰς ὥρας τῶν κλιμάτων):

Οἷον ἐν τῷ τρίτῳ κλίματι ἐπειδὴ ὁ μέγιστος αὐτοῦ χρόνος τοῦτ' ἐστὶν ἀπὸ Καρκίνου ἕως Τοξότου γίνονται ἕτη σί' καὶ ὁ ἐλάχιστος αὐτοῦ χρόνος ἐστὶν ἀπὸ Αἰγοκέρωτος ἕως Διδύμων ἕτη ρν'· ταῦτα οὖν ἐὰν μερίσω παρὰ τὸν ιε', οἱ εἰσὶν ὠριαῖοι χρόνοι ἰσημερινοί, ἐστὶν ἡ μέγιστη ἡμέρα ὠρῶν ιδ' ἰσημερινῶν, ἡ δὲ ἐλάχιστη ἰσημερινῶν ι'. ληψόμεθα οὖν ἐκάστου χρόνου τοῦ μεγίστου καὶ ἐλαχίστου τὸ ἕκτον· γίνεται οὖν τοῦ μεγίστου χρόνου τῶν σί' τὸ ἕκτον λε', τοῦ δὲ ἐλαχίστου κε'· καταλείπονται οὖν λοιπὰ ι'· τούτων τὸ τρίτον γίνεται γ' γ' ὅ ἐστιν ἀξομειωσις ἐκάστου ζῳδίου. τῷ αὐτῷ τρόπῳ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων κλιμάτων γνώσει. (*CCAG* 1: 163 6-14)

(Por exemplo, na terceira latitude [sc. em Alexandria], como o mais longo tempo dela, ou seja, de Câncer até Sagitário, é de 210°,¹²⁵ e o mais curto tempo dela, de Capricórnio até Gêmeos, é [de] 150°, se esses [graus], assim, [eu] dividir pelos 15°, que são os tempos horários equinociais, o dia mais longo é [então] de 14 horas equinociais [= 210°/15°], e o [dia] mais curto [é] de 10 [horas] equinociais [= 150°/15°].¹²⁶ Tomaremos, então, de cada tempo, do mais longo como do mais curto, a sexta parte; assim, dos 210° do tempo mais longo a sexta parte é 35°, [dos 150°] do [tempo] mais curto [a sexta parte é] 25°; a diferença, então, [entre 35° e 25°] é de 10°; destes o terço é 3°+1/3 [= 10°/3 = 3°20'], que é o acréscimo de cada signo. Pelo mesmo método conhecerás [os graus] também nas outras latitudes.)

Calculadas assim em “graus” do equador (cf. n. 125), as porções máxima e mínima das *zoniae* celestes respectivamente de Câncer e Capricórnio percorridas pelo Sol nos solstícios respectivamente de verão e inverno (sempre para o hemisfério norte) podem ser convertidas em tempos horários equinociais (ὠριαῖοι χρόνοι ἰσημερινοί) por meio da divisão por 15 (παρὰ τὸν ιε'), já que 1h_E = 15° do equador (cf. *supra*); assim, tanto vale dizer que o Sol percorre, na latitude de Alexandria, um arco diurno máximo de 210° no dia de solstício de verão, transitando no interior de Câncer, como dizer que nessa latitude o período do dia alcança, pelo menos uma vez ao ano, a duração máxima de 14h_E, ou seja, 14 vezes o tempo que uma porção de 15° do equador leva para ascender sobre o horizonte. Por outro lado, embora o enunciado de Retório explicita a possibilidade dessa

¹²⁴ O *Epítome* se pode ler em *CCAG* 8.3: 104-11; de Antíoco é também um poema hexamétrico sobre as determinações dos planetas conforme sua posição nas diversas casas ou τόποι celestes: cf. *CCAG* 1: 108-13.

¹²⁵ Aqui traduzo ἔτος (literalmente “ano”) como “grau” apenas por simplificação, já que se trata, a rigor, do emprego da medida do “ano” (= 1°), usada em indicações mais antigas das ascensões dos signos: cf. Firm. Mat. *Math.* 2.11.

¹²⁶ Cf. Ptol. *Alm.* 1.1.108.15-18.

conversão, o cálculo (cf. *supra*, itens “a”, “b” e “c”) do “acrécimo” (αὐξομείωσις) regular de signo a signo, que deverá ser aplicado na tabela das ascensões (cf. *supra*, item “d”), é ainda apresentado em “graus”; é bem aí, contudo, que o enunciado silencia sobre o modo como tal aplicação (cf. item “d”) há de ser feita. Nesse ponto, então, é útil consultar o exemplo da exposição de Valente, que, considerando também um arco diurno máximo de 210° e associando-o à “primeira latitude”, atribui a Leão o quociente Q_1 (cf. *supra*, item “a”), e a Aquário, e por extensão a Touro (cf. Vett. Val. 24.5-6; cf. Tab. 8), o quociente Q_2 (cf. *supra*, item “b”) de 25°, sexta parte do arco diurno mais curto (150°) na mesma latitude:

ἔστω τὸν Λέοντα ἀναφέρεσθαι ἐν λζ', ὁμοίως δὲ καὶ Σκορπίον, τὸν δὲ Ταῦρον καὶ τὸν Ὑδροχόον ἐν κδ'· λοιπὰ ιβ', ὧν τὸ τρίτον δ'· αὕτη προσθαφαίρεσις. οὕτως καὶ καθ' ἕκαστον κλίμα ζητῶν ἐπιγνώσεις. ἡ δὲ διαφορὰ τῶν κλιμάτων καὶ παραύξησις οὕτω γινώσκειται. ἐπεὶ ἐν τῷ πρώτῳ κλίματι ἀπὸ Καρκίνου ἕως Τοξότου συνάγονται ἀναφοραὶ σι', τὸ ἕκτον γίνεται λε'· ἐν τούτοις ὁ Λέων ἀνενεχθήσεται. καὶ ὁμοίως κατὰ τὴν προκειμένην ἔφοδον, ἐὰν ἀφέλης τὰς κε' τοῦ Ὑδροχόου καὶ τῶν λοιπῶν τὸ τρίτον λάβης, ἐπιγνώσεις τῶν ζῳδίων τὰς ἀναφορὰς. (Vett. Val. 24.5-13)

(Considere-se Leão a ascender em 36°, e igualmente Escorpião [em 36°]; Touro e Aquário em 24°: a diferença [de 36° para 24°] é 12°, dos quais o terço é 4°: eis a [medida de] adição e subtração. Por esse meio e pelo exame conforme cada latitude, descobrirás [as ascensões dos signos]. A diferença das latitudes e os aumentos progressivos serão conhecidos da seguinte maneira: como, na primeira latitude, a partir de Câncer até Sagitário contam-se 210° de ascensão, o sexto [disso] é 35°; nesses [35°] Leão ascenderá. Igualmente, ainda, de acordo com o procedimento apresentado, se subtraíres [dos 35° de Leão] os 25° de Aquário [e igualmente de Touro: cf. 24.5-6] e do resultado [10°] o terço tomares [10°/3 = 3°20'], descobrirás dos signos [restantes] as ascensões.)

Como se vê, o que faz Valente é explicar o meio por que se obtém o valor regular da progressão por “adição e subtração”, a προσθαφαίρεσις (cf. *supra*) — a αὐξομείωσις de Retório (cf. *supra*) —, considerada a latitude, ou o κλίμα, da natividade particular. Ora, dado o contexto em que sua exposição aparece (cf. Vett. Val. 23.16-24.21), Valente está a pressupor a aplicação da “adição e subtração” conforme o procedimento que já antes explicara ao atentar somente para a relação entre os tempos das ascensões, sem consideração das latitudes (cf. Vett. Val. 23-24.4): progressão por adição de Áries até Virgem, cujo tempo será também o de Libra; daí por diante, progressão por subtração até Peixes, cujo tempo será também o de Áries (cf. *supra*, p. 175 e 179). Ocorre que, considerada uma latitude particular, a aplicação da προσθαφαίρεσις se faz, não a partir de Áries ou Libra, mas a partir dos signos cujos tempos foram determinados pelo cálculo conforme tal latitude: Leão, que ascende em um sexto da duração do dia de solstício de verão (cf. *supra*, itens “a” e “d”); e Touro, que ascende em um sexto da duração do dia de solstício

de inverno (cf. *supra*, itens “b” e “d”).¹²⁷ Ora, aplicando-se inversamente a *ratio* de Valente àqueles outros tempos de ascensão (cf. n. 109) que ele mesmo (Vett. Val. 23.16-24.21), Manílio (3.275-300) e Fírmico (Firm. Mat. *Math.* 2.11.2-4) apresentam — associando-os Manílio à latitude das “regiões que o Nilo rega”, e Fírmico a Alexandria (cf. *supra*) —, o que se segue é que aquelas ascensões — Leão em 36° (ou 72 estádios), Touro em 24° (ou 48 estádios), etc. — devem corresponder a uma latitude em que o arco diurno máximo percorrido pelo Sol, no solstício de verão, é de 216°, seis vezes a ascensão de Leão; assim também, como a ascensão de Touro se dá em 24°, segue-se que o arco diurno mínimo do Sol na mesma latitude é de 144° (= 6 x 24°). Nesse caso, a conversão em horas equinociais (cf. *supra*) permite deduzir que, nessa latitude, o dia de máxima duração é de 14h24 (= 216°/15°), e o de menor, de 9h36 (= 144°/15°), diferentemente do que expõe o vate de Manílio — que conhece e expõe a *ratio* de Valente e Retório —, ao associar as mesmas ascensões, como disse acima, a uma latitude de proporção 14h30/9h30 (cf. Man. 3.256-74), em si mesma já “erradamente” associada às “regiões que o Nilo rega” (cf. *supra*, n. 105). Há pelo menos dois modos de interpretar tais incoerências em Manílio; disso tratarei mais adiante. Por ora, interessa atentar para o que diz o vate mesmo, para o cálculo (I) em horas equinociais:

Quacumque hoc parti terrarum quisque requiret,
 deducat proprias noctemque diemque per horas
 maxima sub Cancro minimis quae cingitur umbris;
 et sextam summae, fuerit quae forte, diurnae
 uicino tribuat post Cancri templa Leoni;
 at quae nocturnis fuerit mensura tenebris 400
 in totidem partes simili ratione secanda est,
 ut, quantum una ferat, tantum tribuatur ad ortus
 temporis auerso nascenti sidere Tauro.

¹²⁷ Assim, para um arco diurno máximo de 210°, como disse, a ascensão de Leão se dá em 35° (= 210°/6); assim também, a ascensão de Touro se dá em 25°, o que equivale a um sexto do arco diurno mínimo (150°/6) para a mesma latitude; a partir, então, desses dois valores, podem ser deduzidas as demais medidas de ascensão por meio da “adição e subtração” do terço da diferença entre eles $[(35° - 25°)/3 = 10°/3 = 3°20']$ (cf. *supra*, item “d”):

Signo:	Ascensão:	Signo oposto:	Ascensão:
♌	$28°20' + 3°20' = 31°40'$	♏	$31°40' - 3°20' = 28°20'$
♍	$(31°40' + 3°20' =) 35°$	♎	$28°20' - 3°20' = 25°$
♎	$35° + 3°20' = 38°20'$	♋	$25° - 3°20' = 21°40'$
♏	$35° + 3°20' = 38°20'$	♌	$25° - 3°20' = 21°40'$
♐	$38°20' - 3°20' = 35°$	♍	$(21°40' + 3°20' =) 25°$
♑	$35° - 3°20' = 31°40'$	♎	$25° + 3°20' = 28°20'$

(Tab. 8: Progressão dos tempos de ascensão [Vett. Val. 24.5-13].)

has inter quasque accipiet Nemeius horas quod discrimen erit, per tris id diuide partes,	405
tertia ut accedat Geminis, qua tempora Tauri uincant, atque eadem Cancro similisque Leoni,	
sed certa sub lege, prioris semper ut astri	411
incolumem seruent summam crescantque nouando.	
sic erit ad summam ratio perducta priorem	408
quam modo diuisis Nemeaeus duxerit horis.	
inde pari Virgo procedat temporis auctu.	410
his usque ad Chelas horarum partibus aucta	413
per totidem e Libra decrescent sidera partes.	
et, quantis in utrumque moris tollentur ad ortus,	415
diuersam in sortem tantis mergentur ad umbras.	
haec erit horarum ratio ducenda per orbem <signorum (...). (3.395-417a)	

(Em qualquer que seja a parte da terra onde cada um investigue isso, determine ele as respectivas horas da noite e do dia que, sendo o mais longo, é cingido em Câncer pelas menores sombras, e atribua a sexta parte do total diurno, qualquer que tenha sido, ao vizinho Leão, depois do templo de Câncer; e a medida que tiver havido para as trevas noturnas deve ser dividida por igual cálculo no mesmo número de partes [sc. seis], de maneira que, quanto de tempo uma de tais partes apresente, tanto seja atribuído a Touro quando, às arrecuas, está ele despontando em seu nascer. A diferença que houver entre estas horas e aquelas que o Leão de Neméia receber, divide-a em três partes, de maneira que uma terça parte seja acrescentada a Gêmeos, com a qual excedam a duração de Touro, e a mesma terça parte seja acrescentada a Câncer, e outra igual, a Leão, mas observando-se uma rigorosa regra: que sempre conservem intacto o total de duração do signo anterior e que cresçam aumentando-o. Assim a conta terá chegado ao montante anterior que Leão contara há pouco, segundo a divisão das horas. A partir daí, avance Virgem com igual acréscimo de tempo. Aumentados com tais frações de horas até o limite das Quelas [sc. de Libra], a partir de Libra os signos decrescerão conforme o mesmo número de partes. E, com quão grandes durações, para mais ou para menos, se erguerem em seu levante, com tão grandes durações os signos, na posição oposta, mergulharão nas sombras. Tal é o cálculo das horas que se há de estender ao longo do círculo *dos signos*.)

Diferentemente do que se lê nos enunciados de Retório e Valente, que partem de exemplos numéricos concretos (cf. *supra*), a exposição de Manílio atenta para o procedimento mesmo e para sua aplicabilidade geral “em qualquer parte da terra” (cf. 3.395: *Quacumque [...] parti terrarum*).¹²⁸ Outra diferença é que, na indicação da latitude — feita normalmente, como demonstrei acima, conforme a proporção entre as durações máxima e mínima do dia para a “inclinação” da “parte da terra” em questão (cf. *supra*) —, em vez de comparar a duração máxima do dia no solstício de verão com a duração mínima do *dia* no solstício de inverno, o poeta a compara com a duração mínima da *noite* (cf. 3.396: *noctemque diemque*; 397: *minimis [...] umbris*) no mesmo solstício de verão (cf. 3.397-8), já que esta tem a mesma medida que o dia mais curto no solstício de inver-

¹²⁸ A esse respeito, cf. Abry 1998: 310.

no.¹²⁹ Assim, a Leão se atribui a sexta parte do “total diurno” (cf. 3.398: *summae* [...] *diurnae*), “qualquer que ela tenha sido” (cf. 3.398: *fuerit quae forte*); por outro lado (cf. 3.400: *at*), a Touro se atribui o sexto da “medida que houver para as trevas noturnas” (cf. 3.400: *quae nocturnis fuerit mensura tenebris*) (cf. 3.398-403). Divide-se, então, a diferença entre os tempos horários de Leão e Touro por três (3.404-5), e o quociente (Q_3) assim obtido será a *προσθαφαίρεσις* para a latitude em questão. A partir daí, só resta ao poeta ensinar a aplicação dessa medida ao longo dos signos; e é bem aí, contudo, que sua expressão se abrevia e simplifica, chegando a deixar novamente à inteligência do discípulo alguns dos passos que já omitira em sua exposição dos tempos de ascensão para a latitude das “regiões que o Nilo rega” (cf. 3.275-300; *supra*): assim, uma terça parte daquela diferença é dada a Gêmeos; com essa terça parte o signo de Gêmeos supera o tempo de Touro; a mesma terça parte é dada a Câncer e a Leão, mas de modo que o acréscimo seja cumulativo, isto é, que o tempo de um signo resulte do acréscimo daquela terça parte ao tempo do signo anterior (cf. 3.406-12); por esse meio, chega-se ao total que já antes fora atribuído a Leão por meio da divisão do total diurno máximo por seis (3.408-9); Virgem também obtém seu tempo por meio do acréscimo da mesma terça parte ao tempo de Leão (cf. 3.410); já o tempo de Libra deverá ser igual ao de Virgem, mas isso o poeta não diz (cf. também: 3.286-7; diferentemente: Jo. Camat. *Zod.* 228-32; cf. n. 112), ou pelo menos não muito claramente (cf. 3.413-14), como tampouco diz que o tempo de Áries deverá ser igual ao de Peixes, coisa que o discípulo terá de deduzir ao fim da aplicação inversa da *προσθαφαίρεσις* — ou seja, por decréscimos consecutivos da terça parte e acúmulo sucessivo das “perdas” (cf. 3.287: *damna*) — a partir de Libra até o signo de Peixes, etapa que o poeta enuncia na brevidade de um só verso (cf. 3.414). Se o enunciado da aplicação é assim breve, lacunar e como que tortuoso (cf. 3.406-14), nem por isso deixa o poeta de atentar, por outro lado, para o aspecto simétrico que novamente (cf. 3.275-300; *supra*) lhe interessa observar quer na distribuição dos acréscimos e decréscimos em relação ao ponto medial de Libra (cf. 3.413-14: *ad Chelas* [...] *aucta* / [...] *e Libra decrescent sidera*; cf. também: 3.286: *ad Librae sidus*; 288: *a sidere Librae*), quer no fenômeno da descensão dos signos, considerada relativamente à ascensão dos respectivos signos opostos (cf. *supra*) — rendendo-lhe, por isso, a confec-

¹²⁹ Como o eixo do horizonte é um só a seccionar simultaneamente as *zoniae* celestes por onde passam os signos, a medida de arco delimitada abaixo do horizonte na *zona* de Câncer — relativa, por exemplo, à duração da noite mais curta, no solstício de verão — corresponde à medida de arco delimitada acima do mesmo horizonte na *zona* oposta, de Capricórnio — relativa, pelo mesmo exemplo, à duração do dia mais curto, no solstício de inverno —, e *vice versa*.

ção de fechos de hexâmetro “simétricos” e antitéticos (cf. 3.415: [sc. sidera] *tollentur ad ortus*; 416: [sc. sidera] *mergentur ad umbras*) —, mas tecnicamente inexplorada como meio de obtenção dos tempos de ascensão, os únicos realmente necessários à operação (c) de localização do *horoscopos* (cf. *supra*).¹³⁰ Já para o cálculo (II) em estádios — que não é senão uma *uariatio* do cálculo em horas equinociais —, eis o enunciado do poeta:

(...) nunc in noscenda pone laborem>
 illa, quot stadiis oriantur quaeque cadantque.
 quae <quater et> cum ter centum uicenaque constant,
 detrahitur summae tota pars, quota demitur usque 420
 omnibus ex horis aestiuae nomine noctis,
 solstitium summo peragit cum Phoebus Olympo.
 quodque his exsuperat demptis id ducito in aequas
 sex partes, sextamque ardenti trade Leoni.
 rursus qui steterit numerus sub nomine noctis 425
 eius erit signo Tauri pars illa dicanda.
 quodque hanc exsuperat partem, superatur ab illa,¹³¹
 distinguitque duas medio discrimine summas,
 tertia pars eius, numero super addita Tauri,
 tradetur Geminis. simili tum cetera lucro 430
 procedent numeros semper tutata priores
 augebuntque nouo uicinas munere summas,
 donec perueniant ad iustae sidera Librae:
 ex illa totidem per partes sic breuiantur
 Lanigeri ad fines; conuersaque omnia lege 435
 accipiunt perduntque paris cedentia sortes.
 haec uia monstrabit stadiorum ponere summas
 et numerare suos ortus per sidera cuncta. (3.417a-38)

([...]) *Agora te esforça para conhecer* isto: com quantos estádios os signos nascem, cada qual, e se põem. Como tais estádios constam de quatro mais três vezes cem e mais vinte [sc. 720], subtraí-se deste total uma parte tão grande quanto aquela que é tirada do total de horas, em nome da noite estival, quando Febo executa seu solstício no topo do Olimpo. Subtraídos esses estádios, o que sobra, vais dividi-lo em seis partes iguais e transmitir a sexta parte ao ardente Leão. Por outro lado, o número que se tiver estabelecido em nome da noite, a mesma sexta parte dele há de ser consagrada ao signo de Touro. O montante [de estádios] que ultrapassa esta última parte [sc. de Touro] e é por aquela outra [sc. de Leão] ultrapassado, e que com diferença ao meio separa as duas somas, a terça parte deste montante, acrescentada sobre o número de Touro, será transmitida a Gêmeos. Então, com igual aumento prosseguirão os demais signos, sempre con-

¹³⁰ Para um exemplo de aplicação da *ratio*, com base nos mesmos parâmetros do exemplo oferecido na n. 127, basta considerar que o arco diurno máximo de 210° está para 14h (= 210°/15°), assim como o arco diurno mínimo de 150° está para 10h (= 150°/15°); um sexto de 14h é 2h20, que será o tempo de Leão; um sexto de 10h é 1h40, que será o tempo de Touro; a diferença entre esses dois tempos (2h20 – 1h40) é 40min, cuja terça parte é 13min20seg, que será a προσθαφαίρεσις na aplicação da *ratio* (cf. *supra*, item “d”).

¹³¹ Para o verso 3.427, adoto, como Housman (1916: 43), a lição do *consensus* O entre os códices Bruxelensis 10012, Lipsiensis 1465, Matritensis 3678, Londinensis 22808 e Parmensis Palat. 283 (cf. Goold 1998: XXXIII-XXXIV), diferentemente de Goold (1998 *ad loc.*) e Flores (2001 *ad loc.*), que adotam a conjectura de Bailey (1956: 83-4): (*quoque,*) haec, exsuperat, pars cum (*superatur ab illa*).

servando os números anteriores, acrescentando com um novo aumento os totais dos vizinhos, até que cheguem ao signo da justa Libra: a partir desse, abreviam-se com o mesmo número de partes, até o limite do Lanígero; e conforme a mesma regra, mas em sentido contrário, os signos ganham ou perdem, ao se porem, iguais montantes de estádios. Esse método mostrará como determinar os totais de estádios e calcular, para cada um dos signos, seus respectivos tempos de ascensão.)

Antes de tudo, convém notar que todo esse cálculo poderia ter sido substituído pela simples e breve conversão dos tempos horários em estádios conforme a proporção $2\text{min} = 1$ estádio (cf. *supra*). Mas “em muitos modos”, disse o vate noutra momento, “a natureza dispôs a verdade, e separou os caminhos, e quis ser buscada por todas as partes” (cf. 2.723-4: *pluribus inque modis uerum natura locauit / diduxitque uias uoluitque per omnia quaeri*). Entretanto, o método para a obtenção das ascensões em estádios não é, a rigor, uma *uia* distinta daquela já enunciada para o cálculo em tempos horários: a única diferença, quanto à matéria, está no uso da nova medida, pois, de resto, as divisões (cf. *supra*, itens “a”, “b” e “c”) e a aplicação (cf. *supra*, item “d”) seguem o mesmo princípio. Já quanto à expressão, por outro lado, a variação aparece na forma como o poeta enuncia os estádios correspondentes às durações (máxima) do dia e (mínima) da noite no solstício de verão, ponto de partida para o cálculo: assim, conforme os mesmos procedimentos de que em geral se vale na expressão dos números (cf. *supra*, p. 131), o poeta diz que 720 (cf. 3.419) é o total de estádios, que deve o aprendiz interpretar como a soma dos estádios diurnos e noturnos, correspondente ao período de 24h, ou à soma dos arcos diurno e noturno percorridos pelo Sol (360° ; cf. 1 estádio = $\frac{1}{2}^\circ$ do equador); a partir daí, a duração em horas equinociais da noite no solstício de verão deve ser convertida em estádios, segundo um princípio de proporção que o poeta apenas brevemente indica (cf. 3.420: *tota pars, quota*), sem enunciar diretamente, e que o discípulo deve, portanto, já conhecer ou ser capaz de deduzir do enunciado do poeta; ora, como apontei acima, trata-se da proporção $2\text{min} = 1$ estádio; a partir do enunciado do poeta, por outro lado, deverá o aprendiz considerar que, se 24h está para 720, a duração da noite do solstício de verão, número que ele conhece, estará, conforme a mesma razão, para o valor em estádios, número que ele desconhece e assim poderá obter (cf. 3.419-22); já a duração do período diurno no mesmo solstício é indiretamente referida como o resultado da subtração dos estádios noturnos do total de estádios (720); segue-se, então, a aplicação da sexta parte dessa duração a Leão, e o sexto da duração *sub nomine noctis* (cf. 3.425) a Touro (3.423-6); assim também, o poeta varia o enunciado da divisão por três da diferença entre as ascensões: da expressão mais direta no cálculo em horas (cf. 3.405: *quod dis-*

crimen erit, per tris id diuide partes) à simetria numérica, no cálculo em estádios, a atentar para a “diferença ao meio” (cf. 3.428: *medio discrimine*) entre as ascensões de Touro, mínima, e Leão, máxima, diferença com que um supera o outro, e com que um é pelo outro superado (cf. 3.427-9);¹³² a aplicação, por fim, do terço dessa diferença, a προσθαφαίρεσις, é enunciada de modo igualmente breve e lacunar, como no caso do cálculo em horas (cf. *supra*): acúmulo de acréscimos até Virgem, cujo tempo — deverá o aprendiz deduzir — será o mesmo de Libra; a partir de Libra, acúmulo de decréscimos até Peixes, cujo tempo — deverá o aprendiz novamente deduzir — será o mesmo de Áries (cf. 3.430-6). Enfim, assim como no enunciado do cálculo em horas, o poeta atenta especialmente para a simetria nos acréscimos e decréscimos (cf. 3.432: *augebunt*; 434: *breuiantur*; 436: *accipiunt perduntque*), observada ainda na inversão de sua aplicação (cf. 3.435: *conuersa [...] lege*) conforme se considere a ascensão e a descensão dos signos (cf. 3.418: *quot stadiis oriantur quaeque cadantque*). Assim, embora represente, como variação do enunciado para o cálculo em horas, certa “expansão” da expressão para a mesma matéria técnica, a explicação do cálculo em estádios não “expande”, contudo, o enunciado daqueles mesmos pontos em que a expressão do cálculo horário se mostrara breve e lacunar, de modo que, num caso como no outro, o que parece interessar ao poeta, a meu ver, é a expressão sintética e simétrica daquilo que o vate também vê como sintético e simétrico, a saber, a *ratio* de aplicabilidade geral (cf. *supra*) que está a ensinar a seu discípulo. Ocorre que — seja em estádios, seja em horas — a aplicação dessa *ratio* ao caso particular das durações máxima de 14h30 e mínima de 9h30 — as quais o poeta, como disse, associa (equivocadamente: cf. n. 105) às “regiões que o Nilo rega” (cf. 3.256-74) — produzirá tempos de ascensão ligeiramente diferentes daqueles que, associados à mesma latitude, ele mesmo ensinara a obter por meio da *ratio* enunciada em 3.275-300 (cf. *supra*).¹³³ Assim, considerando-se esse caso particular, os tempos horários de Leão e Touro, respectivamente Q_1 e Q_2 (cf. *supra*), serão obtidos, conforme a *ratio* ensinada em 3.395-417a, da seguinte forma:

$$Q_1 = \frac{14h30}{6} = 2h24min59seg$$

¹³² Em seu comentário a esses versos, Housman diz (1916: 43): “his tot uerbis significatur distantia inter sextam nocturnorum sextamque diurnorum stadiorum partem” (“com essas palavras todas se indica a diferença entre a sexta parte dos estádios noturnos e a sexta dos diurnos”).

¹³³ Como já observa e testa Housman rapidamente: cf. 1916: xviii.

$$Q_2 = \frac{9h30}{6} = 1h34min59seg$$

Nesse caso, então, a προσθαφαίρεσις corresponderá ao quociente Q_3 , assim obtido:

$$Q_3 = \frac{2h24min59seg - 1h34min59seg}{3} = 16min40seg$$

Ora, aí já se notam diferenças em relação aos números que se obtêm da lição dada nos versos 3.275-94, em que o poeta ensina, relativamente a essa latitude, uma προσθαφαίρεσις de exatamente 16min (cf. 3.284-5; *supra*, p. 176). Ainda que seja pequena a diferença de 40seg entre uma e outra, a aplicação dessa nova medida de acréscimo e decréscimo às demais ascensões a partir dos novos tempos de Leão e Touro resultará em diferenças ligeiramente maiores, como se pode concluir do exame da tabela completa, que assim disponho:

		Pela <i>ratio</i> ensinada em 3.275-94:	Pela <i>ratio</i> ensinada em 3.395-417a:
Υ	Ϡ	1h20min	1h18min20seg
ϝ	Ϟ	1h36min	1h35min
Π	Ϝ	1h52min	1h51min40seg
Ϟ	ϟ	2h08min	2h08min20seg
Ϡ	ϡ	2h24min	2h25min
ϡ	Ω	2h40min	2h41min40seg
Total:		12h	12h

(Tab. 9: Progressão dos tempos de ascensão em horas [Man. 3.275-94, 395-417a].)

Para o cálculo em estádios, por sua vez, o procedimento deve começar pela obtenção do valor em estádios correspondente à duração da noite mais curta — nesse caso, 9h30 (em notação decimal: 9,5h) — conforme a proporção ensinada pelo poeta (cf. 3.419-22), a saber:

$$\frac{24h}{9,5h} = \frac{720 \text{ estádios}}{x} \rightarrow x = \frac{9,5h * 720 \text{ estádios}}{24h} \rightarrow x = 285 \text{ estádios}$$

Assim, como a noite mais curta, de 9h30, equivale a 285 estádios, então o dia mais longo, de 14h30, equivalerá a $720 - 285 = 435$ estádios (cf. 3.423). Logo, conforme a *ratio* ensinada em 3.417a-38, as ascensões de Leão (Q_1) e Touro (Q_2), bem como a προσθαφαίρεσις (Q_3), serão assim obtidas:

$$Q1 = \frac{435}{6} = 72,5 \text{ estádios}$$

$$Q2 = \frac{285}{6} = 47,5 \text{ estádios}$$

$$Q3 = \frac{72,5 - 47,5}{3} = 8 + \frac{1}{3} \text{ estádios} = 8,3\bar{3}$$

Como no cálculo em horas, assim também na medida em estádios a nova προσθαφαίρεσις ($8 + 1/3$ estádios) difere daquela ensinada em 3.275-94, de exatamente 8 estádios (cf. 3.282-3). Do mesmo modo, a aplicação desse novo valor de acréscimo e decréscimo aos novos valores de ascensão para Leão e Touro resultará em valores diferentes ao longo de toda a tabela, como se pode ver abaixo:

		Pela <i>ratio</i> ensinada em 3.275-94:		Pela <i>ratio</i> ensinada em 3.417a-38:	
		Estádios	(Graus)	Estádios	(Graus)
Υ	Ϡ	40	(20°)	39,17 (ou 39 + 1/6)	(19°35'06")
Ϛ	Ϟ	48	(24°)	47,5	(23°45')
Π	Ϝ	56	(28°)	55,83 (ou 55 + 5/6)	(27°54'54")
Ϟ	Ϛ	64	(32°)	64,17 (ou 64 + 1/6)	(32°05'06")
Ϟ	Ϡ	72	(36°)	72,5	(36°15')
Ϡ	Ϟ	80	(40°)	80,83 (ou 80 + 5/6)	(40°24'54")
Total		360	(180°)	360	(180°)

(Tab. 10: Progressão dos tempos de ascensão em estádios [Man. 3.275-94, 417a-38].)

Se a atribuição das ascensões obtidas pela *ratio* ensinada em 3.275-300 à latitude de Alexandria não é erro, como disse, que se imputará unicamente ao poeta (cf. *supra*), há, por outro lado, incoerência da parte deste em enunciar — noutro momento do poema e sem ressalvas — uma *ratio* que produz números diferentes *para o mesmo caso*. Com efeito, numa “correção”, ou se deveria mudar a latitude para a qual se aplicam os valores obtidos pela *ratio* enunciada em 3.275-300 — já que a aplicação inversa da *ratio* de Valente, exposta por Manílio mais adiante em 3.395-438, obriga a deduzir que tais valores correspondem a uma latitude de proporção 14h24/9h36 (cf. *supra*) —, ou, mantendo-se a latitude de proporção 14h30/9h30, deveriam ser mudados, por outro lado, os valores das ascensões obtidos em 3.275-300, de modo que passassem a ser coerentes com os que se obteriam para a mesma latitude mediante a aplicação da outra *ratio* enunciada em 3.395-438. Não se trataria, com isso, de corrigir o enunciado do poeta relativamente à verdade das ascensões — como estas se obteriam, por exemplo, em Ptolomeu

ou outra fonte técnica qualquer —, mas de “corrigir” o enunciado do poeta relativamente à “verdade” por ele mesmo enunciada como tal. Não creio, por outro lado, que tais diferenças se devam a mero caso de simplificação numérica por parte do poeta; é certo que a expressão dos números — e das “partes nas próprias partes” — é problema de que o poeta se queixa (cf. *supra*); mas não é menos verdade que o mesmo poeta não simplificou — bem ao contrário (cf. *supra*) — a extensa lista de números que se viu na incumbência de “mostrar” a seu discípulo na doutrina das *partes damnandae*, como procurei demonstrar (cf. *supra*). Penso que tais incoerências se devem à atenção dada por Manílio à expressão *poética* das *rationes* como objetos notáveis, por assim dizer, “em si mesmos”, sem que o poeta atentasse, contudo, para a coerência que, do ponto de vista *técnico*, deveria ser observada entre tais objetos. Mas ainda há outras incoerências. Antes, porém, volto ao tempo.

2.2.3.3.3. De volta ao tempo.

Tendo já exposto as causas naturais das diferenças de duração do dia e da noite conforme a variação da latitude (cf. 3.331-84; *supra*), o poeta volta ao tratamento da matéria, agora considerando, porém, a progressiva mudança na duração do dia conforme a variação das estações do ano relativamente uma mesma latitude qualquer (cf. 3.448-82). Desnecessário como é para a realização da operação (c) de localização do horóscopo — já que para tanto bastaria, em princípio, o que o poeta enunciou até o verso 3.442 —,¹³⁴ o tratamento que Manílio aí dispensa à razão de progressão na duração do dia revela, mais uma vez, o interesse do poeta pelo enunciado da *ratio* novamente como um objeto poético “em si mesmo”, como mais um objeto cuja difícil expressão o poeta se compraz em confeccionar. Além disso, é notável, nesse caso, que não lhe interessa o tratamento das *causae* propriamente naturais que explicam o fenômeno do aumento na duração do dia a partir do inverno;¹³⁵ o que lhe interessa, em vez disso, é apenas a expressão da *ratio* matemática dessa progressão. Trata-se, mais precisamente, de considerar o acréscimo na duração do dia — e o conseqüente decréscimo na duração da noite

¹³⁴ Como observa Housman com certa ênfase: cf. 1916: xviii-xix.

¹³⁵ Quanto a essas, chamo a atenção para o tratamento que Gemino (I a.C.) dispensa à variação na duração dos dias conforme as estações, bem como ao ritmo da variação: cf. Gem. 6.24-8; 29-43; assim também, Cleomedes (II d.C.) trata — com maior precisão — das razões ou *causae* das diferenças na progressão: cf. Cleom. 52.3-60.25.

— conforme cada mês do ano a partir do dia de menor duração, no solstício de inverno, quando o Sol está em Capricórnio (no hemisfério norte); quanto a este último ponto, Manílio considera, a certa altura, a doutrina segundo a qual a noite invernal atinge sua duração máxima quando o Sol está a percorrer o oitavo grau de Capricórnio (cf. 3.257: *in octava Capricorni parte*; 680: *octava in parte*; cf. *supra*, p. 170); mas ele mesmo também lembra a doutrina que prefere o 15° (cf. 3.681),¹³⁶ bem como aquela que situa os pontos solsticiais e equinociais no 1° dos signos (cf. 3.681-2: *nec defuit autor / qui primae momenta daret frenosque dierum*, “nem faltou autor que ao primeiro grau atribuisse os acréscimos e freios dos dias”), como é o entendimento, enfim, de Gemino (I a.C.), que assim distribui a ordem de acréscimos e decréscimos, contando os meses, assim como Manílio (cf. *infra*, p. 200), por meio dos signos:

Γίνονται μὲν γὰρ μείζονες αἱ ἡμέραι τῶν νυκτῶν ἐν ἕξ ζῳδίοις, Κριῶ Τάυρω Διδύμοις Καρκίνῳ Λέοντι Παρθένῳ, ὅπερ ἐστὶν ἡμικύκλιον τοῦ ζῳδιακοῦ κύκλου ἀπὸ α^{ης} μοίρας Κριοῦ μέχρι Παρθένου μοίρας λ^{ης}. βόρειόν ἐστι. Πάλιν αἱ νύκτες τῶν ἡμερῶν μείζονες ἐν τοῖς ἀπολειπομένοις ζῳδίοις, Ζυγῶ Σκορπίῳ Τοξότῃ Αἰγόκερῳ Ὑδροχόῳ Ἰχθύσιν, ὅπερ ἐστὶ πάλιν ἡμικύκλιον τοῦ ζῳδιακοῦ κύκλου ἀπὸ Ζυγοῦ α^{ης} μοίρας μέχρις Ἰχθύων μοίρας λ^{ης}. Παραύξησις δὲ ἡμερῶν γίνεται ἀπὸ α^{ης} μοίρας Αἰγόκερω μέχρι Διδύμων μοίρας λ^{ης}, ὅπερ ἐστὶν ἡμικύκλιον τοῦ ζῳδιακοῦ κύκλου ἀπὸ τροπῆς χειμερινῆς μέχρι τροπῆς θερινῆς. Παραύξησις δὲ νυκτῶν γίνεται ἀπὸ Καρκίνου α^{ης} μοίρας μέχρι Τοξότου μοίρας λ^{ης} ὅπερ ἐστὶν ἡμικύκλιον πάλιν τοῦ ζῳδιακοῦ κύκλου ἀπὸ τροπῆς θερινῆς μέχρι τροπῆς χειμερινῆς. (Gem. 6.40-3)

(Tornam-se os dias maiores que as noites em seis signos: em Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, isto é, o semicírculo do círculo zodiacal a partir do 1° de Áries até o 30° de Virgem. É [o semicírculo] boreal. Por sua vez, as noites [se tornam] maiores que os dias nos signos restantes: em Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Peixes, isto é, o semicírculo do círculo zodiacal a partir do 1° de Libra até o 30° de Peixes. O aumento dos dias acontece a partir do 1° de Capricórnio até o 30° de Gêmeos, isto é, o semicírculo do círculo zodiacal a partir do solstício de inverno até o solstício de verão. O aumento das noites acontece a partir do 1° de Câncer até o 30° de Sagitário, isto é, o semicírculo do círculo zodiacal a partir do solstício de verão até o solstício de inverno.)

O que Gemino não precisa é a medida da variação na duração do dia ao longo dos meses. É o que faz, por outro lado, Cleomedes (II d.C.), que ainda acrescenta um exemplo, em seu capítulo “sobre o aumento dos dias a ocorrer desigualmente, e por que as durações do dia e da noite são desiguais com os giros do firmamento, e sobre a zona tórrida, se é habitável” (Περὶ τῆς αὐξήσεως τῶν ἡμερῶν ἀνίσως γινομένης, καὶ διὰ τί τὰ νυχθήμερα ἄνισά ἐστι ταῖς τοῦ κόσμου περιστροφαῖς, καὶ περὶ τῆς διακεκαυμένης, εἰ οἰκήσιμος ἐστίν):

¹³⁶ Tal é o caso de Eudoxo (V a.C.): cf. Boll 1903: 338.

Αἱ δὲ αὐξήσεις <καὶ μειώσεις> τῶν ἡμερῶν τε καὶ νυκτῶν οὐ τὸ ἴσον ἐκάστης ἡμέρας προστιθέασι καὶ ὑφαιροῦσιν, ἀλλ' ὅποτε ἀρχὴν τοῦ αὐξέσθαι ἡ ἡμέρα λαμβάνει, τῷ μὲν πρώτῳ μηνὶ δωδέκατον αὐξεται τῆς ὅλης ὑπεροχῆς, ἢ ὑπερέχει ἡ μεγίστη τὴν ἐλαχίστην ἡμέραν, τῷ δὲ δευτέρῳ ἕκτον, τῷ δὲ τρίτῳ τέταρτον, καὶ τῷ τετάρτῳ ὁμοίως τέταρτον, τῷ δὲ πέμπτῳ ἕκτον, τῷ δὲ ἕκτῳ δωδέκατον. Ὡστε εἰ ὥραις ἕξ ὑπερέχει ἡ μεγίστη τὴν ἐλαχίστην ἡμέραν, τῷ μὲν πρώτῳ μηνὶ ἡμιώριον προστεθήσεται τῇ ἡμέρᾳ, τῷ δὲ δευτέρῳ ὥρα, τῷ δὲ τρίτῳ ὥρα καὶ ἥμισυ, ὡς τῇ τρίμηνῳ τριῶν ὥρων γίνεσθαι τὴν προσθήκην· καὶ τῷ τετάρτῳ ὁμοίως ὥρα καὶ ἥμισυ προστεθήσεται, τῷ πέμπτῳ ὥρα, τῷ ἑσχάτῳ ἡμιώριον. Καὶ οὕτως ἀναπληρωθήσονται αἱ ἕξ ὥραι, καθ' ἃς ὑπερέχει ἡ μεγίστη τὴν ἐλαχίστην ἡμέραν. (Cleom. 50.15-52.2)

(Os aumentos <e diminuições> dos dias e das noites não o mesmo [tanto] de cada dia acrescentam e subtraem, mas quando o dia toma o começo do aumento, no primeiro mês o duodécimo se acrescenta do excesso total com que o maior dia excede o menor, no segundo [mês] o sexto [se acrescenta], no terceiro [mês] o quarto [se acrescenta], e no quarto [mês] igualmente o quarto [se acrescenta], no quinto [mês] o sexto [se acrescenta], no sexto [mês] o duodécimo [se acrescenta]. Assim, se em seis horas o maior dia excede o menor [sc. 15h para 9h = 6h], no primeiro mês meia hora [= 6h/12] se acrescentará ao dia, no segundo [mês] uma hora [= 6h/6] [se acrescentará ao dia], no terceiro [mês] uma hora e meia [= 6h/4] [se acrescentará ao dia], de modo a ser de três horas [0,5h + 1h + 1,5h] o acréscimo no trimestre; e no quarto [mês] igualmente uma hora e meia se acrescentará [ao dia], no quinto [mês] uma hora [se acrescentará ao dia], no último [mês] meia-hora [se acrescentará ao dia]. E assim se terão completado as seis horas nas quais o maior dia excede o menor.)

Como se vê, trata-se de tomar o “excesso” (cf. Cleom. 50.19: ὑπεροχῆς) com que o maior dia excede o menor na mesma latitude, isto é, a diferença (Δ) entre as durações máxima e mínima do dia para a latitude em questão, e de repartir esse número pelos seis meses que vão de um solstício ao outro, ou nos termos de Gemino, pelos seis signos que compõem o “semicírculo do círculo zodiacal” (cf. Gem. 6.40.3: ἡμικύκλιον τοῦ ζῳδιακοῦ κύκλου); no caso do aumento da duração dos dias a partir do inverno, trata-se do semicírculo que vai do 1° de Capricórnio (no hemisfério norte) ao 30° de Gêmeos (cf. *supra*, Gem. 6.42). A divisão da diferença (Δ), por sua vez, se faz conforme uma progressão nos denominadores, de modo que a soma das frações atribuídas a cada mês resulta novamente na diferença que se repartiu a todos:

1° mês	2° mês	3° mês	4° mês	5° mês	6° mês
(1° ♄)	(♆)	(♁)	(♃)	(♅)	(30° ♊)
$\frac{\Delta}{12}$	$\frac{\Delta}{6}$	$\frac{\Delta}{4}$	$\frac{\Delta}{4}$	$\frac{\Delta}{6}$	$\frac{\Delta}{12}$

$$\left(\frac{\Delta}{12} + \frac{\Delta}{6} + \frac{\Delta}{4} + \frac{\Delta}{4} + \frac{\Delta}{6} + \frac{\Delta}{12} = \Delta \right)$$

(Tab. 11: Progressão de acréscimos na duração do dia de Capricórnio a Gêmeos.)

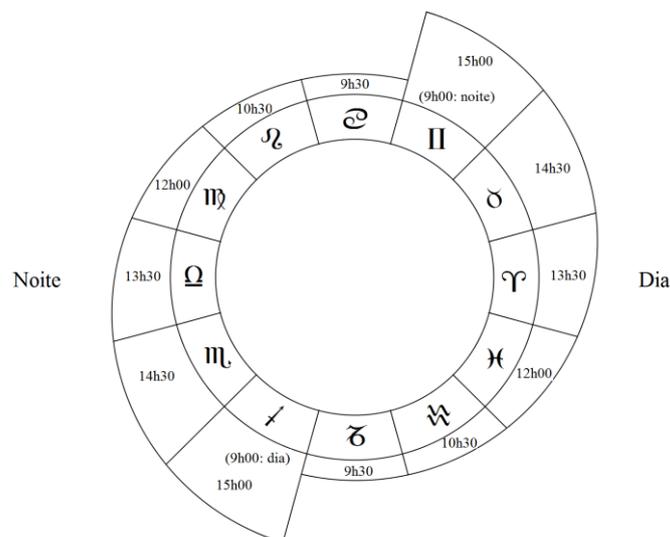
Assim, no exemplo de Cleomedes (que numericamente é também o de Manílio: cf. 3.457-8: *senis fuerit si longior horis / brumali nox forte die*, “se em seis horas a noite tiver sido mais longa que o dia [de solstício] de inverno”;¹³⁷ Cleom. 50.22-3: *εἰ ὥραις ἕξ ὑπερέχει ἢ μεγίστη τὴν ἐλαχίστην ἡμέραν*, “se em seis horas excede o maior ao menor dia”), uma *ὑπεροχή* (Δ) de 6h corresponde a uma latitude de proporção 15h/9h; nesse caso, a duração do dia, a partir do solstício de inverno (no 1° de Capricórnio), progride de 9h para 9h30 ao longo do 1° mês, pois $6h/12 = 30min$; ao longo do segundo mês, como o acréscimo já é de $6h/6 = 1h$, a progressão é de 9h30 para 10h30; e assim por diante, até o fim do sexto mês (no 30° de Gêmeos), respeitando-se o acréscimo particular a cada mês e o acúmulo dos meses anteriores.¹³⁸ É só para essa progressão, enfim, que atenta a observação brevíssima de Capela, também enunciada como em Cleomedes (cf. Cleom. 50.18-22), mas sem exemplo ilustrativo:

(...) sciendum (...) a bruma ita dies accrescere, ut primo mense duodecima ejusdem temporis quod additur aestate accrescat, secundo mense sexta, tertio quarta, et quarto mense alia quarta, quinto sexta, sexto duodecima. (Mart. Cap. § 878)

([...] cumpre saber que a partir do inverno o dia cresce de tal modo que, no primeiro mês, cresce um duodécimo do mesmo tempo que [lhe] é acrescentado no verão; no segundo mês [cresce] um sexto [do mesmo tempo], no terceiro um quarto, no quarto outro quarto, no quinto um sexto, no sexto um duodécimo.)

¹³⁷ Digo “numericamente” porque, na indicação da proporção entre as durações máxima do *dia*, no solstício de verão, e mínima, no solstício de inverno, Manílio considera, como equivalente da primeira, a duração máxima da *noite* no mesmo solstício de inverno: cf. n. 129.

¹³⁸ Considerando-se o exemplo de Cleomedes e a lição de Gemino que apresentei acima, a progressão completa nas durações do dia e da noite pode ser assim representada conforme os “semicírculos” do círculo zodiacal (cf. Gem. 6.40-3):



(Fig. 11: Progressão das durações do dia e da noite.)

A concisão, porém, que se vê em Capela ou Cleomedes não é o que se encontra, por outro lado, no enunciado poético de Manílio. Assim, malgrado o aviso do poeta, que, antes de começar a expor seu próprio enunciado da *ratio*, diz que ela “é grande e deve ser ensinada com brevidade” (cf. 3.447: *magna est ratio breuiterque docenda*; cf. *infra*), sua exposição da *ratio* de progressão na duração do dia se faz mediante o variado aproveitamento das simetrias numéricas que o poeta identifica na matéria, de modo que o enunciado final resulta não só mais extenso, como também mais complexo. Nesse ponto, “o que (Manílio) podia (ter dito) com uma palavra”, critica Escalígero, “preferiu (dizer) com muitos volteios, a fim de ostentar a fertilidade de seu engenho” (“quod uno uerbo potuit pluribus ambagibus maluit, ad fertilitatem ingenii ostentandam”¹³⁹). Eis, então, a lição do poeta, de que em seguida examino as “ambages”:

Nunc, quibus hiberni momentis surgere menses
 incipiant (neque enim paribus per sidera cuncta
 procedunt gradibus, niuei dum uellera signi 445
 contingant aequum luces cogentia et umbras
 ferre iugum), magna est ratio breuiterque docenda.
 principio capienda tibi est mensura diei
 quam minimam Capricornus agit, noctisque per horas
 quam summam; quodque a iusto superauerit umbris, 450
 perdiderint luces, eius pars tertia signo
 tradenda est medio semper, qua sorte retenta
 dimidio uincat primum, uincatur et ipsum
 extremo: totum in partes ita digere tempus.
 his opibus tria signa ualent; sed summa prioris 455
 ac medii numeri coniuncta sequentibus astris
 cesserit, ut, senis fuerit si longior horis
 brumali nox forte die, Capricornus in horam
 dimidiam attollat luces, et Aquarius horam
 ipse suam proprie ducat summaeque priori 460
 adiungat, Pisces tantum sibi temporis ipsi
 constituent, quantum accipiant de sorte prioris,
 et tribus expletis horis noctemque diemque
 Lanigero tradant aequandam tempore ueris.
 incipit a sexta tempus procedere parte 465
 diuiduum; triplicant uires haerentia signa
 ultimaque acceptas duplicant. ita summa diebus 467
 redditur, aequatae soluuntur faenore noctes 473
 rursus et incipiunt propria de sorte diebus 474
 cedere diuersa labentia tempora lege. 468
 namque Aries totidem deducit noctibus horas
 quot prius abstulerant proprio sub nomine Pisces, 470
 hora datur Tauro, cumuletque ut damna priora
 dimidiam adiungunt Gemini. sic ultima primis

¹³⁹ Ap. Housman: 1916: xix.

respondent, pariterque, illis quae proxima fulgent, 475
 et media aequatis censentur uiribus astra.
 [praecipuosque gerunt uarianda ad tempora motus]
 hac uice descendunt noctes a sidere brumae
 tollunturque dies, annique inuertitur orbis,
 solstitium tardi dum fit sub sidere Cancri; 480
 tumque diem brumae nox aequat, tempora noctis
 longa dies, similique redit, quam creuerat, actu. (3.448-82)

(Agora, com quais gradações os dias dos meses inverniais começam a crescer — pois não avançam a passos iguais ao longo dos signos todos, até tocarem o velo do níveo signo, que obriga as luzes e as sombras a suportarem igual jugo, — a razão disso é de grande importância e deve ser ensinada com brevidade. Em primeiro lugar, deve ser tomada por ti a medida do dia mais curto que Capricórnio percorre, bem como a maior duração em termos de horas noturnas; o montante que, pela escuridão da noite, ultrapassar a justa medida e que as luzes do dia tiverem perdido, desse montante a terça parte deve ser sempre atribuída ao signo do meio, de maneira que, conservada para si essa parte, ele supere o primeiro com metade, e com metade seja ele mesmo superado pelo último: distribui assim, nessas partes, a totalidade do tempo. É com tais acréscimos que os três signos aumentam; mas, reunido o total do primeiro número e o do número do meio, o resultado terá sido acrescentado aos signos seguintes, de modo que, se por acaso a noite no solstício de inverno tiver sido seis horas mais longa, Capricórnio aumente as luzes do dia em meia hora, e Aquário estenda, ele mesmo, em particular, uma hora e a some ao total anterior, e o signo de Peixes institua para si mesmo a mesma quantidade de tempo que recebe da posição do precedente, e de modo que, completadas três horas, ele entregue a noite e o dia ao Lanígero, para que sejam igualados na estação da primavera. O tempo começa a avançar dividido a partir da sexta parte; os signos adjacentes triplicam essa quantidade, e os últimos signos duplicam a quantidade por eles recebida. Assim, o total é restituído aos dias, e as noites, igualadas a eles, são liberadas da dívida e, reciprocamente, passam a ceder, de seu próprio capital, montantes de tempo que se vão desfazendo em ordem inversa. Pois Áries retira das noites o mesmo número de horas que o signo de Peixes, anteriormente, havia retirado em seu próprio nome; uma hora é dada a Touro; e o signo de Gêmeos acrescenta meia hora às perdas anteriores. Assim, os últimos signos correspondem aos primeiros, e igualmente são apreçados com os mesmos montantes aqueles que brilham próximos deles, bem como os do meio [sc. no intervalo de seis signos]. É nessa sucessão que as noites diminuem a partir do solstício de inverno, e os dias aumentam, e o ciclo do ano se inverte, até o momento em que se dá o solstício [de verão] sob o signo do vagaroso Câncer; então a noite iguala o dia [do solstício] de inverno, e o dia, longo, iguala a duração da noite [do solstício de inverno] e [então] retorna com marcha similar àquela com que havia aumentado.)

Em primeiro lugar, o ponto de partida para a *ratio* em Manílio não é a diferença (Δ) entre a maior e a menor duração do dia, respectivamente no solstício de inverno e no solstício de verão para a mesma latitude, mas a diferença entre a duração mínima do dia e máxima da *noite* para o mesmo solstício de inverno, conforme a equivalência que já antes adotara (cf. 3.395-417a; *supra*, n. 129). Em segundo lugar, não é bem a diferença (Δ) de uma para outra duração que o poeta considera, mas a diferença (δ) de uma e outra para a “justa medida” (cf. 3.450: *a iusto*), isto é, para a medida de 12h, que dia e noite igualmente apresentam nos equinócios; no exemplo de Manílio (cf. 3.457-8), a diferença (Δ) de 6h entre as durações mínima do dia e máxima da noite corresponde a uma

latitude de proporção 9h/15h (cf. *supra*); nesse caso, a diferença (δ) de 9h para 12h e de 15h para 12h é de 3h. Por esse expediente, o poeta pode então assinalar o aumento na duração do dia tal como este progride do solstício de inverno até as proximidades do equinócio de primavera (cf. 3.464: *tempore ueris*), isto é, até o fim dos “três signos” (cf. 3.455: *tria signa*, sc. $\text{♉} \text{♊} \text{♋}$), ou na expressão de Cleomedes, “no trimestre” (cf. Cleom. 50.25: $\tau\tilde{\eta} \text{τριμήνῳ}$), quando a duração do dia terá aumentado de 9h para 12h, igualando-se à duração da noite, que terá diminuído de 15h para 12h, de modo que nesse momento o signo de Peixes “entregue a noite e o dia ao Lanígero (sc. Áries) para que este os iguale na primavera” (cf. 3.463-4: *noctemque diemque / Lanigero tradant aequandam tempore ueris*). Assim, em vez de simplesmente indicar a progressão de um solstício a outro — o que o levaria a tomar a diferença (Δ) de 6h e de ensinar sua divisão pelos seis signos ou meses do “semicírculo”, como Cleomedes e Capela fazem —, o poeta prefere considerar a progressão de tal modo que lhe seja possível assinalar os pontos intermediários dela, ao meio do “semicírculo”, em que a duração do dia (9h), por ter aumentado com a “restituição” de 3h (cf. 3.472-3), e a duração da noite (15h), por ter simultaneamente diminuído com o “pagamento da dívida” de 3h (cf. 3.473), alcançam a mesma “justa medida” de 12h; trata-se, então, de repartir a diferença (δ) de 3h, correspondente ao acréscimo na duração dia entre o solstício de inverno e o equinócio de primavera, pelos três signos da estação do inverno, isto é, a partir do 1º de Capricórnio até o 30º de Peixes. É bem quanto ao procedimento de tal divisão, porém, que o enunciado de Manílio é mais complexo relativamente às lições de Cleomedes e Capela. O que o poeta diz é que a terça parte da diferença (δ) “deve ser sempre atribuída ao signo do meio” (cf. 3.451-2 *signo / tradenda est medio semper*); o que o aprendiz, por sua vez, deve entender é que o “signo do meio” corresponde ao signo ou mês que está ao meio da estação; no inverno, então, o “signo do meio” (para o hemisfério norte) é Aquário (cf. $\text{♊} \text{♋} \text{♌}$), sendo Touro, Leão e Escorpião os “signos do meio” respectivamente para a primavera (cf. $\text{♈} \text{♉} \text{♊}$), o verão (cf. $\text{♋} \text{♌} \text{♍}$) e o outono (cf. $\text{♌} \text{♍} \text{♎}$); ora, se se considera o intervalo de seis meses de um solstício a outro, os “signos do meio” correspondem sempre ao segundo e ao quinto mês, ao longo dos quais o acréscimo, como Cleomedes e Capela ensinam, é sempre de um sexto da diferença (Δ) (cf. Cleom. 50.20: $\tau\tilde{\omega} \delta\grave{\epsilon} \text{δευτέρῳ ἕκτον}$; 21: $\tau\tilde{\omega} \delta\grave{\epsilon} \text{πέμπτῳ ἕκτον}$; Mart. Cap. § 878: *secundo mense sexta [...]* *quinto sexta*; cf. *supra*); daí que, sendo a diferença (δ) equivalente à metade da diferença (Δ), precisa o poeta considerar a terça parte daquela (cf. 3.451: *eius pars tertia*), e não mais a sexta desta, como o acréscimo atribuído ao “signo do meio”. Quanto aos

acrécimos relativos aos outros signos ou meses, Manílio não os aponta individualmente, como Cleomedes e Capela; em vez disso, enuncia-os conforme uma *ratio* que os relaciona ao “signo do meio”, o qual “supera o primeiro (signo) com metade” e com metade “é superado pelo último” (cf. 3.452-4); assim, para o exemplo considerado pelo poeta, em que o acréscimo de Aquário, no inverno (cf. *supra*), é de 1h (= 3h/3), a progressão *apenas* dos acréscimos, tomados individualmente e sem acúmulos de um para o outro, é a seguinte:

♏	♐	♑
$\frac{1}{2}h$	1h	1h + $\frac{1}{2}h$

(Tab. 12: Progressão de acréscimos na duração do dia de Capricórnio a Aquário.)

O poeta adverte (cf. 3.455-7), então, que o acréscimo aportado por um signo se soma ao acréscimo trazido pelo signo seguinte, de modo que, ao fim da estação, o acréscimo total dos três signos será de 3h. Assim, ainda conforme o exemplo do poeta, ao fim do signo de Peixes — nas proximidades, portanto, do equinócio de primavera, no 1º de Áries —, o acúmulo dos acréscimos sucessivos fará que o dia venha a ser três horas mais longo do que fora no começo do inverno:

♏	♐	♑
$\frac{1}{2}h$	1h	1 + $\frac{1}{2}h$
	$1h + \frac{1}{2}h$	$1h + \frac{1}{2}h$ + $1h + \frac{1}{2}h$
		3h

(Tab. 13: Progressão cumulativa de acréscimos na duração do dia de Capricórnio a Aquário.)

Eis que o poeta enuncia, então, outra pequena *ratio*, que relaciona uns aos outros não mais os acréscimos isolados, como fizera antes (cf. 3.452-4), mas os *acúmulos* dos acréscimos ao fim de cada signo, conforme os distribuí na tabela acima; é quando diz que “o tempo começa a progredir a partir da sexta parte” (cf. 3.465: *incipit a sexta tem-*

pus procedere parte), que “os signos adjacentes triplicam o montante” (cf. 3.466: *triplicant uires haerentia signa*) e que “os últimos (signos) duplicam o (montante) recebido” (cf. 3.467: *ultimaque acceptas duplicant*): ora, a “sexta parte” — da diferença (δ) — corresponde à duodécima parte — da diferença (Δ) — que, nas lições de Cleomedes e Capela (cf. *supra*), é o acréscimo relativo ao primeiro e ao sexto mês; estes meses, por sua vez, correspondem aos signos em que o “tempo começa a progredir”, a saber, o signo de Capricórnio, em que a duração do dia, tendo atingido seu mínimo, começa a aumentar, e o signo de Câncer, em que é a duração da noite que, tendo atingido seu mínimo, começa por sua vez a aumentar (cf. *supra*, Gem. 6.40-3); assim, quanto ao resto, conforme o exemplo de Manílio, Aquário triplica, *no acúmulo de tempo*, o acréscimo particular de seu adjacente Capricórnio, pois, somando-se o acréscimo particular deste, que é de ½h, ao seu, que é de 1h, o total acumulado é de 1,5h, ou seja, o *triplo* de ½h (cf. 3.466: *triplicant*), que é o acréscimo particular de Capricórnio; já o signo de Peixes, último da série, recebe de Capricórnio e Aquário o total de 1,5h; a este montante soma-se seu acréscimo particular, que é de 1,5h, sendo o resultado final, de 3h, o *dobro* (cf. 3.467: *duplicant*), obviamente, do montante por ele recebido, de acordo com o breve enunciado do poeta. Ora, como se pode ver, trata-se, até aqui, do acréscimo na duração dos dias e do correspondente decréscimo na duração das noites a partir do solstício de inverno até o momento em que ambas as durações se igualam no equinócio de primavera em Áries (cf. 3.472-3); como enfatizei acima, o poeta descreve a “justa medida” do equinócio como o momento em que “a soma (sc. de 3h) é restituída aos dias” (cf. 3.467-73: *summa diebus / redditur*) e em que “as noites se livram da dívida (sc. de 3h)” (cf. 3.473: *soluuntur faenore noctes*); a partir daí, porém, invertem-se as posições do “credor” e do “devedor”, pois os dias é que passarão, a partir de Áries, a “contrair” uma progressiva “dívida” com as noites, já que estas “de seu próprio capital começam a ceder aos dias os montantes de tempo” (cf. 3.474-68: *incipiunt propria de sorte diebus / cedere [...] tempora*) até que os dias atinjam, no solstício oposto “sob o signo do vagaroso Câncer” (cf. 3.480: *tardi [...] sub sidere Cancri*), sua duração máxima de 15h; assim, a partir do equinócio de primavera a progressão é assinalada, não mais conforme os acréscimos à duração dos dias (cf. 3.459-64) — como em Cleomedes e Capela (cf. *supra*) —, mas conforme os “prejuízos” (cf. 3.471: *damna*) que as noites vão sofrendo até que atinjam sua duração mínima de 9h; de todo modo, porém, a progressão — quer do acréscimo dos dias, quer do decréscimo das noites — se faz, no novo trimestre de Áries até Gêmeos, na “ordem inversa” (cf. 3.468: *diuersa [...] lege*) daquela em que se dera a

progressão de Capricórnio a Peixes, detalhe que aqueles autores não assinalam de modo particular em seu enunciado (cf. *supra*), ainda que tecnicamente o presumam, e que Manílio não deixa de assinalar e em seguida explicar, ao dizer que o acréscimo em Áries é o mesmo que em Peixes (cf. 3.469-70) (sc. $1,5h = 3h/2$), que 1h é o acréscimo em Touro (sc. $3h/3$), e que às “perdas anteriores” (cf. 3.471: *damna priora*) (sc. na duração da noite) (sc. $1,5h + 1h$) o signo de Gêmeos acrescenta “metade” (sc. $3h/6 = 1/2h$). Eis a distribuição das frações:

1° mês	2° mês	3° mês	4° mês	5° mês	6° mês
(1° ♉)	(♊)	(♈)	(♌)	(♍)	(30° ♎)
$\frac{\delta}{6}$	$\frac{\delta}{3}$	$\frac{\delta}{2}$	$\frac{\delta}{2}$	$\frac{\delta}{3}$	$\frac{\delta}{6}$

$$\left(\frac{\delta}{6} + \frac{\delta}{3} + \frac{\delta}{2} + \frac{\delta}{2} + \frac{\delta}{3} + \frac{\delta}{6} = \delta\right)$$

(Tab. 14: Progressão de acréscimos na duração do dia de Capricórnio a Gêmeos: “avanço a partir da sexta parte”.)

Ora, o remate que dá o poeta a sua exposição da *ratio* não é senão a descrição da simetria entre os denominadores na progressão acima:

Sic ultima primis
respondent, pariterque, illis quae proxima fulgent,
et media aequatis censentur uiribus astra. (3.474-6)

(Assim, os últimos signos [sc. ♎ ou ♏] correspondem aos primeiros [sc. ♉ ou ♊], e igualmente são apreçados com os mesmos montantes aqueles que brilham próximos deles [sc. ♊ e ♌, ou ♏ e ♍], bem como os do meio [sc. no intervalo de seis signos: ♈ e ♌, ou ♍ e ♎].)

Da simetria do número o poeta passa, enfim, à simetria do fenômeno: tendo já explorado a “justa medida” dos equinócios (cf. *supra*), sua atenção se volta, enfim, para a inversão da proporção entre as durações do dia e da noite de um solstício ao outro, assim concluindo:

Hac uice descendunt noctes a sidere brumae
tollunturque dies, annique inuertitur orbis,
solstitium tardi dum fit sub sidere Cancri;
tumque diem brumae nox aequat, tempora noctis
longa dies, similique redit, quam creuerat, actu. (3.448-82)

(É nessa sucessão que as noites diminuem a partir do solstício de inverno, e os dias aumentam, e o ciclo do ano se inverte, até o momento em que se dá o solstício [de verão] sob o signo do vagaroso Câncer; então a noite iguala o dia [do solstício] de inverno, e o dia, longo, iguala a duração da noite [do solstício de inverno] e [então] retorna com marcha similar àquela com que havia aumentado.)

A “justa medida” de 12h, os dias “credores”, antes da primavera, depois “devedores”, a partir do equinócio, a progressão dos denominadores em ordem direta, nos três primeiros signos, depois inversa, nos três últimos do semicírculo, o arco noturno repleto do diurno no solstício de inverno como equivalente do arco diurno repleto do noturno no solstício de verão são aspectos, enfim, que o poeta novamente observa em sua matéria e novamente privilegia (cf. 3.287-90, 413-16, 434-6) no enunciado poético que lhe confecciona. Diante disso, é mesmo notável que a doutrina tenha sido começada pela observação de que deveria ser ensinada “com brevidade” (cf. 3.447: *breuiter* [...] *docenda*), o que talvez se deva, ao menos em parte, à preferência do poeta pela descrição apenas “matemática” do fenômeno, cujas explicações naturais (cf. Gem. 6.24-43; Cleom. 52.3-60-25) são deixadas de lado; por outro lado, a “brevidade” de que fala o poeta, aqui e noutros momentos (cf. 3.276-7), pode ser explicada ainda de outros modos; disso trato mais adiante (cf. Cap. 3, p. 239). Por ora, passo ao exame da última *ratio*.¹⁴⁰

2.2.3.3.4. *Illa etiam (...) uia* (3.483).

O que fez Manílio até aqui é a progressiva “correção” à “razão vulgar”, “que duas horas (sc. naturais) atribui à ascensão de cada signo” (cf. 3.218-9: *uulgatae rationis* [...] *ordo*, / *quae binas tribuit signis surgentibus horas*): tendo primeiramente enunciado as razões pelas quais o postulado dessa *ratio* nem sempre é verdadeiro (cf. 3.225-42), e tendo, em seguida, enunciado a conclusão de que “não podem os signos todos nascer em duas horas cada um” (cf. 3.243: *Quo fit ut in binas non possint omnia nasci*), o poeta

¹⁴⁰ Ainda outras *rationes* Manílio expõe que não tratarei aqui: é o caso, por exemplo, da chamada *χρονοκρατορία* ou *temporum dominium*, a identificação de quais signos são dominantes sobre quais frações de tempo da vida humana — ano, mês, dia e hora — segundo dois procedimentos distintos que o poeta se compraz em expor (3.514-24; 537-59); para o estudo de enunciados semelhantes ao de Manílio no ensinamento dessa doutrina, cf. Paul. Al. 82.11-85.6 e Firm. Mat. *Math.* 2.26-8; 27 3-4. Quanto à doutrina do tempo de vida concedido pelos signos (cf. Man. 3.560-80) e pelos doze templos do Dodecatropo (cf. 3.581-617), fique o que acima foi dito, sobre esses dois casos, no tratamento dos *numeri*: cf. p. 134-140; para a demonstração, porém, de como tal doutrina se relaciona com o problema das ascensões dos signos (cf. *supra*, p. 170, n. 104), cf. especialmente Abry 1998: 318-21.

passou, conforme procurei demonstrar, à exposição das diferentes *rationes* que, segundo ele (cf. 3.295-300; 439-42), permitem a retificação daquele postulado e a realização da operação (c) de localização do *horoscopus* (cf. *supra*, p. 164) com base em números emendados *de acordo com os fenômenos*, vale dizer, de acordo com números que representem a natureza *variável* dos tempos de ascensão dos signos. Na prática do poeta, porém, certas *rationes* também acabam valendo, conforme tenho argumentado, como objetos “em si mesmos”, às vezes tecnicamente desnecessários à prática do astrólogo (cf. 3.331-84; 448-82; *supra*, p. 196), se não até prejudiciais à própria coerência técnica no encadeamento da lição. Ora, a *ratio* que vem a seguir é mais um exemplo disso. Trata-se de “mais um método” (cf. 3.483: *Illa etiam [...] uia*) para a realização da operação (c) de localização do *horoscopus*; se dele não tratei mais acima, junto à “razão vulgar” (cf. *supra*, p. 166), é por haver considerado sua disposição no terceiro livro do poema, colocado como vem em seguida às correções àquela “razão” (cf. 3.483-509). Dupla, a nova *ratio* se aplica à natividade diurna (cf. 3.485-97) e, com certa modificação, à noturna (cf. 3.498-502): no primeiro caso, trata-se de: (c.1) multiplicar por 15 a hora da natividade; (c.2) adicionar a esse produto o número de graus que o Sol, em seu (aparente) curso mensal, já percorreu no signo em que está; (c.3') aplicar o resultado ao longo do Zodíaco, a partir do *signo* (não mais do *grau*; cf. *infra*) em que está o Sol, *per signa consequentia* (♈ δ II etc.), atribuindo-se 30° a cada signo; onde o número acabar, aí será considerado o *horoscopus* (A^{sc}); para o nascimento noturno, o procedimento é o mesmo, exceto pela aplicação do número obtido, que o texto literalmente lacunar de Manílio (cf. *infra*) não ensina, mas que o exame de certas fontes permite deduzir como seja: trata-se de (c.3'') aplicar o número não mais a partir do signo em que está o Sol, mas a partir do signo que está em oposição diametral com este (cf. *infra*). Eis a lição:

Illa etiam poterit nascens uia ducere ad astrum quod quandoque uadis emissum redditur orbi. nam quota sit lucis, si luce requiritur, hora	485
aspicies, atque hunc numerum reuocabis in ipsum multiplicans decies, adiectis insuper eidem quinque tamen summis, quia qualicumque sub hora ter quinas mundi se tollunt sidera partes.	
hic ubi constiterit numerus, coniungere et illas,	490
quae superent Phoebos partes per signa, memento. ex hac tricenas summa per sidera partes distribues, primamque uicem, quo Phoebus in astro fulserit, inde aliis, solem quaecumque sequentur.	
tum quo subsistet numerus consumptus in astro	495
quaue in parte suam summam nomenque relinquet	

haec erit exoriens et pars et forma per ignes.

*

contineat partes. ubi summam feceris unam,
 tricenas dabis ex illa per singula signa,
 donec deficiat numerus; quaque ille sub astri 500
 parte cadet, credas illam cum corpore natam
 esse hominis pariterque orbem uidisse per umbras.
 sic erit ipse tibi rapidis quaerendus in astris
 natalis mundi certoque horoscopus ortu,
 ut, cum exacta fides steterit sub cardine primo, 505
 fallere non possint summi fastigia caeli,
 non celeres obitus, stent fundamenta sub imo,
 [stent ueri stellarum obitus uerique subortus]
 sideraque in proprias uires sortesque recedant. (3.483-509)¹⁴¹

(O método a seguir também poderá levar ao signo nascente que é restituído, seja em que momento for, ao orbe da terra, enviado do fundo do mar. Pois verificarás qual seja a hora do dia, se de dia é que ele é procurado, e este número trará sobre ele mesmo multiplicando-o dez vezes, tendo-lhe sido acrescentadas em cima, contudo, cinco partes [sc. 10 + 5], já que, no espaço de uma hora, qualquer que seja, os signos se elevam em três vezes cinco graus do céu. Uma vez que esse número tiver sido determinado, lembra-te de juntar também aqueles graus que ficaram atrás de Febo em sua carreira pelo signo. Deste total, distribuirás trinta graus a cada signo, e porás o primeiro grau no signo em que Febo estiver brilhando, e, a partir daí, nos outros, quaisquer que sejam que estiverem seguindo o Sol. Então, no signo em que o número, consumido, terminar, ou no grau em que ele deixar seu total e seu nome, este será o grau e a figura em ascensão com o brilho de seu fogo. [lacuna] ...os graus contenha.¹⁴² Assim que tiveres determinado a soma completa, darás, deste total, trinta graus para cada signo, até que o número termine; e no grau do signo sob o qual o número acabar, creias que este grau nasceu juntamente com o corpo do homem e que, a par com este, viu, com o brilho de seu fogo, o orbe da terra. Assim é que deverá ser procurado por ti, entre os rápidos signos, a porção celeste que está a nascer e o horóscopo, no momento preciso de sua ascensão, de maneira que, quando se tiver estabelecido firme certeza em relação ao primeiro ponto cardeal, não possam os fastígios do elevado céu induzir-te a erro, nem os céleres desaparecimentos, de modo que os alicerces permaneçam firmes na extremidade inferior, e os signos se voltem às suas propriedades e posições próprias.)

O objetivo da multiplicação por 15 é obter o equivalente da hora natal — o intervalo entre o nascer do Sol e o instante da natividade — em graus do equador celeste. A razão disso é que em graus do equador celeste, e não apenas em horas equinociais (ou em estádios, como ensina o poeta: cf. *supra*, p. 176), costumam ser dados os tempos de ascensão dos signos conforme as diferentes latitudes (cf. *supra*, p. 182), tempos, por sua vez, que precisam ser considerados na aplicação (c.3) do número obtido nas etapas ante-

¹⁴¹ Sobre a possibilidade de serem espúrios os versos 3.483-509, que expõem a *ratio uulgata* sob outra face, cf. Brind'Amour 1983; cf., porém, Goold 1998: 75; Flores 1993: 18-19, 2001: 54.

¹⁴² Jacob, que aponta a lacuna, assim sugere seu conteúdo (ap. Housman 1916: xxi): “Si nocte requiritur horoscopus, nocturnam horam quindecies multiplica; huic numero adde summam partium quas Sol in signo suo iam percucurrit; item adice centum octoginta, ut computatio tua diurnas quoque” *contineat partes* (cf. 3.498), “Se de noite se procura o horóscopo, multiplica por quinze a hora noturna; a esse número acrescenta a soma dos graus que o sol em seu signo já percorreu; igualmente acrescenta cento e oitenta (sc. graus), para que tua conta também os diurnos *graus contenha*” (cf. 3.498: *contineat partes*); cf. *infra*.

riores do procedimento (cf. *infra*).¹⁴³ A multiplicação (c.1), a soma dos graus já percorridos pelo Sol (c.2), a aplicação do número assim obtido a partir *do signo* em que aquele está, com a atribuição de 30° a cada signo (c.3), são passos também descritos no enunciado de Paulo Alexandrino, que ainda esclarece um ponto, pelo menos, da aplicação noturna:

Τὰς ἀναδιδομένας ὥρας πολλαπλασιάσας ἐπὶ τὸν ιε΄ τῶ συναχθέντι ἀριθμῶ πρόσθεσ, ἃς εἶχεν ἐπὶ τῆς γενέσεως μοίρας ὁ Ἥλιος πλέον ἢ ἔλαττον, καὶ τὸν συναχθέντα ἀριθμὸν διέκβαλε ἀπὸ τοῦ ζῳδίου, ἐν ᾧ ἐστὶν ὁ Ἥλιος, διδοὺς ἐκάστῳ ζῳδίῳ μοίρας <λ>, καὶ ὅπου δ' ἂν καταλήξῃ ὁ κατ' ἔλλειψιν ἀριθμός, ἐκεῖσε εἶναι λέγε τὸν ὠροσκόπον. ἐὰν δὲ νυκτερινὴ ἢ γένεσις ἦ, τῇ προκειμένῃ μεθόδῳ χρῆσάμενος διέκβαλλε τὸν συναχθέντα ἀριθμὸν ἀπὸ τοῦ διαμετροῦντος τὸν Ἥλιον ζῳδίου. (Paul. Al. 80.4-12)

(Tendo as horas dadas multiplicado por 15, ao número obtido acrescenta os graus que teve na natividade o Sol a mais ou menos, e o número obtido aplica a partir do signo em que está o Sol, dando a cada signo 30°, e onde chegar ao fim o número, lá diz ser o horóscopo. Se for noturna a natividade, do precedente método valendo-te aplica o número obtido a partir do signo em oposição diametral ao Sol.)

Ora, 15 é o número pelo qual se *divide* um arco do percurso solar — aquele, por exemplo, que o Sol realiza desde a aurora até o instante da natividade — para que se obtenha o número de horas equinociais correspondente a esse arco (cf. Ptol. *Alm.* 2.9 [Heiberg: 142.9-19]), já que uma hora equinocial é o padrão que corresponde à ascensão de 15° do equador (cf. *supra*, p. 176); no sentido inverso, então, 15 é o número pelo qual se *multiplifica* o número de horas equinociais — aquele, por exemplo, que indica a hora natal — para que se obtenha a medida do percurso solar em graus do equador correspondente àquele número de horas equinociais, medida que depois será aplicada *ao círculo do Zodíaco* de acordo com a proporção verificada na tabela de ascensões, dadas em graus do equador, para a latitude em que se deu a natividade (cf. *infra*). A multiplicação por 15 pressupõe, então, que a hora natal tenha sido dada — ou previamente convertida de sua medida original em horas naturais — em horas equinociais; de fato, é para isso mesmo que Paulo atenta mais adiante, quando diz que “acontece de multiplicar (sc. a hora natal)

¹⁴³ Lembro que não se deve confundir a medida do signo, *sempre* de 30°, ou seja, 1/12 dos 360° do círculo do Zodíaco (cf. *supra*, p. 143-144), com a medida do tempo de sua ascensão, que pode ser dada em horas equinociais ou em graus do equador (cf. *supra*, p. 173-174), isto é, graus do círculo do equador que ascendem simultaneamente aos 30° do signo, conforme a proporção indicada pela tabela de ascensões da latitude em questão (cf. *supra*, p. 182-196); por exemplo, na latitude que Manílio considera (cf. *supra*, p. 170, n. 105) e de acordo com a *ratio* ensinada em 3.275-300, seus números dizem que os 30° de Áries ascendem com 20° do equador (ou 40 estádios), os 30° de Touro com 24° (ou 48 estádios), e assim por diante; inversamente, a ascensão de 20° do equador (ou 40 estádios) é o “tempo” que o signo inteiro de Áries leva para ascender nessa latitude; a ascensão de 24° do equador (ou 48 estádios) é o “tempo” que o signo inteiro de Touro leva para ascender na mesma latitude; e assim por diante.

por 15 quando forem equinociais as horas” (cf. Paul. Al. 80.18-9: Τὸ γὰρ ἐπὶ τὸν ἑῶν πολλαπλασιάζειν, ὅταν ἰσημεριναὶ αἱ ὥραι ὄσι, γίνεται; cf. também: 80.18-22); diante disso, a afirmação do poeta de que, “no espaço de uma hora, qualquer que seja, os signos se elevam em três vezes cinco graus do céu” (cf. 3.488-9: *qualicumque sub hora / ter quinas mundi se tollunt sidera partes*) é problemática: a qualificação indefinida na expressão *qualicumque sub hora* parece significar, não “uma hora equinocial qualquer que seja”, mas “uma hora natural de qualquer duração que seja” (cf. Ptol. Alm. 2.9.143.17-18: ὥρας ὅποιασδήποτε καιρικῆς; cf. n. 145);¹⁴⁴ nesse caso, a multiplicação por 15 da hora natal dada em horas naturais só produzirá um resultado válido na circunstância em que a medida da hora natural coincidir com a medida da hora equinocial, ou seja, quando um duodécimo do percurso solar do levante ao poente, a hora καιρικῆ, coincidir com a ascensão de 15° do equador, a hora ἰσημερινῆ, o que só se verifica nos dias de equinócio ou na latitude das regiões abaixo do equador, onde “(é) outono para todos os signos, para todos uma só primavera” (cf. 3.313: *omnibus autumnus signis, uer omnibus unum*); noutras palavras, a multiplicação por 15 da hora natal dada em horas naturais não vale para todas as latitudes, já que em nem todas elas a duração de uma hora natural corresponde à ascensão de 15° do equador.¹⁴⁵ Por outro lado, esteja *quali-*

¹⁴⁴ Assim é como interpretam, por exemplo, Housman (1916: xx-xxi) e Goold (1977: lxxvii).

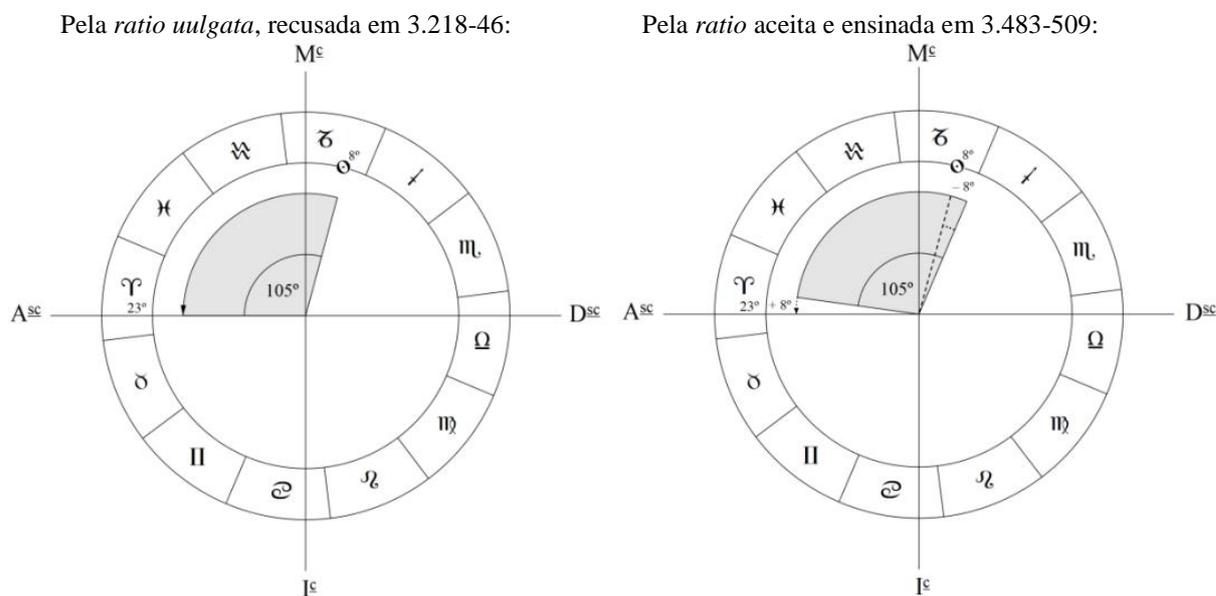
¹⁴⁵ A obtenção do valor em graus do equador diretamente a partir da hora natural deve considerar quanto vale uma hora natural em termos de graus do equador para a latitude em questão; no caso, por exemplo, em que a natividade tenha ocorrido no dia de solstício de inverno na latitude considerada por Manílio, o arco diurno do Sol corresponde a $9,5h_E$; como $1h_E = 15^\circ$, então o arco percorrido pelo Sol do levante ao poente é de $9,5 \times 15^\circ = 142,5^\circ$; como a hora natural é $1/12$ do percurso solar, então a hora natural, nesse dia e nessa latitude, equivale, não a 15° , mas a $142,5/12 = 11,875^\circ$; logo, se a natividade se deu, por exemplo, ao fim da 7ª hora natural nesse dia e nessa latitude, isso significa que, desde a aurora até o instante da natividade, o sol percorreu um arco de $7 \times 11,875^\circ = 83,125^\circ$; em seguida, na aplicação desse número sobre o círculo do Zodíaco, cumpre considerar, a partir da tabela de ascensões para essa latitude, dada oportunamente em graus do equador, quantos graus zodiacais ascenderam simultaneamente ao arco de $83,125^\circ$ descrito pelo Sol em seu percurso desde o levante até o instante da natividade; como a aplicação começa do grau em que está o Sol, em sentido anti-horário (*per signa sequentia*), o grau zodiacal em que aquele número se esgotar corresponderá, em princípio, ao grau zodiacal em ascensão no instante da natividade, ou seja, o *horoscopus* (A^{sc}). É o que ensina a *ratio* de Ptolomeu: cf. Ptol. Alm. 2.9 (Heiberg: 143-4-144.5): Πάλιν δοθέντος ἡμῖν χρόνου καὶ ὥρας ὅποιασδήποτε καιρικῆς πρῶτον μὲν τὴν ἀνατέλλουσαν τότε μοῖραν τοῦ διὰ μέσων τῶν ζῳδίων κύκλου ληψόμεθα πολλαπλασιάσαντες τὸ πλῆθος τῶν ὥρῶν ἡμέρας μὲν τῶν ἀπὸ ἀνατολῆς ἡλίου, νυκτὸς δὲ τῶν ἀπὸ δύσεως ἐπὶ τοὺς οἰκείους ὠριαίους χρόνους· τὸν γὰρ συναχθέντα ἀριθμὸν διεκβαλοῦμεν ἡμέρας μὲν ἀπὸ τῆς ἡλιακῆς μοίρας, νυκτὸς δὲ ἀπὸ τῆς διαμετρούσης ὡς εἰς τὰ ἐπόμενα τῶν ζῳδίων κατὰ τὰς τοῦ ὑποκειμένου κλίματος ἀναφοράς, καὶ εἰς ἣν δ' ἂν κατατήση μοῖραν ὁ ἀριθμὸς, ἐκείνην φήσομεν τότε τὴν μοῖραν ἀνατέλλειν, “Por outro lado, tendo-nos sido dados um tempo e uma hora sazonal (sc. natural) qualquer (p. ex., 7h), primeiro o grau então ascendente (sc. o *horoscopus*) do círculo medial dos signos tomaremos multiplicando o total das horas — de dia as (horas) a partir do nascer do sol, de noite as (horas) a partir do ocaso — pelos tempos horários (sc. graus) particulares (à latitude em questão) (p. ex., $11,875^\circ$); pois o número obtido (sc. $83,125^\circ$) aplicaremos, de dia, a partir do grau helíaco, de noite a partir do [grau] diametralmente oposto, segundo a seqüência dos signos [e] conforme as ascensões da latitude em questão, e o grau a que chegar o número, esse grau diremos ascender então”. Por outro lado, é possível fazer a multiplicação da hora natal por 15 se ela já tiver sido previamente convertida em horas equinociais; Ptolomeu também explica

cumque sub hora referindo-se a horas naturais ou equinociais, o fato é que, relativamente ao produto de sua multiplicação por 15 — equivocada para as primeiras, correta para as segundas —, a *ratio* diz que ele deve ser distribuído conforme a proporção de 30° para cada signo (cf. 3.492-3: *ex hac tricenas summa per sidera partes / distribues*; 499: *tricenas dabis ex illa per singula signa*), o que é apenas outro modo de dizer que 1 signo (30°) ascende no espaço de 2 daquelas horas, premissa daquela doutrina que o poeta mesmo já havia recusado acima, quando a enunciou como *ratio uulgata* (cf. 3.218-24; cf. *supra*, p. 166), e que agora reapresenta sob nova forma.¹⁴⁶ Há diferença, por outro lado, na aplicação (c.3) do número sobre o círculo do Zodíaco, que a “razão vulgar” realiza a partir do *grau* em que está o Sol (cf. 3.221-2: *ut parte ex illa, qua Phoebi coeperit orbis, / discedat numerus*), e que a “nova” *ratio* realiza a partir do “*signo* em que Febo está brilhando” (cf. 3.493-4: *quo Phoebus in astro / fulserit*; Paul. Al. 80.7-8: ἀπὸ τοῦ ζῳδίου, ἐν ᾧ ἔστιν ὁ Ἥλιος), isto é, a partir do começo mesmo do signo em que está o Sol, daí a necessidade, na “nova” *ratio*, da etapa (c.2), que consiste em acrescentar ao produto da multiplicação (c.1) os graus que “ficaram atrás de Febo ao longo do signo” (cf. 3.490-1: *coniungere et illas, / quae superent Phoebos partes per signa, memento*), isto é, os graus que o Sol já percorreu em seu (aparente) movimento mensal ao longo do signo em que está, como forma de compensar a aplicação feita a partir do início do signo. Assim, no caso do exemplo que usei mais acima para ilustração da *ratio uulgata*, vale dizer, para uma natividade ocorrida ao fim da sétima hora natural, estando o Sol, no dia dessa natividade, no 8° de Capricórnio, a “nova” *ratio* multiplicará 7 por 15 e obterá, igualmente, 105° (cf. *supra*, p. 167); em seguida, acrescentando-se a esse número os 8° já percorridos pelo Sol, e aplicando-se o resultado (105° + 8°) a partir do *signo* em que este se encontra, o *horoscopus* igualmente se achará no 23° de Áries, tal

como fazê-lo: cf. Ptol. *Alm.* 2.9 (Heiberg: 143.8-13): ἐφεξῆς δὲ τὰς μὲν δεδομένας καιρικὰς ὥρας ἀναλύσομεν εἰς ἡμερινὰς πολλαπλασιάσαντες τὰς μὲν ἡμερινὰς ἐπὶ τοὺς τῆς ἡμέρας ἐκείνης τοῦ οἰκείου κλίματος ὠριαίους χρόνους, τὰς δὲ νυκτερινὰς ἐπὶ τοὺς τῆς νυκτός· τῶν γὰρ συναχθέντων τὸ ἐλαβόντες ἔξομεν πλῆθος ὡρῶν ἡμερινῶν, “Em seguida, as horas sazonais dadas reduziremos a (horas) equinociais multiplicando as (horas naturais) diurnas (p. ex., 12h) pelos tempos (sc. graus) horários (sc. de 1 hora natural) do dia correspondente à latitude particular (11,875°), e (multiplicando) as (horas) noturnas pelos (graus horários) da noite; pois, do número obtido (12 x 11,875° = 142,5°) a 15ª parte tomando, obteremos o total de horas equinociais (142,5°/15 = 9,5h_E); o mesmo ensina Paulo Alexandrino: cf. Paul. Al. 80.18-22.

¹⁴⁶ Não saberia descrever o engano do poeta de modo mais pitoresco e expressivo que Housman (1916: xxi), nas palavras que também Goold cita (1977: lxxvii): “Alas, alas! This alternative method of yours, my poor Marcus (sc. Manilius), is none other than the vulgar method which in 218-24 you said you knew, and which in 225-46 you exposed as false. The wolf, to whom in his proper shape you denied admittance, has come back disguised as your mother the goose, and her gosling has opened the door to him”.

como se obteria por meio da *ratio uulgata*, cuja ilustração aqui retomo de modo a compará-la com aquela da “nova” *ratio*:

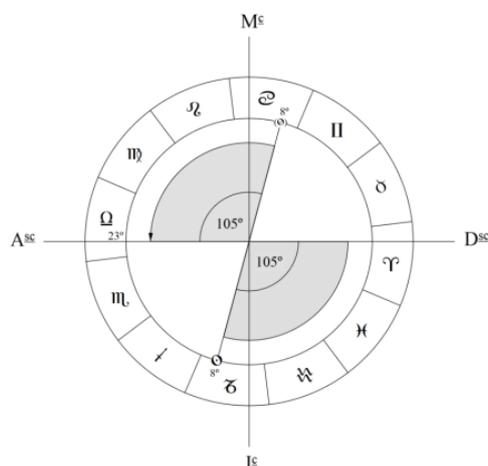


(Fig. 12: Método "vulgar" *versus* "outro" método.)

No caso da natividade noturna, o texto que resta da exposição de Manílio diz respeito apenas à etapa (c.3) de aplicação, descrita, porém, sem maior detalhe (cf. 3.498-502); se alguma precisão maior havia no passo que lhe falta (cf. n. 142), difícil é não pensar — a partir da leitura de outras fontes e dado o interesse do poeta pelas simetrias — que ali tenha estado o (breve?) enunciado do modo oposto de contagem da hora natal, tomada agora a partir do pôr do Sol (cf. Ptol. *Alm.* 2.9 [Heiberg: 143.21]: νυκτὸς δὲ τῶν ἀπὸ δύσεως, “de noite [sc. multiplica-se o total das horas] a partir do ocaso”; Paul. *Al.* 80.23-4: δεῖ πολλαπλασιάζειν τὰς μετὰ τὴν δύσιν τοῦ Ἥλιου ὥρας νυκτερινὰς οὔσας, “cumpre multiplicar as horas posteriores ao pôr do Sol, sendo elas noturnas”), e do diferente ponto de partida da aplicação (c.3), realizada agora a partir do grau (ou do *signo*, para a “nova” *ratio*) em oposição diametral com o grau (ou signo) em que está o Sol (cf. Ptol. *Alm.* 2.9 [Heiberg 144.2]: νυκτὸς δὲ ἀπὸ τῆς διαμετρούσης [sc. μοίρας], “de noite [sc. cumpre aplicar o número] a partir do [grau] diametralmente oposto”; Paul. *Al.* 80.12: ἀπὸ τοῦ διαμετροῦντος τὸν Ἥλιον ζῳδίου, “a partir do signo em oposição diametral ao Sol”; 80.25-6: τῆ διαμετρούση μοῖρα τὴν ἡλιακὴν μοῖραν, “o grau diametral-

mente oposto ao grau solar”).¹⁴⁷ De todo modo, outras precisões haveriam de ser feitas que são deixadas pelo poeta-*magister* à inteligência de seu aprendiz, que, se quiser de fato realizar a operação (c) de localização do *horoscopus* para uma natividade em particular, precisará correlacionar certas lições aprendidas no poema com outras que não lhe foram aí ensinadas. Assim, no caso do exemplo que empreguei, de uma natividade ocorrida ao fim da sétima hora natural, não fiz referência a qualquer latitude em particular, já que o propósito era apenas demonstrar aquilo que a *ratio* — seja a *uulgata*, seja a “nova” — produzia como resultado de sua aplicação conforme os termos em que vinha enunciada; se se considera, então, que tal natividade tenha ocorrido na latitude das “regiões que o Nilo rega”, o discípulo já terá aprendido de seu mestre que os signos aí não ascendem todos igualmente em duas horas cada um, mas conforme uma distribuição de tempos que o mesmo mestre já lhe terá ensinado ora de um jeito (3.275-300), ora de outro (3.395-442); escolha o discípulo aquela tabela de ascensões que obterá do primeiro modo ou aquela que obterá do segundo (cf. *supra*, Tab. 9 e 10, p. 194-195), e sua tarefa consistirá, então, em deduzir (cf. *infra*), a partir da tabela que tiver escolhido, qual dos 30° de qual signo (cf. n. 143) está a passar pelo ponto de ascensão (A^{sc}) ao fim da sétima hora natural naquela latitude em particular, instante da natividade, e naquele dia em particular, que, no exemplo que considero, deve ser o dia de solstício de inverno, quando o Sol está — sempre de acordo com o poeta, que a esse respeito também varia (cf. 3.680-2; *supra*, p. 197) — no 8° de Capricórnio (cf. 3.256-7: *cum [...] / [sc. Phoebus] fulget in octaua Capricorni parte*), quando o dia atinge a duração de 9h_E30 (cf. 3.258-9:

¹⁴⁷ De acordo com tal *ratio*, então, se o Sol se encontra igualmente no 8° de Capricórnio (cf. *supra*, p. 159, n. 94), e se do ocaso (D^{sc}) até o instante da natividade se passaram igualmente 7 horas naturais, o número obtido da multiplicação (7 x 15 = 105°) deve ser aplicado, não a partir do grau em que está o Sol, mas a partir do grau diametralmente oposto a este. Nesse caso, o grau em ascensão será o 23° de Libra:



(Fig. 13: *Ratio uulgata* aplicada a natividade noturna.)

tunc angusta dies uernalis fertur in horas / dimidiam atque nouem); ademais, a multiplicação da hora natal por 15 pressupõe, como disse, que esta tenha sido dada previamente em horas equinociais, pois, do contrário, o produto só será válido para a latitude sob o equador (cf. *supra*, p. 184); logo, deverá o aprendiz ou converter em horas equinociais a hora natal, antes de multiplicá-la por 15, ou então multiplicar seu valor em horas naturais por outro número que o 15, obtido, por sua vez, por um cálculo que aponte quantos graus do equador, nesse dia e nessa latitude, ascendem no espaço de uma hora natural; ocorre, entretanto, que nem aquela conversão nem este último cálculo são efetivamente ensinados pelo poeta, de modo que seu aprendiz, se quiser realmente considerar todas as correções feitas pelo mestre à *ratio uulgata*, deverá recorrer a outras fontes para aprender a matéria (cf. n. 145); supondo-se, então, que assim ele tenha feito, ainda lhe restará descobrir como deduzir a exata correlação entre os graus zodiacais e os graus que obteve como resultado daquela multiplicação; ora, o máximo que o poeta lhe diz a esse respeito é, por exemplo, que Áries, na latitude das “regiões que o Nilo rega”, ascende em 1h_E20 (cf. 3.280-1), ou com 40 estádios (cf. 3.278-9), ou seja, no tempo empregado pela ascensão de 20° do equador, conforme o entendimento, aliás, que o discípulo deve ser também capaz de deduzir daquilo que o poeta chama de *stadium* (cf. 3.419; cf. *supra*, p. 176); mas dizer que as trinta *partes* ou os 30° de Áries passam para cima do horizonte simultaneamente a 20° do equador não é apontar precisamente quantos graus de Áries ascendem simultaneamente a *cada grau* (ou fração de grau) do equador; que tal exatidão seja necessária é coisa que se constata na aplicação *sobre o círculo do Zodíaco* do valor em graus do equador correspondente ao arco descrito pelo Sol do levante (ou do ocaso, para a natividade noturna) ao momento da natividade: como quer que tal aplicação comece — a partir do grau ou a partir do signo em que está o Sol (cf. *supra*) —, o *horoscopus* é precisamente o grau onde o “número acaba” (cf. 3.224: *ubi [sc. numerus] substiterit*; 495-6: *quo subsistet numerus consumptus in astro / quae in parte suam summam nomenque relinquet*; 500: *donec deficiat numerus*; Paul. Al. 80.8-9: ὅπου δ' ἂν καταλήξῃ ὁ κατ' ἔλλειψιν ἀριθμός; Ptol. *Alm.* 2.9 [Heiberg: 144.4-5]: καὶ εἰς ἣν δ' ἂν καταντήσῃ μοῖραν ὁ ἀριθμός); mas é também a “aplicação” desse número ao círculo do Zodíaco — ou antes, sua “acomodação” (cf. Man. 3.222: *accomodet*) a este — que mostra como não é assim tão “fácil” a descoberta do *horoscopus*, a despeito do que diz o mestre ao discípulo, depois de lhe ter exposto os tempos de ascensão nas “regiões que o Nilo rega”:

(...)
 iam facile est tibi, quod quandoque horoscopet astrum,
 noscere, cum liceat certis surgentia signa
 ducere temporibus propriasque ascribere in horas
 (...). (3.296-8; cf. também: 3.439-42)

([...] agora é fácil, para ti, conhecer que signo e quando está a passar pelo *horoscopus*, pois é possível deduzir os signos em ascensão a partir de seus tempos particulares e assinalá-los conforme suas durações horárias próprias [...])

Com efeito, o poeta sabe que a “acomodação” do número ao círculo do Zodíaco deve ser feita de acordo com os tempos de ascensão específicos de cada signo (cf. 3.297-8: *certis surgentia signa [...] temporibus*) para cada latitude, como Ptolomeu também observa (cf. Ptol. 2.9. [Heiberg: 143.22-144.4]: τὸν γὰρ συναχθέντα ἀριθμὸν διεκβαλοῦμεν [...] ὡς εἰς τὰ ἐπόμενα τῶν ζῳδίων κατὰ τὰς τοῦ ὑποκειμένου κλίματος ἀναφοράς, “pois o número obtido aplicaremos [...] segundo a seqüência dos signos [sc. ♃ Ὀ Π etc.] [e] conforme as ascensões da latitude em questão”); o problema, no entanto, é que o poeta não ensina como fazer, na “acomodação”, a correlação exata entre os graus do equador e os graus zodiacais que ascendem simultaneamente a estes, ensinando apenas a correlação entre uma medida inteira em graus do equador e um signo inteiro: por exemplo, 20° do equador para a ascensão dos 30° de Áries, 24° do equador para ascensão dos 30° de Touro, e assim por diante (cf. n. 143); ora, tendo o aprendiz iniciado a acomodação do número a partir do grau em que está o Sol, esta procederá ao longo dos signos, εἰς τὰ ἐπόμενα, e “conforme as ascensões da latitude em questão” — κατὰ τὰς τοῦ ὑποκειμένου κλίματος ἀναφοράς — até que o número “acabe”; assim, se o número acabar, por exemplo, depois dos 30° do signo de Peixes, mas *antes* do fim dos 30° do signo seguinte de Áries, deverá o aprendiz saber identificar, *dentro dos 30° de Áries*, que grau ou *pars* deste corresponde ao último grau do *numerus* aplicado, pois aí que estará justamente o *horoscopus*. O cálculo, por sua vez, não é dos mais simples, pois não se trata de simplesmente tomar a relação de 30° de Áries para 20° do equador e a partir dela deduzir a proporção entre os graus particulares de um e outro arco; o fato é que, se o total das 30 *partes* do signo de Áries ascende em 20° do equador, ou em 1h20, nem por isso se pode dizer que a medida de 20° do equador ou o tempo equinocial de 1h20 se distribuem igualmente *no interior* do signo de Áries; noutros termos, no interior de um mesmo signo, algumas de suas *partes* ascendem mais rapidamente que outras, dada a natureza não plana, mas esférica, das relações trigonométricas entre o arco do Zodíaco e o arco do percurso solar diário; nessas condições, então, identificar qual *pars*

zodiacal corresponde ao último grau do *numerus* “acomodado” não é tarefa simples, como se pode constatar ao longo da exposição que Ptolomeu realiza no segundo livro de seu *Almagesto* (cf. Ptol. 2 [Heiberg: 86-189]), a que já me referi antes (cf. *supra*, p. 180): ora, suas tabelas para os tempos de ascensão dos signos conforme as diferentes latitudes (134-41) são calculadas conforme a divisão de cada signo em três δεκαμοίρια, isto é, em três porções iguais de 10° (cf. Ptol. *Alm.* 2.7); assim, o cálculo da “Tabela de ascensões de dez em dez graus” do Zodíaco para a latitude de “Rodes” (cf. Ptol. *Alm.* 2.8 [Heiberg: 136-7] Κανόνιον τῶν κατὰ δεκαμοίριαν ἀναφορῶν; Ρόδου), onde vale a proporção de 9h30/14h30 considerada por Manílio (cf. *supra*, n. 105), demonstra como variam os tempos de ascensão não apenas de um signo a outro, mas já no interior de um mesmo signo; sirvam de exemplo, enfim, os tempos de Áries e Touro, que novamente aponho àqueles ensinados por Manílio:

Signos:	Em Ptolomeu:			Em Manílio:	
	δεκαμοίρια:	Ascensão de cada δεκαμοίρια:	Graus acumulados ao fim de cada signo:	Pela <i>ratio</i> ensinada em 3.385-442:	Pela <i>ratio</i> ensinada em 3.275-94:
♈	ι (1° – 10°)	6°14'	19°12'	19°35'06"	20°
	κ (11° – 20°)	6°21'			
	λ (21° – 30°)	6°37'			
♉	ι (1° – 10°)	7° 01'	22°46'	23°45'	24°
	κ (11° – 20°)	7° 33'			
	λ (21° – 30°)	8° 12'			

(Tab. 15: As δεκαμοίρια de Ptolomeu [*Alm.* 2.7-8] *versus* a tabela de ascensões de Manílio [3.275-94, 385-442].)

Isso de o poeta dizer que, depois de sua lição, já será “fácil” ao discípulo conhecer o signo em ascensão (cf. 3.296-8) é algo que contrasta com o aviso dado anteriormente, segundo o qual “é coisa (...) trabalhosa” (cf. 3.211: *res est [...] plena laboris*) essa de “descobrir um ponto minúsculo de tão grande massa” (cf. 3.215: *tantae molis minimum deprendere punctum*); mas a “facilidade”, assim dada como resultado da eficiência do ensinamento, tem a ver, conforme penso, com o emprego de uma tópica poética comum ao gênero de poesia das *Astronômicas* (cf. Cap. 3, p. 222, n. 4), além de apontar para certa “vaidade” do poeta-*doctor*; quanto à dificuldade “real” do procedimento, só a conhecerá, a meu ver, o aprendiz que realmente se dispuser a colocar em prática a doutrina ensinada pelo poeta, e isso em razão não apenas da complexidade das lições que este efetivamente lhe terá dado, mas também da ausência daquelas que lhe serão necessárias e que terá de buscar noutra parte a fim de perfazer o que o poeta assim lhe “ensina”.

Ora, o procedimento é laborioso na proporção em que é importante relativamente a seu efeito (cf. 3.211: *quanta effectu, res est tam plena laboris*): como disse no início, a execução da operação (c) de localização do *horoscopus* é condição para que se possa perfar a operação (b) de localização do Lote da Fortuna, que, por sua vez, é condição para que se realize a operação (a) de superposição dos doze *athla* ao círculo do Zodíaco (cf. *supra*, p. 148). Um erro quanto a este *minimum punctum*, e “ruem os fundamentos da arte” (cf. 3.207: *fundamenta ruunt artis*; cf. *supra*, p. 145).¹⁴⁸

2.3. As faces da razão.

Como procurei demonstrar, a natureza antes *poética* da exposição técnica de Manílio tem como consequência o encarecimento de certos *aspectos* da doutrina astrológica que mais interessam ao poeta que ao astrólogo. Tal é o caso, como disse, do tratamento dispensado ao fenômeno da descensão dos signos ou àquele do aumento na duração dos dias a partir do solstício de inverno. Assim, os aspectos ou *species* do mundo que aí lhe interessam — como certas simetrias observáveis nos movimentos da natureza ou a regularidade em geral contemplável nos processos do *mundus* — são congruentes com sua visão de um universo regido por leis imutáveis e perpassado por uma alma divina; nesses termos, é possível dizer, inclusive, que a doutrina astrológica do vate se acomoda bem à perspectiva principalmente estoica de seu poema. Mas as mesmas *species* ou *aparências* observáveis desse ponto de vista são estendidas pelo poeta, como procurei demonstrar, ao enunciado da *face* propriamente técnica de sua matéria; o problema, porém, é que nem sempre o detalhe matemático da doutrina astrológica aceita acomodar-se “de verdade” às *species* que o poeta quer lhe conferir; a “acomodação”, nesse caso, se dá por força de certa “simplificação” da doutrina, cuja exposição é apenas *poeticamente* exaustiva, bem como à custa da coerência do ensinamento, quando não com os fenômenos, com ele próprio, ao vir enunciado conforme as variadas *facies lo-*

¹⁴⁸ No caso do exemplo que usei mais acima para ilustrar a operação (b) de localização do Lote da Fortuna (⊕) para uma natividade diurna (cf. n. 94), a posição do *horoscopus* no 23° de Áries se deve, como agora se pode ver, à aplicação que fiz da *ratio uulgata* e da “nova” *ratio* ao caso da natividade diurna ocorrida ao fim da sétima hora natural. Como procurei demonstrar acima, a consideração de outros parâmetros — a latitude e o dia da natividade, a conversão de horas naturais em horas equinociais, a acomodação dos graus segundo a tabela de ascensões específica da latitude em questão, etc. — complica o cálculo, que assim não produzirá necessariamente o mesmo resultado de antes; nesse caso, uma posição diferente do 23° para o *horoscopus* poderá resultar, no caso de minha ilustração na nota 94, numa posição para o Lote da Fortuna diferente do 25° de Câncer, que lá era o caso, e na consequente alteração, enfim, na distribuição dos doze *athla* ao longo dos signos.

quendi que o poeta-*doctor* se compraz em lhe confeccionar; este, amiúde desatento à discordância no interior da *catena rerum* (cf. 4.393) sob tais *facies*, mostra-se interessado na formulação da expressão sintética de cada objeto “em si mesmo”, enunciado de um ponto de vista que atenta para simetrias que nem sempre importam ao astrólogo ou para regularidades que nem sempre se constataam “verdadeiramente”. Penso, ademais, que o “especioso” das *res mathematicae* — como mais acima chamei a essa face técnica do poema de Manílio, por oposição às *res heroicae* e *tragicae* que o poeta recusa — está na “ilusão” de exaustividade, precisão e eficiência que o poeta quer produzir por meio do enunciado especialmente dos números e das *rationes*. Assim, se realmente há, por um lado, exaustividade, por exemplo, na exposição dos graus perniciosos dos signos, não se pode dizer, por outro lado, que seja exaustivo o tratamento das *rationes* necessárias à localização do *horoscopus*, diante das lições que o poeta-*doctor* omite e que o discípulo terá de aprender noutras fontes; ora, é bem a ausência de tais lições que compromete justamente a precisão na realização da operação e que coloca em questão a verdadeira eficiência dos métodos ensinados pelo poeta para a realização daquela que é a operação fundamental de sua astrologia. Diante disso, o exame dos números e das *rationes* mostra, segundo me parece, como o ensinamento do vate é menos a transmissão de um *sistema* coerente que a ocasião para que o poeta se compraza na confecção da exposição de um conjunto variado de doutrinas; é nesse difícil labor, por sua vez, que o poeta parece querer ostentar sua habilidade na composição de enunciados ao mesmo tempo variados, concisos, compendiosos (cf. Cap. 3, p. 239) e aparentemente exaustivos; e é nessa habilidade de expressão, finalmente, que o poeta espera de seu leitor, conforme argumentei, que este seja capaz de vislumbrar alguma *gratia*. Se assim pode ser o caso do leitor para com o poeta, é o próprio poeta, porém, quem presume os protestos que o *discipulus* poderá fazer ao *doctor*, diante da dificuldade das doutrinas, assim “habilidosamente” enunciadas, que aquele deverá ser capaz de compreender em sua formação astrológica. A recompensa prometida pelo *doctor* ao labor de seu *discipulus* em seguir-lhe as direções é um bem que concerne à parte ética de seu ensinamento, mas é também a ocasião para que o poeta reelabore um motivo poético bastante coerente com a tradição de seu gênero de poesia. Essa é a matéria de meu próximo Capítulo.

3

Tenuis labor

Pompeii post quintum consulatum, post tot et tam insignes triumphos ad Nili fluminis ripam cervices invictas et regias et quas totiens purpura triumphalis ambierat semiviri hominis gladius nefario genere mortis incidit. Quis manus in suam necem Catonis armavit? Quis impuris et effeminatis Antonii cupiditatibus cum lugubri miseroque omnium fletu venerabilem Ciceronis tradidit sanguinem? Caesar, quos sua indulgentia ab omni liberaverat metu, ad exitium postea propriae salutis armavit. Vides ut semper ubique fortuna dominetur? Vides ut varii sint hominum mutabilesque semper eventus? (...) Haec nobis omnia stellarum cursibus conferuntur, his nos Fortuna varietatibus conficit.

(Firm. Mat. *Math.* 1.7.41-2; 8.1)

De Pompeu após o quinto consulado, após tantas e tão insignes vitórias, à margem do rio Nilo, o pescoço invicto e régio e que tantas vezes a púrpura triunfal envolvera, o gládio de um semivarão, gênero nefário de morte, cortou. Quem as mãos armou de Catão para sua própria morte? Quem aos impuros e efeminados caprichos de Antônio, sob o lúgubre e infeliz choro de todos, entregou o venerável sangue de Cícero? César, àqueles a quem sua indulgência livrara de todo o medo, armou para a posterior ruína da própria salvação. Vês como sempre em toda a parte a fortuna domina? Vês como são variados e sempre mutáveis os acontecimentos humanos? (...) Essas coisas todas nos são conferidas pelos cursos das estrelas, com essas variações a Fortuna nos afeta.

‘Multum’ inquis ‘tenuemque iubes me ferre laborem
(...)’.

(Man. 4.387)

“Grande”, dizes, “e delicado labor me mandas empreender (...)”.

Quando Dante pergunta a seu guia e mestre Vergílio que coisa é a Fortuna (cf. *Inf.* 7.67-9), este, tendo-lhe respondido que ela é dos esplendores mundanos a “general ministra e duce” (7.77-8), diz que o juízo dela, segundo o qual um povo impera e outro perece, “è occulto come in erba l’angue” (7.82-4). A imagem de seu arbítrio a serpear oculto na relva descreve bem não só a natureza ameaçadora de suas “permutações” sem trégua (cf. 7.88) — que transferem os bens vãos “di gente in gente e d’uno in altro sangue, / oltre la difension d’i senni umani” (7.80-1) —, mas também a natureza recôndita e impenetrável de seus desígnios. Nesses termos, o afã de apreender o obscuro e furtivo “juízo” por detrás das “variações” com as quais “a Fortuna nos afeta” (cf. Firm. Mat. *Math.*

1.8.1: *his nos Fortuna varietatibus conficit*) vem mesmo a ser algo que desafia “i senni umani” daqueles que, acreditando na “ciência” que a tal ponto se alcandora, enfrentam a relativa complexidade que esta lhes depara.

Ora, relativamente ao alcance da astrologia, não é outra a crença do mestre das *Astronômicas*, que descreve a “ciência” dos astros como o ápice mesmo do desenvolvimento intelectual da civilização (cf. Man. 1.25-65).¹

Quanto à dificuldade da arte, é verdade que a *face* propriamente técnica ou “matemática” de suas lições, tais como procurei examinar no Capítulo precedente, compõe a parte ainda “isagógica” (cf. Cap. 2, p. 81) de seu ensinamento, mas já é bastante para dar a medida de como sua doutrina, ainda que exposta sem muita precisão e “verdadeira” exaustividade, pode ser um verdadeiro desafio intelectual para o *discipulus*; tanto é assim, que é o mestre mesmo quem se antecipa, em certos momentos, às possíveis queixas do aluno (cf. *infra*, p. 262); o prêmio, porém, que lhe promete a seu esforço é a habilidade não só de compreender as razões de tantas “variações” da Fortuna identificáveis nos diferentes fenômenos do mundo, mas, acima de tudo, a habilidade de “conhecer o fado” (cf. 4.391: *fata [...] cognoscere*), já que, não fosse o “fado” (cf. 4.23, 49: *nisi fata darent*), as “permutações” e “variações” da Fortuna não teriam lugar (cf. 4.49: *nisi fata darent, nunquam fortuna tulisset*).

O problema é que a astrologia efetivamente ensinada nas *Astronômicas* não seria plenamente capaz, como expus no Capítulo anterior, de prover o aprendiz dos instrumentos técnicos necessários à consecução daquilo mesmo que o mestre lhe diz ser essencial à perfeição da disciplina e à prática eficiente da arte; por consequência, mesmo o aprendiz mais crente nos poderes da astrologia de Manílio ainda se surpreenderia, ao fim de sua formação, com o furtivo serpentear da Fortuna...

Por outro lado, assim como se observa que o vate das *Astronômicas* não é bem um *doctor* perfeito, tampouco se deve presumir que todo “leitor” (cf. 3.158: *legentem*; cf. também: 3.36-7) de seu poema seja ou se disponha a ser um *discipulus* ideal. Penso que, assim como no caso das perspectivas que antes examinei — a do *vate* e do *poeta* (cf. Cap. 1, p. 33), e a do *monstrare* e do *fingere* (cf. Cap. 2, p. 110) —, também no caso

¹ Outras “defesas” da astrologia podem ser lidas especialmente em Ptolomeu (cf. *Tetr.* 1.1-3) e Fírmico Materno (cf. *Math.* 1.1-10). Sobre a importância dada à astrologia no mundo romano, cf. Bouché-Leclercq 1899: 541-70; Cumont 1912; Boyancé 1975; Barton 1994: 32-63; Volk 2009: 127-73; Bakhouché 2002. Keyser (1992: 329) observa o caráter “pandêmico”, segundo diz, da astrologia na vida intelectual e nas letras, inclusive como *tópos* poético, entre o final da República e o início da época de Augusto. Já quanto à importância dada ao que chamaríamos de “astronomia”, cf. Soubiran 1979; Abry 1983; Bakhouché 1996² e Toulze 1996: 34 e 58.

da recepção do poema as perspectivas do *discípulo* e do leitor se inter-relacionam de modo complexo.

Assim, qualquer que seja o juízo que se faça a propósito da “competência” “matemática” de Manílio, o fato é que muitas das lições da *face* técnica de seu poema se impõem como um desafio não apenas ao exegeta, como disse no precedente Capítulo, mas também — e principalmente — ao simples leitor, isto é, ao leitor não versado em minúcias técnicas da astrologia antiga. Aqui se poderia dizer que tal espécie de leitor é que estaria, exatamente, a justificar a natureza “didática” do poema de Manílio, pois o “modo didático” de exposição de conteúdos técnicos da astrologia pressupõe, ao menos em princípio, que o leitor mais ignore do que conheça tais conteúdos, se assim se pode dizer.² Desse modo, tal leitor, mesmo sem o amparo de todos os “*alia praesidia*” que Escalígero diz necessários a quem “pretende entender Manílio” (cf. Cap. 2, p. 78), seria capaz, também em princípio, de “ser instruído” — naquilo que desconhece — pelo próprio poeta em sua exposição técnica. Mas essa me parece antes uma descrição daquilo que quadraria a uma ideal e poética *persona discipuli*, novamente na expressão de Sêrvio (cf. Cap. 1, p. 22, n. 12), do que à generalidade dos leitores “reais” de Manílio, que em geral observam justamente a especificidade das partes técnicas da matéria e a brevidade da expressão como os dois grandes óbices à leitura das *Astronômicas*.³ Assim, como mais acima illustrei no caso emblemático de Buonincontro, chamado não só a editar o poema, mas, principalmente, a esclarecê-lo (“interpretari”: cf. Cap. 2, p. 78, n. 6), o *opus* de Manílio apresenta ao leitor em geral o desafio da inteligência de certas partes suas que reclamam, por sua natureza particular, o auxílio do comentário, ou melhor, do esclarecimento técnico específico, como penso haver demonstrado no Capítulo anterior. Ora, se o poeta mesmo não “basta” para a consecução do ensinamento prometido por

² Mas, relativamente à matéria celeste, não se poderia admitir que o leitor ignorasse muita coisa, em especial o que lhe era necessário para a inteligência dos poetas em geral: cf. Quint. 1.4.4: *Nec si rationem siderum ignoret, poetas intellegat, qui (ut alia omittam) totiens ortu occasuque signorum in declarandis temporibus utantur*, “E, se ignorar a razão dos astros, não compreenderá os poetas, que (para não falar de outras coisas) tão frequentemente se valem do nascer e do ocaso dos signos para indicar os momentos do tempo”; cf. também Getty 1948: 24.

³ Cf., por exemplo, de alguns menos a alguns mais recentes, os seguintes leitores: Plessis 1909: 481; Pichon 1924: 522-3; Steele 1932: 343; Bickel 1982: 501; Gentili, Pasoli e Simonetti 1987: 443; Bayet 1996: 296; e, em particular, Conte 1994²: 429. No contexto do que chamei, acima, de “primeira recepção crítica” do poema de Manílio (cf. Cap. 2, p. 79, n. 11), curiosa é a apreciação do humanista flamengo Louis Carrion (1547-1595): “Loxiae oracula mihi audire videtur, quotiens Manilium lego. Ita multa sunt in eo turpiter conturbata, lacera, mutila, prodigiose obscura, et quae nemo, nisi artem hariolandi noverit, recte interpretari potest.” (Lect. Antiq. Lib. I. Cap. 20, ap. Valpy 1828: 32), “Parece-me que estou a ouvir os oráculos de Apolo, sempre que leio Manílio. Tão numerosos são nele os passos torpemente desordenados, dilacerados, mutilados, prodigiosamente obscuros, e que ninguém, a menos que conheça a arte de adivinhar, pode interpretar corretamente”.

seu poema “didático”⁴ — visto o quanto este último dependerá de seus futuros exegetas, intérpretes e parafraseadores —, só mesmo a uma ideal e poética *persona doctoris* é que seriam bastantes as palavras de seu próprio poema para apresentar o ensinamento de modo suficientemente claro a um *discipulus* igualmente ideal, dependendo, então, da

⁴ A respeito da noção de “eficiência” da instrução, aliás, lembre-se o famoso verso de Ovídio: *Ars* 1.1-2: *Siquis in hoc artem populo non nouit amandi, / hoc legat et lecto carmine doctus amet*, “Se alguém neste povo a arte não conhece de amar, / isto leia e, lido o poema, instruído ame”; cf. também: 2.741-4; 3.1-2; 811-2. Também de Ovídio, em seus *Produtos para a Beleza Feminina*, lembro a promessa de eficiência de suas receitas: cf. *Ov. Med.* 67-8; 97-100, das quais, aliás, já houve quem apresentasse comprovações técnicas: cf. Green 1979; cf. também: Watson 2001. Particularmente quanto aos *Remedia Amoris* de Ovídio, a “forma” do dístico elegíaco e a “função” “didática” do poema “tendem”, como interpreta Brunelle (2001) a partir de *Ov. Rem.* 751-66, para “direções opostas”, de modo que a “lição” do poeta pode resultar num paradoxo (123): “and any student reading the *Remedia* to learn how to fall out of love should not be reading the *Remedia*”; cf. também: 138-9; Gibson 1999; Heath 1985: 254. Quanto à acuidade técnica da instrução poética nas matérias rurais, interessante é a leitura de Nelson (1996) para a seção dos *Trabalhos e Dias* tradicionalmente interpretada como “instrução prática em agricultura” (cf. *Op.* 414-617) (45): “Hesiod’s selection of tasks is spotty, omitting many of the most important tasks on the farm, while emphasizing tasks and seasons of relatively little importance. The advice he does give is often elementary, and his organization is erratic”; (53) Hesiod’s is a realistic account of farming, but its realism is dramatic, not factual. It is designed not to convey an accurate picture of farming as seen from outside the farm, but to create a sense of immediate identification with the farmer himself, allowing the audience to experience the life that is determined by Zeus’ seasons”; cf. também; Heath 1985: 253-6. Quanto às *Geórgicas* de Vergílio, Spurr (1986: 164-75, 181-3) reavalia o julgamento de Sêneca — que descreve o poeta mais preocupado com a qualidade e o deleite da poesia do que com sua “verdade” (cf. *Sen. Ep.* 86.15.4-16.1: *qui non quid uerissime sed quid decentissime diceretur aspexit, nec agricolis docere uoluit sed legentes delectare*) — e argumenta a favor da precisão técnica das lições de Vergílio; sobre o mérito científico e técnico das *Geórgicas* como objeto de debate entre agricultores e jardineiros ingleses nos séculos XVII e XVIII, cf. Bruyn 2004: (esp.) 661-6, 670-2, 681-7, sobre forma como a relação entre poesia e ensinamento foi entendida, pela época, como uma contradição intrínseca da poesia didática de qualquer tempo; cf. também Lilly 1919: 51-93; Jermyn 1949 e Thomas 1987: 230-1. Diante de tais ponderações, lembro o interessante prefácio ao segundo livro dos *Disticha* de Dionísio (?) Catão (III/IV d.C ?), que assim defende a eficiência do ensinamento dos poetas:

Telluris si forte velis cognoscere cultus,
Virgilium legito; quod si mage nosse laboras
Herbarum vires, Macer tibi carmina dicet,
(corporis ut cunctos possis depellere morbos).
Si romana cupis et punica noscere bella,
Lucanum quaeras, qui Martis praelia dixit.
Si quid amare libet, vel discere amare legendo,
Nasonem petito; sin autem cura tibi haec est,
Ut sapiens vivas, audi, quae discere possis,
Per quae semotum vitiis deducitur aevum;
Ergo ades et, quae sit sapientia, discite legendo. (*Dist. 2. praef.* 1-10)

(Da terra se acaso queres conhecer o cultivo, lê Vergílio; mas se mais te ocupas em conhecer das plantas as propriedades, [Emílio] Macro te dirá os versos, para que possas afastar todas as moléstias do corpo. Se desejas as guerras romanas conhecer e as púnicas, que busques Lucano, que disse os combates de Marte. Se a vontade é de amar, ou de lendo aprender a amar, procura [Ovídio] Nasão; se, por outro lado, tens a preocupação de viver como sábio, presta atenção para que aprendas as lições pelas quais longe de vícios se leva a vida; vem, pois, e lendo aprende o que é a sabedoria.)

atenção e dedicação deste último o sucesso da “instrução”, obtido, ainda mais idealmente, já na *primeira e única* leitura do poema.⁵

Na realidade, a história das edições e comentários das *Astronômicas* mostra o quão dependente a inteligência de seu texto se mostrou de verdadeiras paráfrases e — em mais de um sentido do termo — de *illustrationes*.⁶ Assim é o caso — emblemático, a meu ver — da edição *in usum Delphini* preparada por Michel du Fay (1679), posterior à última (e póstuma: 1655) de Escalígero em pouco mais de duas décadas, e ainda muito anterior aos grandes avanços de exegese daquela de Richard Bentley (1739) (que, acrescida de uma projeção do Globo de Farnese, inaugura, por assim dizer, entre os ingleses, o trabalho de edição e comentário das *Astronômicas*, que culminará na grande e sempre referida obra de Alfred Edward Housman, 1859-1936, já no início do século XX). Junta algumas das notas e ilustrações de Escalígero às várias *animadversiones* de Pierre-Daniel Huet (1630-1721), a edição de du Fay oferece ainda a paráfrase latina integral do poema de Manílio, pela qual em fluida prosa du Fay transverte e assim procura aclarar ao “Sereníssimo Delfim”,⁷ então com dezessete anos, a “ciência celeste” “constrita” por Manílio no “enlaçamento rítmico das palavras”.⁸

⁵ Igualmente complexo, no caso da poesia didática, em particular a de Lucrécio e Manílio, é o problema da *releitura*, já que o aprendizado, ao fim do “caminho” seguido por mestre e discípulo (cf. Volk 1997: 294-302 e 2002: 225-34 e 2003), não deveria implicar a repetição da lição; como resume Fowler (2000: 211), “there should be one path through the poem — and when we have reached the end, we should have no further need of the poem, because we should have arrived. The plots of didactic thus raise particularly acutely the central literary problem of *rereading*, in that it seems to be built into the genre that by definition, if the poem is successful, it cannot be reread, yet rereading and reuse are fundamental to the domain of the literary”. Para o exame de outras particularidades da relação mestre-discípulo, cf. Conte 1994¹: 118-20, que observa como tal relação, no caso especialmente do *De rerum natura*, é plena de tensão, pois comportaria o risco do fracasso do ensinamento, já que ao fim de seu “curso” o discípulo precisaria — também ele — elevar-se, pela ciência das coisas, ao grau de sublimidade de seu mestre; a novidade dessa tensão fica evidente, argumenta Conte, quando se considera a relação mestre-discípulo na “pacífica e relaxada” estrutura de poemas sobre venenos de cobras (Nicandro) ou sobre as constelações (Arato); cf. também Conte 1984: 51.

⁶ Para as figuras e desenhos acrescentados por Escalígero, só em seu comentário ao Livro 3 das *Astronômicas*, cf. 1655: (os intervalos indicam uma figura para cada página) 195, 196, 197, 232, 237, 244-51 e 268.

⁷ Trata-se Luís o Grande, ou o “Grande Delfim” (1661-1711), filho do rei Luís XIV.

⁸ É bem o que lhe promete du Fay, na epístola que lhe endereça em 1 de janeiro de 1679: “Quam olim coelestem scientiam numero verborum nexu constrictam Augusto Caesari dicavit Manilius, eandem nunc tibi, Serenissime Delphine, non modo suis verborum vinculis solutam, sed et variis etiam illustratam annotationibus, et novis figuris locupletatam consecramus” (1679: 1), “A mesma ciência celeste que outrora constrita em rítmico enlaçamento de palavras Manílio dedicou a Augusto César, ora consagramos a ti, Sereníssimo Delfim, não apenas solta de seus laços de palavras, mas também esclarecida por variadas anotações, bem como enriquecida por novas figuras”. É notável, aliás, como o trabalho de exegese e aclaração técnica do poema de Manílio em vista de sua compreensão por outros leitores já deu azo a tanta mordacidade e remoço entre muitos de seus comentadores, alguns dos quais se notabilizaram não só pela precisão técnica de seus reparos, mas também pela vaidade demonstrada ao fazê-los; Escalígero, por exemplo, ao propor sua própria reconstrução para o complicado verso 3.285 (cf. Escalígero 1655 *ad loc.*: *tertiaque in quartas partes inducitur eius*; Goold 1998 *ad loc.*: *tertiaque e quinta pars parte inducitur eius*;

Isto de intérpretes e parafraseadores deslindarem do verso a *scientia*, a lição ou o μάθημα de um poema “didático”, recolocando-a, a partir daí, na forma prosaica, de modo a garantirem maior clareza ao ensinamento ou à μάθησις, pode ser visto como o processo inverso do que Plutarco descrevera no caso dos ἔπη, dentre outros, de Nicandro (III/II a.C.) (cf. Plut. *Quomodo adul.* 16c.11; Cap. 1, p. 74), nos quais o ὄγκος, o “volume” ou “inchaço”, e o μέτρον seriam como que um “empréstimo” da poesia para que tais ἔπη, considerados λόγοι por Plutarco (cf. 16c.13), justamente fugissem ao prosaico (cf. 16c.9-d.1: ἵνα τὸ πεζὸν διαφύγῳσιν); se da poesia o “inchaço” e o “metro”, bem como o “tropo” (cf. 16b.5: τρόπος), a “adequação da metáfora” (cf. 16b.6: εὐκαιρία μεταφορᾶς), a “harmonia e composição” (cf. 16b.7: ἁρμονία καὶ σύνθεσις) Plutarco associa ao efeito da *gracia* (16b.8: χάριτος), é talvez de um parafraseador justamente de Nicandro, Eutécnio (III/X d.C.), que vem a associação, como em du Fay (cf. *supra*), da forma prosaica ao efeito ou qualidade da *clareza*: na paráfrase, provavelmente sua, às *Cinegéticas* de Opiano de Apameia (II/III d.C.),⁹ Eutécnio se endereça poeticamente a este último atentando para a qualidade “murmurante” de sua fala (cf. gr. θρυλεῖν: “fazer barulho confuso”, “murmurar”) como algo que se deve a seu poema: cf. [Eutec.] *In Opp.* C. 8.12: Ὀππιανὲ θρυλούμενε κλυτῆς εἵνεκ' αἰοιδῆς, “(sc. Ó) Opiano murmurante por conta de ínclito canto”; logo, para a “forma pedestre da prosa” é que o parafraseador afirma ter transposto a “belíssima lição” (cf. *In Opp.* C. 8.6: μάθημα πάγκαλον) de Opiano, extraíndo-a, assim, “da obscura dissonância do metro” (cf. 8.3: ἐκ τῆς σκοτεινῆς τοῦ

Flores 2001 *ad loc.*: tertiaque e quinta sic parte inducitur eius; cf. Cap. 2, p. 177, n. 113), diz: “Obscurus locus antea, nunc, ni fallor, illustratus est. Sed Bonicontrio & hic quoque ignoscimus. Hanc veniam illi impetrarunt ii, qui haec ignorant, & tamen omnia videri volunt scire”, “Passo antes obscuro; agora, se não me engano, está esclarecido. Mas a Buonincontro também aqui perdoamos. Para ele essa licença obtiveram aqueles que ignoram essas matérias e que, no entanto, querem parecer saber tudo” (233); mais adiante, depois de longa explanação — com exemplos, acréscimos e figuras — do método de Manílio para a localização do horóscopo (cf. Cap. 2, p. 164-217) (251-5), conclui: “Hactenus candide Lector, quae Manilius de Horoscopo sensit: cuius rei vestigia nulla olim extabant in eius carmine, hodieque adeo obscura sunt, ut nisi a nobis indicata essent, gloriosis, qui dicunt nos Manilium tractare non debuisse, desperandum fuerit ea invenire posse”, “Eis aí, cândido Leitor, aquilo que Manílio pensou sobre o horóscopo, matéria da qual os vestígios não se mostravam antes em seu poema, e que ainda hoje são a tal ponto obscuros, que, se não tivessem sido indicados por nós, aos vaidosos, que dizem que não deveríamos tratar de Manílio, seria de desesperar poder encontrá-los” (255). Mais recente é o caso de Housman, especialmente em suas críticas a Escalígero, du Fay e Pingré, sobre o sentido que cada um deles atribui a Man. 3.196: *uerte uias* (cf. 1916: viii-ix), a Salmásio e Escalígero, sobre como compreenderam mal o sentido *stadium* para Manílio (cf. xiv) (cf. Cap. 2, p. 176), e a Jacob, sobre o preenchimento da lacuna, *post* Man. 3.497, com a continuação da *ratio uulgata* para natividades noturnas (cf. xxi) (cf. Cap. 2, p. 208, n. 142); especialmente sobre Housman, cf. também: Housman 1913: 109; Bailey 1956: 81; Macksey 1975.

⁹ As paráfrases de Eutécnio são às *Theriaca* (ed. Gualandri 1968: 21-70) e às *Alexipharmaca* (ed. Geymonat 1976: 25-58) de Nicandro, dele provavelmente sendo as paráfrases às *Cynegetica* (ed. Tüselmann 1900: 8-43) de Opiano de Apaméia, como disse acima, bem como às *Haliutica* (ed. Papathomopoulos 1976: 1-29) de Opiano de Anazarbo (II d.C.). Para informações completas, cf. “Referências bibliográficas”, ao fim deste trabalho, p. 296.

μέτρου δυσφωνίας).¹⁰ Caso semelhante se lê em Galeno (II d.C.), que elogia Andrômaco o Velho (I d.C.) (cf. Gal. 14.31.10-32.10) pela notação que este, a exemplo de outros, faz *por extenso*, e não por abreviatura, dos números e medidas em sua exposição da “galena”, um antídoto contra a picada de serpentes venenosas (cf. Androm. ap. Gal. 14.32-42), evitando-se, assim, as confusões que, segundo o mesmo Galeno, costumam acontecer na leitura dos números indicados somente pelas letras do alfabeto grego (cf. Gal. 14.31.10-17); ocorre que a exposição de Andrômaco, como a de Damocrates (I d.C.) (cf. 14.32.5-7) e de alguns outros (cf. 14.32.6: ὅσπερ καὶ ἄλλοι τινές), é feita em versos (cf. 14.32.5: ἐμμέτρως; 7: διὰ μέτρων), mais precisamente em dísticos elegíacos (cf. 14.44.1: ἐν τοῖς ἐλεγείοις); ora, ainda que a notação por extenso facilite a identificação dos números e medidas, Galeno reconhece que a metrificação torna “mais obscura” a exposição geral da matéria (cf. 14.44.2-3: ἀσαφέστερον; 16: ἀσαφέστερον), razão pela qual acrescenta, em seguida aos versos de Andrômaco o Velho, a interpretação que deles faz Andrômaco o Jovem (cf. 14.42.11-43.17), “que usa de prosa” (cf. 14.42.13: λέξει πεζῆ χρησάμενος), argumentando que, “tendo Andrômaco o Jovem escrito essa exposição em prosa, fica fácil, para quem não entende algo do que foi dito nos versos elegíacos do Velho, alcançar-lhe a partir daí a compreensão” (cf. 14.43.17-44.2: ταῦτα γράψαντος Ἀνδρομάχου τοῦ νεωτέρου πεζῆ, πάρεστι τῷ μὴ νοοῦντι τῶν εἰρημένων ὀτιοῦν ἐν τοῖς ἐλεγείοις τοῦ πρεσβυτέρου, τὴν εὕρεσιν ἐντεῦθεν ποιεῖσθαι).¹¹

Por outro lado, o “enlaçamento rítmico das palavras”, no caso das *Astronômicas*, é a forma por excelência em que o vate deve expor as lições da arte astrológica (cf. Man. 1.1: *Carmine*; 19: *in numerum* [...] *referre*; 21-4; Cap. 1, p. 33), chegando a ter de “lutar” com a matéria em seu labor de exprimi-la metricamente (cf. 3.31-5; Cap. 1, p. 68). Desse modo, no interior da mimese de instrução criada por Manílio, o labor que compete ao discípulo é a intelecção das lições que lhe são transmitidas *em verso*; assim,

¹⁰ Eis a dedicatória ao imperador Caracala (211-217):

Τὰς Ὀπιανοῦ τῆς κυνηγίας βίβλους
ἐκ τῆς σκοτεινῆς τοῦ μέτρου δυσφωνίας
εἰς πεζὸν εἶδος τοῦ λόγου μεθαρμόσας
προὔθηκά σοι, μέγιστε Καῖσαρ, ἐνθάδε,
θηρατικῆς μάθημα πάγκαλον τέχνης; (*In Opp. C. 8.2-6*)

(Tendo de Opiano os livros da caça, da obscura dissonância do metro para a forma pedestre da prosa transposta, proponho a ti, grande César, aqui, da arte da caça belíssima lição.)

¹¹ Ainda no âmbito da medicina, cito o caso particular de Aglaías (IV a.C./I d.C.): sua receita de remédio contra a catarata — Πρὸς τὰς ἀρχομένας ὑποχύσεις — é exposta numa série de quatorze dísticos formados de hexâmetro e iambo, e explicada, ao fim, por uma série de ἐρμηνεῖαι em prosa de autoria do próprio Aglaías, conforme acredita seu escoliasta (cf. Bussemaker 1862: 97-8).

quanto ao discípulo, não presume o vate que este possa buscar amparo em qualquer forma de facilitação ou embelezamento das lições, antes estabelece que deve estar disposto a ouvi-las e lê-las no modo “verdadeiro” como lhe são dadas (cf. 3.36-42); assim, sem outra “guia” ou orientação “externa” que aquela de seu próprio mestre, é em si mesmo que o discípulo deverá buscar as “forças” (cf. 4.931: *uires*) ou capacidades intelectuais para a compreensão da matéria (cf. 4.923-32); ora, é justamente ao exercitar seu próprio labor racional, entende o vate, que estará o aprendiz reencontrando dentro de si mesmo o próprio *deus* (cf. 4.390-407) e a própria *ratio* celeste (cf. 4.866-932; *infra*), “amparo” de autoridade mais elevada, por assim dizer, que a de qualquer real e limitado exegeta, e garantia de acesso ao juízo oculto da fortuna.

3.1. *Nisi fata darent... (4.23): o espetáculo da fortuna.*

Não seria difícil demonstrar que o poeta associa à fortuna, por um lado, a multiplicidade das experiências e vicissitudes testemunhadas pela vida humana, e ao fado, por outro, a fixidez e relativa concisão de suas regras, objeto de estudo do astrólogo e objeto de canto do poeta. Em primeiro lugar, é já nos dois versos iniciais da proposição das *Astronômicas* que os “astros” (cf. 1.2: *sidera*) são duplamente qualificados: como “cientes do fado” (cf. 1.1: *conscia fati*) e como os responsáveis pelas variações dos “casos diversos das pessoas” (cf. 1.2: *sidera diuersos hominum uariantia casus*); é sobre os “casos das pessoas”, aliás, que a fortuna “fluida”, “inconstante” (cf. *infra*) e que “varia” tudo (cf. 3.529: *uariando cuncta*) exerce seu domínio, pois “é sujeito à mudança tudo aquilo que nasce sob a lei da mortalidade” (cf. 1.515: *omnia mortali mutantur lege creata*). Noutro momento, ao expor dois diferentes sistemas da chamada *χρονοκρατορία* — ou *temporum dominium*, a identificação de quais signos são dominantes sobre quais frações de tempo da vida humana: ano, mês, dia e hora (cf. 3.514-24, 537-59) —, o poeta não deixa de observar que está aí uma razão para tantas mudanças e variações que a fortuna causa aos mortais ao longo de seu tempo de vida:

Idcirco tanta est rerum discordia in aeuo
et subtexta malis bona sunt lacrimaeque sequuntur
uota nec inconstans seruat fortuna tenorem;
usque adeo permixta fluit nec permanet usquam,
amisitque fidem uariando cuncta per omnis. (3.525-9)

(É por isso que é tão grande a discórdia das coisas no decorrer do tempo, e bens são costurados a males, e lágrimas se seguem aos votos, e a fortuna, inconstante, não mantém um curso uniforme, a tal ponto é fluida e confusa, não permanece em parte alguma e, mudando tudo em todos, tem seu crédito perdido.)

É notável, já nesse caso como em outros, como importa ao poeta a relação entre a grandeza e multiplicidade dos fenômenos humanos e a relativa “economia” das causas astrológicas que, segundo sua crença, os determinam (cf. 3.47, 56-92; 4.416; cf. Cap. 2, p. 193). É o que se observa, por exemplo, na breve afirmação que faz o poeta ao descrever os caracteres nascidos sob a constelação do navio Argo em sua ascensão conjunta ao signo de Áries (cf. 5.32-56): “Suprime os nascimentos de pessoas situados sob tal constelação e terás suprimido a guerra de Troia” (cf. 5.46-7: *tolle sitos ortus hominum sub sidere tali, / sustuleris bellum Troiae*); por consequência, não se terá derramado o sangue de Ifigênia para a obtenção de ventos favoráveis à empresa (cf. 5.47-8); mas é bem mais do que isso: é toda a navegação mesma que se terá suprimido, e por consequência nem Xerxes cobrirá o mar com sua frota (cf. 5.48-9), nem Salamina com um revés soçobrará Atenas (cf. 5.50), nem as proas púnicas flutuarão no mar (cf. 5.51), nem se verá um dia o mundo suspenso de um lado e de outro entre as baías de Ácio (cf. 5.52-3). É certo que esse é tema ainda mais evidente ao longo da exposição que o poeta dedica à parte apotelesmática (cf. Cap. 2, p. 81) de sua doutrina, no quarto e quinto cantos de seu poema, nos quais trata justamente de descrever para o discípulo os *mores, studia e artes* que os signos e certas constelações não zodiacais determinam para as natividades; de todo modo, o caso dos nativos sob Argo me parece especialmente emblemático da noção, para o poeta, de que as manifestações “sensíveis” da fortuna sobre o mundo — as muitas mudanças e “variações” com que ela acomete a vida humana — obedecem a certa economia de leis “inteligíveis” (cf. Cap. 1, p. 47, n. 60; Cap. 2, p. 193) do fado (cf. *infra*).¹² Embora, do ponto de vista do astrólogo, não exista aí nada de incomum, do ponto de vista do poeta das *Astronômicas*, por outro lado, parece-me tal noção particularmente significativa no contexto de sua poética *recusatio* (cf. 3.1-42; Cap. 1, p. 50) às matérias da poesia épica e dramática; a esse respeito falarei mais adiante.

¹² Ainda outros casos se poderiam citar em que à exposição de algumas poucas causas astrológicas o poeta faz seguir a descrição de um grande número de fenômenos resultantes; é o que acontece, por exemplo, na exposição da doutrina das inimizades entre os signos (cf. 2.520-607), sobretudo no caso dos signos em oposição diametral (cf. 2.570 [= *post* 535]-569), “inimigos” (cf. 2.551: *hostis*; 557: *hostes*) cuja “guerra” (cf. 2.541, 551: *bellum*) se observará também entre seus respectivos nativos (cf. 2.579 [= *post* 569]-607); ora, o ódio e a inimizade não serão apenas entre indivíduos (cf. 2.581-95), mas entre povos e cidades inteiras (cf. 2.596-607), que do mundo subtrairão a paz (cf. 2.604: *pax est sublata per orbem*).

Assim, é com uma profusão de exemplos que vão da ruína de Troia — cujos heróis e acontecimentos, aliás, parecem lembrar ao poeta de modo particular (cf. 1.508, 511; 2.3; 3.7; 4.24, 65, 80, 689; 5.47, 302, 485) — aos episódios menos e mais recentes da própria história romana que ele procura ilustrar seu argumento de que as variâncias da fortuna se subordinam, finalmente, à determinação do fado, e de que, se não fosse o fado, “nunca a fortuna teria admitido” (cf. 4.49: *nisi fata darent, nunquam fortuna tulisset*) tantas e tais mudanças no curso dos acontecimentos heroicos e humanos:

An, nisi fata darent leges uitaeque necisque, fugissent ignes Aenean, Troia sub uno non euersa uiro fati uicisset in ipsis?	25
aut lupa proiectos nutrisset Martia fratres, Roma casis enata foret, pecudumque magistri in Capitolinos duxissent fulmina montes, includue sua potuisset Iuppiter arce, captus et <a> captis orbis foret: igne sepulto	30
uulneribus uictor repetisset Mucius urbem, solus et oppositis clausisset Horatius armis pontem urbemque simul, rupisset foedera uirgo, tresque sub unius fratres uirtute iacerent? nulla acies tantum uicit: pendebat ab uno	35
Roma uiro regnumque orbis sortita iacebat. quid referam Cannas admotaque moenibus arma Varronemque fuga magnum Fabiumque morando postque tuos, Trasimenne, lacus, cum uincere posset, accepisse iugum uictae Carthaginis arces,	40
seque ratum Hannibalem nostris cecidisse catenis exitium generis furtiua morte luisse? adde etiam Latias acies Romamque suismet pugnantem membris, adice et ciuilia bella et Cimbrum in Mario Mariumque in carcere uictum.	45
quod, consul totiens, exul, quod <de> exule consul adiacuit Libycis compar iactura ruinis eque crepidinibus cepit Carthaginis urbem, hoc, nisi fata darent, numquam fortuna tulisset. quis te Niliaco periturum litore, Magne,	50
post uictas Mithridatis opes pelagusque receptum et tris emenso meritos ex orbe triumphos, cum te iam posses alium componere Magnum, crederet, ut corpus sepeliret naufragus ignis eiectaeque rogam facerent fragmenta carinae?	55
quis tantum mutare potest sine numine fati? ille etiam caelo genitus caeloque receptus, cum bene compositis uictor ciuilibus armis iura togae regeret, totiens praedicta cauere uulnera non potuit: toto spectante senatu,	60
indicium dextra retinens nomenque, cruore deleuit proprio, possent ut uincere fata. quid numerem euersas urbes regumque ruinas, inque rogo Croesum Priamique in litore truncum,	

cui nec Troia rogus? quid Xerxen, maius et ipso 65
 naufragium pelago? quid capto sanguine regem
 Romanis positum, raptosque ex ignibus ignes
 cedentemque uiro flammam quae templa ferebat? (4.23-68)

(Acaso, se o fado não ditasse as leis da vida e da morte, teriam os fogos fugido de Enéias, Troia, em razão dum só homem não derrubada, teria triunfado de sua própria ruína? Ou teria a loba de Marte nutrido os irmãos abandonados, teria Roma renascido de suas quedas, teriam os pastores levado os raios aos montes do Capitólio, ou teria Júpiter podido encerrar-se em sua acrópole, teria sido o mundo dominado por gente dominada? Sepultado o fogo com suas feridas, Múcio,¹³ vencedor, teria retornado à cidade, e Horácio¹⁴ sozinho teria fechado às armas adversárias simultaneamente ponte e cidade, teria a virgem¹⁵ rompido o pacto, e três irmãos jazeriam pelo valor dum só?¹⁶ Exército nenhum teve tão grande vitória: Roma dependia de um homem e, cabendo-lhe por sorte o reino do mundo, estava por terra. Por que referirei Canas, e as armas levadas às muralhas da cidade, e Varrão, glorioso pela fuga, e Fábio, por demorar, e, depois de teus lagos, Trasimeno, que os baluartes de Cartago, vencida, quando ela poderia vencer, receberam o jugo, e que Aníbal, persuadido de haver caído em nossas cadeias, com furtiva morte expiou a destruição de sua raça? Acrescenta ainda as batalhas no Lácio e Roma a lutar contra seus próprios membros; ajunta também as guerras civis, e o cimbro vencido em presença de Mário,¹⁷ e Mário vencido no cárcere. O fato de que, tantas vezes cônsul, exilado, e de que, depois de exilado, cônsul novamente, revés igual às ruínas líbicas, nelas refugiou-se, e dos escombros de Cartago tomou a urbe, isso, se o fado o não ditasse, nunca a fortuna teria permitido. Quem, ó grande Pompeu, depois de vencidas as forças de Mitridates, e recuperado o pélago, depois de três triunfos ganhos percorrendo o mundo, quando já podias te apresentar como outro Grande,¹⁸ quem acreditaria que haverias de perecer no litoral nilíaco, que um fogo naufrago fizesse desaparecer teu corpo, e os pedaços do navio arremessado fizessem tua pira? Quem pode mudar tanto senão com o poder do fado? Mesmo aquele que, nascido do céu e pelo céu recebido, quando, vencedor, bem acabadas as guerras civis, regulava os direitos da toga, mesmo ele¹⁹ não pôde evitar os golpes tantas vezes preditos: com o Senado inteiro a observar, segurando com a destra a prova e o nome, ele os apagou com o próprio sangue, para que o destino pudesse prevalecer. Por que eu enumeraria as cidades derrubadas, e as ruínas dos reis, e Crespo na pira, e na praia o tronco de Príamo, a quem Troia não serviu de pira? Por que Xerxes, e seu naufrágio maior que o próprio pélago? Por que aquele que, de sangue escravo, foi feito rei para os romanos,²⁰ e o fogo resgata do fogo, e a chama, que consumia um templo, cedendo a um homem?²¹)

Sobre os acontecimentos humanos, então, está o exercício da fortuna; mas acima deste está o império do fado. É bem nos termos dessa hierarquia, aliás, que o poeta descreve, por um lado, o reinado do destino sobre o mundo (cf. 4.14: *fata regunt orbem*) e seu determinismo sobre os mortais (cf. 4.16-19; 98-101) e, por outro, a única disposição ética que cabe a estes últimos: a aceitação (cf. 4.22: *sors est sua cuique ferenda*, “a sorte, suporte cada um a sua”); assim, é sobre os próprios reis que o fado reina (cf. 4.93:

¹³ Caio Múcio Cévola (cf. Liv. 2.12).

¹⁴ Horácio Cocles (cf. Liv. 2.10).

¹⁵ Clélia (cf. Liv. 2.13).

¹⁶ Os três Curiácios e um dos Horácios (cf. Liv. 1.25).

¹⁷ Escravo cimbro mandado para matar Mário (cf. V. Max. 2.10.6).

¹⁸ Isto é, como outro Alexandre.

¹⁹ Júlio César.

²⁰ Sérvio Túlio.

²¹ Lúcio Cecílio Metelo (cf. Liv. *Perioch.* 19).

Quantum est hoc regnum, quod regibus imperat ipsis! “Que tamanho reino é esse, que sobre os próprios reis impera!”), sendo ele, então, essa “outra coisa maior” (cf. 4.98-9: *aliud [...] / maius*) que nos subjuga e governa (cf. 4.98: *quod nos cogatque regatque*), e que distribui as “vicissitudes da fortuna” (cf. 4.100-1: *atribuatque [...] / fortunae [...] uices*), a qual, por sua vez, “errante se move indistintamente entre todos” (cf. 4.97: *uaga per cunctos nullo discrimine fertur*):

Por outro lado, diferentemente da fortuna, que se mostra ao alcance da percepção humana mais simples, já que sua manifestação “pelo mundo” (cf. 1.509: *fortuna per orbem*) é assim tão facilmente observável e tão sobejamente descritível, o fado, porém, é como que sua contraparte oculta, apenas intelectualmente apreensível (cf. 1.678; 2.842, 927; 3.295, 618; 4.195, 308-9, 388, 875; cf. Cap. 1, p. 47, n. 60), na qual poderia ser lida, por assim dizer, a “razão do fado” (cf. 3.66: *fati ratio*), ainda que apenas por aqueles “a quem”, segundo a crença do vate, “(sc. os astros) não recusaram os sagrados canais e o conhecimento sobre eles mesmos” (cf. 2.143-4: *quibus illa sacros non inuidere meatus / notitiamque sui*; cf. Cap. 1, p. 29). Mais precisamente, a “leitura” do fado se faz, como quer o vate, pela mediação da astrologia; assim, se “em sua longa sucessão os tempos estão assinalados por acontecimentos certos” (cf. 4.15: *longa [...] per certos signantur tempora casus*), a “certeza”, ou melhor, a inevitabilidade de tais acontecimentos é determinada pela “origem” (cf. 4.16: *ab origine*), vale dizer, pelo instante inicial de vida, que terá seus *casus*, segundo esse ponto de vista, determinados pelo modo como no céu tiverem estado dispostos os signos, luminares e planetas (cf. 2.965; 3.155-8, 586-9) nesse mesmo instante. Esse “momento inicial” da natividade — motivo, como mais acima disse, de não poucas dificuldades técnicas para o astrólogo antigo, quando se trata de sua identificação exata, objeto de certa controvérsia, e particularmente quando se trata de precisar a configuração celeste que lhe é simultânea (cf. Cap. 2, p. 164) — é de tal modo determinante (cf. 4.17: *hinc*), que “dele riquezas e reinos fluem” (cf. 4.17: *hinc et opes et regna fluunt*), mas também a “pobreza, que mais frequentemente se origina” (cf. 4.17-18: *et, saepius orta, / paupertas*); a partir dele é que “são dados aos nascidos as artes e costumes, os vícios e méritos, os prejuízos e lucros” (cf. 4.18-19: *paupertas, artesque datae moresque creatis / et uitia et laudes, damna et compendia rerum*); é dele, enfim, que depende todo o resto da vida, inclusive seu término (cf. 4.16: *nascentes morimur, finisque ab origine pendet*; cf. também: 3.560-617). Em suma, a esse “momento inicial” corresponde, como disse, uma configuração celeste particular, e

precisamente desta é que depende, para o astrólogo, a determinação dos eventos com que “em sua longa sucessão os tempos estão assinalados”.

Além disso, é notável como interessa ao poeta a contraposição entre o espaço celeste — o âmbito, para ele, em que se podem contemplar a ordem e regularidade do *mundus* (cf. 1.182-93, 474-531; Cap. 1, p. 26), no qual se pode ler, pela astrologia, essa configuração sideral que determinará toda a vida do indivíduo — e o espaço terreno, onde é dado à percepção humana geral testemunhar o espetáculo da fortuna:

Iam tum, cum Graiae uerterunt Pergama gentes,
 Arctos et Orion aduersis frontibus ibant,
 haec contenta suos in uertice flectere gyros,
 ille ex diuerso uertentem surgere contra
 obuius et toto semper decurrere mundo. 505
 temporaque obscurae noctis deprendere signis
 iam poterant, caelumque suas distinxerat horas.
 quot post excidium Troiae sunt eruta regna!
 quot capti populi! quotiens fortuna per orbem
 seruitium imperiumque tulit uarieque reuertit! 510
 Troianos cineres in quantum oblita refouit
 imperium! fatis Asiae iam Graecia pressa est.
 saecula dinumerare piget, quotiensque recurrens
 lustrarit mundum uario sol igneus orbe.
 omnia mortali mutantur lege creata, 515
 nec se cognoscunt terrae uertentibus annis
 exutas uariam faciem per saecula ferre.
 at manet incolumis mundus suaque omnia seruat,
 quem neque longa dies auget minuitque senectus
 nec motus puncto curuat cursusque fatigat; 520
 idem semper erit quoniam semper fuit idem.
 non alium uidere patres aliumue nepotes
 aspicient. deus est, qui non mutatur in aeuo.
 numquam transuersas solem decurrere ad Arctos
 nec mutare uias et in ortum uertere cursus 525
 auroramque nouis nascentem ostendere terris,
 nec lunam certos excedere luminis orbes
 sed seruare modum, quo crescat quoue recedat,
 nec cadere in terram pendentia sidera caelo
 sed dimensa suis consumere tempora gyris,
 non casus opus est, magni sed numinis ordo. (1.501-31)

(Já então, quando os povos gregos arrasaram Pérgamo, a Ursa e Oríon moviam-se frente a frente: ela, satisfeita em descrever seu círculo no polo; ele, em surgir do lado oposto, apresentando-se defronte dela, enquanto ela girava, e em sempre percorrer o céu inteiro. Já os homens podiam depreender a duração de uma noite escura por meio das constelações, já se haviam marcado as horas no céu. Quantos reinos foram destruídos depois da ruína de Troia! Quantos povos capturados! Quantas vezes a fortuna trouxe sucessivamente a escravidão e a soberania, e de maneira variada retornou! A que tamanho império ela, esquecida, elevou as cinzas troianas! Já a Grécia foi oprimida pelo destino da Ásia. Seria demorado narrar os séculos, e quantas vezes o brilhante Sol, reaparecendo, iluminou numa órbita variada o céu. Tudo o que nasce na lei da mortalidade é sujeito à mudança; nem a terra, explorada com o passar dos anos, se dá conta da aparência

diferente que carrega pelos séculos. O céu, todavia, permanece incólume e conserva suas partes todas; nem a longa sucessão do tempo o faz aumentar, nem a velhice o diminui; nem por um instante seu movimento se curva ou seu curso se cansa. Ele será sempre o mesmo, porque sempre foi o mesmo; outro não viram nossos pais, nem outro nossos netos verão. É o deus, que não muda no tempo. Nunca se estender o Sol em direção às Ursas, atravessando-as, nem mudar seu trajeto, voltar seu curso para o levante e mostrar a aurora a nascer de outras terras; e não exceder a Lua os precisos ciclos de luz, mas conservar a medida conforme a qual pode crescer ou minuar; e não caírem na terra as estrelas, a penderem do céu, mas consumirem em suas voltas um tempo determinado — tudo isso não é obra do acaso, mas a ordem da poderosa divindade.)

Ora, mesmo no caso dos planetas — cuja “errância” em relação às estrelas fixas é fenômeno bem conhecido, ainda que mal compreendido, pelos astrônomos e astrólogos antigos —,²² é também nos termos da ordem e regularidade deles, conforme outra escala de tempo (cf. *infra*), que o poeta descreve os inícios da prática da astrologia entre os mais antigos (cf. 1.25-65), precisamente entre os “sacerdotes” (cf. 1.46-57) que foram “os primeiros que por meio da arte viram os destinos a depender das estrelas errantes” (cf. 1.51-2: *primi [...] per artem / sideribus uidere uagis pendentia fata*): ora, a revolução celeste das estrelas fixas — “fixas”, é claro, umas relativamente às outras — e os ciclos do Sol e da Lua, os luminares, são fenômenos cuja regularidade é observável já no breve espaço de vinte e quatro horas (cf. 1.182-93, 474-82); mas a observação “ao longo de muitos séculos” (cf. 1.55: *longa per [...] saecula*), transmitida de geração em geração entre os observadores, lhes teria permitido concluir pela regularidade também no caso das estrelas “errantes”,²³ dado o retorno destas — depois de completados seus ciclos particulares, ao fim do longuíssimo período do “grande ano”²⁴ — à mesma posi-

²² A esse respeito, do ponto de vista da astrologia, cf. Bouché-Leclercq 1899: 88-157 e Barton 1994: 13, 28, 88, 91, 95-7, 176; e do ponto de vista da astronomia, cf. Dreyer 1953: 149-106 e Neugebauer 1969: 191-207.

²³ Cf. Cic. N. D. 2.51: *Maxime uero sunt admirabiles motus earum quinque stellarum quae falso uocantur errantes; nihil enim errat quod in omni aeternitate conseruat progressus et regressus reliquosque motus constantis et ratos. Quod eo est admirabilius in is stellis quas dicimus, quia tum occultantur tum rursus aperiantur, tum adeunt tum recedunt, tum antecedunt tum autem subsecuntur, tum celerius mouentur tum tardius, tum omnino ne mouentur quidem sed ad quoddam tempus insistunt. Quarum ex disparibus motionibus magnum annum mathematici nominauerunt, qui tum efficitur cum solis et lunae et quinque errantium ad eandem inter se comparisonem confectis omnium spatiis est facta conuersio*, “De fato são especialmente admiráveis os movimentos daquelas cinco estrelas que são incorretamente chamadas de ‘errantes’; ora, coisa alguma erra que em toda a eternidade conserva os progressos e regressos, e os demais movimentos constantes e determinados. Isso é ainda mais admirável nas estrelas que dissemos diante do fato de que ora são ocultadas, ora são outra vez mostradas, ora se aproximam, ora se afastam, ora antecedem, ora se seguem, ora se movem mais rapidamente, ora mais lentamente, ora de todo nem mesmo se movem, mas até certo tempo ficam paradas. A partir dos diferentes movimentos delas, os matemáticos deram o nome de ‘grande ano’ àquele período que se completa quando se faz o retorno do Sol, da Lua e das cinco estrelas errantes à mesma disposição entre eles depois de realizados os ciclos de todos”.

²⁴ Trata-se da ἀποκατάστασις, o “retorno à posição anterior”, termo que descreve tanto o movimento das estrelas fixas, na consideração de seu ciclo diário, quanto o longo período em que se perfazem os ciclos planetários, conforme o emprego que dele faz, por exemplo, o astrólogo Antíoco de Atenas (II d.C.): cf.

ção que tiveram, antes, umas em relação às outras. É obra dos primeiros astrólogos, assim, a associação dos diferentes *casus* humanos à posição dos astros, fundada na convicção de que as configurações celestes, repetidas ao fim de ciclos menos e mais longos de tempo, serviriam de sinais precisos para a previsão das “mudanças do destino” (cf. 1.65: *fatorum [...] uices*):²⁵

Singula nam proprio signarunt tempora casu,
 longa per assiduas complexi saecula curas:
 nascendi quae cuique dies, quae uita fuisset,
 in quas fortunae leges quaeque hora ualeret,
 quantaque quam parui facerent discrimina motus.
 postquam omnis caeli species, redeuntibus astris,
 percepta, in proprias sedes, et reddita certis
 fatorum ordinibus sua cuique potentia formae,
 per uarios usus artem experientia fecit
 exemplo monstrante uiam, speculataque longe
 deprendit tacitis dominantia legibus astra
 et totum aeterna mundum ratione moueri
 fatorumque uices certis discernere signis. (1.53-65)

(Pois assinalaram cada fração do tempo com seu caso particular, tendo por longos séculos abraçado incessantes preocupações: em que dia cada um nasceu e que vida teve, que hora foi melhor para quais leis da fortuna, e quão grandes diferenças movimentos tão pequenos causavam. Depois de compreendida toda a imagem do céu, retornando os astros para suas posições particulares, e atribuído, pelos constantes encadeamentos do destino, a cada forma celeste seu poder particular, por meio da prática variada a experiência criou a arte, com o exemplo a mostrar o caminho; e, depois de longamente observar, depreendeu que os astros exercem seu domínio por meio de secretas leis; que o céu todo é posto em movimento por uma razão eterna, e que ele distingue com sinais precisos as mudanças do destino.)

Em suma, a regularidade dos movimentos siderais, segundo tal ponto de vista, afiança ao astrólogo a previsibilidade dos *casus* terrenos e, a partir daí, a confiabilidade de sua arte, que promete prevêê-los. Daí a contraposição, como quis observar, que o poeta explora entre o espaço regular do *mundus* e o espaço de aparência fortuita dos acontecimentos humanos.²⁶ É dentro do espaço de regularidade e repetição cíclica do *mundus*, por sua vez, que a arte astrológica acredita poder detectar as “leis da fortuna” (cf. 1.56:

Antioch. Astr. ap. *CCAG* 7.120,121; cf. também: Firm. Mat. *Math.* 3.1.9; especialmente: 3.1.9.28: *apocatastasis, id est redintegratio*. Cícero fala em “grande ano”: cf. Cic. N. D. 2.51.10: *magnum annum*; cf. n. 23.

²⁵ Sobre a associação, ao longo dos séculos, entre os eventos e os signos que os anunciariam, cf. especialmente: Bottéro 1996: 165, 170; cf. também, neste trabalho, Cap. 1, p. 65, n. 94.

²⁶ Obviamente, exploro aqui apenas um aspecto de tal contraposição; com efeito, a regularidade dos fenômenos celestes, como Manílio a entende, lhe serve ainda como prova de que o universo não pode resultar de uma combinação fortuita (cf. 1.485: *nec forte [...] magistra*) de “elementos mínimos” (cf. 1.487: *seminibus [...] minimis*), mas da razão divina (cf. 1.483-500; Cap. 1, p. 25, n. 24). É o modo, aliás, como o poeta responde à convicção oposta de Lucrécio: cf. Lucr. 2.167-81, 583-602.

fortunae leges), tendo já descoberto, nesse mesmo espaço, “quão grandes diferenças movimentos tão pequenos (sc. do céu) causavam” (cf. 1.57: *quanta [...] quam parui facerent discrimina motus*). Por isso, conforme entende o vate, bastará que Áries tenha mostrado 4° de sua face (cf. 5.39) para que já apareçam acima do horizonte as primeiras estrelas da popa do navio Argo (cf. 5.38); daí, como já mencionei, entre os nativos que tal constelação fará navegantes (cf. 5.40-8) estarão também, sugere o poeta (cf. 5.46-7), os nautas que um dia atravessarão o mar em direção a Troia... a mesma Troia que, pelas leis do fado, havia de ruir (cf. 2.3: *uictam [...] Troiam*; 3.7: *Troia [...] cadente*) e, séculos depois, triunfar “do próprio fado”, isto é, de sua própria ruína (cf. 4.24-5: *Troia [...] / fatis uicisset in ipsis*; cf. também: 1.510-11: *Troianos cineres in quantum oblita refouit / imperium!* “As cinzas troianas a que tamanho império [sc. a fortuna] esquecida elevou!”). Ora, se as inúmeras reviravoltas trazidas ao mundo pela fortuna podem ser encaradas como uma sucessão de casos e eventos aparentemente “fortuitos” (cf. 1.509-10: *quotiens fortuna per orbem / seruitium imperiumque tulit uarieque reuertit!* “quantas vezes a fortuna pelo mundo a servidão e o império levou e de um novo jeito retornou!”; cf. também: 4.69-107), isto é, como manifestação da “errância” da fortuna (cf. 4.96-7), é só a compreensão “racional” das “leis da fortuna”, porém, que poderá mostrar como tantas reviravoltas *per orbem* se devem a “pequenos movimentos” (cf. 1.57: *parui [...] motus*) do *mundus*.

Essa valorização da relação entre o “diminuto” da causa, por assim dizer, e o “grandioso” e “variado” do efeito sugere, segundo me parece, certo interesse do poeta pela natureza *sintética* das explicações “racionalis” da astrologia para a variedade dos fenômenos humanos; igualmente, no âmbito dos fenômenos propriamente físicos, tal sintetismo se traduz na relativa economia explicativa das *rationes* que o poeta se compraz em expor e que tencionam prever as variações em tais fenômenos, conforme já procurei demonstrar (cf. Cap. 2, p. 193). Coerentemente com sua convicção filosófica de um universo hierarquicamente organizado (cf. 1.456-531; 5.710-45), o interesse do poeta pela concisão matemática das razões oferecidas pela astrologia à explicação e previsão das vicissitudes humanas está também na base, a meu ver, de sua recusa à poesia que tem justamente estas últimas por objeto. Mais precisamente, penso que é também no contexto maior de sua convicção filosófica e de seu interesse pela técnica da astrologia — e não somente no âmbito de sua prática poética (cf. Cap. 1, p. 50) — que se poderia entender a recusa do poeta às matérias dos gêneros épico e dramático. Assim, é claro que ele contrapõe a novidade de seu *opus* à longa e variada série de poemas *ab*

Homero até sua própria época (cf. 2.1-52), na qual acredita poder dizer que “todo gênero de matérias as douradas musas já cantaram” (cf. 2.49: *omne genus rerum doctae cecinerunt sorores*); é claro, assim, que tal contraposição serve ainda ao propósito de localizar as *Astronômicas* na sequência de uma tradição poética reconhecível, em princípio, pelo leitor romano. Mas a escolha da matéria astrológica também vem contraposta, especialmente no próêmio ao terceiro canto, à opção que “vulgarmente” (cf. 3.30) se faz, como argumenta o poeta, pela composição e pela leitura de poemas sobre matérias “especiosas” (cf. 3.26-39; Cap. 1, p. 49). Como já tive a ocasião de observar, o “especioso” de tais matérias reside, basicamente, no caráter “espetacular” e “grandioso” das ações que as compõem (cf. Cap. 1, p. 50); nesses termos, então, ousaria dizer que “especiosas” também poderiam ser consideradas, em conjunto, as ações que o poeta em vários momentos relaciona a fim de demonstrar para seu discípulo como a fortuna “errante se move indistintamente entre todos” (cf. 4.97) e como suas mudanças e variações são determinadas pelo fado; assim, a gesta de Xerxes, por exemplo, é matéria poética “especiosa” recusada (cf. 3.19b-21), mas é também exemplo escolhido pelo poeta para ilustrar aquilo que, *nisi fata darent*, jamais teria acontecido (cf. 4.65-6; especialmente: 5.48-9); assim também, a própria história da origem do povo romano (cf. 3.23: *Romanae gentis origo*), de seus chefes, de suas inúmeras guerras em alternância com os períodos de paz (cf. 3.24: *quotque duces urbis tot bella atque otia*), de seu império sobre o mundo (cf. 3.23-6), matéria “especiosa” não recusada por Ênio, é objeto “dispensado” (cf. 3.26: *differtur*) pelo poeta das *Astronômicas*, mas é também exemplo explorado por ele para ilustrar a determinação das leis do fado, pois em razão delas (cf. 4.23, 49) é que Eneias sobreviveria (cf. 4.24) e Troia poderia então renascer das próprias cinzas (cf. 1.511-12; 4.24-5); pelas leis do fado é que a “loba de Marte” nutriu os irmãos Rômulo e Remo (cf. 4.26), a elas é que se deveram os caracteres e, a partir destes, as ações de nomes como Caio Múcio Cévola (cf. 4.30-1), Horácio Cocles (cf. 4.32-3), Clélia (cf. 4.33), os Curiácios e os Horácios (cf. 4.34-6), Varrão (cf. 4.38a), Fábio (cf. 4.39b), Aníbal (cf. 4.41-2), Mário (cf. 4.45-8), Pompeu (cf. 4.50-6) e Júlio César (cf. 4.57-62); à determinação do fado ainda se deveram os sucessos na batalha de Ácio (cf. 5.52-3; cf. também: 1.914-8); antes de Ácio, aliás, por comiseração da divindade celeste (cf. 1.874: *deus [...] miseratus*), o fogo de cometas e estrelas cadentes — “sinais do fado iminente” (cf. 1.874-5: *instantis fati [...] / signa*; cf. também: 1.874-883) — já anunciava a cruenta batalha de Filipos (cf. 1.907-14) e o mais que *fatalmente* se seguiria, em Ácio e depois, com a vitória de Otávio, agora Augusto, “pai da pátria” finalmente pacificada (cf. 1.914-26); em

suma, recusa o poeta a matéria cantada por Homero (cf. 3.7-8: *non [sc. referam] coniu-ratos reges Troiaque cadente / Hectora uenalem cineri Priamumque ferentem*; cf. tam-bém: 2.1-3), o maior dos vates (cf. 2.1: *maximus [...] uates*), mas é a Troia, a seus per-sonagens e vicissitudes, como já aponte, que o poeta recorre mais de uma vez para ilus-trar as mudanças da fortuna determinadas pelo fado (cf. 1.511-12; 4.64-5; 5.46-8).

Assim, a recusa a tais matérias “especiosas” também pode ser lida, conforme penso, num contexto mais amplo, no qual a matéria efetivamente escolhida concerne a uma arte que, segundo a crença e a orientação filosófica do vate, promete bem mais do que a simples contemplação do “espetáculo” da fortuna *per orbem*, a exemplo do que ocorre no caso do próprio espaço celeste: neste caso, como já notei antes, a doutrina do mestre propõe mais do que a atitude simplesmente “observativa” (cf. Cap. 2, p. 86 e 92) diante da “imagem do firmamento” (cf. 1.811: *mundi facies*): é a penetração em seus arcanos (cf. 1.16-17: *impensius ipsa / scire iuuat magni penitus praecordia mundi*, “apraz ainda mais compreender profundamente o coração do grande céu”; cf. Cap. 1, p. 41) e a ciência do funcionamento do fado (cf. 4.391: *fata [...] cognoscere*) por meio do exercício daquela racionalidade que em seus inícios a raça humana não teve (cf. 1.66-73), quando atentava apenas para a imagem dos fenômenos (cf. 1.67: *in speciem co-nuersa*), “estupefata” (cf. 1.68: *stupefacta*) com as aparições e desapareções dos corpos celestes e com o maravilhoso dos fenômenos naturais (cf. 1.68-73); enfim, já é de Mer-cúrio, o fundador da arte astrológica, diz o poeta (cf. 1.32-7), o cuidado do conhecimen-to mais profundo do céu (cf. 1.33: *caelum interius*), a fazer que se venerasse “não ape-nas a imagem, mas também o poder mesmo de seus elementos” (cf. 1.36: *non species tantum sed et ipsa potentia rerum*). No caso, novamente, da fortuna *per orbem*, a mera contemplação de sua errância entre os diferentes *casus* humanos é também objeto de certa estupefação ou admiração (cf. 3.525-9; 4.69-107); desse modo, as vicissitudes na vida de Mário (cf. 4.45-9), Pompeu (cf. 4.50-6) ou Júlio César (cf. 4.57-62), por exem-plo, poderiam ser contempladas de um ponto de vista que atendesse ao apelo “trágico” de suas mudanças de boa para má fortuna, de modo a aproveitá-las como μεταβολαί, por assim dizer, na composição de entrecchos dramáticos ou épicos;²⁷ isso, porém, é o que “vulgarmente” se faria (cf. 3.26-30); o que interessa ao poeta, em vez disso, é a ra-cionalização que o sistema da astrologia lhe oferece para o entendimento de tais mudan-

²⁷ Sobre as μεταβολαί na sucessão das ações na tragédia, cf. Arist. *Po.* 1451a.13-14; 1452a.31-2; 1452b.30-1453a.30.

ças. Em suma, mais do que *cantar* o espetáculo da fortuna, quer o poeta *ensinar* a razão do fado.²⁸

²⁸ Evidentemente, as noções mesmas de “recusa” e “escolha” de matérias poéticas descrevem uma atitude do *poeta*; mas lembro, aqui, que tal “liberdade” — no interior da mimese de instrução criada por Manílio — não condiz perfeitamente, como procurei argumentar mais acima, com a condição e as convicções de seu *vate*, *destinado* a ensinar por meio de poesia os saberes estrangeiros da astrologia (cf. Cap. 1, p. 43, n. 54). Nesse caso, curiosa é descrição que o poeta faz da influência da constelação de Cefeu sobre aqueles que nascem sob sua ascensão (cf. 5.449-85), destinados, entre outras coisas, a cantar (e representar) justamente as matérias (e ações) que aqui tenho chamado de “especiosas”:

Quin etiam tragico praestabunt uerba coturno,
cuius erit, quamquam in chartis, stilus ipse cruentus
nec minus hae scelerum facie rerumque tumultu
gaudebunt. uix una trium memorare sepulcra
ructantemque patrem natos solemque reuersum
et caecum sine nube diem, Thebana iuuabit
dicere bella uteri mixtumque in fratre parentem,
quin et Medae natos fratremque patremque,
hinc uestes flammis illinc pro munere missas
aeriamque fugam natosque ex ignibus annos.
mille alias rerum species in carmina ducent;
forsitan ipse etiam Cepheus referetur in actus.
et, si quis studio scribendi mitior ibit,
comica componet laetis spectacula ludis,
ardentis iuuenes raptasque in amore puellas
elusosque senes agilisque per omnia seruos,
quis in cuncta suam produxit saecula uitam
doctior urbe sua linguae sub flore Menander,
qui uitae ostendit uitam chartisque sacrauit.
et, si tanta operum uires commenta negarint,
externis tamen aptus erit, nunc uoce poetis
nunc tacito gestu referensque affectibus ora,
et sua dicendo faciet, | scaenisque togatos
aut magnos heroas aget, | solusque per omnis
ibit personas et turbam reddet in uno;
omnis fortunae uultum per membra reducet,
aequabitque choro gestu coetque uidere
praesentem Troiam Priamumque ante ora cadentem. (5.459-85)

(Emprestarão, ainda, seus ditos ao coturno da tragédia, cujo estilo mesmo há de ser cruento, ainda que apenas no papel, e este não se deleitará menos com o espetáculo dos crimes e a agitação dos acontecimentos. Ser-lhes-á prazeroso lembrar o sepulcro para três, o pai a vomitar os filhos, o sol a recuar, e o dia, mesmo sem nuvens, obscurecido; narrar as guerras tebanas entre irmãos do mesmo ventre, o pai ao mesmo tempo irmão, e também os filhos de Medeia, seu irmão, seu pai, e, num momento, a roupa enviada como presente, noutra as chamadas, a fuga pelo ar, e os anos de juventude renascidos a partir do fogo. Mil outros espetáculos introduzirão em seus poemas; talvez o próprio Cefeu seja levado à cena. Mas, se alguém se mostrar mais ameno no seu gosto pela escrita, comporá espetáculos cômicos para os alegres jogos: jovens abrasados de amor e moças arrebatadas, velhos ludibriados, escravos espertos em tudo, espetáculos com que Menandro estendeu sua vida a todos os séculos, mais avisado que seus concidadãos, no momento mais luminoso de sua linguagem, mostrando a vida à vida, immortalizando-a em seus escritos. Mas, se as capacidades do nascido sob Cefeu se tiverem recusado a tamanhas obras, ainda assim será apto para as obras alheias, emprestando aos poetas ora a voz, ora o mudo gesto; imitando com seu rosto as paixões e dizendo as palavras dos poetas, as fará suas, levará à cena os cidadãos romanos e os grandes heróis, desempenhará sozinho o papel de todas as personagens, e representará numa só pessoa toda uma multidão; reproduzirá em seu corpo o aspecto de todos os tipos de fortuna, igualará com seus gestos o coro, nos fará ver Troia diante de nós e Príamo a cair em nossa frente.)

Tal escolha, finalmente, impõe ao poeta a necessidade de lidar — ou antes, de “lutar” (cf. 3.34: *luctandum est*) — com os “desconhecidos nomes”, números e complexos procedimentos da arte astrológica (cf. 3.29-35); o quanto a compreensão e a expressão versificada de tal objeto se afiguram difíceis a ele próprio (cf. 3.34: *quae nosse nimis, quid, dicere quantum est? / carmine quid próprio? pedibus quid iungere certis?*) é matéria de que já tratei (cf. Cap. 1, p. 68; Cap. 2, p. 88); particularmente quanto à expressão, também procurei ilustrar de que modo a clareza dos enunciados — particularmente no caso das *rationes* para a localização do *horoscopus* e do lote da fortuna — se vê comprometida, muitas vezes, por exercícios de ornamentação e variação poética feitos, amiúde, em detrimento da própria coerência técnica entre as doutrinas apresentadas (cf., por exemplo, Cap. 2, p. 206). Mas, assim como compete ao poeta “cantar o fado” depois de havê-lo “arrancado ao interior da profunda escuridão” (cf. 2.765-7: *mihi [...] / eruta [...] abstrusa penitus caligine fata, / [...] canenti*), assim também caberá ao discípulo o labor de “estudar a divindade em seu interior, não em sua aparência externa” (cf. 4.308-9: *tibi [...] / [...] penitus [...] deus, non fronte, notandus*), dissipando toda a “caligem” (cf. Cap. 2, p. 92) “não com os olhos, mas com a profunda inteligência” (cf. 4.308: *tibi non oculis, alta sed mente, fuganda est / caligo*), ou antes, com os “olhos da mente” (cf. 4.195: *oculos mentis*; 875: *oculos [...] mentis*; cf. também: 4.907: *sidereos oculos*; Cap. 2, p. 92, n. 32), exercendo a capacidade humana da inteligência — especialmente enaltecida pelo poeta (cf. 4.873-933) —, que “perscruta o céu em seu âmago” (cf. 4.909: *caelum scrutatur in aluo*), não satisfeita “com o mero aspecto exterior dos astros” (cf. 4.908: *nec sola fronte deorum*²⁹). Por outro lado, dizer, entre outras coisas, que a capacidade humana é imensa (cf. 4.923-933, 924: *quod ualet, immensum est*; cf. *infra*, p. 286) é nota entusiasmada com que procura instilar coragem no discípulo o mesmo poeta que, noutro momento, também diz que a “turba” daqueles “a quem os astros não recusaram os sagrados canais e o conhecimento deles mesmos” (cf. 2.143-4) é a menor que existe no mundo (cf. 2.144: *minima est quae turba per orbem*); ainda que não se veja completa incoerência entre uma e outra afirmação, penso que a segunda delas quadra melhor à face da *persona doctoris* que mais se identifica com a natureza religiosa e mística de sua docência, ou seja, a *persona* do vate, *destinado a mostrar os saberes estrangeiros da astrologia a discípulos seletos* (cf. Cap. 1, p. 30). De todo modo, penso que a lição *confeccionada pelo poeta* obriga tanto o “ideal” discípulo quanto o

²⁹ Sobre a designação de “deuses” aplicada às estrelas, cf. Barton 1994: 111-13; Bottéro 1996: 180.

“real” leitor a usarem dos “olhos da mente” na intelecção do que está, por assim dizer, sob a “fronte” de poucas e importantes palavras, cuja brevidade, segundo me parece, tenciona mimetizar a natureza relativamente concisa das próprias “leis do fado”.

3.2. Lição compendiosa.

A “leitura” do céu, tal como o poeta a ensina, me parece bastante sugestiva de como possa ser encarada a leitura de certas partes de seu próprio poema sobre o céu. “Ler” o céu, para o poeta das *Astronômicas*, implica considerar o princípio de hierarquia que organiza a distribuição dos astros pelo firmamento, bem como o princípio de economia da “natureza” (cf. *infra*) na designação e demarcação das diferentes formas celestes. Assim, o mesmo poeta que não se furtou à indicação das formas corpóreas na descrição de tantas constelações (cf. 1.263-74, 294-455; 5.32-709), chegando inclusive a narrar mais longamente o mito de uma destas (cf. 5.538-618; Cap. 1, p. 61), não deixa, porém, de advertir seu discípulo de que não se deve procurar no céu o desenho completo de tais formas:

Tu modo corporeis similis ne quaere figuras, omnia ut aequali fulgentia membra colore deficiat nihil aut uacuum qua lumine cesset.	1.460
non poterit mundus sufferre incendia tanta, omnia si plenis ardebunt sidera membris. quidquid subduxit flammis, natura pepercit succubitura oneri, formas distinguere tantum contenta et stellis ostendere sidera certis.	1.465
linea designat species, atque ignibus ignes respondent; media extremis atque ultima summis credentur: satis est si se non omnia celant. praecipue, medio cum luna implebitur orbe, certa nitent mundo tum lumina: conditur omne stellarum uulgus; fugiunt sine nomine turba. pura licet uacuo tum cernere sidera caelo, nec fallunt numero, paruis nec mixta feruntur. (1.458-73)	1.470

(Só não procure figuras semelhantes às corpóreas, querendo que nada falte a todos os membros, fulgentes com igual cor, ou que haja vazio onde não há luz. Não poderá o céu suportar tamanho fogo, se todas as constelações brilharem com os membros completos. De tudo o que subtraíu às chamas a natureza se absteve, sob pena de sucumbir ao peso, satisfeita em apenas distinguir as formas e mostrar as constelações por meio de determinadas estrelas. O contorno designa a imagem, e as luzes se correspondem umas às outras; o meio se deduz a partir das extremidades, e o fundo, a partir da frente: é o bastante, se nem tudo se oculta. Quando a Lua está cheia, no meio de sua órbita, luzes distintas, então, brilham no céu: toda a multidão de estrelas

se esconde; turba sem nome, elas fogem. É possível, então, perceber com clareza as constelações no céu vazio, e elas não nos enganam com sua quantidade nem se deixam confundir com as pequenas.)³⁰

Ora, é bem quando toda a “multidão de estrelas” se esconde (cf. 1.470-1: *conditur omne / stellarum uulgus*), quando foge a “turba sem nome” (cf. 1.471: *fugiunt sine nomine turba*) das luzes de menor grandeza sob a luz da Lua cheia (cf. 1.469), que estará limpo o céu (cf. 1.472: *uacuo [...] caelo*), onde se poderá ver, então, a luz de algumas poucas estrelas (cf. 1.465: *stellis [...] certis*) com as quais a “natureza” (cf. 1.463) “se contenta” (cf. 1.465) em mostrar as constelações (cf. 1.465: *sidera*), assim “límpidas” (cf. 1.472: *pura [...] sidera*) no espaço celeste. Desse modo, as estrelas de maior grandeza e que “não se misturam com as pequenas” (cf. 1.473: *paruis nec mixta feruntur*) é que bastam para delinear a imagem das constelações (cf. 1.465-8), conforme a distribuição feita pela natureza, que assim impede o “incêndio” que a “turba de estrelas” menores causaria no céu (cf. 1.461-4), se estas tivessem de compor com as maiores o desenho das formas celestes; do mesmo modo, ainda que as estrelas de menor magnitude sejam as mais numerosas (cf. 5.718) e que, sob certas condições (cf. 5.719-25), sejam vistas a compor um espetáculo de intenso brilho (cf. 5.726-33), sua disposição no espaço celeste e a intensidade de seu fogo obedecem à hierarquia da “república” criada pela natureza no firmamento (cf. 5.738-9: *quaedam res publica mundo est / quam natura facit*), que a elas não deu “forças conforme o número” (cf. 5.743: *pro numero uires*), evitando, também por esse meio, o incêndio do Olimpo (cf. 5.743-5). É claro que o caso das estrelas, de suas diferentes ordens de grandeza e de sua distribuição pelo céu tem sua significação particular no contexto do poema; o que observo, em particular, é como vem qualificada de modo negativo a ideia do grande número, da grande quantidade de algo, justamente no caso do *mundus*, em que a massa de estrelas de menor grandeza é descrita — ora diretamente, ora por comparação — como a “turba sem nome” (cf. 1.471: *sine nomine turba*; 5.737: *sine nomine turbam*), ou ainda, como o “vulgo” (cf. 1.471: *stellarum uulgus*; 5.737: *uulgus iners*), cuja ausência, no desenho conciso das constelações, permite que estas sejam divisadas sem engano (cf. 1.473: *nec fallunt numero*), e cuja intensidade luminosa, regulada como é pela natureza, contribui para o equilíbrio da “repúbli-

³⁰ Para um breve estudo da terminologia de Manílio na descrição da luminosidade celeste no contexto desses versos, cf. Sacchetti 1993; quanto à descrição das estrelas de menor magnitude como uma turba “sem nome”, importantes são as observações de Caldini-Montanari (1993) em seu exame de Man. 1.456-82 à luz de Arat. *Phaen.* 370-85, que trata justamente das estrelas “anônimas”. Particularmente sobre as diferenças terminológicas entre “estrela”, “constelação” e “corpo celeste” nas mentalidades grega e romana, cf. Caldini-Montanari 1996.

ca” celeste. De certa forma, assim como no caso da natureza, que se contenta em distinguir as constelações, como diz o poeta, por meio da distribuição de um número preciso de estrelas (cf. 1.463-8), bastando um simples contorno ao longo destas para designar claramente sua imagem (cf. 1.466), suas direções e dimensões (cf. 1.466-8), assim também no caso da lição do mestre (cf. *infra*), que se contenta, frequentemente, com o enunciado dos poucos elementos que julga necessários à dedução e compreensão, pelo discípulo, dos pontos omitidos em sua exposição da matéria.

É verdade que algo parecido se pode encontrar na prática de outros mestres: em Lucrécio, por exemplo, sua *persona doctoris* não julga necessário aduzir muito mais provas da existência do vazio, depois de haver exposto a seu discípulo o quanto considera suficiente (cf. Lucr. 1.329-97) para que este possa deduzir e conhecer o resto por si mesmo.³¹

Qua propter, quamuis causando multa moreris,
esse in rebus inane tamen fateare necessest.
multaque praeterea tibi possum commemorando
argumenta fidem dictis conradere nostris.
uerum animo satis haec uestigia parua sagaci
sunt, per quae possis cognoscere cetera tute.
Namque canes ut montiuagae persaepe ferai
naribus inueniunt intactas fronde quietes,
cum semel institerunt uestigia certa uiui,
sic alid ex alio per te tute ipse uidere
talibus in rebus poteris caecasque latebras
insinuare omnis et uerum protrahere inde. (Lucr. 1.398-409)

(Por isso, por mais que queiras em muitas objeções te demorar, é forçoso, porém, reconheceres que na matéria existe o vazio. Lembrando-te ainda muitos argumentos, posso obter credibilidade para minhas palavras. Mas ao espírito sagaz esses passos bastam, para que possas por eles conhecer tu mesmo o resto. Pois como os cães, tão logo tenham perseguido os vestígios certos do caminho, amiúde descobrem com o nariz o esconderijo da fera montanhosa oculto sob a folhagem, assim uma coisa a partir de outra por ti mesmo tu próprio poderás ver em tais matérias, em seus escuros recessos entrar e de lá extrair a verdade.)

Já o mestre das *Geórgicas*, logo após haver descrito as diferentes “armas dos rudes camponeses” (cf. Verg. *G.* 1.160-75) e antes de passar aos conselhos para a aplanção da eira, bem como à relação dos insetos e pragas da terra, dos presságios oferecidos pela nogueira e dos cuidados na escolha e no tratamento das sementes (cf. *G.* 1.178-203), não deixa de observar, ainda que obliquamente e de passagem, que o volume e o nume-

³¹ Para um estudo detalhado dos métodos de argumentação usados por Lucrécio em sua exposição de outros pontos de sua matéria, especialmente em seu terceiro livro, sobre a mortalidade da alma, cf. West 1975.

roso detalhe dos preceitos que é capaz de ensinar poderiam ser causa de fastio para o discípulo (cf. *G.* 1.176-7: *Possum multa tibi ueterum praecepta referre, / ni refugis tenuisque piget cognoscere curas*, “Posso te referir muitos preceitos dos antigos, se não os recusas e não te desagrada conhecer pequenos detalhes”). Por outro lado, a recusa ao tratamento exaustivo da matéria vem do próprio mestre quando o caso é contar e nomear as variedades de vinhos, tantas são elas, que é tarefa impossível e mesmo sem relevância:

Sed neque quam multae species nec nomina quae sint
est numerus, neque enim numero comprehendere refert;
quem qui scire uelit, Libyci uelit aequoris idem
dicere quam multae Zephyro turbentur harenae
aut, ubi nauigiis uiolentior incidit Eurus,
nosse quot Ionii ueniant ad litora fluctus. (*G.* 2.103-8)

(Mas nem quantas espécies nem os nomes quais sejam é possível enumerar, nem importa, na verdade, compreendê-los em um número; quem o quiser saber, queira do litoral líbico igualmente dizer quantos grãos de areia são por Zéfiro turbados, ou, onde Euro acomete mais violento os navios, saber quantas ondas vêm aos litorais do mar Jônio.)

Em seu caso, mais precisamente, a seletividade na exposição da matéria também vem explicada como resultado de uma escolha (cf. *G.* 2.42-4: *Non ego cuncta meis amplecti uersibus opto, / non, mihi si linguae centum sint oraue centum, / ferrea uox*, “Eu não desejo tudo abraçar em meus versos; não, mesmo se tivesse cem línguas e cem bocas, uma voz de ferro”) e do reconhecimento de certos limites, mais exatamente o tempo (cf. *G.* 3.284-5: *Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus, / singula dum capti circumuectamur amore*, “Mas foge entrementes, foge irreparável o tempo, enquanto seduzidos expomos os detalhes todos”) e o espaço (cf. *G.* 4.147-8: *uerum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis / praetereo atque aliis post me memoranda relinquo*, “mas isso [sc. a matéria dos jardins], encerrado que estou em espaço estreito, silencio e a outros depois de mim deixo para que tratem”).

As omissões, nos casos de Lucrécio e Vergílio que aqui apenas lembro rapidamente, concernem a pontos da matéria de seus respectivos poemas — “argumentos”, para o primeiro (cf. *Lucr.* 1.401: *argumenta*), itens de uma lista (entre outras coisas), para o segundo (cf. *Verg. G.* 2.103-4) — que os mestres optam por definitivamente não incluir na exposição do poema. Por outro lado, a omissão de certos pontos da matéria pode dar-se, ao menos em princípio (cf. *infra*), em caráter não definitivo, mas “temporário”, quando se trata de omitir, no primeiro momento

de exposição de uma matéria, algo que, embora ali mencionado, deverá (ou só poderá) ser completamente explicado apenas num momento posterior de exposição mais detalhada da mesma matéria. Nesse caso, evidentemente, a *disposição* dos pontos da matéria já selecionados para exposição no poema é que deve ser objeto de cuidado do poeta. Se a seleção de certos pontos e a definitiva exclusão de outros na exposição poética dizem respeito basicamente à natureza da matéria principal de que o poema trata, a disposição dos pontos efetivamente escolhidos concerne, conforme indicam os poetas mesmos (cf. *infra*), à qualidade *didática* da mesma exposição. É o que se vê, por exemplo, em Lucrécio, que não explica as razões menos simples da atração magnética (cf. Lucr. 6.1002-89) senão depois de haver exposto as bases para a compreensão do objeto, pois

Hoc genus in rebus firmandumst multa prius quam
 ipsius rei rationem reddere possis,
 et nimium longis ambagibus est adeundum; (Lucr. 6.917-19)

(Em matérias desse gênero cumpre firmar muitos pontos antes que da matéria mesma seja possível expor a explicação, e em longuíssimas voltas cumpre fazer sua abordagem.)

Entende o poeta, então, que deve expor a noção do fluxo perpétuo emanado pelos elementos (cf. 6.921-35), relembrar a estrutura das coisas, composta de matéria e vazio (cf. 6.936-58; 937: *quod in primo quoque carmine claret*, “o que também no primeiro canto está claro”: cf. 1.342-424), e descrever, enfim, os diferentes efeitos produzidos pelas emanções dos diferentes corpos (cf. 6.959-78), bem como as diferenças de porosidade destes (cf. 6.979-97); só então, depois “que tais pontos estiverem todos bem firmados e postos, como premissas preparadas” (cf. 6.998-9: *bene ubi haec confirmata atque locata / omnia constiterint [...] praeposta parata*), é que o mestre poderá explicar “facilmente” (cf. 6.1000: *facile*) “por que lei da natureza é que a pedra que chamam de magneto pode atrair o ferro” (cf. 6.906-8: *quo foedere fiat / naturae, lapis hic ut ferrum ducere possit / quem Magneta uocant*; cf. também: 6.1000-1). É o que se vê, finalmente, também em Manílio, quando é o caso, por exemplo, de descrever as atribuições dos doze *athla* (cf. Man. 3.43-159; Cap. 2, p. 146): o tratamento completo da matéria deve considerar a *mixtura* das influências planetárias (cf. Cap. 2, p. 81), como reconhece o poeta (cf. 3.154-5), mas sua inclusão na exposição dos *athla* fará confusa a lição:

quarum ego posterius uires in utrumque ualentis

ordine sub sero reddam, cum pandere earum
incipiam effectus. nunc, ne permixta legentem
confundant, nudis satis est insistere membris. (3.156-9)

(delas [sc. das estrelas errantes] mais tarde eu apresentarei na devida ordem as forças que influem numa e noutra direção, bem quando começar a mostrar seus efeitos. Agora, a fim de que a mistura dos pontos não confunda o leitor, é suficiente tratar seus membros isoladamente.)

A influência dos planetas também é para considerar na doutrina que prevê o tempo de vida concedido pelos templos do Dodecatropo (cf. 3.581-617), acrescido ao tempo concedido pelos signos (cf. 3.560-80; Cap. 2, p. 135): novamente, é em conformidade com a disposição das estrelas errantes (cf. 3.585: *cum bene constiterit stellarum conditus ordo*) que os templos celestes atribuem suas respectivas somas de tempo (cf. 3.584: *proprias [...] summas*); mas a exposição das influências planetárias diz respeito à *mixtura*, que o poeta prefere adiar na disposição geral de sua matéria, por entender que primeiro se deve consolidar o entendimento das partes:

Nec satis est annos signorum noscere certos,
ne lateat ratio finem quaerentibus aeui:
templaque quoque et partes caeli sua munera norunt
et proprias tribuunt certo discrimine summas,
cum bene constiterit stellarum conditus ordo.
sed mihi templorum tantum nunc iura canentur;
mox ueniet mixtura suis cum uiribus omnis,
cum bene materies steterit percognita rerum
non interpositis turbatarum undique membris. (3.581-9)

(E não basta, para que o cálculo não escape aos que indagam o limite da vida, conhecer o número exato de anos concedidos pelos signos: os templos também e as divisões do céu reconhecem sua porção nas dádivas e assim atribuem suas próprias somas num limite exato, quando a composição dos planetas se estabelece de modo favorável. Mas por mim serão agora cantados somente os poderes dos templos; mais adiante virá a mistura completa, com todas as suas influências, depois que estiver bem assente, conhecida a fundo, a matéria das coisas, não turbadas por membros interpostos de todos os lados.)

Como já mencionei antes, o poema de Manílio, pelo menos como hoje o temos, fica a dever o tratamento das influências planetárias, aparentando-se mais a um “estudo puro” (ἀμιγῆς θεωρία) de astrologia (cf. Cap. 2, p. 81). Seja como for, a protelação da *mixtura*, assim reafirmada em diferentes contextos, vem sempre justificada pela finalidade da clareza na lição. Isso fica ainda mais evidente quando, em lugar de expor o detalhe da doutrina que está apenas a mencionar — no seguinte exemplo, as dodecatemórias plane-

tárias (cf. 2.738-49)³² —, o poeta se delonga na descrição de seu método didático, fundamentado na exposição progressiva da matéria, cuja graduação ele compara ao processo de instrução das crianças (cf. 2.755-71) e de construção das cidades (cf. 2.772-87):

Haec quoque te ratio ne fallat, percipe paucis
(maior in effectu minor est) de partibus ipsis
dodecatemorii quota sit quod dicitur esse 740
dodecatemorium. namque id per quinque notatur
partes; nam totidem praefulgent sidera caelo
quae uaga dicuntur, ducunt et singula sortes
dimidias, uiresque in eis et iura capessunt. 745
in quo quaeque igitur stellae quandoque locatae
dodecatemorio fuerint spectare decebit;
cuius enim stella in fines in sidere quoque
inciderit, dabit effectus in uiribus eius. 750
undique miscenda est ratio per quam omnia constant.
uerum haec posterius proprio cuncta ordine reddam;
nunc satis est docuisse suos ignota per usus,
ut, cum perceptis steterit fiducia membris,
sic totum corpus facili ratione notetur
et bene de summa ueniat post singula carmen. 755
ut rudibus pueris monstratur littera primum
per faciem nomenque suum, tum ponitur usus,
tum coniuncta suis formatur syllaba nodis,
hinc uerbi structura uenit per membra legendi,
tunc rerum uires atque artis traditur usus 760
perque pedes proprios nascentia carmina surgunt,
singulaque in summam prodest didicisse priora 764
(quae nisi constiterint primis fundata elementis, 763
effluat in uanum rerum praeposterus ordo 765
uersaque quae propere dederint praecepta magistri),
sic mihi per totum uolitanti carmine mundum
erutaque abstrusa penitus caligine fata,
Pieridum numeris etiam modulata, canenti
quoque deus regnat reuocanti numen in artem, 770
per partes ducenda fides et singula rerum
sunt gradibus tradenda suis, ut, cum omnia certa
notitia steterint, proprios reuocentur ad usus.
ac, uelut, in nudis cum surgunt montibus urbes,
conditor et uacuos muris circumdare colles
destinat, ante manus quam temptet scindere fossas, 775
feruit opus (ruit ecce nemus, saltusque uetusti
procumbunt solemque nouum, noua sidera cernunt,
pellitur omne loco uolucrum genus atque ferarum,
antiquasque domos et nota cubilia linquunt,
ast alii silicem in muros et marmora templis 780
rimantur, ferrique rigor per pignora nota
quaeritur, hinc artes, hinc omnis conuenit usus),

³² Trata-se da subdivisão de cada uma das dodecatemórias zodiacais, de 2,5° (cf. 2.693-737), em cinco partes de 0,5°, cabendo a cada uma destas um dos cinco planetas (Saturno, Júpiter, Marte, Vênus e Mercúrio: cf. 5.6-7), que nelas exercem suas influências particulares. Para mais detalhes, cf. Bouché-Leclercq 1899: 299-304.

tum demum consurgit opus, cum cuncta supersunt,
 ne medios rumpat cursus praepostera cura,
 sic mihi conanti tantae succedere moli 785
 materies primum rerum, ratione remota,
 tradenda est, ratio sit ne post irrita neue
 argumenta nouis stupeant nascentia rebus. (2.738-87)

(Para que o seguinte método também não te engane, aprende por meio de poucas palavras — o menor é maior em efeito — quão pequena é, dentre as partes mesmas da dodecatemória, aquela que é também dita dodecatemória. Com efeito, ela se divide em cinco partes, pois no céu brilha um mesmo número de estrelas que são ditas errantes e que recebem, cada uma delas, meio grau, assumindo nele suas forças e sua autoridade. Convirá, pois, observar em qual dodecatemória e em que momento cada planeta está localizado; pois um planeta produzirá seus efeitos sob as influências daquela dodecatemória dentro de cujos limites, qualquer que seja o signo, ele se encontrar. Deve-se buscar a todas as partes a combinação pela qual tudo está estabelecido. Entretanto, essa matéria toda apresentarei posteriormente, conforme a ordem apropriada; basta, por ora, ter ensinado coisas ainda não conhecidas, demonstrando-lhes os usos, de modo que, quando tua confiança se tiver tornado firme mediante a compreensão das partes, seja notado, então, com fácil raciocínio, o conjunto inteiro, e convenientemente venha, enfim, depois do trato com as partes, o poema sobre o todo. Assim como às incultas crianças primeiro se mostra a letra, com sua forma e seu nome, e em seguida se lhes explica seu uso, depois se forma a sílaba, unida por suas letras, daí vem a construção da palavra, que se deve ler de acordo com suas partes componentes, depois é ensinada a força das expressões e os usos da arte gramática, e, formando-se em pés apropriados, os poemas se constroem, e é proveitoso ter aprendido cada uma das coisas primeiras (se estas não se tiverem estabelecido firmemente, fundadas sobre os primeiros elementos, cairá no vazio, atrapalhada, a ordem das coisas, e se acharão desarranjados os preceitos que os mestres tenham dado às pressas), — assim também, por mim, a voar pelo céu inteiro com meu poema e a cantar os destinos arrancados ao fundo da impenetrável escuridão, modulados pelo ritmo das Piérides, e a invocar para minha arte o poder com que o deus reina, por mim deve ser conquistada também em partes a confiança, e cada uma das coisas deve ser relacionada a suas partes específicas, de modo que, quando todas as coisas estiverem estabelecidas com uma firme compreensão, possam ser referidas a seus usos particulares. Como quando se erguem cidades sobre nuas montanhas, e seu construtor almeja circundar com muros as colinas vazias, antes que sua mão tente abrir os fossos, trabalhou-se com empenho (eis que um bosque rui, e florestas antigas sucumbem e veem o Sol, até então desconhecido, e as estrelas, até então desconhecidas; toda raça de aves e de animais é repelida de seu lugar, abandonando suas antigas casas e tão bem conhecidos ninhos; outros, entretanto, procuram pedras para paredes e mármore para templos, e por meio de sinais conhecidos o duro ferro é por eles procurado; de um lado as artes, de outro toda prática se combinam); a construção só tem início quando todas as coisas preliminares estão à disposição, a fim de que um cuidado desordenado não interrompa o trabalho ao meio do caminho, — do mesmo modo, por mim, que me esforço por tomar tão grande empresa, deve primeiro ser apresentada a matéria dos assuntos, deixando-se de lado a explicação, a fim de que tal explicação não se mostre inútil depois, e meus argumentos, ao se formarem, não se calem diante de pontos ainda não mostrados.³³)

³³ A esse respeito, digno de nota é o preceito de Hugo de São Vítor (XII d.C.) que se lê no terceiro livro de sua *Eruditio didascalica* (PL 176: 770A-B): *Cum igitur de qualibet arte agimus, maxime in docendo, ubi omnia ad compendium restringenda sunt et ad facilem intelligentiam evocanda, sufficere debet id de quo agitur quantum brevius et apertius potest explanare, ne si alienas nimium rationes multiplicaverimus, magis turbemus quam aedificemus lectorem. Non omnia dicenda sunt quae dicere possumus, ne minus utiliter dicantur ea quae dicere debemus*, “Quando tratamos, pois, de qualquer arte que seja, sobretudo ao ensiná-la, quando tudo há de ser restringido ao essencial e evocado para o fácil entendimento, deve ser suficiente explicar o mais breve e claramente possível aquilo de que se trata, a fim de que, se tivermos multiplicado demasiadamente as explicações alheias à matéria, não venhamos mais a confundir que instruir o leitor. Não se deve dizer tudo aquilo que podemos dizer, para que não venha a ser dito com menos proveito aquilo que devemos dizer”.

Ora, se os procedimentos de seleção e omissão — definitiva ou “temporária” — podem ser observados, nesses casos, ao nível da *res*, concernindo especialmente à invenção e à disposição da matéria no poema, eles ainda podem ser examinados, por outro lado, ao nível da expressão, relativamente à elocução do enunciado poético das lições. É precisamente para esse ponto que chamo a atenção, pois, se se pode dizer que, no âmbito maior da matéria e de sua exposição ordenada, as seleções e protelações do mestre estão a perseguir — ao menos declaradamente — o *efeito* da *clareza* na *demonstração* didática geral da matéria, no âmbito mais estreito das palavras, por outro lado, o procedimento da omissão, conforme o entendo aí também, parece resultar de certa predileção do poeta pela *confeção* de enunciados ao mesmo tempo breves e densos de significado técnico, os quais — conquanto possam, por isso mesmo, conter certa *gratia* para certo ponto de vista (cf. Cap. 2, p. 98, 100, 101, 107, 139; *supra*, p. 236) — acabam muitas vezes por apresentar o *defeito* da *obscuridade* (cf. *infra*, p. 254). Noutros termos, se a “abreviação” da matéria visa de modo geral à clareza didática e à eficiência do ensino, a abreviação da expressão, especialmente no caso da matéria técnica da astrologia, ainda que venha a produzir enunciados “graciosos”, também acaba por produzir enunciados de intelecção frequentemente mais difícil.

Por outro lado, isto mesmo de o poeta abreviar tanto a matéria como a expressão no caso da exposição técnica é prática que ele tem em comum, de modo geral, com outros mestres: de Lucrécio, especialmente, é digno de nota o modo como conclui aquela exposição mesma da atração magnética (Lucr. 6.906-1089), já mencionada aqui, ao se perguntar por que deveria continuar a referir ainda mais exemplos dentre os muitos que se poderiam encontrar (cf. 6.1080: *Cetera iam quam multa licet reperire? Quid ergo?*), e ao dizer que para seu discípulo não são necessários longos “rodeios” (cf. 6.1081: *nec tibi tam longis opus est ambagibus usquam*), que “é preferível muitas coisas resumir abreviadamente em poucas (sc. palavras)” (cf. 6.1083: *breuiter paucis praestat comprehendere multa*) (cf. 6.1080-3); ainda outros exemplos se poderiam aduzir que vão na mesma direção (cf. Lucr. 1.499: *paucis [...] uersibus expediamus*; 2.143: *paucis licet [...] cognoscere*; 4.115: *percipe paucis*, 723: *percipe paucis*; cf. também: Verg. *G.* 2.45-6) e fazem pensar no preceito que Horácio brevemente preceitua àqueles que... preceituam: cf. *Ars* 335: *quidquid praecipies, esto breuis*, “o que quer que preceitues, sê breve”; mas a recomendação é também para que a brevidade do preceito observe o cuidado com a compreensibilidade daquilo que é “dito rapidamente” (cf. *Ars* 335: *cito dicta*), de mo-

do que este seja de fato entendido e retido pelo espírito “dócil” — isto é, “ensinável” (cf. lat. *docere*) — e “fiel” do aprendiz (cf. *Ars* 335-6: *ut cito dicta / percipiant animi dociles teneantque fideles*); a justificativa é que, já estando cheia a mente, dela “transborda” tudo aquilo que é “supérfluo” (cf. *Ars* 337: *omne superuacuum pleno de pectore manat*). Quintiliano — mencionando a distinção que “alguns gregos” (cf. 4.2.42.4: *Graecorum aliqui*) fazem entre a “narração concisa” (cf. 4.2.42.4-5: *circumcisam expositionem, id est σύντομον*) e a narração “breve” (cf. 4.2.42.5: *breuem*), e explicando que, para aqueles, a primeira nada tem de “supérfluo” (4.2.42.5-43.1: *illa superuacuis caret*) e a segunda pode não ter algo do que é “necessário” (cf. 4.2.43.1: *haec posset aliquid ex necessariis desiderare*) — oferece ele mesmo uma definição da brevidade que, embora esteja a atentar especialmente para o caso das qualidades da narração, também se aplica, a meu ver, à exposição da matéria didática: ora, a brevidade, diz ele, consiste “não em dizer menos, mas em não dizer mais do que convém” (cf. 4.2.43.2-3: *breuitatem in hoc ponimus, non ut minus sed ne plus dicatur quam oporteat*). Ora, a distinção entre o “supérfluo” e o necessário deve ser feita, se se considera o preceito horaciano, conforme o que “pareça” ser para o poeta a “justa medida” entre o “menos” e o “mais” relativamente ao que convém; com isso, entretanto, “a maior parte dos vates”, diz Horácio, engana-se (cf. *Ars* 24-5: *Maxima pars uatum [...] / decipimur specie recti*), daí sucedendo que o esforço do poeta por ser breve, já no caso da seleção de sua matéria, possa resultar em ser obscuro (cf. *Ars* 25-6: *Breuis esse laboro, / obscurus fio*;³⁴ cf. também: Porph. *Comment. in Hor. Artem Poet.* 24-5.4-6: *breuiter scribentem sequitur obscuritas, [...] spreta rerum inspectione*); no caso, em particular, da abreviação aplicada às palavras, a observância da “justa medida”, por assim dizer, é que permitirá a confecção da expressão breve (cf. *Ars* 335: *cito dicta*) e ainda assim compreensível pelo espírito *docilis* (cf. *supra*) do discípulo, mas se ocorrer de o poeta empregar menos palavras do que convém ao enunciado de uma exposição didática — se ocorrer, como diz Quintiliano daquilo que para ele já *não é* mais a qualidade da brevidade, de “dizer menos do que convém” (cf. 4.2.43.2-3: *ut minus [...] dicatur quam oporteat*) —, então o enunciado da lição exigirá mais do que a *docilidade* do aprendiz. Não deixa de ser uma forma de sutil cumprimento à inteligência deste, no caso de Lucrécio, a observação que este último faz da superfluidade (cf. *Lucr.* 6.1081: *nec [...] opus est*) de longos rodeios para que seu

³⁴ Os versos 24-5 da *Ars* de Horácio (*Breuis esse laboro, / obscurus fio*) apontam um vício dentre outros que o poeta descreve e comenta até o verso 36 e que são pertinentes, como adverte o comentário de Rosagni (1986: 10), não exatamente à λέξις, mas aos πράγματα.

discípulo (cf.: *tibi*) compreenda a matéria (cf. *supra*); mas é também significativo que, em se tratando de anunciar o modo abreviado de exposição da matéria, tal anúncio venha feito no corpo de fórmulas de endereçamento ao discípulo que lhe pedem justamente atenção (cf. Lucr. 4.115: *percipe paucis*, 723: *percipe paucis*): ora, a “medida” do que convém enunciar e do que se pode omitir, particularmente no caso da exposição didática, constitui objeto de cuidado do poeta, mas diz respeito a uma realidade compartilhada, por assim dizer, com a inteligência de seu destinatário, cujo cuidado é justamente a inteligência da matéria a partir da leitura do pouco ou muito que lhe é dito efetivamente.

No caso de Manílio, como disse, a abreviação e, por assim dizer, o adensamento da expressão no tratamento poético de certas lições mais técnicas costumam fazer trabalhosa a leitura e a interpretação. Conforme a comparação que imaginei no início (cf. *supra*, p. 241), o desenho que a natureza (cf. 1.463: *natura*) se contenta em traçar no céu por meio de algumas poucas estrelas (cf. 1.465: *stellis [...] certis*) é suficiente para “mostrar as constelações” (cf.: *ostendere sidera*), sem que estas com seu número enganem o observador (cf. 1.473: *nec fallunt numero*) ou se confundam com as estrelas de menor magnitude (cf.: *paruis nec mixta feruntur*); ora, a “justa medida” considerada pela natureza em seus desenhos celestes é ditada, sugere o poeta, pela visibilidade de pontos luminosos específicos (cf. 1.465: *certis*): cf. 1.468: *satis est si se non omnia celant*, “é o bastante, se nem tudo se oculta”, isto é, se não estão escondidas as estrelas essenciais à composição das linhas que desenharam as imagens das constelações (cf. 1.466: *linea designat species*). Não é meu interesse prosseguir na comparação; só o que busco é atentar para o que me parece ser um motivo recorrente em Manílio e que, conforme penso, subjaz à maneira como o poeta entende e justifica para seu discípulo a abreviação da expressão: o motivo ao mesmo tempo filosófico, técnico e, a meu ver, poético, a que já fiz referência antes, da relação entre o “diminuto” da causa e o “grandioso” e “variado” do efeito (cf. *supra*, p. 234). Pois, do ponto de vista filosófico, o espaço celeste é visto, em suma, como um sistema hierarquizado pela natureza (cf. 1.458-53) e regulado por uma força divina (cf. 1.483-531; Cap. 1, p. 26), no qual uma pequena quantidade de estrelas já é suficiente para compor o desenho claro e maior das constelações; do ponto de vista técnico da astrologia de Manílio, a precisa disposição de tais constelações no espaço regular do céu no instante *original* da natividade é vista como responsável por desencadear toda a multiplicidade e variedade de fenômenos que *fatalmente* se observarão ao longo de toda a vida do nativo (cf. *supra*, p. 226); do ponto de vista poético, enfim, a exposição dessa “verdade” filosófica e técnica é vista, dentro da

mimese de instrução e mesmo de iniciação mística do poema (cf. Cap. 1, p. 74), como um processo em que a confecção da elocução “graciosa” não deve sobrepor-se à necessária “demonstração” dos casos “verdadeiros” (cf. 3.36-42; 4.430-43; Cap. 1, p. 46), não sendo preciso, aliás, que pontos “manifestos” sejam comprovados “por longo circunlôquio” (cf. 2.129: *ne circuitu longo manifesta probentur*), quando é a própria credibilidade das previsões astrológicas que dá peso e credibilidade ao poema que as ensina (cf. 2.130: *ipsa fides operi faciet pondusque fidemque*) e quando se entende que “a razão (sc. astrológica) nunca engana e nunca se engana” (cf. 2.131: *neque decipitur ratio nec decipit umquam*); ora, o potencial engano está é no uso de demasiadas palavras no trato com a matéria que respeita ao divino: se à natureza basta “se nem tudo se oculta” (cf. 1.468: *satis est si se non omnia celant*), podendo sua “elocução” celeste “mostrar” sem engano as constelações (cf. 1.465: *ostendere sidera*; 473: [sc. *sidera*] *nec fallunt numero*) por meio de algumas poucas estrelas, ao vate nem é mesmo lícito fazer que o brilho do *mundus* se deva à elocução de suas palavras (cf. 4.440: *nec fas est uerbis splendescere mundum*), já que a grandeza deste se observa é na realidade (cf. 4.441: *rebus erit maior* [sc. *mundus*]), já sendo demais “ter mostrado o deus” (cf. 4.439: *ostendisse deum nimis est*); por outro lado, como já argumentei antes, a tarefa do vate não se resume a ser um simples *meatus* para a transmissão do canto “que desce do céu” (cf. 1.118): dele é também a incumbência de confeccionar, ao menos em parte e dentro de certos limites, a elocução das lições que transmitirá a seu pequeno e ideal grupo de discípulos (cf. 2.136-44); ora, é bem esse exercício de elocução necessário ao vate que dá azo, como também já argumentei antes, a experimentações que aprazem especialmente ao *poeta* (cf. Cap. 1, p. 196), ainda que este algumas vezes se queixe das dificuldades; uma de tais experimentações é a expressão variada dos números na exposição da doutrina das *partes damnandae* (4.408-501), em que é do enunciado de pequenos cálculos que a intelecção do discípulo deverá “obter” a informação dos graus perniciosos dos signos (cf. Cap. 2, p. 120); mas outra é a experimentação do poeta quando, em vez de um conjunto variado de números, pode ele exprimir uma única *ratio* ou um número pequeno de *rationes* que permitem deduzir um conjunto maior de informações numéricas. Ora, é bem nesse último caso, segundo entendo, que a brevidade intrínseca, por assim dizer, da *ratio* matemática como que estimula o poeta a confeccionar uma expressão que, embora busque ser “graciosa”, certas vezes acaba por dizer “menos do que convém” mesmo a um *docilis* aprendiz.

3.2.1. *Magna in breuibus (...) compendia dictis (3.277).*

Os pedidos de atenção feitos ao discípulo nas *Astronômicas* não fogem ao que de modo geral já se espera de seu gênero de poesia, inclusive no que respeita à imitação ou ao simples uso feito por Manílio de fórmulas de endereçamento lidas noutros poetas (cf. Lucr. 4.115, 723: *percipe paucis*, como fecho de hexâmetro: *pērcīpĕ | pāucīs*; 480: *percipe dicta*; na mesma posição em Man. 2.738: *percipe paucis*; 2.927: *percipe mente*; 3.37: *percipe uoces*; etc.³⁵). Mas não é para as fórmulas de endereçamento em si mesmas que chamo a atenção,³⁶ e sim para a contiguidade de algumas destas, no poema de Manílio, com os avisos do poeta acerca da brevidade na expressão da lição que virá.³⁷ Se se pode dizer que o mesmo acontece nalguns exemplos de Lucrécio que comentei (cf. Lucr. 4.115, 723: *percipe paucis*; cf. *supra*, p. 247), certos casos de Manílio me parecem especiais por atentarem de modo particular para a combinação da grandeza e importância da doutrina que será enunciada com a brevidade da expressão que a enunciará. Essa é a “fórmula”, por assim dizer, da “densidade” expressiva no enunciado de várias das *rationes* que o mestre ensina ao discípulo. É o caso, por exemplo, da *ratio* que explica a gradação com que a duração dos dias vai aumentando a partir do solstício de inverno (cf. 3.448-82; Cap. 2, p. 200), que o poeta assim introduz:

Nunc, quibus hiberni momentis surgere menses
incipiant (neque enim paribus per sidera cuncta
procedunt gradibus, niuei dum uellera signi
contingant aequum luces cogentia et umbras
ferre iugum), magna est ratio breuiterque docenda. (3.443-7)

(Agora, com quais gradações os dias dos meses inverniais começam a crescer — pois não avançam a passos iguais ao longo dos signos todos, até tocarem o velo do níveo signo, que obriga as luzes e as sombras a suportarem igual jugo, — a razão disso é de grande importância e deve ser ensinada com brevidade.)

É o caso também da doutrina das dodecatemórias planetárias (cf. 2.738-87): se as dodecatemórias zodiacais (cf. 2.693-737) têm uma importância inversamente proporcional a

³⁵ Cf., por exemplo: Lucr. 1.265, 921, 953; 2.62, 333, 730; 3.417; 4.110, 176, 269, 673, 722; 6.495, 535, 738: *Nunc age*; Verg. *G.* 4.149: *Nunc age*; 329: *quín age*; Man. 2.788; 3.169: *Ergo age*; 2.939; 3.43, 275; 4.585: *nunc age*; Verg. *G.* 2.114; 4.2: *aspice*; Man. 1.373; 2.163, 198; 4.416: *aspice*.

³⁶ Para o tratamento dessa questão, cf. Schiesaro, Mitsis e Clay (eds.) 1993; cf. também Cap. 1, p. 30, n. 29.

³⁷ Sobre a brevidade na expressão de Manílio e a dificuldade de intelecção da matéria, cf. Lanson 1887: 87-90.

sua diminuta dimensão (cf. 2.693: *Perspice [...] tenuem uisu rem, pondere magnam / [...] / dodecatemoria*, “Examina [...] uma coisa pequena na aparência, grande na importância, [...] a dodecatemória”), as dodecatemórias planetárias, igualmente importantes por suas influências (cf. 2.745-8), são ainda menores que aquelas;³⁸ ora, a introdução do poeta a essa doutrina parece querer referir-se, dada certa vagueza e generalidade de parte de seu vocabulário (cf. 2.739: *maior [...] minor est*), à mesma noção de “densidade” da *res* (cf. 2.693: *rem*), mas a sintaxe do passo acaba por sugerir, a meu ver, que está o poeta a falar (também?) da expressão:

Haec quoque te ratio ne fallat, percipe paucis
(maior in effectu minor est) de partibus ipsis
dodecatemorii quota sit quod dicitur esse
dodecatemorium. (2.738-41)

(Para que a seguinte explicação também não te engane, aprende por meio de poucas palavras — o menor é maior em efeito — quão pequena é, dentre as partes mesmas da dodecatemória, aquela que é também dita dodecatemória.)

Se assim é, o engano na intelecção da *ratio* (cf. 2.738: *te ratio ne fallat*) poderia resultar do uso pelo poeta de demasiadas palavras para enunciá-la, assim como no céu o engano na identificação das constelações (cf. 1.473: [sc. *sidera*] *nec fallunt*) resultaria do número (cf.: *numero*) demasiado de estrelas que a natureza usasse para desenhá-las. Mas, assim como é bastante, no caso do céu, que não sejam ocultadas as estrelas específicas ao desenho das constelações (cf. 1.465, 468), estando oculta a “turba de estrelas” de menor magnitude (cf. 1.471), deve ser bastante, no caso do enunciado das lições, que o poeta empregue as palavras “necessárias” à exposição da matéria; por outro lado, se, como argumentei acima, a medida entre o que é supérfluo e o que é necessário à compreensibilidade do enunciado é coisa que também depende da capacidade de intelecção do discípulo (cf. *supra*, p. 249), então cumprirá ao poeta orientá-lo, como fizera no caso da “leitura” das constelações no céu (cf. 1.458-60), para que este não venha a desejar, por assim dizer, o “desenho completo” da doutrina, mas procure, em vez disso, atentar em sua leitura (cf. 3.36-7: *o quicumque meis aduertere coeptis / aurem oculosque potes*; cf. também: 3.158) para a riqueza do conteúdo colocado sob a pouca quantidade de palavras que enunciam tal doutrina.

³⁸ Cada signo corresponde a 1/12 do círculo do Zodíaco; cada dodecatemória zodiacal corresponde a 1/12 de cada signo (cf. 2.698-9); e cada dodecatemória planetária corresponde a 1/5 de cada dodecatemória zodiacal (cf. 2.741-2; *supra*, p. 244-245 e n. 32).

É o que acontece, enfim, na exposição dos tempos de ascensão e descensão dos signos para a latitude, conforme entende o poeta, das regiões próximas ao Nilo (cf. 3.275-300; Cap. 2, p. 177), cujo tratamento poético abreviado não dista muito do que também se vê no caso de muitas das outras *rationes* que o poeta enuncia (cf. Cap. 2, p. 140-217). Já antes, ao listar os nomes e rapidamente explicar as atribuições de cada um dos doze templos do Dodecatropo (cf. 2.856-967; Cap. 2, p. 143), o poeta pedia ao discípulo que se aplicasse na retenção da informação (cf. 2.927: *percipe mente*), a fim de que depois lhe pudesse oferecer “atalhos breves em poema longo” (cf. 2.928: *ut breuia in longo compendia carmine praestem*).³⁹ Ora, é com pedido semelhante que o mestre introduz a exposição daqueles tempos, já que pretende fazê-la, não pelo enunciado particular de cada um dos tempos — como no caso das *partes damnandae* (cf. Cap. 2, p. 120) —, mas por meio da economia de uma *ratio* que obrigará o discípulo a “obter” matematicamente a maior parte deles:

Nunc age, quot stadiis et quanto tempore surgant
sidera, quotque cadant, animo cognosce sagaci,
ne magna in breuibus lateant compendia dictis. (3.275-7)

(Agora, com quantos estádios e com quanto tempo as estrelas ascendem, com quantos se põem, aprende com espírito perspicaz, para que grandes proveitos não se ocultem sob palavras breves.)

A forma *compendia* (cf. 3.277), em si mesma traduzível em algo como “atalhos” (cf. 2.298), “encurtamentos” ou “economias”, acompanhada de *magna*, poderia traduzir-se como “grandes economias” ou “grandes abreviações”; mas cumpre atentar para outro sentido de *compendia*, que o uso de *magna* parece endossar: trata-se do sentido de “proveito”, “ganho”, que autorizaria uma tradução do verso em algo como: (sc. “atenta com o espírito perspicaz”) para que (os) grandes proveitos não se ocultem sob palavras breves”. Nessa leitura, entendo *compendia magna* como expressão que aponta simultaneamente para a natureza bastante (cf.: *magna*) sintética da matéria e, *de certo modo em razão disso mesmo*, para o grande “proveito” dela na explicação dos fenômenos. Essa é leitura coerente, aliás, com o interesse do poeta que tenho apontado aqui pela relação entre o “pouco” ou o “pequeno” da causa e o “muito” do efeito (cf. também: 1.57; 2.738-9; 3.215; 4.924-30; 5.705-6; *supra*, p. 234 e 249); se assim é, o emprego da elo-

³⁹ Para os sentidos de *compendium*, cf. *infra*. Parece-me notável que, numa seleção já pouco exaustiva de caracteres ditados pelos signos (cf. 4.122-293) (cf. Lanson 1887: 82-3), venha o poeta a destacar, dentre aqueles nascidos sob o signo de Virgem (cf. 4.189-202), a figura do taquígrafo (cf. 4.197: *scriptor* [...] *uelox*), para quem “uma letra é uma palavra” (cf.: *cui littera uerbum est*) e que é capaz de anotar “longas falas por meio de abreviações novas” (cf. 4.199: *longas noua per compendia uoces*).

cução breve (cf. 3.277: *in breuibus [...] dictis*) é forma de também mimetizar, como já sugeri (cf. Cap. 2, p. 193, *supra*, p. 218 e 234), a natureza sintética da *ratio* matemática. Mas o emprego de “breves palavras” comporta o risco da obscuridade (cf. 3.267: *ne [...] lateant*), como reconhece o poeta em seu pedido de atenção feito ao discípulo (cf. 3.276: *animo cognosce sagaci*). É bem o exame mais detido dessa elocução, enfim, que procuro realizar a seguir.

3.2.1.1. Uma tabela versificada: 1ª parte: 3.278-85; conclusão: 286-8a.

Nobile Lanigeri sidus, quod cuncta sequuntur,
dena quater stadia exoriens duplicataque ducit
cum cadit, atque horam surgens eiusque trientem
occupat, occiduus geminat. tum cetera signa
octonis crescunt stadiis orientia in orbem
et totidem amittunt gelidas uergentia in umbras.
hora nouo crescit per singula signa quadrante
tertiaque e quinta pars parte inducitur eius.
haec sunt ad Librae sidus surgentibus astris
incrementa: pari momento damna trahuntur
cum subeunt orbem. (3.278-88)

(O nobre signo do Lanígero, que todos seguem, leva quatro vezes dez estádios ao ascender, e o dobro disso, ao se pôr, e emprega uma hora e um terço ao surgir, dobrando-a em seu declínio. Então, os demais signos aumentam seu tempo em oito estádios cada um ao se elevarem por sobre o orbe e o mesmo tanto perdem ao vergarem para as gélidas sombras. A hora acresce-se duma nova quarta parte em cada signo, e aí se soma a terça parte da quinta parte deste quarto. Tais são os aumentos, para os signos que ascendem até a constelação de Libra; com igual progressão prolongam-se as perdas quando os signos fazem seu caminho por sob a terra.)

A oração adjetiva *quod cuncta sequuntur* (3.278), “o qual todos seguem”, não é simples perífrase ou acréscimo para *Lanigeri sidus* (“o signo do Lanígero”, isto é, Áries), pois ela não só explicita o sentido do epíteto *nobile*, anteposto a *Lanigeri sidus*, assim caracterizando Áries mais uma vez no poema como o primeiro signo do Zodíaco, mas também indica (i) o início da contagem da *ratio* que virá e, por extensão, (ii) a sequência (cf. 3.278: *sequuntur*) em que essa deverá ser feita (Áries, em seguida Touro, depois Gêmeos, etc.), não explicitamente pelo poeta, mas implicitamente por este e seu discípulo. Ainda dentro do mesmo período em que *Lanigeri sidus* é o sujeito (cf. 3.278-81), o poeta expõe brevemente, em menos de três versos (3.279-81a), quatro informações numéricas: (iii) em quantos estádios Áries ascende, (iv) em quantos se põe; (v) quanto tempo em horas e minutos o mesmo Áries leva para surgir, (vi) quanto para se pôr. As-

sim, sempre dentro daquele mesmo período gramatical (cf. 3.278-81: *Lanigeri sidus* [...] / [...] *ducit* / [...] *atque* / *occupat*, [...] *geminat*), as ações de ascensão e ocaso do signo são circunstâncias apenas rapidamente assinaladas, em formas dependentes, a primeira por orações reduzidas (cf. 3.279: *exoriens*; 280: *surgens*), a segunda por uma temporal de apenas duas palavras (cf. 3.280: *cum cadit*) e mesmo por um simples adjetivo de força predicativa em relação ao sujeito (cf. 3.281: *occiduus*), ou antes, em relação à palavra masculina não explícita, *Aries*, “Áries”, implícita sob *Lanigeri sidus* (de núcleo neutro), a ser considerada na concordância (*ad sensum*) com aquele adjetivo, enunciado no gênero masculino (cf. *infra*, 3.292: *occiduus* [...] *Aries*); já dentre aquelas quatro informações numéricas (iii-vi), apenas duas delas, as relativas ao levante do signo (iii e v), são explícitas (cf. 3.279: *dena quater stadia*; 280: *horam* [...] *eiusque trientem*), vindo como objetos dos verbos no período; as outras duas, referentes ao ocaso do signo (iv e vi), devem ser deduzidas a partir da razão que têm para com as primeiras, pois são o dobro destas (cf. 3.279: *duplicata*; 281: *geminat*); essa razão, por sua vez, vem enunciada também de forma breve e simétrica: no caso da medida em estádios, o vate atenta diretamente para o *resultado* da operação matemática, na forma do particípio passado *duplicata* (3.279), que se aplica, na circunstância do ocaso do signo (3.280: *cum cadit*), ao número de estádios antes enunciado para a circunstância de seu levante (cf. 3.279: *dena quater stadia exoriens*); para a medida em horas e minutos, o vate atenta para a operação mesma de duplicação, na forma do verbo *geminare* (cf. 3.281: *geminat*), que também se aplica, na circunstância do ocaso do signo (cf. 3.281: *occiduus*), àquela medida de horas e minutos antes enunciada para a circunstância de seu levante (cf. 3.280-1: *horam surgens eiusque trientem* / *occupat*). Em suma, por meio de um mesmo período gramatical e em pouco mais de três versos (3.278-81a), já estão dispostas, subordinadas umas às outras, seis “partes” (i-vi) da matéria “tempos de ascensão e descida dos signos em estádios e horas” (cf. 3.275-6: *quot stadiis et quanto tempore surgant / sidera, quotque cadant*): (i) em que signo o vate começa a exposição da *ratio*; (ii) a posição desse signo na sequência do Zodíaco; (iii) em quantos estádios ele ascende; (iv) em quantos estádios ele se põe; (v) o tempo em horas e minutos que ele leva para surgir; (vi) o tempo em horas e minutos que ele leva para se pôr. A importância de (i) e (ii) como “partes” da matéria se mostra mais claramente no contexto das referências à ordem dos signos no círculo do zodíaco (cf. 3.286: *ad Librae sidus*; 288: *a sidere Librae*; 289: *ordine mutato*); assim, a partir de 3.281b, *cetera signa* é maneira resumida de referir (vii) os signos de Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem (cf. *infra*), cujos tempos de ascensão

e descida deverão ser calculados a partir dos números já expostos para o signo de Áries, *quod cuncta sequuntur* (3.278). A partir daí, o vate poderia enunciar, assim como fez para o *Lanigeri sidus*, os tempos de ascensão e descida para cada um dos signos, os primeiros explicitamente, os segundos por dedução matemática a partir dos primeiros, conforme uma *ratio* adequada que se observe entre eles; no caso do signo de Áries, como se viu, a *ratio* é a da duplicação do primeiro para a obtenção do segundo; ocorre, em primeiro lugar, que tal *ratio* da duplicação não se aplica senão aos signos de Áries e Peixes, cujos tempos respectivos de descensão são o dobro dos de ascensão, e aos de Virgem e Libra, cujos tempos respectivos de ascensão, inversamente, é que são o dobro dos de descensão; em segundo lugar, a exposição de tais tempos para os demais signos, ainda que feita segundo a economia de uma *ratio* que permitisse a dedução de uns a partir dos outros, implicaria, em princípio, uma recorrência maior às indicações numéricas, uma das dificuldades declaradas do poeta (cf. 3.26-42; 4.430-43). O que ele faz, então, é expor, não os tempos particulares de ascensão e descida de cada signo, mas a *ratio* que permite ao aluno calcular, a partir do *Lanigeri sidus*, os tempos de todos eles. É situação bem diferente, como disse, daquela que se vê no caso das *partes damnandae* (4.430-46), que — não tendo uma *ratio* descritível de maneira propriamente matemática, mas apenas “física” (cf. 4.412-14: [sc. *partes*] *uel glacie rigidas uel quas exusserit ignis, / et sterilis <sine> utroque tamen, quas largior umor / quasue minor iusto uitiat*; cf. Cap. 2, p. 120) — não deixam ao poeta senão a possibilidade de “mostrá-las” tais como elas “se dão”. Assim, bastam pouco mais de dois versos (3.281b-83) para enunciar uma nova razão de cálculo: “os demais signos (Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem; cf. 3.286: *ad Librae sidus*; cf. *infra*) crescem cada qual em oito estádios ao se levantarem sobre o orbe e o mesmo tanto perdem ao vergarem para as frescas sombras” (cf. 3.281-3: *tum cetera signa / octonis crescunt stadiis orientia in orbem / et totidem amittunt gelidas uergentia in umbras*). Quanto à exposição da mesma gradação em horas e minutos, o poeta poderia ter empregado aí a razão da duplicação, já que um estádio corresponde a dois minutos (cf. Cap. 2, p. 176); bastaria dizer, então, que a medida em horas e minutos duplica o número da medida em estádios; no caso presente, diria que aos oito estádios de acréscimo na ascensão ou de decréscimo na descida para cada signo corresponderia a medida de dezesseis minutos. Essa razão, aliás, poderia ter sido usada já no começo da exposição, de modo a relacionar a medida em estádio àquela em horas e minutos (3.280: *horam [...] eiusque trientem*); mas lá a razão da duplicação já aparecia, só que para relacionar, não estádios a horas e minutos, mas os tempos de ascensão

aos de descensão do signo de Áries, de modo que seu emprego para relacionar entre si ainda duas outras medidas talvez sobrecarregasse o passo, deixando-o confuso. O fato é que o poeta, nesse caso, para assinalar a medida de dezesseis minutos, optou por outra *ratio*, que consiste, resumidamente, em somar um minuto ao quarto de hora; detalhando-se, porém, a operação, trata-se de: (a) dividir a medida de uma hora em quatro partes ($60\text{min}/4 = 15\text{min}$); (b) dividir o resultado da operação anterior por cinco ($15\text{min}/5 = 3\text{min}$); (c) dividir o resultado da operação anterior por três ($3\text{min}/3 = 1\text{min}$); (d) somar o resultado da operação (a) ao resultado da operação (c) ($15\text{min} + 1\text{min} = 16\text{min}$); o enunciado, a partir daí, é: “a [medida em] hora cresce um novo quarto [de hora] a cada signo, e a terça parte da quinta parte desse [quarto de hora] [a ele] se soma” (cf. 3.284-5: *hora nouo crescit per singula signa quadrante / tertiaque e quinta pars parte inducitur eius*). Para simplesmente “assinalar” o número “dezesseis”, sem recorrer, porém, à forma *sēdĕcim* (ou *sexdĕcim*), que nunca usa, ou a outra forma equivalente que coubesse no hexâmetro, o poeta ainda poderia valer-se de expressões mais fáceis de duplicação ou quadruplicação, como faz em vários momentos do poema (cf., entre muitos exemplos, para diferentes números: 1.39; 540: *bis sena*; 548: *bis bina*; 556: *bis sex*; 2.325: *bis sexagenas*; 3.260: *bis septem*; 368: *bis terna*; 567: *bis quinos*; 571: *bisque nouem*; 3.279; 609: *dena quater*; 4.485: *septena quater*, e, especialmente, 570: *bis octonos*); mas, além de possibilitar o exercício da variação poética por meio do uso da perífrase — semelhantemente ao que ocorre no tratamento das *partes damnandae*, 4.444-97, em que o desafio, na expressão dos números, é justamente o de *faciem mutare loquendi* (cf. 4.433; Cap. 2, p. 98) —, a expressão do número conforme o enunciado dos versos 3.284-5, consistindo basicamente em somar um minuto ao quarto de hora, obriga o leitor-discípulo a fazer, como detalhei, a divisão do dado numérico exposto antes (cf. 3.284: *quadrante*) em cinco partes (cf. 3.285: *quinta [...] parte [...] eius*), a dividir uma destas cinco partes em três (cf. 3.285: *tertiaque e quinta*) e a somar o resultado desta última divisão àquele valor exposto no verso anterior; ora, ao enunciar assim o valor “um”, de “*um* minuto”, o verso 3.285 não *abrevia*, mas *expande* a expressão dessa matéria, de modo a fazer que sua intelecção, por parte do aluno, não dependa unicamente da correta identificação de uma palavra “simples” a seu caso numérico “geral” (como, por exemplo, *octonis*, 3.282, a “em oito cada um”), mas ainda, por um lado, da correta identificação de cada palavra a seu caso numérico “específico” no contexto, já que as “partes” *tertia* e *quinta* só podem corresponder a valores numéricos particulares se tomadas em relação ao total de que justamente são partes, e, por outro, da correta interpre-

tação da sintaxe que liga aquelas palavras (cf. 3.285: *tertiaque e quinta pars parte [...] eius*), de maneira que a operação matemática seja feita a partir dos valores certos: em tese, a intelecção do valor a que corresponde o termo *tertia*, enunciado primeiro, necessita a intelecção “prévia” do valor a que corresponde o termo *quinta*, enunciado depois; a intelecção deste último valor, por sua vez, necessita a intelecção de *eius*, “dele” (3.285), como equivalente pronominal de *quadrante* (3.284), cujo valor preciso, enfim, deve ser entendido em relação a *hora*, no mesmo verso. A seguir, os versos 3.286-8a concluem essa primeira parte (3.278-85) da exposição acrescentando a informação de que a *ratio* exposta — o acréscimo ou o decréscimo em oito estádios, ou dezesseis minutos, para cada signo (3.281-5) — se aplica apenas aos signos de Áries a Libra (cf. 3.286: *ad Librae sidus*), ou seja, até o signo de Virgem,⁴⁰ de modo que o antes enunciado *cetera signa* (3.281) deve ser entendido agora como equivalente apenas de Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem. Repito aqui o conjunto dos dados numéricos que os versos 3.278-85 permitem construir (cf. Cap. 2, p. 176):

	Progressão (ascensão)		Progressão (descensão)	
	em estádios:	em horas:	em estádios:	em horas:
♈	40	1h20	80	2h40
♉	48	1h36	72	2h24
♊	56	1h52	64	2h08
♋	64	2h08	56	1h52
♌	72	2h24	48	1h36
♍	80	2h40	40	1h20

(Tab. 16: Progressão nos tempos de ascensão [Man. 3.278-85].)

3.2.1.2. 2ª parte: 3.288b-93; conclusão: 294.

Rursusque a sidere Librae
 ordine mutato paribus per tempora uersa
 momentis redeunt. nam, per quot creuerat astrum
 Lanigeri stadia aut horas, tot Libra recedit;
 occiduusque Aries spatium tempusque cadendi
 quod tenet, in tantum Chelae consurgere perstant.
 excipiunt uicibus se signa sequentia uersis. (3.288-94)

⁴⁰ Que o tempo de ascensão de Libra é igual ao de Virgem e o de Áries é igual ao de Peixes é coisa que o poeta não diz, cabendo ao leitor a dedução da informação (cf. Jo. Camat. *Zod.* 228-32; Cap. 2, p. 173, n. 112); o mesmo tipo de omissão ocorre, ainda, no tratamento que o poeta dispensa à exposição da *ratio* que permite calcular os tempos de ascensão dos signos conforme as diferenças de latitude: cf. 3.395-438; Cap. 2, p. 182-196.

(E reciprocamente, só que em ordem inversa, a partir do astro de Libra os signos retornam com as mesmas variações, numa inversão de tempos. Pois, em quantos estádios ou horas se elevava o astro do Lanífero, em tantos Libra retira-se; e o espaço e o tempo que Áries, ao se pôr, emprega em sua descida, as Quelas os conservam em sua ascensão. Os signos seguintes se sucedem em ordem inversa.)

A segunda parte enuncia as bases necessárias à dedução dos tempos de ascensão e descensão para os restantes signos a partir de Libra (cf. 3.288: *a sidere Librae*), ou seja, para os signos de Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Assim, já tendo assinalado os tempos de ascensão e descida de Áries (respectivamente 40 estádios/1h20min e 80 estádios/2h40min: cf. 3.279-81) e a *ratio* para a obtenção dos demais tempos de ascensão e descida para os *cetera signa* a partir de Áries até o limite de Libra — ou seja, cada signo soma ou subtrai 8 estádios/16min ao tempo do signo anterior (cf. 3.282-8a) —, nenhum número mais é referido: trata-se de aplicar a mesma *ratio* dos oito estádios ou dezesseis minutos para cada signo, porém na “ordem” inversa: até Libra, o acréscimo dos tempos acontecia na ascensão, e o decréscimo, na descensão (cf. 3.282-3); a partir de Libra, o acréscimo dos tempos acontece na descensão, e o decréscimo, na ascensão; noutros termos, até Libra, os tempos de ascensão aumentam, e os de descensão diminuem; a partir de Libra, os tempos de ascensão diminuem, e os de descensão aumentam, pois os signos, “mudada a ordem, retornam com iguais montantes [cada um], em tempos invertidos” (cf. 3.289-90: *ordine mutato paribus per tempora uersa / momentis redeunt*). A expressão é curta e pouco clara, pois, para seu entendimento, é preciso considerar: (1) que o poeta está a falar dos signos de Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes, signos *a sidere Librae* (3.288); e (2) que *ordine mutato* (3, 289), sem se referir propriamente à ordem dos signos, concerne a ordem dos tempos (cf. 3.289: *per tempora uersa*) que correspondem, por sua vez, aos signos e que se invertem (cf.: *uersa*) na progressão por aumentos ou decréscimos a partir de Libra: até este signo, a progressão na ascensão é por acréscimos (em estádios: 40, 48, 56, 64, 72, 80), e a progressão na descensão, por decréscimos (80, 72, 64, 56, 48, 40); a partir dele, a progressão na ascensão é por decréscimos (80, 72, 64, 56, 48, 40), e a progressão na descensão, por acréscimos (40, 48, 56, 64, 72, 80). Além disso, o poeta pode falar em “ordem mudada”, nesse caso, também porque a progressão (por acréscimo ou decréscimo) na ascensão de um signo não é senão a outra face da progressão (respectivamente por decréscimo ou acréscimo) na descensão do signo que lhe é diametralmente oposto no círculo do Zodíaco. É o que ele exemplifica com os signos de Áries e de Libra: “pois, em quantos estádios o astro do Lanífero crescerá ou horas, em tantos Libra

se retira; e Áries poente o espaço e o tempo de descer que leva, em tanto as Quelas a surgir demoram” (cf. 3.290-4: *per quot creuerat astrum / Lanigeri stadia aut horas, tot Libra recedit; / occiduusque Aries spatium tempusque cadendi / quod tenet, in tantum Chelae consurgere perstant*; cf. Cap. 2, p. 177 e 179). A partir desse único exemplo, caberá ao leitor a dedução dos demais tempos de ascensão e descida dos signos a partir de Libra, já que para estes, como disse, valerá a mesma *ratio*, só que em ordem inversa, pois, como o poeta conclui, “os signos seguintes se sucedem invertendo-se a progressão” (cf. 3.294: *excipiunt uicibus se signa sequentia uersis*). Eis novamente os dados completos (cf. Cap. 2, p. 176):

Ascensão	estádios / horas e minutos	Descensão
♈	40 / 1h20	♏
♉	48 / 1h36	♐
♊	56 / 1h52	♑
♋	64 / 2h08	♒
♌	72 / 2h24	♓
♍	80 / 2h40	♈
♎	80 / 2h40	♉
♏	72 / 2h24	♊
♐	64 / 2h08	♋
♑	56 / 1h52	♌
♒	48 / 1h36	♍
♓	40 / 1h20	♎

(Tab. 17: Progressão nos tempos de ascensão [Man. 3.288b-93].)

Em suma, o poeta procura “mostrar”, não os números todos diretamente, mas as razões que se podem observar entre eles, de modo a não precisar assinalar senão alguns poucos e, a partir destes, obrigar o discípulo a realizar a dedução dos demais. Nesses termos, enfim, é que a expressão da lição é “compendiosa”, isto é, “proveitosa”, por não visar a uma simples redução da expressão (cf. 3, 277: *in breuibus [...] dictis*) — que por vezes nem ocorre, como no caso do enunciado expandido do número “um” (cf. 3.285; *supra*) —, mas a uma exposição que reproduza, por assim dizer, certo sintetismo e densidade significativa da *ratio* matemática, sob a elocução da qual estão “grandes proveitos” (cf. 3, 277: *magna [...] compendia*) que correm o risco de permanecer latentes, se o leitor-discípulo não lhes aplicar um “espírito perspicaz” (cf. 3.276: *animo [...] sagaci*).

3.3. O ténue labor da razão.

Se o discípulo ideal das *Astronômicas* faz parte da “menor turba que existe no mundo” (cf. 2.144: *minima est quae turba per orbem*), é bem seu discípulo não ideal, sugere o mestre, que compõe a grande massa daquela “numerosa” turba (cf. 2.145: *illa frequens [sc. turba]*)

quae diuitias, quae diligit aurum,
imperia et fasces mollemque per otia luxum
et blandis diuersa sonis dulcemque per aures
affectum, ut modico noscenda ad fata labore. (2.145-8)

(que ama as riquezas, o ouro, o poder e os feixes, a moleza do luxo em meio ao ócio, a diversão por agradáveis sons e a doce sensação nos ouvidos, como coisas de módico labor diante do conhecimento do fado.)

Ora, a *turba minima* dos aprendizes ideais é composta por aqueles “a quem (sc. os astros) não recusaram os sagrados canais e o conhecimento sobre eles mesmos” (cf. 2.143-4: *quibus illa sacros non inuidere meatus / notitiamque sui*); é dentro dos limites de tal fatalismo, aliás, que se deve dar o próprio aprendizado da astrologia, pois

Hoc quoque factorum est, legem perdiscere fati. (2.149)

(Isto também é coisa do fado: aprender a lei do fado.)

Assim como no caso de seu mestre (cf. Cap. 1, p. 29), os poucos aprendizes ideais não realizam senão o cumprimento daquilo que lhes é determinado pelo fado; mas, assim como ao vate não cabe ser um simples *meatus* para a transmissão de um saber vindo do céu (cf. Cap. 1, p. 39 e 73), assim também ao discípulo não cabe ser um inerte receptáculo da lição: se cumpre ao vate a confecção do enunciado decorosamente (cf. Cap. 1, p. 46) gracioso, breve e claro, cumpre ao discípulo não só a preferência pela lição “verdadeira”, quando esta não puder ser de todo graciosa (cf. 3.37-8: *ueras [...] percipe uoces. / [...] nec dulcia carmina quaeras*), mas também o esforço no trabalho de intelecção desta, especialmente quando sua brevidade lhe exigir um “espírito sagaz” (cf. *supra*). Ora, a descrição moral que o poeta faz da *turba frequens* — interessada em riqueza, poder, diversão, luxo e prazer (cf. *supra*) — atenta para a predileção desta pela “doce sensação nos ouvidos” (cf. 2.147-8: *dulcem [...] per aures / affectum*) e observa, por contraste, como tais interesses são de “módico labor” (cf. 2.148: *ut modico [...] labore*)

diante da dificuldade maior que há no trabalho de conhecer o fado (cf.: *noscenda ad fata*).

Penso que aí está, em termos que se referem ao labor do aprendiz, o mesmo contraste que o poeta explora, noutros momentos, em termos que se referem a seu próprio labor de mestre, quando declara sua recusa à matéria “especiosa” da poesia épica e dramática (cf. 3.5-30), com as quais acredita ser “fácil” (cf. 3.26: *facile est*) compor poemas, cabendo-lhe, em vez disso, o labor mais difícil da “luta” (cf. 3.31-33: *at mihi [...] / [...] / [...] / luctandum est*) com os nomes técnicos, os números e *rationes* da astrologia (cf. 3.31-4); é bem nesse contexto, aliás, que o mestre pede ao discípulo que não venha a querer “doce poema” (cf. 3.38: *nec dulcia carmina quaeras*), mas que “preste atenção” (cf.: *impendas animum*). No que concerne às dificuldades do próprio poeta em seu labor de exprimir as lições (cf. 3.34-5), já tive ocasião de examinar os pontos que aí me parecem importantes (cf. Cap. 1, p. 68, Cap. 2, p. 88). Já quanto às dificuldades do aprendiz, algo também foi dito nas ocasiões em que examinei certos aspectos da disposição (cf. Cap. 2, p. 148, 168, 170, 185) e da elocução poética (cf. *supra*, p. 251) no enunciado de algumas das matérias técnicas; mas é também nos termos mais amplos do contraste a que me referi acima que penso ser possível examinar como o labor particular do discípulo é valorado e poeticamente contextualizado pelo poeta.

É logo depois de haver descido às “partes nas próprias partes” (cf. 3.33: *partes [...] in partibus ipsis*), objeto de difícil tratamento para o poeta (cf. 3.31-5), tendo acabado de explicar o sistema das decanias (cf. 4.294-386) — cada qual justamente uma “parte” (sc. 1/3 de 30°) dentro de um signo, sendo este mesmo já uma “parte” de outro total (sc. 1/12 de 360°) (cf. Cap. 2, p. 89, n. 30) —, e antes de passar à longa e morosa série das *partes damnandae* (cf. 4.408-501), que o mestre imagina a primeira queixa de seu discípulo:

'Multum' inquis 'tenuemque iubes me ferre laborem,
rursus et in magna mergis caligine mentem,
cernere cum facili lucem ratione uiderer.' (4.387-9)

(“Grande”, dizes, “e delicado labor me mandas empreender, e mais uma vez mergulhas minha mente em grande escuridão, exatamente quando eu acreditava ver de modo fácil a luz.”)

De modo parecido, mais adiante, ao fim do mesmo quarto canto, quando argumenta o mestre a favor da capacidade humana de conhecer o fado por meio da observação astrológica (cf. 4.866-935), já começa ele por imaginar a objeção dos mais receosos:

Sed quid tam tenui prodest ratione nitentem
 scrutari mundum, si mens sua cuique repugnat
 spemque timor tollit prohibetque a limine caeli?
 'conditur en' inquit 'uasto natura recessu
 mortalisque fugit uisus et pectora nostra,
 nec prodesse potest quod fatis cuncta reguntur,
 cum fatum nulla possit ratione uideri.' (4.866-72)

(Mas de que adianta escutar com tão fina razão o brilhante firmamento, se a mente de cada um opõe resistência, e o temor nos tolhe a confiança e nos afasta do limiar do céu? “Ora vamos!”, diz,⁴¹ “a natureza está escondida em profundo retiro e foge à vista mortal e à nossa inteligência, nem pode nos aproveitar que tudo seja governado pelo fado, uma vez que por nenhum método se pode ver o fado.”)

À primeira queixa (4.387-9) o poeta responde, ao fim, nos termos do contraste entre o esforço que se deve empregar no estudo da arte astrológica e o esforço que se costuma empregar em vista da obtenção de bens perecíveis (cf. 4.403: *bona [...] caduca*). Mas tal conclusão é resultado de uma argumentação que começa, na verdade, por correlacionar esforço e prêmio já no contexto mesmo de tais bens perecíveis: só por meio de muito esforço é que se dá a *obtenção* do ouro ou das pedras preciosas (cf. 4.396-9), de modo que só a *fruição* destes e de outros bens semelhantes é que se poderá dizer de “módico labor” (cf. 2.145-8); ora, a partir daí é que a argumentação como que se volta para a censura moral de tal esforço, comparando o prêmio deste — *bona caduca* — com o prêmio do labor próprio do estudo da astrologia:

Quod quaeris, deus est: conaris scandere caelum
 fataque fatali genitus cognoscere lege
 et transire tuum pectus mundoque potiri.
 pro pretio labor est nec sunt immunia tanta,
 ne mirere uiae flexus rerumque catenas.
 admitti potuisse sat est: sint cetera nostra.
 at nisi perfossis fugiet te montibus aurum,
 obstabitque suis opibus super addita tellus.
 ut ueniant gemmae, totus transibitur orbis,
 nec lapidum pretio pelagus cepisse pigebit.
 annua solliciti consument uota coloni,
 et quantae mercedis erunt fallacia rura!
 quaeremus lucrum uentis Martemque sequemur
 in praedas. pudeat tanto bona uelle caduca.
 luxuriae quoque militia est, uigilatque ruinis
 uenter, et, ut pereant, suspirant saepe nepotes.

⁴¹ Housman (1920: 116) lembra um comentário de Bentley (1740) a Hor. S. 1.4.78-9, em que este descreve o uso de *inquit* como fórmula para introduzir uma objeção fictícia feita por um presente ou ausente; outros exemplos, inclusive sem colocação de sujeito, podem ser lidos em Hor. S. 1.3.126, 4.79; 2.2.99; Juv. 3.153; 7.242; 14.153.

quid caelo dabimus? quantum est, quo ueneat omne?
 impendendus homo est, deus esse ut possit in ipso. (4.390-407)

(O que buscas é o deus: procuras escalar o céu e, nascido sob a lei do fado, conhecer o próprio fado, ir além de tua própria inteligência e tornar-te senhor do universo. O labor é proporcional ao prêmio, nem são isentos de penas empreendimentos tão grandes; não te surpreendas com as curvas do caminho nem com a complicação das matérias. Já é o bastante poder ter sido aí admitido; de nós dependa o resto. Ora, a menos que tenham sido perfuradas as montanhas, o ouro te escapará, e a terra, acumulando-se por cima, impedirá o acesso a suas riquezas. Para que se vejam as pedras preciosas, atravessar-se-á o orbe inteiro e, pela recompensa de tais pedras, não haverá demora em tomar o pélagos. Ansiosos os lavradores gastarão seus votos anuais, e quanta recompensa trarão os enganosos campos! Buscaremos obter dos ventos o lucro e seguiremos Marte em busca de presas. Cause-nos vergonha tamanho desejo de bens perecíveis! Há também a milícia do luxo, o ventre vela por sua ruína, e é para que depois pereçam que muita vez suspiram os devassos. O que daremos ao céu? Quanto é aquilo com que tudo se compra? O homem deve desembolsar-se a si mesmo, para que nele habite o deus.)

O prêmio que o mestre promete ao esforço do discípulo é o próprio deus (cf. 4.390: *Quod quaeris, deus est*), isto é, a presença, nele mesmo, da própria divindade (cf. 4.407: *deus esse ut possit in ipso*). Essa espécie de “ascese” (cf. 4.390: *conaris scandere caelum*) ou “entusiasmo” (cf. 4.407) é descrita nos termos de uma iniciação mística (cf. 4.395: *admitti potuisse sat est*) que exige, da parte do discípulo, não apenas seu esforço e dedicação particular (cf. 4.393: *labor*; 395: *sint cetera nostra*), mas, sobretudo, a ofrenda de si mesmo ao céu (cf. 4.406: *caelo dabimus*; 407: *impendendus homo est*). O valor assim pago (cf. 4.406: *ueneat*; 407: *impendendus*) é recompensado (cf. 4.393: *pro pretio*) pela habilidade de conhecer o destino (cf. 4.391: *fata [...] cognoscere*). Ora, toda essa justificação do esforço é bem coerente com a natureza iniciática da instrução que o vate está destinado (cf. Cap. 1, p. 29) a transmitir a seu grupo seletivo de discípulos (cf. *supra*); do mesmo modo, o contraste entre a comunhão sagrada com o deus e os bens usualmente cobiçados pelos homens (cf. 4.402-5) é importante na delimitação entre o que deve ser do interesse de sua *turba minima* e o que só vem a ser do interesse da *turba frequens* (cf. 2.145-8), que não constitui, como adverte o “vate do céu”, o destinatário de seu canto (cf. 2.137: *nec turbae carmina condam*; 142: *gaudente sui mundo per carmina uatis*).

Mas essa defesa do esforço do aprendiz, que aí muito aproveita ao vate, também se desenvolve em termos que interessam especialmente ao poeta, pois a reelaboração particular que este faz do motivo poético do *labor*, tal como o entendo (cf. *infra*), é ocasião para que seu *opus* seja assinalado de modo também particular no interior da tradição poética em que se inscreve (cf. 2.1-66).

3.3.1. *Ratio omnia uincit* (4.932).

É no contexto do elogio à vida simples e feliz no campo que o mestre das *Geórgicas* compara a bem-aventurança e a tranquilidade dos agricultores com as preocupações associadas aos luxos da vida urbana (cf. Verg. *G.* 2.458-74), onde a “mansão de soberbas portas” (cf. 2.461: *foribus domus alta superbis*) “vomita” (cf. 2.462: *uomit*) de manhã a onda de clientes adutores (cf. 2.461-2), onde as pessoas admiram boquiabertas (cf. 2.463: *inhiant*) as belas incrustações nos batentes (cf. 2.463), bem como as roupas trabalhadas a ouro e o bronze de Corinto (cf. 2.464), onde a alva lã é tingida pelo “veneno assírio” (cf. 2.465: *Assyrio [...] ueneno*), e o límpido azeite “é corrompido” (cf. 2.466: *corrumpitur*) pela canela; a vida no campo, por outro lado, é pacífica (cf. 2.459: *procul discordibus armis*; 467) — na verdade, suas únicas “armas” são os instrumentos de trabalho (cf. 1.160-75; 160: *duris agrestibus arma*) —, é uma vida sem enganos (cf. 2.467: *nescia fallere*) e rica de variados recursos; no campo, o tempo livre é consumido na vastidão das terras (cf. 2.468), nele estão as grutas, os lagos, os mugidos dos bois, o sono tranquilo debaixo da árvore, os bosques e os refúgios dos animais (cf. 2.469-71); ora, mesmo numa vida bem-aventurada como essa (cf. 2.458-9: *O fortunatos nimium [...] / agricolas!*), existe a necessidade do trabalho, mas a juventude o “aguenta” (cf. 2.472: *patiens operum [...] iuuentus*), “acostumada com pouco” (cf.: *exiguo [...] adsuetata*); essa é a vida em que ainda se preserva o culto aos deuses e o respeito aos pais (cf. 2.473: *sacra deum sanctique patres*), essa é a vida, em suma, daqueles entre os quais “a Justiça, ao partir da terra, deixou suas últimas pegadas” (cf. 2.473-4: *extrema per illos / Iustitia excedens terris uestigia fecit*).

Mas a descrição comparativa que Vergílio assim faz do *espaço presente* do campo não deixa de ser ainda a descrição de um *tempo distante*, ou mais precisamente, de uma *era* já passada, quando nem excessos havia de nenhum tipo (cf. 2.461: *foribus superbis*; 462: *uomit*; 463: *inhiant*) nem enganos (cf. 2.467: *fallere*), próprios do ambiente urbano, já degradado com o tempo, mas somente paz, trabalho, comedimento e *pietas* (cf. 2.472-4), marcas ainda presentes, no espaço da vida rural, como quer o poeta das *Geórgicas*, de um tempo em que a Justiça ainda vivia entre os homens. Ora, a imagem de uma Justiça a deixar o mundo dos homens é algo que Vergílio parece haver lido em Arato (cf. Arat. *Phaen.* 96-136; especialmente: 133-6; cf. *infra*), que descreve o tempo passado pela Justiça (cf. 105: Δίκην) entre os homens como o tempo em que “a

terra nutria a raça de ouro” (cf. 114: γαῖα γένος χρύσειον ἔφερβεν); trata-se, mais precisamente, de uma “tradição alternativa” (cf. 100: Λόγος [...] ἄλλος) que o poeta dos *Fe-nômenos* refere para explicar a origem da constelação da Virgem, “que chamavam de Justiça” (cf. 105: Καί ἐ Δίκην καλέεσκον): enquanto sobre a terra a raça de ouro viveu, a própria Justiça é que reunia os mais velhos e lhes ensinava as leis (cf. 105-7), contendas não havia nem litígios (cf. 108-9), “simplesmente se vivia” (cf. 110: αὐτως δ' ἔζωον), ninguém se arriscava ao mar em busca de alimento (cf. 110-11), pois “os bois e os arados e a própria Justiça, rainha dos homens, tudo abundantemente supriam” (cf. 112-13: βόες καὶ ἄροτρα καὶ αὐτὴ πότνια λαῶν / μυρία πάντα παρεῖχε Δίκη); essa Justiça, “dadora do justo” (cf. 113: δώτειρα δικαίων), passou a mostrar-se mais raramente na era seguinte, da “raça de prata” (cf. 117: ἀργύρεον γένος), e, mesmo assim, apenas entre as pessoas de costume mais antigo (cf. 116); reprovando a “maldade” (cf. 121: κακότητος) dos homens já dessa geração, a própria Justiça prevê e lamenta, na personificação que Arato lhe dedica (cf. 123-6), a qualidade ainda pior da vindoura “raça de bronze” (cf. 130: χαλκεῖή γενεή), numa idade de guerras, de sangue e dor para os homens (cf. 125-6); é por odiar essa última raça que a Justiça “voou para o céu” (cf. 134: ἔπαθ' ὑπουρανίη), lá fixando sua morada, na forma da constelação da “Virgem que na mão porta a brilhante Espiga” (cf. 107: <Παρθένον>, ἥ ῥ' ἐν χειρὶ φέρει Στάχυν αἰγλήεντα).

Já antes, para Hesíodo, o mito de sucessão das raças (cf. *Op.* 105-201) é também “outro arrazoado” (cf. *Op.* 106: ἕτερόν [...] λόγον) que o poeta diz ser capaz de “resumir bem e habilmente” para Perses (cf. 106-7: τοι ἐγὼ [...] ἐκκορυφώσω / εὖ καὶ ἐπισταμένως): ora, das cinco raças que Hesíodo descreve — a de ouro (cf. 109-26), a de prata (cf. 127-42), a de bronze (cf. 143-55), a dos heróis (cf. 156-73) e a de ferro (cf. 174-201) —,⁴² a primeira delas corresponde aos homens que “viviam como os deuses, tendo o coração despreocupado, livres de fadigas e sofrimento” (cf. 112-13: ὥστε θεοὶ δ' ἔζωον ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες / νόσφιν ἄτερ τε πόνων καὶ οἰζύος); eles eram providos de todos os bens (cf. 116-17), e “o fruto a vivificante terra por si mesma produzia copioso e isento de inveja” (cf. 117-18: καρπὸν δ' ἔφερε ζεῖδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον); mesmo à quarta raça, dos “bem-aventurados heróis” (cf. 172: ὄλβιοι

⁴² No âmbito da arqueologia, sobre os sentidos literal e metafórico na designação de quatro das cinco raças por meio dos diferentes metais, bem como sobre a tradição dessa designação anterior a Hesíodo, cf. Griffiths 1956, que observa em particular (110): “The transition from myth to history is so skilful and so unconscious that we at first hardly realize that Hesiod is giving us a piece of true tradition about the Mycenaean age”; cf. também id. 1958; Ryberg 1958; Baldry 1952; Rowe 1983: 132-5; Koenen 1994: 1-26.

ἥρωες), a “vivificante terra” ainda oferecia “doce e copioso fruto três vezes ao ano” (cf. 172-3: μελιθεά καρπὸν / τρις ἔτεος θάλλοντα φέρει ζείδωρος ἄρουρα); mas a última raça, que é também a atual, é a de ferro (cf. 176: νῦν γὰρ δὴ γένος ἐστὶ σιδήρεον), e nela os homens “de dia não se livrarão da fadiga e do sofrimento, nem de noite cessarão de corromper-se” (cf. 176-8: οὐδέ ποτ' ἦμαρ / παύσονται καμάτου καὶ οἰζύος οὐδέ τι νύκτωρ / φθειρόμενοι); os deuses lhes enviarão duras preocupações (cf. 178: χαλεπὰς δὲ θεοὶ δώσουσι μερίμνας), e especialmente Zeus é que “destruirá tal raça de falantes homens” (cf. 180: Ζεὺς δ' ὀλέσει καὶ τοῦτο γένος μερόπων ἀνθρώπων); o quadro final que Hesíodo descreve para essa última raça é o da degradação das relações humanas, numa terra que se verá abandonada, ao fim, por Αἰδῶς⁴³ e Νέμεσις (cf. 200):

Οὐδὲ πατὴρ παῖδεσσιν ὁμοίως οὐδέ τι παῖδες
οὐδὲ ξεῖνος ξεινοδόκῳ καὶ ἐταῖρος ἐταίρῳ,
οὐδὲ κασίγνητος φίλος ἔσσεται, ὡς τὸ πάρος περ.
αἴψα δὲ γηράσκοντας ἀτιμήσουσι τοκῆας·
μέμψονται δ' ἄρα τοὺς χαλεποῖς βάζοντες ἔπεσσι,
σχέτλιοι, οὐδὲ θεῶν ὅπιν εἰδότες· οὐδέ κεν οἷ γε
γηράντεσσι τοκεῦσιν ἀπὸ θρεπτήρια δοῖεν·
[χειροδίκαι· ἕτερος δ' ἑτέρου πόλιν ἐξαλαπάξει·]
οὐδέ τις εὐόρκου χάρις ἔσσεται οὐδὲ δικαίου
οὐδ' ἀγαθοῦ, μᾶλλον δὲ κακῶν ῥεκτῆρα καὶ ὕβριν
ἀνέρα τιμήσουσι· δίκη δ' ἐν χερσὶ· καὶ αἰδῶς
οὐκ ἔσται, βλάβει δ' ὁ κακὸς τὸν ἀρείονα φῶτα
μῦθοισι σκολιοῖς ἐνέπων, ἐπὶ δ' ὄρκον ὁμεῖται.
ζῆλος δ' ἀνθρώποισιν οἰζυροῖσιν ἅπασι
δυσκέλαδος κακόχαρτος ὁμαρτήσει στυγερῶπης.
καὶ τότε δὴ πρὸς Ὀλυμπον ἀπὸ χθονὸς εὐρυοδείης
λευκοῖσιν φάρεσσι καλυψαμένῳ χροῖα καλὸν
ἀθανάτων μετὰ φῦλον ἴτον προλιπόντ' ἀνθρώπους
Αἰδῶς καὶ Νέμεσις· τὰ δὲ λείπεται ἄλγεα λυγρὰ
θνητοῖς ἀνθρώποισι· κακοῦ δ' οὐκ ἔσσεται ἀλκή. (Hes. *Op.* 182-201)

(Nem o pai com os filhos estará de acordo, nem os filhos [sc. com o pai], nem o hóspede com o hospedador, nem o camarada com o camarada, nem o irmão será querido como antes [sc. pelo irmão]. De repente, [sc. os filhos] desonrarão os senescentes pais; cruéis, vão injuriá-los com duras palavras, ignorando a vingança dos deuses; nem se disporão a retribuir aos envelhecidos pais a alimentação; [com as próprias mãos fazendo justiça, um saqueará a cidade do outro;] nem haverá respeito algum da palavra dada, nem do justo, nem do bem, antes honrarão o homem malfetor e violento; a justiça estará nas mãos; vergonha não existirá, o mau perverterá o melhor homem com histórias distorcidas que confirmará por juramento. A inveja de maliciosa língua acompanhará todos os infelizes homens, regozijando-se horrível de seus males. E então é que da terra de amplas vias para o Olimpo, com brancas vestes cobrindo o belo corpo, indo para junto da raça dos imortais, Vergonha e Retribuição deixarão os homens; tristes dores serão deixadas aos mortais homens, e contra o mal não haverá defesa.)

⁴³ Especialmente sobre os sentidos, em Hesíodo, de αἰδῶς como uma virtude, cf. McKay 1963.

O modo como o poeta encerra tal λόγος das raças, assim descrevendo um presente estado de coisas tão deplorável, faz pensar em sua própria relação particular com o irmão Perses (cf. 184: οὐδὲ κασίγνητος φίλος ἔσσεται, ὡς τὸ πάρος περ, “nem o irmão será querido como antes [sc. pelo irmão]”), a quem insta não só a trabalhar (cf. 299: ἐργάζεο, Πέρση; 397: ἐργάζεο, νήπιε Πέρση), como também a observar a prática da justiça (cf. 213-24; 274-85; 213: Ἦ Πέρση, σὺ δ' ἄκουε δίκης μηδ' ὕβριν ὄφελλε, “Ó Perses, escuta a justiça e não excites a injúria”; 274-5: Ἦ Πέρση, [...] / καί νυ δίκης ἐπάκουε, βίης δ' ἐπιλήθεο πάμπαν, “Ó Perses, [...] escuta a justiça e esquece de todo a violência”); ora, depois de narrar para os reis o αἶνος (cf. 202) do falcão e o rouxinol (cf. 202-10) — fábula que parece aludir a alguma relação perigosa que o irmão tenha talvez estabelecido com gente mais poderosa que ele —, Hesíodo figura uma Justiça (cf. 220: Δίκης) coberta por uma nuvem de ar, a ser arrastada por onde a conduzem os “homens donívoros” (cf. 220-1: ἦ κ' ἄνδρες ἄγωσι / δωροφάγοι) e a lamentar cidades e povos, levando o mal aos homens que a expulsam e não julgam com retidão (cf. 220-4); a observância da justiça, por outro lado, é recompensada com uma série de bens: a cidade prospera, o povo floresce (cf. 227), a paz reina, e Zeus não envia a desastrosa guerra (cf. 228-9); nem a fome nem a peste acompanham aqueles que julgam retamente (cf. 230-1); como no caso dos homens da raça de ouro (cf. *supra*), “para eles a terra oferece copioso alimento” (cf. 232: τοῖσι φέρει μὲν γαῖα πολὺν βίον), o carvalho lhes oferece (cf. 233: φέρει) glandes e abelhas (cf. 232-3); ricos de bens (cf. 236), “em navios não viajam, (mas) a terra vivificante (é que) (lhes) oferece o fruto” (cf. 236-7: οὐδ' ἐπὶ νηῶν / νίσονται, καρπὸν δὲ φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα); àqueles, por sua vez, que se entregam à injúria e à violência Zeus envia a peste e a fome (cf. 243: λιμὸν ὁμοῦ καὶ λοιμὸν) e muitas vezes por culpa de um só homem é um povo inteiro que perece (cf. 240-3). A justiça, ademais, é descrita por Hesíodo como a lei que Zeus impôs aos homens (cf. 276: τόνδε γὰρ ἀνθρώποισι νόμον διέταξε Κρονίων, “pois essa é a lei que aos homens impôs o filho de Crono”; 279: ἀνθρώποισι δ' ἔδωκε δίκην, “aos homens [sc. Zeus] deu a justiça”), tendo permitido apenas aos animais que se devorassem uns aos outros (cf. 278: ἔσθειν ἀλλήλους), “pois não há justiça entre estes” (cf. 279: ἐπεὶ οὐ δίκη ἐστὶ μετ' αὐτοῖς); a prática da justiça, enfim, resulta da vontade particular de pronunciar o que é justo (cf. 280: εἰ γὰρ τίς κ' ἐθέλη τὰ δίκαι' ἀγορεύσει, “se alguém quer as coisas justas proclamar”), que é recompensada por Zeus (cf. 281: τῷ μὲν τ' ὄλβον διδοῖ εὐρύοπα Ζεὺς, “a ele Zeus de larga visão dá a felicidade”). Assim, a prática da justiça de Zeus, para o poeta dos *Trabalhos e Dias*, não é senão um modo de o homem recuperar, na realidade do presente,

um estado ideal de bem-aventurança que o mito costuma localizar no passado longínquo de uma era dourada. Mas a preferência pelo pronunciamento e pela prática do que é justo, sendo a manifestação de uma vontade particular (cf. 280: εἰ [...] τίς κ' ἐθέλη) — que o poeta procura excitar no irmão —, é própria do homem que ao caminho “fácil” (cf. 288: ῥηιδίως) do vício (cf. 287: τὴν μὲν τοι κακότητα) prefere a estrada longa, escarpada e inicialmente acidentada (cf. 290-1: μακρὸς δὲ καὶ ὄρθιος οἴμος ἐς αὐτὴν / καὶ τρηχὺς τὸ πρῶτον) em direção à virtude (cf. 289: τῆς δ' ἀρετῆς):

Σοὶ δ' ἐγὼ ἐσθλὰ νοέων ἐρέω, μέγα νήπιε Πέρση·
τὴν μὲν τοι κακότητα καὶ ἰλαδὸν ἔστιν ἐλέσθαι
ῥηιδίως· λείη μὲν ὁδός, μάλα δ' ἐγγύθι ναίει·
τῆς δ' ἀρετῆς ἰδρῶτα θεοὶ προπάροιθεν ἔθηκαν
ἀθάνατοι· μακρὸς δὲ καὶ ὄρθιος οἴμος ἐς αὐτὴν
καὶ τρηχὺς τὸ πρῶτον· ἐπὶ δ' εἰς ἄκρον ἵκηται,
ῥηιδίη δὴ ἔπειτα πέλει, χαλεπή περ εὐῶσα. (Hes. *Op.* 286-92)

(A ti coisas úteis que sei eu vou dizer, Perses, grande tolo: obter o vício, e em abundância, é fácil, o caminho é suave e bem perto fica; mas à virtude os deuses imortais antepuseram o suor; longa e íngreme é a estrada para ela, e acidentada no começo; mas quando ao topo se chega, fácil então ela se torna, ainda que difícil.)⁴⁴

Ora, se o “caminho suave” para a obtenção de vantagens pode ser, por exemplo, a rápida compra de sentenças favoráveis junto a juizes “donívoros” (cf. 264: δωροφάγοι), assim dispostos a pronunciar juízos distorcidos (cf.: σκολιέων δὲ δικέων), a estrada longa e escarpada não será outra senão a do trabalho, pois nela é que se produzirá o “suor” (cf. 289: ἰδρῶτα) exigido pelos deuses na conquista da virtude, da qual dependerá, por sua vez, a preferência particular pela prática da justiça, de que dependerá, por fim, a participação humana nas vantagens concedidas por Zeus (cf. *supra*, p. 268). É nesses termos, aliás, que o poeta justifica para Perses a necessidade do trabalho: “Trabalha, tolo Perses, para os homens o trabalho os deuses determinaram” (cf. 397-8: ἐργάζεω,

⁴⁴ O tema do caminho “íngreme” (cf. Hes. *Op.* 290: ὄρθιος) é aproveitado num pequeno poema da *Anthologia* que, aludindo, segundo me parece, a esses versos de Hesíodo (cf., por exemplo, *Op.* 291: ἐπὶ δ' εἰς ἄκρον ἵκηται), substitui à “virtude” (*Op.* 289: ἀρετῆς) a “sabedoria” (σοφίης):

Ἀμβαινὼν Ἑλικῶνα μέγαν κάμες, ἀλλ' ἐκορέσθης
Πηγασίδος κρήνης νεκταρέων λιβάδων·
οὕτως καὶ σοφίης πόρος ὄρθιος· ἦν δ' ἄρ' ἐπ' ἄκρον
τέρμα μόλης, ἀρύση Πιερίδων χάριτας. ([Onestes] *AP.* 9.230)

(Subindo o grande Hélicon laboraste, mas te satisfizeste das nectáreas gotas da fonte Pegásida: assim também da sapiência o caminho é íngreme; mas se ao elevado cume chegares, te saciarás das graças das Piérides.)

νήπιε Πέρση, / ἔργα τά τ' ἀνθρώποισι θεοὶ διετεκμήραντο); se é riqueza que o irmão tanto deseja, então que trabalhe: “Se em teu coração o desejo é de riqueza, assim debes fazer: trabalho e mais trabalho trabalhar” (cf. 381-2: σοὶ δ' εἰ πλοῦτου θυμὸς ἐέλδεται ἐν φρεσὶ σῆσιν, / ὧδ' ἔρδειν, καὶ ἔργον ἐπ' ἔργῳ ἐργάζεσθαι); os homens enriquecem é a partir do trabalho (cf. 308: ἐξ ἔργων), e é trabalhando que os homens serão caros aos deuses e aos outros homens, que “odeiam os ociosos” (cf. 308-10; 310: στυγέουσιν ἀεργούς).

A imposição divina do trabalho é uma “verdade” (cf. 10: ἐτήτυμα) que Hesíodo expõe a Perses ainda por outros meios.⁴⁵ É o caso, por exemplo, do mito que distingue as duas Ἐριδες, os dois gêneros de rivalidade (cf. 11-26): uma é digna de censura, pois é a que alimenta a guerra e a discórdia (cf. 13-16); mas a outra (cf. 17-26), filha da Noite, “colocou-a o filho de Crono nas raízes da terra e entre os homens” (cf. 18-19: θῆκε δέ μιν Κρονίδης [...] / γαίης [τ'] ἐν ρίζησι καὶ ἀνδράσι); “de longe a melhor” (cf. 19: πολλὸν ἀμείνω), é essa que o homem prudente há de elogiar (cf. 12: τὴν μὲν κεν ἐπαινῆσαι νοήσας); essa é a rivalidade que “mesmo o inerte instiga ao trabalho” (cf. 20: καὶ ἀπάλαμόν περ ὁμῶς ἐπὶ ἔργον ἐγείρει), que o faz ver a riqueza alheia (cf. 21-2) e o leva, por emulação, a “arar e plantar e bem dispor a casa” (cf. 22-3: ἀρόμεναι ἠδὲ φυτεύειν / οἴκόν τ' εὖ θέσθαι). Ademais, os deuses impuseram aos mortais a necessidade do trabalho quando lhes esconderam os víveres (cf. 42: Κρύψαντες γὰρ ἔχουσι θεοὶ βίον ἀνθρώποισιν), pois, se assim não fosse,

ῥηιδίως γὰρ κεν καὶ ἐπ' ἡματι ἐργάσσαιο,
ὥστε σε κεῖς ἐνιαυτὸν ἔχειν καὶ ἀεργὸν ἐόντα·
αἰψὰ κε πηδάλιον μὲν ὑπὲρ καπνοῦ καταθεῖο,
ἔργα βοῶν δ' ἀπόλοιτο καὶ ἡμιόνων ταλαεργῶν (Hes. *Op.* 43-6)

(facilmente num só dia trabalharias de modo a teres o bastante para um ano, ainda que ocioso; rápido o leme sobre a fumaça repousarias, os trabalhos dos bois cessariam e das esforçadas mulas.)

Mas isto de os deuses “esconderem” (cf. 42: Κρύψαντες) algo dos homens, de forma a puni-los com a necessidade do trabalho, é matéria que Hesíodo explora mais de uma vez com o mito de Prometeu (cf. *Op.* 47-89; *Th.* 535-616): é Zeus, novamente, que, furioso

⁴⁵ Sobre o tratamento variado e repetido de um mesmo objeto como modo “arcaico” de pensamento, cf. Fränkel 1975: 105: “The archaic mode of thought does not deal with an object once and for all, thereafter simply discarding it; rather, its habit is to circle around its object, in order to inspect it ever afresh from changing viewpoints. This applies to Hesiod’s *Theogony* in details and as a whole”; quem estende a observação de Fränkel para os *Trabalhos e Dias* é Rowe (1983: 125); cf. também: Beye 1972.

pela fraude dos bois preparada por aquele (cf. *Op.* 47-50; *Th.* 535-64), “escondeu” o fogo (cf. *Op.* 47: Ζεὺς ἔκρυψε; 50: κρύψε δὲ πῦρ), ou antes, “deixou de dar o poder do inextinguível fogo aos infelizes mortais que sobre a terra habitam” (cf. *Th.* 563-4: οὐκ ἐδίδου μελίησι πυρὸς μένος ἀκαμάτιο / θνητοῖς ἀνθρώποις οἱ ἐπὶ χθονὶ ναιετάουσιν); em resposta, Prometeu “rouba” o fogo de Zeus e o devolve aos mortais, provocando novamente a ira do Cronida (cf. *Op.* 50-2; *Th.* 565-9); dessa vez, a punição ordenada pelo pai dos deuses será para os homens “um mal em compensação ao (bem) do fogo” (cf. *Th.* 570: ἀντὶ πυρὸς [...] κακὸν ἀνθρώποισι; *Op.* 57: ἀντὶ πυρὸς [...] κακόν): a mulher (cf. *Th.* 570-602; *Op.* 53-82) — acompanhada de outro mal (cf. *Th.* 602: ἕτερον [...] κακόν), o casamento (cf. *Th.* 602-16; *Op.* 83-9) —, apresentada sob a forma da “virgem” (cf. *Th.* 572: παρθένω) de que se originará “a raça das mulheres” (cf. *Th.* 590: ἐκ τῆς γὰρ γένος ἐστὶ γυναικῶν), o “mal belo em vez de bom” (cf. *Th.* 585: καλὸν κακὸν ἀντ' ἀγαθοῖο), “grande desgraça para os mortais” (cf. *Th.* 592: πῆμα μέγα θνητοῖσι ; *Op.* 56 : μέγα πῆμα [...] ἀνδράσιν), “companheiras não da perniciosa Pobreza, mas do Luxo” (cf. *Th.* 593: οὐλομένης Πενίης οὐ σύμφοροι, ἀλλὰ Κόροιο), ou nomeadamente sob a figura de Pandora (cf. *Op.* 83: Πανδώραν),⁴⁶ que de seu jarro (cf. *Op.* 94-104) deixará que muitos males escapem e se dispersem entre os homens (cf. *Op.* 95: κήδεα λυγρὰ; 100: μυρία λυγρὰ κατ' ἀνθρώπους; 101: κακῶν). Ora, “antes as tribos dos homens viviam sobre a terra livres de males e livres da dura fadiga” (cf. *Op.* 90-1: Πρὶν μὲν γὰρ ζώεσκον ἐπὶ χθονὶ φῦλ' ἀνθρώπων / νόσφιν ἄτερ τε κακῶν καὶ ἄτερ χαλεποῖο πόνοιο). É no mundo presente, então, que se vivenciam os males numerosos, as calamidades e moléstias resultantes da punição divina (cf. *Op.* 100-4).

Ora, é a memória poética dessa conjunção do esforço do trabalho e da prática da justiça com a fruição merecida de uma vida feliz, pacífica e respeitosa — ilustrada, em Hesíodo, pela imaginação dos diferentes mitos, mas vislumbrada como alternativa real para o momento presente de Perses — que penso estar sob as palavras de Vergílio em sua descrição de uma juventude rural capaz de suportar o trabalho (cf. Verg. *G.* 2.472: *patiens operum [...] iuuentus*), bem como em sua nota sobre a bem-aventurança de um ambiente presente e real onde se encontra preservado o culto aos deuses e o respeito aos pais (cf. 2.473: *sacra deum sanctique patres*), já perdidos no ambiente urbano degradado. No λόγος das raças que Hesíodo expõe, Αἰδώς e Νέμεσις é que deixam o mundo dos homens; para Vergílio, mais próximo de Arato, é *Iustitia* (cf. *supra*, p. 265); já no qua-

⁴⁶ Sobre Pandora como indivíduo e como representante de todas as mulheres, cf. Rowe 1983: 129-30.

dro que desenham do momento presente — de deterioração das relações humanas, de corrupção moral e desprezo às leis divinas (cf. Hes. *Op.* 182-201), ou de luxos e excessos da vida urbana (cf. Verg. *G.* 2.458-74), de cobiça (cf. 2.490-518; cf. *infra*) e abandono do arado em nome da guerra (cf. 1.505-14) —, o trabalho é visto como um exercício que restitui ao homem, por assim dizer, o direito de participar de um estado de felicidade e bem-aventurança de outra forma perdido.

Mas, no caso de Vergílio, a participação *completa* nesse estado de felicidade requer mais do que o esforço do trabalho e vai além da fruição de uma vida simples e pacífica no campo. Na verdade, o poeta das *Geórgicas* é um mestre interessado também no conhecimento das causas das coisas, algumas das quais se compromete mesmo a ensinar, como no caso, por exemplo, das doenças (cf. Verg. *G.* 3.440-566; 440: *Morborum quoque te causas et signa docebo*, “das doenças também as causas e os sinais ensinarei”), sobre as quais o mestre de Perses, por outro lado, ensinou que atacam “em silêncio” (cf. *Op.* 104: σιγῆ) porque delas “o sábio Zeus retirou a voz” (cf.: φωνὴν ἔξείλετο μητίετα Ζεύς), não cabendo aos mortais escapar à vontade de Zeus (cf. 105: οὕτως οὐ τί πη ἔστι Διὸς νόον ἐξαλέασθαι). Mais que isso, o que interessa ao mestre das *Geórgicas* é o acesso aos grandes mistérios da natureza, às explicações das causas de seus diferentes fenômenos; ora, na impossibilidade de *compreensão* da filosofia física, ainda restará o prazer da *experiência* “física”, se não intelectual, da natureza, mas a existência, nesse caso, será “sem glória” (cf. *infra*), ou melhor, “modesta” (cf. 486: *inglorius*):

Me uero primum dulces ante omnia Musae,
 quarum sacra fero ingenti percussus amore,
 accipiant caelique uias et sidera monstrent,
 defectus solis uarios lunaeque labores;
 unde tremor terris, qua ui maria alta tumescant
 bicibus ruptis rursusque in se ipsa residant,
 quid tantum Oceano properent se tingere soles
 hiberni, uel quae tardis mora noctibus obstet.
 sin has ne possim naturae accedere partis
 frigidus obstiterit circum praecordia sanguis,
 rura mihi et rigui placeant in uallibus amnes,
 flumina amem siluasque inglorius. o ubi campi
 Spercheosque et uirginibus bacchata Lacaenis
 Taygeta! o qui me gelidis conuallibus Haemi
 sistat, et ingenti ramorum protegat umbra! (2.475-89)

(Mas que a mim primeiro as Musas, doces antes de tudo, de quem ofereço os sagrados ritos, tocado de ingente amor, acolham e do céu as vias e constelações mostrem, as defecções do Sol, e da Lua os variados labores; donde vem o tremor da terra, por que força os mares profundos

intumescem rompendo-se os obstáculos e de volta em si mesmos assentam, por que tanto correm a banhar-se no Oceano os sóis do inverno, ou que atraso obsta a suas lentas noites. Se um sangue frio em torno do coração impedir que eu possa ter acesso a tais recantos da natureza, que [sc. ao menos] os campos me aprazam e nos vales as correntes refrescantes, que modesto eu ame os rios e as florestas. Oh! onde estão os plainos e o Esperquio e o Taígeto pelas virgens lacedemônias frequentado! Oh! quem me colocaria na estreiteza dos vales frescos do Hemo e me protegeria com a vasta sombra dos ramos!)

Em seu comentário ao passo, Sérvio sugere que *inglorius*, nesse contexto, é para ser entendido como predicativo que designa a condição mais modesta daquele que se dedica a algo de “menor glória” “em comparação com a filosofia” (cf. *In Verg. G.* 2.486.1: “*comparatione philosophiae*”), conforme o uso que o mesmo Vergílio faz da palavra noutro contexto, dessa vez na *Eneida*, ao relatar que o médico Iápige (cf. *Verg. A.* 383-429), rejeitando o dom da profecia e a arte da cítara e das flechas, que Apolo lhe oferecera (cf. 12.394), “preferiu conhecer as propriedades das plantas e seu uso medicinal, e *modesto* praticar silenciosas artes” (cf. 12.396-7: *scire potestates herbarum usumque medendi / maluit et mutas agitare inglorius artis*); como Sérvio esclarece, Vergílio diz *inglorius* “não porque nenhuma seja a glória da medicina, mas porque ela é menor que a dos dons da divindade e da profecia, que Apolo lhe oferecera (sc. a Iápige)” (cf. *In Verg. G.* 2.246.2-4: “*non quod nulla gloria medicinae est, sed quod minor, quam divinitatis et augurandi, quae ei Apollo obtulerat munera*”). Na escala das *Geórgicas*, então, “menor” é a glória daquele que se vê “naturalmente”⁴⁷ incapaz de compreender as explicações físicas dos fenômenos, assim limitado ao prazer que experimentará na vida mais modesta em meio à natureza. Mas a felicidade daqueles que compreendem “as causas das coisas” e a bem-aventurança daqueles que conhecem os deuses e divindades do campo (cf. *infra*) são colocadas como que par a par (cf. *Verg. G.* 2.490: *Felix qui [...]*; 493: *fortunatus et ille [...] qui [...]*), quando se trata de contrastar sua vida interessada na ciência e na simplicidade rural com a existência cheia de inquietações daqueles que preferem o prestígio dos cargos públicos e das insígnias do poder, que se deixam dominar pela ganância, que alimentam a discórdia, a violência (inclusive entre irmãos: cf. 2.510; cf. também: *Hes. Op.* 184; *supra*, p. 267) e o luxo:

⁴⁷ Isto de “um sangue frio em torno do coração” impedir a capacidade de inteligência (cf. *Verg. G.* 2.483-4: *has ne possim naturae accedere partis / frigidus obstiterit circum praecordia sanguis*) é coisa que se deve entender, diz Sérvio, “segundo os estudiosos da natureza, que dizem serem estultos os homens de sangue frio, prudentes (os) de (sangue) quente. Daí que têm menos ciência os velhos, nos quais (o sangue) já está frio, e as crianças, nos quais ainda não está quente” (cf. *In Verg. G.* 2.484.1-4: “*secundum physicos, qui dicunt stultos esse homines frigidioris sanguinis, prudentes calidi. unde et senes, in quibus iam friget, et pueri, in quibus necdum calet, minus sapiunt*”).

Felix qui potuit rerum cognoscere causas
 atque metus omnis et inexorabile fatum
 subiecit pedibus strepitumque Acherontis auari:
 fortunatus et ille deos qui nouit agrestis
 Panaque Siluanumque senem Nymphasque sorores.
 illum non populi fascēs, non purpura regum
 flexit et infidos agitans discordia fratres,
 aut coniurato descendens Dacus ab Histro,
 non res Romanae perituraeque regna; neque ille
 aut doluit miserans inopem aut inuidit habenti.
 quos rami fructus, quos ipsa uolentia rura
 sponte tulere sua, carpsit, nec ferrea iura
 insanumque forum aut populi tabularia uidit.
 sollicitant alii remis freta caeca, ruuntque
 in ferrum, penetrant aulas et limina regum;
 hic petit excidiis urbem miserisque penatis,
 ut gemma bibat et Sarrano dormiat ostro;
 condit opes alius defossoque incubat auro;
 hic stupet attonitus rostris, hunc plausus hiantem
 per cuneos geminatus enim plebisque patrumque
 corripuit; gaudent perfusi sanguine fratrum,
 exsilioque domos et dulcia limina mutant
 atque alio patriam quaerunt sub sole iacentem.
 Agricola incuruo terram dimouit aratro:
 hic anni labor, hinc patriam paruosque nepotes
 sustinet, hinc armenta bouum meritosque iuuenos.
 nec requies, quin aut pomis exuberet annus
 aut fetu pecorum aut Cerealis mergite culmi,
 prouentuque oneret sulcos atque horrea uincat. (Verg. *G.* 2.490-518)

(Feliz quem pôde das coisas conhecer as causas e os medos todos e o inexorável fado sob os pés colocou e o estrépito do cobiçoso Aqueronte: afortunado também aquele que os deuses agrestes conhece e Pã e o velho Silvano e as Ninfas irmãs. A ele nem os feixes do povo, nem a púrpura dos reis dobrou, nem a discórdia a agitar irmãos infíeis, ou Daco a descer do Istro conjurado, nem as questões romanas e os reinos destinados a perecer; ele não sofre a lamentar o pobre nem inveja o que tem posses. Os frutos que os ramos, que os próprios campos querendo lhe ofertaram espontaneamente, ele os colhe, e não vê as férreas leis, e o insano fórum, ou os arquivos do povo. Outros com os remos buscam os obscuros mares, precipitam-se ao ferro, penetram nas cortes e palácios de reis; um pede com destruições uma cidade e seus infelizes penates, a fim de beber em preciosa taça e dormir sobre a púrpura fenícia; outro esconde riquezas e se deita sobre o ouro enterrado; um se deslumbra maravilhado com a tribuna, a outro boquiaberto o aplauso arrebatado repetido entre os assentos da plebe e dos senadores; regozijam-se banhados pelo sangue dos irmãos, e pelo exílio as casas e as doces soleiras trocam e uma pátria buscam situada sob um outro sol. O agricultor fende a terra com seu curvo arado: este é o labor do ano, daí a pátria e os pequenos descendentes sustenta, daí o gado e os bem merecidos novilhos. Nada de descanso enquanto em frutos não abunde o ano, ou em filhotes de animais, ou em feixes dos colmos de Ceres, e com sua produção carregue os sulcos e supere os celeiros.)

Nesse contraste, o que o mestre valoriza, como ao final se vê, é a *patientia* e a persistência (cf. 2.516: *nec requies, quin* [...]) do agricultor na realização de seu trabalho anual (cf. 2.513: *hic anni labor*); mas é notável como o poeta, embora observe no trabalho uma necessidade, apontando-o como o meio pelo qual o agricultor sustenta sua pátria e

seus descendentes (cf. 2.514-5), nem por isso o descreve nos termos de uma excessiva fadiga ou punição imposta ao homem; na verdade, além de exaltar, ao fim, o esforço e a dedicação do trabalhador do campo, Vergílio tem a atenção voltada, no começo, também para o próprio *campo*, para a natureza divina que nele ainda se encerra (cf. 2.493-4), diferentemente do que acontece no espaço moralmente degradado da cidade (cf. 2.495-8; 501-2; 508-10): afinal é no campo que *Iustitia* deixou suas últimas pegadas (cf. 2.473-4; *supra*, p. 265); ora, o extremo a que chega tal contraste é dizer o poeta que os campos “por si mesmos querendo” (cf. 2.500: *ipsa uolentia rura*), “por vontade própria” (cf. 2.501: *sponte [...] sua*), “oferecem” (cf.: *tulere*) seus frutos ao bem-aventurado conhecedor das deidades agrestes (cf. 2.493-501); mas essa imagem de uma terra a oferecer seus frutos Vergílio recolhe, segundo entendo, da tradição de Hesíodo, empregada, como acima lembrei, na descrição de uma era dourada (cf. Hes. *Op.* 117-18: καρπὸν δ' ἔφερε ζεῖδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν) ou heróica (cf. 172-3: καρπὸν / [...] φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα), bem como na descrição de um estado presente e possível em que a terra dá aos homens o alimento abundante em recompensa por sua prática da justiça (cf. 232: τοῖσι φέρει μὲν γαῖα πολὺν βίον; 237: καρπὸν δὲ φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα); assim, só no espaço “dourado”, “heroico” ou “divino” (cf. Verg. *G.* 2.493-4) do campo é que “por vontade própria” (cf. Verg. *G.* 2.501: *sponte [...] sua*; Hes. *Op.* 118: αὐτομάτη) a terra oferece seus frutos (cf. também: Verg. *G.* 1.127-8: *ipsa [...] tellus / omnia liberius nullo poscente ferebat*, “a terra mesma tudo oferecia irrestritamente sem que ninguém pedisse”; cf. *infra*); no espaço “real” do campo, não há descanso para o agricultor (cf. Verg. *G.* 2.516: *nec requies*), pois a abundância da produção depende de seu trabalho (cf. 2.516-8), do qual depende o sustento da pátria e de seus descendentes (cf. 2.515-4). Assim, o trabalho do agricultor é louvado como um modo de existir ainda baseado no merecimento e no qual ainda se pode vislumbrar um resto da justiça já ausente no mundo corrompido da cidade. Mas, nesse contraste entre felicidade e bem-aventurança de uns e miséria moral de outros, ainda mais notável, como já adiantei acima, é a valorização que o poeta faz, novamente num contexto em que fala da vida nos campos (cf. 2.475-89), da busca intelectual, ao louvar quem foi capaz de compreender as causas das coisas e assim calçou “sob os pés” (cf. 2.492: *subiecit pedibus*) o medo do destino e da morte (cf. 2.490-2).⁴⁸ É imagem, na verdade, de que se serviu antes Lucrécio,⁴⁹ em sua

⁴⁸ Ainda para outras interpretações das figuras do agricultor, do filósofo e do poeta, especialmente a partir do exame de Verg. *G.* 2.458-540, cf. Kronenberg 2000; cf. também Gale 2000: 196-231; Nelis 2004.

descrição do empreendimento “épico” de Epicuro, cuja vitória sobre a *religio*, finalmente calcada sob os pés (cf. Lucr. 1.78: *religio pedibus subiecta*), teve como prêmio a ciência das coisas (cf. Lucr. 1.75-7):⁵⁰

Humana ante oculos foede cum uita iaceret
 in terris oppressa graui sub religione,
 quae caput a caeli regionibus ostendebat
 horribili super aspectu mortalibus instans,
 primum Graius homo mortalis tollere contra
 est oculos ausus primusque obsistere contra;
 quem neque fama deum nec fulmina nec minitanti
 murmure compressit caelum, sed eo magis acrem
 inritat animi uirtutem, effringere ut arta
 naturae primus portarum claustra cupiret.
 ergo uiuida uis animi peruicit et extra
 processit longe flammantia moenia mundi
 atque omne immensum peragrauit mente animoque,
 unde refert nobis uictor quid possit oriri,
 quid nequeat, finita potestas denique cuique
 qua nam sit ratione atque alte terminus haerens.
 quare religio pedibus subiecta uicissim
 opteritur, nos exaequat uictoria caelo. (Lucr. 1.62-79)

(Como diante dos olhos vergonhosamente a vida humana jazesse, oprimida na terra sob o peso da religião, que das regiões celestes a cabeça mostrava ameaçando com seu horrível aspecto os mortais, um homem grego foi o primeiro a ousar erguer seus olhos mortais contra ela, o primeiro a colocar-se contra ela; a ele nem a fama dos deuses, nem os raios, nem o céu a ameaçar com seu murmúrio o reprimiu, senão que ainda mais lhe instigou a coragem do espírito para que desejasse ser o primeiro a arrombar as cerradas barreiras das portas da natureza. Então, o vívido vigor de seu espírito venceu e bem para fora avançou das muralhas flamejantes do mundo, e toda a imensidão atravessou com a mente e o espírito, de onde nos reporta vencedor o que pode originar-se, o que não pode, por que razão, enfim, é finito para cada coisa seu poder e profundamente está seu termo fixado. Daí que a religião, por sua vez, posta sob seus pés, está esmagada, e sua vitória nos nivela ao céu.)

A luta contra a *religio*, no caso de Lucrécio, implica a ousadia de seu “herói” (cf. 1.67: *ausus*) para erguer os olhos na direção de seu “adversário” (cf. 1.66-7) e para “arrombar” as portas da natureza (cf. 1.70-1: *effringere* [...] / *naturae* [...] *portarum claustra*); o resultado do empreendimento, descrito nos termos de uma “vitória” (cf. 1.72: *peruicit*; 75: *uictor*; 79: *uictoria*), é o acesso às regiões antes recônditas do universo, para além de suas “muralhas” (cf. 1.72-4); é claro que tudo isso é imagem para descrever o esforço

⁴⁹ Sobre Hesíodo e Lucrécio como modelos poéticos de Vergílio na composição das *Geórgicas*, bem como sobre suas fontes técnicas em prosa, cf. especialmente Duckworth 1959 e Thomas 1987; cf. também Lilly 1919: 9-18.

⁵⁰ Para uma interpretação do poema de Lucrécio como uma espécie de épica heroica, cf. Murley 1947. Para a ideia de “guerra” ou “batalha cósmica” no *De rerum natura*, cf. Gale 2000: 232-40; cf. também Fowler 2000: 216-19; sobre a descrição do movimento das partículas de pó num raio de sol (cf. Lucr. 2.114-20) como uma “batalha entre exércitos”, cf. Williams 1985: 159.

da perquirição intelectual, já que o “espólio” trazido pelo herói vitorioso (cf. 1.75: *refert nobis uictor*) é a ciência do que antes se ignorava (cf. 1.75-7: *quid possit oriri / quid nequeat, finita potestas denique cuique / qua nam sit ratione* [...]; cf. Verg. *G.* 2.479: *unde tremor terris, qui ui maria alta tumescant*, etc.). Mas o que é assim rapidamente descrito como uma vitória do intelecto não parece senão o momento culminante (cf. Lucr. 5.1457: *summum* [...] *cacumen*) do processo de desenvolvimento do *genus humanum* que o mesmo Lucrécio longamente descreve noutra momento (cf. 5.925-1457), um processo que vai do estágio primitivo de uma raça “mais dura” (cf. 5.925-6: *genus humanum* [...] / *durius*), que se foi aos poucos desabitando do incômodo do frio e se abrandando (cf. 5.1014: *tum* [...] *mollescere coepit*) com o conforto das vestes e do lume, e com o casamento e a amizade (cf. 5.1011-27), aos estágios mais avançados em que o homem se tornou capaz de dominar o uso dos diferentes metais (cf. 5.1241-96), de domar uma variedade de feras e animais (cf. 5.1297-340), de aprimorar o uso dos tecidos (cf. 5.1350-60), de experimentar e expandir novas formas de plantio (cf. 5.1361-78), de cultivar, enfim, as “delícias da vida” (cf. 5.1450: *deliciae* [...] *uitae*), como a poesia, a pintura e a escultura (cf. 5.1451), num quadro como que idílico e nostálgico que Lucrécio chega a descrever de antigos tempos de ócio, divertimento, música e poesia (cf. 5.1378-411), subsequentemente maculados, porém, pelo excesso, pela cobiça e pela guerra (cf. 5.1412-35). Todo esse desenvolvimento, diz o poeta, se deve ao uso e à experiência da “mente infatigável” (cf. 5.1452: *usus et impigrae simul experientia mentis*), “que progride passo a passo” (cf. 5.1453: *pedetemptim progredientis*); nesse lento processo — em que “o tempo expõe cada uma das coisas paulatinamente, e a razão as eleva para as regiões da luz” (cf. 5.1454-5: *unum quicquid paulatim protrahit aetas / in medium ratioque in luminis erigit oras*) —, tão grande é o valor que o poeta atribui à evolução técnica e à racionalidade humana, que os tempos mais primitivos são descritos em termos que atentam, não para qualquer noção de “bem-aventurança” primordial, mas para certa precariedade da vida prática (cf. 5.934-1010), quando a “novidade do mundo” oferecia “duro pasto, suficiente aos miseráveis mortais” (cf. 5.943-4: *nouitas* [...] *mundi / pabula dura tulit, miseris mortalibus ampla*), que ainda não sabiam tratar os objetos pelo fogo (cf. 5.953) — cujas causas, aliás, o poeta mais adiante explica (cf. 5.1091-104) —, e quando “o que a terra havia criado espontaneamente era dom que lhes aplacava satisfatoriamente a vontade” (cf. 5.937-8: *quod terra crearat / sponte sua, satis id*

placabat pectora donum);⁵¹ mas precariedade havia especialmente na vida intelectual, por entenderem os mortais que os deuses fossem responsáveis por tudo que lhes acontecia (cf. 5.1161-240; cf. especialmente: 186-7), e aí, bem longe de qualquer bem-aventurança, é que estava justamente a infelicidade da raça humana (cf. 5.1194: *O genus infelix humanum*); nesse caso, então, a “bem-aventurança” do homem deve estar em poder “nivelar-se ao céu” (cf. 1.79), depois de sua raça “vencer” e “sujeitar”, após longo processo, a *religio* que antes a oprimia (cf. 1.78-9); noutros termos, sua felicidade está no progresso intelectual que experimenta ao longo do tempo. Ora, como lembrei mais acima, a “vitória” do intelecto e da ciência é algo que interessa também ao mestre das *Geórgicas* (cf. Verg. *G.* 2.490-2); observei, em particular, que a noção de felicidade vem correlacionada por Vergílio tanto à ciência das causas das coisas, à filosofia física, como à experiência aprazível da vida no campo e, a partir daí, aos benefícios merecidos em virtude do trabalho persistente. Ocorre que, ao fazer seu próprio relato da história do progresso humano, é para o desenvolvimento das tecnologias usadas nos diversos tipos de atividades práticas — não só a agricultura, mas também a navegação, a caça e a pesca (cf. *infra*) — que o poeta atenta especialmente, razão pela qual o “herói” que ao fim apresenta como “vitorioso” sobre os desafios e dificuldades não é bem uma *impigra mens* (cf. Lucr. 5.1452) nem o ousado intelecto de um sábio grego (cf. Lucr. 1.62-79), mas o *labor improbus*, que “a tudo venceu” (cf. Verg. *G.* 1.145-6):

Pater ipse colendi
 haud facilem esse uiam uoluit, primusque per artem
 mouit agros, curis acuens mortalia corda
 nec torpere graui passus sua regna ueterno.
 ante Iouem nulli subigebant arua coloni: 125
 ne signare quidem aut partiri limite campum
 fas erat; in medium quaerebant, ipsaque tellus
 omnia liberius nullo poscente ferebat.
 ille malum uirus serpentibus addidit atris
 praedarique lupos iussit pontumque moueri, 130
 mellaque decussit foliis ignemque remouit
 et passim riuis currentia uina repressit,
 ut uarias usus meditando extunderet artis
 paulatim, et sulcis frumenti quaereret herbam,
 ut silicis uenis abstrusum excuderet ignem. 135
 tunc alnos primum fluuii sensere cauatas;
 nauita tum stellis numeros et nomina fecit

⁵¹ Para a noção de progresso da civilização a partir de um estágio primitivo de precariedade, e não de decadência a partir de uma era dourada, cf. Xanthakis-Karamanos 1981, que estuda em particular um fragmento de Mosquião (IV a.C.) (ap. Stob. 1.8.38), inserindo-o, quanto ao tema do progresso humano, na mesma tradição de Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Crítias e Lucrécio.

Pleiadas, Hyadas, claramque Lycaonis Arcton.
 tum laqueis captare feras et fallere uisco
 inuentum et magnos canibus circumdare saltus; 140
 atque alius latum funda iam uerberat amnem
 alta petens, pelagoque alius trahit umida lina.
 tum ferri rigor atque argutae lammina serrae
 (nam primi cuneis scindebant fissile lignum),
 tum uariae uenere artes. labor omnia uicit 145
 improbus et duris urgens in rebus egestas.
 prima Ceres ferro mortalis uertere terram
 instituit, cum iam glandes atque arbuta sacrae
 deficerent siluae et uictum Dodona negaret.
 mox et frumentis labor additus, ut mala culmos 150
 esset robigo segnisque horreret in aruis
 carduus; intereunt segetes, subit aspera silua
 lappaeque tribolique, interque nitentia culta
 infelix lolium et steriles dominantur auenae.
 quod nisi et adsiduis herbam insectabere rastris 155
 et sonitu terrebis auis et ruris opaci
 falce premes umbras uotisque uocaueris imbrem,
 heu magnum alterius frustra spectabis aceruum
 concussaue famem in siluis solabere quercu. (Verg. *G.* 1.121-59)

(O pai mesmo [sc. Júpiter] quis que não fosse fácil o caminho do cultivo e foi o primeiro que por arte revolveu os campos, aguçando com preocupações o entendimento dos mortais, não admitindo que seus domínios entorpecessem sob o peso do marasmo: antes de Júpiter, nenhum lavrador subjugava as terras: nem mesmo demarcar o campo ou dividi-lo com fronteira era permitido; para o uso comum eram as aquisições, e a terra mesma tudo oferecia irrestritamente sem que ninguém pedisse. Ele é que o pernicioso veneno às negras serpentes acrescentou e os lobos mandou rapinar e o mar mover-se, das folhas fez sair o mel e o fogo removeu, e os vinhos em rios aqui e ali a correr reprimiu, para que o uso variadas artes aos poucos elaborasse de sua prática, e nos sulcos procurasse a planta do trigo, para que dos veios da pedra arrancasse o fogo lá escondido. Então é que os rios primeiro sentiram os ocos amieiros; então o nauta às estrelas números e nomes deu: as Plêiades, as Híades, a luminosa Ursa, filha de Licáon. Então se inventou de capturar com laços as feras e enganá-las com o visco, de circundar com cães os grandes bosques; e um já golpeia com a rede o largo rio buscando o fundo, no pélogo outro arrasta as úmidas linhas. Então do ferro a dureza e a lâmina da afiada serra — com cunhas é que os primeiros cindiam a madeira físsil —, então variadas técnicas vieram. Persistente o labor a tudo venceu, e a necessidade a pressionar nos casos difíceis. Primeiro, Ceres determinou que os mortais revolvessem a terra com o ferro, porque já glandes e morangos faltavam à sagrada floresta, e Dodona negava o alimento. Depois, também aos grãos se acrescentou o labor, para que os colmos a ferrugem destrutiva comesse, e nos enfraquecidos campos se arrepiasse o cardo; morrem as plantações, some a floresta sob a aspereza da bardana e do tríbulo, e em meio ao viço dos jardins o infecundo joio e a aveia estéril é que dominam. Se com a enxada incessante não extirpares o mato, nem com um barulho espantares as aves, nem do obscurecido campo as sombras diminuíres com a foice, nem com votos tiveres invocado a chuva, ah! o grande acúmulo alheio ficarás em vão a apreciar, e nas florestas chacoalhando o carvalho é que mitigarás a fome.)

Para o mestre das *Geórgicas*, a vitória do *labor*, na forma do desenvolvimento das habilidades técnicas, resulta do esforço humano empenhado na superação de diferentes dificuldades (cf. 1.129-32; 147-54). É notável, então, que o poeta apresente tais dificuldades não como simples forma de “punição” divina para os mortais — que antes desfrutava

vam dos abundantes dons da terra (cf. 1.127-8: *ipsaque tellus / omnia liberius nullo poscente ferebat*) —, mas como uma série de “preocupações” com as quais Júpiter foi “afinando o entendimento dos mortais” (cf. 1.123: *curis acuens mortalia corda*); desse modo, é de um ponto de vista teleológico, por assim dizer, que o poeta descreve, por exemplo, o mal do veneno acrescentado por Júpiter às serpentes (cf. 1.129) ou a “remoção” do fogo (cf. 1.131: *ignem [...] remouit [sc. Iuppiter]*), pois assim fez o *pater* para que da experiência prática (cf. 1.133: *meditando*) o uso “fizesse sair” (cf.: *ut [...] extunderet*) uma variedade de artes, tornando-se então o homem capaz de “extrair” (cf. 1.135: *ut [...] excuderet*) dos veios da pedra o fogo nela “escondido” (cf: *abstrusum [...] ignem*). Assim, foi da vontade do próprio Júpiter a dificuldade no trabalho do campo (cf. 1.121-2: *Pater ipse colendi / haud facilem esse uiam uoluit*), mas sua finalidade foi paulatinamente (cf. 1.134: *paulatim*) desenvolver nos mortais a habilidade que lhes seria necessária para o progresso de suas diferentes tecnologias (cf. 1.136-45) e para a superação da miséria (cf. 1.147-54); assim, o esforço do trabalho foi condição imposta por Júpiter aos mortais não só para que progredissem em suas habilidades técnicas, mas também para que escapassem à precariedade de uma vida ociosa (cf. 1.155-9), limitada ao consumo de bolotas (cf. 1.159), como já advertia, aliás, o mestre de Perses (cf. Hes. *Op.* 302: Λιμὸς γάρ τοι πάμπαν ἀεργῶ σύμφορος ἀνδρί, “pois a fome é sempre companheira do homem preguiçoso”; cf. também: 21-6, 312-13), para quem o “suor” (cf. 289: ἰδρῶτα) foi imposição dos deuses aos mortais em seu longo caminho para a virtude (cf. 286-92; *supra*, p. 269).⁵²

Ora, em sua própria história do progresso humano, Manílio começa pelo fim, isto é, pela culminância do saber humano na ciência celeste (cf. 1.25-65), um “dom dos deuses” (cf. 1.26: *munere caelestum*), fundada por Mercúrio (cf. 1.30-4), por meio do qual (cf. 1.31: *per te*) o homem conheceu mais profundamente o céu, as constelações, os nomes e os cursos dos signos, suas propriedades e influências (cf. 1.31-4); em seguida, a própria natureza, diz o poeta, “se descerrou” (cf. 1.40: *natura se [...] ipsa reclusit*) para os reis do Oriente (cf. 1.40-5), e então foi a vez dos sacerdotes, “ministros” para quem “o próprio deus se abriu” (cf.1.50: *deus ipse [...] patuit*), trazendo-os para ele próprio (cf.: *in [...] deum deus ipse tulit*) (cf., porém, Cap. 1, p. 40, n. 52); foram estes, enfim, que “deram impulso” à “tão nobre realização” (cf. 1.51: *hi tantum mouere decus*) da arte astrológica (cf.: *artem*) e a desenvolveram pela prática constante (cf. 1.53-65).

⁵² Para ainda outras interpretações do tema do *labor* também em Lucrécio e especialmente em Vergílio, a partir da tradição de Hesíodo, cf. Gale 2000: 143-95.

Mas, até que tais homens fossem capazes de tamanho empreendimento, muito precisaria ter avançado a raça humana:

Nam rudis ante illos nullo discrimine uita
 in speciem conuersa operum ratione carebat
 et stupefacta nouo pendeat lumine mundi,
 tum uelut amisso maerens, tum laeta ren<ato;
 surgentem neque enim totiens Titana fug>atis
 sideribus, uariosque dies incertaque noctis 70
 tempora nec similis umbras, iam sole regresso
 iam propiore, suis poterat discernere causis.
 necdum etiam doctas sollertia fecerat artes,
 terraque sub rudibus cessabat uasta colonis;
 tumque in desertis habitabat montibus aurum, 75
 immotusque nouos pontus subduxerat orbes,
 nec uitam pelago nec uentis credere uota
 audebant; se quisque satis nouisse putabant.
 sed cum longa dies acuit mortalia corda
 et labor ingenium miseris dedit et sua quemque 80
 aduigilare sibi iussit fortuna premendo,
 seducta in uarias certarunt pectora curas
 et, quodcumque sagax temptando repperit usus,
 in commune bonum commentum laeta dederunt.
 tunc et lingua suas accepit barbara leges, 85
 et fera diuersis exercita frugibus arua,
 et uagus in caecum penetrauit nauita pontum,
 fecit et ignotis iter in commercia terris.
 tum belli pacisque artes commenta uetustas;
 semper enim ex aliis alias proseminat usus. 90
 ne uulgata canam, linguas didicere uolucrum,
 consultare fibras et rumpere uocibus angues,
 sollicitare umbras inumque Acheronta mouere,
 in noctemque dies, in lucem uertere noctes.
 omnia conando docilis sollertia uicit. (1.66-95)

(Pois, antes deles, a vida rude e sem nenhum discernimento, voltada apenas para a aparência das coisas, carecia da razão e ficava absorta numa luz nova no céu, ora aflita por imaginá-la sumir, ora alegre por vê-la renascer; *pois nem Titã a surgir tantas vezes, pondo para fugir*⁵³ as estrelas, nem a variada e incerta duração do dia e da noite, nem as sombras dessemelhantes quando afastado ou quando mais próximo o Sol ela conseguia entender a partir das causas. A habilidade não inventara ainda as doutas artes, e a terra, devastada sob cultivadores rudes, cessava de produzir; nesse tempo, o ouro se escondia nas montanhas desertas; o mar, não tirado de seu repouso, furtava à vista novos mundos; e não ousavam os homens confiar suas vidas ao pélagos ou seus votos aos ventos; cada um julgava saber o bastante. Mas, quando o longo tempo aguçou o entendimento dos mortais, e o labor deu engenho aos que estavam na miséria, quando a fortuna de cada um, pressionando-o, ordenou-lhe que guardasse a si próprio, então os espíritos dos homens rivalizaram, seduzidos por variadas preocupações, e tudo aquilo que a experiência descobriu, sempre alerta em suas tentativas, eles deram contentes como invento para o bem comum. Então sua língua bárbara recebeu também suas próprias leis; com grãos diversos as terras incultas foram trabalhadas; no mar desconhecido penetrou o nauta errante e abriu o caminho para o co-

⁵³ O trecho em itálico é tradução para a forma com que Goold suplementa a lacuna após o verso 1.69, entre chaves (< >) no original (cf. Goold. 1998: 3).

mércio em terras ignotas. Então os antigos inventaram as artes da guerra e da paz, pois sempre de uma arte a experiência cria outra. Não vou cantar o que já todos sabem: o homem aprendeu a linguagem das aves, aprendeu a examinar as entranhas, a romper serpentes com palavras de encantamento, a atrair as almas dos mortos e mover as águas do Aqueronte em suas profundezas, aprendeu a transformar em noite os dias e em luz as noites. Com suas tentativas e sempre disposta a aprender, a habilidade a tudo venceu.)

Assim, de uma vida de ignorância (cf. Man. 1.66-72), de nulidade técnica e nenhuma ousadia (cf. 1.74-8), e de estagnação do conhecimento (1.78), o homem passou, com o “longo tempo” (cf. 1.79: *longa dies*), à racionalização de sua própria linguagem (cf. 1.85), à diversificação do plantio (cf. 1.86), à habilidade da navegação (cf. 1.87), que lhe possibilitou o comércio em terras estrangeiras (cf. 1.88), às artes da guerra e da paz (cf. 1.89), à haruspicação e às diversas artes de magia (cf. 1.91-4). Mas a passagem de um estágio a outro se deveu à conjunção de três fatores (cf. 1.79-84): o “longo tempo” — e não mais “Júpiter”, como em Vergílio (cf. Verg. 1.123: *curis acuens mortalia corda* [sc. *Iuppiter*]) —, que “aguçou o entendimento dos mortais” (cf. Man. 1.79: *longa dies acuit mortalia corda*), o *labor*, que lhes deu “engenho” (cf. 1.80), e a instabilidade da fortuna, que a cada um levou a cuidar do que era seu (cf. 1.80-1). Ao fim desse primeiro movimento de progresso (cf. *infra*), a “vitória” é da *sollertia* (cf. 1.95: *omnia [...] sollertia uicit*), da “habilidade”, que, se pode ser entendida já como exercício da racionalidade humana, está voltada, de modo geral, para a consecução do desenvolvimento *material* da civilização. Ora, o passo que o poeta descreve a seguir é dado já pela própria *ratio*, cujo movimento “em direção ao céu” (cf. 1.97) é guiado pelo interesse no progresso *intelectual* do homem:

Nec prius imposuit rebus finemque modumque
 quam caelum ascendit ratio cepitque profundam
 naturam rerum causis uiditque quod usquam est.
 nubila cur tanto quaterentur pulsa fragore,
 hiberna aestiua nix grandine mollior esset, 100
 arderent terrae solidusque tremesceret orbis;
 cur imbres ruerent, uentos quae causa moueret
 peruidit, soluitque animis miracula rerum
 eripuitque Ioui fulmen uiresque tonandi
 et sonitum uentis concessit, nubibus ignem. 105
 quae postquam in proprias deduxit singula causas,
 uicinam ex alto mundi cognoscere molem
 intendit totumque animo comprehendere caelum,
 attribuitque suas formas, sua nomina signis,
 quasque uices agerent certa sub sorte notauit 110
 omniaque ad numen mundi faciemque moueri,
 sideribus uario mutantibus ordine fata. (1.96-112)

(Nem impôs a razão fim e limite a sua empresa antes de elevar-se ao céu, compreender a natureza profundamente em suas causas e ver o que existe em toda a parte. Entendeu por que as nuvens se abalavam com tanto estrondo ao se tocarem; por que a neve do inverno era mais macia que o granizo do estio; por que a terra se punha em brasa e o sólido orbe começava a tremer; por que caíam as chuvas e qual o motivo que colocava os ares em movimento. Livrou também do espírito humano o prodigioso dos acontecimentos, arrebatou a Júpiter seu raio e seu poder de trovejar, e atribuiu o som aos ventos e às nuvens o relâmpago. Depois que reduziu cada uma dessas coisas a sua causa própria, intentou conhecer a elevada imensidão do firmamento e compreender com o pensamento a abóbada celeste inteira; atribuiu forma e nome a cada uma das constelações e notou quais lugares ocupavam dentro da ordem constante; e observou que tudo se movia segundo a vontade do deus e a disposição do céu, mudando as constelações o destino ao variarem sua disposição.)

A perquirição intelectual, como observei no caso dos poemas de Lucrécio e Vergílio (cf. Lucr. 1.75-7; Verg. *G.* 2.477-82; *supra*, p. 272 e 277), resulta do interesse pelo entendimento das “causas” (cf. 1.98: *causis*; 106: *causas*) dos fenômenos, entendimento que culmina, no primeiro caso, na “vitória” intelectual que livra o homem da *religio* e o “nivela ao céu” (cf. Lucr. 1.79) e, no segundo, na glória e na felicidade de deter a explicação física dos fenômenos e de não mais temer nem o destino nem a morte (cf. Verg. *G.* 2.475-89; 490-2). Em Manílio, de modo semelhante, a explicação racional dos diferentes fenômenos — da agitação das nuvens (cf. 1.99), da consistência da neve e do granizo (cf. 1.100), do calor e dos tremores de terra (cf. 1.101), das chuvas e dos ventos (cf. 1.102-3), dos raios, trovões e relâmpagos (cf. 1.103-5) — resulta na libertação do espírito (cf. 1.103) e na desconstrução das explicações miraculosas e divinas (cf. 1.103-5), verificando-se o progresso humano também nas capacidades divinatórias e mágicas que o homem acreditou alcançar (cf. 1.91-4)⁵⁴ e cujo crédito o poeta pedirá também para a astrologia (cf. 4.911-14). À razão, dirá mais adiante o poeta, “nenhuma barreira resiste, nem massas imensas ou obscuras profundezas; a ela tudo sucumbe, e por ela o próprio céu é penetrável” (cf. 1.541-3: *nulla resistunt / claustra nec immensae moles caeciue recessus; / omnia succumbunt, ipsum est penetrabile caelum*); assim, é o impulso de desbravamento da *ratio* — que Lucrécio colocara na figura do grego que fora capaz de “arrombar as portas da natureza” (cf. Lucr. 1.70-1: *effringere [...] / naturae [...] portarum claustra*) — que completará o progresso intelectual humano com o estudo do que se poderia chamar de “astronomia” (cf. Man. 1.106-10) e com o entendimento, enfim, de que o destino é determinado pelos astros (cf. 1.110-12). Já não é difícil perceber que, para o poeta das *Astronômicas*, a “vitória”, na história do progresso humano, será espe-

⁵⁴ A esse respeito, cf. Baldini Moscadi 1980.

cialmente da *ratio*.⁵⁵ Mas o relato particular dessa “vitória” é algo que o poeta reserva para outro momento.

Ora, esse momento é bem quando responde àquela segunda objeção de seu receoso discípulo, que citei mais acima (cf. 4.866-72; cf. p. 263) e para a qual me volto agora. Em resumo, lá reclama o aprendiz que “a mente de cada um resiste” (cf. 4.867: *mens sua cuique repugnat*) e que “a natureza está escondida em profundo retiro” (cf. 4.869: *conditur [...] uasto natura recessu*), não sendo possível ver o fado por método nenhum (cf. 4.872). A resposta que o mestre lhe dirige, como forma de encorajá-lo *em particular*, se constrói sobre uma argumentação que, além de defender a capacidade intelectual própria da *raça* humana, relembra e desenvolve, especialmente quanto à objeção de que a natureza “se esconde” e de que o conhecimento do fado seria impossível, a ideia da cognação entre o homem e a natureza, entre o homem e o deus, entre a *mens* humana e a *mens* racional que a tudo permeia; ora, tal cognação, no caso do vate, torna-o capaz de ouvir o “ditado” celeste (cf. 2.60-6; Cap. 1, p. 27); mas é também em virtude dela que o gênero humano — e, a partir daí, o discípulo em particular — se encontra naturalmente capacitado a “penetrar nas profundas riquezas do céu” (cf. 4.877: *penitus mundi descendere census*); é verdade que seria necessário entender tal capacidade como potência realizável somente entre aqueles que compõem a *turba minima* dos aprendizes ideais da matéria celeste (cf. 2.136-44; Cap. 1, p. 29); seja como for, é em termos que descrevem a capacidade humana em geral, como disse, que o mestre procura encorajar seu discípulo em particular. Desse modo, chamo a atenção para o modo como a condição individual do aprendiz é especialmente retomada pelo poeta (cf. 4.923: *nec contemne tuas [...] uires*, etc.) ao fim de uma longa exposição sobre as capacidades naturais do homem e em seguida a um novo (cf. 1.22-112; *supra*, p. 280) e resumido relato do progresso inte-

⁵⁵ Para um quadro comparativo das semelhanças entre os relatos feitos por Manílio e Lucrecio da história do progresso humano, bem como para a lista de algumas das expressões que Manílio lê em Lucrecio, cf. Woltjer 1881: 53-7; para o estudo, em particular, do relato de Manílio, cf. Flammini 1993, que ainda observa (186) a associação do *tópos* do μακαρισμός, o lugar-comum da felicidade e bem-aventurança, com a conquista da ciência astrológica; quanto a sua associação, por outro lado, com a *prática* da investigação *astronômica*, lembro um pequeno poema da *Anthologia* atribuído a ninguém menos que Ptolomeu:

Οἶδ', ὅτι θνατὸς ἐγὼ καὶ ἐφάμερος· ἀλλ' ὅταν ἄστρον
μαστεύω πυκινὰς ἀμφιδρόμους ἔλικας,
οὐκέτ' ἐπιψαύω γαίης ποσίν, ἀλλὰ παρ' αὐτῶ
Ζανὶ θεοτρεφῆος πίμπλαμαι ἀμβροσίης. ([Ptol.] *AP*. 9.577)

(Sei que eu sou mortal e efêmero, mas quando dos astros inquiri os frequentes cursos em toda a volta, não mais toco a terra com os pés, mas ao lado do próprio Zeus me sacio da ambrosia que alimenta os deuses.)

Sobre a bem-aventurança do sábio como tópica da poesia latina, cf. Curley 1987: 347.

lectual da humanidade (cf. 4.901-10); assim, depois de lhe descrever como o homem é capaz de alcançar com os “olhos da mente” os lugares que o criaram (cf. 4.873-82), depois de argumentar sobre a natureza celeste e divina do homem, sobre a cognição entre a mente divina que governa o mundo e a mente humana que governa o corpo (cf. 4.883-97), depois de relatar como o homem, diferentemente dos animais (cf. 497-900), progrediu por sua capacidade intelectual até o entendimento mais profundo dos céus (cf. 901-10), depois de observar que o próprio deus se oferece ao conhecimento dos mortais, e o próprio céu é que lhes chama a atenção (cf. 4.915-22), o mestre então se volta para o discípulo e, como que diante do temor que este exprimira no começo (cf. 4.868: *spem [...] timor tollit*), assegura-lhe que “a razão a tudo vence” (cf. 4.932: *ratio omnia uincit*):

Quid iuuat in semet sua per conuicia ferri et fraudare bonis, quae nec deus inuidet ipse, quosque dedit natura oculos deponere mentis?	875
perspicimus caelum, cur non et munera caeli? <mens humana potest propria discedere sede> inque ipsos penitus mundi descendere census seminibusque suis tantam componere molem et partum caeli sua per nutricia ferre	880
extremumque sequi pontum terraeque subire pendentis tractus et toto uiuere in orbe. [quanta et pars superet rationem discere noctis] iam nusquam natura latet; peruidimus omnem et capto potimur mundo nostrumque parentem pars sua perspicimus genitique accedimus astris.	885
an dubium est habitare deum sub pectore nostro in caelumque redire animas caeloque uenire, utque sit ex omni constructus corpore mundus aeris atque ignis summi terraeque marisque hospitium menti totum quae infusa gubernet,	890
sic esse in nobis terrenae corpora sortis sanguineasque animas animo, qui cuncta gubernat dispensatque hominem? quid mirum, noscere mundum si possunt homines, quibus est et mundus in ipsis exemplumque dei quisque est in imagine parua?	895
an cuiquam genitos, nisi caelo, credere fas est esse homines? proiecta iacent animalia cuncta in terra uel mersa uadis, uel in aere pendent, omnibus una quies uenter<que Venusque uoluptas, mole ualens sola corpus> censumque per artus, et, quia consilium non est, et lingua remissa.	900
unus <in> inspectus rerum uiresque loquendi ingeniumque capax uariasque educitur artes hic partus, qui cuncta regit: secessit in urbes, edomuit terram ad fruges, animalia cepit imposuitque uiam ponto, stetit unus in arcem	905
erectus capitis uictorque ad sidera mittit sidereos oculos propiusque aspectat Olympum	

inquiriturque Iouem; nec sola fronte deorum
 contentus manet, et caelum scrutatur in aluo
 cognatumque sequens corpus se quaerit in astris. 910
 huic in tanta fidem petimus, quam saepe uolucres
 accipiunt trepidaeque suo sub pectore fibrae.
 an minus est sacris rationem ducere signis
 quam pecudum mortes auiumque attendere cantus?
 atque ideo faciem caeli non inuidet orbi 915
 ipse deus uultusque suos corpusque recludit
 uoluendo semper seque ipsum inculcat et offert,
 ut bene cognosci possit doceatque uidentis,
 qualis eat, cogatque suas attendere leges.
 ipse uocat nostros animos ad sidera mundus 920
 nec patitur, quia non condit, sua iura latere.
 quis putet esse nefas nosci, quod cernere fas est?
 nec contemne tuas quasi paruo in corpore⁵⁶ uires:
 quod ualet, immensum est. sic auri pondera parui
 exsuperant pretio numerosos aeris acruos; 925
 sic adamas, punctum lapidis, pretiosior auro est;
 paruula sic totum peruisit pupula caelum,
 quoque uident oculi minimum est, cum maxima cernant;
 sic animi sedes tenui sub corde locata
 per totum angusto regnat de limite corpus. 930
 materiae ne quaere modum, sed perspice uires,
 quas ratio, non pondus, habet: ratio omnia uincit. (4.873-932)

(De que serve colocar-se contra si próprio, reprovando-se a si mesmo, privar-se dos bens que nem o próprio deus recusa e abandonar os olhos da mente, que a natureza nos concedeu? Observamos o céu. Por que não os dons do céu também? *A mente humana é capaz de deixar sua morada própria*⁵⁷ e de penetrar nas profundas riquezas do céu, de construir a grande massa do universo a partir de seus elementos, de levar o filho do céu pelos lugares que lhe deram origem, de ir à busca da extremidade do mar, de descer pelo traçado inclinado da terra, e de assim habitar o orbe inteiro.⁵⁸ A natureza já não se esconde em parte alguma; nós a conhecemos inteiramente, somos os senhores do céu, que conquistamos, observamos nosso criador como parte que somos dele e, filhos dos astros, deles nos aproximamos. Acaso é duvidoso que sob nosso coração habita um deus e que ao céu retornam nossas almas e que do céu elas vêm? E é duvidoso que — assim como o mundo, composto de toda matéria, de ar, do fogo das alturas, de terra e de mar, é para a mente uma morada, mente que, esparzida pela morada toda, governa-a — é duvidoso, enfim, que do mesmo modo haja, em nosso caso, corpos de natureza terrena e um sopro vital baseado no sangue, e que nosso corpo seja morada para nosso espírito, que a tudo governa, comandando o homem? Que há de admirar se os homens podem conhecer o céu, se neles próprios está o céu, e cada um é uma pequena cópia da imagem do deus? Acaso é possível acreditar que os homens nasceram de algo que não o céu? Os animais todos jazem prostrados na terra, ou submersos nas águas, ou suspensos no ar: para todos, igualmente, há repouso, ventre *e coito, seu prazer, um corpo cuja força reside tão-só em seu tamanho*⁵⁹ e cuja riqueza está nos membros, e,

⁵⁶ Adoto a lição *corpore*, consenso entre os códices, como faz Flores (2001 *ad loc.*), diferentemente de Goold (1998 *ad loc.*), que acata a sugestão *pectore* de Housman (1920 *ad loc.*).

⁵⁷ Rossberg (1892: 77) postula uma lacuna antes de 4.877, suprida por Goold com o verso que propõe entre chaves (< >) no original e que pus em itálico na tradução (cf. Goold 1998: 110).

⁵⁸ Aqui entra um verso eliminado por Bentley (1740) e Goold (1998), mas conservado por Housman (1920) e Flores (2001): cf. 4.882: *quanta et pars superet rationem discere noctis*, “e de aprender o cálculo de quanto de noite ainda resta”.

⁵⁹ Housman (1920: 122) postula uma lacuna de dois hemistíquios depois de *uenter* em 4.899, que ele mesmo supre com o que propõe entre chaves (< >) no original (cf. Goold 1998: 111) e que pus em itálico na tradução.

como não têm a capacidade de deliberar, para eles também a fala é negada. Prole que rege todas as coisas, o homem é o único dotado da capacidade de examinar a matéria, do poder da fala e do entendimento, e é ainda instruído em diversas habilidades: refugiou-se nas cidades, domou a terra para que ela lhe desse frutos, domesticou animais e abriu passagem no mar; firme e de cabeça erguida no alto de sua fortaleza, dirige para as estrelas, como um vencedor, seus olhos sidéreos, observa mais de perto o Olimpo e interroga Júpiter; não contente só com o aspecto exterior dos deuses [sc. dos astros], também perscruta o céu em seu âmago e, tomando em consideração um corpo que é da mesma espécie que o seu, procura a si mesmo nos astros. Para o céu pedimos crédito no mesmo grau em que o recebem, amiúde, as aves e as entranhas que palpitam sob o peito. Pois tem menor valor obter dos sagrados signos a razão do que atentar em animais mortos e em cantos de aves? Por isso, o próprio deus não recusa à terra a vista do céu, e lhe descobre seu rosto e seu corpo, girando sempre, e se oferece e força, mesmo, que o vejam, a fim de que possa ser bem conhecido e ensine àqueles que o veem qual é sua natureza, e os obrigue a dar atenção a suas leis. O céu mesmo chama nossas atenções para as estrelas e, como ele não oculta os poderes que tem, não admite que estes passem despercebidos. Quem julgaria ser um crime conhecer aquilo que é permitido conhecer? Não desprezes tuas forças como se encerradas em pequeno corpo: o que há de poderoso em ti não tem medida. Assim como uma pouca quantidade de ouro supera em valor numerosos montes de bronze; assim como o diamante, um nada de pedra, é mais precioso que o ouro, assim também a pupila, pequenina que seja, vê todo o céu perfeitamente, e aquilo com que os olhos exercem a visão é muito pequeno, enquanto o que observam é muito grande; do mesmo modo, a alma, cuja sede está posta dentro do diminuto coração, governa, a partir desse estreito limite, toda a extensão do corpo. Não tomes a medida da matéria; atenta, em vez disso, para as forças que não o peso, mas a razão possui: a razão a tudo vence.)

Parece-me notável que Manílio se valha novamente da fórmula com que alude a Vergílio — cf. Man. 1.95: *omnia (...) sollertia uicit*; 4.932: *ratio omnia uincit*; Verg. *Ecl.* 10.69: *omnia uincit Amor*; *G.* 1.145: *labor omnia uicit* — bem no contexto em que conclui sua resposta a uma objeção do discípulo. Penso que, se a substituição de um sujeito por outro, no interior da fórmula, tem como que o poder, no caso de Vergílio, de distinguir um *opus* em relação a outro do mesmo poeta, a escolha da *ratio* como sujeito da expressão, no caso de Manílio, tem como resultado não só a inscrição de seu próprio *opus* no interior de uma tradição poética continuada, em latim, depois de Lucrécio, pelas *Geórgicas* de Vergílio, como também a distinção de tal *opus* no interior da mesma tradição (cf. Man. 2.1-66; cf. especialmente: 63-4: *totum [...] mundum / [...] rationis agi motu* [sc. *canam*], “[cantarei] que todo o universo [...] é guiado pelo movimento da razão”; cf. Cap. 1, p. 28, n. 24); assim, entendo que ao *labor*, que Vergílio apresenta como o “vencedor” na história do progresso técnico da humanidade (cf. Verg. *G.* 1.121-59), Manílio faz corresponder, de modo geral, além do próprio “labor” (cf. Man. 1.80: *labor ingenium miseris dedit*), a *sollertia*, a “habilidade” que “a tudo venceu” (cf. 1.66-95; *supra*, p. 281); mas é precisamente a *racionalidade* humana — já antes tão valorizada por Lucrécio (cf. Lucr. 1.62-79, 146-55; 3.1-93; 5.1194-240) e pelo próprio Vergílio (cf. Verg. *G.* 2.475-518) — que o poeta das *Astronômicas* escolhe como “herói”, por assim

dizer, de seu próprio *opus*, particularizando-a no final como o grande “vencedor”. Mas assim ele faz, como observei, bem no contexto em que busca encorajar o receoso discípulo; ora, diferentemente de Lucrécio (ou Vergílio), Manílio entende tal racionalidade como a manifestação da *ratio* divina na inteligência do homem (cf. Man. 4.883-97): se a este surpreende a possibilidade humana de conhecer o céu, deve lembrar-se, diz-lhe o mestre, de que nele próprio já está o céu (cf. 4.893-4: *quid mirum, noscere mundum / si possunt homines, quibus est et mundus in ipsis*) e não duvidar de que o deus já habita em seu coração, deus que assim “se busca a si mesmo”, permitindo ao homem o conhecimento da matéria celeste (cf. 4.886: *an dubium est habitare deum sub pectore nostro*; cf. também: 2.107-8: *quem [sc. hominem] denique in unum / descendit deus atque habitat seque ipse requirit*, “o homem, único, afinal, em que o deus desceu e habita, e a si mesmo ele próprio busca”; 115-6: *quis caelum posset nisi caeli munere nosse, / et reperire deum, nisi qui pars ipse deorum est?* “quem poderia conhecer o céu, senão que por dádiva do próprio céu, e descobrir o deus, senão aquele que, ele próprio, é parte dos deuses?”); assim, o exercício da inteligência humana não se faz *contra* uma autoridade ou disposição divina, mas *em resposta* à própria “invocação” que esta lhe faz (cf. 4.916-22; 920: *ipse uocat nostros animos ad sidera mundus*; cf. também: 1.28-33; 2.124-5), não sendo crime conhecer aquilo que é permitido conhecer (cf. 4.922; cf. também: 2.127-8). Nesses termos, a “vitória” da razão é para ser entendida em dois níveis: em primeiro lugar, ela diz respeito ao progresso intelectual de toda a civilização (cf. 4.903-10; cf. também: 2.105-27); em segundo lugar, ela diz respeito ao êxito *particular* do discípulo em sua inteligência das lições (cf. 4.923-32), êxito, por sua vez, em que se reconhece a manifestação da própria *ratio* celeste, que “se reencontra consigo mesma”, por assim dizer, *no discípulo* suficientemente empenhado. Por isso, aliás, em sua resposta à primeira queixa do aprendiz (cf. 4.387-407; *supra*, p. 262), diz-lhe o vate que “o homem deve desembolsar-se a si mesmo, *para que nele habite o deus*” (cf. 4.407: *impendendus homo est, deus esse ut possit in ipso*).

Finalmente, é também nesse último contexto, como observei antes, que o vate correlaciona esforço e recompensa, ao dizer que “o labor é proporcional ao prêmio” (cf. 4.393: *pro pretio labor est*). É novamente a Vergílio, aliás, que Manílio parece aludir, ao imaginar seu discípulo qualificando como *tenuis* o *labor* que o mestre lhe exige (cf. Man. 4.387: *tenuem [...] iubes me ferre laborem*), pois o poeta das *Geórgicas*, ao proemiar o canto em que tratará a “leve matéria” das abelhas (cf. Verg. *G.* 4.3: *leuium spectacula rerum*), adverte: *in tenui labor*, “em (sc. matéria) pequena (está) o labor” (4.6);

além disso, a resposta que o vate de Manílio dá — *pro pretio labor est* (4.393) — não fica longe do modo como Vergílio continua seu próprio verso: *at tenuis non gloria*, “mas não pequena é a glória” (4.6), pois, como explica Sérvio, “a compensação do labor é que ele dá grande glória” (cf. *In Verg. G.* 4.6.1-2: “*compensatio est laboris, quod magnam dat gloriam*”). Se é certo, então, que em algum nível o epíteto *tenuis* de Manílio recupera, pela alusão que implica, conotações poéticas mais complexas,⁶⁰ especialmente sugeridas pelo caráter de miniatura do mundo das abelhas e do *opus* que lhes canta os “magnânimos chefes”, “povos” e “combates” (cf. *Verg. G.* 4.4-5: *magnanimos [...] duces / [...] et populos et proelia*), não menos certo me parece que o mesmo epíteto possa ser lido em conformidade com o uso que dele faz o próprio poeta em mais de uma ocorrência: assim, quando principia, por exemplo, o difícil tema das dodecatemórias (cf. Cap. 2, p. 114), diz: “Observa agora uma coisa *pequena* na aparência, (mas) grande na importância” (cf. *Man.* 2.693: *Perspice nunc tenuem uisu rem, pondere magnam*), ou ainda, ao concluir sua longa resposta à segunda objeção do discípulo, como citei acima, diz que a sede da mente está localizada “sob o *diminuto* coração” (cf. 4.929: *animi sedes tenui sub corde locata*); mas é justamente quando dá voz ao discípulo nesta segunda vez que o poeta emprega de novo o mesmo epíteto, dessa vez aplicado a *ratio*, imaginando a pergunta que lhe faz aquele: “Mas de que adianta escutar com tão *fina* razão o brilhante firmamento (...)?” (cf. 4.866-7: *Sed quid tam tenui prodest ratione nitentem / scrutari mundum [...]?*); nesse caso, a qualidade “fina” ou “tênue” da razão, conforme penso, diz respeito à sutileza e minuciosidade do *trabalho* racional, como também faz pensar a primeira “manifestação” do aprendiz (cf. 4.387: *tenuem [...] iubes me ferre laborem*). Ora, é a fina minudência exigida por esse trabalho, sugere o discípulo, que lhe “mergulha a mente em densa caligem” (cf. 4.388: *in magna mergis caligine mentem*), bem quando acreditava “ver *de modo fácil* a luz” (cf. 4.389: *cernere cum facili lucem ratione uiderer*); desse modo, a *facilidade* esperada por um discípulo eventualmente menos empenhado se compararia, em certa medida, à facilidade do “módico trabalho” (cf. 2.148: *modico [...] labore*) tido pela *turba frequens* em sua fruição dos bens perecíveis (cf. 4.403: *bona [...] caduca*) da riqueza material, do prestígio e do prazer dos sentidos (cf. 2.145-8; 4.402-5), pois é justamente a esse “trabalho” que o mestre compara o labor mais difícil da *turba minima* em seu estudo da astrologia (cf. 2.148; Cap. 1, p. 29, *supra*, 238, 261, 264 e 284); ela ainda se compararia, a meu ver, àquela “facilidade” mo-

⁶⁰ A esse respeito, cf. Feraboli e Scarcia 2001: 361 (v. II).

ralmente questionável de que Hesíodo procura despersuadir o irmão, ao lhe aconselhar a preferência pela “estrada longa e íngreme” do “suor” pelo “trabalho” (cf. Hes. *Op.* 286-92; *supra*, p. 269); e se compararia, por fim, à “facilidade” que, de acordo com o mestre das *Geórgicas*, o pai dos deuses por vários meios “removeu” da vida dos mortais, levando-os a progredir justamente pela dificuldade que nela acrescentou (cf. Verg. 1.121-59; *supra*, p. 278). Assim, no estudo das leis do fado, entende o mestre das *Astronômicas*, ao discípulo não cabe esperar que seja “fácil” a “razão” (cf. 4.389: *facili [...] ratione*), mas empenhar-se, em vez disso, no “tênuê” labor do intelecto, assim como ao próprio mestre também não coube a “facilidade” de cantar outra matéria, mas a necessidade de “lutar” com aquela que lhe coube (cf. 3.26-39; Cap. 1, p. 68). Diante da dificuldade, então, que o discípulo experimenta em tão minucioso labor, o argumento com que procura o mestre encorajá-lo é ocasião para que novamente se valha daquela correlação entre o “diminuto” da causa e o “grandioso” do efeito, já poeticamente explorada noutros contextos, como argumentei acima em diferentes momentos. Dessa vez, usa o mestre de uma imagem que atenta, de um lado, para a pequenez física de certos objetos e, de outro, para a enormidade de seu valor e de seu poder (cf. 4.923-32): é o caso do ouro, que mesmo em pequena quantidade (cf. 4.924: *auri [...] parui*) já supera em valor numerosos montes de bronze (cf. 4.924-5), e do diamante, “um nada de pedra” (cf. 4.926: *punctum lapidis*), ainda mais precioso que o próprio ouro; é o caso — bastante sugestivo, obviamente, no contexto do estudo da matéria celeste — da “pequenina pupila” (cf. 4.927: *paruula [...] pupula*), que “vê perfeitamente o céu inteiro” (cf.: *totum peruisit [...] caelum*), de modo que é com algo “muito pequeno” que os olhos observam algo “muito grande” (cf. 4.928: *quo [...] uident oculi minimum est, cum maxima cernant*); do mesmo modo, é a partir do “estreito limite” (cf. 4.930: *angusto [...] de limite*) em que está situada, “sob o diminuto coração” (cf. 4.929: *tenui sub corde*), que a mente governa toda a extensão do corpo (cf. 4.930; cf. também: 883-97); por isso, enfim, não deve o discípulo desprezar as capacidades que tem, ainda que encerradas em “pequeno corpo” (cf. 4.923: *paruo in corpore*; cf. n. 56), nem deve atentar para o “tamanho” ou o “peso” da matéria, mas para as forças da “razão”, que “a tudo vence” (cf. 4.931-2). Ora, a garantia de que o homem pode “encerrar em seu estreito coração” (cf. 2.121: *angusto sub pectore claudere*) a vastidão da abóbada celeste é dada, novamente, pela cogação entre ele e a divindade que o invoca:

Quisue hanc conuexi molem sine fine patentis

signorumque choros ac mundi flammea tecta,
 aeternum et stellis aduersus sidera bellum
 [ac terras caeloque fretum subiectaque utrisque]⁶¹
 cernere et angusto sub pectore claudere posset,
 ni sanctos animis oculos natura dedisset
 cognatamque sibi mentem uertisset ad ipsam
 et tantum dictasset opus, caeloque ueniret
 quod uocat in caelum sacra ad commercia rerum? (2.117-25)

(Quem poderia compreender e encerrar em seu estreito coração a vastidão dessa abóbada que se abre sem fim, e os coros dos signos, e as brilhantes moradas do céu, e a eterna guerra dos planetas contra os signos, se às inteligências a natureza não tivesse dado olhos divinos, voltado para ela mesma uma mente cognata a ela e ditado tão grande obra, se do céu não viesse o que ao céu nos invoca em proveito de sagrado relacionamento?)

Se o “prêmio” ao “suor” e ao esforço do trabalho, no caso de Perses, é a reconquista do direito de participar na justiça de Zeus, se o exercício da racionalidade, para o estudioso da natureza das coisas, resulta em sua libertação relativamente a medos e superstições, e se a persistência do labor, para o aprendiz dos trabalhos no campo, é paga com a restituição de um estado primordial de justiça e felicidade, a recompensa pelo tênue e difícil labor da razão, *ao menos* para o poético *discipulus* das *Astronômicas*, é a compreensão, *nele e por ele mesmo*, da *ratio* celeste, que lhe permitirá no céu penetrar os arcanos do fado e assim na terra entender as permutações da fortuna.

⁶¹ Sobre o acréscimo desse verso, cf. Cap. 1, p. 27, n. 22.

Conclusão

*When I heard the learn'd astronomer,
When the proofs, the figures, were ranged in columns before me,
When I was shown the charts and diagrams, to add, divide, and measure them,
When I sitting heard the astronomer where he lectured with much applause in
the lecture-room,
How soon unaccountable I became tired and sick,
Till rising and gliding out I wander'd off by myself,
In the mystical moist night-air, and from time to time,
Look'd up in perfect silence at the stars.*

(Walt Whitman. *When I Heard the Learn'd Astronomer*)

Em mais de um sentido se poderia dizer *mimética* a poesia ἀμίμητος das *Astronômicas*. A representação “fictícia” de uma relação mestre-discípulo nos termos de uma iniciação místico-religiosa é apenas um deles. Mimese também há na reelaboração poética do discurso técnico-científico das prosaicas *artes* astrológicas, o saber estrangeiro que o vate se vê “destinado” a transmitir a seu discípulo. Num sentido mais amplo, enfim, a própria *astrologia*, já não apenas como *ars* ou τέχνη descritível e ensinável, mas como “ciência divina” (cf. Man. 1.1: *diuinas artes*), descritiva e explicadora ela mesma da “verdade” celeste e terrena, constitui-se, conforme penso, no objeto por excelência da mimese poética de Manílio.

São vários, a partir daí, os problemas associados à “ficção” das *Astronômicas*, conforme procurei argumentar. Em primeiro lugar, a natureza *poética* da *persona doctores* de Manílio — manifestada, por exemplo, na autoconsciência de sua participação numa tradição de poesia (2.1-149, 3.1-42) — se constrói em contraposição, até certo ponto, à natureza divinamente inspirada de seu vate, a quem cumpre “transmitir” o canto “que desce do céu” (1.118), cuja elocução, porém, há de ser “confeccionada” pelo poeta de acordo com os limites técnicos e éticos próprios da dificuldade e elevação da matéria celeste; ao *discipulus*, por sua vez, impende aceitar a lição assim como lhe é transmitida, isto é, sem esperar que seja “doce”, entendendo-a, em vez disso, como “verdadeira” (3.37-8). Mas o vate de Manílio é também poeta de volições humanas, que se “compraz” em “ir pelo ar” e “viver na imensidão celeste” (cf. 1.13-14); então, conduzindo assim “livremente” seu *currus* (2.139) como “vate do céu” (2.142), o *poeta* das

Astronômicas parece muitas vezes se deixar “levar”, qual o Faetonte do mito que ele mesmo resume (1.735-49), não só pela admiração dos *spetacula mundi* (1.737), nos quais acredita entrever a ordem e hierarquia do λόγος universal (1.483-531), como também pela admiração das *species mathematicae*, por assim dizer, com que a *ars* astrológica lhe parece traduzir o mesmo λόγος. Desse modo, a “ciência” da astrologia é também a matéria de *eleição do poeta*, tornando-se, por isso mesmo, objeto de uma representação igualmente seletiva e sincrética, especialmente atenta, em suma, para o que interessa antes ao ponto de vista poético que ao técnico.

Não por outra razão o poeta é muitas vezes levado a expor doutrinas cuja incompatibilidade técnica lhe escapa. É certo que muitos dos erros, confusões e imprecisões de seu ensinamento astrológico se encontrariam já nas fontes da vulgata helenística que compulsava, caracterizada, de modo geral, pela resistência à incorporação de correções técnicas então disponíveis, sobretudo depois de Hiparco (II a.C.) e, mais adiante, de Ptolomeu (II d.C.); assim, ao “transmitir” a seu discípulo a “verdade” e a “novidade” (1.4-5) dos “sagrados saberes estrangeiros” (1.6), o vate de Manílio se torna, ironicamente, transmissor de matemáticas marcadas amiúde por imprecisão e relativa obsolescência; nesse caso, como diz Escalígero, “até o ponto em que erra pelo exemplo (sc. dos antigos), tão mais justa licença merece, quanto mais grave seria sua culpa, se tão grande matemático fosse” (sc. quanto muitos querem que pareça) (cf. *Proleg.*, p 17: “et quidem quatenus exemplo peccat, tanto justiore veniam meretur, quanto gravior ejus esset culpa, si tantus esset Mathematicus [...]”). Mas não é menos certo, por outro lado, que erros existem em seu ensinamento técnico que se devem à composição do próprio poeta, mais atento para a *aparência* de precisão e eficiência das *rationes* astrológicas que está a enunciar metricamente do que para a coerência efetiva entre seus postulados. E é precisamente aí que sua própria matéria se mostra também ela “especiosa”, tanto pelo “esplendor” próprio das coisas do céu (4.440) — domínio da ordem e regularidade do κόσμος, e da simetria de muitos de seus processos —, como pelo “engano” causado por suas *rationes* quando só aparentemente precisas e eficientes.

Mas, *si inter doctos constat...* que o próprio Arato fora “homem ignorante em astrologia (sc. astronomia)” (cf. Cic. *de Orat.* 1.69.4-5: *hominem ignarum astrologiae*) e que mesmo assim compusera versos “ornadíssimos e excelentes” sobre o céu e as estrelas (1.69.4-7) — exalçando assim a obra de Eudoxo “não com conhecimento de astronomia, mas com certo talento poético” (cf. *Rep.* 1.22.11-12: *non astrologiae scientia, sed poetica quadam facultate*) —, e se igualmente consta que Nicandro de Cólofon es-

crevera “com muito brilho” (cf. *de Orat.* 1.69.9: *praeclare*) sobre a matéria do campo, embora deste muito se distanciasse (cf. 1.69.7: *ab agro remotissimum*), então não deveria fundar-se a crítica das *Astronômicas* exclusivamente na competência astrológica de seu poeta. No dizer de Aristóteles, aliás, menor é o erro do artista “se ele não sabe que a corsa não tem chifres, do que se a representou amimeticamente” (cf. *Po.* 1460b.31-2: ἔλαπτον γὰρ εἰ μὴ ἦδει ὅτι ἔλαφος θήλεια κέρατα οὐκ ἔχει ἢ εἰ ἀμιμήτως ἔγραψεν); em que pese seu entendimento particular de qual seja a natureza da “mimese”, sua abrangência (menor do que a que lhe dou aqui) e seus objetos, a distinção que faz entre a “exatidão” (1460b.14: ὀρθότης) própria da arte *poética* e a “exatidão” própria de outras artes chama a atenção para gêneros diferentes de “correção”: uma, propriamente “técnica”, que se aplica à mimese que infringe a regra particular de uma arte (cf. 1461b.23-4: ὡς παρὰ τὴν ὀρθότητα τὴν κατὰ τέχνην), “como, por exemplo, a medicina ou outra arte qualquer” (cf. 1460b.20: οἶον τὸ κατ’ ἰατρικὴν ἢ ἄλλην τέχνην), e outra, no âmbito da arte *poética*, que se aplica à representação feita “amimeticamente” (cf. 1460b.32: ἀμιμήτως), quando o artista falha por “incapacidade” (cf. 1460b.17: ἀδυναμίαν). Ora, considerando-se o sentido mais amplo em que tomo a noção de mimese, “erros” *poéticos*, no caso particular das *Astronômicas*, haveriam de ser buscados não na incoerência entre uma doutrina astrológica e outra ou na imprecisão dos resultados de um procedimento, mas nalguma inverossimilhança ou inconsistência que se notasse, por exemplo, na representação poética da relação mestre-discípulo ou na reelaboração métrica do discurso técnico das *artes* astrológicas.

Até que ponto vai a licença da poesia no tratamento da “verdade” técnica de seu objeto é matéria para longa discussão; como diz Manílio do debate sobre a origem do universo (1.145), *semper erit pugna ingeniis...* Seja como for, a insuficiência do “discurso” técnico, nas *Astronômicas*, é para ser compensada, ao menos parcialmente, pela qualidade geral de seu “discurso” poético; mas a possível insuficiência do próprio “discurso” poético só há de ser compensada, nos termos do próprio mestre, pela incerta “eficiência” de seu “discurso” ético (3.36-9), vale dizer, se seu discípulo se dispuser a abdicar, ao menos em certos casos, dos encantos próprios da poesia mais ornamentada. Já o que diz respeito à disposição pessoal do discípulo toca à questão mais complicada dos *pontos de vista*.

Nesse caso, o mesmo problema que há no âmbito da *composição* do *opus*, dividida entre as obrigações do vate e os “voos” do poeta, é como que recolocado no âmbito da *recepção* do mesmo *opus*, dividida entre o “labor racional” — resposta “ideal” do

discipulus — e a eventualidade das possíveis reações do leitor. Ora, o prêmio que o mestre promete ao esforço racional do discípulo corresponde à ordem de grandeza da experiência sublime do “vate do céu”, pois é o entendimento da razão compendiosa do fado por detrás das variações sensíveis da fortuna, é a compreensão do sentido da permanência mortal na terra, é a participação humana no divino. Evidentemente, não é o caso de esperar que o *leitor* “real” busque a mesma elevação cósmica que o vate espera para seu *discípulo*. Tampouco se deve presumir que, “instruído” pelo poeta-*doctor*, passe o leitor necessariamente a ver no céu a ordenação lógica e racional que o mestre tentou lhe “mostrar” com suas “figuras” e “contas”. O ponto de vista do leitor em relação ao céu e à matéria celeste, previamente construído por suas próprias experiências, pode muito bem decidir do “sucesso” da instrução que recebe em tal matéria.

Por outro lado, se se presume que a resposta do *leitor* “esperada” pelo *poeta* possa ser correlacionada de algum modo à qualidade da experiência particular deste último, então novamente se chega ao problema do ponto de vista, pois do poeta sabemos precisamente que lhe “agrada” (1.13: *iuuat*), com efeito, não só “conhecer os signos e os opostos movimentos dos planetas” e “ter a ciência das profundezas do céu”, como também “referir” tudo isso “em ritmo, com a modulação de Febo” (1.13-19); mas é do leitor — e sempre será — saber o quanto lhe “agrada” (ou não) a experiência do *opus* que aplica o ὄγκος da elocução poética a uma matéria técnica ou científica que normalmente poderia ver tratada em prosa.

Nesse caso, considerados os pontos em que o poeta demonstra alguma *inscitia* astrológica, caberá a cada leitor a decisão de aplicar ou não também a Manílio o juízo acima mencionado acerca dos versos de Arato.

Referências bibliográficas

1. Fontes antigas e edições:

- AGLAÍAS (IV a.C./I d.C.). *Adversus suffusiones incipientes*. U.C. Bussemaker, *Poetae bucolici et didactici*. Paris: Didot, 1862: 97-98.
- ANTIÓCO (I a.C./I d.C.). *Fragmenta* (e cod. Paris.). P. Boudreaux, *Codices Parisini* (CCAG 8.3. Brussels: Lamertin, 1912): 104-119.
- AQUILES TÁCIO (III d.C.). *Isagoga excerpta*. E. Maass, *Commentariorum in Aratum reliquiae*. Berlin: Weidmann, 1898 (reimpr. 1958): 27-75.
- ARATO (IV-III a.C.). *Phaenomena*. J. Martin, *Arati phaenomena*. Florence: La Nuova Italia Editrice, 1956: 3-154.
- ARISTÓTELES (IV a.C.). *Meteorologica*. F.H. Fobes, *Aristotelis meteorologicorum libri quattuor*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1919 (reimpr. Hildesheim: Olms, 1967): 338a20-390b22.
- . *Poetica*. R. Kassel, *Aristotelis de arte poetica liber*. Oxford: Clarendon Press, 1965 (reimpr. 1968 [da ed. corr. 1966]): 3-49 (1447a8-1462b19).
- ARQUIMEDES (III a.C.). *Dimensio circuli*. C. Mugler, *Archimède, De la sphère et du cylindre, La mesure du cercle, Sur les conoïdes et les sphéroïdes*, texte établi et traduit par Charles Mugler. Paris: Les Belles Lettres, 1970: 138-143.
- ATALO (II a.C.). *Fragmenta Aratea*. E. Maass, *Commentariorum in Aratum reliquiae*. Berlin: Weidmann, 1898 (reimpr. 1958): 3-24.
- CATALOGUS CODICUM ASTROLOGORUM GRAECORUM (CCAG), 12 vols. F. Cumont *et alii*. Bruxelles, 1898-1953.
- CERTAMEN HOMERI ET HESIODI (III a.C./II d.C.). T.W. Allen, *Homeri opera*, vol. 5. Oxford: Clarendon Press, 1912 (reimpr. 1969): 225-238.
- CÍCERO (I a.C.). *De natura deorum*. W. Ax, *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*, fasc. 45, ed. W. Ax. Stutgardiae: Teubner, 1980.
- . *De Republica*. C. F. Mueller, *M. Tulli Ciceronis Scripta Quae Manserunt Omnia*, pars 4, vol. 2, recognovit C. F. W. Mueller. Lipsiae: Teubner, 1890.

- . J. Soubiran, *Cicéron. Aratea, Fragments Poétiques*, texte établi et traduit par Jean Soubiran. 2^e tirage rev. et corr. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- CLEANTES (IV-III a.C.). *Testimonia et fragmenta*. J. von Arnim, *Stoicorum veterum fragmenta*, vol. 1. Leipzig: Teubner, 1905 (reimpr. 1968): 103-137.
- CLEOMEDES (II d.C.). *Caelestia*. R. Todd, *Cleomedis Caelestia (Μετέωρα) (Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana)*. Leipzig: Teubner, 1990): 1-84.
- DIOMEDES (IV d.C.). *Ars grammatica libri III*. H. Keil. *Grammatici Latini*, ex recensione Henrici Keilii, vol. I, *Flavii Sosipatri Charisii artis grammaticae libri V, Diomedis artis grammaticae libri III, ex Charisii arte grammatica excerpta*. Lipsiae: Teubner, 1857: 297-529.
- DIONÍSIO (?) CATÃO (? III/IV d.C) O. Arntzenius, *Dionysii Catonis disticha de moribus ad filium*, editio altera auctior et emendatior. Amstelaedami: ex officina Schouteniana, 1754.
- ERATÓSTENES (III-II a.C.). *Catasterismi*. A. Olivieri, *Pseudo-Eratosthenis catasterismi (Mythographi Graeci 3.1)*. Leipzig: Teubner, 1897): 1-52.
- EUCLIDES (III a.C.). *Phaenomena*. H. Menge, *Euclidis opera omnia*, vol. 8. Leipzig: Teubner, 1916.
- EUTÉCNIO (III/X d.C.). *Paraphrasis in Nicandri alexipharmaca*. M. Geymonat, *Eutecnii paraphrasis in Nicandri alexipharmaca*. Milan: Istituto Editoriale Cisalpino, 1976: 25-58.
- . *Paraphrasis in Nicandri theriaca*. I. Gualandri, *Eutecnii paraphrasis in Nicandri theriaca*. Milan: Istituto Editoriale Cisalpino, 1968: 21-70.
- [———] *Paraphrasis in Oppiani cynegetica*. O. Tüselmann, *Die Paraphrase des Euteknios zu Oppians Kynegetika (Abhandlungen der königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen, Philol.-hist. Kl. N.F. 4.1)*. Berlin: Weidmann, 1900): 8-43.
- [———] *Paraphrasis in Oppiani halieutica*. M. Papathomopoulos, *Ἀωνόμου παράφρασις εἰς τὰ Ὀππιανοῦ Ἀλιευτικά*. Joannina: University of Joannina Press, 1976: 1-29.
- FÍRMICO MATERNO (IV d.C.). W. Kroll e F. Skutsch, *Iulii Firmici Materni Matheseos Libri VIII*, ediderunt W. Kroll et F. Skutsch, fasc. prior libros IV priores continens, editio stereotypa editionis anni MDCCCXCVII; in operis societatem as-

- sumpto K. Ziegler, fasc. alter libros IV posteriores cum praefatione et indicibus continens, editio stereotypa editionis anni MCMXIII Stutgardiae: Teubner, 1968.
- GALENO (II d.C.). *De antidotis libri ii*. C.G. Kühn, *Claudii Galeni opera omnia*, vol. 14. Leipzig: Knobloch, 1827 (reimpr. Hildesheim: Olms, 1965): 1-209.
- GEMINO (I a.C.). G. Aujac, *Géminos. Introduction aux phénomènes*, texte établi et traduit par Germaine Aujac. 2^e tirage. Paris: Les Belles Lettres, 2002: 1-98.
- HESÍODO (VIII/VII a.C.?). *Opera et dies*. F. Solmsen, *Hesiodi opera*. Oxford: Clarendon Press, 1970: 49-85.
- . *Theogonia*. M.L. West, *Hesiod. Theogony*. Oxford: Clarendon Press, 1966: 111-149.
- HIGINO (? II d.C.). A. Le Bœuffle, *Hygin: L'Astronomie*, texte établi et traduit par A. Le Bœuffle. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- HIPARCO (II a.C.). C. Manitius, *Hipparchi in Arati et Eudoxi phaenomena commentariorum libri iii*. Leipzig: Teubner, 1894: 2-280.
- HORÁCIO (I a.C.). F. Klingner, *Q. Horati Flacci Opera*, tertium recognovit Fridericus Klingner. Lipsiae: Teubner, 1959.
- HUGO DE SÃO VÍTOR (XII d.C.). *Eruditionis didascalicae libri septem*. J.-P. Migne, *Patrologia cursus completus*, series secunda, tomus CLXXVI, *Hugonis de S. Victore opera omnia*, tomus secundus, Petit-Montrouge: J.-P. Migne, 1854: 739-838.
- JOÃO CAMATERO (XII d.C.). *De zodiaco*. E. Miller, *Poèmes astronomiques de Théodore Prodrome et de Jean Camatère (Notices et extraits des manuscrits de la Bibliothèque Nationale 23.2)*. Paris, 1872): 53-111.
- LUCRÉCIO (I a.C.). J. Martin, *T. Lucreti Cari De Rerum Natura Libri Sex*, quintum recensuit Joseph Martin. Lipsiae: Teubner, 1969.
- MACRÓBIO (IV-V d.C.). J. Willis. *Ambrosii Theodosii Macrobi opera, Commentari in Somnium Scipionis*, ed. J. Willis, accedunt quatuor Tabulae. Lipsiae: Teubner, 1970.
- MANÍLIO (I d.C.). G. P. Goold, *M. Manilii Astronomica*, edidit George P. Goold, editio correctior editionis primae (MCMLXXXV). Stutgardiae et Lipsiae: Teubner, 1998.
- MARCIANO CAPELA (V d.C.). A. Dick, *Martianus Capella*, edidit Adolfus Dick, addenda et corrigenda iterum adiecit Jean Préaux, editio stereotypa correctior altera editionis anni MCMXXV. Stutgardiae: Teubner, 1978.

- NEQUEPSO E PETOSÍRIS (*ante* II a.C.). E. Riess. 'Nechepsonis et Petosiridis fragmenta magica'. *Philologus* Suppl. 8 (1891-3): 325-94.
- OVÍDIO (I a.C. – I d.C.). E. H. Alton; D. E. W. Wormell; E. Courtney, *P. Ovidi Nasonis Fastorum Libri Sex*, recensuerunt E. H. Alton; D. E. W. Wormell; E. Courtney. Lipsiae: Teubner, 1988.
- . E. J. Kenney, *P. Ovidi Nasonis Amores, Medicamina faciei femineae, Ars amatoria, Remedia amoris*, iteratis curis ed. E. J. Kenney. Oxonii: e typographeo Clarendoniano, 1994.
- . R.J. Tarrant, *P. Ovidi Nasonis Metamorphoses*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit R. J. Tarrant. Oxonii: e typographeo Clarendoniano, 2004.
- PAULO ALEXANDRINO (IV d.C.). *Elementa apotelesmatica*. E. Boer, *Pauli Alexandrini elementa apotelesmatica*. Leipzig: Teubner, 1958: 1-100.
- PLATÃO (V-IV a.C.). *Respublica*. J. Burnet, *Platonis opera*, vol. 4. Oxford: Clarendon Press, 1902 (reimpr. 1968): St II.327a-621d.
- PLUTARCO (I-II d.C.). *Quomodo adolescens poetas audire debeat* (14d-37b). F.C. Babbitt, *Plutarch's moralia*, vol. 1. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1927 (reimpr. 1969): 74-196.
- PORFIRIÃO (II/III d.C.). A. T. Holder, *Pomponi Porfyrionis Commentum in Horatium Flaccum*. Ad Aeni Pontem: Sumptibus et typis Wagneri, 1894.
- PORFÍRIO (III d.C.). *Introductio in tetrabiblum Ptolemaei*. E. Boer e S. Weinstock, *Codices Romani* (CCAG 5.4. Brussels: Lamertin, 1940): 190-228.
- PTOLOMEU (II d.C.). *Apotelesmatica* (= *Tetrabiblos*). E. Boer e F. Boll, *Claudii Ptolemaei opera quae exstant omnia*, vol. 3.1. Leipzig: Teubner, 1940 (reimpr. 1957): 1-213.
- . *Syntaxis mathematica* (= *Almagesto*). J.L. Heiberg, *Claudii Ptolemaei opera quae exstant omnia*, vols. 1.1-1.2. Leipzig: Teubner, 1.1:1898; 1.2:1903: 1.1:3-546; 1.2:1-608.
- QUINTILIANO (I d.C.). M. Winterbottom, *M. Fabi Quintiliani Institutionis oratoriae libri duodecim*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit M. Winterbottom. Oxonii: e typographeo Clarendoniano, 1970-1991.
- RETÓRIO (VI d.C.). *Rhetorii quaestiones astrologicae ex Antiochi thesauris excerptae* (e cod. Laurent. 28.34 et variis codicibus aliis). F. Boll, *Codices Florentini* (CCAG 1. Brussels: Lamertin, 1898): 142-164.

- SÊNECA (I d.C.). L. D. Reynolds, *L. Annaei Senecae ad Lucilium Epistulae Morales*, vols. 1–2, recognovit adnotatione critica instruxit L. D. Reynolds. Oxonii: e typographeo Clarendoniano, 1965.
- SÉRVIO (IV d.C.). G. Thilo e H. Hagen, *In Vergilii Georgicon Libros (Servii Grammatici qui feruntur in Vergilii Bucolica et Georgica Commentarii*, vol. 3:1), recensuerunt Georgius Thilo et Hermannus Hagen. Lipsiae: Teubner, 1887.
- SEXTO EMPÍRICO (II-III d.C.). *Adversus mathematicos*. J. Mau e H. Mutschmann, *Sexti Empirici opera*, vols. 2 & 3, 2nd edn. Leipzig: Teubner, 2:1914; 3:1961: 2:3-429; 3:1-177.
- TRACTATUS COISLINIANUS (e cod. Paris. Coislin. 120) (cf. Cap. 1, n. 111). R. Janko, *Aristotle on comedy: towards a reconstruction of Poetics ii*. Berkeley: University of California Press, 1984: 22-40.
- TUCÍDIDES (V a.C.). *Historiae*. H.S. Jones e J.E. Powell, *Thucydidis historiae*, 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1:1942 (1st edn. rev.); 2:1942 (2nd edn. rev) (reimpr. 1:1970; 2:1967).
- VERGÍLIO (I a.C.). R. A. B. Mynors, *P. Vergili Maronis Opera*, recognovit brevique adnotatione critica instruxit R. A. B. Mynors. Oxonii: e typographeo Clarendoniano, 1972.
- VÉTIO VALENTE (II d.C.). G. Kroll, *Vetii Valentis Anthologiarum Libri*, primum edidit Guilelmus Kroll. Berolini: Weidmann, 1908.
- VITA ARATI (= *Vita I*) (e cod. Vat. gr. 191). J. Martin, *Scholia in Aratum vetera*. Stuttgart: Teubner, 1974: 6-10.

2. Bibliografia geral:

- Abry, J.-H. (1983). 'L'Astronomie à Rome: Les *Astronomiques* de Manilius'. *Pallas* 30: 49–61.
- . (1993). 'Manilius et Germanicus, une énigme historique et littéraire'. *Revue des études latines* 71: 179–202.
- . (1998). 'Les *Anaphorai* des signes du zodiac dans les écrits astrologiques', in G. Argoud e J.-Y. Guillaumin (eds.), *Sciences exactes et sciences appliquées à Alexandrie*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 305–24.

- . (1999¹). ‘Manilius et Julius Firmicus Maternus, deux astrologues sous l’empire’, in N. Blanc e A. Buisson (eds.), *Imago antiquitatis: Religions et iconographie du monde romain. Mélanges offerts à Robert Turcan*. Paris: De Boccard, 35–45.
- . (1999²). ‘Présence de Lucrèce: Les *Astronomiques* de Manilius’, in R. Poignault (ed.), *Présence de Lucrèce*. Tours: Centre de Recherches A. Piganiol, 111–28.
- . (2006). ‘L’*Excursus* sur les latitudes (Manilius, *Astronomiques*, 3, 301–384)’. *Pallas* 72: 149–70.
- Ahern, Jr., Charles F. (1990). ‘Ovid as *vates* in the Proem to *Ars amatoria*’. *Classical Philology* 85: 44-8.
- Arthos, John (1940). ‘Poetic Diction and Scientific Language’. *Isis* 32: 324-38.
- Aujac, Germaine (1996). ‘Sphère Celeste et Constellations chez Eudoxe, Aratos, Hipparque, Ptolémée’, in Bakhouche; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. I): 209-26.
- Bailey, D. R. Shackleton (1956). ‘Maniliana’. *Classical Quarterly* 6: 81-6.
- Bakhouche, Béatrice (1996¹). ‘La Terre, petit miroir du ciel... et vice versa ? (Macrobe, *Commentaire sur le Songe de Scipion*, II, 5-9’, in Bakhouche; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. II): 7-25.
- (1996²). *Les Textes latins d’astronomie: Un maillon dans la chaîne du savoir*. Louvain: Peeters.
- (2002). *L’Astrologie à Rome*. Louvain: Peeters.
- ; Moreau, Alain; e Turpin, Jean-Claude (eds.) (1996). *Les astres*. Tome I: *Les astres et les mythes, la description du ciel*. Tome II: *Les correspondances entre le ciel, la terre et l’homme, les “survivances” de l’astrologie antique*. Actes du Colloque International de Montpellier, 23-25 mars 1995. Montpellier: Presses de l’Imprimerie de l’Université Paul-Valéry Montpellier III.
- Baldini Moscadi, L. (1980). ‘Magia e progresso in Manilio’. *Atene e Roma* 25: 8–14.
- Baldry, H. C. (1952). ‘Who Invented the Golden Age?’. *Classical Quarterly* 2: 83-92.
- Barton, T. S. (1994). *Ancient Astrology*. London: Routledge.
- Bayet, Jean (1996). *Littérature Latine*. Paris: Armand Colin.
- Bechert, Malwin (1891). *De M. Manilio Astronomicorum poeta*. Leipzig: Druck von Alexander Edelmann.
- (1900). ‘Prolegomena in M. Manilii Astronomica’. *Classical Review* 14: 296–304.

- Belfiore, Elizabeth (1985). ““Lies unlike the Truth”: Plato on Hesiod, *Theogony* 27”. *Transactions of the American Philological Association* 115: 47-57.
- Bentley, R. (1739). *M. Manilii Astronomicon*. London: Woodfall.
- Beye, Charles Rowan (1972). ‘The Rhythm of Hesiod’s *Works and Days*’. *Harvard Studies in Classical Philology* 76: 23-43.
- Bickel, Ernst (1982). *Historia de la Literatura Romana*, trad. José M. Diaz-Regañón López. Madrid: Gredos.
- Bobzien, S. (1998). *Determinism and Freedom in Stoic Philosophy*. Oxford: Clarendon Press.
- Boer E. (1958). *Pauli Alexandrini elementa apotelesmatica*. Leipzig: Teubner.
- Boll, F. (1903). *Sphaera: Neue griechische Texte und Untersuchungen zur Geschichte der Sternbilder*. Leipzig: Teubner.
- Bottéro, Jean (1996). ‘L’Astrologie Mésopotamienne : l’Astrologie dans son plus vieil état’, in Bakhouche; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. II): 159-81.
- Bouché-Leclercq (1899). *L’Astrologie grecque*. Paris: Leroux.
- Boyancé, P. (1975). ‘L’Astrologie dans le monde romaine’. *Bulletin de la Classe des Lettres de l’Académie Royale de Belgique* 61: 266–85.
- Brachet e Moussy (eds.) 2006. *Latin et langues techniques*. Paris: Presses de l’Université de Paris-Sorbonne.
- Brind’Amour, P. (1983). ‘Manilius and the Computation of the Ascendant’. *Classical Philology* 78: 144–8.
- Brunelle, Christopher (2001). ‘Form vs. Function in Ovid’s *Remedia Amoris*’. *Classical Journal* 96: 123-40.
- Bruyn, Frans de (2004). “Reading Virgil’s *Georgics* as a Scientific Text: the Eighteenth-Century Debate between Jethro Tull and Stephen Switzer”. *English Literary History* 71: 661–89.
- Bühler, W. (1959). ‘Maniliana’. *Hermes* 87: 475–94.
- Calcante, C. M. (2002). *Miracula rerum: Strategie semiologiche del genere didascalico negli Astronomica di Manilio*. Pisa: Edizioni ETS.
- Caldini Montanari, Roberta (1993). ‘Le costellazioni in Manilio, ovvero l’imperfezione perfetta’, in Liuzzi (ed.) 1993: 55-78.
- (1996). “Étoile, constellation et corps céleste dans les mentalités grecque et romaine”, in Bakhouche; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. I): 245-62.

- (1999). ‘Relazione della prof.ssa Roberta Montanari Caldini [sic] (Università di Firenze) in occasione della presentazione dell’opera [= Liuzzi 1991-7] a Roma il 10 novembre 1998’, in Liuzzi (ed.) 1999: 73-87.
- Cavallo, G.; Fedeli, P.; Giardina, A. (2004). *Lo spazio letterario di Roma antica. Vol. I: La produzione del testo*. Roma: Salerno
- Clark, A. C. (1899). ‘The Literary Discoveries of Poggio’. *Classical Review* 13: 119–30.
- Classen, C. J. (1968). ‘Poetry and Rhetoric in Lucretius’. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 99: 77-118.
- Conte G. B. (1984). *Virgilio: i generi e i suoi confini. Modelli del senso, modelli della forma in una poesia colta e sentimentale*. Milano: Garzanti Editore.
- (1994¹). *Genres and Readers: Lucretius, Love Elegy, Pliny’s Encyclopedia*, trans. Glenn W. Most with a foreword by Charles Segal. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- (1994²). *Latin Literature. A History*, translated by Joseph B. Solodow, revised by Don Fowler & Glenn W. Most. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.
- Cramer, Adolfus (1882). *De Manilii qui dicitur elocutione*. Argentorati: apud Carolum I. Truebner.
- Creech, Thomas (1697). *The five books of M. Manilius done into English verse*. London: Jacob Tonson.
- Cumont, F. (1912). *Astrology and Religion among the Greeks and Romans*. New York: Putnam.
- Curley, Thomas F. (1987). ‘The Consolation of Philosophy as a Work of Literature’. *American Journal of Philology* 108: 343-67.
- Dalzell, A. (1996). *The Criticism of Didactic Poetry: Essays on Lucretius, Virgil, and Ovid*. Toronto: University of Toronto Press.
- Dawson, A. (1972). ‘Emendations in Manilius II Proem’. *Classical Review* 22: 159-64.
- De Lacy, P. H. (1948). ‘Lucretius and the History of Epicureanism’. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 79: 12-23.
- Domenicucci, P. (1993). ‘Il tema del catasterismo negli Astronomica di Manilio’, in Liuzzi (ed.) 1993: 211-29.
- Dorter, Kenneth (1990). ‘Conceptual Truth and Aesthetic Truth’. *Journal of Aesthetics and Art Criticism* 48: 37-51.

- Dreyer, J. L. E. (1953). *A History of Astronomy from Thales to Kepler*. 2 ed. rev. with a Foreword by W. H. Stahl. New York: Dover Publications.
- du Fay, Michel (1679). 'Epistola Serenissimo Delphino', in Valpy 1828: 1-4.
- Duckworth, George E. (1959). 'Vergil's *Georgics* and the *Laudes Galli*'. *American Journal of Philology* 80: 225-37.
- (1966). 'Studies in Latin Hexameter Poetry'. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 97: 67-113.
- Effe, B. (1977). *Dichtung und Lehre: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts*. München: Beck.
- Ellis, R. (1891). *Noctes Manilianae sive dissertationes in Astronomica Manilii*. Oxford: Clarendon Press.
- Ernout, Alfred e Meillet, Alfred (2001). *Dictionnaire étymologique de la langue latine, histoire des mots*, retraitage de la 4^e édition augmentée d'additions et de corrections par Jacques André. Paris: Klincksieck.
- Escalígero, José Justo (1579). *M. Manilii Astronomicon Libri Quinque*. Paris: Stephanus.
- (1590). *M. Manilii Astronomicon Libri Quinque, cum notis Francisci Junii*. Heidelberg: Sanctandreana.
- (1600). *M. Manilii Astronomicon*. Leiden: Raphelengius.
- (1655). *M. Manilii Astronomicon, a Iosepho Scaligero ex vetusto codice Gemblacensi infinitis mendis repurgatum. Eiusdem Iosephi Scaligeri notae, quibus auctoris prisca astrologia explicatur, castigationum caussae redduntur, portentosae transpositiones in eo auctore antiquitus commissae indicantur. Accesserunt quaedam Clarissimorum Virorum Thomae Renesi et Ismaelis Bullialdi animadversiones*. Argentorati: Bockenhoffer (ed. póst. J. H. Boeclerus).
- Fakas, Christos (2001). 'Arat und Aristoteles' Kritik am Lehrgedicht'. *Hermes* 129: 479-83.
- Feraboli, Simonetta e Scarcia, Riccardo (2001). 'Commento', in Feraboli; Flores; e Scarcia (2001): 189-367 (v. I), 241-551 (v. II).
- ; Flores, Enrico; e Scarcia, Riccardo (2001). *Manilio, il poema degli astri (Astronomica)*. 2 vols. (s.l.): Mondadori.
- Flammini, Giuseppe (1993). 'Manilio e la "sollertia" nella storia delle acquisizioni tecnico-scientifiche: Astron. 1, Praef. 66-95', in Liuzzi (ed.) 1993: 185-94.
- Flores, Enrico (1980). *Le scoperte di Poggio e il testo di Lucrezio*. Naples: Liguori.

- (1993). ‘Aspetti della tradizione manoscritta e della ricostruzione testuale in Manilio’, in Liuzzi (ed.) 1993: 9-19.
- (2001). ‘Testo critico’, in Feraboli; Flores; e Scarcia (2001): 8-186 (v. I), 8-238 (v. II).
- Fontanella, F. (1991). ‘A proposito di Manilio e Firmico’. *Prometheus* 17: 75–92.
- Fowler, Don (2000). ‘The Didactic Plot’, in Depew, Mary e Obbink, Dirk (eds.) (2000). *Matrices of Genre. Authors, Canons, and Society*. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 205-19.
- Fränkel, Hermann (1975). *Early Greek Poetry and Philosophy*, trans. Hadas & Willis. Oxford: Blackwell.
- Freier, Bertholdus (1880). *De M. Manilii quae feruntur Astronomicon aetate*, dissertatio inauguralis. Gottingae.
- Freyburger, Gérard (1996). ‘L’harmonie des sphères calculée en stades (Pline, *N.H.*, II, 83-84, Censorinus, 13, 2-5)’, in Bakhouché; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. I): 283-92.
- Gale, Monica (2000). *Virgil on the Nature of Things. The Georgics, Lucretius and the Didactic Tradition*. New York: Cambridge University Press, 2000.
- (ed.) (2004). *Latin Epic and Didactic Poetry*. Wales: The Classical Press of Wales, 2004.
- Garrod, H. W. (1908). ‘Two Editions of Manilius’. *Classical Quarterly* 2: 123-31.
- Gentili, B.; Pasoli, E; e Simonetti, M. (1987). *Storia della Letteratura Latina*. Bari: Laterza.
- Getty, Robert J. (1948). ‘Some Astronomical Cruces in the *Georgics*’. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 79: 24-45.
- Geymonat, M. (1976). *Eutecni paraphrasis in Nicandri alexipharmaca*. Milan: Istituto Editoriale Cisalpino: 25-58.
- Gibson, Bruce (1999). ‘Ovid on Reading: Reading Ovid. Reception in Ovid *Tristia* II. *Journal of Roman Studies*. 89: 19-37.
- Goold, George P. (1977). *Manilius: Astronomica*, with an English translation by G. P. Goold. Cambridge, Mass.: Harvard University Press; London: Heinemann.
- (1998). *M. Manilii Astronomica*, editio correctior editionis primae (MCMLXXXV). Stutgardiae et Lipsiae: Teubner.
- Gourinat, Jean-Baptiste (2009). ‘Le monde’, in Id. e Barnes (eds.) (2009): 63-77.

- e Barnes, Jonathan (eds.) (2009). *Lire les stoïciens*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Grafton, A. T. (1983–93). *Joseph Scaliger: A Study in the History of Classical Scholarship*. 2 vols. Oxford: Clarendon Press.
- Green, Peter (1979). ‘Ars Gratia Cultus: Ovid as Beautician’. *American Journal of Philology* 100: 381-92.
- Griffiths, J. Gwyn (1956). ‘Archeology and Hesiod’s Five Ages’. *Journal of the History of Ideas* 17: 109-19.
- (1958). ‘Did Hesiod Invent the “Golden Age”?’ *Journal of the History of Ideas* 19: 91-3.
- Gruppe, O. (1876). “Zum sogenannten Manilius”. *Hermes* 11: 235-9.
- Gualandri, I. (1968). *Eutecni paraphrasis in Nicandri theriaca*. Milan: Istituto Editoriale Cisalpino: 21-70.
- Heath, Malcon (1985). ‘Hesiod’s Didactic Poetry’. *Classical Quarterly* 35: 245-63.
- Housman, A. E. (1903). *M. Manilii Astronomicon Liber Primus*, recensuit et enarravit A. E. Housman, accedunt emendationes librorum II III IV. Londini: Richards.
- (1908). ‘Manilius III 608-617’. *Classical Quaterly* 2: 313-5.
- (1912). *M. Manilii Astronomicon Liber Secundus*, recensuit et enarravit A. E. Housman. Londini: Richards.
- (1913). ‘Manilius, Augustus, Tiberius, Capricornus, and Libra’. *Classical Quarterly* 7, 109-14.
- (1916). *M. Manilii Astronomicon Liber Tertius*, recensuit et enarravit A. E. Housman. Londini: Richards.
- (1920). *M. Manilii Astronomicon Liber Quartus*, recensuit et enarravit A. E. Housman. Londini: Richards.
- (1930). *M. Manilii Astronomicon Liber Quintus*, recensuit et enarravit A. E. Housman. Londini: Richards.
- Hübner, Wolfgang (1983). ‘L’Astrologie dans l’antiquité’. *Pallas* 30: 1-24.
- (1984). ‘Manilius als Astrologue und Dichter’. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* 2.32.1: 126-320.
- (1996). ‘Les divinités planétaires de la *dodécatropos*’, in Bakhouché; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. I): 307-17.
- Hutchinson, G. O. (2008). *Talking Books. Readings in Hellenistic and Roman Books of Poetry*. New York: Oxford University Press.

- Ingarden, Roman (1962). 'A Marginal Commentary on Aristotle's *Poetics* — Part II'. *Journal of Aesthetics and Art Criticism* 20: 273-85.
- Innes, D. C. (1979). 'Gigantomachy and Natural Philosophy'. *Classical Quarterly* 29: 165-171.
- Jacob, Friedrich (1830). *M. Manilii Astronomicon, novam recensionem indicit Frid. Jacob. Posnaniae: Formis W. Deckeri et Societatis.*
- (1832). *De M. Manilio poeta, particula prior, quae de eius nomine, aetate, patria et ingenio agitur.* Lübeck: Schmidt.
- Janko, R. (1984). *Aristotle on Comedy: Towards a Reconstruction of Poetics II.* Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Jermyn, L. A. S. (1949). 'Virgil's Agricultural Lore'. *Greece & Rome* 18: 49-69.
- Kaibel, G. (1899). *Comicorum graecorum fragmenta, edidit Georgius Kaibel.* Vol. I fasc. prior. Berolini: Weidmann.
- Katz, Joshua T. e Volk, Katharina (2000). "'Mere Bellies'?: A New Look at *Theogony* 26-7". *Journal of Hellenic Studies* 120: 122-31.
- Keyser, Paul T. (1992) 'Propertius' Horoscope: A Suggested Birthdate'. *Classical Philology* 87: 328-34.
- Koenen, Ludwig (1994). 'Greece, the Near East, and Egypt: Cyclic Destruction in Hesiod and the Catalogue of Women'. *Transactions of the American Philological Association* 124: 1-34.
- Kraemer, Augustus (1890). *De Manilii qui fertur Astronomicis, dissertatio inauguralis.* Marburgi.
- Kroll, Guilelmus (1908). *Vettii Valentis Anthologiarum Libri, primum edidit Guilelmus Kroll.* Berolini: Weidmann.
- e Skutsch, F. (1897-1913/1968). *Iulii Firmici Materni Matheseos Libri VIII, ediderunt W. Kroll et F. Skutsch, fasc. prior libros IV priores continens, editio stereotypa editionis anni MDCCCXCVII; in operis societatem assumpto K. Ziegler, fasc. alter libros IV posteriores cum praefatione et indicibus continens, editio stereotypa editionis anni MCMXIII Stutgardiae: Teubner.*
- Kronenberg, Leah J. (2000). 'The Poet's Fiction: Virgil's Praise of the Farmer, Philosopher, and Poet at the End of *Georgics* 2'. *Harvard Studies in Classical Philology* 100: 341-60.
- Landolfi, Luciano (1993). 'Andromeda: Intreccio di modelli e punti di vista in Manilio'. *Giornale italiano di filologia* 45: 171-94.

- (1999). ‘OYPANOBATEIN: Manilio, il volo e la poesia. Alcune precisazioni’. *Prometheus* 25: 151-65 (= 2003: 11-28).
- (2003). *Integra prata: Manilio, i proemi*. Bologna: Pàtron.
- Lanson, Gustave (1887). *De Manilio poeta ejusque ingenio*. Paris: Hachette.
- Le Bœuffe, André (1977). *Les Noms latins d’astres et de constellations*. Paris: Les Belles Lettres.
- (1987). *Astronomie, astrologie: Lexique latin*. Paris: Picard.
- (1996). ‘Autour du Dragon, Astronomie et Mythologie’, in Bakhouché; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. I): 53-68.
- Lenaghan, Lydia (1967). ‘Lucretius 1.921-50’. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 98: 221-51.
- Leonard, William Ellery (1916). *T. Lucretius Carus, Of the Nature of Things*, a metrical translation by William Ellery Leonard. London, Paris & Toronto: Dent & Sons; New York: Dutton.
- Lilly, Marie Loretto (1919). *The Georgic. A contribution to the study of the Vergilian type of didactic poetry*. Baltimore: The Johns Hopkins Press.
- Liuzzi, Dora (1988). *Astronomica, Libro III*, a cura di Dora Liuzzi. Lecce: Milella.
- (1991-7). *M. Manilio: Astronomica*. 5 vols. Galatina: Congedo.
- (ed.) (1993). *Manilio fra poesia e scienza*. Atti del convegno, Lecce, 14-16 maggio 1992. Galatina: Congedo.
- (1994). ‘Rassegna di studi Maniliani (1970-1993)’. *Bolletino di Studi Latini*, Anno XXIV, fascicolo II, Luglio - Dicembre 1994: 547-83.
- (ed.) (1999). *Intorno agli “Astronomica” di Manilio*, curati da Dora Liuzzi. Galatina: Congedo.
- e Pecorella, Stefania (2002). ‘Analisi metrica e prosodica dell’esametro maniliano (M. Manilio, *Astronomica*, l.I)’. Testi e studi, Dipartimento di filologia classica e medioevale dell’Università degli Studi di Lecce, 14. Galatina: Congedo.
- Long, A. A. (1971). ‘Freedom and Determinism in the Stoic Theory of Human Action’, in Id. (ed.), *Problems in Stoicism*. London: Athlone Press, 173–99.
- (1982). ‘Astrology: Arguments pro and contra’, in J. Barnes *et al.* (eds.), *Science and Speculation: Studies in Hellenistic Theory and Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 165–92.
- Luck, George (1979). ‘*Ne lateat ratio finem quaerentibus aevi...*’. *American Journal of Philology* 100: 531.

- MacGregor, A. (2005). 'Was Manilius really a Stoic?'. *Illinois Classical Studies* 30: 41–65.
- Macksey, Richard (1975). 'Head of a Translator: A. E. Housman's Stuffed Owl'. *Modern Language Notes* 90: 925-31.
- Maranini, A. (1994). *Filologia fantastica: Manilio e i suoi Astronomica*. Bologna: Il Mulino.
- McKay, K. J. (1963). 'Ambivalent ΑΙΔΩΣ in Hesiod'. *American Journal of Philology* 84: 17-27.
- Moeller, Ioannes (1901). *Studia Maniliana*, dissertatio inauguralis. Marpurgi [sic]; Lipsiae: Teubner.
- Murgatroyd, P. (1994). 'Narrative Techniques in Manilius, *Astronomica* 5,538–618'. *Studies in Latin Literature and Roman History* 7: 416–29.
- Murley, Clyde (1947). 'Lucretius, *De Rerum Natura*, Viewed as Epic'. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 78: 336-46.
- Nelis, Damien (2004). 'From didactic to epic: *Georgics* 2.458-3.48', in Gale (ed.) (2004): 73-107.
- Nelson, Stephanie (1996). 'The Drama of Hesiod's Farm'. *Classical Philology* 91: 45-53.
- Neuburg, M. (1993). 'Hitch Your Wagon to a Star: Manilius and his Two Addressees', in Schiesaro, Mitsis e Clay (eds.), 243–82.
- Neugebauer, O. (1969). *The exact sciences in antiquity*. 2 ed. New York: Dover.
- (1975). *A History of Ancient Mathematical Astronomy*. 3 vols. New York: Springer.
- e van Hoesen, H. B. (1959). *Greek Horoscopes*. Philadelphia: American Philosophical Society.
- Novara, Antoinette (1996). 'Cicéron et le planétaire d'Archimède', in Bakhouché; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. I): 227-44.
- O'Higgins, Dolores (1988). 'Lucan as *Vates*'. *Classical Antiquity* 7: 208-26.
- Papathomopoulos, M. (1976). *Ἀωνόμου παράφρασις εἰς τὰ Ὀππιανοῦ Ἀλιευτικά*. Joannina: University of Joannina Press: 1-29.
- Parroni, P. (2004). 'Scienza e produzione letteraria', in Cavallo; Fedeli; Giardina 2004: 469-505.
- Pasco-Pranger, Molly (2000). 'Vatic Poetics and Antiquarianism in Ovid's *Fasti*'. *Classical World* 93: 275-91.

- Perutelli, Alessandro (1991), in Citroni, Mario; Fedeli, Paolo; Paduano, Guido; Id. *La poesia latina: forme, autori, problemi*. A cura di Franco Montanari. Roma: La Nuova Italia Scientifica.
- (2001). ‘Il disagio del poeta didascalico: sui proemi II e III di Manilio’. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici* 47: 67-84.
- (2004). ‘Il testo come maestro’, in Cavallo; Fedeli; Giardina 2004: 277-310.
- Pichon, René (1924). *Histoire de la Littérature Latine*. Paris: Hachette, 1924.
- Pingré, Alexandre Guy (1786). *Marci Manilii Astronomicon libri quinque*, accessere Marci Tullii Ciceronis *Arataea*, cum interpretatione gálica et notis, edente Al. G. Pingré. 2 v. Parisiis: Via et Aedibus Serpentinis.
- Plessis, Frédéric (1909). *La Poésie Latine (de Livius Andronicus A Rutilius Namatianus)*. Paris: Klincksieck.
- Pöhlmann, E. (1973). ‘Charakteristika des römischen Lehrgedichts’. *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* 1.3: 813–901.
- Possanza, Mark (1992). ‘Two Notes on Q. Cicero’s *De Duodecim Signis*’ (FPL P. 79 Morel; P. 101 Buchner)’. *Classical Philology* 87: 44-6.
- Ricouart, Louis (1883). *Les cinq livres des Astronomiques de Marcus Manilius*, traduction en vers par Louis Ricouart. Paris: Picard.
- Riess, E. (1891–3). ‘Nechepsonis et Petosiridis fragmenta magica’. *Philologus Suppl.* 8: 325-94.
- Romano, E. (1978). ‘Gli appelli al lettore negli *Astronomica* di Manilio’. *Pan* 6: 115–25.
- (1979). *Struttura degli Astronomica di Manilio*. Palermo: Accademia di Scienze, Lettere e Arti di Palermo.
- (1980). ‘Andromeda: L’epillio retorico (Manil. 5, 540–618)’. *Atti della Accademia di Scienze, Lettere e Arti di Palermo* 38.2: 213–35.
- Rösch, H. (1911). *Manilius und Lucrez*. Diss. Kiel.
- Rossberg, K. (1892). ‘Zu Manilius’. *Fleckeisen Jahrbücher* 145: 74-9.
- Rostagni, Augusto (1986). *Orazio. Arte Poetica*, introduzione e commento di Augusto Rostagni. Torino: Loescher.
- Rowe, C. J. (1983) “‘Archaic Thought’ in Hesiod”. *Journal of Hellenic Studies* 103: 124-35.
- Ryberg, Inez Scott (1958). ‘Vergil’s Golden Age’. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 89: 112-31.

- Sacchetti, Laura (1993). 'La luminosità del cielo e degli astri negli *Astronomica* di Manilio: osservazioni terminologiche e stilistiche', in Liuzzi (ed.) 1993: 95-108.
- Salemme, Carmelo (2000). *Introduzione agli Astronomica di Manilio*. 2 ed. Napoli: Loffredo.
- Sandys, John Edwin (1903/2010). *A history of classical scholarship from the sixth century B.C. to the end of the Middle Ages*. New York: Cambridge University Press.
- Scarcia, Riccardo (2001). 'Introduzione', in Feraboli; Flores; e Scarcia (2001): vii-xxxii (v. I).
- Schiesaro, A., Mitsis, P. e Clay, J. S. (eds.) (1993). *Mega nepios: Il destinatario nell'epos didascalico/The Addressee in Didactic Epic (= Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici 31)*. Pisa: Giardini.
- Schrijvers, P. H. (1983). 'Le Chant du monde: Remarques sur *Astronomica* I 1–24 de Manilius'. *Mnemosyne* 36: 143–50.
- Sedley, David (2009). 'Les dieux et les hommes', trad. Christelle Veillard, in Gourinat e Barnes (eds.) (2009): 79-97.
- Sesonske, Alexander (1956). 'Truth in Art'. *Journal of Philosophy* 53: 345-53.
- Snyder, Jane McIntosh (1973). 'The Meaning of *Musaeo Contingens Cuncta Lepore*, Lucretius 1.934'. *Classical World* 66: 330-4.
- Soubiran, J. (1979). 'L'Astronomie à Rome', in (s. ed.) *L'Astronomie dans l'antiquité classique*. Paris: Les Belles Lettres, 167–84.
- Spurr, M. S. (1986). 'Agriculture and the *Georgics*'. *Greece & Rome* 33: 164-87.
- Steele, R. B. (1932). 'The *Astronomica* of Manilius'. *American Journal of Philology* 53: 320–43.
- Thomas, Richard F. (1987). 'Prose into Poetry: Tradition and Meaning in Virgil's *Georgics*'. *Harvard Studies in Classical Philology* 91: 229-60.
- Thury, Eva M. (1987). 'Lucretius' Poem as a *Simulacrum* of the *Rerum Natura*'. *American Journal of Philology* 108: 270-94.
- Toohey, Peter (1996). *Epic Lessons: An Introduction to Ancient Didactic Poetry*. London: Routledge.
- Toulze, Françoise (1996). 'Astronomie, mythe et vérité (Vitruve, *De Architectura*, IX et Pline l'Ancien, *Naturalis Historia*, II)', in Bakhouché; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. II): 29-59.

- Tüselmann, O. (1900). *Die Paraphrase des Euteknios zu Oppians Kynegetika* [Abhandlungen der königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen, *Philol.-hist. Kl.* N.F. 4.1. Berlin: Weidmann]: 8-43.
- Vahlen, Johannes (1885). *Aristotelis de arte poetica liber, tertiis curis, recognovit et adnotatione critica auxit Johannes Vahlen*. Lipsiae: Hirzel.
- Valpy, Abraham John (1828). *M. Manilii Astronomicon*, ex editione Bentleiana cum notis et interpretatione in usum Delphini, variis lectionibus, notis variorum, recensu editionum et codicum, et indice locupletissimo accurate recensitum. 2 vol. Londini: curante et imprimente A. J. Valpy, A. M.
- van Wageningen, J. (1915). *M. Manilii Astronomica*. Lipsiae: Teubner.
- (1921). *Commentarius in M. Manilii Astronomica* (= *Verhandel. Nederl. Akad. van Wet. Afd. Letterk.* 22.4), Amsterdam: Müller.
- Viré, Ghislaine (1996). 'Quelques continuateurs du *De Astronomia* d'Hygin', in in Bakhouché; Moreau; e Turpin (eds.) 1996 (t. II): 181-94.
- Volk, Katharina (1997). 'Cum carmine crescit et annus: Ovid's *Fasti* and the Poetics of Simultaneity'. *Transactions of the American Philological Association* 127: 287-313.
- (2001). 'Pious and Impious Approaches to Cosmology in Manilius'. *Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici* 47: 85-117.
- (2002). *The Poetics of Latin Didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: Oxford University Press.
- (2003). 'Manilius' Solitary Chariot-Ride (*Astronomica* 2.138-40)'. *Classical Quarterly* 53: 628-33.
- (2009). *Manilius and his Intellectual Background*. Oxford: Oxford University Press.
- Watson, Patricia A. (2001). 'Parody and Subversion in Ovid's *Medicamina faciei femineae*'. *Mnemosyne* 54: 457-71.
- West, David (1975). 'Lucretius' Methods of Argument (3. 417-614)'. *Classical Quarterly* 25: 94-116.
- Williams, Gordon (1985). *The Nature of Roman Poetry*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- Woltjer, Janus (1881). *De Manilio poeta*. Groningae: Oppenheim.
- Xanthakis-Karamanos, G. (1981). 'Remarks on Moschion's Account of Progress'. *Classical Quarterly* 31: 410-17.